SABLE SORENSEN



A Ascensão Dos Lobos

SÉRIE OS LOBOS DA RUÍNA

paralela

SABLE SORENSEN

A ASCENSÃO DOS LOBOS

SÉRIE OS LOBOS DA RUÍNA

Tradução
CAROLINA CANDIDO

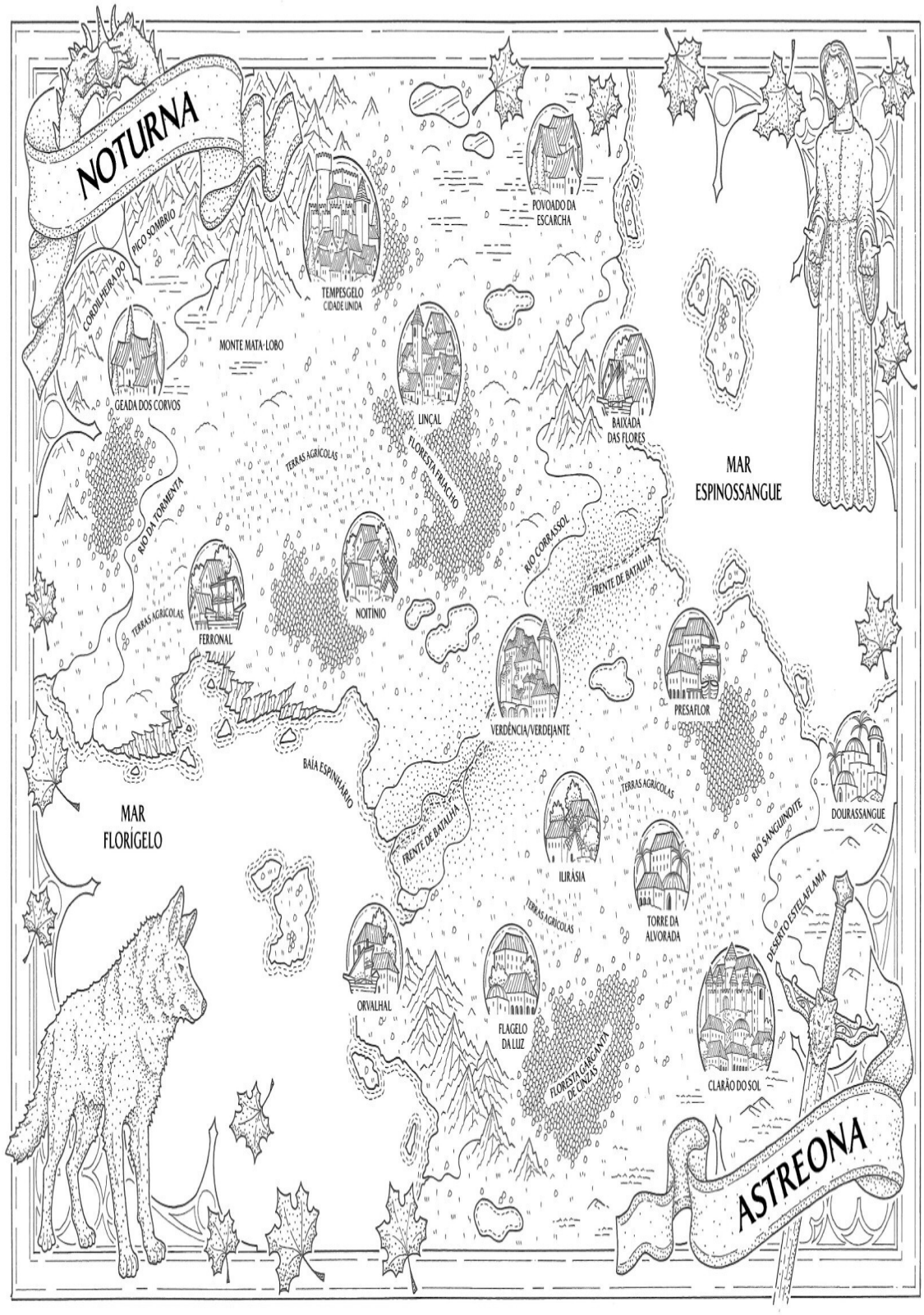
PARALELA

Para todos aqueles que transformaram a dor em poder

Sumário

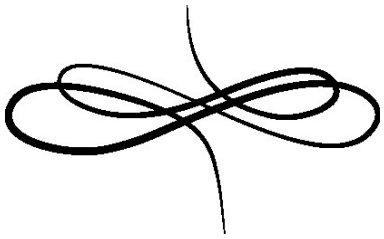
A ascensão dos lobos

Agradecimentos
Um guia para conhecer as alcateias Unidas de Noturna
Glossário
Guia de personagens
Playlist
Capítulo extra


NOTURNA
PICO SOMBRIO
CORDILHEIRADO
TEMPESGELO
CIDADE UNIDA
POVOADO DA ESCARCHA
MONTE MATA-LOBO
GEADA DOS CORVOS
LINÇAL
FLORESTA PRIACHO
BAIXADA DAS FLORES
MAR ESPINOSSANGUE
TERRAS AGRÍCOLAS
RIO DA TORMENTA
RIO CORRASSOL
FRENTE DE BATALHA
NOITINIO
FERRONAL
TERRAS AGRÍCOLAS
VERDÊNCIA/VERDEJANTE
PRESAFLOR
BAÍA ESPINHÁRIO
MAR FLORÍGELO
TERRAS AGRÍCOLAS
DOURASSANGUE
RIO SANGUINOITE
FRENTE DE BATALHA
ILIRÁSIA
TERRAS AGRÍCOLAS
TORRE DA ALVORADA
DESERTO ESTELAHLAMA
ORVALHAL
FLAGELO DA LUZ
FLORESTA GARGANTA DE CINZAS
CLARÃO DO SOL
ASTREONA

A Ascensão dos Lobos

1



Sangue goteja no meu olho direito. Uma vez. Duas. É ao mesmo tempo ofuscante e ardente.

Estremeço, soltando um gemido de dor. Arde demais.

A dor é real.

O gemido não é.

Se tem uma coisa que aprendi nos meus vinte e três anos de vida, é isto: homens ficam mais confiantes quando veem mulheres sentindo dor. Isso desperta algum tipo de instinto deles e faz com que acreditem que estão no controle, mesmo que todas as evidências gritem o contrário.

A confiança faz os homens baixarem a guarda.

E quando eles baixam a guarda, viram alvos fáceis.

Estamos em um antigo galpão de brasavinho no Distrito Sul, e o ar da noite cheira a fruta podre. Tochas queimam ao redor do ringue, iluminando nossa luta e projetando sombras que se contorcem e dançam por todo o ambiente. A plateia está em silêncio, na expectativa, mas o lugar parece cheio.

Ótimo. Plateia grande significa um prêmio maior.

Há um baque surdo, *tum*, *tum*, *tum*, conforme meu oponente se aproxima devagar, os passos pesados. É um homem grande, parrudo, com pelo menos quinze centímetros a mais do que eu, e ele sem dúvidas acredita que isso é uma vantagem. É do tipo que não entende o quanto a graça pode ser letal.

— Você vai se arrepender de ter nascido, garotinha. Vai precisar de um caixão fechado.

Pela deusa, esse cara é um porre. Mas o rugido frenético do público indica que eles estão adorando.

Mais sangue escorre no meu olho. Preciso admitir que aquele direito que ele acertou na minha testa me pegou de jeito.

Deixo a cabeça pender para o lado, fingindo fraqueza, e minha bochecha encosta no chão de terra batida do ringue. Há um lampejo de movimento na multidão maliciosa quando alguém abre caminho até a beirada do ringue.

Lee. Deve ter acabado de sair do trabalho.

Ele cruza os braços musculosos sobre o peito largo, a túnica impecável de mensageiro destoando desse lugar imundo, e ergue uma sobrancelha para mim, entretido.

Quase consigo ouvir sua voz grave falando: *Pare de brincar com ele, Meryn, e acabe logo com isso para podermos seguir com a nossa noite.*

Ele tem razão, é claro. Eu preferiria estar no colo dele agora, e não com a cara nesse buraco fedorento.

Muito bem. Hora de encerrar o espetáculo.

Meu oponente chega mais perto, e eu gemo outra vez, esperando que ele pare no ponto exato que eu quero. Ele nem sequer enxerga minha armadilha, apesar de ser tão óbvia. Apesar de eu usar esse golpe em quase todas as lutas.

Ele não *quer* ver, porque eu o deixei confiante. Certo de que seria o homem a derrubar Meryn Cooper, a infame Gata de Rua do Distrito Leste.

Idiota.

Por fim, ele para ao meu lado, pronto para se sentar sobre meu corpo, me puxar para cima, me estrangular... algo previsível assim. Outro rugido explode na multidão, a sala cheia de apostadores bêbados inquietos, todos espumando e torcendo para que ele me acerte em cheio, para que a aposta contra a mulher se pague.

Ele se inclina na minha direção, e seu hálito podre atinge meu rosto. É quando eu ajo.

Enrosco a perna na dele e cravo o calcanhar atrás de seu joelho com toda a força que consigo reunir. Depois rolo para o lado, saindo do caminho, e me levanto em um salto.

— Porra!

Ele despenca no chão com força, fazendo o ringue tremer. O ar é expelido dos pulmões num movimento audível.

O homem tenta se erguer, apoiando-se nas palmas das mãos, mas eu o impeço. Chuto seu nariz e saboreio o estalo doce do osso se partindo. Sangue vermelho-rubi escorre pelo rosto e pinga no chão. Ele cai sentado por causa do impacto.

Antes que tente reagir de novo, eu me jogo sobre ele, acertando um joelho na virilha para mantê-lo no chão. Então o imobilizo e distribuo mais golpes no rosto. Não estou tentando matá-lo — eu jogo pesado, mas nem tanto. Ainda assim, quero garantir que ele não se levante.

As cicatrizes e os calos dos nós dos dedos se rasgam, e o sangue escorre por eles. Por um momento, eu me permito saborear a adrenalina da dor e a clareza focada que ela traz.

Então pressiono o antebraço contra a traqueia do homem.

— Se renda!

Dou um tapa na cara dele por pura diversão, só pela reação dramática quando a cabeça do sujeito tomba para o lado.

— Mais alto. Com convicção. Que ouçam lá do castelo.

— *Eu me rendo!*

A multidão explode em resmungos irritados enquanto eu solto o homem e me levanto, limpando o sangue da testa. O apresentador da noite, um homem corpulento de bigode espesso, entra no ringue, ergue meu punho no ar e declara:

— Gata de Rua vence! A próxima luta começa em vinte minutos.

As moedas trocam de mãos, o prêmio indo para os poucos que

foram espertos o bastante para apostar em mim.

Sempre fico surpresa ao ver a quantidade de pessoas que apostam no outro lutador. Ainda que o histórico mostre que não deveriam fazer isso.

Uma toalha acerta meu rosto, e eu a seguro. Meu treinador e vizinho Igor me avalia. Seu rosto marrom e marcado pelo tempo está impassível. Saio pela lateral do ringue e vou até ele com a palma estendida.

— Sempre vem direto atrás da grana, hein? — resmunga Igor.

— Eu? — Pisco de forma exagerada, com a voz aguda e doce. — Uma dama refinada como eu jamais pensaria em algo tão vulgar quanto dinheiro. Só me importo com chá, vestidos e fofocas.

— Cuidado, essa ferida aí na sua testa vai começar a sangrar de novo. — Igor me entrega meus ganhos. — Mandou bem, garota. Apesar de ter demorado mais do que o necessário. Você deveria entrar para uma trupe de teatro, com esses gemidos de dor.

Dou de ombros, contando as moedas e fazendo os cálculos de cabeça. Oito pratas hoje, o suficiente para comprar os remédios da minha mãe na botica pelas próximas duas semanas.

— Você sabe que o público precisa de esperança, Igor. Todos se divertem mais se acharem que têm uma chance.

— O que for preciso para você vencer, garota. — Ele me entrega um cantil, e eu bebo a água em grandes goles. — Davey está armando uma luta que vai acontecer daqui a duas semanas na Ponte do Carvão. Lembra daquele espertalhão maldito do ano passado? Topa mais uma luta?

Estalo o pescoço e vasculho a sala lotada em busca de Lee. Mesmo com a minha altura incomum, é difícil enxergar por cima das cabeças. O lugar está apinhado.

— Claro, desde que você garanta que as apostas estarão contra mim. Os preços aumentaram na botica. Eles falaram que alguns dos ingredientes são colhidos perto da frente de batalha e estão

difíceis de conseguir. Quero o dobro na próxima vez.

A carranca permanente de Igor fica mais profunda. Ele é uma daquelas pessoas que já nasceram com ar infeliz. É assim desde que o conheci, ou seja, desde que me entendo por gente.

Provavelmente ele vai se oferecer para ajudar com o custo dos remédios da minha mãe, o que venho recusando há anos. Estamos todos passando por dificuldades.

Não vou tirar comida do prato de Igor. Vamos dar um jeito. Sempre damos.

Um braço quente envolve meus ombros, e sou tomada pelo cheiro de sabonete de pinho, um aroma familiar de limpeza que me relaxa na hora. Eu me encosto no corpo firme de Lee e ergo o olhar para seu rosto — os traços marcantes do maxilar coberto por uma leve barba, os olhos azul-marinho que sempre me hipnotizam.

Ele nunca perde uma luta minha, o que sempre me ganha. Pela primeira vez na vida, tenho alguém ao meu lado que me oferece um apoio constante e confiável.

Lee me lança um sorriso malicioso que faz minhas coxas se contraírem e ergue uma pequena bolsa tilintante.

— Bela luta, gatinha. Compre algo bonito pra sua irmã, por mim, no dia do nome dela.

Ele desliza a bolsinha para o meu bolso, e eu me estico, abraçando-o pelo pescoço e puxando o rosto dele para perto do meu, faminta por seu toque.

Antes que eu possa beijá-lo, ouço alguém pigarrear e desvio a atenção dos lábios de Lee, minha mente ainda embriagada pelo desejo.

— Vou conversar com Davey sobre a próxima luta — anuncia Igor, desconfortável. — Vou deixar vocês à vontade. Vem falar comigo antes de ir embora, Meryn.

Ele se vira e vai embora apressado, e deixo uma gargalhada escapar.

— Pobre Igor. Ficou escandalizado.

Lee sorri para mim com volúpia, as mãos apertando minha cintura com uma firmeza cheia de promessas obscuras. Ele se inclina e murmura no meu ouvido:

— Ainda bem que ele não pode ler meus pensamentos. — O calor do sussurro faz meu coração disparar. — Nunca mais conseguiria olhar na minha cara.

Eu me aproximo para finalmente beijá-lo, mas somos interrompidos mais uma vez, agora por um alvoroço. Um homem todo desgrenhado está abrindo caminho pela multidão.

Seus olhos amarelados e desfocados se cravam em mim com raiva.

— Sua vadia! — As palavras saem emboladas, e ele cambaleia. — Você armou as apostas, sua puta! Eu sei que armou!

Dou risada.

— Você beija sua mãe com essa boca suja?

Lee observa a cena com frieza, achando graça. o canto dos lábios se erguendo levemente numa expressão curiosa.

O homem puxa uma faca do bolso, a lâmina cega reluzindo na luz fraca. Sempre tem algum cara que não aguenta me ver vencendo e surta.

— Você me fez perder minhas últimas pratas! Vai pagar por isso.

Ele brande a faca na minha direção, mas já estou em movimento antes que ele tenha a chance de dar outro passo. Basta um chute preciso no pulso para que a lâmina escape dos dedos dele. Eu a agarro num piscar de olhos e pressiono a ponta logo abaixo do pomo de adão do sujeito.

— Qual era o plano? Você ia, sei lá... enfrentar a pessoa que acabou de vencer uma luta brutal, com plateia cheia, usando essa faquinha de jantar patética? Me intimidar com essa arma tão perigosa que você domina com maestria?

Aperto mais a lâmina contra a garganta dele, e uma linha fina de

sangue escorre sob o fio. O homem se encolhe. O cheiro de sua urina me atinge. Patético.

— Isso é o que você ganha por apostar contra uma mulher. Cai fora daqui. Se eu identificar a sua cara em outra das minhas lutas, finalizo o serviço.

Ele me lança um último olhar desvairado e some na multidão. Ninguém se dá ao trabalho de olhar para ele uma segunda vez. Estão ocupados demais se preparando para a próxima luta.

— Que idiota — murmura Lee.

Em seguida, toma minha mão na enorme mão dele e me puxa para o fundo do armazém, onde estão algumas mesas e cadeiras agrupadas. Nós nos sentamos, e ele rapidamente abre a mochila e tira um creme antisséptico e ataduras.

Ele puxa minha cadeira e segura meu queixo com seus dedos longos enquanto aplica o creme ardido na minha testa com batidinhas, com mais delicadeza do que qualquer outro homem que já tenha me tocado.

— Fica quieta, gatinha. — Sua voz é firme, sem abrir espaço para discussão. — Esta aqui está feia.

Esse tem sido nosso ritual pós-luta desde que ele começou a vir, um ano atrás. Eu me machuco; ele cuida de mim. Gosto de ter alguém cuidando de mim, mais do que poderia admitir.

Nós nos conhecemos no mercado do Distrito Norte. Eu tinha ido buscar Saela na escola quando um cavalo assustado escapou do comerciante. Ele correu na direção da minha irmãzinha, e eu estava longe demais para conseguir fazer qualquer coisa. Naquele momento de impotência, tive certeza de que a veria morrer diante dos meus olhos.

Então Lee entrou na frente dela e ergueu as mãos num gesto para acalmar o cavalo, que... parou. Simples assim. Ele tranquilizou o animal e salvou a vida da minha irmã.

Fui até ele para agradecer, e assim que nossos olhares se

encontraram eu soube que seria dele. É preciso um homem especial para domar uma criatura selvagem.

— Você ficou preocupado com aquilo? Com o cara que acabou de me atacar? — pergunto.

Ele está mais calado do que o normal.

O olhar de Lee encontra o meu, profundo e indecifrável.

— Eu sabia que a Gata de Rua se viraria. Mas queria que você terminasse suas lutas mais rápido. Não precisa se machucar desse jeito. Um dia, Meryn... um dia você pode acabar enfrentando alguém melhor que você. E talvez não consiga prever.

Ele passa o dedo pela minha bochecha, e eu enrosco as pernas no corpo dele, puxando-o para cada vez mais perto.

— Obrigada — murmuro contra seus lábios. — Por cuidar de mim. Por se importar quando eu me machuco.

Lee enfia a mão no meu cabelo escuro e me segura, os lábios se grudando aos meus. A outra mão envolve minhas costas, me puxando para o colo dele, e sinto seu corpo endurecendo embaixo de mim. Gemo em resposta, e ele recua, me despindo com o olhar.

— Vem pra minha casa hoje. — Uma ordem, não um pedido.

Lee tem um cantinho só dele num prédio no Distrito Norte, embora só passe parte do tempo lá. Como mensageiro do castelo, dorme nos alojamentos dos criados entre um turno e outro. Vou à casa dele sempre que posso, mas a condição da minha mãe e os cuidados com Saela fazem com que não nos vejamos tanto quanto gostaríamos.

Estou prestes a concordar quando uma voz grave me chama:

— Meryn.

Eu me viro e vejo Igor abrindo caminho pela multidão, apressado. Ele se aproxima com o rosto tenso.

— Estão dizendo por aí que mais uma criança sumiu no Leste.

Com um aperto no peito, me solto de Lee e fico de pé.

— Descrição — peço para Igor.

— Menina. Cerca de dez anos. Falaram que... que tem cabelo escuro e olhos cor de avelã.

Não.

Olho para Lee, já calculando o caminho mais rápido até minha casa.

— Vai — aconselha ele, levantando-se também. — Você tem que ir.

Faço que sim com a cabeça.

— Meryn — pondera Igor —, pode ser qualquer menina.

Mas já não estou mais ouvindo. Abro caminho pela multidão barulhenta, o coração batendo num compasso frenético. A madeira morde minhas palmas quando empurro a porta do armazém, e o ar gelado da noite me atinge como um soco. Na pressa nem peguei minhas coisas ou vesti meu casaco puído, mas sei que Igor vai buscar. Tenho certeza.

E quem precisa de casaco, afinal, quando o pânico está incendiando o próprio sangue?

As ruas do Sul, o bairro mais distante do castelo, estão tão sombrias e enevoadas como sempre. Os moradores daqui não desperdiçam suas poucas moedas para manter as tochas da rua acesas. De qualquer forma, não dá para expulsar a escuridão desse bairro; ela está entranhada nele.

O Sul é o lugar para ir quando se quer fazer algo ilegal, ilícito ou simplesmente imoral. Duas ou três tochas acesas não fariam diferença.

Faço um cálculo rápido. O caminho normal do Sul até o Leste leva pelo menos quarenta e cinco minutos seguindo pela via principal através do Distrito Central. Mas eu sou rápida, um dos benefícios das minhas pernas longas e musculosas. E sei me virar bem em bairros que gente de boa família nunca deveria conhecer.

Consigo chegar em vinte minutos, talvez quinze, se cortar caminho pelos becos.

Respiro fundo para reunir forças e corro pelos galpões decadentes. Minhas pernas me guiam pela praça suja do mercado no Sul, e eu me embrenho nas vielas dos cortiços, onde o bairro faz fronteira com os Distritos Central e Leste.

A pobreza aqui é percebida no ar. Tento respirar pela boca para evitar o odor de corpos sem banho. Embora o Sul seja o bairro mais pobre, o Leste não está em situação muito melhor. Na cidade real de Tempesgelo, nenhuma parte vive bem de fato.

Já os Unidos vivem esbanjando, se o que dizem por aí nas ruas for verdade. Tenho certeza de que eles não precisam se preocupar com filhos sendo raptados, arrancados de suas camas durante a noite.

Saela.

O pensamento me impulsiona, e eu aumento a velocidade, pulmões e pernas ardendo em sincronia. Quando me aproximo da fronteira entre Central e Leste, o castelo do rei Cyril aparece imponente, a pedra cinzenta pairando sobre a cidade, as paredes iluminadas lançando claridade nas ruas.

Eu me abaixo sob os varais de roupas e salto pelos paralelepípedos quebrados numa velocidade cada vez maior, atravessando as fronteiras do Leste até finalmente chegar à praça do nosso bairro. É mais limpa que a do Distrito Sul, de fato usada pelas pessoas daqui.

O som do choro de uma mãe corta o ar noturno. *Por favor, deusa, não.*

Uma multidão se aglomera na névoa. Abro caminho, empurrando os cidadãos reunidos até chegar ao centro.

Que não seja minha mãe, que não seja minha mãe.

A mulher no chão ergue o rosto, os olhos marejados. É a sra. Sawyer, costureira que mora a algumas ruas da nossa casa. O marido e os filhos mais velhos estão reunidos em volta da mulher.

— Leesa! — grita ela, aos prantos. — Leesa!

O aperto no meu peito afrouxa, mas não desaparece.

Leesa Sawyer é uma das melhores amigas de Saela na escola. Vive me implorando para ensiná-la a dar uns socos, mas sei que os pais conservadores dela não aprovariam. Leesa é esperta, engraçada e cheia de vida. Ou era.

Agora, Leesa é só mais um nome na lista de crianças que desapareceram.

E os Levadores nunca devolvem o que tiram.

Eu me afasto da multidão e tento acalmar a respiração, ainda ofegante da corrida. Então sigo para casa. As construções aqui são de madeira e pedra, e a nossa não é diferente, embora seja menor que as vizinhas. Meu pai sempre falava que construiria um segundo andar.

Claro que ele nunca voltou da guerra para cumprir o combinado.

Desço nossa rua escura, e os passos ecoam nas construções de pedra. Percebo que as telhas estão gastas. Mais uma tarefa para o futuro.

Está escuro dentro de casa, exceto por uma única vela acesa sobre a estrutura de madeira ao redor da lareira na sala de estar.

Minha mãe anda de um lado para o outro, os cabelos desgrenhados. Murmura para si mesma, puxando a camisola virada do avesso, cheia de buracos de traça. Quando me vê, os olhos se acendem em um reconhecimento vazio e horrível, e me pergunto qual estranha vou encontrar hoje.

Sinto o coração desabar. Ela não me reconhece quando está assim. Não reconhece ninguém, fica perdida no mundo criado pela própria mente. Às vezes é doce em sua loucura, carinhosa, afável. Outras vezes é violenta, quebra o pouco que temos e levanta a mão para nós.

Quando fica assim e eu não estou em casa, Saela sabe que precisa se trancar no quarto. Só eu tenho a chave.

— Lumina! — exclama minha mãe, a voz em agonia. Corre até

mim e agarra meu braço com força, quase machucando. — Ah, Lumina. Eles estão endiabrados hoje... os gêmeos. Estão tentando te encontrar, mas nunca me dão ouvidos, nunca, nunca, nunca...

— Fique tranquila, mãe. — Acaricio seu cabelo com gentileza, tentando acalmá-la. Lumina e os gêmeos, seja lá quem forem, são delírios recorrentes. — Venha para a cama. Eu vou mandar os gêmeos embora.

Eu a levo para o quarto e a ajudo a se deitar no colchão velho, depois pego o frasco de remédio na mesa de cabeceira. Tanto o boticário quanto o médico dizem que ele ajuda com os delírios, e às vezes ajuda mesmo, mas há dias em que nada parece trazê-la de volta. Dou para minha mãe uma colherada cheia e amarga do líquido espesso e de cheiro forte e a cubro com a coberta áspera e fina.

Ela toma a dose sem reclamar e fecha os olhos assim que a cabeça encosta no travesseiro. Sinto o estômago revirar ao observá-la. A dor de ter que dopar a própria mãe para amansá-la nunca diminui. Quando a respiração dela se estabiliza, vou ver como Saela está.

Como imaginei, minha irmã trancou a porta do nosso quarto, então pego a chave e entro.

Encontro Saela encolhida na cama pequena, dormindo profundamente, os cabelos escuros espalhados pelo travesseiro fino. Dez, quase onze... a mesma idade de Leesa Sawyer.

Dormindo, ela parece tanto com nosso pai, o pai que minha irmã nunca conheceu. O mesmo queixo obstinado, o mesmo nariz afilado. As lembranças que tenho dele ficaram nebulosas com o passar dos anos, mas Saela o mantém vivo em mim.

Eu me sento ao lado dela na cama e passo o dorso do dedo por sua bochecha macia.

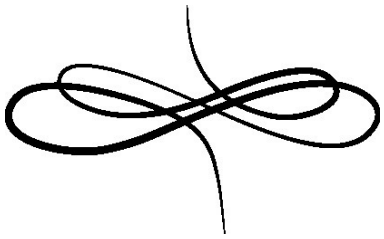
— Não vou deixar nada acontecer com você — sussurro, um instinto feroz me queimando por dentro. — Prometo.

Esse enjoo, esse medo fervendo no estômago — estou farta disso. De viver uma vida na qual tenho que aceitar que não tenho controle algum, onde nossas crianças podem desaparecer sem que ninguém tome uma atitude.

Hoje foi por pouco.

E se ninguém vai impedir isso... então eu vou.

2



— De novo — ordena Igor durante o treino da tarde seguinte, indiferente à minha respiração ofegante ou à mancha de suor na minha túnica.

Eu o encaro e resmungo. Ele ergue as sobrancelhas grisalhas com um sorriso discreto.

— De novo — repete ele. — Mas dessa vez *sem* me deixar prever seu próximo movimento... Lembre-se do que eu mostrei.

Endireito a postura e tento estabilizar a respiração. Minhas coxas estão em chamas, exaustas depois de uma manhã inteira carregando baldes enormes de água na lavanderia, o emprego que herdei da minha mãe quando ela parou de aparecer no trabalho, onze anos atrás.

Não importa meu cansaço. Todo mundo está cansado, e Igor não aceita minhas desculpas. Não aceita no ringue e muito menos aqui, no quintal dele, durante o treinamento.

Ele tem razão. Eu não posso me dar ao luxo de mostrar fraqueza.

Não se quiser continuar vencendo. E precisamos das moedas extras.

Meu pé acerta o boneco de treino com força, e Igor solta um grunhido de aprovação, o mais perto de um elogio que ele oferece nessas sessões. Repito o movimento mais duas, três vezes, só para garantir, então recuo na ponta dos pés e seco o suor do rosto com um pano.

O quintal de Igor, na lateral da casa, é uma confusão de bonecos tortos de treino, pesos mal-acabados de fortalecimento e um monte de móveis quebrados que eu sei que Prina, esposa dele, preferiria que o marido consertasse em vez de gastar mais tempo me treinando.

— Tá tudo bem, Gata de Rua? — pergunta ele, tirando o pano da minha mão. — Você parece meio desligada hoje.

Levanto a sobrancelha. Igor tem o dom irritante de sempre perceber quando tem algo errado comigo, porque, bem, ele é a figura parental mais forte que tenho no momento.

— Não consigo parar de pensar na Leesa Sawyer — respondo, sentindo ainda o rastro de fúria da noite passada me queimando por dentro, prestes a explodir.

Passei o dia todo remoendo o desaparecimento dela, cada vez mais perto de tomar uma atitude.

Igor indica o boneco com a cabeça, mandando eu continuar o treino enquanto conversamos.

— Complicada essa história da Sawyer. Família boa. Gente de bem. Ouvi dizer que os pais passaram a noite inteira procurando por ela — comenta ele enquanto desfiro uma sequência rápida de chutes e socos. — Mas nunca ouvi falar de uma criança desaparecida que foi encontrada.

— Não parece que está acontecendo com mais frequência? Os Levadores, quero dizer — solto, entre um soco e outro.

O nome soa bobo, meio infantil, inventado pelas próprias crianças que morrem de medo deles. É quase difícil levá-los a sério com esse nome, o que é parte da intenção. Se você consegue rir, não parece real, como se os Levadores não passassem de faz de conta.

Infelizmente, porém, a ameaça é bem real.

Crianças vêm sendo raptadas desde que me entendo por gente, talvez desde que a guerra começou. E a verdade é que todo mundo

sabe quem são os Levadores.

Os Sifões, nossos inimigos ancestrais e monstruosos de Astreona, o país fronteiriço ao nosso. Eles entram nos quartos, arrancam as crianças das camas e atravessam a fronteira com elas para transformá-las em bolsas de sangue. Alimentam-se delas, sugando a poderosa força vital infantil até não sobrar nada. Até suas vítimas morrerem.

Meu estômago fica embrulhado só de pensar naqueles vampiros depravados e imortais vencendo a guerra através do massacre dos nossos inocentes.

— Talvez — murmura Igor. — Sobe mais a perna no chute.

Sigo as instruções mesmo com a dor nas pernas.

— Já não basta nossos filhos, filhas e pais sendo mortos pelos Sifões na frente de batalha? Nós deveríamos estar seguros dentro de casa, não? O que o rei tem feito para mudar essa situação?

— Honestamente, acho que o rei está cagando e andando pra isso. Está focado demais na guerra que acontece a centenas de léguas daqui para prestar atenção ao que está acontecendo na cidade, bem debaixo do nariz dele.

Solto um resmungo irritado e dou um soco.

— Não é pra isso que o Conselheiro de Tempesgelo serve? Achei que o papel dele era governar a cidade para que o rei não tivesse que se preocupar com a gente.

Igor bufa.

— Não sei o que dizer pra você, garota. Toda vez que isso acontece, as famílias o procuram. O homem é um poço de promessas vazias. Nada muda.

Recupero o fôlego e encaro Igor.

— Eu não consigo aceitar isso. Vou fazer alguma coisa.

Igor não questiona essa declaração grandiosa nem diz que sou tola por acreditar que posso impedir que nossas crianças sejam levadas. Ele sabe tão bem quanto eu que em Tempesgelo você

precisa agir por conta própria se quiser que algo seja feito.

Ele vai com toda a calma até uma das mesas lotadas de tralhas e desenrola um pano. Dentro dele há uma dúzia de armas afiadas e brilhantes.

— Você parece irritada. Facas?

Deixo escapar uma risada.

— Sim e sim. Achei que nunca fosse oferecer.

Mesmo que não seja permitido usar facas no combate corpo a corpo das arenas, Igor me treina para lançá-las. Ele fala que nunca se sabe quando pode ser útil fazer uma pessoa se borrar de medo jogando uma lâmina na direção da cabeça dela.

— E o que você está pensando em fazer? — pergunta ele enquanto vou até a mesa e escolho uma faca pequena e pontiaguda.

— Você me ensinou a me defender — respondo, me virando para o alvo que ele colocou do outro lado do quintal. — Nenhum Levador teria me capturado, não sem precisar lutar, depois que você me treinou. Talvez a gente possa ensinar algumas técnicas de luta para as crianças. Eu poderia treiná-las para se protegerem.

Lanço a faca, que corta o ar e acerta a beirada do alvo. Nada bom.

Igor resmunga, se joga na cadeira velha e olha para o céu carregado de nuvens, que ameaça nevar.

— Você já tinha o espírito de combate. Não são muitas as crianças dispostas a se jogar no perigo como você fez.

— Como eu ainda faço, você quer dizer — brinco, em uma tentativa de esconder a dor causada pela lembrança.

Quando eu tinha doze anos, meu pai foi assassinado e eu fiquei sozinha com uma mãe grávida que sofria de transtornos mentais. Tudo virou de cabeça pra baixo de um dia para o outro. Saela nasceu com saúde, pequena e boazinha. E eu virei a criança responsável por outra criança.

Eu estava furiosa com o mundo, à procura de uma briga.

Costumava entrar nos becos e provocar moleques com o dobro

do meu tamanho só para ter alguém em quem bater. Só para sentir alguma coisa que não fosse o buraco sem fim dentro do peito.

Até que um dia Igor se cansou de ver a garotinha da vizinhança apanhar feito saco de pancada. Ele foi no beco, me agarrou pelo colarinho e me arrastou, esperneando, até a cozinha dele.

Então me jogou numa cadeira bamba e falou:

— Está tentando se matar, garota?

Eu não neguei, e ele deu um longo suspiro.

— Bom, se vai andar por aí agindo igual uma gata de rua, tem que aprender a lutar como uma. Vem comigo.

Igor me trouxe para este quintal e começou a me treinar naquele dia. E nunca mais parou. Ele me ajudou a lapidar minha raiva, transformá-la de selvagem para algo brutal, requintado.

Perigoso.

Quando os garotos da vizinhança começaram a me olhar com medo, Igor me ajudou a encontrar um escape mais saudável. Ainda provoco homens com o dobro do meu tamanho para lutar. A diferença é que agora sou paga para isso.

Tiro a faca do alvo e me viro pra ele.

— Você tem razão. Eu sou diferente. Mas nem todo mundo precisa ser profissional. Se essas crianças soubessem só alguns truques básicos, o suficiente pra fazer barulho, ganhar tempo, pedir ajuda...

— Não pense que vai se livrar do seu treino com isso — avisa Igor, mas eu sei que ele já comprou a ideia.

— Nunca. Eu jamais te negaria o prazer de ficar mandando em mim — provoco.

Ele joga uma faca na minha direção, e eu desvio com facilidade, rindo.

Saio da casa de Igor no fim da tarde e vou para o Distrito Central

buscar Saela na escola, cortando caminho pelas ruas lotadas. O sol baixo espreita entre as nuvens aqui e ali, os reflexos vermelhos brilhando nas janelas conforme passo pelas casas e lojas.

Saela estudava na escola de ensino fundamental do nosso bairro, mas, como sempre foi a melhor da turma, no ano passado a professora a indicou para uma escola mais avançada de ensino médio no Distrito Central.

Não é tão conveniente e custa mais dinheiro — apesar de não ser muito, hoje em dia qualquer valor pesa —, mas minha irmã vale o sacrifício. Ela não vai abandonar a escola e se matar de trabalhar só para sobreviver, como tantas outras crianças fazem.

Em um mundo cheio de becos sem saída, vou me certificar que ela tenha *opções*.

Saela é diferente de mim. Ela gosta de ler, é estudiosa. Otimista. Ingênua. Tem a língua afiada, o que, assumo, é culpa minha, mas todo o resto? Deve ter vindo do pai, porque ela nasceu assim.

Quando chego, ela está sozinha do lado de fora da escola, o cabelo escuro trançado para trás e os olhos semicerrados de irritação.

— Atrasada de novo — reclama, me olhando feio.

— Foi mal, baixinha — falo, e passo o braço pelos ombros dela. — Acho que vai ter que aceitar que sua irmã mais velha não é boa de cumprir horário. Como foi a escola hoje?

— Normal — responde ela, seca, claramente remoendo alguma coisa.

— Normal? — provoco. — Bom, se for para pagar caro por normal, a gente pode mandar você de volta para o colégio do Leste e...

— *Meryn* — resmunga ela, impaciente.

Levanto as mãos em rendição.

— Tá, desculpa! Mas, falando sério, o que aconteceu?

Saela suspira enquanto seguimos pelos paralelepípedos em

direção às ruas mais movimentadas do Mercado Central.

— A gente falou da guerra com Astreona na aula de história de hoje.

— Ah — falo. — Coisa dos Sifões?

Ela assente, a boca franzida numa linha fina. Quando era pequena, Saela teve uma fase de pesadelos horríveis com os Sifões. Mesmo sem nunca ter conhecido nosso pai, o peso da morte dele pairou sobre toda a infância dela, moldando cada parte de sua existência.

— Algumas crianças estavam comentando que os Sifões se alimentam de humanos comuns, sugam nosso sangue para sobreviver, e parecia que elas achavam isso, sei lá, legal. — O rosto dela fica vermelho de raiva. — Eu não acho legal — acrescenta, baixinho.

Aperto mais o braço em volta dela.

— Sabe, tenho certeza de que você não é a única que perdeu alguém que amava nessa guerra. Deve ter outros na sua turma que se sentiram como você.

Ela faz que sim.

— Metade da sala perdeu alguém. Mas o jeito como a professora falou... — Saela para no meio da rua e me encara, os olhos castanhos arregalados de preocupação. — A gente está perdendo?

— Eu não sei — respondo com sinceridade.

A guerra já dura quinhentos anos, mas entre os Unidos e seus lobos-gigantes, que lutam pelo nosso país, e a força dos Sifões de Astreona, é raro um dos lados conquistar mais território. E todo mundo sabe o que acontece se Astreona vencer... os Sifões vão caçar até o último humano e nos sugar até a morte.

— Mas aqui em Tempesgelo estamos muito longe da frente de batalha. Se tem um lugar seguro no reino de Noturna, é aqui.

São palavras sem valor algum. Nós duas sabemos que é mentira; uma das amigas dela foi sequestrada *ontem à noite*.

— Vem — falo, tirando o braço dos ombros dela e puxando-a para o mercado. — Sei do que você precisa para se animar.

Ainda que cada distrito tenha a própria praça com comércios variados, o Mercado Central é a maior área de compras da cidade, onde se pode encontrar de tudo, de peixeiros e padarias até lojas especializadas em perfumes. Décadas atrás havia até uma joalheria, mas isso foi antes de todo mundo ser incentivado a doar todas as economias em prol da guerra, em nome do patriotismo.

Saela e eu gostamos de admirar as vitrines a caminho de casa, é nosso ritual diário. Ficamos sonhando com os doces que compraríamos se pudéssemos.

Seguimos direto para a nossa preferida, a da Padaria Diersing. Saela suspira, encantada, e aponta para um doce lindo coberto com frutas roxas.

— Acho que eu pegaria um desses bolos de ameixa.

— Anotado — respondo, já pensando no dia do nome dela que se aproxima.

Seria uma surpresa perfeita, e eu tenho o dinheiro extra que Lee me deu depois da luta de ontem. Meu rosto esquenta só de me lembrar dele e de como nossa noite terminou cedo demais. Ainda bem que em breve ele volta do castelo e vou poder vê-lo de novo.

Antes que eu conte qual seria meu pedido da vitrine, uma agitação começa atrás de nós. Saela e eu nos viramos. Uma multidão se juntou na praça.

— O que está acontecendo? — pergunto a um homem próximo.

— Os Unidos — responde ele. — Estão passando por aqui.

O quê? Por que os Unidos viriam *aqui*?

Os Unidos são a tropa de elite do rei, soldados conectados mentalmente a lobos enormes e assustadores. Eles montam os lobos nas batalhas e, parece, até conseguem acessar a magia das feras.

Eles quase nunca são vistos no lado de Tempesgelo reservado aos

plebeus, a não ser quando estão indo ou voltando da frente de batalha. E, mesmo nesses casos, costumam passar por fora da cidade. O território deles fica do outro lado do castelo, colado às montanhas de onde os lobos-gigantes monstruosos vieram.

Saela ergue os olhos para mim, brilhando de empolgação.

— A gente pode ir lá ver?

Ela é obcecada pelos Unidos. Não posso culpá-la. Guerreiros lindos montados em feras místicas, com uma aura de magia proibida? É fascinante, se você ignorar o elitismo nojento envolvido em tudo isso.

Suspiro e seguro a mão dela. Faria qualquer coisa para fazer essa menina sorrir.

— Tá bom, mas fica do meu lado.

Puxo Saela pela multidão, abrindo caminho com o cotovelo até conseguir um lugar na frente da praça.

O burburinho cessa quando os Unidos aparecem. Eles vêm de uma viela estreita demais para os lobos enormes que eles montam, o que só faz com que os animais pareçam ainda maiores.

O povo idolatra os Unidos tanto quanto os detesta. Em teoria, qualquer um pode se tornar um Unido. Durante os Ritos de União, quando nascem filhotes suficientes de lobo para uma união em massa, todo recruta do exército de Noturna deve participar.

Entretanto, todo mundo sabe que os lobos-gigantes quase sempre escolhem filhos de famílias já Unidas. Privilégio gera privilégio, um ciclo sem fim.

Não há nada de mágico nos cavaleiros em si, mas séculos de seleção natural os fazem *parecer* diferentes do resto de nós.

Altos. Bonitos. Máquinas de combate.

Hoje estão presentes quatro Unidos vestidos em couro preto de montaria. Na frente, uma mulher de pele escura e semblante ameaçador está montada num lobo prateado, seguida por um homem pálido, o cabelo loiro quase branco, em cima de um lobo

cor de areia. Depois, uma mulher mais velha, de pele marrom-clara, num lobo cinzento.

Mas eu mal registro o quarto lobo-gigante e seu cavaleiro... Estou ocupada demais vendo o que ele arrasta atrás de si.

Ou... *quem*.

Um murmúrio percorre a multidão, e algumas pessoas recuam, horrorizadas.

É um homem do povo, de pés e mãos amarrados, sendo arrastado contra os paralelepípedos. O rosto está coberto de sangue e hematomas, mas ele não tenta lutar contra as correntes. Parece conformado. Já desistiu.

A raiva ferve no meu sangue. *Como ousam?*

Os lobos-gigantes e seus cavaleiros se aproximam do centro da praça, e eu mal consigo respirar.

Eu *conheço* o homem. É o idiota que me ameaçou na luta de ontem à noite.

Meu olhar retorna ao lobo-gigante que o arrasta. Não basta falar que é enorme — ele é facilmente mais alto que os cavalos de guerra mais imponentes usados no exército. O pelo é de um preto profundo, e nos olhos brilha um ar selvagem, faminto de sangue. Ele mostra os dentes mais afiados que adagas.

O cavaleiro é tão brutal quanto o animal. Deve ter seus vinte e poucos anos, pele marrom-clara, cabelos escuros e desgrenhados com uma mecha vermelha como sangue. Como todo Unido que já vi, é impossível negar a *beleza* dele. Olhos castanhos profundos, mandíbula marcada pela barba rala, mas...

Meu coração dispara quando noto as tatuagens que cobrem seu pescoço e suas mãos. Não são muitas as coisas que me dão medo, mas isso? *Corra*, grita uma parte animalesca de mim que clama por autopreservação. *Perigo*.

Até nós, pessoas comuns, sabemos o que essas marcas são. Tatuagens de morte.

E para alguém estar tão coberto assim por elas...

Ele com certeza já matou centenas. Talvez mais.

Monstro. Esse cara é uma máquina de matar.

Meu olhar sobe para o rosto dele, e meu estômago se revira quando vejo a atenção dele se voltar para mim. O homem Unido me encara de longe, quase me fulminando. Seus lábios se erguem num sorrisinho de desprezo. Talvez meu medo esteja estampado na cara. Desvio o olhar.

O poder emana dele em ondas. Seja lá quem for, é importante nas forças do rei. Seria impressionante alguém tão jovem chegar num patamar tão alto... se não fosse para lá de aterrorizante.

O Unido salta do lobo feroz com uma graça treinada. Para o tamanho gigantesco que tem, ele se move como água. Em dois passos rápidos já está diante do homem do povo.

Ele ergue sua vítima do chão com uma só mão, exibindo uma força desumana. Talvez esteja usando a magia do lobo.

— Este homem — anuncia o cavaleiro, a voz grave e retumbante ecoando sobre a multidão em silêncio — é um desertor da frente de batalha. O rei se ofende profundamente com quem ousa abandonar seus companheiros de armas. Você nega a acusação?

— Não — murmura o homem em resposta, os lábios rachados.

O cavaleiro continua:

— Trouxemos este homem aqui hoje para que todos os cidadãos de Tempesgelo saibam o que acontece com os covardes.

Ele ergue o homem ainda mais alto, e de repente eu sei exatamente o que vai acontecer. Não tenho nenhuma simpatia por desertores, ainda mais por esse desgraçado. Mas minha irmã não pode assistir a isso.

— Tampe os ouvidos — sussurro para Saela, e ela obedece.

Minhas mãos deslizam sobre os olhos dela, apertando seu corpo pequeno e quente contra o meu.

O cavaleiro puxa uma adaga com a mão livre e abre o homem do

umbigo ao pescoço. Estremeço quando os gritos de agonia ecoam e ricocheteiam nas construções ao redor da praça. Então, diante da multidão horrorizada, o Unido enfia a mão na barriga do desertor e arranca suas entranhas. De algum jeito, o homem ainda não está morto. Ele engasga de dor, o sangue borbulhando pela boca e escorrendo pelo queixo.

O Unido o arremessa para a frente, e o lobo o pega no ar com a mordida poderosa. A fera cospe o corpo no chão e logo o abocanha de novo, agora no pescoço, sacudindo uma, duas vezes. O homem — o cadáver — não se move mais.

O lobo se banqueteia, o focinho manchado de sangue.

Eu me obrigo a testemunhar o máximo que consigo, determinada a gravar a cena na memória, para me lembrar dela pelo resto da vida.

Para nunca esquecer como os Unidos são frios e sanguinários e como o jogo é injusto para o resto de nós.

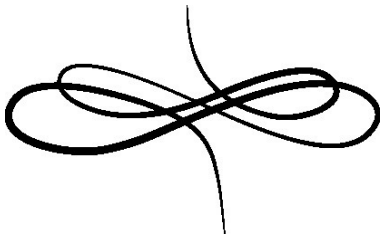
A visão revira meu estômago, e eu desvio o olhar do lobo. É então que encontro de novo os olhos brutais e insanos do Unido. Ele está me encarando, me examinando de cima a baixo. Eu me pergunto se ele sente prazer em ver as pessoas tremerem de medo e dor. Se isso é divertido para ele.

Levanto o queixo, desafiadora. *Não tenho medo de você*, seu desgraçado, falo em pensamento, mesmo com as mãos tremendo, mesmo abalada com a violência escancarada.

Não há emoção alguma em seus olhos sombrios. Nenhuma.

Os Sifões podem ser nossos inimigos, mas tenho certeza de que esse homem é a verdadeira face do mal.

3



Igor e eu conseguimos reunir uma dúzia de amigos de Saela e alguns vizinhos para treinar, o que já é um começo. Em poucos dias estabelecemos uma rotina de encontros depois da escola, assim que chego com minha irmã.

Estamos no meio de uma aula agora, e eu me encolho, com pena, ao ver um garoto alguns anos mais novo que Saela cair de cara no chão. Uma queda assim dói, mas o corpo jovem aguenta, claro. Ele se levanta num salto, como uma lebre, e sorri, ansioso para tentar de novo.

E não é só das pancadas do treino que eles estão se recuperando, não depois da noite passada.

— Qual deles? — pergunta Igor em voz baixa ao parar ao meu lado.

— Timun, aquele desengonçado ali.

Indico o garoto. Timun tem doze anos e acabou de passar por outro estirão de crescimento. Parece que nem ele sabe onde o corpo começa ou termina.

Ontem à noite um Levador tentou pegá-lo, mas Timun reagiu. Com a ajuda de uma faquinha de entalhar que guarda ao lado do colchão e alguns truques que ensinamos, conseguiu evitar a captura.

Hoje cedo a mãe dele correu até a minha casa para que ele me contasse pessoalmente. Ao ver a gratidão estampada no rosto da

sra. Sulvan, explodi de felicidade. Eu ajudei a salvar o filho dela.

— Espero que você esteja orgulhosa — murmura Igor, o que me deixa sem graça.

— Ele não conseguiu ver o rosto do desgraçado — lamento. — Estava escuro, e a cara dele estava coberta...

Igor solta um resmungo, e ficamos em silêncio, observando Timun. Ele está rolando feliz na terra com outros dois meninos, treinando fugas, como se o trauma da noite anterior já tivesse se apagado.

— Você leva jeito pra isso, garota — grunhe Igor, por fim.

Fico sem resposta, pega de surpresa pelo elogio.

— Podia até pensar em cobrar por isso, sabia? — continua Igor.

— Cobrar desses meninos? Os pais mal têm dinheiro para comprar roupas novas quando as velhas ficam pequenas.

Igor dá risada.

— Não, eu estava pensando mais no Distrito Norte, onde as pessoas ainda têm algumas moedas sobrando. — Ele faz uma pausa, pensativo. — Até nas partes mais arrumadas da cidade as coisas andam difíceis. Aposto que aqueles pais também gostariam de ver os filhos aprenderem técnicas de defesa.

Ele se afasta da cerca e se espreguiça. Consigo ouvir os estalos das costas e do pescoço.

— Enfim. Dá uma pensada. Quem sabe você até consegue sair do calor e do vapor da lavanderia.

É uma ideia. Assinto e me viro para chamar as crianças.

— Certo, muito bem, pessoal — falo, e elas se reúnem ao meu redor, as carinhas atentas me encarando de baixo. — Dá pra ver que vocês andaram praticando o que aprendemos no treino passado.

Observo as doze crianças reunidas no que a escola ousa chamar de pátio de exercícios. A maioria é magra demais, como se precisassem de mais umas refeições. Ainda assim, dá para notar

sinais do cuidado que recebem dos pais: pequenos detalhes costurados nas roupas, como o remendo em forma de coração que a pequena Sami, de seis anos, tem no joelho esquerdo da calça.

Chamo Saela para a frente do grupo e anuncio:

— Vamos mostrar um movimento novo pra vocês, para o caso de alguém tentar agarrá-los por trás.

Saela avança cheia de orgulho, os ombros erguidos. Sorrio diante da confiança dela.

— Pronta para mostrar o que treinamos? — murmuro, para que só ela ouça.

— Eu nasci pronta — debocha Saela, revirando os olhos.

— Atenção, todo mundo, olhem bem para isso — falo.

Nós duas nos afastamos um pouco do grupo, para garantir que todos tenham uma boa visão da luta. Eu me posiciono atrás dela e logo avanço com agilidade, segurando-a e enlaçando meus braços compridos em volta de seu corpo magro. Os braços dela estão bem presos contra as laterais do corpo. Ela hesita por um instante, mas logo começa a aplicar os movimentos que treinamos em casa nos últimos dias.

Ela relaxa de repente, virando um peso morto contra meu peito. Seu corpo desliza, e eu preciso ajustar o aperto para não deixá-la cair, o que dá a Saela preciosos segundos para agir.

Ela mete o salto da bota no meu pé — com mais força do que precisava para a demonstração —, e meu grito soa bem convincente.

Assim que percebe que estou distraída pela dor, ela abre os braços, afrouxando ainda mais meu aperto, e escapa por baixo, fingindo correr para longe enquanto as crianças explodem em aplausos.

— Mandou bem, Sae — elogio, me agachando para massagear os dedos do pé por cima da bota mesmo. — Mas que tal não ser tão convincente da próxima vez, hein?

Saela dá uma risadinha.

— Certo — falo. — Todo mundo percebeu como ela usou o tamanho a favor dela? — Cabeças assentem, e a maioria parece entender o princípio básico. — Às vezes, ser pequeno pode ajudar. O agressor pode achar que você é fraco, que não vai reagir. Ou você também pode fingir que é fraco.

— Que nem você faz no ringue! — grita animado um dos garotos mais velhos.

Lanço um olhar de reprovação para ele.

— Não que você saiba alguma coisa a respeito disso, né?

Mais risadinhas. Ringues de luta não são lugar para criança, mas isso não impede que alguns pais mais durões apareçam lá com os filhos pequenos — cedo demais, na minha opinião.

— Agora é a vez de vocês!

Eu os organizo em trios e tomo o cuidado de colocá-los com oponentes diferentes da última rodada. Continuamos até o sol começar a se pôr. Se eu os segurar mais, vão perder o jantar, e nenhum deles pode se dar a esse luxo.

No caminho de volta para casa, passo o braço pelos ombros de Saela. Ela tagarela sobre o dia, contando algo sobre um rato que apareceu na aula de matemática. Tenho dificuldade em prestar atenção, porque a ideia de Igor continua ecoando na minha cabeça.

Será que ele tem razão? Será que minhas habilidades de luta podem significar mais do que um hábito noturno que só me deixa cheia de hematomas e cortes? Será que podem ser minha saída deste bairro caindo aos pedaços?

Mais tarde na semana, corro para casa depois do treino e deixo tudo pronto para a visita de Lee. Ele começou a vir a cada duas semanas há alguns meses, quando a saúde da minha mãe deu uma piorada e eu já não me sentia confortável em deixar Saela sozinha

durante a noite.

Agora, nossos jantares quinzenais — com minha família presente — são um dos poucos momentos em que nos vemos fora das lutas.

Antes que eu consiga chegar em casa, avisto Lee virando a esquina na rua da nossa casa e me permito... olhar para ele por um instante.

Ele é alguns anos mais velho do que eu e mais alto, o que eu, uma mulher alta, aprecio. Tem músculos longilíneos, firmes. Hoje não está com o uniforme de mensageiro, mas com uma camisa azul debaixo do casaco que realça ainda mais o tom dos seus olhos também azuis. A tocha presa ao muro ilumina seu rosto e eu me pego, sem vergonha, admirando o recorte marcado do maxilar e das maçãs do rosto dele.

Lee percebe que estou ali o observando e dá um sorrisinho travesso, e só isso já faz meu corpo inteiro se acender. Ele é tão *bonito*.

— Trouxe aquele pão de que sua mãe gostou da última vez — comenta ele, num tom casual, e se aproxima, estendendo o pacote. Ainda está morno.

— Obrigada — respondo, tocada pelo gesto simples, mas atencioso. — Eu queria falar... sobre a minha mãe...

A consulta desta semana foi a pior até agora. Minha descrição do comportamento dela deixou o médico muito preocupado. Além disso, minha mãe estava totalmente desligada durante a consulta, divagando, sem foco. Segundo o médico, no entanto, não há nada que possa ser feito, porque o remédio já está na dosagem limite.

Ele também disse que eu precisava me preparar para um futuro em que ela seria sempre assim.

Lee me olha com paciência, esperando que eu continue.

— Ela tem andado bem mal — concluo, sem forças e sem vontade de entrar em detalhes sobre os últimos delírios dela.

— Sinto muito, Meryn. — A voz de Lee é suave. — Eu sei como dói vê-la desse jeito.

Eu o abraço, fecho os olhos e apoio a testa no ombro dele, buscando conforto no calor firme de seu corpo. Lee nunca julgou a situação da minha família, um dos motivos pelos quais o amo. Ele toca meu cabelo e afasta uma mecha, o sopro quente da respiração roçando meu pescoço.

Então mordisca minha pele de leve, e eu estremeço, me apertando contra ele, o calor se acumulando na base do meu ventre.

— Se você continuar assim, não chegamos nem até o jantar — falo, a voz rouca.

Ele suspira de forma teatral e se afasta, ajeitando meu cabelo atrás da orelha.

— Como quiser. — Ele faz um gesto em direção à porta. — Depois de você.

Quando abrimos a porta, eu fico assustada por alguns instantes, desacostumada com o que vejo: minha mãe está cozinhando. Algo que ela não faz há... nem sei mais quanto tempo.

Arqueio as sobrancelhas para Saela, que está sentada à mesa da cozinha, concentrada numa fileira de números no seu quadro de giz — preparando-se para a prova de amanhã, me lembro.

Saela sorri e dá de ombros.

— Mãe! — Eu me inclino para lhe dar um beijo no rosto, e ela retribui com um sorriso.

— Que cara de espanto é essa, querida?

— Nada... — Engulo em seco. — É que... a janta está com um cheiro ótimo, mãe.

A percepção me atinge como um soco. É tão raro vê-la lúcida que chega a ser estranho, errado. Sinto um aperto no peito e me viro para Lee, tentando me distrair.

— Me passa esse pão — falo, ríspida. — Vamos fatiar logo. Vai

combinar muito bem com...

Volto os olhos para minha mãe, perguntando em silêncio que prato ela está fazendo.

— O favorito do seu pai, aquele ensopado de peixe que ele sempre pedia — responde ela, mexendo com calma o líquido cheiroso da panela, sem notar o silêncio pesado enquanto Saela e eu saboreamos a rara menção ao nosso pai.

Lee olha de uma para a outra, depois vai até a bancada, pega uma faca e abre o saco de pão.

— Meryn, vá se sentar.

Eu desabo na cadeira ao lado de Saela, os pés latejando. Mal descansei o dia inteiro. Fecho os olhos e me deixo envolver pelo cheiro da comida e pelo calor do fogão e da lareira no canto.

Saela me cutuca na testa com o giz.

— Acorda, mana.

Dou risada e me viro para ela, pegando o quadro de giz para ver o que está fazendo. Conversamos sobre a escola, mas só escuto parte do que minha irmã fala, porque a outra parte da minha atenção está em minha mãe e Lee, que trabalham lado a lado.

Meu peito se aquece e meu coração acelera. É normal demais.

Tento ignorar o pensamento de que aquela calmaria não vai durar e me esforço para aproveitar o momento.

Assim que nos sentamos Saela começa a bombardear Lee de perguntas sobre a Cidade Unida — o bairro do outro lado do castelo, onde só os Unidos e suas famílias moram. Ela ficou fascinada desde que vimos uma tropa deles desfilando pelas ruas esta semana.

— Então você já viu? — indaga Saela, com os olhos fixos em Lee, passando manteiga no pão que ele trouxe. — A Cidade Unida?

— Já, de longe. Mas dá para ver bastante coisa dos andares altos do castelo — responde ele, sorrindo diante do espanto de minha irmã.

— E como ela é? — pergunta, apoiando o queixo nas mãos, encantada.

— Bom, foi claramente planejada para os Unidos e seus lobos — responde Lee. — As ruas são bem mais largas, para que os lobos-gigantes consigam circular sem esbarrarem um no outro ou ficarem com o pelo todo bagunçado.

Ele bagunça o cabelo de Saela de brincadeira.

— Dá pra ver os lobos do castelo? — pergunta ela, afoita, sem nem se incomodar de estar sendo tratada como criança.

— Às vezes — confirma Lee. — Uma vez eu cheguei a ver um filhote de lobo-gigante, acredita? São enormes desde pequenos! Eles geralmente não deixam os filhotes na cidade principal, porque são brincalhões nessa idade e não têm noção da força que têm. Imagine um animalzinho quase do tamanho de um cavalo.

Saela arfa.

— Aposto que os filhotes são *uma gracinha*!

Lee revira os olhos para mim, e eu rio.

— Acho que ela ignorou o que eu falei sobre os lobos serem monstros perigosos, com presas do tamanho desta colher — diz Lee, levantando o talher para demonstrar.

Minha mãe está colocando as tigelas de ensopado na nossa frente quando vejo a mudança começar. Algo se apaga em seu olhar, que assume aquela expressão vidrada que eu tanto odeio. A tigela em suas mãos vacila, caldo e legumes respingando no chão. Para meu horror, ela está olhando direto para Lee quando começa a balbuciar.

Arranco a tigela das mãos dela antes que derrame mais e a deixo na mesa com o coração acelerado.

— Noturn está preso — sibila ela, e o ódio em sua voz me dá calafrios. — Ele está preso e vai acabar com esse mundo quando escapar.

A mãe avança na direção de Lee e o puxa pela túnica. Ele já a viu em surto, mas nunca foi o alvo de um de seus ataques. Uma

sombra violenta perpassa a expressão dela.

Tudo estava perfeito, então é claro que não ia durar. Eu não deveria me surpreender com esses momentos, mas ainda assim... me permiti ter esperanças. Meus olhos ardem.

— Mãe — peço, tentando chamar sua atenção, fazer com que se acalme.

Deusas, o que Lee deve estar pensando? Meu pedido só piora a situação.

— E *você*. — Ela se vira para mim, os olhos selvagens. — Você não está onde deveria estar!

Ela ergue a mão e tenta me bater, mas seguro seu pulso no ar, firme. A pulseira de noivado de prata que meu pai lhe deu, que ela nunca tirou, desliza pelo braço magro. Minha mãe se debate contra meu aperto, e sou obrigada a imobilizá-la.

— Desculpa — murmuro para Lee, as bochechas queimando. Não consigo olhar para ele. Não suportaria ver o pavor que com certeza está estampado em seu rosto. — Já volto.

Então, tentando conduzi-la com calma, eu a carrego para fora da sala.

— Maldição sobre vocês! Estão ouvindo? — Ela continua gritando enquanto a levo pelo corredor estreito até o quarto.

Atrás de mim, escuto Saela se levantar para pegar um pano e limpar o chão. Não tenho coragem de olhar para Lee, ver sua expressão. Ele sempre foi compreensivo com a saúde da minha mãe, mas nunca a viu desse jeito.

Guio minha mãe pelo curto corredor até a cama e, por sorte, ela se deita sem resistência, enfiando-se nos lençóis com a expressão vazia.

— Mãe — começo, mas não encontro palavras para consolá-la. — Aqui, vamos tomar o remédio — falo, por fim, pegando o frasco no banquinho que serve de mesa de cabeceira.

O xarope grosso tem um cheiro horrível, amargo e ácido. Não

consigo imaginar o gosto, mas minha mãe obedece e toma todo o líquido, depois se vira para a parede, ainda murmurando nomes e maldições.

Eu me sento devagar no colchão e observo, frustrada, os caroços da espuma velha — esse colchão já deveria ter sido trocado há muito tempo, mas nunca tivemos dinheiro.

Com cuidado, passo a mão no braço dela, repetindo o gesto até que a tensão vá embora, até que sua respiração volte ao normal.

Enquanto isso, tento também controlar a minha respiração, repetindo para mim mesma, sem parar, que ela não tem culpa, que ela não escolheu ser assim. Alguns dias eu preciso muito desse lembrete — e hoje com certeza é um deles.

Mais do que tudo, há uma pontada no meu peito — a dor de ter sido ingênua, de ter acreditado que conseguiríamos ter uma noite "normal".

Este é o nosso normal agora.

Apago a lamparina e saio na ponta dos pés para não acordá-la, torcendo para que continue dormindo e nos deixe em paz pelo resto da noite. Odeio a mim mesma por desejar que minha mãe simplesmente desapareça, mas empurro o sentimento para longe.

Volto para a sala e, hesitante, dou uma espiada no que me aguarda. Vejo que Saela e Lee deixaram o ensopado abandonado na mesa, pela metade. Eles juntaram duas cadeiras, e Lee está lendo para ela uma lenda sobre deuses apaixonados e infelizes. Minha irmã se aconchega debaixo do braço dele, completamente absorvida pela história.

Fico ali parada, encostada no batente da porta, só observando. Os olhos de Lee se erguem e encontram os meus, e a expressão firme dele diz tudo: ele não vai fugir de nós, nem mesmo depois do que acabou de presenciar.

A pressão no meu peito arrefece um pouco, e atravesso a sala para me sentar no chão, aos pés deles.

— A Meryn faz a melhor voz para a deusa — afirma Saela, orgulhosa. — Meryn, lê essa parte agora!

— Está bem, mas só mais um capítulo. Depois você tem que terminar de estudar e ir dormir — respondo, rindo diante do resmungo dela.

— A deusa estava trancada na torre e ninguém sabia que ela estava lá — começo, as palavras da história favorita de Saela tão familiares na minha boca. — Ela sabia que, se quisesse escapar, teria que encontrar um jeito sozinha...

Depois que Saela vai para a cama, acompanho Lee até o lado de fora para nos despedirmos, e ele se vira para mim com o rosto sério. Flocos de neve caem na sua testa franzida.

— Meryn, com que frequência isso acontece?

Solto um suspiro e apoio a cabeça no peito dele. Suas mãos sobem e descem pelos meus braços.

— Os delírios? Todo dia.

Lee aperta meus bíceps, e ergo os olhos para os dele.

— Não estou falando dos delírios, e você sabe disso.

Engulo em seco e desvio o olhar. A mulher lá dentro — a que tentou me bater — não era minha mãe. Sempre fui honesta com Lee sobre as dificuldades dela, e ele já viu com os próprios olhos várias vezes. Mas nunca contei sobre os momentos em que ela fica violenta. Colocar isso em palavras sempre me pareceu uma traição à mãe que conheci.

Talvez seja hora de aceitar que a mãe que conheci já não existe.

E ainda há outra coisa que escondi dele. A parte que me atormenta nos sonhos: minha avó também tinha essa loucura, e a mãe dela também. Essa loucura corre no meu sangue, espreitando nas sombras, esperando para me engolir.

— Eu tenho tudo sob controle, como você viu — murmuro.

— Não estou preocupado com você. *É óbvio* que você sabe se defender. Mas e a Saela? Aqui não é seguro para ela. E se acontecer alguma coisa quando você não estiver por perto?

A frustração queima em minhas veias. Eu o encaro, lutando contra as lágrimas que já ardem. Eu sei que ele está certo, mas...

— O que você quer que eu faça, Lee? Que eu deixe minha mãe sozinha? Que leve Saela para viver em outro lugar? Como vou pagar dois tetos ao mesmo tempo? E quem vai cuidar da minha mãe se eu não estiver aqui?

— Venham morar comigo — diz ele. — Eu cuido de vocês duas. Sua mãe pode ficar aqui e nós visitamos sempre.

Solto uma risada surpresa.

— Como a gente ia dar conta disso? Seu apartamento é minúsculo. Não tem espaço para três pessoas lá.

— Então nos mudamos, achamos um lugar maior. Ou levamos sua mãe para lá, e você, Saela e eu ficamos aqui. Nós damos um jeito, gatinha. Mas eu vou proteger você. E vou proteger sua irmã. Me deixe fazer isso.

Agora as lágrimas escorrem quentes pelo meu rosto no ar gelado. Sinto um aperto no peito e, de repente, parece que não consigo respirar. Quanto tempo faz desde que alguém quis de fato nos ajudar? Desde que alguém olhou para a minha situação e me ofereceu uma saída?

Mais do que isso: desde que alguém ofereceu ajuda e insistiu para que eu aceitasse.

De onde veio esse homem, capaz de derreter meu coração assim? Eu trocaria sol, céu e luz pelo consolo de nunca precisar perdê-lo.

Enlaço os braços no pescoço de Lee e o puxo para mim, desesperada pelo toque da boca dele na minha. Ele me move para trás, para a esquina, para o beco que corta a rua. Não há lanternas aqui, podemos nos perder nas sombras. O mais perto que temos de privacidade.

Sem fôlego, tropeço contra a parede atrás de mim, arrastando Lee junto, até sentir seu corpo inteiro pressionado contra o meu, calor e músculo firme me esmagando contra a pedra fria.

Quando nossos lábios se encontram de novo, não é suave, mas urgente. Eu me perco no emaranhado faminto do beijo, minhas mãos se espalhando pela cintura dele, meus dedos frios entrando na calça à procura da pele quente.

Lee rosna na minha boca, me prensando mais forte contra a parede, e sinto sua ereção dura e insistente. Mexo o quadril, rebolando nele, saboreando os sons que ele faz. Ele arranca a ponta da minha túnica para fora da calça, prende uma mão no meu quadril e desliza a outra pela minha pele até segurar meu seio, só finas camadas de tecido entre a mão dele e meu mamilo.

O calor me percorre inteira, e eu paro o beijo, olhando no fundo dos olhos dele. É como se nós dois nos desafiássemos a ir além.

— Essa conversa ainda não acabou — dispara ele.

— Não — concordo. — Depois.

A boca de Lee volta à minha com força, sugando meu lábio inferior até que deixo escapar um gemido.

Meus dedos vagantes encontram o que procuravam, a ereção de Lee pesada e grossa dentro da calça. Eu o acaricio, e nossas bocas se separam. Lee encosta a testa na minha, ofegante.

— Vem comigo? — Sua voz é um misto de pergunta e ordem, e, *deusa*, como eu queria poder dizer sim.

Eu já tomei minha dose mensal do contraceptivo que compro junto com os remédios da minha mãe na botica. Mas...

Não tenho coragem de deixar Saela sozinha à noite, não desde que Leesa foi sequestrada a poucas quadras daqui.

Só de pensar nisso, o fogo dentro de mim se apaga.

O rosto dele ainda está corado do beijo, o cabelo bagunçado, e um arrependimento me domina. Mas sei que não vou pensar em outra coisa até ter certeza de que minha irmã está bem lá dentro.

— Outra noite. Olha, é melhor você ir, mas eu vou pensar na sua proposta e... vamos dar um jeito.

— Ótimo — responde ele, me dando um último beijo de despedida.

Entro em casa de novo, tranco bem a porta e vou direto para o quarto que divido com Saela. Quando entro no cômodo, sinto um arrepio com a corrente de ar frio.

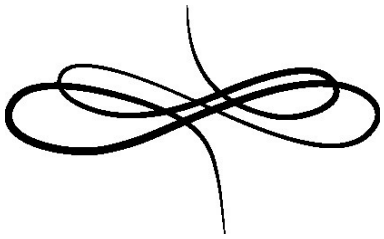
Estranho... Nunca venta no nosso quarto.

Meus olhos voam para a janela, escancarada, que deixa o ar gelado entrar. Meu coração dispara, e corro até a cama de Saela.

Está vazia.

Minha irmã desapareceu.

4



Isso não pode estar acontecendo.

Fico paralisada diante da cama vazia. Minha mente gira, meu corpo congela.

Saela. *Saela*.

Fecho os olhos com força, conto até dez e os abro de novo, mas a cama continua vazia e eu ainda sinto a corrente de ar frio que vem da janela escancarada.

Tem que haver uma explicação. Como alguém pode ter entrado aqui? Eu estava logo do lado de fora, na rua. Como não percebi nada?

E Saela. Ela teria se defendido, como eu ensinei. Ela não teria sido levada em silêncio.

Não a minha irmã. Minha *Saela*.

Talvez ela esteja com a nossa mãe. Meus músculos retesados voltam à vida num solavanco, e saio em disparada pelo corredor e escancaro a porta do quarto da minha mãe. Varro o cômodo escuro com os olhos, desesperada, mas não há sinal dela.

Minha mãe se senta na cama e se vira para mim, sonolenta, mas eu não consigo falar nada, não consigo explicar.

Procuro no banheiro.

Na sala e na cozinha.

Ela não está em lugar nenhum. Mas o casaco e as botas estão arrumadinhos ao lado da porta de entrada. Eu os encaro,

entorpecida, antes de voltar correndo para o nosso quarto.

Ofegante, enfio a cabeça pela janela. Pequenos redemoinhos de neve já começam a cair, e minha respiração se transforma em fumaça branca no ar gelado. Examino cada detalhe do lado de fora, implorando aos olhos que encontrem alguma pista na escuridão congelada, mas não há qualquer sinal do que aconteceu, qualquer movimento no beco ao lado da casa.

Só quando me volto para o interior do quarto percebo algo que não tinha notado antes. No canto da janela, preso a uma farpa comprida de madeira, tem um pedacinho de tecido branco.

Idêntico ao da camisola de Saela.

Desabo no chão, e um som agudo e estranho preenche o ar. Demoro alguns segundos para entender que sai da minha boca. Trêmula, bato a cabeça na parede atrás de mim, acolhendo a dor que explode, dura e crua.

Ou Saela saiu escondida no meio da noite, de camisola, para a neve... ou alguém a levou.

Enquanto eu estava lá fora, fazendo planos para um futuro melhor com Lee, minha irmã foi levada na calada da noite.

Minha mente se recusa a formar frases que façam sentido, mas meu corpo reage. Bato a janela com força, coloco as botas, visto o casaco e disparo na escuridão.

Lee ainda deve estar por perto. Viro à esquerda, pegando o caminho que leva ao Distrito Norte, e *corro*. Em poucos minutos avisto sua silhueta larga avançando pela rua silenciosa.

— Lee! — grito.

Ele se vira, o rosto iluminado por um sorriso que some de imediato diante do meu pânico evidente.

Ele se aproxima às pressas, a preocupação vincando sua testa, e segura meu braço.

— Meryn, o que...

— Saela — falo, arquejante, com a respiração entrecortada. Sinto

dor só de falar o nome dela. — Quando voltei, ela não estava mais em casa.

Minha mente entra em parafuso de novo. *Não*, *não*, *não*...

Lee aperta meu antebraço, me ancorando e trazendo de volta para o presente.

— Vamos procurá-la — diz ele, irradiando calma e autoridade. Eu desabo contra seu corpo. — Vamos voltar para o seu bairro e começar por lá. Vamos acordar seus vizinhos. Vamos encontrar Saela, Mer. Ela não pode ter ido longe.

Ele não verbaliza meu maior medo, a única conclusão lógica: ela foi sequestrada.

O tempo parece se rasgar e pular, como se avançasse aos saltos.

Recobro a atenção quando estou diante da casa de Igor, socando a porta.

— Igor!

Minha voz é quase um soluço. Grito o nome dele de novo e de novo, batendo sem parar na madeira. Lee pousa a mão no meu ombro, tentando me conter.

As portas dos vizinhos se abrem, e rostos cautelosos espiam para descobrir o motivo da confusão. Uma antiga professora de Saela me reconhece, sai de casa com nada além de roupas de dormir, um xale grosso e botas.

— Meryn? É você?

A porta de Igor se escancara, e ele aparece ao lado da esposa, Prina, ambos visivelmente preocupados. Um buraco se abre no meu estômago, e sinto as entranhas se contorcerem, como se eu estivesse presa dentro de um furacão.

— É a Saela — consigo falar. — Ela... Eles a levaram.

— Precisamos procurar pela Saela. — Lee toma a dianteira. — Pode nos ajudar? Se vocês dois forem pelo lado norte do bairro, nós seguimos para o oeste e depois verificamos o Mercado Central.

Igor dá dois passos largos e me surpreende com um abraço

esmagador.

— Meryn — diz ele, e só nessas duas sílabas cabe um mundo inteiro. — É claro que vamos ajudar.

Escuto no tom dele o que não é falado.

Eu me afasto.

— Não! *Não*. Ela não sumiu. Não podemos desistir dela...

Igor já está vestindo o casaco e calçando as botas. A professora de Saela também se junta a nós, apressada, com uma calça jogada por cima da roupa de dormir.

— Não vamos desistir, Meryn. Estamos com você.

Minha garganta queima. Olho ao redor, desnorteada, sem conseguir pensar.

— Deveríamos...

— Meryn e eu vamos para as ruas a oeste — repete Lee, percebendo meu vazio. — Vocês dois podem começar pelo norte?

Ele segura meu braço e me puxa.

O beijo gelado dos flocos de neve no meu rosto me traz de volta à ação. Percebo, distraída, que está nevando mais forte agora.

Lee e eu começamos trotando, depois corremos, andando por ruas e becos, gritando o nome de Saela. As ruas estão desertas a essa hora, exceto por alguns ratos esquálidos e um cão vira-lata que nos observa de seu modesto abrigo, embaixo de um alpendre. Vidro quebrado e neve endurecida estalam sob minhas botas, o som abafado pelo cair dos flocos. O branco cobre tudo, deixando as ruas fantasmagóricas, vazias.

Paramos para recuperar o fôlego depois de mais ou menos uma hora de busca.

— Talvez seja melhor...

— Nos dividirmos? — completa Lee. Ele se aproxima, as mãos emoldurando meu rosto. — Assim cobrimos mais terreno. Mas Meryn... você está...

A apreensão no olhar dele me deixa desconcertada, e recuo

bruscamente.

— Estou bem. Vai. É melhor você seguir na direção do Mercado Central. Ela pode ter ido para lá... Nos encontramos na minha casa de manhã para saber se alguém encontrou alguma coisa?

Não espero a resposta e disparo por outro beco.

Acelero, ziguezagueando pelas ruas, olhos varrendo cada canto, cada sombra, cada lugar em que minha irmã poderia estar. Por dentro, calo a voz que sussurra que as crianças nunca são encontradas. Que não há nada que possa ser feito.

Eu me recuso a não fazer nada. Eu me recuso.

Horas depois, o dia amanhece frio e úmido. Os flocos de neve se transformam em lama cinzenta sob minhas botas. A mistura suja escorre das calhas e forma poças nas valetas. Trabalhadores começam a sair de casa e desviam de mim, evitando meu olhar.

O mundo é um borrão. Minha mente está dormente de exaustão. Não faço ideia de que horas são quando finalmente admito a derrota e volto para casa.

Igor e Lee já estão lá, sentados diante da porta. Sem que precisem dar um pio, sei que não encontraram nem sinal dela.

Lee tenta me deter quando entro, mas eu me solto do seu aperto. Ele fala algo, mas todos os sons do mundo se reduziram a um zumbido distante. Bato a porta do quarto na cara dele e me tranco.

É tudo culpa minha.

O tempo escorre.

Fico deitada na cama de Saela, enrolada nos lençóis e no cobertor que ainda guardam um pouco do cheiro dela.

Minha mãe, lúcida o bastante para entender o que aconteceu, aparece para me ver algumas vezes. Ao notar seus ombros caídos e olhos marejados, sua expressão de profunda tristeza, viro o rosto para a parede.

Mulheres do bairro aparecem para nos visitar — colegas da lavanderia, mães das amigas de escola de Saela, velhas conhecidas da minha mãe que eu não via há anos. Elas trazem comida, pão e, receosas, empurram os pratos para dentro do quarto e os deixam no chão, porque eu me recuso a falar qualquer coisa com qualquer pessoa.

Depois, eu escuto suas conversas sussurradas com minha mãe, quando ela está acordada. Na maioria das vezes, vão embora em silêncio, sem serem acolhidas por nenhuma de nós.

Eu não consigo me importar. Os pratos de comida ficam no chão, intactos.

— Ela não comeu um pedaço sequer — ouço minha mãe dizer, horas ou dias depois, eu já não sei.

Minha mãe soa lúcida, sã. Como se perder a filha tivesse restaurado o pouco de clareza que restava em sua mente.

— Está igual ao pai depois do primeiro ano na frente de batalha. Ele não falou nada por cinco dias quando voltou. Desperdiçou metade da licença desse jeito.

A voz dela falha, e a culpa floresce em mim, quente e vermelha.

Meu pai. Ele deveria nos proteger. E, em vez disso, nos deixou. Foi embora e nunca voltou.

Eu deveria proteger Saela. Eu prometi.

Meus dedos se movem para o punhal que mantenho perto da cama. Depois que meu pai morreu, aquilo ajudava às vezes — eu usava a dor para focar, para sentir outra coisa além do vazio. O corte afiado afastava a escuridão da mente, e o que permanecia era a sensação da lâmina na pele do braço ou da coxa.

Mas nem energia para isso eu tenho. Fico olhando para o teto, observando os movimentos estranhos das sombras nas paredes conforme o dia começa e acaba.

O quarto está escuro quando Igor aparece na porta e se abaixa um pouco para entrar.

— Chega, Meryn. — A voz dele corta o ar como uma lâmina. Ao contrário dos outros, não há pena nem dó em seu tom. — Você não é assim. Levante-se.

Meu corpo é uma pedra afundando na cama. Não me movo, vergonha e raiva fervendo dentro de mim, os olhos bem fechados, e me recuso a encará-lo. Ele permanece ali por um tempo que parece interminável, mas enfim vai embora.

Mais tarde, Lee entra em silêncio. Não me viro, mas sei que é ele. Reconheço o cheiro de pinho, o passo firme.

Ele não fala nada, apenas se deita comigo, encaixando-se atrás de mim, o peito nas minhas costas, os joelhos nos meus. Sinto seu calor, e meus olhos ardem. Então desabo em soluços, chorando pela primeira vez desde que Saela foi levada.

Choro sem parar, e Lee fica ali, me abraçando. Quando finalmente me acalmo, nenhum de nós fala nada. Lee apenas entrelaça nossos dedos e desliza o polegar pelo dorso da minha mão, para a frente e para trás, para a frente e para trás.

Devo ter adormecido, porque ao abrir os olhos de novo o quarto está claro. Os raios de sol entram pela janela e queimam meu rosto.

Lee foi embora, mas meus braços ainda estão enlaçados em algo — o travesseiro de Saela. Quando minha visão se ajusta ao ambiente, vejo um fio de cabelo dela preso no tecido, um tom de castanho mais escuro que o meu. O fio brilha diante de mim.

Eu me sento.

Algo se quebra e se rearranja dentro do meu peito. Eu prometi a ela. Prometi a Saela que nada a machucaria.

E eu cumpro a porra das minhas promessas.

O centro de recrutamento do exército, no Distrito Leste, fica ao lado de um açougue. *Nada mais apropriado*, penso com amargura,

enquanto espero o recrutador achar meu sobrenome na lista.

Todo distrito tem um centro desses, e dá para perceber que o castelo se importa mais com esses lugares do que com qualquer outra coisa — aqui a lareira está cheia de lenha seca, que queima com vigor e exala um cheiro limpo, bem diferente da fumaça úmida e turva do fogão da nossa casa. As paredes são forradas de papel, um luxo que não se vê em nenhum outro canto do Leste. E os móveis, embora gastos e riscados, ainda são de uma qualidade muito acima da média de Tempesgelo.

Meus olhos percorrem o uniforme do recrutador, as pilhas de papéis na mesa, os montes de formulários e listas. A lamparina de óleo tremula, fazendo sombras dançarem sobre as mãos que embaralham os documentos. Sinto que elas se estendem na minha direção.

— Ah, aqui — diz ele, por fim. — Cooper. Mas... — Ele franze a testa, desconfiado. — Você não foi convocada. Está registrada com dispensa de cuidadora.

Todos são convocados em algum momento, a não ser que tenham algum problema de saúde ou cuidem de um menor de idade ou de um idoso. Meu nome já carregava essa exceção mesmo antes de eu ter idade para servir.

Engulo o nó na garganta. Meu pai odiaria saber que estou seguindo seus passos, indo para a frente de batalha brutal que assombrava seus sonhos.

Mas meu pai não está aqui.

— Eu sei — respondo, a voz cortante como aço. — Não me importo. Estou me voluntariando.

É a única saída. Se os Levadores sequestram as crianças e as levam para além da fronteira, para os Sifões, essa é minha única chance de alcançar Saela. Não tenho dinheiro para viajar sozinha. Se o exército me enviar para lá, posso cruzar a fronteira e procurar por ela.

Sei que é um plano bobo, ainda em formação, mas já é alguma coisa. Estou agindo.

O recrutador e eu nos encaramos por um instante, e ele resmunga em concordância, rabiscando algo no papel.

— Bom, nesse caso...

— Consigo ir para a frente de batalha logo? — interrompo.

O recrutador inclina a cabeça, pensativo.

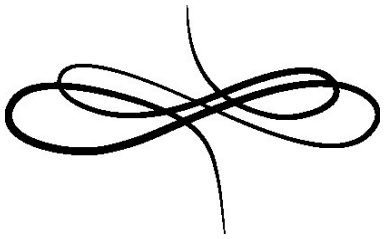
— Costumamos pedir que os novos recrutas se apresentem para o treinamento a cada seis meses, o que dá tempo suficiente para colocarem seus assuntos em ordem. Temos um treinamento começando amanhã, mas eu recomendaria esperar até...

— Estarei lá — declaro, sem hesitar. — Me dê minhas ordens.

O homem me encara, avaliando se estou falando sério. Algo no meu rosto deve convencê-lo, porque ele apenas balança a cabeça, como se discordasse da minha atitude impulsiva, e carimba o papel.

— Pronto. Seja bem-vinda às Forças Armadas do Rei, recruta Cooper.

5



Assim que saio do centro de recrutamento, vou direto procurar Lee. Minha respiração se transforma em fumaça no ar gelado, e eu aperto o casaco puído contra o corpo, desejando ter levado um cachecol. Saí de casa tão determinada que nem pensei nisso.

Lee dorme apenas alguns dias da semana em seu pequeno apartamento e passa o restante do tempo nos alojamentos do castelo junto com os outros criados. Eu conheço a rotina dele e sei que hoje ele deve estar em casa. Ainda estou atordoada, mas me recomponho e observo a paisagem do Norte durante a caminhada, decidida a não pensar no dia de amanhã.

Terei tempo para entrar em pânico depois. Agora, só preciso me explicar para Lee.

O Distrito Norte, vizinho do imponente castelo, não é tão estranho quanto as ruas dos Unidos, mas ainda assim é muito diferente do Leste.

Os prédios são mais altos. As ruas, mais largas. Não há cachorros revirando o lixo. E, principalmente, não há cheiros. O ar não chega a ser limpo, mas não fede a gente demais espremida em espaço de menos.

No entanto, nem esse ar menos pesado ajuda a acalmar meus nervos. Estou pirando desde que assinei os papéis do alistamento.

Quero que ele me entenda. Preciso que ele me entenda, na verdade. Lee é meu ponto de apoio, quem me segura firme quando

a maré das minhas emoções ameaça me arrastar para o fundo. Se ele me olhar como se eu tivesse perdido o juízo, vai ser difícil não duvidar de mim mesma.

E agora não há espaço para dúvidas.

O prédio dele tem a mesma estrutura de madeira aparente que o meu, porém é mais largo e tem quatro andares, que são divididos em pequenas unidades, quase todas ocupadas por outros criados da realeza. Lee mora sozinho, num espaço arrumado, embora também tenha crescido no Norte.

O pai de Lee também trabalha no palácio, mas a relação dos dois é tensa e complicada. O pai parece ser, bem, um belo de um babaca. E a mãe morreu quando Lee ainda era criança. Assim que conseguiu o emprego de mensageiro, ainda adolescente, ele saiu de casa e foi morar sozinho.

Cruzo a entrada, empurro a porta da frente e subo os degraus para encontrá-lo, com o estômago embrulhado. Só de pensar em decepcioná-lo, tenho vontade de arrancar a própria pele.

Bato à porta. Ouço um baque vindo de algum dos apartamentos vizinhos e pessoas gritando no andar acima. Meu coração dispara. Meus dedos ainda estão gelados do vento congelante, então tento aquecê-los com minha respiração, só para ter algo com que me ocupar.

O trinco gira, a porta se abre. E então...

Não sei. De repente tudo fica bem quando o vejo ali. Não lembro nem por que estava tão nervosa. É sempre assim com Lee. Basta uma olhada nessa figura alta parada na soleira — os ombros largos, a camisa fora da calça, o cabelo loiro-escuro levemente bagunçado, como se tivesse acabado de acordar de um cochilo — para eu me sentir segura.

Ele aperta a maçaneta com mais força ao perceber que sou eu ali. Os olhos do Lee são de um azul cristalino lindo, como o céu em um dia de inverno surpreendentemente frio, mesmo nesse

corredor escuro.

— Gatinha — diz ele, rouco, mas com calor na voz. — Você voltou.

Entendo na hora o que ele quer dizer — *eu* voltei. Expulsei aquela parte de mim capaz de desmoronar completamente, aquela que chorou nos braços dele. Ela ainda está aqui, escondida lá no fundo, mas não vou deixar que tome o controle de novo.

— Eu voltei — respondo. *E mal posso esperar para você ouvir o que eu fiz...*

Lee me puxa para o calor do apartamento, o braço forte envolvendo minha cintura e fechando a porta atrás de mim. Apoio a testa no peito dele e sinto seu cheiro. É envolvente, como se minha casa me acolhesse de volta.

— Preciso te contar uma coisa — falo, e ergo a cabeça para encará-lo.

Ele assente, segura minha mão e me conduz até a cozinha, o único lugar onde podemos nos sentar além da cama. Lee puxa uma cadeira de madeira e faz um gesto para que eu me sente.

— Pode falar — diz, sentando-se na cadeira ao lado, com um olhar firme e uma postura relaxada.

É como tirar uma farpa, penso, me encorajando a abrir logo o bico.

— Eu me alistei no exército para poder lutar na frente de batalha e encontrar Saela.

Por um momento, Lee não reage. Fica imóvel e só olha para mim, e algo me diz que isso talvez seja pior do que se tivesse me chamado de inconsequente logo de cara. A incerteza é cruel.

Então ele fecha os olhos e solta um suspiro profundo. Então aperta a ponte do nariz, e sinto o desespero emanar dele. Não, isso é pior do que o silêncio.

— Ah, gatinha, o que foi que você fez?

Ele abre os olhos de novo, e sua expressão mistura amor e dor de um jeito que me despedaça.

Minha vulnerabilidade me transforma em uma babaca. Fico irritada no mesmo instante.

— Eu tinha que fazer, Lee. — Minha voz sai afiada como lâmina. — Ninguém está *fazendo* nada. Os que têm poder parecem não se importar e... — Minha voz falha. — Eu preciso procurar por ela, Lee. Antes que seja tarde demais. Preciso ao menos tentar. — Cerro o punho. Odeio isso. — É *Saela*. Como você pode não entender?

A pergunta parece mais uma acusação, mas Lee não contra-ataca. A ternura e o pesar em seus olhos permanecem intactos, mesmo que eu aja como se quisesse arrancar a cabeça dele.

— Eu entendo — responde Lee.

E é simples assim. Minha raiva se esvai. Porque, pelo jeito que ele falou, sei que é verdade.

Lee respira fundo mais uma vez e se recosta na cadeira, apoiando o braço na mesa ao lado e passando os dedos longos pela madeira, pensativo. Seu rosto se contrai um pouco. Com dor. Ou culpa, talvez. Frustração. Um amontoado de sentimentos ruins.

— Se pudesse, iria no seu lugar para encontrá-la — diz ele por fim, baixinho.

A realeza recruta seus criados entre os filhos de outros criados, geração após geração. O salário é melhor do que o da maioria das pessoas, mas, uma vez a serviço do rei, espera-se que sirvam por toda a vida. Sem exceção.

— Eu faria qualquer coisa por você, Meryn. Mas isso...

Estremeço.

— Você acha que eu enlouqueci?

A expressão dele fica mais dura.

— Não. — A ferocidade da resposta soa como uma ameaça a qualquer um que sequer ousasse questionar minha sanidade. — O problema é o momento... É péssimo.

— O momento?

Ele passa os dedos pelo cabelo grosso e deixa a mão cair no

joelho.

— Estão prestes a começar os Ritos de União.

As palavras dele me atingem como um soco.

Ritos de União... A chance de se tornar uma das preciosas forças Unidas do Rei, criando uma ligação inquebrável com um lobo colossal e feroz.

Se isso for verdade, talvez eu nem chegue à frente de batalha. Os Ritos de União são tão perigosos quanto a própria guerra, pelo que ouvi falar.

Uma lufada áspera de ar sufoca meus pulmões.

— Como você... sabe disso?

Os Ritos de União acontecem de forma esporádica e são mantidos em segredo justamente para não desanimar novos recrutas. Quando um dos Ritos está prestes a acontecer, todo recruta recém-alistado é obrigado a participar.

— Ouvi alguns boatos no castelo. Já mandaram as ordens para os instrutores — responde Lee, tenso. Sem conseguir me encarar. E sei o motivo.

Acabei de contar que vou me jogar no lugar mais perigoso possível, e ele me conhece bem demais para tentar me fazer desistir. Não há nada que ele possa fazer, e Lee odeia isso. Sempre odiou não poder agir, talvez tanto quanto eu.

— Vou mesmo assim — afirmo. — Tenho que ir.

— Eu sei. Escuta, eles vão obrigar você a fazer o primeiro Rito. Pelo que ouvi, é uma escalada bem perigosa por uma montanha, com os lobos esperando no topo. Mas você não precisa tentar a união com um deles. Só precisa sobreviver. Se conseguir fazer isso e evitar a união, vão te mandar para a frente com os outros soldados comuns depois.

Respiro fundo, trêmula. Não soa nada assustador, imagina.

— Certo.

Os olhos dele encontram os meus de novo, queimando com uma

intensidade que me faz sentir poderosa.

— Se alguém pode sobreviver a isso, é você — declara ele, sério. A coragem se acende dentro de mim como uma fogueira. — Lute, Meryn. Vença. Encontre Saela e volte para mim.

— Eu vou. Eu... eu te amo, Lee.

— Eu também te amo — diz ele, erguendo a mão para acariciar meu rosto com delicadeza.

Já tínhamos dito essas palavras antes, mas hoje elas soam diferentes.

Hoje, *eu te amo* tem um gosto amargo de *adeus*.

Eu me inclino para beijá-lo e sinto um gosto salgado. Percebo que são lágrimas... minhas. Estive tão focada na minha irmã que não pensei nisso. Nele. Na possibilidade bem real de que eu não volte viva dessa busca e que esses sejam nossos últimos momentos juntos.

Sinto meu coração se partir outra vez.

Os olhos dele também estão vidrados. Ele acaricia minha bochecha com o polegar e arranha levemente meu pescoço e ombro com as unhas. A necessidade floresce dentro de mim — uma urgência de tê-lo sobre mim, dentro de mim, de gravar cada toque. De deixar que ele escreva nossa história em todo o meu corpo para que eu nunca esqueça que também estou lutando por ele.

Encontrar Saela, *voltar para Lee*.

Eu o agarro pela camisa e o puxo para mim.

Ele está em cima de mim num instante, de pé, me beijando com um calor abrasador. Enquanto uma das mãos segura a parte de trás da minha cadeira, a outra envolve meu pescoço. E, de repente, já não estou mais no controle.

Nenhum de nós fala uma palavra quando nossos olhos se encontram de novo, e a intensidade do olhar dele me faz perder o fôlego. Suas mãos deslizam pelas minhas costas e, num movimento

rápido, ele me ergue e me deita no chão frio da cozinha, me curvando para trás, inclinando-se para me reclamar em outro beijo.

Caio de costas, os braços deslizando do pescoço dele para me apoiar. O frio do piso da cozinha gela meus braços, meu quadril, minhas costas, enquanto o calor de Lee me envolve, fazendo meu corpo tremer de prazer.

Com a boca, Lee traça um caminho de fogo do meu lóbulo até a curva do pescoço, onde suga e morde de leve a pele sensível. Minha cabeça tomba para trás, batendo no chão.

Eu me apoio no cotovelo e sinto o braço fraquejar quando ele puxa minha calça para baixo e rasga minha roupa íntima num único gesto. Eu o encaro, ofegante. Os lábios dele se curvam num sorriso possessivo, e meu corpo inteiro fica em chamas.

Lentamente, ele se ergue sobre os joelhos e desfaz o laço da própria calça. Eu gemo ao ver seu pau saltar para fora, já muito duro. Ele esfrega a mão na ponta uma, duas vezes, e eu me contorço diante dele.

Cada parte minha quer agarrá-lo, enroscar as pernas ao redor dele, tê-lo dentro de mim imediatamente, mas sei por experiência própria que, agora, é ele quem está no comando, não eu.

Lee se inclina e ergue minha túnica até o pescoço, arrancando minhas bandagens de peito em dois puxões e expondo meus seios. Os mamilos já intumescidos pinicam no ar frio, e eu quase dou um saltinho quando ele belisca um com força.

Ele afaga o outro lado, alternando carícias e apertos nos meus peitos até me transformar num amontoado de gemidos. Então, *até que enfim*, ele desliza a mão pela minha barriga, e o desejo se espalha pelo meu corpo pressionado contra o chão. Então se inclina e coloca as mãos na parte interna das minhas coxas, afastando-as.

Já estou encharcada de desejo, minha carne sensível se

contraindo com o ar quente da respiração dele contra mim. Cada parte minha parece vazia, esperando que ele me preencha, me torne completa.

O primeiro toque da língua dele é tão pecaminoso que quase me faz gozar na hora.

Lee se afasta de imediato, como se soubesse o quanto já estou perto. Ergo a cabeça para encontrar seu olhar penetrante. Ele não precisa falar nada: nós dois sabemos que esta pode ser nossa última chance de estarmos juntos assim por... por muito tempo.

Ele não vai deixar que acabe tão rápido.

Devagar, com uma lentidão dolorosa, a boca dele retorna, a língua deslizando dentro de mim e depois subindo para circular meu clitóris, me levando quase lá, só para desaparecer assim que me aproximo do limite. Agora estou falando, implorando, soltando palavras sem nem saber quais.

Minhas coxas estão encharcadas quando ele se afasta e se ajoelha para me encarar de cima, os olhos escuros.

— Estenda os braços acima da cabeça — ordena. — Segure na perna da mesa atrás de você.

Obedeço, tremendo, sem conseguir desviar dos olhos dele.

— Segura firme — diz ele, o olhar faiscando. — Não solte, não importa o quanto queira se tocar.

O toque suave e cuidadoso de antes já não existe. Quando ele finalmente me preenche, eu me ouço gritar o nome dele, quase sem sentido. Enrosco as pernas em seu quadril, para que vá mais fundo, e ele não resiste, se enterra com tudo, recua e volta a me penetrar com força.

Seguro a perna áspera da mesa o tempo todo, tão apertado que a madeira se crava nas minhas palmas. Meus dedos latejam de dor, mas a sensação de ser invadida sem trégua, somada à impotência de não poder buscar alívio, me faz gemer, suplicar, agarrada ao apoio como se fosse despencar do mundo se o soltasse.

Ele me fode exatamente como eu queria, com estocadas profundas, impiedosas e rápidas, que provocam ondas de prazer pelo meu corpo. Não consigo me conter e me empurro contra ele, usando as pernas para puxá-lo ainda mais fundo. Eu me abro inteira e entrego todo o meu ser para ele.

E ele não desvia o olhar em nenhum momento — aqueles olhos azuis cristalinos, perfeitos.

Quando o ritmo implacável de seus quadris começa a vacilar, eu imploro:

— Por favor. Por favor. P-porra. Por favor, Lee! — grito.

Ele sorri enquanto me possui, como se ver me desfazer desse a ele o mesmo prazer que eu sinto ao me despedaçar sob seu toque. Ele geme e enfim tira uma das mãos do meu quadril para fazer movimentos circulares no meu clitóris. Eu explodo na hora, incapaz de resistir depois de tanto tempo à beira do abismo.

O prazer me cega, minha visão fica branca, e meus músculos se contraem em torno dele. Ondas e mais ondas de prazer percorrem meu corpo, e ele continua a me invadir, rápido e duro, prolongando meu orgasmo até ele também se perder, gozando com um grito e uma última estocada violenta.

Aos poucos, minha respiração começa a se acalmar. Abro os olhos com dificuldade, a visão um pouco turva.

O riso satisfeito de Lee ao sair de dentro de mim me causa mais uma contração em torno do vazio que ele deixou, e eu choramingo quando ele provoca meus nervos já sensíveis, usando o polegar para brincar com meu clitóris.

Ele se levanta com tranquilidade, estende a mão e me puxa para ficar ao lado dele.

— Está bem, gatinha?

Avalio o meu corpo. A cabeça dói. Devo ter batido com força no chão quando gozei. Estou dolorida e exausta, no melhor dos sentidos. Consumida.

— Mais do que bem — sussurro, e fecho os olhos antes de tentar caminhar.

Ele passa meus braços ao redor do seu pescoço e me deixa usá-lo de apoio, quase me carregando em direção ao quarto. Então me conduz de costas até me encostar no banheiro, e me firma no chão com uma risada, virando-se para ir até o quarto enquanto lavo minhas mãos trêmulas.

Depois de limpa, desabo na cama e moldo meu corpo ao dele. Lee coloca o braço em volta dos meus ombros e com a outra mão me prende pelo quadril contra si, de modo que cada centímetro de nossos corpos se toque.

Lee morde meu pescoço algumas vezes, de brincadeira, e depois sussurra:

— Você não precisa ir, sabia? Poderia ficar. Aqui. Assim.

Meu peito dói. Eu me recuso a chorar, então ignoro a ardência nos olhos.

— Não posso ficar parada, Lee.

— Eu sei — diz ele, então se senta e estende a mão. — Vamos. Temos que sair.

Seguro a mão dele e deixo que me puxe para ficar de pé. Lee me entrega minhas roupas que estavam espalhadas pela cozinha.

— Se vista.

— Aonde a gente vai? — pergunto.

— Fazer compras. Para sobreviver ao primeiro Rito de União imposto a todos os soldados, você precisa de equipamentos melhores.

Meus ombros caem.

— Você sabe que eu não tenho moedas de prata pra isso. Vai dar tudo certo.

Ele afasta com delicadeza uma mecha do meu cabelo.

— Mas eu tenho. Estava juntando umas moedas... para um bracelete. Não vai me servir de nada se a minha pretendida acabar

morrendo na escalada de uma montanha por não ter o equipamento certo.

Ah. *Ah*. Ele estava guardando dinheiro para um bracelete de compromisso.

Não tenho forças emocionais para lidar com isso agora, embora as palavras façam algo frágil e cheio de esperança brotar no meu peito. Um futuro com o qual mal me permiti sonhar está ao meu alcance... mas só se eu voltar.

— Certo — falo, engolindo o orgulho e o nó na garganta. — Aonde vamos?

Lee me leva numa loja de couro que ele conhece, bem ao lado da praça principal do mercado no Distrito Central. A loja é repleta de produtos incríveis, mais sofisticada do que qualquer lugar onde eu já tenha feito compras.

Juntos, Lee e o dono da loja escolhem vários itens de que vou precisar e me ignoram toda vez que eu protesto, afirmando que algo não é necessário.

Uma mochila nova, com bolsos, divisórias e alças para armazenar tudo.

Um cantil novo, leve, mas grande e resistente.

Um par de botas, embebidas, estendidas e oleadas com cuidado para que o couro não cause bolhas depois de um dia inteiro de caminhada.

Um casaco novo, acolchoado e forrado de couro, mais longo e grosso que o meu de anos, com bolsos peludos para aquecer as mãos.

Um par de luvas elegantes, justas, mas flexíveis o bastante para não dificultar meus movimentos.

Odeio pensar que estou usando todas as moedas que Lee juntou com tanto esforço durante o tempo em que estamos juntos, um

dinheiro que ainda por cima seria investido no nosso futuro. Mas ele tem razão. Se eu morrer, não há futuro algum.

Então, aceito gastar as preciosas economias de Lee e ele concorda que vamos recuperá-las juntos quando eu voltar.

Não paramos na primeira loja. Vai estar frio durante o Rito, explica Lee. Eu tenho que estar preparada para o mau tempo. Ele me leva por uma ruela que eu nunca tinha notado, e entramos numa loja no subsolo, abarrotada de equipamentos de caça, de pesca e para armadilhas.

Ao longo de uma das paredes ficam os equipamentos de montanhismo, como raquetes de neve e grampos antiderrapantes. O lojista acopla com cuidado um par de grampos às minhas botas. Nós analisamos os bastões que caçadores usam no inverno para se equilibrarem em trilhas congeladas, mas no fim decidimos que vou querer ter as mãos livres, prontas para sacar uma arma... só por precaução.

Quando saímos de lá, estou atordoada, sobrecarregada com a ideia de que precisarei de tudo isso para sobreviver. Lee se oferece para me acompanhar até minha casa, mesmo que isso implique chegar atrasado no trabalho. Eu recuso a oferta e faço uma piada sem graça, e ele finge rir.

Tentamos encarar nossa despedida sem drama.

É só um até logo, garante ele. A gente vai se ver em breve, insiste ele.

Eu tento ir embora como se fosse qualquer outro dia, como se fosse vê-lo amanhã. Só deixo as lágrimas rolarem quando tenho certeza de que ele já não pode me ver.

No caminho de volta ao Distrito Leste, passo na lavanderia onde trabalho para contar a novidade. Mae não reclama da minha saída, mas percebo em seus olhos que ela já está calculando as horas extras que as outras mulheres precisarão trabalhar para dar conta do serviço. As perguntas delicadas e a simpatia me deixam

desconfortável, então eu fujo depressa e sigo para a casa de Igor.

É melhor arrancar o curativo de uma vez. O amanhã vai chegar depressa.

Ele está no quintal, arrumando uma mesa quebrada, ajustando um pedaço de madeira para que combine com as três pernas ainda firmes. O cheiro de óleo de lamparina, couro, serragem e terra seca invade meu nariz, e eu travo o maxilar, decidida a conter a onda de emoção que ameaça me afogar.

— Passei pra te ver e sua mãe falou que você resolveu entrar para o exército, feito uma completa idiota — resmunga ele, com a voz rouca.

— Oi pra você também — falo, sarcástica, me jogando numa cadeira horrorosa na qual ele vem mexendo há semanas. — Esta cadeira está ainda mais feia do que na semana passada?

— Cuidado com essa língua afiada quando estiver no exército — adverte Igor. — Os comandantes não gostam quando os soldados respondem.

Dou risada, aliviada por estarmos na mesma sintonia — é melhor brincarmos e nos provocarmos do que admitirmos o que de fato estamos sentindo.

— As mulheres da lavanderia falaram que vão cuidar da minha mãe, garantir que ela esteja bem, se alimentando, tomando os remédios... — Minha voz se perde, mas Igor entende meu pedido.

— Eu também vou ficar de olho — confirma ele. — Não precisa se preocupar com isso. Vamos garantir que não falte nada a ela.

Ficamos em silêncio, observando as sombras se alongarem conforme o sol se esconde atrás dos prédios.

— Sabe — começa Igor —, já conheci pessoas muito fortes na vida, tanto nos ringues quanto no exército. Mas nunca conheci uma pirralha tão determinada quanto você.

— Obrigada? — Sorrio. — Acho?

— Ah, não é tão bom quanto parece — rebate ele, e se abaixa

para vasculhar a caixa de ferramentas. Quando acha o pedaço de lixa grossa que queria, volta a ajustar a perna da mesa, mas me encara por cima do móvel gasto. — Mas se tem alguém maluco o bastante para enfrentar os Levadores e forte o suficiente para detê-los e trazer nossas crianças de volta, bem, esse alguém é você.

Ainda estou remoendo as palavras de Igor quando começo a fazer as malas à noite. O centro de recrutamento me deu um saco de viagem gasto com uma mancha misteriosa, mas agora tenho a mochila nova e linda que Lee comprou para mim, então é nela que coloco tudo.

A mochila está aberta na cama, e eu vasculho meus poucos pertences na cômoda que divido com Saela, tentando decidir se levo algo com valor sentimental ou se fico apenas com o essencial.

Ouço a porta do quarto ranger, e minha mãe aparece segurando algo que brilha sob a luz do lampião. Faço menção de me levantar, mas ela faz um gesto para que eu fique onde estou, e em vez de me inclinar de novo sobre a mochila, acabo me deixando escorregar até o chão, abraçando os joelhos.

Ela se aproxima e se senta ao meu lado. Há muito tempo não vejo seus olhos límpidos desse jeito.

— Trouxe uma coisa pra você — diz ela, e vira a mão sobre a minha, deslizando um objeto brilhante na minha palma aberta.

É um colar que parece antigo, com um pingente de opala em forma de gota incrustado em ouro, preso a uma corrente delicada também de ouro, já escurecida pelo tempo. Nunca o tinha visto antes, o que é estranho. Eu achava que conhecia cada canto da nossa casa, especialmente qualquer item de valor que pudesse ser vendido em tempos de aperto.

Seguro o pingente com cuidado entre dois dedos e o levanto contra a luz. É como se um arco-íris tivesse sido congelado na

água, depois polido e talhado em pedra preciosa.

— De onde veio isso? — pergunto, virando a peça nas mãos, em busca de alguma pista sobre sua origem.

— É para proteção — responde ela. — Está na nossa família há gerações, passando de mulher para mulher, não sei nem dizer há quantos anos.

Sinto um nó na garganta diante do gesto. Ela não consegue me proteger há anos, mas o instinto permanece. Eu não fazia ideia.

— Mãe. — Eu me viro para ela com delicadeza. — Você precisa disso mais do que eu. Deveria ficar com ele. Vai acabar quebrando no lugar para onde vou. A guerra não é lugar para uma herança de família.

Ela parece prestes a argumentar quando devolvo o colar para suas mãos, fechando seus dedos em torno dele, e me inclino para beijar sua bochecha. É macia e fina como papel, e um pensamento surge em minha mente: *Será que esta é a última vez que beijo minha mãe?*

— Vou me sentir melhor sabendo que ele está protegendo você, mãe. Você pode me entregar quando eu voltar.

Ela assente, e seus ombros desabam, como se tivesse perdido a vontade de discutir. Minha mãe fica olhando para a frente, para o outro lado do quarto... para a cama vazia de Saela.

Minha cabeça lateja.

— Vou encontrá-la. Prometo.

Ela solta um gemido discreto, como o de um pássaro preso, mas não sei se está concordando ou negando.

Não consigo acreditar que a deixarei aqui. Sozinha. Mas o que mais eu poderia fazer? Não posso desistir de Saela.

Odeio admitir até para mim mesma, mas existe uma parte sombria em mim que já fez esse cálculo impossível. Pesou as necessidades da minha mãe contra as de Saela, me obrigou a escolher entre as duas.

Saela... Ela é minha irmã, mas eu praticamente a criei.

Ela é minha. Minha responsabilidade.

E deveria ter uma vida longa e feliz pela frente, não as atrocidades que a esperam em Astreona, entre os Sifões.

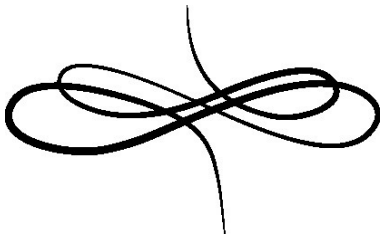
Eu me pergunto se estes talvez sejam meus últimos momentos com minha mãe. Mesmo se eu conseguir voltar, a doença dela...

Sinto o estômago se revirar e apoio a cabeça nas mãos, respirando fundo para me acalmar.

Não. Não posso pensar assim. Não pode existir um *se*. Minha mãe vai ficar bem.

— Eu vou trazê-la pra casa — falo em voz alta, sem saber qual de nós duas estou tentando tranquilizar mais.

6



Apresentar-me na base de recrutamento do exército é o mais perto que já cheguei de entrar no castelo.

A base foi montada logo atrás das muralhas externas da construção imponente e ocupa metade de um pátio enorme. Piso com cuidado nas pedras cobertas de neve, lisas e planas do desgaste de séculos causado por pés, cascos e patas.

O edifício permanente do exército, que provavelmente abriga escritórios ou alojamentos para oficiais, é uma construção baixa de madeira, térrea, encostada na parede do pátio interno. Em todas as direções há enormes tendas que foram erguidas para ampliar o espaço destinado ao processamento dos recrutas. As paredes de lona grossa delas mal se agitam na brisa gélida da madrugada, e todas ostentam o brasão real — um lobo-gigante rosnando sobre um escudo com uma espada e uma lança cruzadas.

O sol mal desponta no horizonte e o pátio já está tomado por recrutas, a maioria com a mesma expressão perdida que eu ou pior.

Meus ouvidos captam a mistura de sotaques. Os mais familiares são daqui da cidade real de Tempesgelo, e os outros, ásperos, ríspidos, são dos outros sete feudos espalhados pelo nosso país, Noturna. São tantos que nem consigo identificar.

Nunca saí de Tempesgelo, mas estudei a geografia de Noturna na escola, e a parte de mim que ansiava por aventuras guardou o nome de todos os outros feudos em um cofre fechado a sete chaves

na mente. Os dois feudos mais próximos, também acostumados ao inverno, são o Geada dos Corvos e o Povoado da Escarcha. O mais famoso é Verdência, ao sul, aninhada ao rio Corrassol, e foi palco de muitas das batalhas que aconteceram ao longo dos anos.

Passo por um rapaz e uma moça tão parecidos que me pergunto se são irmãos. Os dois encaram boquiabertos as muralhas internas do castelo e as torres além delas.

Quase todos carregam a bolsa fornecida pelo exército, e eu fico um pouco constrangida, como se todo mundo percebesse a mochila cara pendurada no meu ombro. Algumas bolsas parecem já ter visto muita coisa, cheias de adesivos e broches, talvez herdadas de pais ou irmãos que também serviram.

Uma pontada atravessa meu peito quando penso no kit militar do meu pai. Minha mãe devolveu tudo ao exército para reutilizarem. Falou que não aguentava olhar para aquilo. Eu queria ter algo dele comigo agora.

Encontro a fila de registro e vou para o fim, atrás de um garoto que não deve ser muito mais velho que Saela, ainda mais magro que os meninos do Leste e do Sul. Suas botas estão tão finas e gastas que não devem resistir a mais de um dia de marcha.

Ele sente meu olhar e me encara, fazendo cara feia. Viro o rosto depressa.

A fila avança devagar. Finalmente saímos do ar gelado e entramos numa das longas tendas, cujas abas retêm o calor dos corpos e um pouco da quentura das fogueiras do lado de fora, e logo alguns recrutas começam a tirar os casacos.

Eu mantenho o meu. Não faz sentido ficar confortável sem saber para onde estamos indo nem o que nos espera.

O oficial atrás da mesa mal levanta os olhos quando finalmente chega a minha vez.

— Nome — diz ele, num tom entediado.

— Meryn Cooper.

Ele passa o dedo pela lista em um livro de capa de couro e rabisca algo ao lado do meu nome.

— Achei você. Volte para o pátio e aguarde mais instruções em breve.

Ao sair, cruzo o olhar com a mulher atrás de mim, que parece assustada. Dou de ombros e sigo em frente.

Do lado de fora, a neve começou a cair de novo, fina, e os recrutas que devem ter vindo do Sul parecem cada vez mais desconfortáveis com seus casacos finos demais. Aqui em Tempesgelo o inverno nunca acaba, mas nos feudos mais próximos da fronteira é sempre outono.

Aperto o casaco em volta do corpo, agradecendo, ainda que a contragosto, por todo o dinheiro que Lee gastou com minhas roupas e equipamentos. Sem a ajuda dele, eu provavelmente estaria com o mesmo casaco velho que herdei dos vizinhos anos atrás. Também estaria com as mesmas botas gastas que uso todo dia. Minhas vestimentas novas são estranhas, mais sofisticadas do que às que estou acostumada, mas são quentes, e tenho a sensação de que isso logo vai ser a única coisa que vai importar.

Eu me encaminho até o grupo cada vez maior de recrutas e observo os arredores. Muros imponentes se erguem sobre os alojamentos e tendas, tão grossos quanto alguns becos do Leste. Guardas caminham de um lado para o outro em intervalos regulares. Alguns vigiam o lado de fora, mas outros estão claramente atentos ao lado de dentro, em nós.

Um calafrio que não tem nada a ver com o clima gélido percorre meu corpo. Eles não estão aqui apenas para manter outras coisas do lado de fora — os muros servem para nos manter do lado de dentro.

Mas, afinal, o que eu faria se descobrisse só agora para onde estamos sendo levados?

Os recrutas ao meu redor param de falar, um silêncio repleto de

expectativa, e volto a atenção para o grupo. Além da multidão de jovens, vejo um dos oficiais da tenda subir em uma plataforma de madeira e acenar com os braços. Ele segura um megafone.

Quando todos se calam, ele leva o amplificador à boca e a voz dele explode no ar:

— Parabéns, recrutas! Vocês foram escolhidos para participar dos Ritos de União.

Algumas pessoas perto de mim arfam, e um garoto mais novo à minha esquerda murmura:

— União? Mas... isso não é...

Ele é cortado pela voz do oficial.

— Em dez minutos, começaremos a subida até o monte Mata-Lobo. Esta noite vocês vão montar acampamento lá, é a introdução de vocês ao exército. Cada um receberá uma barraca e um kit padrão, e um cadete acompanhará cada grupo para mostrar como preparar tudo.

Ao meu redor, alguns levam as mãos ao rosto, perplexos; uma garota começa a chorar de soluçar.

Acho que os boatos sobre as mortes durante os Ritos de União já chegaram aos feudos mais distantes.

— Amanhã bem cedinho terá início a Ascensão, o primeiro dos Ritos. Cada um de vocês receberá o maior privilégio que nosso país pode conceder: a chance de ser unido a um lobo-gigante. Quem não conseguir uma união bem-sucedida... — ele faz uma pausa, e ouço as palavras que pairam no ar: quem não conseguir uma união bem-sucedida *e* sobreviver. — ... será trazido de volta para cá depois da Ascensão para embarcar para as linhas de frente, onde receberá treinamento.

O som estranho de uma corneta reverbera na neve rodopiante.

— Sigam para a tenda próxima ao muro sul para pegar o equipamento e mais suprimentos, se precisarem — conclui o oficial. — Boa sorte.

Uma mulher se volta para mim, com os olhos arregalados de pavor.

— Ouvi dizer que muita gente morre nisso. — A voz dela falha. — Eu quero lutar, ajudar na frente de batalha... Não quero morrer no meu primeiro dia.

Assinto, embora eu já soubesse o que me aguardava. Mas essa história de ser Unida a um lobo-gigante? *Com toda a certeza* não foi para isso que me alistei. Não preciso de mais nada me atrasando na busca por Saela. Quanto mais tempo isso levar, maior a chance de que minha irmã acabe ferida...

Ou pior.

— Parece que a tenda de equipamentos é por ali — comento, para me distrair dos meus próprios pensamentos. — Melhor a gente ir antes que peguem as melhores coisas, né?

A mulher vai comigo até lá.

— Eu me chamo Alessandra — diz ela, e eu me apresento também. — Você não acha que a gente deveria pelo menos receber um treinamento antes de... antes da Ascensão?

Nossa conversa é interrompida quando chegamos à tenda e uma equipe de guardas e oficiais nos encaminha para filas diferentes.

Aqueles que estão com roupas apropriadas para o frio são encaminhados para a fila em que já podem pegar suas barracas e equipamentos de imediato. Os outros — os de roupas puídas e sapatos gastos — são mandados para outra fila, onde há uma mesa em que algumas peças de roupa e calçados já estão reviradas.

Sou direcionada para a fila das barracas e pego meu equipamento em silêncio. Ganho uma bolsa com uma barraca que parece pequena demais para conter algo que de fato vá me proteger das intempéries, um pacote de ração que parece dura feito pedra e uma caixa que pelo barulho deve conter uma panela, uma colher e um acendedor de fogo.

Os cantis fedem a mofo, e eu passo direto por eles, preferindo

ficar com o que eu trouxe.

De volta ao ar livre, os recrutas são conduzidos para fora por um portão lateral que antes estava trancado. Entro na fila, e contornamos a lateral oeste do castelo. Visto desse ângulo, o castelo parece diferente. Percebo que até hoje só o tinha visto de um lado. Do meu bairro, tudo que enxergamos é a muralha externa maciça e duas enormes torres de guarda com janelas estreitas e ameias no topo.

Desse ângulo, no entanto, conseguimos ver além das fortificações: torres mais elegantes que furam o céu, algumas conectadas a outras por passarelas ou por enormes prédios de pedra. As torres centrais são mais altas e têm telhados pontiagudos que tremulam uma bandeira com o brasão real. O castelo é feito da mesma pedra cinzenta com que boa parte da nossa cidade foi construída, mas cada parede parece ter muitos metros de espessura.

Deixo escapar um sorriso amargo quando me dou conta do que estou prestes a ver pela primeira vez: a famosa Cidade Unida de Tempesgelo.

Outras pessoas chegam à mesma conclusão quando contornamos o castelo, e murmúrios começam a se espalhar pelo grupo.

Em alguns aspectos, o lugar não parece tão diferente da cidade que conheço tão bem. As mesmas pedras cinzentas e negras formam muros, ruas e pontes; a mesma neve cai rodopiando do céu acinzentado.

Mas a neve... parece sumir antes de tocar o chão. Nada se acumula, nem gelo, nem aquela lama marrom imunda de casa. Como se de algum modo o solo fosse aquecido por baixo.

E as próprias construções me causam certo estranhamento, então percebo que... todas são limpas, impecáveis, sem qualquer mancha de fuligem ou sujeira, ao contrário das que se espalham pela nossa cidade. As paredes brilham, cravejadas de incontáveis

janelas, com vidros tão lisos e claros que cintilam como cristal sob o sol da manhã.

Nosso caminho não nos leva para dentro da Cidade Unida, apenas ao redor dela, mas mantenho os olhos fixos no lugar, absorvendo cada detalhe que consigo ver: varandas de pedra esculpida, algumas com grades trabalhadas em ferro, outras inteiramente fechadas por vidro, como lanternas gigantes.

Estátuas adornam com naturalidade as fachadas dos prédios — rostos de lobos rosnando, de homens e mulheres impassíveis, corpos retorcidos de outras feras da floresta.

Há edifícios enormes que devem ser do tamanho do meu quarteirão inteiro, mas que parecem ter apenas uma porta principal. Será que uma única família mora em cada um?

Em determinado momento, uma família Unida sai por uma dessas portas, envolta em peles macias e luxuosas. O homem carrega a filha pequena nos braços, e ela se mexe e ri, o som cristalino mesmo a várias ruas de distância. A cortina de cabelos castanhos da menina me faz pensar em Saela, e por um momento fico parada, hipnotizada.

O pai ergue a filha no ar, e a menina grita de alegria. Então os dois percebem nossa presença, e logo o pai coloca a filha nos ombros e se aproxima do caminho em que estamos, do outro lado da cerca baixa que separa a Cidade Unida da mata selvagem. Eles vêm na nossa direção e param a apenas um quarteirão de distância.

Não consigo desviar os olhos da garota. Seu rosto é redondo, corado. Ela nos observa com uma curiosidade viva.

Parece nunca ter passado fome ou sentido medo de ser sequestrada pelos Levadores.

O que torna essas pessoas tão especiais a ponto de terem acesso a isso tudo? Eles que se fodam.

— Continuem andando!

A ordem áspera me sobressalta, e eu volto a me mover pela

trilha que se afasta da Cidade Unida e entra em uma densa muralha de árvores.

As horas passam devagar. Estou acostumada a passar o dia inteiro em pé, mas geralmente não é no meio do frio cortante da mata. Alguns recrutas estão claramente sofrendo, seja por não terem preparo físico para uma marcha forçada como essa ou por estarem com roupas ou sapatos inadequados.

A cada clareira na mata, todos semicerram os olhos em direção ao monte Mata-Lobo, mas ele nunca parece estar mais perto.

Enquanto fazíamos compras, Lee repetiu várias vezes como seria importante ter aliados durante a Ascensão. Foi um dos conselhos que decidi ignorar. Costumo me virar muito bem sozinha.

Mas agora, vendo Alessandra tremer e tropeçar, não consigo evitar o desejo de ajudá-la. Puxo um suéter extra da minha mochila e a incentivo a vesti-lo por baixo do casaco.

— Obrigada — sussurra ela, e me dá um sorriso.

Espero que alguém retribua minha generosidade caso eu precise.

— De onde você é? — pergunto para Alessandra, puxando papo para nos distrairmos do frio.

— Noitínio — responde ela, vestindo o suéter. — Temos nevascas de vez em quando, mas o clima é mais ameno por lá.

Franzo a testa. É difícil imaginar temperaturas amenas tendo passado a vida inteira nesse frio melancólico.

— Amenas, tipo... mais quentes?

Ela dá de ombros, um leve sorriso surgindo em seu rosto.

— Às vezes. O clima costuma ser equilibrado. No começo da manhã é mais gelado, mas lá por volta do meio-dia já está ensolarado o bastante para ficar só de suéter. É bom para as plantações. Grande parte das maçãs de Noturna vem da gente.

— Você produz?

Alessandra solta uma risadinha, o sorriso se alargando.

— Bom, não é como se grande parte viesse *de mim*, mas, sim, minha família é dona de um dos vários pomares de maçã. Vou assumir os negócios quando sair do exército.

Uau, um pomar. Acho que Alessandra não tem noção da sorte que tem, de poder cultivar alimentos e sustentar a família com a terra onde vive.

— Parece delicioso.

Meu estômago praticamente ronca em concordância.

Quando enfim chegamos à base da montanha, meus pés estão doloridos dentro das botas novas — que, apesar da boa qualidade, ainda precisam ser laceadas —, mas pelo menos estão quentes e secos, o que é melhor do que a situação de muitos recrutas. Tiro as mochilas dos ombros e massageio o pescoço com as mãos rígidas.

Demoro um instante para perceber que não fomos os primeiros a chegar.

Outro grupo de recrutas já está aqui, com as barracas montadas. Todos parecem se conhecer, e muitos estão vestidos com peles iguais às que vi na família horas atrás, na Cidade Unida.

São filhos de Unidos, percebo. Os que anseiam por um Rito de União para que possam tentar conquistar o que chamam de direito nato, tentando vencer a montanha e os lobos-gigantes no topo dela.

Provavelmente eles nem tiveram que se apresentar no posto de recrutamento como nós, os plebeus. Já começaram a aproveitar seus privilégios antes mesmo de chegarmos.

Mantenho as mãos ocupadas com a bolsa da barraca, tirando estacas e lona, mas não consigo desviar os olhos dos recrutas Unidos.

Eles são mais altos que a maioria de nós — normalmente eu me destaco em altura entre as mulheres, mas todos ali têm pelo menos uns centímetros a mais do que eu. As roupas são mais coloridas do que as nossas, tingidas em tons profundos, mais vivos do que os de

qualquer tecido da cidade.

Duas das mulheres parecem imagens espelhadas uma da outra — devem ser gêmeas. Têm uma pele marrom-clara luminosa e olhos grandes e escuros. A única diferença está nos cabelos pretos e lustrosos; uma está com os longos fios trançados nas costas e a outra usa um corte moderno na altura do queixo. Observo as duas fazerem sinais uma para a outra, os rostos expressivos. Estão se comunicando inteiramente por gestos, percebo.

Outros se reúnem em volta de uma fogueira, rindo e se cutucando, e noto que alguém está cozinhando para eles — eles trouxeram *criados*.

Um dos homens perto do fogo se vira para nos observar e nota que eu os encaro. O rosto dele se contorce em uma careta de deboche. Não é difícil adivinhar o que pensa de nós, recrutas que não nasceram em berço de ouro.

Uma parte enorme minha quer ir lá arrumar briga, mas sei que vou precisar de todas as minhas energias para a tarefa de amanhã.

Eu me forço a desviar o olhar.

Alessandra me chama.

— Este lugar aqui deve ser bom, não acha?

É bem plano, o que é bom, e um denso emaranhado de galhos logo acima nos protege parcialmente da neve.

— Viu como o terreno é um pouco mais alto aqui? — Ela aponta. — Isso deve ajudar para nos mantermos secas... ou tão secas quanto possível, ao menos. Se a neve virar chuva, a água vai escorrer, e não se acumular ao redor das barracas.

— Bem pensado — concordo, e começamos, com dificuldade, a montar a barraca de Alessandra.

Quando terminamos e eu vou pegar a minha para fazermos o mesmo, ela estende a mão.

— Espera — diz, num tom firme, e para ao lado da barraca.

— Acho que... nós duas caberíamos aqui dentro.

Arqueio as sobrancelhas, achando graça da sugestão.

— Não assim! — Alessandra fica vermelha, mas continua falando: — O que eu quero dizer é que já está bem frio e o sol ainda nem se pôs. Vai ser uma noite congelante. Nossos corpos juntos vão produzir mais calor para a barraca reter. Acho que pode ser melhor assim — conclui ela, baixinho.

— Você tem toda a razão.

Alessandra não é forte como eu, mas está provando que é esperta.

Uma aliada tão boa quanto qualquer outra.

Depois de conferir cada estaca uma última vez para garantir que tudo está firme, Alessandra e eu jogamos nossos sacos de dormir lá dentro e seguimos em direção a uma fogueira que alguns recrutas de origem comum acenderam.

Quando nos veem, acenam para que nos juntemos a eles, e Alessandra se senta de imediato. Eu fico de pé por mais um instante, estudando os rostos deles.

Um rapaz magro, mais jovem — na verdade, quase um garoto, com quase nenhuma barba no rosto. Uma mulher robusta com o cabelo todo trançado. O terceiro se levanta quando nota meu olhar, se aproxima e estende a mão.

— Sou o Henrey.

Ele parece ter uns vinte e poucos anos, cabelo castanho-claro bem curto, olhos azuis sérios e músculos densos escondidos sob as roupas de inverno. Sua voz e sua postura exalam confiança.

— Meryn — falo, apertando a mão dele. — E essa é a Alessandra. Como estão se sentindo em relação a tudo isso?

— Empolgado — responde Henrey sem hesitar, exultante, pulando levemente na ponta dos pés.

Alessandra e eu nos entreolhamos, confusas, enquanto ela se acomoda.

— Eu ouvi errado? — pergunto, me dirigindo aos outros

recrutas encolhidos ao redor da fogueira (será que eles também acham esse Henrey meio desajuizado?). — Você está mesmo empolgado em apostar a própria vida na escalada de uma montanha íngreme e quase impossível de sobreviver?

— Treino para isso desde criança, lá em Baixada das Flores — responde ele, todo sério, mencionando um feudo distante à beira-mar. — Vou me tornar um Unido.

— Esse cara é maluco — murmuro para Alessandra, e me jogo ao lado dela.

Quase gemo de alívio por finalmente tirar o peso dos pés.

— Conta pra ela o que você falou pra gente, Henrey — incita a mulher de tranças. — Sobre os caminhos.

— Os recrutas das famílias Unidas vão direto para a montanha, competindo para ver quem chega primeiro ao topo. Matam uns aos outros, se for preciso. Há um número limitado de lobos e muitos candidatos que querem ser unidos. Os lobos escolhem seus cavaleiros dentre o grupo que alcançar o cume primeiro.

Ele volta a me encarar, com uma expressão de puro fascínio.

— Mas tem um jeito de sobreviver a isso — continua, claramente adorando a atenção. — Um caminho mais longo, só que mais seguro. Antigamente todo mundo subia por ele, mas, como a quantidade de lobos-gigantes tem diminuído, os recrutas das famílias Unidas começaram a procurar rotas mais rápidas... e muito mais perigosas. Quem não quiser se unir pode tomar o caminho lento até o topo.

Alessandra se inclina para a frente, ansiosa.

— E você conhece esse caminho? — pergunta.

— Conheço. Mas não vou por ele.

Levanto a voz para que todo o círculo ouça e aponto com o queixo para Henrey.

— Existe um caminho mais seguro, mas ele prefere colocar a própria vida em risco por um ritual idiota com lobos, a que só os

filhos das famílias Unidas têm chance real de sobreviver?

— Quem não se arriscaria pela chance de mudar a sorte da própria família por gerações? — A expressão de Henrey perde a teatralidade, e eu enxergo seu verdadeiro anseio, aquele que se esconde sob a superfície. Ele lança um olhar para a clareira onde os recrutas Unidos estão, isolados do resto. — Olhe para eles. Você não gostaria que seus irmãos, seus pais, seus filhos vivessem daquele jeito?

Franzo os lábios. Henrey tem razão. Será que eles têm acesso a remédio com os quais nem sonhamos? Coisas que talvez pudessem ajudar minha mãe?

Mas minha irmã... Eu preciso estar na frente de batalha para encontrá-la. Não vou conseguir resgatá-la se ficar mais preocupada em me enrolar em peles luxuosas e fingir ser uma soldada de elite. E vai saber quanto tempo os Ritos ainda podem durar?

Se eu morrer durante a Ascensão, aí é que não vou poder ajudar minha irmã mesmo.

— E se a gente chegar ao topo, mas nenhum dos lobos-gigantes quiser ser unido a nós? — Alessandra parece pensativa, e então horrorizada. — Eles vão... devorar a gente?

— Os lobos só escolhem cavaleiros que querem ser escolhidos — falo, repetindo o que Lee me contou.

Se eu chegar lá em cima e ainda houver lobos não unidos, tudo que preciso fazer é repetir mentalmente que não quero me unir a nenhum deles, e eles vão me deixar ir embora. Foi isso que entendi da explicação de Lee, pelo menos.

Todos se viram para mim, pegos de surpresa pela informação.

— Eu conheço um mensageiro real — comento, oferecendo parte da verdade. Parece inútil ter uma informação dessas e guardá-la só para mim, quando posso salvar a vida de outras pessoas. — Ele me preparou para o que poderia acontecer. Os lobos *não* vão nos comer. Se não formos escolhidos, eles nos deixam ir.

Estou contando com isso. Não posso permitir que nada me atrase. Lá no fundo, sei que encontrar minha irmã é uma corrida contra o tempo.

— Bom, eles não vão me escolher — afirma a mulher das tranças. — Então eu gostaria de ouvir sobre esse caminho mais longo até o topo, se não se importam.

Todos nos acomodamos em nossos assentos improvisados, aproximando as mãos e os pés do fogo para descongelá-los e dando um jeito de mastigar as rações duras como pedra enquanto ouvimos as instruções de Henrey.

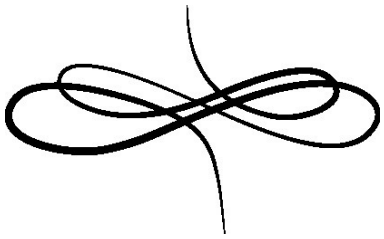
Olho novamente ao redor da fogueira enquanto ele fala, estudando cada rosto, reparando nos equipamentos de caminhada precários que usam, no cansaço estampado em suas expressões.

Por favor, que ao menos alguns deles sobrevivam ao teste de amanhã. Eu sei que vou conseguir passar, mas tantas vidas sacrificadas por causa de um Rito ridículo... é um desperdício.

Ao longe, em algum lugar das montanhas, um lobo-gigante uiva.

O som ecoa como um aviso nos meus ouvidos.

7



Não é difícil acordar antes do amanhecer no dia seguinte. Eu já estava deitada de olhos abertos havia pelo menos uma hora quando os outros começaram a se mexer nas barracas.

Alessandra não estava errada. Tenho certeza de que contar com o calor dos nossos corpos juntos foi de grande ajuda, mas ainda assim o frio foi de rachar, e não importava quantas vezes eu me virasse, era impossível evitar as pedras e raízes que machucavam minhas costas.

A Gata de Rua durona já era. Foi derrotada por uma raiz de árvore e um pouco de frio.

Chuto o saco de dormir para o lado e balanço de leve o ombro de Alessandra. De alguma forma, ela conseguiu cair em um sono profundo durante a madrugada, o que fica evidente pelo ronco agudo.

Ela abre os olhos no mesmo instante e, pela forma como eles se movem de um lado para o outro, percebo que está tendo dificuldade em lembrar onde estamos e o que vem pela frente.

— É hora de se preparar para a Ascensão — falo. — Acorda, princesa.

As pessoas já começaram a se movimentar do lado de fora. Henrey desmonta a barraca com eficiência. Quando nossos olhares se cruzam, ele acena com a cabeça.

Com as mochilas nas costas, avançamos com dificuldade até o

centro da clareira, onde um enorme grupo de recrutas está se reunindo. É difícil ter certeza porque não consigo ter uma visão completa do grupo, mas, entre plebeus e recrutas de famílias Unidas, parece haver centenas de nós, talvez até mil.

Todo mundo está tremendo. A luz pálida da alvorada atravessa as agulhas dos pinheiros e ilumina rostos exaustos, mas é impossível não notar como os recrutas Unidos estão muito mais bem preparados.

As irmãs gêmeas estão com as bochechas coradas pelo frio, mas conversam rapidamente usando as mãos, uma rindo do que a outra sinaliza, muito mais alertas e animadas do que qualquer outra pessoa perto de mim.

— Eu também estaria rindo se tivesse um daqueles casacos grossos pra me aquecer — murmura Alessandra, só pra mim.

Faço uma careta de deboche para ela.

— Ou se tivesse treinado para isso?

Os recrutas ricos exibem grampos antiderrapantes reluzentes presos às botas e carregam cordas bem engraxadas enroladas no ombro. Muitos balançam picaretas de gelo para a frente e para trás, já se aquecendo para a escalada, e dá para ver que têm familiaridade com aquelas ferramentas potencialmente letais.

Por sorte, Lee conhecia o ritual e me equipou direito. O material que encontramos em Tempesgelo não é tão bonito quanto o deles, mas parece bem mais resistente do que o distribuído pelo exército.

Várias mesas tortas de acampamento estão armadas em frente ao nosso grupo, cheias de equipamentos de escalada velhos para aqueles que não trouxeram as ferramentas necessárias. Todos mantêm distância, então devem ter recebido instruções para não pegar nada ainda.

Eu me abaixo para tirar os grampos antiderrapantes da mochila, coloco-os nas botas e jogo a mochila de volta nos ombros. Se os recrutas Unidos já estão com os deles, deve fazer sentido eu

também colocar os meus agora.

Tentando chamar o mínimo de atenção, eu ajusto as alças da mochila para me certificar de que o peso esteja bem distribuído.

Grupos de recrutas pairam próximos às mesas, tentando identificar o que agarrar na hora certa. Outros se agacham para ajeitar o próprio equipamento, reorganizando coisas nas mochilas e tagarelando, nervosos.

De repente, uma corneta ecoa alto e todos se calam, procurando a fonte do barulho — mas é impossível não ver. Na base da montanha, dois cavaleiros Unidos estão montados em seus lobos-gigantes, imponentes sobre a multidão. Uma é mulher, e o outro é...

O oficial que eu tinha visto no Mercado Central, aquele que arrastava um desertor atrás de si. A máquina de matar psicótica com um olhar apagado.

Ele segura um megafone e lança um olhar furioso para todos nós, montado em seu imenso lobo-gigante negro.

Desta vez consigo observá-lo melhor, já que não estou distraída com a visão do lobo dilacerando um ser humano.

Ele é ainda mais alto do que eu lembrava, com ombros largos, pele marrom-clara e cabelos escuros surpreendentemente desgrenhados para alguém tão visivelmente contido. Usa couro de montaria e peles, mas mesmo daqui consigo ver os braços musculosos, fortes o bastante para matar um homem com as próprias mãos.

E é bem capaz que ele já tenha feito isso.

Esse pensamento me faz reparar de novo nas mãos dele, agora cobertas por luvas. Eu me lembro da facilidade com que ele ergueu aquele desertor no ar, como aquelas mãos cobertas de tatuagens cravaram a faca no homem e arrancaram suas tripas em questão de segundos.

Um monstro assassino, com toda a certeza.

Ele é de uma beleza brutal, as sobrancelhas grossas e os lábios fartos repuxados em um sorriso arrogante ao observar a multidão. Não é justo que todos os Unidos sejam tão... gatos. Até mesmo os babacas como esse aí. Ele volta a falar no megafone.

— Bom dia. Para aqueles que ainda não me conhecem... — Nesse ponto, seu olhar percorre o lado da multidão formado pelos plebeus esfarrapados. O desdém na voz deixa claro seu pensamento sobre quem não o reconhece de imediato. — Eu me chamo Stark Therion, Alfa da alcateia Daemos e um dos instrutores nos Ritos de União deste ano.

Pelo visto deveríamos agir como se estivéssemos impressionados, a julgar pelas risadinhas animadas que percorrem o grupo dos Unidos.

Que bom pra você, tenho vontade de responder, irritada com o tom autoritário dele. *E eu sou a Rainha da Montanha de Merda*.

Ele se ajeita no lobo. Seus movimentos são agressivos, precisos.

— Ser Unido exige grande sacrifício. Os lobos-gigantes vivem nesta serra desde antes do início da nossa história. Sempre foram nossos aliados, mas, antes de serem unidos, precisam de provas de que o humano escolhido é... *digno*.

Os olhos dele percorrem a multidão. Tenho a sensação de que está avaliando o nosso valor e julgando que somos indignos.

— Como manda a tradição, qualquer recruta do exército tem a chance de se unir. — Pelo tom dele, fica óbvio que acredita que ninguém além dos filhos de famílias Unidas será considerado digno. — Geralmente há cerca de cem lobos prontos para a união, e vocês estão em pelo menos mil. Os lobos vão escolher entre os primeiros que chegarem ao pico, então não percam tempo.

Ele abre um sorriso malicioso, mostrando os dentes, tão lupino quanto a fera em que está montado.

— Façam o que for preciso para chegar primeiro ao topo.

Alguém do lado das famílias Unidas solta um grito de

comemoração, e alguns rapazes ao redor riem. Alessandra e eu nos entreolhamos, apreensivas. Esse homem está basicamente dizendo para nos empurrarmos montanha acima no caminho até o topo.

Ainda bem que nós duas planejamos seguir pelo caminho mais longo, de preferência bem longe de qualquer conflito.

Murmúrios percorrem a multidão conforme outros recrutas plebeus chegam à mesma conclusão que nós duas. O homem nos silencia com um assobio estridente, amplificado pelo megafone.

— *Todos* devem tentar a Ascensão, a pedido dos lobos-gigantes. Beta Egith — ele aponta para a mulher ao lado dele — e eu estaremos aqui para garantir que vocês subam a montanha. Nossos lobos estão longe da frente de batalha há dias e estão entediados. Vão se divertir tanto quanto a gente perseguindo vocês. E vocês não vão querer que isso aconteça. E, acima de tudo, não vão querer que a gente alcance vocês.

A ameaça me causa calafrios. Ou subimos a montanha por conta própria, ou esse vilão de carne e osso e seu cão infernal vão nos caçar, e é bem provável que nos matem.

— Lembrem-se! Os lobos-gigantes não são monstros nem são burros. São criaturas perigosas, sencientes, e merecem o máximo de respeito.

Stark passa o amplificador para a mulher chamada Beta Egith, que ergue a mão e fala:

— Em frente, recrutas! Que a Ascensão comece.

O caos irrompe de imediato. O grupo da Cidade Unida dispara como um raio. Enquanto isso, dezenas de recrutas plebeus se atiram sobre as mesas de equipamento. Alguns pegam uma ou duas peças que estavam de olho e saem rápido, mas outros tentam vasculhar melhor os equipamentos; brigas irrompem por cima das mesas conforme duas ou três pessoas tentam agarrar o mesmo item.

Perto de uma das mesas, um grito de dor ecoa, depois é

rapidamente abafado.

Respiro fundo, tentando me firmar diante da verdade nua e crua deste dia: pessoas vão morrer.

Alessandra me olha em pânico e começa a se mover, tentando abrir caminho pela multidão. Seguro o braço dela.

— Espera, Alessandra — falo. — Pare pra pensar. Nós precisamos ficar juntas, cuidar uma da outra.

A pele dela já está gelada debaixo do casaco fino.

— De jeito nenhum — dispara ela, com um tom áspero. Eu recuo. Sua voz está tomada pelo medo e por algo mais sombrio, que beira o desespero. — Não posso colocar minha vida nas mãos de ninguém, nem mesmo nas suas.

Ela se vai antes que eu consiga falar qualquer coisa. Fico parada, observando-a se afastar. Não consigo acreditar. Outros recrutas se aglomeram atrás dela, procurando o caminho mais lento que Henrey tinha mencionado.

— Que a Deusa te proteja — murmuro, e me viro para procurar o melhor caminho para seguir, longe do amontoado de pessoas.

Contornando a clareira, reparo que o fluxo de recrutas se divide em dois: os altos e bem equipados seguem direto para uma encosta rochosa e íngreme e os outros seguem para o que parece ser uma trilha à esquerda.

Eu me encosto em uma árvore, esperando o caminho esvaziar um pouco. Não estou interessada em competir. Tanto faz se vou chegar rápido ao topo.

Mas não quero estar no caminho de algum idiota apavorado que vai acabar me atingindo com uma picareta sem querer.

Ou talvez não tão sem querer assim. À minha esquerda, um grito agudo chama minha atenção, seguido pelo som de alguém sufocando.

É um som que já ouvi algumas vezes antes, no ringue. O momento em que alguém perde a esperança depois de um golpe

brutal. E parecia vir de uma mulher.

Merda.

Contrariando o bom senso, abandono a segurança da minha cobertura e me viro, tentando achar a fonte do barulho.

Meus olhos varrem as pessoas correndo, procurando por um ou dois segundos antes de finalmente encontrar: a garota linda da noite passada, uma das gêmeas de uma família Unida, a de cabelo mais comprido, está caída no chão, e um homem de cabelo escuro, também um dos ricos Unidos, está em cima dela.

Ele a estrangula.

Vejo tudo vermelho e corro em direção aos dois sem pensar, meu corpo instintivamente se preparando para lutar, os músculos tensionados.

— Vou adorar isso, sua vadia. — Escuto o homem dizer ao me aproximar, embora ele ainda esteja de costas pra mim. O sujeito prende a mulher com uma mão e a sufoca com a outra, e ela ofega. — Acha que é boa demais pra mim? Pois vai ser a última coisa que você vai pensar na vida.

Ele mal tinha acabado de fazer seu discursinho quando eu o acerto com um chute bem na cara.

Tinha me esquecido dos grampos de metal na minha bota, e eles rasgam a carne da bochecha do homem com brutalidade, abrindo um buraco e arrancando a parte de cima da orelha. O impacto o lança para o lado, e ele cai no chão, libertando a mulher.

— Que *porra*... — rosna ele, virando-se para mim ao se levantar.

Seu rosto, antes lindo, agora está destruído, a bochecha uma massa de carne amassada. Eu até poderia falar que me sinto mal por isso, mas, não, não me sinto.

Ele enfia a mão sob as peles, e só me resta presumir que está procurando por uma faca. Antes que consiga pegá-la, meu outro pé já está no ar, e a ponta da bota acerta bem o saco dele.

O gemido sufocado que escapa dele é a coisa mais satisfatória

que ouvi o ano inteiro.

Aproveitando o embalo, derrubo-o no chão e o prendo firmemente com os dois joelhos. Encosto minha pequena adaga, sempre escondida na manga, no pescoço dele.

— Quando você levantar, é melhor correr. — Minha voz sai calma, quase agradável. — Ou eu arranco suas tripas.

Salto de cima dele e recuo, indo às pressas verificar o estado da mulher e ter certeza de que não está seriamente ferida, mas sem tirar os olhos dele caso tente algo.

Mas ele entendeu o recado. Sai se arrastando, o sangue escorrendo da ferida na bochecha, pingando grosso e viscoso pelo casaco de pele.

— É melhor vocês torcerem para morrer durante a Ascensão, suas putas. Porque, se sobreviverem, eu vou estar esperando, e o meu lobo vai fazer picadinho de vocês.

Uma bela ameaça vinda de alguém que estava caído na lama. Espero até ter certeza de que ele foi embora antes de me virar para a mulher.

Ela se levantou e está limpando a terra e a neve das roupas, respirando com dificuldade.

Nossos olhos se encontram.

— Obrigada — sussurra ela.

Nesse momento, a irmã reaparece ao seu lado.

— *Izabel* — chama a irmã de cabelo curto, o rosto pálido de medo. — Eu virei e você sumiu.

As mulheres se abraçam rapidamente e se afastam, dando espaço para que suas mãos se movam velozes em um padrão de comunicação impossível de acompanhar. Meus olhos vão de uma para a outra, atordoados com a rapidez da conversa.

Interrompendo um movimento, a irmã de cabelo curto se vira para mim. De perto, é a cópia exata da gêmea — mesma pele marrom-clara e luminosa, mesmos olhos escuros. A única

diferença é o cabelo na altura do queixo.

— Desculpe, você não entende nada do que estamos dizendo. E você salvou a vida dela. Da minha irmã. — Ela respira fundo. — Eu sou a Venna. Essa é a Izabel. Tenho deficiência auditiva, então às vezes é mais fácil usar a linguagem de sinais. Obrigada por ajudar a Izabel. Eu achei... — Ela para de falar, os olhos se enchendo de lágrimas.

Izabel sorri para mim.

— Venna achou que seria o fim. Tivemos que nos preparar para o que poderia acontecer com qualquer uma de nós durante esse processo.

Sinto um aperto no peito. Conheço bem a sensação de perder uma irmã.

— Não foi nada — asseguro. — Não tenho nenhuma paciência para quem joga sujo e consigo farejar uma ratazana a léguas de distância. Fico feliz que você esteja bem.

Izabel começa a andar de um lado para o outro, encarando o ponto onde o homem havia desaparecido no meio da multidão. Seus olhos ardem de fúria.

— O nome *daquela* ratazana é Jonah. Ele me persegue desde que dei um fora nele, duas semanas atrás. Claro que tentaria me atacar aqui, antes mesmo da montanha. Desgraçado de merda.

Suas mãos se movem outra vez na direção da irmã, e Venna responde com sinais rápidos. Izabel se encolhe.

Eu abro meu cantil e tomo um gole, enxaguando a boca e pensando no que fazer em seguida. A multidão começa a se dispersar, então talvez seja minha deixa para pegar o caminho mais lento, ficando mais atrás, onde posso evitar idiotas ou ajudar quem se atrasar. Ajusto as alças das mochilas, guardo a adaga na bainha e me viro para me despedir das duas mulheres.

Izabel e Venna já estavam conversando de novo e, quando abro a boca para me despedir, Izabel se volta para mim e diz:

— Beleza, então. Você vai fazer a Ascensão com a gente.

Hm.

— Isso não é...

— Você salvou a vida da Izabel — conclui Venna. — Então agora vamos salvar a sua.

— Eu vou ficar bem — afirmo. — Vou pegar o caminho mais longo. Não quero saber de união nenhuma.

Izabel balança a cabeça com firmeza.

— Não é mais seguro, não mesmo. Ainda mais se você estiver sozinha. As pessoas estão apavoradas, com frio e com fome. Acabam descontando umas nas outras. É um banho de sangue. Sem falar nos canalhas como Jonah, que atacam alguns recrutas aqui e ali só para ver se conseguem saquear algum equipamento.

Franzo os lábios, olhando para a multidão cada vez menor.

Venna segura meu antebraço antes que eu continue protestando.

— Os números trazem segurança nessa escalada, confie em nós. Eu sei que você sabe se proteger. Vi como foi incrível quando Jonah atacou Izabel. Mas você precisa de alguém te dando cobertura.

Izabel assente com veemência.

Reflito sobre o que ela disse, inquieta, minhas botas rangendo no chão com os grampos de metal. Talvez elas tenham razão.

Afinal, eu queria seguir o conselho de Lee e subir a montanha com um aliado, e dá para ver que as irmãs seriam uma ótima escolha. As mochilas delas parecem novas e bem equipadas, e as duas têm a minha altura ou talvez um pouco mais, com ombros largos e pernas que parecem bem fortes. O jeito como se movem denuncia anos de treinamento, como dançarinas... ou gladiadoras.

Caramba, minutos atrás Izabel estava no chão debaixo do seu quase assassino e agora já está de volta em posição de combate, pronta para seguir em frente.

No entanto, acompanhar as duas seria ir contra todo o meu

plano. O vento se levanta num assobio cortante, chicoteando meu rosto, e viro a cabeça para suportar o impacto. Percebo que os dois Cavaleiros Unidos ainda esperam ao pé da montanha, observando enquanto os recrutas se dispersam.

Fico chocada quando noto que Stark Therion está com os olhos cravados em mim, com uma expressão nada menos do que maligna. Seu lobo-gigante e selvagem mostra os dentes e, mesmo sem ouvir à distância, sei que está rosnando para mim.

Uma certeza me atravessa: se eu seguir pelo caminho lento, aquele homem perverso e seu lobo perverso vão me caçar. A única forma de sobreviver é seguir por onde eles não possam vir.

Eu me viro para as gêmeas e falo:

— Pois bem. Depois de vocês, então.

Mal começamos e já estamos nos arrastando por cima de lajes gigantes de pedra, usando troncos e galhos para ganhar impulso sobre blocos imensos cobertos de gelo e neve. Esse caminho, se é que dá para chamar assim, não serpenteia a montanha como um trajeto feito por uma pessoa sensata.

Em vez disso, parece seguir direto para o alto.

Já ficamos para trás; marcas de botas, grampos de metal, bastões e picaretas sinalizam a trilha. Pedaços grandes de um tronco foram arrancados em um dos pontos de descanso, e todas nós encaramos as cicatrizes na madeira, em silêncio.

Em menos de meia hora, qualquer vestígio de trilha desaparece e é substituído por uma parede de pedra cinzenta mosqueada de gelo.

Venna e Izabel são como cenas espelhadas quando largam as mochilas no chão e começam a tirar o equipamento — cintos de segurança, cordas e um par de pequenas picaretas cada uma.

— Ah, merda — falo, observando as duas. — Eu até trouxe uma

corda, mas não esperava precisar de arnês nem de picaretas de gelo...

Lee não deve nem ter pensado nisso, já que eu não tinha qualquer motivo para subir a montanha do jeito mais difícil.

A boca de Venna se entorta num sorriso. Ela remexe na mochila e desenterra outro arnês, estendendo-o para mim.

— Sem problema.

— A gente trouxe um extra — explica Izabel. — Já ouvimos dizer que, bem... às vezes a maneira mais rápida de vencer alguém na subida é sabotar o equipamento da pessoa.

Aceito o arnês com cautela.

— E as picaretas?

— Vamos revezar — garante Izabel. — Venna pode começar sem. Ela parece uma aranha quando está escalando. A escalada livre dela é coisa de louco. Você vai ver.

Venna tira um par de luvas de couro maleáveis da mochila e as veste como se fossem uma segunda pele.

— Se vocês têm certeza... — Pego as picaretas das mãos estendidas de Izabel, amarro-as à mochila para conseguir acessá-las facilmente e ergo os olhos, com desconfiança, para as lajes de pedra e os blocos irregulares acima, salpicados de manchas de gelo negro escorregadio. — Só não consigo entender como alguém poderia subir isso, com ou sem equipamento.

Venna ri, um som surpreendente nesse cenário desolado.

— Sendo sincera, essa nem é a parte mais difícil. A parte mais difícil vai ser...

Algo grande despenca lá de cima, perigosamente perto, e nós pulamos para a esquerda. Ouço um baque horrível.

Um corpo.

Os restos despedaçados de uma pessoa estão a menos de um metro de nós. Algo quente e úmido escorre pelo meu rosto, e percebo que, com o impacto, o sangue dos ferimentos espirrou

como uma fonte macabra, atingindo nós três.

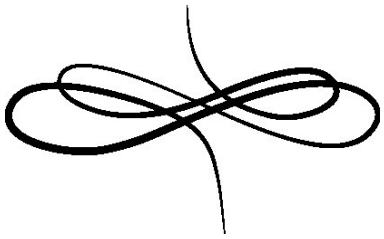
Ficamos imóveis, encarando o corpo.

O cadáver parece quase falso, com os membros retorcidos de uma forma nada natural, como a estátua de uma pessoa feita por alguém que nunca viu um humano antes. O sangue escorre de um ferimento enorme no peito e vaza da cabeça e da boca, ainda aberta com um último grito.

Eu o reconheço, percebo de repente. É o garoto da fogueira de ontem à noite, tão jovem que nem a barba tinha começado a brotar.

— Essa é a parte difícil. — Izabel enfim conclui a frase de Venna. — Os corpos. Ter que encarar os corpos.

8



Bem acima de nós ouvimos um grito, depois berros e o som de algo despencando mais à direita.

Já presenciei violência. Já *causei* violência. Por esporte, por dinheiro, às vezes para meu prazer.

Mas isso é diferente de tudo que já vivi. Esta, *esta*, é a nobre tradição cerimonial que os guerreiros Unidos precisam suportar?

É para isso que as famílias privilegiadas de Unidos enviam de bom grado seus entes queridos toda vez que há um Rito de União?

Outro grito ecoa entre a pedra e o gelo. Depois mais um. E outro.

Cerro os dentes e começo a escalar.

No início, Izabel abre caminho.

— Vamos revezar quem vai na frente e quem fecha a retaguarda — explica ela enquanto avançamos, com toda a tranquilidade do mundo. — Os dois papéis têm seus desafios. Mas, pra ser sincera, Venna com certeza é a melhor escaladora entre nós. — Ela sobe devagar e firme pela face rochosa. — Quer dizer, olha só pra ela.

Nós duas olhamos para baixo, para Venna. As luvas especiais de escalada permitem que ela encontre apoios até nas menores fendas da pedra. Subindo atrás de nós com uma graciosidade ímpar, ela parece quase um ser divino.

— Ela vai liderar quando chegarmos às partes mais complicadas.

Partes mais complicadas?, penso, ofegante com o esforço da subida.

Ótimo.

— Mas, para uma escalada dessas — continua Izabel —, é importante que a líder se mantenha descansada, focada. Por isso é bom revezar. Assim a gente se alterna entre explorar o terreno e, hum, ficar atenta a perigos.

Outro grito ecoa pela montanha, distante, à nossa esquerda, como se quisesse enfatizar suas palavras.

Seguimos em um silêncio sombrio.

Os corpos em queda diminuem conforme a manhã avança, provavelmente porque os grupos estão se espalhando e se concentrando em sobreviver à própria escalada. Ainda assim, de tempos em tempos, mais um grito corta o ar, e nós nos colamos com força à rocha irregular e gelada.

Vez ou outra sinto os corpos passarem perto de mim, criando um vento sombrio. Uma vez, o sujeito ainda estava vivo, e senti seu corpo tão próximo do meu que daria para tocá-lo. Ele chegou a roçar a mão em mim enquanto despencava, e aconteceu tão rápido que nem consegui reagir.

Não teria chegado até aqui sem as dicas de Venna, que grita instruções de baixo.

— Segure naquela fenda à esquerda e cuidado com o gelo à direita.

Sigo suas orientações com cuidado, morrendo de medo de dar qualquer passo em falso. Venna parece ter um intuição quase sobrenatural para identificar o caminho mais seguro. Meu respeito por ela só cresce.

Depois da segunda vez que Izabel para, examina a rota acima e começa a nos guiar por um trajeto diferente, grito para ela:

— Como você sabe o caminho? Para mim, parece tudo igual.

Ela faz uma pausa na escalada e apoia o braço numa saliência de pedra. Os pés se equilibram em uma pequena beirada, estreita demais para ser chamada de apoio. Com a outra mão ela pega o

cantil e toma alguns goles rápidos.

— Eles ensinam tudo isso pra gente — responde. — Quer dizer, para os que são de famílias Unidas. As famílias querem que a gente chegue ao topo. Treinamos para isso durante muito tempo, ouvimos histórias, recebemos instruções, conselhos...

Ela soa exausta. Abaixo de nós, Venna também faz uma pausa para examinar o terreno.

— E cada família tem os próprios truques — continua Izabel. — Dicas para entender quais rotas seguir. Marcos para observar. Compartilhar essas informações com alguém de fora da família... não é bem-visto.

— Então eu tenho sorte de ter vocês duas como guias — falo, num tom leve, me impulsionando para cima e parando ao lado dela.

Equilibro os pés com cuidado e me permito descansar por alguns segundos preciosos.

Quanto mais fico parada, mais o suor esfria na minha pele, fazendo a roupa grudar e parecer feita de gelo.

— Vamos lá? — brinco, como se estivéssemos fazendo uma caminhada tranquila ao entardecer.

Izabel ri e muda o peso do corpo... e a saliência em que ela apoiava os pés se rompe. Ela despenca em direção a Venna.

Dou um grito de alerta, mas Venna já está um passo à frente. Ela se firmou contra a rocha, com um braço sobre a cabeça para evitar ferimentos.

Fragmentos de pedra chovem sobre os braços e costas de Venna, mas o casaco dela é grosso e nenhum pedaço é grande o suficiente para causar um estrago real. Ela deve ficar bem.

Mas Izabel precisa da minha ajuda, e rápido. Está pendurada apenas pelo braço esquerdo, enfiado numa fenda entre as rochas, e tenta usar a mão direita para alcançar o próximo apoio, algo que a coloque numa posição mais segura, mas tudo que encontra é ar.

Entro em ação.

— Aguenta firme, aguenta firme.

Logo acima de nós há um espaço maior para descanso, e calculo depressa a rota menos perigosa até lá. Eu me lanço para cima com toda a força que meus músculos permitem.

— Corda, aqui em cima — aviso, dando uma volta em torno de uma árvore teimosa que de algum jeito sobreviveu aqui em cima, e jogo a outra ponta para Izabel.

Ainda bem que ela insistiu para que usássemos os arneses desde o começo, mesmo antes de chegarmos à escalada no gelo, onde seriam realmente indispensáveis. O rosto de Izabel está pálido e suas mãos tremem, mas isso não a impede de passar a corda rapidamente pelos aros do arnês com uma precisão impressionante.

Firmo os pés contra o tronco da árvore e uma saliência na pedra e puxo Izabel. Ela finalmente encontra outro apoio e consegue subir sozinha até onde estou.

Mal há espaço para nós duas na beirada, e o vento uiva mais forte, se embrenhando por cada fresta da minha roupa. Ainda assim, ofegantes e sorrindo uma para a outra, percebo que nunca amei tanto um pedaço de rocha na vida.

Momentos depois, a cabeça de Venna surge sobre a borda.

— Vamos seguir caminho para dar a Venna a chance de descansar nesta rocha linda e maravilhosa? — Minhas palavras saem entrecortadas, ainda estou tentando recuperar o fôlego.

Izabel concorda com um aceno de cabeça, e percebo o momento em que ela se recupera do susto de ter passado por uma experiência quase fatal. Ela desfaz o nó da corda ainda presa à árvore e a devolve para mim. Eu a amarro de novo no topo da mochila, ao alcance fácil do braço, enquanto Izabel começa a subir.

Só que, pouco depois, ela para outra vez, mais cedo do que eu esperava, considerando o ritmo que vinha mantendo.

Subo até ficar ao lado dela.

— O que foi?

Izabel está com a testa franzida, encarando a mistura traiçoeira de gelo, cascalho e uma enorme parede de pedra logo acima.

— Não era para ter terrenos assim nesta rota. Deve ter mudado desde a última vez que nossa família trouxe informações.

Ela olha fixamente para o caminho perigoso à nossa frente.

Examino o cume, procurando alternativas.

— Talvez... — começa ela, olhando para a esquerda, já preparando o corpo para se movimentar, mas então Venna, logo abaixo, grita:

— Espera, por aí não!

Izabel empalidece.

— O que foi?

— Venna viu algo que eu não percebi de imediato — responde Izabel. — Está vendo como a luz bate naquela parte do gelo? Não é grosso o bastante... Não precisa de muito para que tudo se solte.

Venna passa por nós com agilidade e abre uma rota pela direita, usando suas habilidades e instintos superiores de escalada. Ela assume a liderança por um tempo. Seguimos seus passos com cuidado, usando exatamente os mesmos apoios de mãos e pés.

Lee estava certo. *Eu não teria percorrido nem metade desse caminho sem aliados*, penso enquanto finalmente chego a uma saliência maior na face da montanha. *Que a deusa abençoe aquele homem lindo e seus conselhos.*

No entanto, ao encarar a muralha de gelo diante de mim, estremeço.

Não sei até onde vou aguentar, de verdade.

Fazemos uma pausa curta e nos esforçamos para ignorar o corpo retorcido de um escalador que passou aqui antes de nós. O cadáver está estirado na outra extremidade da plataforma congelada. Empurro um pedaço das rações duras do exército para dentro da

boca e aceito com gratidão quando Venna me oferece algo de sua mochila que parece carne-seca.

— Obrigada — falo, com sinceridade.

Ela apenas assente, prática, depois se levanta e estende a mão.

— Picareta?

— Ela vai te mostrar como usar as picaretas — explica Izabel. — E a técnica certa para a próxima etapa, já que agora a gente vai escalar quase que só gelo.

Elas passam facilmente uns vinte minutos me mostrando como usar os grampos da bota para travar o pé antes de remover a picareta e como testar a firmeza do gelo antes de apoiar meu peso. Puxamos a corda de volta, e as gêmeas me ensinam quais nós usar no meu arnês.

Espero que estejam certas sobre esses nós, porque já consigo imaginar o arnês cedendo, a queda rápida pelo ar gelado...

Sinto um gosto ácido no fundo da garganta.

Dez minutos depois de começarmos nossa lenta escalada pela muralha de gelo, o que eu temia acontece.

Estou tirando a picareta direita do gelo quando meus pés escorregam. Meu estômago se contorce em um movimento nauseante conforme o mundo some debaixo dos meus pés.

No ar, longe de qualquer apoio, pareço cair por uma eternidade e por um instante ao mesmo tempo, até que o arnês me segura. O impulso faz a corda me balançar como um pêndulo, e sou arremessada contra o gelo.

Todo o treinamento com Igor é o que me mantém calma, sem soltar as preciosas picaretas.

Meu ombro esquerdo grita de dor com o impacto, e ao lamber os lábios sinto o gosto de sangue. Devo ter esmagado o nariz contra a parede de gelo.

Mas ainda estou presa. Ainda estou viva.

Demoro alguns segundos para voltar a mim e entender os

conselhos que Izabel grita lá de cima, mas logo consigo firmar de novo os grampos no gelo, usar as picaretas, e voltar ao ritmo da escalada, pelo menos por alguns metros, o suficiente para aliviar a tensão nos arneses de Izabel e Venna e evitar que o gelo em que se agarram com desespero simplesmente desabe sob nosso peso.

Expulsamos o pânico e continuamos subindo.

Quando a adrenalina se dissipa, o cansaço toma conta. Estou acostumada a trabalhar pesado, a passar o dia em pé, forçando os músculos no serviço e depois treinando até tarde só para usá-los à noite.

Mas, ainda que na cidade faça frio, não se compara às temperaturas daqui. A parede de gelo devolve o vento contra nós, que chicoteia de todos os lados. Meu corpo inteiro se contrai na tentativa de reter calor, manter o controle de cada movimento e não deixar que um arrepio ou um instante de fraqueza se transforme numa queda fatal.

Pensar em Saela me ajuda a manter o foco. Em Lee também. *Encontrar minha irmã*, *voltar para ele*. Repito isso sem parar na cabeça, como o cântico de uma sacerdotisa da Deusa Sem Rosto.

Não sei ao certo quanto tempo se passou quando finalmente vencemos a interminável parede de gelo. Chegamos a uma saliência de pedra grande o bastante para que possamos nos sentar, até nos deitar, sem o risco de despencarmos.

— Muito obrigada — falo, estremecendo diante da insuficiência de minhas palavras. Eu deveria dizer mais, expressar melhor minha gratidão.

Izabel semicerra os olhos para mim.

— Você também me salvou, lembra? Então estamos quites.

Dou uma risada curta.

— Justo!

Venna dá um sorrisinho.

— Sabe, você é mais pesada do que parece — comenta, com uma

risada tímida.

— É que eu sou puro músculo — respondo, num tom presunçoso.

— Sim, e pura humildade — retruca Izabel.

É surpreendente que rir seja tão gostoso. Também é estranho rir com mulheres da minha idade. Parei de conviver com outras garotas quando abandonei a escola aos doze anos. De lá pra cá, todas as amigas que tive viraram soldados ou mães.

Em outra vida, eu poderia ter amigas como Izabel e Venna. É um pensamento agridoce. É provável que eu nunca mais as veja depois que forem unidas.

Venna e Izabel se revezam esfregando com força as mãos uma da outra, tentando devolver o calor através das luvas de escalada, quando ouço vozes.

— Atenção — aviso, em tom cortante, e as duas se viram para mim na mesma hora.

Faço um gesto para o outro lado da saliência, onde um grupo de escaladores acaba de surgir no topo.

— Temos companhia.

Sei que nós três logo pensamos nos corpos estilhaçados na base da montanha ou esfolados e ensanguentados nas pedras mais abaixo. Nem preciso olhar para as irmãs para ter certeza disso. Assumo uma postura levemente defensiva, embora tente parecer relaxada.

Não faz sentido procurar encrenca se eles não estiverem a fim de causá-la.

— Olá — chama a mulher que parece ser a líder.

Ela solta um pouco da corda que prende os arneses do grupo e avança na nossa direção. Há um trecho mais estreito no meio da plataforma, o bastante para deixar qualquer um nervoso.

— É bom ver que outros chegaram até aqui. Lá embaixo foi bem brutal.

O tom dela é amistoso, mas traz uma ponta de dureza de que não gosto. Percebo de imediato que ela é de origem comum. As roupas e o equipamento estão gastos.

— E como tem sido pra vocês? — pergunta Izabel, num tom despreocupado, mas o movimento quase imperceptível da sua mão em direção a uma das picaretas, presa na mochila, denuncia sua cautela.

— Bonitas as picaretas de vocês — elogia a mulher, e todas nós levamos a mão às armas ao vê-la alcançar as costas em busca da própria ferramenta. Ela a mostra com as duas mãos, como se fosse uma oferta, e a tensão diminui um pouco. — O problema do nosso lado é que não trouxemos nenhuma extra. E, como podem ver, essa aqui já não vale o peso que carrega.

A picareta está partida em duas, o cabo preso apenas por algumas tiras de couro.

Ela a joga no chão, aos próprios pés.

— Vocês parecem ter de sobra... Que tal compartilhar?

— Sem chance — respondo, apenas.

Sigo o olhar da mulher até a mochila de Izabel, que ainda estava ajustando as tiras, redistribuindo o peso, e por isso estou pronta para detê-la quando a mulher avança de repente, tentando agarrar o equipamento de Izabel.

Os dois companheiros dela, dois homens magros que parecem não comer direito há anos, já estavam preparados para atacar também. Em instantes, também estão do nosso lado da saliência, e o espaço apertado não permite nem ver o que cada um está fazendo.

Minha mente percorre cada dica que Igor já me deu sobre lutar em terreno perigoso, em espaços pequenos, em qualquer situação. Avanço contra a mulher e consigo acertar alguns socos, até perceber que ela está me deixando acertá-la.

É uma forma de me distrair, para que eu não perceba a mão indo

em direção à faca presa em sua perna.

Desvio para o lado — contra a montanha, não para o abismo — e por pouco não sou esfaqueada na lateral do corpo. Ela é rápida. Finge que vai se levantar, mas em vez disso enfia o joelho no meu nariz.

Droga, o sangue mal tinha parado de escorrer da pancada contra a parede de gelo. Encontro sua faca com a minha, empurrando-a de volta, para trás, mais para trás.

Não sei como vamos resolver a situação aqui, porque, por mais que eu deteste a ideia de deixar esses idiotas levarem qualquer pertence nosso, também não quero que morram. A mulher se abaixa e dispara na minha direção, e eu me preparo para o impacto, sabendo que não tenho espaço para desviar.

Mas o impacto nunca vem.

De repente, o avanço dela é interrompido, como um brinquedo preso numa corda, puxado de volta. E então entendo o que aconteceu.

Um dos amigos dela escorregou para fora da saliência. O outro se segura apenas com a picareta, cravada na beira do penhasco gelado.

A corda frouxa se esticou de repente, puxada pelo peso do primeiro amigo.

Ela é arrastada para trás e colide com o homem que ainda se agarrava ao penhasco com todas as forças.

Ele solta um grito de surpresa.

E então eles somem, deslizando para além da beira do penhasco.

Izabel, Venna e eu permanecemos em silêncio por um tempo.

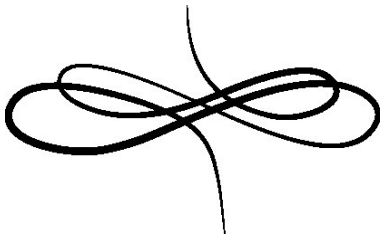
Por fim, vou até a borda e tiro a picareta do homem, ainda presa onde ele a havia cravado, arrancada de sua mão pela pancada da mulher contra ele.

— Pelo menos agora não precisamos mais revezar — falo, com um tom sombrio, prendendo a picareta no meu cinto.

Mesmo tentando soar confiante, não consigo esconder o tremor das minhas mãos.

Três pessoas mortas, assim, num instante... e eu poderia muito bem ter sido uma delas.

9



O resto da escalada pela parede de gelo é pura tortura.

Meu rosto lateja devido às inúmeras pancadas que levei hoje.

Meus músculos gritam. Venna explicou, antes de recomeçarmos, que eu provavelmente estava dependendo demais da força dos braços. Escaladores experientes tiram o impulso principalmente das pernas e do abdômen.

Muito prestativa, compartilhando a dica só agora.

Algumas horas devem ter se passado quando enfim alcançamos outro ponto de descanso, mas a sensação é que estamos escalando há dias. Chegamos ao cume da montanha, ainda que não seja o pico de verdade, que vejo se erguendo acima de nós, encoberto por nuvens.

A crista não é feita só de gelo, felizmente — algumas árvores espalhadas oferecem um mínimo de abrigo contra o vento implacável, e nos agachamos junto a uma delas, mastigando pedaços da ração militar dura e mais algumas tiras de carne seca de Izabel. Avaliamos com cuidado quanta água ainda resta nos cantis e bebemos apenas um gole.

Venna e Izabel conversam durante alguns minutos, retornando naturalmente aos sinais, e eu fecho os olhos, tentando aproveitar alguns minutos de descanso. Quando volto a abri-los, Izabel está mordendo o lábio, e Venna encara o chão.

Arqueio as sobrancelhas para Izabel, que suspira.

— Uma coisa é saber que seria difícil. Que a gente veria pessoas despencando para a morte. Que *muitos* seriam sacrificados nessa escalada. Só que é... é diferente saber os números e...

Pigarreio.

— E de fato ver as pessoas morrendo? — completo.

Izabel pôs em palavras exatamente o que eu vinha sentindo.

Ela assente e engole em seco, e nós duas ficamos olhando para o horizonte.

Penso em quantas mortes mais Izabel e Venna ainda terão que ver — terão que *suportar* — para se tornarem Unidas.

Se eu não estivesse com tanto frio, tão cansada e tão desesperada para essa escalada chegar ao fim, provavelmente acharia a vista bonita. Aqui é tão alto que conseguimos ver as torres da Cidade Unida, o castelo erguendo-se acima da massa de telhados ao redor. A floresta que atravessamos ontem parece uma longa mancha escura na paisagem. Além do castelo, outros borrões negros devem ser árvores e campos em pousio, cortados aqui e ali por linhas finas que percebo serem as estradas reais, rumando para o sul, oeste e leste, em direção a outros feudos.

A montanha que escalamos é, de longe, a mais alta da cordilheira, mas há outras se estendendo de ambos os lados, todas cobertas de neve e gelo cintilantes, de uma beleza severa contra as nuvens.

As mãos de Izabel dançam de novo, respondendo a algo que Venna falou.

— Ela tem razão, claro — murmura Izabel, quase para si mesma.

— Como sempre — retruca Venna.

Olho para elas, curiosa para saber do que estão falando.

— É isso que significa se tornar Unida — continua Izabel. — Precisamos criar resistência, temos que ser fortes. Só os mais fortes merecem a união.

— Vocês sabem que não batem bem da cabeça, né? — Reviro os

olhos, incapaz de entender como alguém aceita participar desse inferno por vontade própria. — E eu falei sério sobre não querer me unir. Só quero salvar minha irmã.

Só posso culpar a exaustão pelas palavras que saem da minha boca. Eu ainda não tinha dividido com elas o motivo de estar aqui. Não queria cutucar essa ferida.

— Sua irmã? — pergunta Venna, hesitante.

Eu me recosto no tronco da árvore, reconfortada pelo contato áspero da casca de pinheiro através do casaco.

— Saela. — O nome arranha minha garganta, e percebo que não o falava em voz alta desde que deixei a parte da cidade destinada aos plebeus, apenas dois dias atrás, embora pareça que uma vida inteira já se passou desde minha partida. — Ela foi sequestrada. Pelos Levadores. É por isso que estou aqui. Para salvá-la.

Venna e Izabel franzem a testa, confusas.

— Levadores?

Solto uma risada áspera, meu fôlego se transformando em fitas de fumaça.

— É óbvio que vocês não têm Levadores na Cidade Unida. Claro que não têm.

Conto às duas sobre os desaparecimentos no Leste e por toda Tempesgelo, sobre o horror de descobrir que minha irmã sumiu durante a noite, arrancada de casa debaixo do meu nariz.

— Que coisa horrível, Meryn! — exclama Izabel, com uma expressão consternada semelhante à de Venna. — Sinto muito que isso esteja acontecendo. E que a gente nem soubesse disso. Não consigo imaginar o que faria se levassem minha irmã. Nós fazemos tudo juntas. Sempre fizemos, desde o dia em que nascemos, e...

Izabel é interrompida por um soco de Venna no ombro e revira os olhos.

— Desculpa. Todo mundo fala que eu tagarelo demais.

— E estão certos — comenta Venna, rindo baixinho.

— Então vocês conseguem entender por que preciso chegar à frente de batalha o mais rápido que puder — respondo.

Izabel segura minha mão e a aperta.

— A gente entende.

Um movimento chama minha atenção à direita, e vejo outro grupo surgindo pela crista, se afastando. Pelo visto planejam descer até o vale que fica entre nós e o pico para depois escalar direto até lá em cima.

Reconheço um deles. Henrey, o garoto de origem comum que estava determinado a conseguir uma união. Ele faz uma pausa para ajudar alguém do grupo a descer de um ponto complicado.

É bom ver que chegou tão longe, e eu me pego torcendo para que ele consiga chegar ao final.

Venna se levanta para se alongar e então enxerga algo no céu de que não gosta. Ela se vira para nós, o rosto sombrio.

— Tem uma tempestade vindo aí — anuncia, seca. — E vem rápido. A gente precisa se mexer. Agora.

Em vez de seguir o grupo de Henrey para o vale, contornamos pelo cume, que em certo ponto vai se curvar na direção do pico. Não reclamo, pois apesar de ser um caminho menos direto, pelo menos por um tempo podemos seguir a pé em vez de precisar escalar uma parede de gelo.

Vamos mais rápido do que a cautela permitiria, mas há um pânico por trás dos movimentos ágeis de Venna, e já aprendi a respeitar seus instintos. Sei que algo perigoso se aproxima.

Neve, gelo e cascalho rangem sob nossos pés, os grampos nos ajudando a não escorregar, mas também arrancando pedaços de gelo sujo enquanto ora andamos, ora corremos entre pedras e árvores.

Inevitavelmente a trilha volta a ficar inclinada. Primeiro, nos deparamos com uma encosta rochosa e árida que escalamos com as mãos, depois trechos de gelo puro cada vez mais frequentes, até

que tiramos de novo as cordas e, com muito esforço, nos amarramos umas às outras.

É nessa subida que a tempestade nos atinge.

É de uma velocidade brutal. O ar se torna espesso e branco de neve em questão de instantes. Izabel me ensinou sinais que ela e a irmã usam ao escalar em condições adversas: puxões na corda de segurança e números diferentes para mensagens distintas, quando a neve é densa demais para se ouvirem.

Avançamos devagar, quase rastejando.

Várias vezes penso em acelerar, tentar alcançar Izabel, que lidera novamente o caminho, e convencê-la a ir mais rápido — esse ritmo lento é torturante para meu corpo, e sinceramente não sei quanto tempo ainda consigo aguentar.

Cada vez que penso em fazer isso, porém, outro grito de um escalador despencando atravessa a tempestade, vindo de lugar nenhum e de todos os lados, os sons espalhados e distorcidos pelo turbilhão da nevasca.

Não sei se é pelo conhecimento apurado de Izabel do caminho ou por pura sorte que não temos o mesmo destino. E não quero arriscar.

O tempo se arrasta.

Cristais de gelo turvam minha visão, e eu pisco sem parar para limpá-los, para evitar que meus cílios congelem juntos.

De vez em quando nos comunicamos. Três puxões na corda vindos de cima. Izabel está bem. Dou três em resposta, confirmando que estou aqui, viva, ainda escalando. Venna faz o mesmo.

E seguimos.

Meu corpo inteiro é dor. Cada músculo lateja. Eu ignoro.

Sei que é perigoso perder a concentração, mas minha mente insiste em escapar deste lugar e se refugiar em lembranças.

Treinando com Igor. Lendo para Saela. Cozinhando para minha

mãe, misturando o remédio na comida nos dias em que ela se recusa a tomar. Beijando Lee. O corpo nu e forte de Lee pressionado contra o meu. Calor. Qualquer coisa, menos essa dor congelante.

Então, finalmente, quatro puxões: Izabel consegue ver o topo.

A corda afrouxa alguns minutos depois. Izabel alcançou um cume e amarrou sua parte, que agora ganha mais folga enquanto continuo a escalada. Ergo-me com esforço, me arrasto para longe da beira, e Venna vem logo em seguida.

Não sei dizer se estamos no topo — a neve cai densa demais e não consigo enxergar nada. Então, quando uma forma surge em minha direção através do branco, penso primeiro ser uma das gêmeas.

Uma mão enorme, carnuda, agarra meu pescoço, e logo outro par de braços me envolve por trás, prendendo-me contra o peito de alguém.

É Jonah, percebo, com dificuldade para respirar. O desgraçado de hoje de manhã. O mesmo que queria matar Izabel.

O desgraçado provavelmente estava esperando aqui em cima, rezando e torcendo para ter a chance de se vingar.

— Vagabunda barata — rosna Jonah, intensificando o aperto, e pontos brancos explodem nos meus olhos. — Você não passa de uma vadia, uma puta plebeia.

Minha visão começa a escurecer. *Use isso*, diz a voz de Igor na minha mente, e eu desabo contra o homem atrás de mim, fingindo ter sido dominada. Igual ao que eu faria no ringue.

Jonah, porém, não se deixa enganar com tanta facilidade. Sua mão continua firme no meu pescoço, mas o homem atrás de mim afrouxa um pouco o aperto, o suficiente para eu conseguir me mover de novo. Dou uma cotovelada na barriga dele, e seu gemido de dor distrai Jonah. Consigo me desvencilhar de sua garra, impulsiono a cabeça para trás e ouço o estalo satisfatório de um

nariz sendo quebrado.

Pelo menos dessa vez não foi o meu nariz que quebrou, penso, com ironia, já me movendo de novo, botando em prática uma das combinações de Igor, aquela que ele criou especialmente para lutas em que enfrento dois adversários ao mesmo tempo.

Meus membros se tornam um borrão de movimento e sou preenchida por reservas de energia que eu nem sabia que existiam em meu corpo. Saboreio o estalo prazeroso dos grampos de metal das minhas botas se cravando na perna de alguém, e recuo em um salto leve.

Então sou atingida por uma dor aguda. Não recuei o bastante. Claro, porque aqui não são apenas facas de rua que me ameaçam. Alguém está armado com uma picareta.

A dor me faz ver tudo vermelho, e depois disso a luta acelera. Meu segundo atacante bate em retirada depois de receber mais alguns socos, e eu o deixo ir.

Jonah avança de novo com a picareta, mas desta vez estou preparada; recuo num passo ágil para trás e para a esquerda, varro suas pernas e piso na mão dele, obrigando-o a largar a ferramenta. Ele gira o corpo, pronto para me atacar outra vez, e então aplico uma das minhas combinações favoritas de treino, fintando duas vezes e girando em seguida, acertando um chute giratório brutal.

Ele cambaleia para trás bem na hora em que a tormenta engrossa, e a neve o engole.

Meu sangue martela nos ouvidos enquanto encaro o ponto em que ele desapareceu. Ele se foi? Fugiu?

Caiu?

Eu o matei?

Não sei se deveria me envergonhar do fato de torcer para que a resposta seja sim.

Ofegante, tento me agarrar à onda de adrenalina que vinha me mantendo em movimento. Que vinha me mantendo viva.

Izabel surge cambaleando da névoa e da neve, com Venna logo atrás. O casaco de Venna está rasgado no ombro, que está sangrando. Ela se apoia em Izabel.

Não parece nada bem.

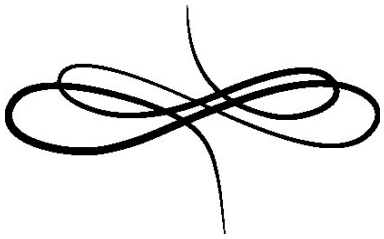
— Estamos perto? — murmuro para Izabel, e nós nos encaramos em silêncio, compreendendo a situação.

Venna não vai aguentar escalar muito mais tempo, não com um braço praticamente fora de combate.

— Espero que sim — responde Izabel, com um ar sombrio, avançando no turbilhão cinzento. — Vamos.

Chegamos até aqui. Posso até não querer fazer parte da união, mas não vou deixar Izabel e Venna fracassarem agora.

10



Venna quase não consegue subir o último trecho. A parede é de gelo vítreo e liso, às vezes tão íngreme que chega a ser côncava. Meus pés balançam no ar quando estico o braço em busca do próximo apoio. A cada centímetro conquistado tenho certeza de que será o meu último.

Venna escala por um tempo apoiando-se no ombro ferido, mas começa a ficar para trás, forçando cada vez mais o braço ileso. Nem preciso que Izabel dê o puxão na corda de segurança para sinalizar. Nós duas percebemos que Venna está prestes a desfalecer, então paramos, agarradas à rocha nua, e esperamos por dolorosos minutos até sermos alcançadas.

Ajustamos o comprimento das cordas; agora Izabel e eu estamos presas a Venna, com a mesma folga entre todas, para escalarmos em conjunto. Assim, conseguimos puxar Venna, que usa os pés e uma única picareta para se firmar.

Nós completamos o último trecho na força de vontade.

Quando de fato alcançamos o pico, estou tão exausta que, por um instante, cogito me deitar e aceitar meu destino de petisco de lobo-gigante.

Pelo menos seria rápido.

Nós três cambaleamos para a frente, nos afastando do abismo de pesadelo que deixamos para trás. Venna e Izabel caem de joelhos e se abraçam, o rosto marcado pela exaustão e pelo alívio.

Está ficando cada vez mais frio, e nessa altura duvido que a temperatura passe de zero mesmo no auge do sol, mesmo sem nevasca. Minha pele está dolorida do frio, apesar das roupas grossas.

Seria melhor me manter em movimento para aquecer o corpo, mas estou tão destruída que é difícil me importar.

O cume se estende diante de nós, um longo planalto árido sobre a crista da montanha. Depois de um tempo a neve diminui, e conseguimos ver depressões, reentrâncias e alguns arbustos teimosos que de algum modo sobrevivem neste lugar desolado.

Conforme a tormenta se acalma, também avistamos outros escaladores.

Muitos deles.

Estamos longe de sermos as primeiras a alcançar o topo da montanha.

Sinto um lampejo de preocupação e olho para Izabel e Venna, me perguntando se pensam o mesmo que eu — que talvez tenhamos chegado tarde demais para que elas possam se unir. Será que os lobos-gigantes vão achar que ela e a irmã são fracas, pois chegaram depois dos outros?

Ou será que a persistência delas será recompensada?

Então sombras e truques de luz tempestuosa começam a se materializar ao nosso redor, e pensar se torna impossível.

Lobos-gigantes; dezenas deles. São imensos. Minha cabeça mal alcança seus ombros. Mesmo já tendo visto lobos-gigantes e seus Unidos antes, não estou preparada para o tamanho e a majestade deles, para a facilidade com que dominam a paisagem desolada e assombrosa.

Permaneço afastada e observo enquanto Izabel e Venna se erguem, os rostos marcados pela dor e pelo propósito.

— Não se esqueça — murmura Izabel para mim. — Você não pode se aproximar deles diretamente. Não olhe nenhum nos olhos,

não estenda a mão, não faça nada que demonstre interesse. Eles escolhem você, não o contrário.

Ela avança antes que eu consiga lembrá-la de que não estou aqui para isso. De que já alcancei meu objetivo... *Eu sobrevivi*. E trouxe essas duas mulheres comigo, para que cumpram o objetivo pelo qual batalham desde a infância.

Estou feliz por elas. Mesmo achando que esse objetivo é loucura.

As gêmeas entram na massa de corpos, humanos e lobos. Venna para e inclina a cabeça — como se escutasse alguém falar, embora eu não tenha ouvido som algum. Momentos depois, um lobo-gigante cinzento imenso se aproxima, fitando-a de cima por um instante aterrador antes de abaixar a cabeça.

O alívio me invade, e eu estreito os olhos, a luz tempestuosa da tarde fazendo algo estranho com minha visão. Quase parece que...

Não é ilusão de ótica. O homem na minha frente também se une ao lobo, e eu vejo seu cabelo mudar, uma mecha prateada surgindo em meio às madeixas emaranhadas. Uma combinação perfeita com o lobo muito maior do que ele.

Procuro Izabel, torcendo para que também tenha encontrado um lobo disposto a se unir a ela. Sinto um calorzinho no peito quando avisto Henrey à distância, parado ao lado de um lobo marrom, a mão enterrada no pelo dele. Ele conseguiu. Está vivo.

Dou mais alguns passos, tentando sair da confusão e evitar ser notada. Às vezes algum lobo se aproxima de mim, me causando uma sensação estranha, quase como uma pressão na mente, mas eu a bloqueio.

Não. Eu, não, penso, focando toda a atenção nas palavras. *Eu não estou aqui para me unir.*

Não sei ao certo o que estou fazendo, mas parece funcionar. Todo lobo que me encara logo se afasta e vai para outro possível par.

Quando encontro Izabel, vejo que Venna voltou para o seu lado, agora acompanhada de um lobo enorme só dela. Os lobos são

diferentes: o de Venna é cinza-escuro e o de Izabel é prateado-claro. As duas agora também têm novas mechas coloridas nos cabelos: azul-escuro em Venna e prata em Izabel. Será que isso significa...

Quatro alcateias, dissera Lee. Meus olhos percorrem os pares que acabaram de se unir, e os vejo se agrupando em bandos, iguais com iguais. Venna e Izabel devem ter se juntado a duas alcateias distintas.

O gelo cede sob meus pés quando dou mais um passo para trás, afastando-me da união, e cambaleio, quase torcendo o tornozelo ao atravessar a camada superficial. Meu pé afunda na neve, rangendo entre estilhaços de gelo.

Estou distraída, tentando soltar o pé da armadilha cruel de lâminas congeladas, e por pouco não vejo quando Jonah atinge o topo da montanha e se ergue, avançando com firmeza em direção às alcateias, apesar das muitas feridas evidentes.

Minha boca se contrai quando um lobo de pelagem negra como carvão se aproxima dele quase de imediato. O animal parece feroz, selvagem. Um par perfeito. Jonah solta um grito de triunfo, e seu lobo rosna. O cabelo escuro de Jonah ganha uma mecha vermelho-sangue, da mesma cor que a de Stark Therion. Então Jonah deve ter se unido aos Daemos.

E, assim que a mecha surge, a ferida aberta em seu rosto se fecha, cicatrizando sozinha. Magia de cura dos lobos-gigantes, percebo, com um sobressalto. Já tinha ouvido falar disso, mas achava que era exagero.

Todos ao redor dão um ou dois passos para trás. Enojada, desvio o olhar.

É quando a vejo pela primeira vez: uma loba-gigante que se mantém afastada, a pelagem prateada cintilando sob a luz baixa.

Ao contrário dos outros lobos, que rondam à procura do cavaleiro certo ou vigiam de perto seu novo par humano, ela não

se move. Há algo em sua postura, no ângulo dos olhos dourados, que transmite desinteresse... e autoridade.

Ela parece ao mesmo tempo mais velha e mais poderosa que todos os outros. Sem pensar, dou um passo na sua direção. Fico imóvel quando ela vira a cabeça e começa a me examinar com olhos antigos.

Eu, *não*, penso. *Não estou aqui para me unir.*

Meus pés parecem congelados no lugar quando ela começa a avançar lentamente na minha direção, as patas enormes pousando na neve com uma graça silenciosa.

Pelo canto do olho percebo que os lobos e seus parceiros humanos pararam para prestar atenção à movimentação dela.

— É Anassa — sussurra um dos homens ao meu lado, que, assim como os outros, mantém o olhar fixo na imensa loba prateada. — Ela nunca se une. Falam que está aqui há centenas de anos...

Ela se aproxima, firme e confiante, e não consigo desviar os olhos dos dela. Brilham como estrelas douradas no céu da noite mais fria do ano. Seu olhar me atravessa em brasas, e, de repente, sinto minha cabeça ser esmagada, comprimida.

Eu, *não*. *Não quero me unir*, repito, em pânico, para mim mesma, as palavras ecoando como um grito silencioso. Tento dar um passo para trás, mas é como se mente e corpo tivessem se desconectado, minhas pernas pesadas como chumbo.

A dor me atravessa, e solto um grito, caindo de joelhos, mas sem jamais deixar de encarar Anassa.

— Seja lá o que isso for — rosno —, *pare*.

Meu coração dispara, rápido, dolorido, enquanto a realidade do que está acontecendo me invade em ondas nauseantes.

A pressão na cabeça aumenta, e minha visão se apaga. Em minha mente, no entanto, imagens se agitam. Anassa, sob o luar, descendo a montanha veloz como o vento. O sol nascendo, raios ofuscantes e belos. Uma coroa, o metal faiscando, depois coberto de sangue.

Grito, os pensamentos girando em desordem, incoerentes. Ela não pode fazer isso comigo. Preciso ir para a frente de batalha encontrar Saela, e se eu for Unida ficarei presa em Tempesgelo...

Meus sentidos oscilam, como se meu espírito tivesse rompido os limites do corpo. Sou rocha, e sinto as vibrações de milhares de criaturas e plantas presas à minha superfície. Sou um pinheiro antigo, e me ergo aos céus durante séculos em busca das estrelas. Estou dentro de Anassa, o faro tão aguçado que chega a doer, rodeada pelo banquete de cheiros e segredos abertos que é o mundo.

Um calor lancinante me atravessa atrás dos olhos, de novo e de novo, depois se dissipa devagar, deixando um pulsar surdo, constante, acompanhando o ritmo do meu coração.

O ferimento de picareta no meu peito esquenta... e *cicatriza*.

Não. *Não*, *não*, *não*, *não*, *não*.

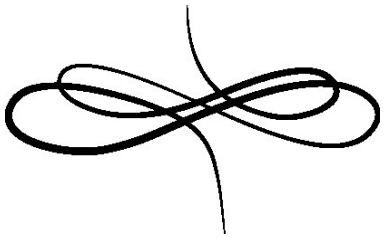
O hálito quente da loba-gigante atinge meu rosto, sua presença colossal pairando sobre mim. Sem pensar, estendo a mão na direção dela, como se pudesse detê-la, impedir tudo que está acontecendo.

Minha mão afunda na pelagem prateada e, como se tivessem vontade própria, meus dedos se fecham, agarrando-se às mechas espessas, dando-me apoio para ficar de pé.

A dor na cabeça vai diminuindo devagar, e eu pisco, cambaleante, agarrada ao pelo da loba como a uma tábua de salvação.

Que porra foi essa?

11



Ainda há um zunido desorientador em meus ouvidos. O chão parece instável, meu corpo está entorpecido pelo vento cortante e seja lá o que *aquilo* tenha sido. Minha mente se agarra a detalhes minúsculos.

A aspereza da pelagem da loba-gigante sob meus dedos que, mais fundo, se torna macia. A picada intermitente da neve riscando minhas bochechas. O som pesado e ritmado da respiração de Anassa.

Uma parte do meu cabelo se solta do prendedor e chicoteia meu rosto. Isso me arranca do torpor.

Prata. O meu cabelo escuro se transformou num prateado luminoso, da mesma cor do pelo de Anassa.

Olho para a loba-gigante e afasto as mãos dela com a urgência de quem se queima. Sei muito bem o que a mudança na cor do cabelo significa.

Fui Unida.

O horror me sufoca, percorre minhas veias, e olho em pânico para os outros recrutas. A jovem mais próxima de mim tem os cabelos negros. O vento impiedoso puxa as mechas, e vejo um fio prateado. O restante dos fios ainda é negro.

Meu coração dispara outra vez, e meus olhos saltam de um recruta a outro. Pisco várias vezes, tentando me recompor.

Preciso ajustar minha respiração. Foi o que Igor sempre me

ensinou. Inspirar. Expirar. Devagar, para enganar o corpo e fazê-lo acreditar que está tudo bem.

Izabel está perto, me observando com olhos arregalados, uma mecha prateada no cabelo. Mais adiante, no meio da neve esmagada e dos recrutas dispersos, vejo Venna, a faixa azul-escura entre os fios. Henrey, um tom dourado. O idiota do Jonah, um vermelho nauseante de sangue.

Todos têm apenas uma mecha no cabelo indicando sua alcateia. Arranco meu prendedor e puxo todo o cabelo para a frente, só para confirmar — e sim, está inteiro transformado, cada maldita mecha. Sou uma anomalia.

Olho de novo para a loba-gigante ao meu lado, toda prateada. Ela permanece imóvel, me avaliando.

— Isso foi um erro — sussurro para Anassa. — Desfaça. Eu não quero ser Unida. *Eu disse* que não queria. Você não deveria se unir a quem não consente.

Os olhos amarelos dela se estreitam, e me lembro do aviso que Izabel deu mais cedo sobre não olhar diretamente nos olhos dos lobos. Mas e aí, ela vai me morder? Depois de me forçar a me unir a ela?

Anassa começa a retrair os lábios num rosnado, revelando dentes afiados assustadores. Mas, antes que ela reaja, algo muda no ar.

Todos os recrutas ficam em silêncio no mesmo instante. Até os lobos se calam. O único som restante é o uivo do vento e o estalar ocasional de patas e pés sobre a neve. Anassa arqueja irritada ao meu lado. Estremeço, mas não consigo desviar o olhar...

Dele. Deles.

A sombra mortal do lobo-gigante de Stark Therion paira sobre nós do alto de uma pedra coberta de neve. Parece ainda mais colossal do que quando o vi na base da montanha, com a pelagem negra como breu e garras que mais pareciam adagas.

Vislumbres da brutalidade que ambos são capazes de cometer

invadem minha memória. Sangue, vísceras, olhos sem emoção.

Eu me pergunto se eles cumpriram a ameaça de caçar os que rejeitam a união até o alto da montanha. Quanto sangue deve estar manchando o focinho daquele lobo, invisível em meio à pelagem negra?

O animal mostra os dentes quando Stark avança, menor que em sua montaria, mas não menos imponente. Há uma razão para todos aqui terem ficado em silêncio no instante em que ele surgiu no topo da encosta.

Sua presença é dominante como uma tempestade engolindo o céu. Irrefreável, exalando perigo, um trovão subterrâneo vibrando e nos atravessando, instaurando o medo.

Um pensamento surge em meio ao caos da minha mente. Ridículo, talvez, mas ainda assim ele surge.

Ele deve ser muito forte, se cavalga essa fera.

Stark desliza a mão no pelo do lobo e a mantém ali enquanto seu olhar sombrio percorre cada um de nós. Quando se fixa em mim, algum instinto profundo me obriga a erguer o queixo e endireitar os ombros.

Já vi homens como ele antes. Silenciosos. Perigosos. Que não gritam, não ameaçam, porque *não precisam* fazer isso.

Olho para Stark e vejo uma confiança calma e perversa, afiada como uma lâmina, forjada a partir de lutas intermináveis e raríssimas derrotas.

O poder de seu corpo imponente, a ferocidade no olhar, o vislumbre das cicatrizes e das tatuagens escuras e a rigidez de sua mandíbula sombreada estão ali, visíveis para todos.

Ele é tão selvagem e perigoso quanto o próprio lobo-gigante.

Meu cabelo chicoteia de novo diante dos olhos, um clarão contra a sombra infinita dele. Uma energia vibra em meus músculos, elétrica e quente, inundando-me de força. Algo dentro de mim encara todo aquele poder e deseja se *mover*. Golpear. Ou tomar

aquilo em minhas mãos e retorcer até o limite.

O lobo de Stark dá um passo pesado à frente e solta um rosnado baixo, ameaçador, que vem das profundezas de sua barriga.

Os recrutas ao redor recuam, apreensivos, até mesmo os que que contam com lobos enormes os protegendo.

Os lábios de Stark tremem, como se achasse a cena divertida. Quando ergue o megafone, é como se o próprio vento ficasse em silêncio para ouvi-lo, a voz grave e profunda ecoando clara sobre a neve manchada de sangue.

— Os que não tiveram a sorte de se tornar um dos Unidos podem descer a montanha pela trilha e se apresentar para o serviço militar como soldados. Aos que se uniram, parabéns — anuncia ele, e o tédio em sua voz deixa claro que não está nem um pouco impressionado — Seu treinamento começa agora, com o primeiro teste de união.

Minha mente se agita novamente. *Testar* nossa união? Eu me forço a desviar o olhar da figura imponente de Stark e ouso olhar para Anassa.

Ela continua imóvel, sem me encarar, músculos tensos sob a pelagem prateada que ondula ao vento.

— Você e seu lobo devem chegar ao centro de treinamento no castelo antes do anoitecer. A partir daí, serão oficialmente considerados Recém-unidos, aprendizes. Se não chegarem a tempo, nem tentem entrar no castelo. Porque se falharem... — continua Stark, apoiando-se na perna do lobo e cruzando os braços —, a conexão com seu lobo será cortada e vocês morrerão. Boa sorte.

Vocês morrerão.

Meu rosto ainda tem respingos de sangue das pessoas que morreram durante a Ascensão e ele está ali, falando da morte com completa indiferença.

Eu o odeio. *Odeio* esse desgraçado.

Stark é cruel, sanguinário, *perigoso*. Homens assim não são leais a

ninguém, apenas a eles mesmos. Não se importam com os outros, nem com as vidas em risco, nem com quem se perde nas fendas do mundo.

Ele monta seu lobo com agilidade, os músculos se movimentando com a graça treinada de quem já fez isso milhares de vezes.

Cerro o maxilar com tanta força que meus dentes doem, e observo Stark e seu lobo-gigante desaparecerem na neve, disparando montanha abaixo.

O cume se transformou em puro caos. Muitos recrutas se agarram aos pelos dos próprios lobos e tropeçam em tentativas desajeitadas de montá-los. Alguns animais reagem com patadas, rosnando e se afastando de seus aspirantes a cavaleiros. Outros recrutas, mais pacientes, apenas erguem os olhos para as feras diante deles, claramente tentando encontrar algum meio de convencê-las.

Minha cabeça ainda gira diante da absoluta sensação de que *há algo errado* em tudo isso. Mas eu não passei o dia inteiro quebrando meu corpo e vendo gente despencar rumo a mortes horríveis para desistir agora.

Se quero sobreviver, se quero salvar minha irmã, preciso ao menos *tentar*.

Anassa não dá a mínima para a minha presença, o olhar fixo em algum ponto distante, o pelo prateado reluzindo. Ela é maior que os outros lobos à nossa volta. Mais imponente. Majestosa, aterrorizante e, acima de tudo, obstinada.

Esvazio a mente e tento novamente tocar aquele fluxo vertiginoso de energia que senti quando ela se aproximou pela primeira vez, mas... nada. Um silêncio absoluto.

Talvez eu esteja fazendo errado. Afinal, a maioria aqui cresceu vendo suas famílias se comunicarem com lobos. Provavelmente aprenderam desde cedo como fazê-lo.

Minha melhor aposta é pensar palavras para ela, projetar a intenção, abrir minha mente para a dela. Eu me aproximo do ponto da consciência onde antes senti sua força.

BAM.

Minha mente se choca contra uma muralha de ferro, dura e intransponível. Tão fria quanto seus olhos glaciais, tão imensa quanto seu corpo colossal, tão cortante quanto suas garras faiscantes.

Algo não está certo. Agora os outros começam a montar. Alguns já disparam montanha abaixo em grandes saltos, um lobo-gigante após o outro desaparecendo na neve. O que tentei fazer deve ter funcionado para eles.

Será que estou fazendo algo errado? Será que é porque não quero ser Unida?

Mas então *por que* ela fez isso?!

Minha mente estilhaçada foca Izabel no meio da confusão de corpos. Ela escala as costas de seu lobo-gigante prateado, agarrando punhados de pelo, enquanto a fera acompanha cada movimento com atenção. Não vejo Venna em lugar algum — ela já deve ter partido montanha abaixo.

Lanço um olhar nervoso para Anassa e depois disparo em direção a Izabel.

— Ei!

Izabel se volta e olha para baixo, ajeitando-se sobre o lobo-gigante, ereta na sela improvisada de pelo. Seus olhos se arregalam ao me ver, e ela franze a testa.

— Meryn.

— Ele estava falando sério? — falo, confusa.

Nem sei por que falo isso. É óbvio que Stark estava falando sério. Não há qualquer traço de humor naquele corpo maciço.

— Sim — sussurra ela, tão baixo que a palavra quase se perde no vento. — Quem não consegue voltar a tempo morre.

— Eu nem queria isso.

Tomo fôlego, lançando um olhar desesperado para Anassa, que continua imóvel, mas agora me encara, com uma expressão fria e séria.

— Eu sei, mas você consegue — diz Izabel. Seu lobo-gigante se remexe, alongando os músculos enormes, a cauda chicoteando o ar. Ela dá um tapinha no ombro da fera. — Preciso ir. Está...

— Ela não fala — interrompo, odiando a vulnerabilidade na minha voz.

O horror cruza brevemente o rosto de Izabel, mas ela logo o disfarça com habilidade.

— Não fala?

— Não estou recebendo nada da minha loba. Não sei o que preciso fazer.

Izabel se contrai.

— Só... se esforce mais, Meryn. Algumas pessoas morrem no caminho porque não conseguem se comunicar bem com seus lobos. As alcateias acham que não vale a pena perder tempo treinando pares que não conseguem se entender.

— Mas e aí? — pergunto. — Essa é mais uma maneira perversa de eliminar gente?

O silêncio dela é a confirmação.

Porque isso não é um teste, no fim. É uma execução.

E por que estou surpresa? Pessoas como eu morrem todos os dias. Nas ruas e nas vielas. Nas frentes de batalha. Em escaladas de uma montanha gélida e traiçoeira.

Raptadas pelos Levadores no meio da noite.

Não. Não posso pensar assim. A esperança de que Saela esteja viva é o que me mantém em movimento.

— Anassa escolheu você — afirma Izabel, os olhos escuros cheios de simpatia, mesmo que também indiquem que ela me vê como um caso perdido. Bom, que se dane. — Isso tem que valer de

alguma coisa, Meryn.

Seu lobo-gigante começa a se mexer e soltar um rosnado impaciente.

Izabel inspira fundo e assente, o maxilar firme.

— Te desejo toda a sorte do mundo. De verdade. E espero ver você lá embaixo.

Então seu lobo-gigante se vira e dispara, sumindo como o restante dos Unidos.

Não há quase mais ninguém no topo da montanha agora. Os que restam ainda se esforçam para montar suas feras. Ou então já estão montados, mas seus lobos-gigantes não se movem ou tentam derrubá-los, pinoteando e sacudindo o corpo.

Do outro lado do campo nevado e ensanguentado, um lobo-gigante castanho-claro está sentado na neve, roendo um braço decepado, e me encara fixamente.

Sinto um embrulho no estômago ao marchar de volta até Anassa, de punhos cerrados. Mesmo que o ferimento já tenha cicatrizado, meus músculos ainda doem, ardendo em protesto. Estão enrijecidos, gritando comigo por tê-los levado além do limite. Minhas mãos são blocos de gelo. Minha cabeça ainda lateja por causa da união.

Mas essa é a vida. *Sempre* foi a minha vida. Dor e persistência.

Só existe um caminho para seguir, e não vou morrer numa montanha solitária e congelada. Eu me recuso a morrer antes de Saela estar de volta, segura em sua cama. Abraço a dor, a fúria e a indignação da injustiça do que está acontecendo. É isso que me move.

Anassa observa minha aproximação, a expressão inalterada, o corpo completamente imóvel. Encaro-a com firmeza e respiro fundo, tentando garantir que minha voz soe calma, apesar do turbilhão dentro da minha mente.

Devagar, estendo a mão para ela e falo:

— Certo, garota, então somos só nós duas.

As patas enormes se cravam na neve, a cauda espessa se ergue levemente. Tenho a nítida sensação de que a junção dessas duas coisas são um aviso. Os olhos dela me atravessam, e gelo invade minhas veias.

— *Estou me esforçando* — rosno, depois suavizo o tom, tentando me acalmar —, mas talvez eu não seja boa nisso porque não corre no meu sangue. Tudo que sei é que a gente precisa descer. Rápido, para o bem das duas.

Ela continua imóvel, mas os músculos estão tensos e os flancos se agitam, inquietos.

Eu me aproximo mais um pouco, falando com a voz mais doce possível.

— Posso subir nas suas costas? Posso montar em você, garota?

Seus dentes se fecham com um estalo. O som alto e ameaçador atinge meu coração como um martelo. Recuo quando suas presas lampejam, os caninos enormes pingando saliva. Um rosnado ríspido rasga sua garganta, e uma pata abre um sulco profundo na neve.

Meu coração dispara. Quase perdi uma mão. Ou um braço inteiro.

— Que porra é essa?! — grito para ela, furiosa.

Ela me responde com outro rosnado, a cauda chicoteando o ar. O grito começa a se formar atrás das minhas costelas, uma pressão insuportável querendo explodir. Engulo o nó de raiva e medo na garganta.

— Por quê?! — brado.

Por que ela fez isso? Se me odeia tanto assim, *por que* forçou a união? Por que condenou nós duas?

Anassa bufa para mim, uma lufada de ar quente contra meu rosto. Ela bate uma pata no chão, depois se vira e corre.

Fico ali, encarando sua partida, meu corpo inteiro voltando a

ficar dormente. Observo enquanto o pelo branco-prateado desaparece na neve, misturando-se perfeitamente até sumir por completo. A dor pulsante e incômoda ainda lateja na minha cabeça, mas agora pouco importa. Ela me abandonou aqui.

E quer saber?

Que se dane.

Ela não faz ideia do quanto posso ser teimosa.

Vou descer a montanha com ou sem essa loba peluda e inútil.

— Beleza! — grito.

Então não consigo mais segurar. Eu me curvo e berro, enroscando os dedos no cabelo agora prateado. Um som horrível, agudo, rasga minha garganta, e eu continuo até ficar sem fôlego.

Quando tudo termina, eu me endireito e volto ao trabalho.

Já estive sozinha, e isso ainda não me matou. Não vai ser diferente hoje.

Avanço até encontrar um trecho limpo de neve compactada e junto um punhado nas mãos, levando-o à boca e deixando que derreta na língua. Engulo a água, permitindo que acalme minha garganta irritada e desperte minha mente.

Depois deslizo a mochila do ombro e a reviro até encontrar a carne-seca que Izabel me deu. Rasgo-a com os dentes, mastigando sem sentir gosto algum. Nem me preocupo em pegar a mochila de volta. É pesada demais, e não posso carregar nada que me atrase.

Porque eu preciso *correr*. Preciso correr como nunca corri na vida se quiser chegar ao castelo a tempo.

Talvez seja inútil. Talvez eu morra no meio da descida, soterrada por uma avalanche, ou no instante em que a união com Anassa se despedaçar. Mas eu não vou parar de lutar.

Não enquanto Saela estiver me esperando.

Respiro fundo mais uma vez, encho os pulmões com o ar gélido e começo a descida. O caminho seguro serpenteia a lateral da montanha em zigue-zague, com uma inclinação suave, mas eu não

tenho tempo para a rota confortável.

Disparo pela trilha, ultrapassando o grupo de recrutas sem união que desce lentamente. Alguns gritam ou se assustam ao me ver passar, mas meu coração martela tão forte no peito que não me importo.

Corto por uma brecha na fileira de soldados e me lanço à frente. Meu corpo desliza sobre um monte de neve quando me atiro para fora do caminho, descendo na selvageria que se esconde entre as curvas seguras da trilha.

Aqui, o que existe é neve farta, penhascos abruptos, árvores gigantes de galhos ameaçadores... e a morte.

Minhas roupas ficam encharcadas conforme eu avanço, caio e disparo, pés martelando os terrenos cheios de pedras. Afasto agulhas de pinheiro do rosto e me abaixo sob galhos. Salto sobre troncos e deslizo de lado em velocidades perigosas por longos trechos de rocha gelada; meus joelhos, cotovelos e pés batem contra saliências de pedra.

Entro na trilha outra vez e disparo por ela. Quase não há recrutas não unidos tão abaixo na montanha, então o caminho está livre.

Alguém grita algo para mim quando mergulho de volta na descida assustadora. Meus pulmões parecem congelados, e uma dor lancinante me atravessa a cada arfada gélida. Minhas pernas tremem durante a corrida, e mal consigo me manter em pé.

É questão de tempo até elas cederem e eu estar mais caindo do que correndo montanha abaixo.

Mas não importa. Tudo se resume à minha sobrevivência. Ao meu propósito. A Saela, sozinha e com medo, sua vida dependendo da minha chegada ao castelo. À minha mãe na expectativa de que eu leve minha irmã de volta.

A Lee e à vida que podemos construir juntos quando tudo isso terminar.

Logo tenho a sensação de estar voando. Árvores e rochas passam em borrões. Tropeço e caio, rodopiando pela neve até me erguer de novo, uma nova dor explodindo no ombro, mas não tenho tempo para cuidar disso.

Há um corpo no próximo trecho da trilha que cruzo. Uma cena sangrenta. Uma mulher está caída de costas, os olhos vidrados no céu. O sangue dela forma um rastro pela neve, como se ela tivesse se chocado contra o gelo e deslizado por vários metros antes de encontrar o descanso final.

Fico ali apenas um instante, recuperando o fôlego, o corpo inteiro trêmulo, os olhos presos no buraco cavernoso onde deveria estar a barriga dela.

Ela foi rasgada. Garras, acredito. Atravessaram o casaco. O suéter por baixo. O *meu* suéter, percebo.

Alessandra.

Está mutilada, os olhos ainda tão abertos de medo quanto em vida.

Eu me pergunto se um lobo-gigante a alcançou no caminho ou se foi obra daquele desgraçado do Stark.

É uma pena. Ela era uma boa pessoa, acho. Minha mente vaga até a família dela, esperando por ela no pomar, e me sinto atingida por uma picareta de novo.

Mas está frio demais aqui fora. O ar gélido penetrou fundo no meu peito, congelando meu coração.

Não posso chorar por ela. Não tenho tempo para isso.

Viro o rosto e volto a correr. Meus pulmões nunca estiveram tão frios, nunca arderam assim nem depois de horas e horas de treino com Igor. As partes expostas da pele queimam como se estivessem em chamas. Minhas articulações doem com o impacto sem fim das botas contra pedra e gelo. Devo estar sangrando das quedas e das chicoteadas cruéis dos galhos.

Meus pés começam a rachar e sangrar dentro das botas.

E desta vez não há magia de lobo-gigante me curando — ou estou longe demais de Anassa, ou ela escolheu me negar ajuda. Não sei como isso funciona.

Dói. *Merda*, como dói. Mas isso é mais uma coisa que Anassa não sabe a meu respeito: sempre usei a dor para alimentar a raiva, para continuar. Ela me atravessa, queimando e mordendo, e eu a engulo. Ela acende algo dentro de mim.

Algo implacável. Determinado. Impossível de deter.

Saela, *Saela*, *Saela*. O nome dela pulsa nas batidas do meu coração. No estrondo das minhas botas. No assobio do vento e nos uivos fantasmagóricos que ecoam pela encosta da montanha.

Formas se movem na minha visão periférica. Árvores passando rápido, talvez. Flocos de neve. Fantasmas contra o branco infinito do esquecimento.

Corpos surgem pelo caminho. Consigo vê-los com uma nitidez absurda, apesar do borrão doloroso em que o mundo se transformou. O primeiro é de um homem numa pilha de neve. Um lobo está sobre ele, negro como a noite em contraste com o branco. Desvio para a esquerda para evitá-los. A imagem do sangue nos dentes brilhantes e o corte terrível onde antes havia um pescoço fica se repetindo na minha mente enquanto corro.

O lobo me encara quando passo perto dele, e tento piscar para apagar a cena, a neve chicoteando meu rosto. Por mais que eu pisque e pisque, não consigo me esquecer. E só piora. Começo a ver os olhos de Anassa no lugar dos do animal, amarelos, furiosos, implacáveis.

O corpo seguinte é de uma mulher caída de bruços no fundo de um abismo em que eu também quase caio. Derrapo e preciso agarrar um galho com a mão dormente para parar antes de despencar pelo mesmo desfiladeiro abrupto que a matou.

O cadáver dela jaz imóvel contra a rocha escura, ossos brancos atravessando a pele no cotovelo e na coxa. O crânio afundado,

sangue espalhado sobre neve e pedra. Seu lobo está caído ao seu lado, imenso e imóvel.

Também está morto, percebo, o focinho relaxado, olhos vidrados. Morreu no impacto, provavelmente. O vento agita seu pelo.

Não importa. Contorno o penhasco e disparo por um trecho mais suave de neve e gelo. E continuo.

Corro e corro até deixar de sentir meu corpo, até minha mente se dissociar e voltar para uma cama quente, para um narizinho enterrado num livro, uma história sobre uma deusa que se salva sozinha. Nem percebo quando chego à base da montanha. A floresta que atravessamos ontem passa como um borrão. Não vejo nada.

A luz já mudou quando minhas pernas cedem e eu desabo, parando devagar, com muita dor. Estou sem fôlego, tonta. Delirante, na verdade. O céu escurece. Logo será noite, tarde demais.

Solto outro grito rouco e estrangulado ao tentar me erguer. Parece mais um choro, um soluço desesperado. Mas estou quase lá.

Eu me levanto, o corpo inteiro em um frenesi de agonia, e percebo que quase consegui. Há rastros na neve. Pegadas imensas de patas seguindo adiante. Reacendo a raiva no peito e convoco energia para um último esforço.

Passo correndo pela Cidade Unida, sigo as pegadas em direção ao castelo. A caminhada tranquila por esses bairros parece coisa de outra vida. Não há tempo para olhar e desprezar a riqueza nojenta. Nem sobra espaço no meu cérebro para odiar o castelo pelo que é e por tudo que representa.

Só consigo olhar para aquele amontoado colossal de pedras e pensar: *Preciso chegar lá. Preciso encontrar Saela. Preciso sobreviver.*

O céu muda de cor, aprofundando-se num cinza preguiçoso. O sol se arrasta baixo, tocando o horizonte escuro.

Quando chego ao portão, quase não há mais luz, e cada

centímetro do meu corpo grita.

Vejo uma mulher de pele escura e uma faixa prateada no cabelo curto. É uma das Unidas de alta patente que lideraram a Ascensão. Beta Egith, pelo que me lembro.

Ela se vira quando ouve meus passos se aproximando, meu andar irregular porque estou mancando feio. Seus olhos se semicerram ao me ver.

Tento reunir palavras. *Estou aqui. Consegui. Por favor.* Mas nada sai.

No fim, pouco importa. Ela me encara com desdém e fala:

— Sem lobo-gigante você não entra.

O grito cresce de novo no meu peito. Um impulso súbito e cruel me domina, a vontade de segurar essa mulher pela cabeça e afundar os polegares nas órbitas de seus olhos. Dou um passo à frente, punhos cerrados, xingamentos infinitos prestes a explodir.

Mas então um rosnado retumba atrás de mim.

Congelo e me viro, de olhos arregalados.

Ela está aqui. Ela está *bem aqui*. Essa *maldita*.

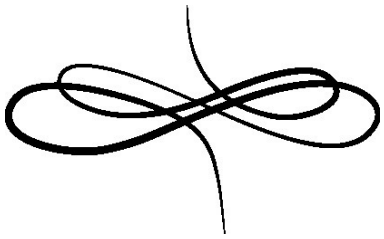
Anassa avança na minha direção, as patas pesadas esmagando a neve, baforadas de vapor saindo de seu focinho. Caminha com a cabeça baixa sob os ombros, orelhas voltadas para a frente, o olhar fixo em mim. O pelo branco-prateado contra a neve... Um fantasma.

Ela estava me seguindo. Estava comigo o tempo todo, vigiando minha descida.

A fúria martela meu coração enquanto a mulher do portão se anima.

— Certo, então — diz ela, a voz mais viva e o olhar mais atento. — Bem-vinda ao treinamento, Recém-unida Estrategos.

12



Agora percebo que o portão atrás da mulher é uma elaborada grade de ferro forjado com a imagem de dois lobos-gigantes uivando. Quando a mulher o empurra, os lobos-gigantes se separam, cada um para um lado.

Eu me concentro no portão para não precisar encarar Anassa, que sei que também evita meu olhar. Ainda assim, consigo *sentir* a tensão nos músculos robustos dela.

E pior: a muralha de ferro inquebrável permanece entre nossas mentes.

Mesmo assim, sinto um calor em meus pés; ela deve ter curado a pele rachada e dolorida.

— Vá em frente. Encontre sua alcateia no pátio — diz a mulher, estendendo o braço para me indicar a direção.

Hesito por um instante. Algo nas imensas muralhas de pedra do castelo me dá claustrofobia. Mas eu realmente não tenho escolha, pelo menos não esta noite. Preciso de tempo para descobrir como quebrar essa união.

— Você sabe pra onde ir — continua a mulher, erguendo o pescoço para encarar Anassa. A loba-gigante bufa com desdém e passa por mim em disparada.

Percebo a impaciência da mulher, então suspiro e sigo em frente, na mesma direção em que Anassa foi. Ao virar a esquina, porém, ela já não está em lugar nenhum.

Na minha frente encontro um grande pátio. As mesmas muralhas imponentes cercam o espaço fechado, mas, ali, os pilares de sustentação são adornados com lobos esculpidos, sentados com imponência no topo de cada coluna. Estão lá em cima, olhando para baixo, focinhos colados ao peito, eternamente carrancudos.

No centro do pátio há uma estátua semelhante, com dois lobos empoleirados sobre uma rocha esculpida de forma artística. Ao longo da colunata interna estão alinhadas várias portas arqueadas de madeira pesada e marcada pelo tempo. Nos cantos do pátio se projetam quatro janelas, sugerindo um segundo andar acessível ao longo do caminho das muralhas acima.

Nas extremidades do pátio, há grupos de recrutas — não, de *Recém-unidos* — claramente separados pelas mechas coloridas em seus cabelos.

Os Recém-unidos de mecha prateada estão no centro do pátio, a maioria amontoada ao redor da grande estátua. A neve sob os pés deles foi esmagada por muitas botas, revelando um pouco de grama morta e mais do mesmo paralelepípedo coberto de gelo sobre o qual agora caminho, sentindo as botas pesadas ao avançar.

O enorme espaço interno me deixa desconfiada. O pátio certamente foi projetado para que os lobos-gigantes pudessem se mover livremente, mas estou acostumada a becos estreitos e casas minúsculas. Estou acostumada a sempre ter uma parede às minhas costas.

Aqui, um ataque pode vir de qualquer direção, e eu teria muito pouco a meu favor além da minha própria força. O que, claro, não é algo a se menosprezar.

Mas poder arremessar uma cadeira ou puxar um varal para cegar o inimigo faria com que eu me sentisse mais segura.

Parte da minha energia volta quando reconheço Izabel no meio da multidão de cabeças marcadas de prateado. Vou até ela e resmungo seu nome. Ela se enrijece e se vira, mas seus olhos se

iluminam quando me vê.

— Meryn! Você conseguiu chegar inteira!

— Mais ou menos. Deixei minha dignidade lá na montanha.

Izabel ri.

— Bom, pelo menos você ainda tem todas as partes do corpo. Já é alguma coisa. A Anassa já se abriu com você?

— Se sua definição de "se abrir" for "querer acabar com a minha ração", então, *sim*. Ela se abriu. Muito. — Inspiro fundo, o peito ainda trêmulo e dolorido pela queda na montanha, e olho em volta para o resto dos recrutas. — Uau.

— Eu sei. Somos muitos — responde Izabel.

Mas não era isso que eu estava comentando. Está dolorosamente claro que quase todos são da Cidade Unida. Dá para perceber só de olhar. Os casacos tingidos de cores vivas, as peles pesadas, os cachecóis longos. A constituição saudável dos músculos. A altura imponente.

Deusa, até a pele deles parece mais saudável do que a das pessoas lá no Leste.

Meus olhos se fixam em um Recém-unido particularmente espalhafatoso, de pele clara. É um dos mais velhos, alto e bonito, com um cabelo ruivo vibrante que se destaca contra a pedra cinzenta e a neve pálida. Está só sorrisos e gargalhadas, rodeado de um pequeno grupo de admiradores que o acompanham como se não tivéssemos acabado de ver legiões de pessoas morrerem.

É essa confiança inabalável que me incomoda, como se todos eles fossem donos do mundo.

Mesmo os mais quietos exalam isso. Uma garota magra, com o mesmo risco prateado no cabelo castanho cacheado, fica afastada do grupo. Lágrimas escorrem silenciosas pelo seu rosto — ela está em frangalhos, mas ainda assim seus olhos queimam como se soubesse que poderia cortar a garganta de qualquer um de nós sem sofrer as consequências de seus atos.

— Você deve estar se sentindo meio perdida — comenta Izabel, interrompendo meus pensamentos sombrios.

— Perdida é pouco. Como te contei, eu não deveria estar aqui.

— E, ainda assim, você está. Poderia ser pior. Estamos na alcateia Estrategos — explica Izabel, orgulhosa, sorrindo para mim. É a mesma palavra que ouvi da mulher no portão. — Os líderes.

Ergo uma sobrancelha.

— Líderes?

— Uhum. Meus pais também estão na Estrategos, mas não me surpreende que a Venna tenha se juntado à Criptos. — Ela aponta para o canto leste do pátio, onde há outro grupo de Recém-unidos. São os que têm mechas azul-escuras no cabelo. — Eles são os espiões. Venna sempre foi difícil de segurar... — explica, sorrindo, com um olhar gentil. — E aqueles — continua Izabel, apontando para o canto oeste, onde pessoas de aparência particularmente brutal estão reunidas — são os Daemos. Os guerreiros.

Os guerreiros com as marcas vermelho-sangue. Franzo a testa.

Todos eles parecem estar na expectativa de rasgar a garganta de alguém com os dentes. São ainda maiores que os outros e exalam uma energia que daria para confundir com nervosismo se os olhos não fossem tão afiados. Tenho quase certeza de que é pura ânsia de lutar.

Não me surpreende que Jonah esteja nesse grupo, lançando olhares ferozes para todos.

— Por último, os Filax, ou guardiões — continua Izabel, gesticulando para o grupo mais calmo, onde Henrey está com as mãos na cintura e com uma expressão contida.

Então temos líderes, espiões, guerreiros e guardiões.

— Funções de combate?

— Mais ou menos. Também tem a ver com dinâmica de alcateia, cultura e até temperamento dos lobos — responde ela. — Cada um de nós tem seu propósito, e trabalhamos juntos. Em teoria.

Eu já estava começando a me deixar seduzir por toda essa estrutura. Pelo funcionamento interno dessa parte privilegiada e exclusiva da sociedade que sempre pairou sobre nós, os trabalhadores descartáveis. Mas a palavra *propósito* me desperta.

Saela é o meu propósito, não liderar um bando de Recém-unidos arrogantes e convencidos.

Tenho perguntas mais importantes a fazer, por exemplo: *Como eu saio dessa porra de lugar e chego à frente de batalha?* Cada minuto que passo aqui é mais um minuto que Saela passa na mão de seus sequestradores.

Entretanto, antes que eu possa começar a interrogar Izabel sobre a possível dificuldade de escapar desse tipo específico de alistamento — e, principalmente, se seria possível romper a união sem morrer —, o portão de metal por onde entramos se fecha com um estrondo, o som ecoando pelas pedras.

Todos nos calamos quando a mulher que nos recebeu avança, a expressão séria.

— É isso, então! — anuncia, a voz firme e estrondosa. — O sol se pôs. Vamos levá-los para os seus aposentos.

Basta uma olhada no céu para perceber que ela tem razão. O dia acabou. Quem ainda estiver além daqueles portões provavelmente já está morto.

Por um instante penso nos que se perderam, e então a mulher de alta patente passa por nós, falando alto e rápido:

— Eu sou Egith Hartsfeld, Beta da alcateia Estrategos — anuncia, sem sequer olhar para qualquer um de nós.

O grupo de Recém-unidos se assusta e vai atrás, meio sem jeito. A autoridade de Egith deixa claro que devemos segui-la sem que isso precise ser dito. Tento assimilar o termo que ela acabou de usar.

Beta, disse ela. Sei apenas que os Alfas estão no topo, mas não entendo nada da hierarquia dos Unidos e, por isso, não sei o que

isso significa.

Ainda assim, é óbvio que ela é importante.

Seguimos para a parte leste do pátio, onde a alcateia Criptos aguarda, e passamos pela colunata em direção ao interior do castelo. A larga porta de madeira range quando Egith se aproxima, e só então percebo que há dois homens ali, abrindo a porta para ela.

Há quanto tempo estavam de pé ali? É só isso que fazem? São pagos apenas para *esperar* e abrir a porta para os tão importante Unidos?

Egith fala enquanto caminha, sem se dar ao trabalho de verificar se a seguimos.

— Esta metade do castelo foi construída para o treinamento dos Recém-unidos. Treinamos aqui, perto do rei, para que ele possa acompanhar nosso progresso.

Uma ala inteira do castelo é exclusiva para treinamento? Eu nem imaginava. E o castelo inteiro é assim? Deusa do céu.

Quando entro, uma onda de calor me envolve. Deve haver centenas de lareiras acesas dentro dessas paredes para manter o frio afastado de forma tão eficiente. Tudo está polido e reluzente, até mesmo as pedras expostas. O chão brilha sob nossas botas enlameadas.

Mais estátuas imponentes ladeiam o saguão de entrada, rostos de figuras que presumo serem Unidos renomados, olhando para baixo como se nos avaliassem.

Izabel parece tranquila, os olhos grudados em Egith enquanto avançamos pelos corredores do castelo, mas para mim tudo isso é *coisa demais*.

A descrença ferve dentro do meu peito.

Por que tanta opulência? Quanto mais nos embrenhamos pelo castelo, mais o ambiente se aquece. As paredes são forradas de madeira nobre entalhada, e de todos os lados pendem tapeçarias

tecidas com fios de ouro e prata; todas retratam lobos-gigantes, coroas elaboradas ou desenhos em espiral que lembram montes de neve e nuvens tempestuosas.

A pedra fria e hostil dá lugar ao mármore e a tetos altos e abobadados, sustentados por vigas de madeira esculpida. Tudo é tão amplo quanto o pátio, com imensos portais em arco e janelas do chão ao teto trabalhadas em delicados rendilhados. Os corredores são iluminados por lamparinas a óleo, cuja luz quente e bruxuleante se espalha sobre o mármore reluzente e os rostos animados dos outros Recém-unidos.

— Vocês *não devem* sair desta metade do castelo — orienta Egith, a voz ecoando pelos corredores, misturada ao som abafado das nossas muitas passadas. — A outra metade é da família real, e é proibido pisar lá, salvo em ocasiões especiais.

É impossível acreditar que exista um lugar no mundo com tanta riqueza explícita. O corredor por onde caminhamos é mais largo do que as ruas da minha cidade.

— Como podem ver, nossa metade do castelo foi projetada para que os lobos possam circular por ela — continua Egith, indicando um portal alto à medida que passamos.

— Onde *estão* nossos lobos? — pergunta Henrey, de algum ponto próximo.

Alguns ao redor riem ou zombam, como se a pergunta fosse idiota, mas para mim ela faz todo sentido. Anassa desapareceu. Achei que fosse apenas para se afastar de mim, mas desde que cheguei não vi um único lobo-gigante.

— Ah, sempre tem um que pergunta isso — zomba Egith, enquanto atravessamos um conjunto de enormes portas cravejadas de ferro e seguimos por outro corredor igualmente suntuoso. Criados passam apressados por nós, lançando olhares apreensivos. — Aprenda rápido, Recém-unido. Os lobos preferem ficar ao ar livre. Durante o treinamento, eles ficam em terraços escavados na

montanha, de frente para os campos de treino externos. Vocês farão um tour completo das instalações amanhã.

Henrey apenas assente com firmeza, concentrado, e não dá atenção aos imbecis que sussurram comentários sobre ele, embora suas bochechas estejam coradas.

Chegamos ao fim do corredor e nos aproximamos de mais um arco de pedra pontiagudo com cortinas de veludo vermelho luxuoso escorrendo até o chão em dobras suaves.

Egith afasta a cortina ao passar, num movimento quase automático. Nós a seguimos como um bando de patinhos atrás da única figura de autoridade visível.

A sala circular em que entramos é imensa. Dá para ver que é algum tipo de área comunal, ainda que não haja nada de *comum* nela.

Está bem iluminada por lamparinas a óleo com cúpulas de tons quentes. Metade do salão é tomada por dezenas de mesas compridas e polidas, ladeadas por cadeiras delicadas e finas. A outra metade é ocupada por sofás enormes e poltronas fundas, todos dispostos em volta de lareiras monumentais. Um criado com o uniforme do castelo coloca lenha em uma delas, sem sequer erguer os olhos quando a multidão entra.

As paredes são cobertas por estantes abarrotadas, tapeçarias ou quadros gigantescos de retratos e paisagens. O próprio revestimento de pedra bruta traz cenas entalhadas em baixo-relevo: lobos-gigantes em caçadas que percorrem o salão inteiro.

Tudo impecável, é claro, como o resto do castelo. Cada detalhe no lugar, até as flores nos vasos, aparadas com perfeição. Não faço ideia de como conseguiram tantas flores dos feudos externos. Em Tempesgelo, elas não crescem ao ar livre. De vez em quando é possível comprá-las nos mercados, mas são sempre caríssimas, consideradas exóticas.

Acho que é o tipo de coisa inútil que ricos gostam de comprar.

Enquanto o grupo inteiro avança, meu olhar vai parar nas grandes portas que margeiam a sala. São quatro, espaçadas de forma simétrica. Cada uma traz o nome de uma alcateia, exatamente como Izabel havia explicado mais cedo.

Estrategos. Criptos. Daemos. Filax.

Abaixo de cada inscrição dourada há um símbolo gravado em runas. Estou começando a examiná-los quando a voz de Egith ecoa outra vez pelo salão.

— Esta é a sala comunitária dos Recém-unidos, onde vocês receberão suas refeições — anuncia, finalmente parando e se dirigindo aos seus subordinados. — Atrás das portas de suas respectivas alcateias ficam os dormitórios. Cada uma tem o próprio espaço de convivência, beliche, banhos e aposentos privados para os instrutores. Hoje vocês vão comer dentro dos dormitórios, mas a partir de amanhã todas as alcateias fazem as refeições aqui, juntas.

Um silêncio pesado recai sobre a sala, quebrado apenas pelo arrastar de pés e pelo crepitar do fogo. Segundos se passam antes de Egith revirar os olhos e apontar para as portas.

— *O que* estão esperando? Vão!

No mesmo instante, os Recém-unidos se dispersam para a área de suas alcateias. Cerro a mandíbula, e Izabel acena para a irmã, sorrindo e gesticulando algumas palavras. Depois, ela se vira para mim e toca meu cotovelo com gentileza. Vou atrás dela até a área dos Estrategos.

— Lar doce lar — comenta Izabel quando entramos.

Cambaleio de leve diante da visão. É ao mesmo tempo enjoativo e deslumbrante ver tanto luxo concentrado.

O vestíbulo em que entramos é enorme e abarrotado de conforto. Poltronas por todos os lados, até nichos estofados junto às janelas. Mais estantes cobrem as paredes. Almofadas em pilhas descomunais sobre sofás e cadeiras. Tapetes bordados e macios

forram o chão. Um lustre baixo balança, projetando uma luz suave no ambiente.

Outra lareira gigantesca domina o espaço, grande o bastante para que eu possa ficar de pé lá dentro. As paredes estão cobertas por papel de parede cintilante, um tom profundo de malva com padrões adamascados prateados refletindo a chama viva. Os vitrais nas janelas mostram lobos prateados em diferentes movimentos elegantes. O brasão militar está esculpido em proporções monumentais acima da lareira.

Deusa, até o *cheiro* aqui parece rico, como se alguém estivesse queimando incenso em algum canto. Cravo, talvez?

— Puta merda... — murmuro, os olhos fixos no conjunto de chá cristalino sobre a mesinha perto do fogo. Quem precisa disso? Não estamos em guerra?

Em volta do vestíbulo, há quatro portas fechadas e uma aberta.

— Bem-vindos ao dormitório Estrategos — anuncia Egith, avançando até uma das portas fechadas. Aposto que todas levam aos aposentos dos instrutores. — Para aqueles que precisam trocar de roupa — ela faz questão de me encarar —, há um depósito no quarto coletivo com tudo de que precisam, em vários tamanhos. Durmam bem.

Encaro os criados que começam a ocupar o aposento enquanto Izabel me puxa pela porta aberta. Dá para ver que é o dormitório. Treze beliches idênticos alinhados e separados por cômodas idênticas. Outra lareira arde no fundo do quarto comprido, com uma pilha de lenha ao lado e uma grade em forma de lobo uivando para proteger o tapete da brasa.

Mais ao fundo, uma porta entreaberta nos permite ver o lavatório e o banheiro, que, com certeza, são tão grandes, luxuosos e cristalinos quanto todo o resto.

Passo a mão nos lençóis de uma das camas enquanto Izabel e eu caminhamos entre outros Recém-unidos para escolher um lugar.

Macio. *Tão macio*. Mais bonito do que qualquer coisa que já lavei enquanto trabalhava na lavanderia, que dirá que já tenha usado.

Minha mente gira. É isso que os Unidos *em treinamento* recebem?! Nós ainda nem somos soldados!

O contraste é ridículo. O centro de recrutamento onde estive parecia um chiqueiro caindo aos pedaços em comparação a esse lugar. O que será que os soldados da frente de batalha recebem? Aposto que um saco de dormir úmido e um mingau ralo de manhã.

E nós sempre ouvimos que precisamos apertar o cinto pelo esforço de guerra, fazer sacrifícios para que os soldados tenham o necessário para nos proteger.

Mas toda comida que não podíamos comer veio parar aqui, nas barrigas dos Unidos. O combustível para nossos fogões acabou queimando nessas lareiras. Os impostos, os salários cortados, tudo é feito para que os Unidos tivessem criados para abrir portas para eles e lençóis de seda em que dormir.

Somos *todos* obrigados a arriscar a vida contra os Sifões. Por que eles merecem esse luxo enquanto soldados morrem na frente de batalha e gente comum morre de fome ou vive aterrorizada?

Só porque eles têm lobos grandes e cruéis?

Ainda estou às voltas com esses pensamentos quando Izabel escolhe uma cama para dividirmos. Ela larga a mochila com um baque, e eu fico parada, meio anestesiada, lembrando que já não tenho mais mochila nenhuma. Precisei deixar todas as minhas coisas no alto da montanha, junto com a minha dignidade.

Descansem em paz.

Avisto o armário de suprimentos que Egith mencionou e faço uma nota mental de pegar algumas roupas.

— É melhor a gente ir comer — diz Izabel. — E se limpar. Mas comida primeiro.

— É — murmuro, distraída.

Quando voltamos para a antessala, as mesas já estão cobertas por um banquete. O cheiro é incrível: pão fresco, carne temperada com ervas e o leve ardor do vinho.

Eu me sento ao lado de Izabel e encho um prato, devorando a comida sem me preocupar com boas maneiras. Deve ser a melhor coisa que já comi, e não apenas porque estou morta de fome. Eu não teria como pagar por uma refeição dessas nem juntando o salário de uma semana em casa. No Leste, as pessoas nem cozinhariam algo assim, porque ninguém teria dinheiro para comprar.

Mas é *tão* bom. Rico e amanteigado. Apimentado. Gorduroso. É felicidade em um prato.

— Com fome? — provoca Izabel enquanto mastigo.

Engulo e aceno.

— Estou me engordando para quando a Anassa resolver me comer. Quero que a experiência seja agradável pra ela.

Izabel ri. Comemos em silêncio por mais alguns minutos e penso em repetir o prato, mas já estou com a barriga cheia da refeição farta e da quantidade absurda de coisas que enfiei goela abaixo.

— Pronta para dormir? — pergunta Izabel.

— Pronta pra cacete — respondo, empurrando a cadeira para trás e me levantando.

De volta ao dormitório, muitos dos Unidos estão esvaziando as bolsas e guardando itens nas cômodas, colocando cobertores nas camas e cortinas ao redor dos beliches para ter privacidade.

Franzo a testa.

— Eles tinham tudo isso nas mochilas?

Izabel balança a cabeça.

— Ninguém subiria carregando um travesseiro extra. Nossas famílias entregam as coisas no castelo quando partimos para a Ascensão.

Bufo.

— Presunçosos.

A mandíbula de Izabel se contrai enquanto ela puxa uma mala debaixo da nossa cama.

— Para uma família Unida, não existe fracasso. Se você falha em se unir nos Ritos, está fora. Morto para eles. Não faz mais parte.

Sinto uma amargura revoltante. Nada disso faz sentido. Nada disso é justo. Esse sistema mastiga e cospe a gente.

Olho em volta, xingando baixinho. Vai ficar ainda mais óbvio que não me encaixo aqui, com meu beliche vazio e uniformes doados pelo exército. Como se meu cabelo prateado e a loba desgraçada já não bastassem.

Não que eu queira me encaixar. Meu objetivo é Saela. Só preciso sobreviver para encontrar uma saída.

Mas isso é um problema para amanhã.

Pego um pijama velho — mas ainda macio e caro — do armário de suprimentos, além de novas peças de roupa íntima e um uniforme para amanhã. Sigo para o lavatório e me troco rápido para que a próxima garota possa usar a cabine. O banheiro coletivo ao lado é tentador, mas estou tão exausta que só consigo pensar em desmaiar num travesseiro.

De volta ao dormitório, começo a subir para meu beliche de cima, mas Izabel me interrompe, o olhar cheio de preocupação.

— Não baixe a guarda — sussurra. — Hoje todo mundo está acabado, mas o treino já começou e todo mundo vai querer provar que é o mais forte da alcateia.

Assinto.

— Vou ficar na minha. Não se preocupe.

Izabel ainda parece preocupada, mas assente e deita em seu beliche. Estremeço quando meus músculos tensionam na subida até a cama de cima, e mesmo depois de me acomodar continuo tensa. As palavras de Izabel não foram nada reconfortantes.

É como eu pensava, como Lee disse.

Os Ritos de União são cruéis e impiedosos. A Ascensão pode ter acabado, mas os Ritos estão apenas começando. Preciso ficar atenta.

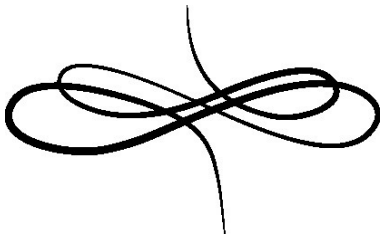
Minha mente revira todas as possibilidades. Será que alguém tentaria me atacar enquanto durmo? Será que minha união falha com Anassa vai acabar me matando primeiro? Estou convencida de que não vou pegar no sono, mas minha mente começa a desligar, a exaustão vencendo.

O sono que me toma é profundo e insuportavelmente pesado. Sombrio, até.

E, nessa escuridão, escuto uma voz que gela meu sangue, entoando no ritmo das batidas do meu coração:

— *Lumina*, *Lumina*, *LUMINA*.

13



Acordo assustada.

De início, meu cérebro confuso pensa que o teto está desabando. O som que ressoa no meu crânio é tão alto e profundo que parece apocalíptico. Mas, quando me ergo de um salto, com a boca seca e o cabelo emaranhado, percebo que uma corneta berra para nos acordar. A nota grave ainda vibra nos meus ouvidos mesmo depois que o som brutal desaparece, e ainda ouço o eco de um sussurro.

Lumina.

Engulo algumas vezes, tentando afastar a secura da boca. Minha cabeça lateja. Meus músculos doem demais. Mal amanheceu lá fora, mas o quarto já é um redemoinho de atividade ao meu redor. Do alto do meu beliche, vejo que todos os outros Recém-unidos já estão vestidos e arrumados, seus beliches organizados, os cabelos ainda úmidos do banho.

Eles se movem com uma eficiência treinada. Observo, sonolenta, enquanto a bela loira do beliche ao lado ajusta com facilidade as tiras de couro do uniforme, como se suas mãos tivessem repetido aquele gesto complicado a vida inteira. Em instantes, o couro do uniforme está justo, preso com firmeza, como se tivesse sido feito sob medida para ela.

Talvez tenha sido mesmo. De repente lembro que eles passaram a vida inteira se preparando para isso. Sabiam que o toque de corneta viria. Sabem muito bem como vestir seus uniformes e

quanto tempo teriam de manhã para se preparar para o dia.

— Meryn — chama Izabel, batendo na lateral da nossa cama. — Anda logo. Vamos.

Eu me movimento às pressas, arrancando o cobertor e descendo rápido pelas ripas da cama.

— O que é tudo isso? — pergunto, correndo até a cômoda para pegar minhas coisas.

— Já deveríamos estar reunidos na sala comunitária para o café da manhã. Você precisa se arrumar. — Ela me olha de cima a baixo. — Arrume o cabelo, talvez. A aparência importa aqui.

A aparência importa, seja lá o que isso quer dizer. Solto o cabelo do prendedor, quase me cagando de medo quando o branco-prateado cai sobre meus olhos.

Ah, é. Tem isso.

Izabel também observa minhas mechas prateadas.

— Isso é estranho, não? — pergunto, apontando para o meu cabelo.

Ela faz um gesto para me silenciar, as bochechas ficando rosadas.

— Claro que é. Mas não chame atenção para isso, se puder.

— Você acha que é porque não venho de uma família Unida?

Izabel balança a cabeça.

— Não tinha mais um menino de origem comum que se uniu?

Ela tem razão: Henrey, cujos cabelos ganharam apenas uma mecha dourada, como todos os outros em sua alcateia.

Abro a boca para fazer outra pergunta, mas Izabel me encara, visivelmente amedrontada.

— É sério, Meryn. Ser diferente pode acabar te matando. Não faça perguntas demais e... tente não pensar muito nisso, tá?

Saio para vestir o uniforme e quando volto Izabel quase me arrasta para fora do quarto. Ainda estou lutando com a jaqueta de couro dura e as várias tiras e fivelas quando atravessamos a antecâmara dos Estrategos e entramos na sala comunitária.

A maioria dos Recém-unidos chegou antes de nós, inclusive Venna, então pegamos o único espaço vago em que dá para nos sentarmos juntas.

Izabel resmunga, baixinho, ao nos aproximarmos:

— Finge que ele não existe.

— Ora, ora, ora. — É o ruivo que notei falando alto no pátio ontem. Ele parece atrair todos os olhares, como se fosse um exemplo a ser seguido. — Como vocês duas estão nesta bela manhã?

Izabel se senta ao lado do sujeito.

— Bem — responde, seca, e dá um tapinha no assento ao lado. Eu me sento, estudando o homem que ela demonstra não ter paciência alguma para aguentar. Ele tem uma beleza padrão e é um pouco mais velho que os outros Recém-unidos, com cílios claros e algumas sardas na ponta do nariz. — Esse é o Tomison.

Ele se inclina sobre Izabel e abre para mim um sorriso que grita *eu sou agradável e você tem que gostar de mim*. Tenho certeza de que isso deve funcionar com as pessoas.

— Prazer, Tomison Thorne, futuro Alfa da alcateia dos Estrat...

— Esse ego inflado é para compensar alguma coisa, sabe? — interrompe Izabel, me fazendo rir.

Tomison ri também, bem-humorado.

— É melhor você comer, Izabel. Acho que só temos mais alguns minutos antes de sair.

O clima entre eles é surpreendentemente leve, e percebo que não é de hoje que se conhecem. Ambos são de famílias Unidas. Devem ter crescido juntos ou, pelo menos, se esbarrado ao longo da vida.

A lista de motivos pelos quais não me encaixo aqui está ficando tão longa que em breve vou tropeçar nela.

Mas não importa. Não vou ficar por muito tempo mesmo.

Afasto as preocupações e me concentro na comida. É tão

extravagante quanto a da noite anterior, o que significa que eles sempre se esbaldam assim, tendo à disposição uma mesa repleta de comida suficiente para alimentar uma família de quatro pessoas por uma semana.

Tento provar um pouco de tudo. Um folhado de chocolate. Um bolo achatado coberto de açúcar de confeiteiro. Linguiças suculentas. Morangos frescos, de verdade. *Café*, pelo amor da deusa. Até ovos cozidos de casca azul, tão delicados, bem ao lado da travessa de bacon gorduroso e de uma tigela com um tipo de pão frito crocante que nunca vi antes.

Estou no meio da refeição quando começo a sentir um embrulho no estômago. Tanta comida rica está me deixando enjoada. Como eles conseguem comer isso todos os dias?

— Está tudo bem? — pergunta Izabel, percebendo meu desconforto.

Dou um gole no café e assinto.

— Bem.

Ela empurra um copinho para mim. Há um para cada Recém-unido.

— Não esquece disso.

— O que é? — pergunto, olhando para o líquido verde viscoso.

— Poção contraceptiva. Todo mundo toma. Você não vai querer arriscar suas chances nos Ritos se... sabe como é, ficar de barriga.

Percebo que a poção é idêntica à que eu compro na botica perto de casa. Viro tudo de uma vez sem discutir. Não vou ficar tempo suficiente para deixar alguém chegar perto de mim desse jeito, mas não quero levantar suspeitas recusando.

A porta dos aposentos dos Estrategos se escancara. Egith Hartsfeld entra, parecendo em forma e descansada.

— Hoje é dia de orientação! O único e inigualável! — brada ela, sem perder tempo.

Os outros Recém-unidos se põem de pé imediatamente. Cadeiras

se arrastam e talheres são deixados de lado. Eu só queria tomar a droga de um banho.

— Recém-unidos Estrategos, venham comigo — ordena Egith. Noto que também surgiram instrutores das outras alcateias para convocar seus Recém-unidos. — Hoje vocês vão conhecer as instalações. E não me façam perguntas idiotas.

Conhecer as instalações. Graças à deusa. Talvez eu consiga bolar uma estratégia de fuga caso o método direto não funcione.

Sem dizer mais nada, Egith se vira e sai do salão.

— Mulher de poucas palavras — comento, enquanto Izabel e eu seguimos para a porta com o resto dos Recém-unidos.

— Se ao menos algumas pessoas pudessem seguir o exemplo dela... — comenta Izabel, lançando um olhar para Tomison, que já está tagarelando para seu grupo de seguidores.

Enquanto seguimos Egith pelo castelo, ela fala sobre as diversas alas pelas quais passamos e suas funções. Algo sobre cozinhas e despensas, enfermarias, salas de guarda, um túnel para a galeria subterrânea.

Meus olhos e minha atenção, porém, estão focados em outras coisas, analisando rotas e memorizando pontos de referência para que eu consiga fugir sem que percebam.

Há algumas passagens de serviço óbvias que eu poderia usar. São portas estreitas e baixas, pequenas a ponto de qualquer um ter que se curvar para atravessar, mesmo os não unidos. Um lobo-gigante não conseguiria nem enfiar a pata ali, então não há a mínima chance de elas serem usadas por alguém que os Unidos considerem importante.

Nosso grupo entra em um salão largo, com braseiros acesos nas paredes. Bem acima, no teto, há um mural retratando dois lobos estilizados, um branco e um preto, girando um ao redor do outro em uma dança muito realista.

Estou olhando para cima, com pescoço esticado, quando um dos

Recém-unidos ao meu lado arfa. Os passos diminuem. O lugar cai num silêncio absoluto.

Todos encaram o fim do corredor, onde se erguem portas duplas escancaradas, quatro vezes maiores do que eu. Depois delas há um espaço enorme com chão de terra batida. O lugar parece banhado por luz solar, mas não sinto nenhuma corrente de ar, então deve ser um ambiente fechado com teto de vidro. Consigo distinguir a linha onde as bordas lisas e entalhadas da arquitetura da sala se encontram com a pedra irregular da montanha.

— Como muitos de vocês já perceberam, aquele é o caminho para a arena onde acontecerão as novas provas dos Ritos. — Novas provas, *no plural*? — Vamos em frente.

Que merda é essa? Quantas vezes mais teremos que enfrentar morte e mutilação?

Logo estamos avançando rápido pelos corredores de novo, passando por várias áreas de treinamento dedicadas a cada alcateia. As placas seguem o mesmo padrão dos aposentos. Tenho um leve vislumbre de cada uma conforme passamos.

O campo de treinamento dos Criptos é basicamente um circuito de obstáculos com torres de vigia altas. O dos Daemos tem vários bonecos de prática enfileirados e armas nas paredes, o chão marcado por garras e o que parecem ser os restos carbonizados de uma magia violenta. O dos Filax exibe um dispositivo enorme e estranho, com uma série de pêndulos oscilantes, além de mais bonecos e pesos.

Já o dos Estrategos é, de longe, o mais entediante, cheio de equipamentos táticos como arneses e ganchos, além de várias mesas de estratégia e talvez duas dúzias de mapas cobrindo as paredes. Vai ser emocionante passar o dia encarando mapas.

Ficamos parados na entrada da área de treinamento dos Estrategos enquanto Egith explica que ficaremos boa parte do nosso tempo ali. Meus olhos vagueiam além do espaço sem graça.

Há duas portas altas em cada lado de uma parede de janelas que vão do chão ao teto, e além delas a neve cai lentamente.

Forço a vista através da neve e de repente percebo o que estou vendo.

A encosta da montanha se ergue imensa. Cravadas no penhasco rochoso há cavernas enormes e saliências de pedra. Lá em cima, nossos lobos descansam, alguns olhando para baixo, outros cuidando da própria vida.

Os terraços dos lobos, percebo, onde eles ficam enquanto estamos em treinamento.

Vejo Anassa no mesmo instante. Ela é de um branco-prateado cintilante que contrasta com a pedra escura, deitada o mais isolada possível dos outros. Seus olhos encontram os meus por um instante e logo ela desvia, balançando o rabo com irritação. Cerro os punhos, bufando com raiva.

Ótimo. Que se dane. Não preciso dela. Que essa loba desapareça na montanha, por mim tanto faz. Foi ela que se uniu a mim contra a minha vontade e depois me abandonou.

Assim que eu tiver a oportunidade, vou falar com Egith e dar um jeito de sair dessa enrascada, custe o que custar.

Nosso passeio tão divertido termina em um auditório. É estruturado em semicírculo, com talvez cem assentos que descem até um palco central elevado. Como no restante do castelo, as paredes são de madeira entalhada e o teto é abobadado, com claraboias circulares entre as vigas de sustentação. A acústica faz nossos passos ecoarem conforme somos conduzidos para dentro.

As outras alcateias também estão lá, entrando por portas diferentes, espalhando-se pelas fileiras.

— Sentem-se — ordena Egith, descendo as fileiras para se juntar a outras pessoas que já aguardam no centro.

Fomos os últimos a chegar, então nos acomodamos nas fileiras de trás. Sigo Izabel sem pensar, estudando as figuras no palco que

aguardam enquanto nos acomodamos para começar a falar.

São cinco ao todo, incluindo Egith. Quatro mais jovens e um que é claramente uma relíquia antiga, na casa dos setenta, no mínimo.

Stark é o mais alto, de braços cruzados e afastado alguns passos dos outros. Ele volta a nos fitar com uma cara fechada, o maxilar travado como se odiasse estar naquele palco e também nos odiasse pela audácia de levarmos mais do que trinta segundos para nos sentarmos.

Com a iluminação mais generosa, consigo distinguir melhor a tinta escura das tatuagens, ainda mais agora que ele veste uma camisa de mangas curtas. Elas serpenteiam pelo braços e pelo pescoço em desenhos intrincados. Nos braços, parecem runas, imagens inspiradas na natureza — formas geométricas escondidas entre linhas caóticas e elegantes que me lembram florestas de pinheiros e galhadas pesadas. Sobem pela lateral do pescoço e desaparecem sob os cachos escuros atrás da orelha. Mais acima têm a aparência de garras ao redor da garganta, como um colar de dor.

Ele é... *preciso* demais. Treinado. Atento.

Seus olhos seguem as movimentações. Stark é como um predador perseguindo a presa. Seu corpo permanece tenso, pronto para reagir a qualquer ameaça.

Estar na presença dele é como ter uma faca encostada na garganta, e percebo que me acomodo com cuidado no assento para não correr o risco de chamar a atenção dele e ser dilacerada.

Presumo que eles serão nossos instrutores. Um de cada alcateia, talvez? Egith toma seu lugar ao lado deles, e o burburinho dos Recém-unidos Estrategos vai diminuindo bem a tempo de eu ouvir o final de uma conversa sussurrada na fileira da frente.

— ... ainda não acredito que arrastaram o *Alfa* dos Daemos para isso — comenta uma mulher. — Ele é filho da Alfa Soberana também, sabia?

— Olha as tatuagens — sussurra a outra. — Ele já matou tanta

gente. E não tem nem trinta anos ainda. Ouvi falar que ele se uniu aos dezoito anos e virou Alfa dos Daemos aos vinte e um.

— *Porra*, o Stark é tão gostoso — solta a primeira, afundando no assento.

Ergo uma sobrancelha e volto a estudar Stark. Ele é gostoso? Acho que... sim?

Ou melhor, *sim*, *com certeza*.

É óbvio. Muito óbvio. Quase dois metros de músculos volumosos e definidos, um maxilar perfeito e cílios mais bonitos que os meus. Os lábios são fartos e o cabelo escuro, sempre bagunçado, é na verdade desalinhado de propósito, com fios grossos, do tipo que dá vontade de puxar quando você está...

Não, melhor não seguir por esse caminho.

E tem também o jeito como ele se porta. Não é condescendente como os outros Unidos. É mais... desafiador. Como se estivesse provocando o mundo a testá-lo porque sabe que vai vencer.

Pensar em toda essa força e precisão focada em você, nas suas necessidades, nas suas vontades e desejos...

Não! Balanço a cabeça. Nada disso importa. Ele podia muito bem ter "psicopata assassino" gravado na testa. Na verdade, ele *já tem* isso tatuado pelas mãos, braços e pescoço.

A fagulha de interesse que senti ao estudá-lo — afinal, sou *humana* — se apaga no instante em que me lembro das coisas que ele fez e disse.

Você não deixa alguém tão perigoso se aproximar. Mesmo que seja só por sexo.

— Eu cometeria crimes só para ter esse homem no meio das minhas pernas — sussurra a segunda mulher.

É, bem. Talvez eu seja a única que pensa assim.

— Bom dia, Recém-unidos! — anuncia o homem mais velho, avançando.

Ele veste túnicas casuais, bem diferentes dos uniformes de couro

apertados dos Recém-unidos.

— Sou o antigo Alfa dos Estrategos, Aldrich Gnosis. Podem me chamar de líder Aldrich. Serei o chefe de treinamento dos Recém-unidos nesta temporada — diz ele, alisando a barba. — Quero dar boas-vindas a todos. Temos uma boa quantidade de pessoas este ano, e o começo deste processo de quatro meses tem sido promissor.

Quatro *meses*?

Olho chocada para Izabel, mas ela continua encarando o palco, imperturbável.

Quatro meses. Cacete. Saela nunca conseguiria esperar tanto tempo. Esperar tudo isso para chegar à frente de batalha não é uma opção.

— Nestes meses vocês terão que provar que estão aptos a integrar uma alcateia e se chamar de Unidos. Muitos vão conseguir completar o processo, mas não se enganem: muitos não sobreviverão. O treinamento começa com a Forja, um período de dois meses com os Recém-unidos da sua alcateia. Essa fase serve para que conheçam seus futuros companheiros e aprendam a trabalhar juntos. Alguém sabe quais Ritos acontecem durante a Forja?

A mão de Izabel se ergue de imediato, e ela praticamente saltita na ponta da cadeira. Ah, ela é esse tipo de aluna. Não me surpreende, e até aumenta meu carinho por ela... Saela também é assim.

— Sim, lá atrás — entoa o líder Aldrich.

— Daqui a um mês teremos o Rito da Voz — recita Izabel, como se estivesse lendo de um livro. — É quando provaremos que conseguimos nos comunicar bem com nossos lobos-gigantes.

Ainda bem que vou cair fora daqui. Eu jamais passaria nessa prova.

— Isso mesmo. E ao fim da Forja?

— O Rito de Expurgo — responde Izabel com firmeza. — Quando as alcateias têm a chance de eliminar de suas fileiras os cavaleiros e lobos-gigantes que não forem dignos de se juntar a eles.

Meu coração quase vai parar na boca. As próprias alcateias vão *matar* os seus?! Estão todos com o olhar vidrado, sem nem piscar.

— Seguido pelo Baile da Forja, claro — acrescenta Izabel.

Claro. Porque nada combina mais com uma chacina brutal do que um baile chique.

— Exato — confirma o líder Aldrich. — Depois passamos para o período da Provação, em que...

Izabel ergue a mão mais uma vez, e o líder ri.

— Sim, senhorita...?

— Izabel Brooks, senhor.

— Ah, conheço seu pai, Conrad Brooks! Grande guerreiro. Houve um momento na Batalha de Verdência, dez anos atrás, em que ele... Ah, vejam só, já estou me perdendo em lembranças. — O líder Aldrich sorri para a plateia de Recém-unidos. — Antes que percebam, todos vocês também serão soldados aposentados, relembrando os dias emocionantes da guerra.

Emocionantes. Sem dúvida. Se a gente não morrer de forma horrível e dolorosa antes, durante o treinamento.

— Enfim, prossiga, Recém-unida Brooks. Diga-nos o que acontece no período da Provação.

Izabel se endireita na cadeira.

— A Provação é um período de dois meses em que as alcateias aprendem a trabalhar juntas, coordenadas. Não há nenhum Rito extra durante esse período, mas ele culmina no Rito de Concórdia, uma batalha simulada entre todas as alcateias, e depois na graduação.

Aldrich assente, visivelmente impressionado.

— Obrigado, sim. O Rito de Concórdia é o sacrifício final, para

eliminar os fracos.

Minha atenção se volta para Stark de novo, e percebo que ele já estava olhando para mim. *Bem* para mim. Fico tensa, com o coração acelerado. Minha nuca formiga, os pelos se eriçam. Resisto ao impulso idiota de me virar para checar se há alguém atrás de mim. Estou na última fileira.

Então sou eu quem ele está encarando desse jeito mesmo, com os lábios um pouco curvados e os olhos semicerrados.

Desdém. É isso que o olhar dele transmite. As palavras ecoam pela acústica perfeita do salão.

Sacrifício. Ele não acha que vou sobreviver.

Mas não tenho intenção de sofrer nesses Ritos inúteis. Este lugar não é para mim, então ele que guarde o olhar feio ou o lance para alguém que mereça mais. Está sendo desperdiçado comigo, sinceramente.

O líder Aldrich continua e apresenta os outros instrutores.

— O Alfa Stark Therion, dos Daemos, foi poupado da frente de batalha e vai treiná-los para serem os melhores guerreiros possíveis. Respeitem sua sabedoria e aprendam tudo que puderem com ele.

Ele se vira.

— A Beta Egith Hartsfeld, dos Estrategos, vai ensinar estratégia de guerra.

Não deixo de notar que a apresentação dela foi bem mais curta e sem qualquer entusiasmo.

Pelo jeito o saco de Stark é o único que merece ser puxado.

O líder aponta para um homem pálido, na casa dos trinta, com um tufo de cabelo loiro.

— Samson Whyte, Gama dos Criptos, ensinará comunicação e ocultação. — Por fim, acena para uma mulher de meia-idade, de pele marrom-clara e cabelo escuro. — E Elinor Gardiner, Gama dos Filax, dará aulas de história e dinâmica das alcateias. — O líder

suspira e continua. — Agora, como vocês já sabem — diz ele, e sei que isso indica que vem algum absurdo por aí —, é um processo bem sangrento. — Não me diga. — E embora muitos de vocês morram nos treinos e durante as competições saudáveis, não toleramos violência nos aposentos das alcateias.

Então eu não serei assassinada no meu beliche à noite. Em teoria.

— Acreditem ou não, vocês são *valiosos* para nós e para o rei. Nosso objetivo é que o maior número possível sobreviva a esse processo. Portanto, comportem-se fora das aulas. Violações serão severamente punidas.

O burburinho cresce em resposta à advertência de Aldrich.

Não se matar sempre que surgir a chance? Que ideia impensável!

Mas logo todos ficam em silêncio quando Stark avança, os braços fortes relaxando ao lado do corpo. Ele não precisa falar nada para que Aldrich dê um passo para trás e incline a cabeça, num gesto incomum de deferência. Aldrich não era o chefe?

Sinto um calafrio de terror e de alerta quando o lobo-gigante negro como a noite de Stark surge pela porta larga atrás dele. Stark não se vira quando a fera o alcança, apenas permite que seu lobo se posicione às suas costas como uma sombra.

Os dois dominam o espaço. A presença de Stark é palpável, e todo o auditório parece ficar mais pesado conforme seus olhos percorrem a plateia e as orelhas do lobo se erguem.

— O treinamento de vocês já está acontecendo. Ele começou no instante em que pés pisaram naquela montanha. Seus erros e suas... *fraquezas*... já foram notados.

E lá está ele de novo, me encarando. Deve ter visto meu fracasso com Anassa. Ou talvez considere meu cabelo bagunçado um sinal de falha. Conferi de novo no café da manhã — ninguém mais tem uma cabeleira inteira da cor da própria alcateia. Essa honra duvidosa é só minha.

Tento me desligar do olhar dele, mas é como tentar ler um livro sentado sob a lâmina de uma guilhotina.

— Aqueles que não forem dignos de correr com uma alcateia vão morrer. Sem dúvida. Sem misericórdia.

Reprimo a careta. A mão de Izabel desliza sobre a minha. Ela não olha para mim, mas com certeza também percebeu o olhar furioso de Stark para mim. O toque dela não serve de nada para me proteger do ódio dele.

— Mas vocês já sabem disso. Treinaram a vida inteira para esse momento... não foi? — continua ele, arqueando uma sobrancelha escura para mim. Cerro o maxilar com força. — Entendam que estes corredores exigem respeito. Gerações dos seus ancestrais trilharam o mesmo caminho como Recém-unidos, lutaram as mesmas batalhas, repetiram os mesmos treinos. Eles entendiam que cada passo para se tornar um *verdadeiro* Unido dependia da sobrevivência do mais forte.

Ele avança pelo palco.

— Cada um de vocês está unido a um lobo-gigante, e não tem como voltar atrás. Hesitação e medo não são opções. A covardia vai matar vocês.

Tem alguma coisa nesse lugar que *não possa* nos matar?

— Vestimos vocês com couro grosso, mas não se enganem... se um lobo decidir abrir vocês ao meio, suas vestimentas não serão capazes de deter as garras dele. Se querem manter as tripas no lugar, se têm apego sentimental aos próprios membros, *se superem*. Lutem pelo topo, porque quem fica embaixo acaba na barriga de um lobo-gigante.

Ele lança um olhar penetrante e demorado aos demais Recém-unidos, mas a todo momento sua atenção volta a se cravar em mim. Entendi bem suas falas sobre sobrevivência do mais forte e ancestrais Unidos.

Ele acha que sou fraca por ter sangue plebeu.

Isso me enche de uma fúria avassaladora e fervilhante que pode me matar se não for controlada e direcionada para algo útil em vez do homem elitista e cruel bem na minha frente.

Ainda assim, algo cresce dentro de mim quando o vejo e ouço aquelas palavras duras.

Rebeldia. É isso. Uma necessidade de provar que ele está errado. Uma vontade de dobrá-lo à minha vontade antes que ele me dobre à sua. Esse ar de competição que ele exala me impregna de raiva e obstinação. Eu respiro fundo e sinto os músculos tremerem com a ânsia de mostrar que o mundo não pode me esmagar.

— Vocês terão dois meses para provar lealdade à alcateia, depois mais dois meses de treino de combate, e serão observados a cada passo. Façam de tudo para preparar a si mesmos e a seus lobos para os Ritos que virão. — Ele se endireita. — Estão dispensados.

A sala explode em movimento. Recém-unidos saltam de seus lugares, atiçados por toda aquela conversa sobre estripamentos, sem dúvida. Os instrutores também se dispersam, saindo por portas diferentes.

Seguro o braço de Izabel.

— Encontro você depois.

— O quê? Você vai embora? Não vamos falar sobre o Alfa dos Daemos te encarando como...

— Não vamos falar disso. Meu plano é esmagar essa memória e reprimi-la pelo resto da vida. Depois.

Eu a solto e me enfio no fluxo de Recém-unidos.

Egith desaparece por uma porta inferior à direita, a mesma de onde o lobo de Stark veio. Faço questão de não olhar para o palco, onde tenho certeza de que ele ainda está, provavelmente desejando me estraçalhar. Juro que consigo sentir os olhos dele perfurando minhas costas enquanto corro atrás de Hartsfeld.

Nos aposentos dos Estrategos, finalmente a alcanço. Egith entra numa das quatro salas laterais da área de convivência da alcateia.

Chegamos antes dos outros Recém-unidos, já que o caminho que ela pegou era um atalho. Engulo o nó de ansiedade e dou uma batidinha na porta aberta.

Egith se vira e me encara. Percebo que este é o quarto dela.

É pouco mobiliado, apenas uma cama, uma mesinha de cabeceira, uma cômoda igual às nossas e uma mesa pequena com cadeiras. Apesar disso, há luxos escondidos em todo lugar. Um cobertor refinado em uma das cadeiras. Armas caríssimas penduradas nas paredes. Lâmpadas a óleo em vez de velas. Até algumas pilhas de livros pessoais no parapeito da janela.

Ela não fala nada. Apenas continua me encarando, com as sobrancelhas arqueadas e os lábios franzidos, além de um olhar que grita: *Que porra você está fazendo aqui?*

— Eu não pertenço a este lugar — disparo.

— Como é que é?

— Preciso sair daqui. Minha irmã foi capturada pelos Levadores e eu tenho que ir para a frente de batalha encontrá-la.

Egith cruza os braços.

— Do que você está falando? Levadores?

Eu me remexo, inquieta.

— Você sabe. Os Levadores?

— Eu *não* sei, na verdade — responde, seca.

Isso reacende minha raiva.

A faísca se espalha, e minhas bochechas esquentam. *É claro* que ela não sabe. Achei que... Sei lá, ela é importante, certo? Todo mundo sempre soube que o rei não dá a mínima para os plebeus, mas nem uma Unida de alto escalão sabe da existência desses monstros? Ou se *importa* em saber?

— Os Sifões estão sequestrando crianças do lado plebeu de Tempesgelo — conto, sem conseguir tirar o veneno da voz. Os olhos de Egith se arregalam. — Por gerações, na verdade. É por isso que me alistei, para encontrar Saela.

Egith me encara de novo. Ela faz isso com muita frequência. Quando fala, não há pena nenhuma em sua voz.

— Não tem como sair.

— Por quê? — disparo.

Os olhos dela se semicerram.

— Isso não acontece, Recém-unida.

Meu sangue ferve diante dessa não resposta.

— Mas eu nem consigo me comunicar com minha loba! *Ela* não me quer, então por que vocês me querem?! Só me deixem ir!

De repente Egith está bem diante de mim. Ela se moveu tão rápido que mal consegui acompanhar.

— *Cala a boca* — sibila, lançando um olhar por cima do meu ombro. — Você precisa guardar essa informação só pra você.

— O qu...

— Você já está chamando atenção demais com — ela gesticula para meu cabelo — tudo isso. Já é estranho pra caramba. Se mais pessoas descobrirem que sua loba não se comunica com você neste estágio, vão acabar com você na mesma hora.

— Mas não podem — respondo, assustada. — Não nos aposentos.

— Eles vão dar um jeito — retruca ela, séria. — A sobrevivência é tudo ou nada. Ou você vive, ou você morre, e, se você continuar com essa atitude de merda, já sei qual vai ser seu fim. A única forma de sair é passando por tudo isso, e as alcateias *não* toleram fraqueza em suas fileiras. Se você quer ter alguma chance de encontrar sua irmã, vai ter que abaixar a cabeça e lutar.

Egith não vai me ajudar a sair, e, se eu continuar chamando atenção, alguém vai acabar comigo em breve.

Merda.

Merda.

Egith recua um passo.

— Vou investigar essa história dos Levadores. É... — As

sobrancelhas dela se franzem. Acho que está incomodada por esta ser a primeira vez que ouve falar disso. — Vou atrás disso.

— E por que você se importa?

— Como é que é? — rosna ela.

— Você poderia me deixar ser... *sacrificada*, ou seja lá o que vocês fazem aqui.

— O que *nós* fazemos, Recém-unida. E a resposta é simples. — Ela coloca as mãos na cintura. *Eu me importo com você*, imagino, cheia de cinismo. *Até parece*. — Tem uma aposta rolando.

Quase dou risada.

— Uma aposta.

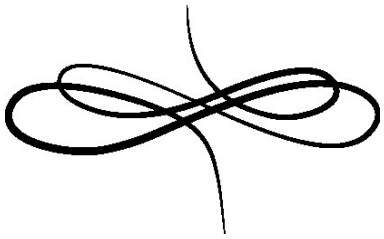
— Tem uma aposta rolando entre os instrutores para ver qual alcateia vai perder menos recrutas. Eu não quero perder para aquele babaca do Stark, então se mantenha viva. Por favor. — Ela vai até a mesa e se senta. — Tenho dinheiro em jogo.

É. Parece justo.

Ela me lança um olhar que claramente significa *você está dispensada*, então respiro fundo, bem fundo mesmo, e me viro, já com um plano borbulhando na mente.

Se ela não vai me ajudar, vou encontrar meu próprio jeito de sair da merda desse lugar.

14



Minha determinação cresce a cada passo pela antessala na volta para os dormitórios. Não vou ficar nessa competição nem mais um dia. Nem mais um minuto. Só estou aqui porque fui forçada a isso, mas tenho lugares para ir. Uma irmã para salvar. O amor da minha vida para reencontrar.

Sei como é ter que fazer tudo sozinha, estar por conta própria. Vivo assim desde que me entendo por gente e nunca deixei que isso me detivesse.

Dou sorte. Não tem mais ninguém no dormitório. Devem estar todos voltando da orientação ainda.

Sem perder tempo, corro até o armário de suprimentos e pego uma bolsa extra; começo a enfiar coisas às pressas — um cantil, um conjunto de roupas limpas. Queria ter tido tempo de surrupiar comida do café da manhã. Depois de juntar tudo, dou uma última olhada ao redor e jogo a bolsa no ombro. Saio do dormitório em silêncio, um plano já se formando na cabeça.

As passagens de serviço que notei durante o nosso conveniente tour pelo castelo vão servir. São pequenas demais para lobos, então é improvável que os Unidos usem. Mesmo sem os lobos, eles devem ficar preocupados em encher os uniformes chiques de teias de aranha.

Paro por um instante na porta da sala comunitária dos Recém-unidos. Algumas pessoas começam a chegar. A maioria está em

grupinhos de três ou quatro, conversando, se esfregando um no outro, ou então concentrados em um jogo animado que parece envolver pedras e dados.

Ninguém presta muita atenção na minha saída. Eu entro no lugar mantendo o passo casual e escondendo a bolsa com o corpo o melhor que posso. Ninguém me barra. O que aconteceria se alguém me barrasse? Stark iria me esviscerar como fez com o desertor no Mercado Central?

Só de pensar nisso fico aterrorizada. Não posso ser pega.

Nos corredores, faço o possível para andar sem fazer barulho, na ponta dos pés. Ser desmascarada não é uma opção, então paro nos cantos para ouvir se vem alguém do outro lado. Eu me movo com precisão, puxando da memória os pontos de referência do tour e visualizando o caminho para sair desse castelo labiríntico. Já sei onde fica a entrada das passagens de serviço e para que lado seguir a partir dali.

As passagens são exatamente como eu imaginava — estreitas, empoeiradas, claramente ignoradas por qualquer pessoa importante. Cada canto desse lugar que possa ser tocado por um Unido foi polido e decorado com esmero. Já os túneis dos serviçais são escuros e simples, praticamente vazios.

De vez em quando, um criado passa a toda, carregando uma bandeja, um fardo de roupa ou uma vassoura. Nós nos encaramos na penumbra e nos cumprimentamos com um aceno de cabeça, mas ninguém me interpela. Não sei se me confundem com um deles ou se preferem não questionar os movimentos de uma Recém-unida, por mais estranhos que pareçam.

Não fico ali para descobrir.

Confiro mentalmente a lista de marcos pelos quais devo passar, às vezes espiando algum corredor principal para confirmar onde estou e se estou fazendo o caminho certo. Os pátios de treino. Uma área de despensa da cozinha. Um corredor cheio de frestas, com

uma parede de pedra rachada, as fissuras mal preenchidas por um remendo de argamassa já cedendo sob o peso do teto, apontado como passagem alternativa para chegar a algumas salas de aula.

Quanto mais me afasto do coração do castelo dos Unidos, mais firme eu fico. Estou fazendo alguma coisa. Agindo quando ninguém mais age. Quase consigo imaginar minha irmã no fim do corredor mal iluminado, estendendo a mão para mim.

Em algum momento, paro de me preocupar em abafar os passos, porque já estou perto o bastante das muralhas e faz tempo que não vejo um dos criados.

Acabo achando o pátio por onde entrei, o portão onde Egith me chamou e que atravessei sem pensar duas vezes, como uma idiota. O ar gelado esfria a pele coberta de suor. Seguro o portão de metal maciço, temendo por um instante que esteja fechado. Só que ele se abre com um guincho, os lobos forjados no metal se afastando ao meu passo.

Meu suspiro surpreso se perde no ar, e eu cruzo o portão. No instante em que faço isso, uma onda intensa de alívio e euforia percorre meu corpo.

Consegui. Ninguém me deteve. Ninguém teve a chance. Ninguém sequer sabe que fui embora.

No entanto, quando estou a três passos além do portão uma dor aguda perfura meu crânio.

Tento ignorar e continuar. A princípio, é só uma dor de cabeça lancinante. Talvez eu tenha comido pouco, ou talvez seja o estresse dos últimos dias finalmente me afetando.

Rápido demais, a dor se intensifica. Meus ossos viram gelo. Lâminas de agonia irrompem para fora, me rasgando por dentro, perfurando a pele até meu corpo inteiro congelar, prestes a estilhaçar. Meus membros endurecem, e eu fico zonza, cambaleante.

O que é isso? Alguma feitiçaria sombria dos lobos lançada nos

portões? Cerro os dentes e sigo.

Mal consigo dar mais dez passos antes que minhas pernas comecem a ceder. Num instante, mal consigo me manter de pé, usando as paredes do castelo como apoio. No seguinte, estou encarando os flocos de neve acumulados a dois centímetros do meu nariz, a dor devastando meus nervos e meus músculos se contraindo em espasmos.

Caí de cara na neve.

Não sei por quanto tempo fiquei ali.

Uma mão pousa no meu ombro. O mundo gira ao meu redor, mas, em meio à tontura e à dor, consigo distinguir dois rostos conhecidos.

Izabel e Venna pairam sobre mim. Venna está mais perto. É a mão dela no meu ombro, o aperto firme e a expressão ao mesmo tempo frustrada e preocupada. Os olhos de Izabel estão vidrados, como se ela estivesse à beira das lágrimas só porque alguém que mal conhece está tremendo na neve.

Venna fala algo que não consigo entender, então as duas seguram meus braços e me erguem. Solto um grunhido e cerro os dentes, que batem sem parar. Odeio isso. Odeio que as gêmeas me vejam assim, desorientada e frágil.

Elas sabem que eu tentei ir embora, e falhar é vergonhoso. Humilhante, na verdade.

Para manter um fiapo de dignidade, tento andar sozinha, mas minhas pernas não me obedecem. Eu me debato nos braços delas até nos aproximarmos do castelo e a dor começar a ceder.

A mão direita de Venna aperta ainda mais meu braço quando endireito um pouco as costas.

— Você perdeu o juízo? Por que fez isso?

Quero retrucar com algo cortante, mas minha boca se recusa a obedecer ao meu cérebro. Se insistir, acho que vomito aqui mesmo.

— Ela tem razão — diz Izabel. — Você poderia ter morrido.

Solto um resmungo e finalmente consigo firmar os pés. Afasto as gêmeas e cambaleio até a parede mais próxima, sem saber andar sem apoio. Mas a agonia vai embora rápido. É chocante como me sinto quase normal tão pouco tempo depois de ter sido dilacerada por dentro.

Quando me viro para encará-las, Venna está com as mãos na cintura e Izabel está com os braços em volta do corpo.

— *O que* você estava fazendo? — pergunta Izabel.

— Indo embora — respondo, a voz áspera.

Ela revira os olhos.

— Eu sei, mas...

— Preciso ir atrás da minha irmã — disparo. Ninguém neste maldito castelo parece se importar com isso, mas eu me importo. — Não posso ficar aqui. Tenho que procurá-la. Não sei o que acabou de acontecer, mas isso não vai me impedir de ir atrás dela. Não posso ficar presa aqui por *quatro meses* enquanto Saela... — Não consigo terminar a frase.

Venna olha para baixo, o rosto pálido. O rosto de Izabel se contrai.

— Eu entendo, mas...

— Você não entende — rosno, escorregando pela parede. Eu me sento e apoio os cotovelos nos joelhos, enfiando as mãos no cabelo prateado. — Você não entende — repito, quase num sussurro.

Venna se aproxima e se senta ao meu lado. Ela estende a mão para a irmã, que se acomoda de frente para mim.

— Olha — diz Venna, devagar —, você precisa entender que a união entre lobo e cavaleiro é frágil no começo. Acho que a sua é especialmente frágil. A distância cria uma tensão física, que você deve ter sentido, não? Essa tensão pode romper a união definitivamente, matando lobo e cavaleiro.

De início não me dou conta do peso dessa afirmação, mas então Izabel continua de onde a irmã parou:

— Não é algo que dá para vencer na marra. Só tempo e confiança fortalecem a união o suficiente para permitir que a distância não seja fatal. Então, a menos que você convença sua loba-gigante a ir com você para a frente de batalha...

A voz dela vai perdendo a força, e a realidade me atinge como uma marretada. Aquela dor...

Não vou conseguir ir para lugar nenhum. Estou presa. Presa de verdade.

Se tentar de novo, vou sentir a mesmo dor incapacitante. E talvez da próxima vez Izabel e Venna não estejam lá para me arrastar pela neve.

A verdade sufocante e cruel me faz estremecer.

Deixo escapar um soluço. Toda a emoção que venho reprimindo desde a chegada a este lugar horrível — na verdade, desde o início da Ascensão — chega ao limite. Meus olhos ardem, e me dobro para a frente e começo a tremer. Cravo os dedos nos joelhos para tentar me arrastar para fora desse redemoinho de dor.

Para minha surpresa, as gêmeas não fazem pouco-caso da minha fraqueza. Não me abandonam e me deixam desamparada. Venna faz carinho nas minhas costas com a mão quente. Izabel tira um lenço de seda do bolso e o estende para mim. Eu o encaro por alguns segundos, chocada a ponto de quase parar de chorar.

Hesitante, pego o lenço e enxugo as lágrimas. A dor não some, mas fica um pouco menos devastadora diante do afago de Venna nas minhas costas e do olhar gentil e compreensivo de Izabel.

— Por que estão sendo tão legais comigo? — pergunto, impedindo que outras lágrimas caiam.

Venna e Izabel se entreolham.

— Acho que não entendemos a pergunta — responde Venna, por fim.

Assoo o nariz no lenço de seda.

— É óbvio que sou o elo mais fraco. Uma plebeia que nem ao

menos quer estar aqui. O que vocês ganham com isso?

Izabel bufa, balança a cabeça e se inclina para a frente, com o queixo apoiado na mão.

— Não é assim.

— Então como é?

Ela me observa por um longo tempo. Acho que está decidindo se deve ser sincera comigo. Seus olhos vão até a irmã e voltam para mim. Por fim, ela respira fundo e fala:

— Ninguém acreditava que nós duas poderíamos sobreviver aos Ritos de União.

— O quê? — solto, atônita. — Por quê?

Venna suspira.

— Por causa da minha deficiência. Minha audição... Tenho dificuldade para ouvir desde a infância. Normalmente consigo captar o suficiente e completar o resto lendo lábios em conversas individuais ou em grupos pequenos, mas quando o grupo é grande e barulhento...

— E por causa do meu compromisso com ela — completa Izabel —, de nunca deixá-la para trás, todos achavam... — Ela balança a cabeça. — Achavam que Venna nos atrasaria. Quando, na verdade, é exatamente o contrário.

Venna sorri e estica o pé para cutucar a perna de Izabel com a bota. Izabel apoia a mão no tornozelo da irmã e olha para mim.

— Nossos pais foram as únicas pessoas que sempre nos defenderam e nos encorajaram. Eles nos ensinaram que precisaríamos ser duas vezes melhores que qualquer um para sobreviver e provar que todos estavam errados.

Minha mente se volta para Igor, para a fé que ele tinha em mim. Para o modo como me ajudou a sobreviver, a lutar contra as probabilidades, mesmo depois de eu ter perdido meu pai e, de certa forma, minha mãe também.

Acho que entendo um pouco do que elas querem dizer.

— Nós viramos lutadoras porque precisávamos. Só quem é assim reconhece outra igual — fala Venna, apontando para mim. Eu a encaro, surpresa com o significado de suas palavras, e ela parece achar graça da minha reação. — Meryn, por que você acha que atravessamos a Ascensão ao seu lado? Assim como a gente, você não vai descansar até provar que todos estão errados. Pode até ser uma plebeia. Pode estar presa aqui. Mas quem liga? Continue lutando.

Minha respiração sai irregular. Pela primeira vez desde que cheguei ao castelo, algo dentro do meu peito quer se estender e agarrar o mundo à minha volta.

Venna cutuca meu cotovelo de leve. Está sorrindo para mim.

— Além disso, se alguém tirasse Ven de mim, ou eu dela... — acrescenta Izabel. Sua expressão endurece. Venna imediatamente se aproxima e se encosta na irmã. Izabel suspira e encontra meu olhar. — Nós entendemos, Meryn.

Levanto o queixo e seco as bochechas com o pulso. Olho para as duas e penso que talvez elas de fato me entendam.

É quase amargo perceber que sou tão parecida com essas mulheres nascidas Unidas. Já as respeitava, claro. A força das duas diante dos horrores da Ascensão, a forma como trabalharam juntas, como trabalharam *comigo* para sobreviver àquela escalada infernal.

Mas, ainda assim, é uma sensação estranha e nova saber que tenho algo em comum com elas. Que eu... talvez consiga entendê-las.

— Eu faria qualquer coisa pela Saela — falo, com firmeza. — Mesmo que isso signifique dar um jeito de essa maldita união funcionar e de algum modo conquistar a vaca da Anassa para que me leve até minha irmã.

Algo sussurra na minha mente, como se Anassa tivesse me ouvido através de nosso vínculo, mas nada acontece.

Venna gesticula algo para Izabel, que ri.

— Ótimo — diz ela. — Então, primeiro de tudo, Venna e eu concordamos que você precisa de um banho, porque está fedendo. Hoje à noite é a Apresentação.

Venna faz questão de tapar o nariz e me lançar um sorriso de deboche. Minha risada escapa pelo nariz, mas então me dou conta do que Izabel acabou de falar.

Que merda é essa de Apresentação? Outro Rito? E por que preciso estar cheirando bem para isso?

Nosso retorno ao dormitório leva bem menos tempo do que minha tentativa de fuga, já que não precisamos evitar os corredores principais nem nos preocuparmos em sermos vistas. Venna se separa de nós quando chegamos à sala comunitária, seguindo para os aposentos dos Criptos.

Ao chegarmos ao dormitório dos Estrategos, os outros Recém-unidos já estão lá dentro, num turbilhão de movimento e roupas. Cruzo o aposento para chegar à minha cama, mas congelo ao ver um deles de *gravata*. E paletó. E sapatos reluzentes.

Espera, *todo mundo* está se arrumando, tirando roupas elegantes das mochilas e ajeitando o cabelo com cuidado.

— Anda logo — sibila Izabel, apontando para a porta do banheiro. — Você precisa tomar um banho e se aprontar.

— Não me diga — resmungo.

— Não, você não entendeu. Você precisa estar impecável. Eu já falei: a aparência importa aqui. Não basta ser uma Recém-unida, você precisa parecer uma — reforça ela, com urgência.

Ela tenta me empurrar para o banheiro, mas resisto.

— Izabel, que merda é essa?

— A Apresentação, eu já falei — responde ela, agitada. Então arregala os olhos, percebendo minha dúvida. — *Certo*. Você não sabe o que é isso. É quando somos apresentados à realeza, exibidos

como a nova turma de recrutas. Nobres de todos os sete feudos vêm assistir.

— E a gente se arruma?

— Sabe como é... — *Na verdade, eu não sei.* — Temos que nos preocupar com a classificação, mas não é só isso. A realeza, os nobres... Somos o orgulho de Noturna, o melhor do melhor. Não apenas na luta. Estamos em... exibição. — Pela primeira vez, Izabel parece desconfortável com o que está falando, mas logo se anima. — Você é naturalmente bonita. Vai se sair bem. Mas precisamos deixá-la apresentável.

— Espera... — Ainda não consigo engolir essa história. — Classificação?! Quer dizer que vamos receber uma nota baseada em quão gostosas estamos hoje?

Izabel ri, mas nega com a cabeça.

— Cada alcateia tem a própria classificação. Obviamente, cada uma é liderada por um Alfa, depois o Beta e alguns Gamas. Nós, Recém-unidos, ainda não temos títulos assim, mas os lobos estão sempre nos observando, e existe uma hierarquia entre eles. As alcateias vão tentar eliminar quem estiver abaixo nas classificações.

Mas Izabel disse que vamos estar *em exibição*. Não são só os lobos. Somos entretenimento para os nobres e para o rei.

Todos estão nos julgando.

Agora estou muito mais preocupada com os lobos, que aparentemente podem decidir matar um de nós se estivermos com os ombros caídos ou com uma gordurinha marcando.

— Isso pode até acontecer hoje à noite, se alguém não impressionar — acrescenta Izabel, pensativa.

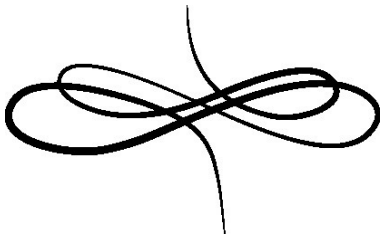
Entro em pânico. Eu me seguro no beliche, desconcertada, e aponto para mim mesma.

— Como assim, "se alguém não impressionar", Izabel? E como você acha que eu vou me sair?

Izabel fica tensa.

— Certo. Merda. — Ela dá uma olhada em mim, e seu maxilar se contrai. — Ok, tive uma ideia.

15



Meus passos ecoam no mármore branco reluzente do banheiro dos Estrategos quando vou para uma das enormes banheiras embutidas no chão. Há seis delas espalhadas pelo salão, já cheias de água cristalina e fumegante, e são grandes o bastante para caber várias pessoas de uma vez.

Merda, até os *banhos* aqui são extravagantes.

Em casa usamos uma tina de metal amassada que mal dá para mim, e a bomba que a enche cospe água gelada e alaranjada de ferrugem. Eu nem sabia da existência de banhos assim, nunca ousei sonhar com algo tão luxuoso.

O lugar é cavernoso, com teto altíssimo, janelas de vidro fosco, torneiras e pias douradas. Até as tampas dos ralos são de ouro.

A voz de Egith ressoa na minha memória. *Você já está chamando atenção demais.* Tento controlar o deslumbramento estampado no rosto, me esforçando para parecer *menos* a plebeia miserável que sou, e tiro a roupa às pressas.

Não tem mais ninguém aqui, mas não deixo de notar que é um espaço coletivo. Não há divisórias ou trancas na porta. Homens e mulheres Unidos se banham... juntos.

Meu rosto esquenta só de pensar. Não sou de ter vergonha das coisas, mas a ideia tem um quê de indecência.

Numa das paredes há prateleiras cheias de toalhas de corpo e de rosto brancas e macias, dobradas à perfeição, além de frascos de

sabonetes perfumados, cremes e sabe-se lá o que mais.

Pego um frasco e cheiro. Não reconheço os aromas, mas é divino. Flores frescas com um toque de algo mais profundo. Caro e estranhamente sensual.

Droga, não posso usar isso. É como pôr joias num porco.

Espera, eu acabei de me chamar de porca?

Cerro os dentes. Este lugar já está me corroendo, fazendo eu me sentir... inferior. Mas eu não sou. Nascer com dinheiro e privilégios não torna essas pessoas melhores que eu.

Eu me viro para o enorme espelho dourado acima das pias e levo um susto com o reflexo. A mulher que me encara parece quase uma estranha, os cabelos prateados brilhando na luz da tarde, a boca rígida numa linha séria.

Desvio o olhar depressa, tomada por uma enxurrada de emoções confusas. A velha raiva, a dor... e outra coisa. Uma confusão repleta de hesitação que me faz cerrar o maxilar.

Já mudei de formas que não consigo nem começar a entender. E agora vou ter que me enfeitar e sorrir para entreter um bando de nobres pomposos, como se fosse um pedaço de carne na vitrine do açougue? *É pela Sae*, lembro a mim mesma, endireitando a coluna. *Lembre-se, tudo isso é por ela.*

Sobreviver é tudo que importa, a qualquer custo.

Ainda segurando o frasco, corro para a banheira mais próxima e tiro o resto da roupa depressa. A água quente me envolve quando entro.

O choque é imediato, a temperatura quase escaldante. Puxo o ar com força, apertando o frasco de sabonete com força. E então...

Alívio.

O calor penetra cada poro, cada músculo dolorido, até os ossos. As pequenas dores se dissolvem, substituídas por um prazer fervilhante. Meus olhos se reviram, e eu quase deixo escapar um gemido.

Não fazia ideia de que banhos podiam ser assim, sem pressa, sem passar frio, para ficar mais ou menos limpa. Se vou ter que aguentar este lugar — lutar pela minha vida, presa a uma união indesejada —, então vou tomar um banho maldito desse toda noite.

Espalho o sabonete na cabeça e tento não olhar para os grossos fios prateados escorrendo pelo ombro. Não sei por que isso me perturba tanto, mas algo me diz que... não é *certo*.

O cabelo é só mais uma prova de que não pertenço a este lugar. Outro sinal gritante de que sou uma *estranha*. Nem a união eu consegui fazer direito.

Mergulho a cabeça para tirar o sabão e, quando volto para a superfície, vejo que duas Recém-unidas Estrategos entraram no banheiro. Uma é a loira alta e linda que dorme na cama ao lado da minha, acho que se chama Perielle. A pele dela brilha, e o cabelo já está limpo e lustroso. No meu bairro, seria considerado um desperdício de água se banhar estando do jeito que ela está.

Mesmo sem ter convivido muito com mulheres da minha idade, entendo como funcionam hierarquias sociais, e, pelo que vi no último dia, Perielle está no topo da cadeia. Enquanto Tomison arrasta uma multidão de admiradores por onde passa, Perielle parece ter lacaios e outros que a reverenciam com medo e fascínio.

As duas me lançam olhares idênticos de desprezo e seguem para a banheira mais distante, lembrando bem o lugar que ocupo: o último. Elas começam a conversar em voz baixa, ignorando completamente minha existência. Tudo bem por mim.

Mas não são as últimas a chegar. Outros Estrategos vão entrando aos poucos, homens e mulheres juntos. Eles se despem e entram nas banheiras como se fosse a coisa mais normal do mundo.

Enquanto isso, eu me encolho na água, consciente demais da minha nudez.

Como conseguem ser tão despreocupados? As únicas duas pessoas que vi completamente nuas na vida foram minha

irmãzinha — quando ainda não sabia se lavar sozinha — e Lee, depois de meses juntos, quando finalmente tivemos um tempo a sós no apartamento dele. Mas aqui ninguém parece se importar em ficar pelado, independentemente do gênero.

Em pouco tempo as paredes úmidas de vapor começam a reverberar vozes e risadas. As banheiras estão cheias com três, quatro pessoas cada. Outros se lavam nos chuveiros que ficam nas paredes e outros se exibem diante do espelho, comentando com entusiasmo sobre vestidos e penteados para a Apresentação.

Finalizo meu banho e tento não encarar aqueles corpos magros e fortes, a pele sedosa e os músculos definidos, sinais claros de boa comida e treino em excesso.

Por fim, quando junto coragem para sair da água, Izabel entra saltitante no banheiro. Ela me vê e vem direto na minha direção.

— Olha só! — exclama, jogando o robe no chão. — Uma banheira todinha só pra gente!

Faço uma careta e cruzo os braços sobre os seios quando ela mergulha.

— Cuidado, você pode pegar minha doença de plebeia — solto, com mais amargura do que pretendia.

Izabel ri.

— Ignora esses idiotas. Eles só devem se sentir intimidados por você. — Então ela repara na minha postura. — Espera, você está com *vergonha*?

Lanço um olhar fulminante para ela.

Izabel ri de novo.

— Você vai acabar se acostumando. Afinal, quando há a possibilidade de morrer no dia seguinte, por que perder tempo com pudor? Além do mais, somos uma alcateia, lembra? Precisa se acostumar a dividir tudo.

Eu não vou dividir nada com esses desgraçados, penso. Mas bem que queria dividir a leveza deles, isso, sim. Só consigo me lembrar dos

anos esfregando roupa dos outros em bacias geladas. A pobreza ensina muito sobre modéstia.

— É melhor você sair antes de começar a ficar toda enrugada — fala Izabel, pegando meu frasco de sabonete. — Te encontro no dormitório daqui a pouco.

Assinto e me obrigo a sair da água, devagar. A última coisa de que preciso é escorregar no mármore e me estatelar no chão na frente de todo mundo. Pelada.

Por sorte, ninguém parece reparar quando corro para me enrolar numa daquelas toalhas grandes e felpudas. São muito mais macias do que qualquer coisa que eu já tenha usado.

Mais uma vez, é um desperdício, uma extravagância. Por que os *recrutas* Unidos têm toalhas felpudas se a nação inteira deveria estar enxugando gastos, juntando cada moeda para mandar aos soldados? Será que isso é só uma mentira que o rei enfia goela abaixo para os plebeus enquanto mantém os escolhidos no conforto?

No entanto, o lugar no meu peito que antes guardava um ódio febril agora está vazio. Não tenho mais energia para me revoltar contra os Unidos. Só consigo pensar na minha própria sobrevivência.

De volta ao dormitório, Venna está à minha espera. Ela sorri ao me ver e aponta para uma pilha de coisas na cama de Izabel. Um vestido, botas de luxo, joias, potinhos de maquiagem e outros itens que eu nem sei nomear.

Ah, *merda*, penso, respirando fundo de novo. *Lá vamos nós.*

Uma hora depois, Izabel e Venna fizeram seu pior. Estão me emperiquitando como se eu fosse a boneca delas, se divertindo bem mais do que eu julgaria necessário. Estou coberta de bugigangas caras que elas roubaram de conhecidos de todas as alcateias. Fico corada só de me lembrar que estou usando até

roupas íntimas de seda.

Estou com medo do que vou encontrar no espelho.

Nunca me achei feminina, muito menos bonita, ainda que Lee tivesse conseguido me fazer pensar um pouco diferente. Meus ombros são largos demais, as panturrilhas grossas, o rosto redondo. A única coisa de que eu gostava em mim era o cabelo escuro e cheio.

Claro que este lugar também me tirou isso.

Tenho certeza de que estou ridícula. Um porco coberto de joias, usando um vestido de gala, maquiado e com o cabelo preso, enrolado e empastado de gel.

Ao menos as botas servem e são lindas. Compridas e elegantes, feitas de um couro macio e brilhante. Abraçam minhas pernas como uma segunda pele até os joelhos. Dispensaria os saltos, mas, por sorte, eles não são muito altos.

O vestido, por outro lado, não me convence tanto. É feito de um tecido sedoso que não sei identificar e é de um roxo intenso, quase ameixa. Tem um brilho suave, como óleo na água, e é bem revelador, com fendas altas dos dois lados. É tão leve e justo que me sinto quase nua ao usá-lo.

— Pronto — anuncia Izabel, afastando-se com uma latinha de corante labial na mão. — O toque final.

Ela olha para Venna, que sorri e assente, orgulhosa.

— Você está maravilhosa — declara Venna, satisfeita com seu trabalho. — Graças às suas novas amigas talentosas.

Reviro os olhos.

— Claro. Contanto que eu não pareça deslocada na Apresentação.

— Deslocada? — Izabel ergue as sobrancelhas. — Nem um pouco. Mas vai chamar atenção com esse *cabelo*.

Ela e Venna trocam um olhar rápido e preocupado.

— O quê? — falo, ríspida.

Ouço um resmungo à minha esquerda e ao me virar vejo uma

mulher de pele marrom e cabelos cacheados me encarando. Era ela que estava chorando em silêncio no pátio na noite passada.

— É melhor não chamar atenção *demais*.

— Eu sei, eu sei — respondo. — Preciso me encaixar na alcateia.

A mulher balança a cabeça.

— Não é isso.

Ela ergue as sobrancelhas para Venna e Izabel, que devolvem caretas idênticas de desconforto.

— Por que vocês estão sendo tão enigmáticas? — pergunto.

A mulher me olha de cima a baixo e fala:

— Acho que você vai ficar bem. O cabelo chama atenção, mas não vai parecer que está tentando atrair o olhar dele. Outras mulheres aqui estão fazendo isso de maneira bem mais descarada.

Ela aponta para trás de si, onde duas mulheres estão sendo amarradas em vestidos com tão pouco tecido que estão praticamente nuas, exibindo seus corpos tonificados e belos.

— Nevah — sibila Venna, em aviso.

Lanço um olhar duro para Izabel.

— *O que* está acontecendo? E lembrem-se de que eu não sei de nada!

Izabel suspira, constrangida.

— Eu já te disse, ficamos em exibição na Apresentação para o rei e os nobres. É a chance de eles... escolherem entre nós, se tiverem interesse.

A implicação dessa frase me atinge com a força de um golpe inesperado no ringue. Escolher entre elas. Entre *nós*. Para... sexo.

— Isso é nojento. — Cuspo as palavras, com um embrulho no estômago.

Os Unidos são agraciados com uma vida opulenta se sobreviverem a este treinamento, mas a que custo?

Izabel dá de ombros.

— É benéfico para todos — dispara ela, um pouco intimidada

por meu tom de revolta. — Temos a oportunidade de conviver com os nobres do reino. Já ouvi falar que, às vezes, um Recém-unido acaba fazendo par com um nobre. E ninguém é obrigado a fazer nada que não queira.

Ela acredita mesmo nessa ladainha? Ela concorda com isso ou também consegue perceber como essa situação é errada?

Nevah bufa.

— A menos, claro, que o rei escolha você. Isso não é opcional. Toda vez que os Ritos de União acontecem, o rei Cyril pega um Recém-unido para ser sua companhia pelos quatro meses.

Sinto arrepios percorrerem minha pele.

— Então é por isso que eu deveria me preocupar em não chamar atenção demais? Para o caso de o rei de Noturna decidir me forçar a ser sua parceira sexual?

— Relaxa — diz Nevah, dando tapinhas no meu braço. — Tem candidatas demais se oferecendo abertamente, ele não vai escolher você.

Olho de novo para as mulheres em vestidos reveladores, trocando olhares gélidos, claramente incomodadas com a aparência provocante uma da outra.

— Por que alguém iria *querer* isso?

— É uma honra para nossas famílias — responde Nevah, a voz mal escondendo o nojo. — Em teoria, devemos nos orgulhar de ser uma das escolhidas dele.

Percebo que Nevah está usando um vestido semelhante ao das outras, verde-escuro e decotado no peito, mas nada particularmente escandaloso.

Acho que ela também não está tentando atrair a atenção do rei.

— Vai se olhar no espelho — sugere Venna. — Eu e Izabel ainda precisamos nos arrumar.

Com um suspiro de pavor, vou até o lavatório. Entro e ergo os olhos para o espelho... e congelo, chocada.

A mulher que me encara de volta é mais estranha do que nunca. E ela está... deslumbrante.

Pele marrom-clara luminosa. Olhos cor de avelã enormes com uma sombra roxa cintilante. Cílios longos e grossos. Lábios fartos e vermelhos. O vestido roxo abraça cada linha do meu corpo com sensualidade, transformando-o de firme em elegante. De atlético em atraente.

A lutadora das ruas, bruta e suja, desapareceu. No lugar dela está uma mulher poderosa, classuda, que parece capaz de seduzir um homem com a mesma facilidade com que o derrubaria no chão.

E, de algum jeito, a cereja do bolo nessa visão absurda de tão feminina é o cabelo branco-prateado. As gêmeas prenderam parte em um coque displicente, mas o resto cai sobre meus ombros em cachos que parecem gelo vivo, emoldurando meu rosto e suavizando os traços que eu sempre achei grosseiros.

Virei uma estranha para mim mesma.

A porta do banheiro é escancarada e me arranca do torpor. Izabel e Venna entram, agora em vestidos azul-marinho iguais, decotados e colados ao corpo. Elas sorriem e começam a se maquiar diante do espelho.

Algo dentro de mim encolhe na hora ao nos ver lado a lado no reflexo.

Apesar da transformação, está claro que não somos iguais. Os corpos esbeltos delas pairam sobre o meu, praticamente *gritando* graciosidade e sofisticação. Os rostos são de uma beleza delicada, o oposto do meu.

E não são só elas. Todas as mulheres entre os Unidos têm esse mesmo ar de graça. A mesma perfeição esguia. Mesmo enfeitada desse jeito, continuo deslocada ao lado delas, com meu corpo mais robusto, quadris e ombros largos, músculos pesados.

A sensação de não pertencer retorna com força total.

Ao lado dessas filhas dos Unidos, pareço exatamente o que sou.

Defeituosa.

E se isso me mantiver protegida esta noite, ótimo.

Quando chegamos ao pátio em frente à arena, o sol já está se pondo e o frio está cortante.

Luto para não ficar boquiaberta diante da estrutura enorme e inacreditável esculpida na lateral da montanha acima de nós. Seu vasto teto em cúpula é sustentado por incontáveis pilares de pedra e guardado por enormes entalhes elaborados que nos encaram com uma intensidade perturbadora: lobos-gigantes e seus cavaleiros prontos para a batalha.

Fico aliviada ao ver que a construção imponente é totalmente fechada. Pelo menos vai estar quente lá dentro.

Meus companheiros Recém-unidos parecem indiferentes à arquitetura grandiosa. Todas as alcateias estão aqui com seus líderes, em grupos espalhados ao longo do caminho que leva até a arena, esperando o sinal para entrar. Parecem um bando de jovens da realeza prontos para um baile.

Até Stark está de terno preto reluzente. Tento não reparar demais na forma como o tecido destaca os braços fortes dele.

Ouço murmúrios e vejo alguns ajeitando de última hora roupas e cabelos. O ar está carregado de expectativa.

Enquanto isso, eu me sinto ainda mais como um erro ambulante. Todo mundo está *olhando* para mim. De relance, com um choque descarado, com consternação. Até com raiva, como se a minha presença fosse algum tipo de afronta.

É como se eu estivesse mais nua neste vestido ridículo do que nos banhos, onde todos fingiam que eu não existia.

De repente, uma voz conhecida e autoritária ecoa de algum lugar à frente.

— Certo, todos em fila, de dois em dois! Já está quase na hora! —

O braço de Egith se ergue acima da multidão, e todos se apressam em obedecer. — Rápido agora! Vamos manter a ordem!

As alcateias começam a se misturar e entrar na fila. Izabel e Nevah se alinham atrás de mim. Duas outras mulheres formam dupla na frente. Em poucos instantes, todos estão devidamente emparelhados e eu, claro, sou a única parada sozinha.

Egith passa por nós, avaliando um por um. Ela estaca quando me vê e comprime os lábios, mas não fala nada. Segundos depois, já está de volta à entrada da arena, chamando:

— Comportamento exemplar, Recém-unidos! O rei estará observando!

Essa frase tem outro peso agora, penso, enquanto os pelos dos meus braços se arrepiam.

Meu coração sobe para a garganta quando os portões enormes rangem e se abrem, deixando escapar uma onda de ar quente e fortemente perfumado que nos envolve. Junto vem o som de centenas de vozes da alta nobreza esperando nas arquibancadas — um zumbido baixo, contido, estranho.

Nada parecido com o rugido selvagem da plateia nas minhas lutas em casa, ainda que o público seja muito maior aqui.

Um pedaço das arquibancadas começa a ficar visível conforme a fila avança. Fileiras e mais fileiras de nobres em ternos e vestidos cintilantes, em trajes bem mais recatados do que os dos Recém-unidos. Meu estômago volta a se revirar diante da diferença de classes explícita. Estamos aqui para a diversão deles.

Confirmo minha percepção ao ver o reflexo de fogo no vidro e no metal e perceber que os nobres seguram binóculos dourados, ansiosos para nos examinar de seus assentos mais acima. Lanternas enormes, todas douradas, pendem do teto de vidro altíssimo, derramando uma luz quente sobre a cena.

Izabel me cutuca nas costas ao entrarmos na arena.

— Cabeça erguida — sussurra. — Você é uma Unida, lembra?

Faça eles acreditarem.

Lanço um olhar rápido para trás. Ao lado dela, Venna me dá um sorriso de encorajamento.

Certo. Aconteça o que acontecer lá dentro, preciso parecer confiante.

As pedras sob meus pés são substituídas por terra batida quando cruzo o limiar da arena. Por baixo do cheiro denso de óleos queimando e de incontáveis perfumes, há outro aroma distinto, familiar.

Morte.

Sinto um calafrio. Chego até a sentir o gosto metálico no fundo da boca. O ar muda ao meu redor, e o cheiro de ferro atinge minha garganta com tanta força que quase me faz engasgar, trazendo de volta memórias de incontáveis galpões nos cortiços. Incontáveis lutas.

Só que, aqui, tudo está ampliado mil vezes.

Quantas pessoas já morreram neste lugar?, me pergunto. *Centenas? Milhares?*

Olho para a terra sob minhas botas enquanto avançamos para o centro do campo. É lisa, mas manchada. Escurecida por respingos de sangue antigo que se infiltraram no solo, camada sobre camada. Batalha sobre batalha.

Morte sobre morte.

E noto algo mais. Sulcos estreitos por todo o chão, como uma teia que cobre toda a arena.

Que merda é essa?

De repente, um pulso preenche minha cabeça. Uma pressão dolorida se acumula atrás dos olhos, forte, insistente.

Por cima do zunido da multidão e do estalar dos nossos passos, começo a ouvir outros sons. Vozes baixas, sibilantes.

São... *sussurros*?

Não. Meus companheiros Recém-unidos estão em silêncio

absoluto. Deve ser a plateia. Ou talvez só o sangue martelando nos meus ouvidos.

Ou talvez você esteja enlouquecendo como sua mãe.

Afasto o pensamento às pressas.

Finalmente chegamos ao centro da arena. Egith faz sinal para que paremos e depois nos viremos. Na borda oposta do anfiteatro ergue-se outro portão arqueado enorme.

Um estrondo ecoa pelo campo quando ele começa a se abrir, empurrado com esforço por dois servos trajando o brasão do rei. Além do portão há apenas sombras.

No mesmo instante, a multidão se cala.

O pulsar na minha cabeça fica mais forte. Agora, nesse silêncio estranho, vibrante, eu *escuto* os sussurros. Mas já não presto atenção. Todos os meus sentidos estão fixos naquela boca escancarada de escuridão.

Tem algo lá dentro. Dois pontos de luz esverdeada que crescem até virarem órbitas brilhantes. Piscam com um brilho noturno inconfundível. Com uma consciência crua, selvagem.

Olhos.

Mais órbitas aparecem, flutuando devagar e se aproximando de nós.

Uma cara enorme, coberta de pelo negro, emerge das sombras, seguida por ombros largos e ondulantes. Depois outra cara surge, prateada e branca. E mais uma, em tons de ferrugem e creme.

Nossos lobos.

Um estalo invisível de energia selvagem preenche o ar. A multidão explode em aplausos quando os animais colossais invadem o campo. Observo, com o coração disparado, cada um deles caminhar até o escolhido.

Os Recém-unidos avançam, abrindo-se em leque para encontrar seus lobos. Ficam lado a lado, enfileirados com orgulho, reduzidos a nada diante daqueles predadores descomunais. Muitos lobos

cumprimentam seus cavaleiros, encostando o focinho na mão deles, reafirmando a união no contato físico.

Uma pontada estranha de inveja me atravessa. Anassa jamais faria isso comigo.

Espera. *Onde* está Anassa? Todos os outros lobos já estão aqui.

O silêncio volta a cair sobre a plateia, e os olhares pesam sobre mim como um fardo físico. Sou a única Recém-unida sozinha. Por um instante, começo a entrar em pânico.

O que eu vou fazer se aquela maldita loba-gigante não aparecer?

Então vejo... um último par de órbitas cintilando na escuridão da entrada.

Ela surge como um grande fantasma prateado, ainda maior que os outros, deslizando para a luz com a cabeça baixa, uma promessa silenciosa de brutalidade. O lábio superior se contrai sobre os dentes, a boca se preparando para soltar um rosnado. A luz das lanternas reflete dourada em sua pelagem pálida.

O ar fica imóvel. Os aplausos cessam. A arena inteira prende a respiração enquanto Anassa avança lentamente em minha direção.

Não dou um passo para encontrá-la, como os demais fizeram. De algum modo, sei que esse seria o erro fatal. Apenas fico ali, ereta, com o queixo firme, lendo a ameaça de violência primitiva em cada linha do corpo dela.

Mesmo assim, estendo meus pensamentos até ela. Não planejo isso. Só acontece — como um reflexo.

E me deparo com a mesma muralha de ferro da rejeição. Os olhos amarelos e brilhantes dela encontram os meus. Há desprezo nítido ali.

Ah, é, então vai se foder você também, penso, tomada de raiva.

Ela *quer* me humilhar? Eu só gostaria de continuar viva.

Seu olhar vacila por um segundo — alguma emoção que não consigo decifrar. Mais uma vez sou atingida pela inteligência antiga que habita aqueles olhos. Sinto a pele arrepiar e os pelos da nuca se

erguerem em um reconhecimento instintivo.

Conforme ela se aproxima, os outros pares de Recém-unidos recuam para abrir espaço, o nervosismo ondulando no ar. Até os outros lobos parecem temê-la.

Por fim, Anassa para ao meu lado, mantendo-se bem fora do alcance da minha mão, emanando uma indiferença fria.

Lanço um olhar para a plateia, me remexendo ansiosa na ponta dos pés. Todos devem perceber o quanto ela me odeia. Isso com certeza não vai aumentar minhas chances com... seja lá o que for isso. Nem com aquelas classificações entre alcateias de que Izabel falou.

O peso do desespero volta. Parece que, mais uma vez, estou por conta própria.

Um movimento agita a multidão. Murmúrios empolgados, cabeças se virando. Acompanho os olhares até o enorme balcão acima da entrada dos lobos.

As fileiras de assentos ali estão tomadas pelos Unidos — nossos instrutores se acomodaram lá em cima, junto com outros Unidos que não reconheço, mas que devem ser de alta patente. Uma escadaria ricamente acarpetada atrás deles sobe até outro conjunto de portas, estas entalhadas com o brasão real.

Um arauto aparece segurando um amplificador de voz.

— Apresentando vossa alteza real Cyril Valtiere, rei de Noturna!

O público fica em silêncio.

Uma procissão atravessa as portas douradas, liderada por guardas de armadura reluzente e mais servos com o brasão real. Atrás deles vem uma figura majestosa, envolta em um manto suntuoso forrado de pele, o ouro cintilando sobre a testa.

O rei.

Passei a vida inteira nos arredores do castelo dele, mas nunca o tinha visto.

Seu rosto é pálido e estreito, os cabelos grisalhos arrumados com

perfeição. É esguio e surpreendentemente atraente, considerando que está na casa dos cinquenta, mas parece quase pequeno diante dos Unidos calejados pela guerra.

A aparência — por mais vistosa que seja — não tem nada de extraordinária. Só os olhos denunciam uma profundidade que vai além de toda a encenação. Mesmo a essa distância, consigo enxergar a sagacidade e a astúcia no azul-claro de seus olhos.

Ainda assim, é só um homem, penso, com um leve desgosto. Não sei o que estava esperando.

O rei Cyril sobe no estrado e vai até o trono cravejado de joias no centro do balcão. Ele se senta e apoia uma espada prateada sobre o joelho. Não consigo ver a arma com nitidez, mas conheço as histórias.

A Espada Funesta. Pelo que contam, a lendária arma concede a ele poder sobre todos os lobos-gigantes, Unidos e não unidos, e o pomo tem a forma da cabeça ameaçadora de um lobo-gigante.

Reza a lenda que foi um presente concedido aos ancestrais dele há centenas de anos pela Deusa Sem Rosto. Ela teria oferecido a lâmina como forma de restabelecer o equilíbrio entre humanos e lobos-gigantes, numa época em que os lobos ainda nos caçavam como gado.

O olhar do rei Cyril percorre o campo, examinando-nos. Por um instante, ele olha para Anassa, e então para mim, semicerrando os olhos.

Só então percebo que os outros Recém-unidos fizeram reverência. Até os lobos baixaram a cabeça — todos, menos Anassa, que encara o rei com uma intensidade implacável.

Merda. Faço reverência depressa.

O arauto volta a falar:

— Apresentando vossa alteza real Killian Valtiere, príncipe herdeiro de Noturna!

Todos se endireitam ao mesmo tempo, e um murmúrio excitado

percorre a multidão. O herdeiro do trono, príncipe Killian, raramente aparece em público. O pouco que sei a seu respeito vem dos rumores que escutei ao longo dos anos: sua idade é próxima aos trinta, é extremamente bonito e está solteiro.

— Aí vem ele — suspira uma mulher à minha esquerda.

É óbvio que as Recém-unidas ao redor esperam que o príncipe escolha uma companheira entre elas.

— Caramba — cochicha Izabel atrás de mim. — Ele veio mesmo!

— Ele é lindo! — exclama outra voz.

Irritada com toda aquele escarcéu, ergo o olhar de volta para a procissão real. Outro par de guardas. Mais servos. E, por fim, o príncipe, uma figura alta e masculina, vestido de forma simples em branco e dourado.

Espera um pouco.

Pisco. Balanço a cabeça. Olho de novo.

Não.

Um zunido estranho invade meus ouvidos, abafando tudo, menos o meu coração acelerado.

O rosto marcante, a mandíbula afiada e os olhos azuis que parecem saber demais. O cabelo loiro liso. Os ombros largos.

Meus pensamentos estremecem e despencam, estilhaçando-se em fragmentos sem sentido que me ferem até o osso.

Não pode ser ele.

Mas é.

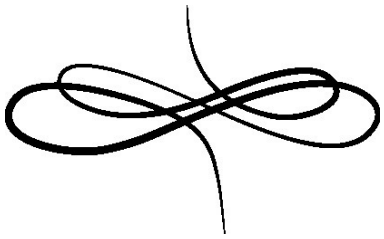
Eu reconheceria aquele homem a qualquer distância, em qualquer traje.

Fizemos promessas. Segredos. Sonhos que eu nunca acreditei que viveria.

O príncipe herdeiro Killian desce até o balcão, e eu congelo, vendo meu mundo inteiro ruir. E então, sentado ao lado do pai, ele ergue a cabeça e me encara, com os olhos azul-escuros cheios de arrependimento.

Meu coração se parte.
Lee.

16



A arena se inclina e gira ao meu redor, e sou obrigada a desviar o olhar do príncipe. Preciso fechar os olhos e forçar meus pulmões a puxarem ao menos um pouco de ar. Estou enjoada e com o coração disparado.

Meus pensamentos disparam em rajadas.

Não é real, não é real.

Estou louca que nem minha mãe. Estou tendo alucinações.

Lee nunca faria isso comigo.

Mas não adianta. Sei que não é loucura. Não é alucinação.

Sei que é tudo verdade porque estou *furiosa*. A raiva sobe por minhas entranhas como fogo lento, queimando tudo no caminho. Aguçando meus sentidos com uma clareza cortante.

Abro os olhos. Ele ainda está lá. O príncipe herdeiro Killian. Lee.

O homem que eu amo.

O homem que disse que me amava. Me fez prometer que voltaria para ele. O pensamento de voltar para ele, para a vida que tínhamos e para o futuro que construiríamos ajudaram a me sustentar nesses dias confusos e brutais.

Ele *mentiu*.

Nossos olhares se cruzam de novo. Sei que ele consegue ver a decepção no meu rosto, mas não se esquiva. A dor que percebo *nele* me dá vontade de vomitar, o gosto ácido subindo pela minha garganta.

Então o rei se vira para ele. Lee — o príncipe Killian — inclina a cabeça e sussurra algo para o pai.

A voz do rei ecoa pela arena silenciosa.

— Excelente ideia, Killian. Vamos descer para inspecionar de perto os novos escolhidos.

Meus companheiros Recém-unidos se retesam. A ansiedade paira sobre eles como uma nuvem de tempestade. Até os lobos ficam inquietos quando o rei desce do balcão, cercado por guardas e servos.

Isso é ruim. Tento me acalmar e estabilizar minha respiração. Não posso perder o controle. Não posso deixar transparecer que conheço o príncipe Killian. Se fizer isso... não sei o que pode acontecer, mas não consigo imaginar uma consequência boa.

Com certeza não vai acabar comigo e Saela seguras em casa.

O rei surge de uma escadaria estreita ao lado do grande balcão e chega ao campo. Fecho os olhos de novo, tentando sufocar a fúria.

Respira, *Meryn*. *Fica calma*.

— Aqui estamos. — A voz grave do rei exala diversão e condescendência. — Hmm. Sim, muito bem. Tão frescos e em forma.

Credo. A bile sobe pela minha garganta.

Ele caminha pelas fileiras de Recém-unidos, parando de vez em quando para avaliar alguém de perto, como se fôssemos *gado*.

— Oh, veja só, Killian — ronrona, circulando uma jovem da alcateia Criptos. — Esta aqui é encantadora, não acha? — Ele estende a mão coberta de joias e dá um tapa na bunda dela. — Tão firme.

A mulher sorri e cora como se tivesse acabado de receber um elogio imenso. Talvez, para ela, tenha sido. Talvez ela deseje se tornar a Recém-unida que ele vai escolher como companheira.

Pelo canto do olho vejo Killian assentir, mas não consigo encará-lo. Será que também planeja escolher uma companheira?

— Uma jovem guerreira em formação — murmura o príncipe.

Desgraçado.

Eles avançam, fila por fila, até que enfim, para o meu pavor, o rei se aproxima.

— Ah, os Estrategos — fala ele em seu tom horrível de diversão predatória. — Tanta elegância e astúcia.

Então para diante da garota à minha frente e levanta a barra do vestido dela para espiar suas pernas nuas. Eu mantenho os olhos baixos, para que ele não veja minha raiva e meu nojo.

Filho da puta doente. É melhor não me tocar. Vou arrancar suas tripas, seja você o rei ou não.

Ao mesmo tempo, sinto brutalmente a presença do príncipe Killian ao lado dele, com a atenção focada em mim. Uso cada grama de autocontrole para não olhar de volta. Para não buscar naqueles olhos familiares algum sinal de...

Não. Você deveria estar furiosa, Meryn. Não procure nada no olhar dele.

O príncipe se aproxima, acompanhando o pai, que já se moveu para inspecionar a garota à minha esquerda.

Algo roça minha mão quando Killian passa. Meu coração dispara.

Quero cuspir nele, gritar na cara dele, jogá-lo no chão.

Mas está feito. Killian segue adiante, deixando um pequeno pedaço de papel pressionado na minha palma. Com o coração martelando, escondo rápido o bilhete na manga do vestido.

O que se passa na cabeça desse infeliz? Será que alguém viu?

Espio ao redor, sentindo alguém me observar.

É Stark, a poucos metros de distância. Ele me encara com ódio, lábios se curvando num quase rosnado. A adrenalina dispara pelo meu corpo, fria e depois quente.

Desvio os olhos. Ele flagrou Killian me entregando o bilhete? Ou só me odeia?

Não tenho tempo para pensar nisso. De repente, o rei está ao meu lado. Ele para e me examina. Então enrola o dedo numa

mecha do meu cabelo e a ergue brevemente.

— Hmm. Incomum.

Fixo os olhos no peito dele, mas percebo seus olhos se estreitarem e seus lábios se abrirem para falar...

— Majestade — interrompe Stark —, que tal nossos recrutas mostrarem do que são capazes? Ainda não começaram o treinamento. Não há momento melhor para testar sua determinação.

Nossa determinação? Do que ele está falando?

O rei se vira para o líder dos Daemos, e seus lábios se curvam num sorriso perverso.

— Excelente ideia, Alfa Stark! Acho que vou gostar disso.

Ele enfia a mão sob a capa e puxa a Espada Funesta em um silvo metálico.

Então crava a ponta da espada no chão com um estrondo seco.

— Recém-unidos! — brada o rei Cyril. — Encontrem e matem o recruta mais fraco!

Calma, como é que é?!

De imediato, a arena explode em caos. A plateia entra em êxtase. O rei e sua comitiva se apressam de volta ao balcão. Recém-unidos correm para montar seus lobos. Menos da metade consegue.

Viro-me para Anassa, mas ela já está em confronto com outro lobo, rosnando e avançando. Ambos parecem enlouquecidos, com os olhos brilhando de fúria.

Mas o que...?

Todos os lobos parecem dominados pela loucura. Circulam uns aos outros como tubarões, ignorando os comandos dos cavaleiros. Avançam com violência, as presas à mostra. Os Recém-unidos que não conseguiram montar em seus lobos são forçados a se dispersar para não serem esmagados no fogo cruzado.

Percebo que os lobos estão sob algum comando da Espada Funesta. E os Recém-unidos parecem encarar isso com

naturalidade.

Será que eles ouviram algo que não ouvi? Sentiram algo que não senti?

Enquanto observo, atônita, a arena, outro par de lobos passa correndo e quase me derruba. Um deles vira a cabeça para me morder, mas me jogo para o lado. As presas enormes se fecham a poucos centímetros do meu rosto antes de ele se lançar contra outro lobo.

Merda. Não vou sobreviver sozinha. Não é preciso ser um gênio para perceber que quem não conseguiu montar o próprio lobo é o alvo mais vulnerável. É só questão de tempo até alguém ser marcado como o mais fraco.

Anassa!

Estendo o pensamento para ela, desesperada, mas ela me ignora — a muralha de ferro continua ali.

Tudo que posso fazer é tentar ficar fora do caminho.

Arranco a lâmina que sempre carrego presa à coxa e me preparo para a briga.

Ainda me espanta que ninguém tenha vindo atrás de mim. Imaginei que pelo menos alguns já teriam decidido que *eu* sou a recruta mais fraca. Mas seja lá qual for o feitiço que o rei lançou, tornou os lobos-gigantes impossíveis de controlar. Não há ordem, nem estratégia. Eles apenas circulam, se lançando, se medindo.

E então algo muda.

Um rapaz cai do lobo, batendo no chão com força suficiente para quebrar os ossos. Reconheço-o da Ascensão, embora não saiba seu nome. É um recruta dos Criptos. Menor que a média, corpo esguio. Cabelo castanho-claro e sardas. Um dos mais novos, com certeza — dezoito anos no máximo, ainda um garoto. Foi um dos últimos a ser escolhido.

Seu grito de dor ecoa alto o bastante para atrair a atenção de todos os predadores no campo.

A atmosfera de cólera e caos muda no mesmo instante.

Fraqueza.

Os lobos sentiram. Os outros Recém-unidos também. Eles se viram quase como um só e se lançam sobre o garoto ferido.

— *Não!*

A palavra escapa da minha boca. Mal se sobrepõe ao rugido da multidão, muito menos ao estrondo das mandíbulas dos lobos, mas alguns ouviram.

Um arrepio instintivo sobe pelas minhas costas quando meia dúzia de focinhos enlouquecidos se vira para mim.

Ah... merda.

Um deles é a monstruosidade preta de Jonah, que está montado em sua fera e abre um sorriso malicioso. Mantendo o olhar preso ao meu, joga a cabeça para trás e solta um grito de guerra horrível, apavorante, que ecoa pelos ossos.

Todos se voltam para mim.

Fraqueza.

Num instante, o garoto Criptos ferido é esquecido. Cada predador no campo — lobo e humano — agora está focado em mim.

Com o coração martelando no peito, assumo uma postura de luta enquanto os lobos se abrem em círculo ao meu redor, mas sei que é inútil. Eles estão se aproximando. Tudo dentro de mim está afundando, caindo. A faca na minha mão é tão útil quanto um palito de dente.

Não há como eu sobreviver a isso.

Lágrimas de raiva e fracasso queimam meus olhos. Eu falhei com *Saela*.

Nesse instante, Anassa se afasta dos demais, avançando em minha direção, na frente dos outros, os olhos amarelos selvagens e agressivos.

Quase rio. *Claro.* Ela me odiou desde o início. E agora vai liderar

o ataque para me matar.

Algo em mim se endurece com esse pensamento. O medo e a derrota se comprimem em uma fúria fria, cortante.

Então é assim, hein?, penso, os dentes à mostra enquanto encaro Anassa. *Ótimo! Venha provar da minha faca, cadela.*

Anassa solta um rosnado tão baixo que vibra no meu peito. Jonah e o lobo dele estão logo atrás, prontos para atacar. Jonah ri como um maldito lunático e grita:

— Agora!

O lobo dele avança. Nesse mesmo instante, mergulho para a atingir a garganta de Anassa...

E *erro*.

Caio de quatro no chão duro. Atordoada, me viro a tempo de ver Anassa derrubar o lobo de Jonah. Com um ganido, Jonah voa da sela, arrastando poeira pelo chão.

Mas que porra...?

Antes que eu perceba, Anassa já está de pé de novo, lançando-se contra outro lobo. O rosnado dela é ensurdecedor.

Confusa, me ergo, cambaleando.

Anassa está me *protegendo*?

Assisto com espanto enquanto ela arremessa o corpo contra outro lobo e em seguida avança sobre um terceiro. Os demais recuam diante de sua ferocidade, mas ainda andam em círculos, choramingando, os olhos acesos de sangue.

Anassa se coloca sobre mim, a cabeça baixa e a pelagem eriçada, rosnando alto o bastante para fazer a terra tremer.

Minha!, o rosnado parece falar. *Minha presa! Meu alvo!*

Por um momento de imobilidade sufocante, Anassa se mantém firme. Consigo *sentir* os outros lobos julgando-a, avaliando-a. Decidindo se vale a pena desafiar a mais velha e poderosa entre eles.

Meu coração e minha respiração ecoam nos ouvidos — ainda

mais altos que o delírio da multidão. Todos sabem que os outros lobos poderiam derrubar Anassa se atacassem juntos. Eu sei disso. Os outros Recém-unidos sabem disso.

Mas, por algum motivo, eles não vêm. De uma vez só, a tensão se dissipa e os lobos... simplesmente recuam.

Um alívio escorre pelos meus membros, transformando meus músculos em água. Anassa se vira para mim com as mandíbulas abertas, saliva pingando.

A muralha de ferro continua ali entre nós, mas eu entendo perfeitamente a ameaça em seu olhar. Ela poderia me matar num instante. E talvez vá.

Mas não hoje.

Ela se vira e segue atrás dos outros, deixando-me trêmula e confusa.

Meu alívio dura pouco.

Um grito ecoa pela arena.

— Jagir! Me ajuda!

O garoto dos Criptos. Ele está de pé agora, um braço pendendo inútil ao lado do corpo, chamando desesperado por seu lobo.

Logo o perco de vista no turbilhão de corpos quando lobos e Recém-unidos convergem sobre o alvo.

Fico congelada de horror ao ouvir mais gritos cortarem o ar — os lamentos de dor e terror do garoto.

O rugido da arena é ensurdecedor. O rosnado dos lobos é tão alto que faz meus ouvidos zumbirem. Por baixo, um som horrível — pano e carne sendo rasgados.

A massa de corpos se abre por um instante, e eu o vejo: o garoto dos Criptos de joelhos, coberto de sangue. Seu lobo se coloca sobre ele, rosnando, aflito, o pelo negro cintilando de vermelho.

Os outros lobos cercam a dupla. Não há mais caos. Eles estão unidos num único pensamento agora, a caçada.

Como uma dança, revezam-se para atacar, atraindo o lobo do

garoto para longe do escolhido, para que outro lobo possa avançar contra o garoto sangrando. Os outros Recém-unidos permanecem fora do círculo, observando. Torcendo. Tão sedentos de sangue quanto suas feras.

E a plateia...

Ergo os olhos quando o rugido deles atinge o auge. Somos o espetáculo doentio dos nobres. Seus rostos brilham de prazer, suas bocas se abrem, *uivando* com euforia. O rei está no trono, sorrindo com satisfação. Ao lado dele, o príncipe Killian permanece inexpressivo, impossível de decifrar e incapaz de intervir, mesmo que quisesse.

Quero acreditar que ele faria isso. Que em algum lugar dentro daquele *estranho* ainda existe o homem que amei, o homem que poria fim a qualquer injustiça com calma e autoridade.

Mas o que ele quer ou não quer não importa. Assim como eu, tudo que pode fazer é assistir.

Um clarão de pelo prateado surge no canto da luta. Anassa, com o corpo salpicado de vermelho e o focinho tingido de sangue. Ela se lança sobre o lobo dos Criptos e crava as mandíbulas enormes na garganta dele.

O lobo dos Criptos cai soltando um guincho.

E é isso. O começo do fim.

Assisto, horrorizada, sem piscar, enquanto os outros lobos avançam, sabendo que não há nada que eu possa fazer. Se tentar intervir, serei a próxima.

O primeiro lobo a alcançar o garoto crava os dentes no braço quebrado dele. O grito que ele solta é terrível, quase infantil.

Outro lobo se lança contra a perna esquerda.

— *Não!* — grita ele, aos prantos, com uma voz aguda, falhando. — Por favor... mamãe!

Num instante, eles o erguem do chão, estendido entre as mandíbulas. Então mais um lobo crava os dentes no ombro

esquerdo, e outro no meio da coxa direita.

Eles começam a sacudi-lo, a balançar a cabeça com uma brutalidade nauseante, arrancando carne do osso.

Os gritos do garoto me dão vontade de tapar os ouvidos e desabar no chão, mas estou paralisada, incapaz de desviar o olhar.

Com um *rasgo* alto e ecoante, o braço direito se solta do ombro. Os gritos são tão intensos que quase abafam a multidão.

E, misericordiosamente, não duram muito.

Outro lobo avança, as mandíbulas escuras se fechando sobre a cabeça do garoto.

Apavorada, percebo que é o lobo *dele*. Anassa o largou, e ele atacou o próprio cavaleiro. Há um estalo horrível, úmido, quando a fera morde com força. Os gritos cessam abruptamente.

Mas não o horror.

Agora os lobos brigam pelo corpo dele. Rasgando em pedaços. O lobo do garoto cai ao lado, a união rompida o matando também, e logo os outros o destroem junto.

A plateia ruge quando lobos e cavaleiros começam a se dispersar, deixando o que resta do garoto Criptos em fragmentos carmesim espalhados pelo chão. Os Recém-unidos comemoram, erguendo os braços, gritando de volta para a multidão, roupas e rostos respingados de sangue.

Sangue e pedaços de carne pintam o solo, escorrendo para os sulcos estreitos que chamaram minha atenção mais cedo. Atordoada, abaixo os olhos.

Quando me dou conta, sou tomada por uma repulsa avassaladora.

São *drenos*. Para escoar o sangue do campo de batalha, para que a terra não vire lama.

Este lugar é um teatro da morte.

Meu estômago se revira, e eu tropeço para trás, desesperada para me afastar daquela cena de pesadelo. Outros Recém-unidos fazem o

mesmo. *Nem todos* estão celebrando. Muitos parecem tão atordoados e abalados quanto eu. Uma garota tem lágrimas nos olhos vidrados de choque. Outro cai de joelhos e vomita no chão.

Enquanto isso, os lobos continuam circulando. Seus olhares se erguem para o rei como se aguardassem novas ordens. Haverá outro abate? A matança terminou ou só começou?

Sigo os olhares deles. O sorriso do rei me causa uma nova onda de náusea. Me lembra o sorriso sádico de Jonah. Ele assente com uma realeza afetada, os lábios se curvando em satisfação, o olhar afiado cintilando com algo nojento, assustadoramente próximo da excitação.

Stark está sentado a poucos passos do estrado — um lugar de honra, em reconhecimento ao seu alto posto como líder de alcateia. Já nem me surpreende encontrá-lo me encarando.

Ele não sorri, e há um brilho perigoso em seus olhos escuros. Uma mensagem silenciosa, tão clara quanto a que li em Anassa quando ela me protegeu instantes atrás.

Ele me quer morta.

A certeza disso pesa nos meus ossos. Ele sugeriu esse espetáculo porque sabia que os lobos me escolheriam. Hoje, *eu* deveria ser a descartada, despedaçada diante de todos.

Mas haverá muitas outras chances de me ver morrer de forma vergonhosa. E o olhar dele deixa claro que está ansioso por isso.

Isso é só o começo.

Atrás dele, o rei ergue a espada mais uma vez. A lâmina desce com um baque seco contra o estrado. No mesmo instante, a aura de sede de sangue e de violência iminente se dissipa. Os lobos se acalmam.

A Apresentação terminou.

A caminhada de volta para o dormitório acontece em um

silêncio repleto de exaustão. Nem os Recém-unidos que se deleitaram com a matança falam. Venna e Izabel seguem à frente, os vestidos gêmeos salpicados de sangue.

Não as vi no meio da confusão, mas deviam estar por perto no final. Nem tenho energia para imaginar se gostaram. Minha mente está no bilhete de Lee — ou melhor, *Killian*. Ele arranha dentro da manga, queimando minha pele.

Assim que entramos no dormitório, corro para o lavatório e me tranco numa das cabines privadas. Meus dedos tremem enquanto desdobro o pequeno quadrado de papel.

Jardim leste, à meia-noite. Por favor, gatinha.

Fico olhando para as palavras, entorpecida.

Eu não deveria ir. O que ele pode falar para tornar aceitável esse abismo de mentiras entre nós? Dediquei um ano da minha vida, do meu amor, a um... *estranho*. O horror de vê-lo ali pela primeira vez ainda me consome, revirando minhas entranhas, o gosto amargo subindo pela garganta.

E o mais ridículo é que eu morri de saudades dele nesses últimos dias. Como se meu coração tivesse sido arrancado do peito em sua ausência. Mal sabia eu que era ele quem segurava a faca o tempo todo.

Mas não consigo fingir que minha cabeça não está pesada de perguntas que quero que sejam respondidas. A principal: por quê? Por que eu? Por que mentir? *Por quê?*

Enfio o papel de volta na manga e saio da cabine em transe. Outros Recém-unidos passam por mim, lavando o sangue e o suor e se preparam para dormir.

Meu reflexo no espelho é pálido e assustador. Há sangue no meu rosto, preso nos fios do cabelo. O batom vermelho está borrado, e meus olhos estão afundados em sombras.

Vejo ali a fraqueza. A solidão. A perda.

Ironicamente, queria que Lee estivesse aqui — a única pessoa

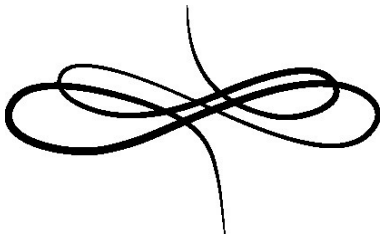
em quem eu sempre pude confiar para me ajudar, para cuidar de mim. Em outra vida, eu poderia recorrer aos meus amigos, mas não posso arriscar me expor dessa forma para pessoas que nem conheço, não quando minha vida está por um fio. Nem mesmo para Izabel e Venna, em quem começo a confiar.

Fico encarando meu reflexo, desejando que ele pudesse me responder. O que devo fazer?

Às cegas, tento buscar a união com Anassa na mente, esperando que ela escolha este momento para abaixar a muralha, me oferecer um conselho. Mas não há nada além dos meus próprios pensamentos ecoando e se retorcendo.

Estou, de fato, completamente sozinha.

17



Acabo tomando mais um banho. Esfrego o sangue da minha pele por tanto tempo e com tanta força que começo a me machucar. É uma dor estranhamente reconfortante, que deixo inundar meus sentidos. Pelo menos assim consigo focar em algo que não seja o buraco cavernoso no peito onde antes ficava meu coração.

Depois de um tempo, o banheiro fica silencioso, e percebo que sou a única que restou. Saio e me seco nas toalhas enormes e felpudas, depois visto a roupa de baixo e um conjunto limpo de roupas de dormir: uma camiseta branca engomada de botões e uma calça branca incrivelmente macia, que se molda ao corpo como uma segunda pele.

Quando volto ao quarto coletivo, noto que está silencioso, quase vazio. Melhor assim. Eu me sinto em meio a uma névoa atordoante e não consigo ficar de conversinha com pessoas que celebraram aquela cena sangrenta na arena com tanta paixão.

O garoto Criptos não sai da minha cabeça. Ainda escuto seus gritos horríveis. Sua morte paira sobre mim como uma nuvem, deixando um gosto amargo e metálico na boca.

E, quando não penso nele, é no príncipe usando o rosto do homem que eu amo. Ainda não decidi o que fazer. O bilhete está agora guardado no bolso da calça, já gasto de tanto que abri e fechei.

Antes de qualquer coisa, quero ver Izabel e Venna, desejar boa

noite a elas. As duas também pareceram abaladas com a morte do garoto, mesmo acostumadas a este mundo, mesmo sabendo que a violência era uma possibilidade naquela noite.

Seguindo o som de vozes, vou até a antessala dos Estrategos, mas, assim como o quarto, está vazia. Então empurro a porta da sala comunitária dos Recém-unidos.

E minha boca se escancara com nojo.

Recém-unidos de todas as alcateias estão ali... festejando. Criados plebeus circulam com bandejas de brasavinho, um vinho vermelho-escuro tão parecido com o sangue que acabei de lavar do corpo. Mesas estão cobertas de travessas com carnes e queijos, e pessoas estão jogadas em sofás, cadeiras e umas sobre as outras.

O clima no salão é denso, como se todos tivessem transformado a agressão represada da noite em algo hedonista. Muitos já estão claramente bêbados — falam alto, riem, trocam olhares lascivos.

Recém-unidos também já se juntaram em pares. Em mais de um canto, vejo pessoas altas e belas em abraços eróticos. Um casal se beija numa poltrona no centro, a mulher montada no colo do homem, se esfregando nele, enquanto o sujeito desliza a língua por seu pescoço, com a mão enfiada por baixo da blusa, massageando o peito dela sem o menor pudor.

Meu rosto esquenta diante da cena. Não acredito que alguém se comporte assim em público, principalmente depois de tudo que vivemos esta noite.

Finalmente, avisto Izabel e Venna sentadas num sofá com outros Recém-unidos que não reconheço.

— Ei, você veio! — exclama Izabel quando me aproximo, os olhos brilhantes. — Quer uma bebida?

Ela ergue a taça de brasavinho, o líquido rubi quase transbordando.

— Posso falar com vocês um instante? — sibilo.

Izabel me acompanha até a lateral do salão, e eu aponto para a

cena diante de nós.

— Que merda é essa?

— Hm? — Izabel olha em volta, meio aérea e um pouco cambaleante. Ótimo, está tão bêbada quanto o resto. — Ah, é uma comemoração. Sobrevivemos à Apresentação. Viva!

Ela ergue a taça outra vez, derramando mais vinho no chão.

Dou risada, sem conseguir acreditar.

— E ver um homem ser despedaçado faz o povo entrar no clima? — pergunto, olhando para o casal na poltrona.

Agora o homem subiu a blusa da mulher, expondo os seios firmes para todo o salão e passando a língua pelos mamilos dela.

Izabel dá de ombros, com o rosto corado.

— É tão bom para aliviar o estresse quanto qualquer outra coisa. Além disso, pode ajudar seu lobo a encontrar o par dele.

Franzo a testa, sem entender.

— Par?

— É, lobos-gigantes têm pares. Quer dizer, às vezes. Bom, não é tão comum, na verdade — tagarela Izabel. — Mas é uma coisa que acontecia mais antes: os lobos podiam ter uma união com outro lobo, e isso lhes dava poderes extras. Tipo, eles conseguiam se comunicar mesmo estando em alcateias diferentes, e os cavaleiros sentiam as emoções deles mais fortes. Não sei exatamente como funciona, mas, quando cavaleiros transam, isso pode ajudar os lobos a descobrirem se são pares ou não. Então *é claro* que todo mundo aproveita os Ritos para tentar encontrar o par do próprio lobo-gigante. Legal, né?

— Muito — retruco, áspera, virando as costas para a festa e voltando para os aposentos dos Estrategos, a cabeça girando.

— Aonde você vai? — grita Izabel para mim.

— Dormir — respondo, sem nem me dar ao trabalho de olhar para trás.

Não consigo *acreditar* no comportamento dessas pessoas. Sei que

foram criadas para aceitar a morte, para achá-la normal e até glorificar esses Ritos.

Estar acostumado ao sangue é uma coisa.

Festejar isso transando com o maior número de pessoas possível é outra.

De volta à antessala dos Estrategos, avisto uma figura sentada numa poltrona de encosto alto junto à lareira. Devo tê-la ignorado quando saí. É Nevah, a mulher que me falou sobre o rei mais cedo.

Ela encara as chamas, o fogo lançando sombras trêmulas sobre sua pele marrom. Parece etérea e profundamente triste.

— Não está a fim de participar da orgia lá fora? — ironizo.

O olhar dela sobe lentamente até mim. Ela me encara por um instante, sem me ver de fato, então pisca e balança a cabeça.

— Só tem uma pessoa que eu gostaria de encontrar lá fora, e ele morreu na Ascensão.

E então volta a fitar o fogo, como se eu tivesse deixado de existir. Que coisa terrível, entrar nesse processo com um parceiro e perdê-lo logo no primeiro Rito.

Minha indignação contra os Recém-unidos no salão começa a se dissolver. Quantas outras pessoas ali também não perderam amigos, familiares ou amores?

Talvez cada um de nós suporte isso de um jeito diferente.

Ainda estou pensando nisso quando me deito no beliche, já tarde da noite. As pessoas foram voltando ao quarto coletivo ao longo das últimas horas, e agora tudo está em silêncio.

Eu também perdi alguém nesse processo: Lee. Os Ritos de União o arrancaram de mim para sempre, mesmo que agora eu saiba que ele nunca foi de fato meu. Não sei se devo lamentar sua perda ou agradecer por, enfim, saber a verdade.

A certeza se afunda em meu estômago como uma pedra. Não vou conseguir dormir de novo se não falar com ele, se não confrontá-lo.

E quem sabe acertar um soco na cara linda dele. Isso talvez *me* ajude a lidar com tudo.

Perto da meia-noite, eu escapo da cama, pondo minhas habilidades de luta em prática enquanto deslizo para fora dos aposentos dos Recém-unidos sem ser ouvida nem vista. O corredor do lado de fora está escuro, o ar imóvel. Eu costumava gostar de ficar acordada quando todos dormiam. Sempre achei a noite pacífica.

Mas o castelo não é pacífico. O silêncio aqui é... pesado. E as sombras se movem de forma estranha, como se estivessem vivas.

Acabo me perdendo duas vezes no caminho até o jardim leste, mesmo já tendo passado por ele na minha fuga desastrosa mais cedo. Egith tinha mostrado a entrada para os jardins durante a nossa orientação.

Quando finalmente encontro a porta e a empurro, me esqueço de ser furtiva.

Meu suspiro ecoa no ar morno.

O jardim é uma maravilha sob a lua — não apenas um jardim, mas uma estufa. O espaço é aquecido, com um teto de vidro em forma de arco. O lugar é de um luxo extravagante. Roseiras margeiam o caminho e sobem pelas paredes de pedra. Por todos os lados vejo flores carmesim gigantes, transformadas em veludo negro pela luz do luar.

O perfume delas está em toda parte, doce e fresco. Nunca vi ou senti nada tão maravilhoso.

Caminho sem pressa, quase esquecendo o motivo de estar ali, até parar diante da figura de mármore que se ergue no centro de uma fonte imensa.

Ela tem o dobro da altura de uma mulher humana e cem vezes mais beleza. É voluptuosa e poderosa, com braços musculosos

erguidos com graça, como se estivesse em uma dança.

— Gatinha.

A voz forte e familiar faz meu coração quase sair pela boca. Quando me viro, ele está ali, parado a poucos metros, à sombra de um caramanchão tomado por trepadeiras.

Lee.

Sinto um aperto no peito.

Não. Não é Lee. É vossa alteza real, o príncipe herdeiro Killian Valtiere.

Os cabelos loiros parecem mais escuros sob o luar, os olhos são poços profundos. Ele parece um estranho nas roupas da realeza: todo aquele branco, aquele veludo e aquele dourado trançados. Ao se aproximar, porém, a confiança em seus passos é absolutamente familiar. Eu amava vê-lo caminhar na minha direção, sabendo que eu era dele, que ele podia me tocar. Me beijar.

Me amar.

Dói tanto que mal consigo respirar.

Dou um passo para trás sem perceber. Ele para, franzindo os lábios.

— Obrigado por ter vindo — fala. — Tenho certeza de que isso foi... um choque.

A angústia me inunda ao ouvir suas palavras, e cruzo os braços, tentando parecer firme quando, na verdade, preciso me segurar para não desmoronar diante dele.

Essa pessoa que conheço intimamente e ao mesmo tempo não conheço nem um pouco.

— Por que você fez isso? — pergunto, com uma voz de aço, para que ele não veja como me destruiu. — Por que escondeu quem era? Antes de mais nada, por que se envolveu comigo... *vossa alteza?*

As palavras queimam na minha língua, ácidas.

Quando estava deitada no beliche, imaginando este momento, pensei que seria uma visão aterradora — a Gata de Rua das arenas em toda a sua glória, cuspindo fúria. Mas, cara a cara com ele, não

consigo ignorar o luto que assola meu peito.

— Mer — responde ele, dando outro passo lento em minha direção, as mãos erguidas num gesto apaziguador. Eu me lembro do dia em que nos conhecemos, da maneira como acalmou o cavalo selvagem. — Eu nunca quis te machucar. No instante em que pus os olhos em você, correndo até mim e sua irmã naquele dia no mercado... eu soube, Meryn. Você tinha aquela ferocidade de gata de rua, uma centelha diferente de tudo que eu já tinha visto. Você era a beleza ofuscante do sol em forma humana.

Ele já está perto o bastante para me tocar, e uma parte traidora de mim anseia por isso, pelos braços que conheço tão bem, me envolvendo outra vez, me confortando.

Mas eu esmago o desejo. Que se dane esse sentimento. Em vez disso, olho feio para ele, fazendo-o parar.

— Eu teria feito qualquer coisa para passar um tempo com você, gatinha — fala, em voz baixa. — Qualquer coisa para ter a honra de te segurar nos braços.

Endireito a postura, erguendo-me em toda a minha altura.

— Então você escolheu mentir.

Lee — Killian — passa a mão pelos cabelos grossos, frustrado.

— O que eu deveria ter feito? Meu título sempre me definiu, mas eu não escolhi essa vida. Escondi minha identidade para que você pudesse conhecer o verdadeiro eu, sem o peso insuportável da coroa entre nós desde o começo. Tirando meu trabalho e os detalhes sobre meus pais, tudo que eu te disse sempre foi verdade. Mas se você soubesse que eu era o príncipe herdeiro, nunca teria nos dado uma chance.

Sinto os olhos arderem e percebo, para meu horror, que estou à beira das lágrimas. Ele tem razão: nós nunca teríamos ficado juntos se eu soubesse que ele era o príncipe. Aquele ano perfeito, em que achei que finalmente tinha encontrado um par, um igual, jamais teria existido.

Mas talvez devesse ter sido assim.

— Você me tirou a chance de escolher — respondo, a voz fria. — E, no fim das contas, isso não muda nada. Você continua sendo meu futuro rei, e eu continuo sendo uma plebeia, a escória, mesmo agora que sou Unida.

O olhar dele escurece.

— Você não é a *escória*.

Dou uma risada amarga.

— Se isso fosse verdade, você teria sido sincero comigo. O fato de não ter me contado nem depois que me alistei, quando falava comigo sobre os Ritos de União...

— Isso teria te ajudado de alguma forma? — ele me interrompe, falando mais alto. — Você tinha acabado de perder sua irmã. Tinha acabado de tomar uma decisão que mudaria sua vida. Eu deveria ter aumentado seu sofrimento me expondo justo quando você estava prestes a arriscar a própria vida? Deusa, Meryn, eu nunca, em um milhão de anos, achei que você se *uniria*. Não achei que viesse para o castelo. Achei que eu teria tempo de sobra para contar a verdade quando você voltasse da frente de batalha com Saela.

Ouvi-lo mencionar o nome da minha irmã rompe a represa que segurava minhas lágrimas. Elas descem rápido pelo meu rosto, quentes, queimando minhas bochechas.

— E já que estamos falando disso — falo, sentindo o gosto salgado —, por que você não fez *porra nenhuma* contra os Levadores? Você sabia! Você vivia nos alojamentos dos plebeus. Você sabia exatamente o que estava acontecendo com nossas crianças!

A raiva finalmente explode dentro de mim, e encurto a distância entre nós em dois passos rápidos, socando o peito dele com força suficiente para deixar marcas.

— Por que você não acabou com eles? Minha irmã *foi levada*!

Lee me envolve com os braços, me puxando contra si, mesmo enquanto continuo a socá-lo. Ele me prende num abraço apertado. Minhas lágrimas encharcam sua camisa, e seu queixo repousa sobre minha cabeça.

Ele ainda cheira a pinho, é meu pensamento ridículo. Cada parte do meu corpo quer se colar a ele, acender-se nesse perfume familiar.

— Gatinha — diz ele, o sopro quente contra meu cabelo. — É claro que venho tentando impedir. Mandei meus guardas atrás deles desde a primeira vez que você me contou.

Ele recua, e eu o encaro. Vejo dor em seus olhos.

— O sumiço da Saela é culpa minha — continua. — Eu deveria ter feito mais. Mas vou continuar fazendo tudo que estiver ao meu alcance até o dia em que nós conseguirmos trazê-la de volta para casa.

Lee levanta a mão e enxuga as lágrimas no meu rosto. O gesto só faz meu choro aumentar. Meu estômago é um nó vivo, um redemoinho. Eu preciso dele e o odeio ao mesmo tempo, e isso *dói*.

— Não existe mais *nós* — cuspo de volta.

Levo as duas mãos ao peito dele e *empurro*. Lee cambaleia para trás no caminho de terra e, quando nossos olhos se encontram de novo, ele ergue o queixo.

— Você não entende? — A voz dele é feroz. — Meu amor por você é tão firme e constante quanto o vento do monte Mata-Lobo. Eu abriria mão de tudo se você me pedisse. Abdicaria amanhã mesmo.

Bufo, cruzando os braços mais uma vez, fazendo de tudo para não corar. Porque lá no fundo eu também o amo, mesmo que o odeie. As emoções em guerra ameaçam me derrubar ali mesmo.

— Você é a mulher mais poderosa de Noturna, Meryn. — A certeza em seu tom grave faz meu sangue ferver e me obriga a olhar nos olhos brilhantes dele. — Você pode pôr este reino abaixo com uma única palavra.

Sinto um frio na barriga e desvio o olhar. Não sei o que pode sair da minha boca se eu continuar encarando-o tão de perto.

— Vim pra cá por causa da Saela e de mais ninguém — afirmo, um lembrete para ele e para mim. — É a única coisa que me importa.

— Eu sei — responde Lee, a voz carregada de arrependimento. — E vou fazer tudo que puder para te proteger e te ajudar a encontrá-la enquanto você estiver aqui. — Ouço o ranger do calcanhar dele na terra quando começa a se afastar, mas então Lee para. — Não espero o seu perdão. Mas espero conquistar sua compreensão.

E então ele me deixa sozinha, remoendo meus arrependimentos e os cacos da nossa esperança, das nossas promessas. O perfume das rosas se tornou enjoativo, sufocante. Uma película fina de beleza cobrindo um abismo sem fim de desgraça.

Espero alguns minutos depois que Killian vai embora, querendo me manter o mais distante possível dele — e também porque preciso de um tempo para me recompor. Depois caminho de volta pelos corredores escuros em direção aos aposentos dos Recém-unidos.

É no corredor, bem na frente dos dormitórios, que o ataque acontece.

Burra que sou, não estou pronta para ele. Meus pensamentos ainda estão emaranhados em Killian, em Saela, no dia exaustivo que tive. Nem percebo a aproximação do meu agressor até sentir o punho dele agarrando meu cabelo e me puxando para trás com brutalidade.

Não grito quando ele começa a me arrastar. Muita gente não ficou feliz por eu ter sobrevivido à Apresentação. E prefiro queimar no inferno a comunicar meu infortúnio à merda do

complexo inteiro, para que eles possam ajudar a terminar o serviço.

Em vez disso, me contorço em silêncio no aperto do agressor, ignorando a dor lancinante no couro cabeludo enquanto tento firmar os pés no chão. Preciso de um apoio e preciso ver meu alvo, para poder chutar as bolas dele até elas ficarem roxas.

Ele é *forte*. Muito mais forte que eu. Rápido também. Sente minha tentativa de me soltar e dá outro puxão violento na minha cabeça. Parece que meu cabelo vai se desprender inteiro da raiz. Mas penso rápido, mesmo enquanto meus pés arranham e se arrastam pelo piso polido.

A violência é clara. Intencional. Esse cara veio para me matar, custe o que custar.

A certeza me empurra além da beira do penhasco emocional em que eu estava pendurada desde que percebi que não poderia deixar este lugar.

Sombras atravessam minha visão e entram em mim, expandindo no meu peito. Uma escuridão toma minha mente enquanto um único pensamento se cristaliza, o único que importa: *não é aqui que eu vou morrer*.

Como se estivesse possuída por algo que nem mesmo eu consigo entender, puxo minha faca de seu esconderijo e golpeio meu próprio cabelo. Os fios prateados se partem na hora. O homem, pego de surpresa, perde o equilíbrio e despenca para a frente.

Estou em cima dele antes mesmo que o infeliz caia no chão, um joelho pressionando sua nuca enquanto desço a lâmina com força sobre a mão que ainda agarra o tufo do meu cabelo arrancado.

É como se meu bom senso tivesse me abandonado e meu corpo fosse movido apenas pela fúria.

Quando meu pai ainda era vivo, costumava me levar para caçar. Ele me ensinou o jeito certo de desmembrar um animal. O segredo é o ponto onde enfiar a faca na junta, depois basta um giro firme e

treinado...

Um grito rouco, masculino, ecoa pelo corredor quando a mão do agressor se separa do pulso. Sangue quente espirra no meu rosto. Sinto o gosto de sal, ferro e fúria em ebulição.

Os olhos dele se arregalam na penumbra, a boca se abrindo em um arquejo ofegante enquanto me abaixo para mostrar a ele o próprio membro decepado. Reconheço-o vagamente como um dos garotos Daemos que andam com Jonah.

— Você mexeu com a mulher errada.

Demoro um instante para perceber que é a minha voz enquanto rasgo a mandíbula dele e enfio a mão decepada em sua boca.

Ele engasga, com os olhos arregalados, enquanto eu empurro a mão cada vez mais fundo na garganta. A cartilagem estala com a pressão. O corpo dele se debate embaixo de mim, uma tentativa desesperada de me sacudir, de se soltar, de se salvar.

Já prendi muitos homens no chão durante a vida, sei como fazer isso do jeito certo.

A muralha de ferro na minha mente se abre. Do outro lado está Anassa, os sentimentos dela escancarados para mim pela primeira vez.

Não há nenhuma palavra. Só uma onda de aprovação fria, sedenta de sangue.

Rosnando de nojo, ergo a muralha de volta.

Não preciso da sua maldita aprovação.

Meu agressor gorgoleja alto embaixo de mim, sufocando no próprio sangue e dedos.

Nunca tinha matado um homem. Nunca me imaginei capaz desse tipo de violência. Sempre pensei que passaria pelos Ritos evitando que me matassem, não me tornando uma assassina.

Mas alguma coisa foi destravada dentro de mim, um monstro que eu nem sabia que existia. Não sei se nasceu da fúria silenciosa que cresceu durante o dia ou se é efeito colateral da minha união

com uma fera faminta.

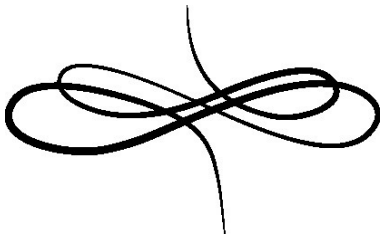
Ainda assim, em vez de sentir repulsa pelo que fiz, tudo que sinto é... calma. Uma calma horrível, pétrea.

Isso não está certo, está? Eu não deveria estar calma. Eu deveria estar... *qualquer outra coisa*.

Em que tipo de monstro este lugar está me transformando?

Quando eu finalmente encontrar minha irmã de novo, será que ela ainda vai me reconhecer?

18



Deveria existir um manual para Recém-unidos, impresso depois de cada Rito de União, cada nova edição trazendo dicas e truques melhores, colhidos ao longo do período de treinamento.

Minha contribuição?

Na manhã depois de assassinar brutalmente outro Recém-unido, *não* peça ovos no café da manhã.

Fico olhando para eles, empurrando-os com o garfo, pensando em massa encefálica e intestinos fibrosos. Relembrando o jato quente de sangue, o grito estrangulado que cortei pela metade.

Minha nuca está gelada onde antes havia cabelo. Ontem à noite, quando voltei para o dormitório, fui direto para o banheiro tirar o sangue dele do meu corpo. Enquanto a torneira esquentava, encarei a mulher no espelho, tomada de novo pela estranheza diante da minha própria imagem. Meu cabelo está mais curto do que jamais esteve, os fios prateados de pontas irregulares na altura do queixo.

Estremeço, ainda olhando para os ovos que esfriam no prato.

Para ser sincera, não é só a violência que está me corroendo. É a sensação de que, de repente, eu não sou mais eu. Algo estranho aconteceu ontem à noite, como se outra pessoa tivesse assumido meu corpo quando comecei a revidar.

Ou talvez tenha sido ainda antes disso. Talvez a pessoa que eu julgava ser ainda esteja deitada na minha cama em casa, quase catatônica, e a pessoa que conseguiu se levantar e ir se arrastando

até o centro de recrutamento seja quem realmente está aqui agora.

Cruel e perigosa. Desesperada.

Não consigo apagar o arrepio de satisfação que senti vindo de Anassa. Ela gostou do que fiz. Sei que gostou. Minha cabeça lateja com meu esforço constante para manter de pé a muralha de ferro entre nós.

Sem falar que não tive um único momento para pensar em toda a história com Lee — ugh, *Killian*. Meu coração ainda dói quando penso nele.

Fecho os olhos e vejo a morte nas minhas mãos ao lado da imagem agridoce dele, parado ali com toda a sua imponência.

— *Meryn*.

Ergo a cabeça de repente. Izabel está me encarando. Venna parece ainda mais preocupada.

— Estamos tentando chamar sua atenção — fala Venna.

— Desculpa — respondo.

— Corte de cabelo interessante esse de hoje cedo — comenta Izabel com cautela. Venna sorri para mim com uma expressão intrigada.

— Ah, é. — Olho em volta da sala de convivência. Recém-unidos de todas as alcateias estão espalhados nas poltronas e divãs, alguns próximos o bastante para se largarem uns sobre os outros. — O quê, não gostaram? — devolvo, tentando mudar de assunto.

Venna dá de ombros.

— Não, eu gostei. Na verdade, achei uma boa ideia. Cabelo mais curto quer dizer uma coisa a menos para alguém agarrar.

Ela balança o próprio cabelo curto, como se quisesse provar seu ponto.

Lembranças dolorosas da noite anterior me inundam. Mantenho o rosto impassível, me recusando a mostrar fraqueza.

— Mas estamos preocupadas — acrescenta Izabel. — Ontem foi pesado. E agora essa mudança repentina. Você está bem?

Pesado. Esse é o eufemismo do século.

Abro a boca, tentando pensar numa desculpa para fugir da conversa, mas sou poupada pela porta da sala de convivência sendo escancarada de repente, com tanta força que bate na parede, fazendo tremer as taças de cristal espalhadas.

Stark irrompe na sala, as botas martelando o chão, as sobrancelhas escuras contorcidas de fúria.

Meu corpo inteiro se retesa, sirenes soando na mente.

A voz dele explode como trovão:

— *Quem foi?* Quem aqui achou que sabia mais que o líder Aldrich e decidiu ignorar instruções *específicas* de não matar outros Recém-unidos fora do treinamento?

Merda. Não fui poupada de nada. Só ganhei mais tortura.

Sussurros de choque se espalham pelo salão. Aos poucos, os olhares começam a se voltar para mim, meu cabelo cortado rente chamando atenção. O corte é um indício maior do que imaginei. Nem mesmo a mentira mais engenhosa vai me arrancar dessa.

Então faço o que sempre faço quando estou diante de um homem tomado de fúria. Ergo o queixo e encaro o olhar dele com a mesma fúria.

— Fui eu. Legítima defesa — respondo apenas.

Por algum milagre, minha voz sai firme, apesar do coração acelerado.

Stark avança um passo na minha direção, sua forma colossal projetando uma sombra ainda maior. Alguns Recém-unidos se afastam às pressas, repelidos por um medo primal que deixa seus olhos faiscando e os movimentos trêmulos.

— Você acha que está acima das regras, *princesa*? — rosna ele.

Stark, me chamando de princesa? Fingindo que as regras não importam? Irônico, se considerarmos a quem ele serve. Meu lábio se contrai de ressentimento antes que eu consiga impedir.

— Como eu disse, foi *legítima defesa*.

Ele abre e fecha os punhos, os traços escuros das tatuagens dançando sobre a pele.

— Legítima defesa é sufocar alguém até a morte com a própria mão decepada? — Ele cospe as palavras.

Segue-se mais uma rodada de murmúrios surpresos. Alguns Recém-unidos que estão mais perto afastam seus pratos. Outros desviam o olhar de mim. Izabel e Venna ficam caladas.

Mas eu me recuso a baixar os olhos com vergonha ou deixar Stark quebrar algo dentro de mim. Fiz o que precisava ser feito para proteger minha vida, e agora *todos* eles vão pensar duas vezes antes de mexer comigo.

Eu faria de novo, por Saela.

O olhar desafiador de Stark queima em mim por um longo momento, o silêncio pairando na sala. Todos estão nos observando, como se esperassem que nos destruíssemos.

Então ele se endireita, as tatuagens e as inúmeras cicatrizes no dorso de suas mãos se movendo quando ele volta a fechar os punhos.

— Frente da sala — anuncia, a voz baixa.

Cada palavra foi refinada, articulada com perfeição, baixa mas perigosamente clara. Não há espaço para discussão.

Eu me levanto e vou devagar até o local indicado por Stark, para que todos possam me ver.

Ele se dirige aos outros com uma voz bem mais controlada.

— Parece que as lições estão começando cedo esta manhã — anuncia, acompanhando meus passos com o olhar.

Eu me viro, apoiando as mãos na cintura e ficando ereta. Stark se aproxima, sua presença ainda imponente e aterrorizante.

— A maioria de vocês deve saber o significado das tatuagens dos Unidos, mas, para aqueles que não sabem — ele lança um olhar cortante na minha direção —, as tatuagens nos braços e no torso contam as mortes de Sifões. As do pescoço homenageiam os

companheiros Unidos que matamos durante o treino. Por que fazemos as tatuagens?

Porque vocês, como os psicopatas que são, gostam de troféus de guerra.

Um longo silêncio se instala, até que um jovem cria coragem para levantar a mão. Filax, a julgar pela mecha dourada no cabelo. Não sei o nome dele. Stark inclina a cabeça em sua direção.

— Porque, diferente dos Sifões, os Unidos valorizam a vida. Fazemos tatuagens para lembrar o alto preço da guerra.

Balela, da pior espécie. Aquele que me atacou ontem à noite *valorizava a vida*? E os outros, naquela arena, enquanto testemunhavam um homem ser estraçalhado?

Se realmente valorizassem a vida, todo esse processo não seria tão brutal e sangrento.

Stark assente e se volta para mim, enfiando a mão no bolso. Ele tira um pequeno dispositivo que parece uma caneta, a ponta afiada brilhando sob a luz que entra pela janela acima de nós. Pega também um frasco de tinta.

— Parabéns, princesa. Você ganhou sua primeira tatuagem dos Ritos de União.

Sua mão livre agarra meu ombro e me empurra para a cadeira atrás de mim. Eu protesto, indignada.

Por algum motivo, porém, quando Stark se inclina sobre mim, mais perto do que eu já o tinha visto, não consigo desviar o olhar dos seus cílios.

Isso me atordoa por um instante. É diferente tê-lo a centímetros de distância. Toda aquela fúria ameaçadora ainda paira sobre mim como um machado de carrasco, mas sinto a respiração dele no meu rosto e vejo em detalhes as tatuagens no pescoço.

Mortes de treinamento, então, assim como a minha.

Stark segura meu queixo com firmeza com os dedos calejados, o calor deles faiscando na minha pele. Tento encará-lo com o que espero ser uma expressão desafiadora. Eu me recuso a me encolher

de medo diante de alguém que tão claramente se deliciaria com isso.

Ele estala a língua com irritação e força minha cabeça para trás num ângulo desconfortável.

A picada da agulha no meu pescoço é súbita e brutal. Faço de tudo para não emitir qualquer som de dor, travando o maxilar e encarando-o enquanto a agulha rasga minha pele. Ele aperta meu queixo como se achasse que vou fugir, mas eu preferiria morrer a correr de Stark.

Minha dignidade não resistiria, e talvez nem eu, se virasse as costas para ele.

Mesmo assim, expiro com força quando a agulha espalha calafrios de dor por meu pescoço e meu ombro. Tento esconder, mas ele nota de imediato.

Um músculo na mandíbula dele se contrai, e por um instante seus olhos escuros se desviam da agulha e se fixam em mim, emoldurados por aqueles cílios absurdos.

Conforme a agulha machuca minha pele, uma parte de mim se escancara. Faminta. Cheia de raiva.

Se isso continuar por muito mais tempo, talvez eu perca o controle, arranque a agulha das mãos dele e a enfie em algum ponto vulnerável. Estou usando toda a minha concentração para não ceder aos instintos de lutadora e reagir à dor. É como se ele estivesse cravando os dentes na minha maldita garganta, e eu só estivesse aqui, expondo o pescoço para ele.

Finalmente acaba. Ele guarda o dispositivo, a mão ainda firme no meu queixo. Então, sem aviso, força minha cabeça para o lado. Ele se inclina, a respiração quente contra minha pele.

E a *língua* dele desliza pelo meu pescoço.

Desta vez, não consigo reprimir o som que escapa, discreto, quase raivoso, como o início de um rosnado no fundo da garganta. Acho que ele ouve, porque aperta ainda mais meu queixo. É mais

chocante do que a própria dor. Minha visão vagueia para longe quando o calor úmido da boca de Stark toca minha pele hipersensível.

Quero sentir ódio. Quero empurrá-lo e acabar com ele. Mas não consigo me mover.

O toque úmido ameniza a ardência furiosa de um jeito tão íntimo que chega a ser chocante, mesmo sendo invasivo. Minhas mãos se cravam nos apoios da cadeira.

Parece durar uma eternidade, mas uma parte faminta de mim deseja que continue. Odeio isso, e ainda assim minhas coxas formigam e meus mamilos endurecem sob a jaqueta. Aperto as pernas enquanto um calor se espalha pelo meu ventre e mais abaixo.

Por um momento, tudo que minha mente consegue focar é o calor da boca de Stark, o sopro da respiração, o roçar dos cabelos na minha bochecha, seu cheiro almiscarado, a firmeza da mão na minha garganta.

E sua cicatriz escondida. Ela vai da beira do maxilar e sobe até a base da orelha. Por alguma razão, isso mais do que qualquer outra coisa comprime meus pulmões e faz meu coração martelar contra as costelas como um soco.

É como um segredo que ele não pretendia revelar.

Então acaba, e ele empurra meu rosto para longe de forma brusca, me encarando de cima com olhos frios. A raiva volta a me inundar, ainda mais barulhenta e violenta depois de eu ter me perdido nos caprichos do meu corpo.

Meus dedos ficam brancos de tanto apertar os apoios da cadeira. Ele se vira sem falar nada e me deixa ali.

Ouço sussurros vindos de todos os lados e me recuso a deixar as pernas tremerem quando me levanto. Tenho certeza de que estou corada quando volto para a mesa. Izabel e Venna estão me encarando.

Engulo em seco.

— O que foi aquilo? — solto, a voz áspera.

— Uma tatuagem para representar a morte — responde Izabel.

— Não, por que ele me *lambeu*? — protesto, as mãos cerradas em punhos.

Os lábios de Venna se comprimem.

— Ah, nós lambemos as tatuagens uns dos outros quando finalizamos. É um instinto para ajudar a cicatrizar a pele.

Aperto a ponte do nariz, ignorando o formigamento na garganta. O mundo dos Unidos nunca vai fazer sentido pra mim.

A ardência na minha garganta continua incômoda pelo resto do dia. Luto contra a vontade de esfregá-la enquanto seguimos em bando para o campo de treinamento Estrategos à tarde. Beta Egith nos espera, vestida com couro negro de montaria, e nos observa com impaciência. Percebo que seu olhar afiado se demora no meu pescoço.

Nossos lobos-gigantes estão reunidos nos aguardando, alguns em pequenos grupos, socializando — roçando uns nos outros, balançando os rabos, mordendo e estalando os dentes de forma brincalhona.

Anassa, porém, está imóvel e isolada, colossal e indiferente. Nenhum dos outros ousa se aproximar dela.

Vê-la de novo me faz lembrar da noite passada e de sua aprovação cruel. Pressiono a palma da mão contra a tatuagem, mas estremeço, porque o contato só piora a ardência.

— Boa tarde, Recém-unidos Estrategos — anuncia Egith. — Hoje começamos seu treinamento formal como Recém-unidos. A primeira lição será sobre como montar seus lobos. Se estão aqui, é porque conseguiram descer o monte Mata-Lobo em suas montarias, mas não se trata apenas de sentar nelas.

Bom, *alguns* de nós descemos montados em nossos lobos.

— Dominar a postura correta para montar e lutar é também o primeiro passo para aprender a se comunicar bem com o seu lobo. Não preciso lembrar que estamos oficialmente na contagem regressiva para o Rito da Voz, que acontece em um mês.

Merda, é mesmo. O Rito que julga as habilidades de se comunicar bem com seu lobo. Não me preocupei com isso na orientação porque achei que a essa altura já teria dado o fora daqui.

Tento cutucar a muralha de ferro na minha mente. Continua sólida como de costume. Anassa não mostra o menor interesse em abaixá-la de novo.

Ótimo. Estou frita.

— O Rito da Voz consiste num elaborado trajeto de obstáculos — prossegue Egith —, então é essencial que vocês saibam se deslocar em sintonia com seus lobos e manter uma boa comunicação.

Anassa mal reconhece a minha existência — com exceção do desprezo mordaz que sente pela minha pessoa, é claro —, imagine fazê-la cooperar comigo num percurso de obstáculos que provavelmente foi feito para testar nossa conexão.

— Hoje vamos começar com um desafio fácil. Deve ser tranquilo para a maioria de vocês — explica Egith. — Primeiro, dar uma volta completa na arena, o mais rápido que conseguirem. Depois, saltar as barreiras. Rastejar sob as vigas. E, por fim, saltar pelo arco. *Não* caiam. Correm o risco de serem pisoteados, para além de frustrarem seus lobos-gigantes. Lembrem-se do que acontece se eles julgarem vocês insuficientes.

É um desastre do começo ao fim.

Os outros lobos logo atravessam o campo de treinamento em passadas firmes e se juntam a seus cavaleiros. Muitos montam com a mesma facilidade com que fizeram na montanha. Izabel me dá um tapa nas costas e caminha em direção ao seu lobo colossal, me lançando um olhar de simpatia. Tomison já está no lombo do dele,

e dá uma piscadela para a gente.

Quando vou até Anassa, ela não rosna. Já é um progresso, acho. Mas ela se afasta de lado, mostrando um pouco dos dentes num projeto de rosnado.

Não tenho escolha. Os outros já estão disparando pelo percurso, um a um, para que os obstáculos não fiquem lotados. Izabel está prestes a começar a rodada dela.

Que se dane.

Dou um passo à frente e estendo a mão, mergulhando-a na pelagem de Anassa.

Ela não se mexe. E também não arranca meu braço. Talvez a abordagem direta seja o caminho.

Não pedir permissão, assim como ela não pediu para se unir.

Faça.

Agarro o pelo dela e me ergo, usando a perna dela para pegar impulso, como vi os outros fazerem.

Anassa me dá uma patada, e eu desabo no chão, mas caio em pé. Outros começam a me encarar, mas eu os ignoro e tento de novo, sem hesitar.

Desta vez, enfio os dois punhos no pelo e me impulsiono para cima, sem nem usar os pés até alcançar o ombro dela, confiando só nos músculos do meu tronco, fortalecidos por anos no ringue.

São bem úteis agora. Consigo subir no dorso de Anassa sem grande dificuldade.

Merda, o chão está muito longe.

Risco de ser pisoteada, disse Egith. Odeio isso.

E só piora quando tento conduzir Anassa para o percurso. Estamos entre as últimas. Tento abaixar minhas barreiras mentais, as mesmas que passei a noite erguendo, mas as defesas de Anassa continuam inabaláveis.

Toda a boa vontade que conquistei ao cometer um assassinato sangrento se dissipou na névoa desta manhã.

Se eu matar alguém agora, será que ela atravessa o arco por mim? Duvido.

Por fim, ela parece se irritar comigo — ou talvez apenas se entediar — e caminha até o percurso, posicionando-se diante dele e se preparando.

Não é concordância. Não é trabalho em equipe, nem coesão. Não ouço a voz dela. É rejeição total e absoluta.

Não tenho nem dois segundos para me preparar antes que ela dispare em uma velocidade assustadora.

Agarro firme o pelo dela, lutando para não cair. Até consigo ficar bem durante a corrida pela parte externa do percurso, mas então ela começa a saltar os obstáculos, e já no primeiro eu quase despenco. Puxo o pelo para conseguir me manter nas costas dela, e o peso do meu corpo a desequilibra, fazendo com que uma de suas patas se enrosque na barreira.

Ela só não cai porque se recompõe no último instante, rosnando, os dentes batendo com raiva. E logo já vem o próximo obstáculo, e tudo acontece de novo.

Quase deslizo para fora quando tento me abaixar sob as tábuas. Quando ela salta pelo aro, a cauda bate no ferro, e eu acabo totalmente fora da sela improvisada, agarrada apenas ao pelo de suas escápulas, as pernas balançando enquanto tento escalar de volta.

Não tem a menor chance de eu cair. Não vou deixar que os outros Recém-unidos vejam minha cara na poeira.

Seguro firme. Sou capaz de arrancar cada fio para chegar até o fim, e acho que ela sabe disso.

— De novo! — grita Egith, e eu quase reconsidero assassinar alguém caso isso ao menos faça Anassa *tentar* me ajudar a ficar montada.

Os outros Unidos passam pelo percurso com fluidez. Essa é a pior parte. Uns mais rápidos, outros menos, mas nenhum deles

está penando como nós duas.

Até os mais desajeitados sofrem apenas porque seus lobos-gigantes não são tão altos ou fortes, e não porque os cavaleiros estão lutando para não caírem. Um dos lobos até muda o centro de gravidade para segurar a parceira quando ela quase despenca, inclinando o corpo e empurrando-a de volta para o lugar certo.

É exaustivo do começo ao fim.

Minha bunda está completamente dormente, meus braços estão moles e sem força depois de eu tanto me agarrar e me puxar de volta, e minha cabeça lateja de tanto esbarrar contra a parede que existe entre minha mente e a de Anassa.

Finalmente a aula acaba, e tenho um respiro. Os outros Recém-unidos se despedem carinhosamente de seus lobos. Quando escorrego das costas de Anassa, aterrissando toda dolorida, ela dá meia-volta. Em questão de segundos, já disparou e sumiu de vista.

Nada de despedida demorada entre nós, então.

Se eu não estivesse tão acabada pelo completo e absoluto caos dessa lição, estaria frustrada.

Estou aqui. Estou comprometida. Quero fazer isso dar certo, já que literalmente não tenho outra saída — ainda que, como repito pela milésima vez pra mim mesma, essa união tenha sido enfiada goela abaixo, contra a minha vontade. O que mais Anassa espera de mim?

Os outros aprendizes começam a entrar, mas Egith vem na minha direção e me impede de acompanhá-los.

— Meryn, preciso falar com você. Venha comigo — fala, seca.

Ignoro os olhares curiosos dos outros Recém-unidos e sigo Egith para fora do campo de treinamento sem falar mais nada, o coração afundando enquanto me pergunto o que foi que eu fiz de errado dessa vez.

Pelo menos ela não está enfiando uma agulha no meu pescoço na frente de todo mundo.

Ou talvez tenha notícias sobre os Levadores? O pensamento só faz meu nervosismo revirar ainda mais meu estômago.

Entramos nos aposentos dos Estrategos. Minha tatuagem formiga quando Egith para diante de um dos quartos privados, logo antes da entrada do dormitório coletivo.

— É seu agora — diz ela, batendo a mão de leve na porta.

Olho para a porta, depois para ela.

— Meu?

Ela destranca a porta e revela um espaço generoso: uma cama de verdade com uma pilha de travesseiros, um guarda-roupa alto de duas portas, uma estante vazia, uma planta florida num canto e uma janela larga com vista para uma árvore que tremula ao vento.

É maior que qualquer quarto que já tive. E privado, ainda por cima.

— Como você sofreu um ataque ontem à noite, foi constatado que talvez esteja sendo feita de alvo. Então, a partir de agora, terá um quarto particular — responde Egith, rígida.

Ela deixa a chave cair na palma da minha mão.

Balanço a cabeça e tento devolvê-la.

— Não. Eu não quero isso. Só coloca um alvo ainda maior nas minhas costas.

— Coloca mesmo — concorda ela, a expressão dura. — Mas essa ordem veio de cima. Não há nada que eu possa fazer.

Ela me observa entrar, hesitante. Deusa, tem até um banheiro privativo.

Egith se vira para sair, mas faz uma pausa.

— Eu diria para aproveitar a privacidade enquanto pode. Quando estiver nas forças do rei, na frente de batalha, nunca mais terá isso — afirma, e fecha a porta na minha cara.

Fico sem reação, meio perdida. Não sei se isso significa que ela acredita que vou sobreviver a tudo isso ou se foi só uma maneira cruel de me lembrar que estou *presa* a isso para sempre.

Dou uma olhada no quarto, tiro a jaqueta e jogo na cama. Abro o guarda-roupa e encontro cabides suficientes para todas as minhas roupas. Quando fecho a porta e me viro, meu olhar encontra o reflexo. Aproximo-me do espelho pendurado na parede, meio escondido atrás de cortinas translúcidas, quase como um véu.

Afasto o tecido e inclino a cabeça.

Ainda não tinha visto a tatuagem. Ela é... estranhamente bela.

Envolve a lateral do meu pescoço, até a metade, mais ou menos na altura em que precisei raspar o cabelo. É no mesmo estilo rúnico das outras que já vi, mas com elementos decorativos que se enrolam como fogo escuro, girando em torno de um círculo central sem cor.

Percebo que já nem dói mais. Me pergunto se isso é por causa dele... por causa da boca dele.

Da língua dele.

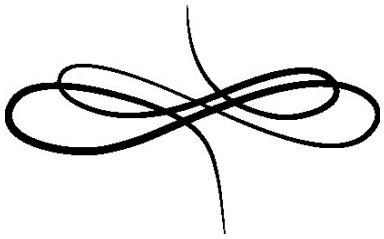
Por um instante, fico surpresa com a arte que carrega. Não achei que as mãos brutais de Stark fossem capazes de criar algo assim. Até perceber o que ela de fato representa.

O começo de uma coleira.

Cerro o maxilar e toco a marca com a ponta dos dedos. Quantas mais vou receber antes do fim do treinamento?

Talvez o bastante para contornar minha garganta inteira e me calar de vez.

19



Não tenho muita coisa no dormitório dos Estrategos, mas a cômoda ao lado da minha cama está cheia de roupas que peguei no armário comunitário, então provavelmente é melhor tirar tudo de lá. Eu me esgueiro pelo saguão movimentado sem ser notada, e quando entro no dormitório percebo que, ainda bem, está vazio.

Todo mundo deve estar treinando, estudando ou descansando na área comunitária, provavelmente. Assim consigo juntar minhas poucas coisas sem ter alguém espiando por cima do meu ombro e fazendo perguntas para as quais não tenho resposta.

Do tipo *E aí, plebeia, pra onde você tá levando suas tralhas?*.

Afasto uma mecha rebelde de cabelo branco-prateado que cai nos olhos, jogo minhas coisas dentro de uma bolsa e a coloco no ombro. Corro de volta para o meu novo quarto, o peito inflando de ansiedade como um balão prestes a estourar. É então que vejo Izabel, do outro lado da área de convivência dos Estrategos.

Ela está montada no colo de outro Recém-unido, firme como uma águia em cima da presa. Izabel desliza as mãos pelos ombros largos do sujeito. Eu semicerro os olhos. Qual era mesmo o nome dele? Roddert... alguma coisa?

Ele parece bem mais interessado nela do que ela nele. Mas é bonito e fica sussurrando elogios como se nem percebesse as garras dela cravadas em sua pele. Na real, é digno de elogio ver como ela o tem na palma da mão.

Ainda mais porque parece entediada, como se tivesse conquistado aquilo fácil demais.

Antes que eu consiga pensar, já estou em movimento. Ver Izabel manipulando o pobre coitado a seu bel-prazer só me faz pensar que ela sabe o que faz. E que inferno, estou tão cansada de me sentir perdida.

— ... olhos brilham como joias — diz Roddert. Robert? Não, Roddert.

— Izabel — chamo.

Ela ergue os olhos. Continuam vidrados de tédio até pousarem em mim, saltarem para a minha bolsa e se acenderem de curiosidade.

Inclino a cabeça.

— Posso falar com você rapidinho?

— Claro — responde ela, com um ar meio aliviado.

Coitado do cara.

Izabel salta do colo dele na mesma hora. As mãos do sujeito ainda a seguem por um instante antes de caírem sobre os joelhos.

Dou uma olhada para trás enquanto nos afastamos. Roddert está, sem dúvida, encarando a bunda dela. Mas também encara a minha, então talvez não esteja assim tão arrasado.

Izabel se inclina para perto de mim.

— Achei que valia a pena tentar... Quer dizer, *olha só* aqueles ombros! Mas nossa. Que cabeça oca. Como é que ele veio parar na Estrategos? O lugar dele é na Filax, junto com os outros bonitinhos avoados.

— Acho que você está subestimando o coitado. Seus olhos brilham *mesmo* como joias — provoco.

Ela revira os olhos com tanta intensidade que tenho certeza de que chega a ver o próprio cérebro.

— *Cala a boca* — resmunga Izabel, mas sorri enquanto me acompanha pelo saguão. — O que você queria...

Izabel para de falar ao pararmos diante da minha nova porta, as sobrancelhas escuras se erguendo quando giro a maçaneta.

— Meryn, esses quartos são privados — sibila, lançando um olhar rápido por cima do ombro.

— Eu sei — respondo, empurrando a porta e entrando. — E esse aqui agora é *meu*.

Antes que eu possa explicar, um assobio baixo ecoa atrás de nós. Tomison se apoia no batente da porta.

Ele analisa meu quarto com clara aprovação.

— Caramba, Meryn. Isso é...

Agarro o pulso dele e o puxo para dentro, batendo a porta com força. Onde quer que Tomison vá, ele chama atenção, e a última coisa de que preciso é *mais* gente bisbilhotando meu novo quarto e começando a me odiar por isso.

Não vou conseguir esconder a informação para sempre, mas prefiro controlar como ela vai se espalhar em vez de deixar que a popularidade absurda de Tomison torne o fato conhecido por todos.

Se bem que... talvez eu consiga encontrar uma maneira de usar a popularidade dele a meu favor. Tomison anda pelo quarto. Para ao lado da poltrona luxuosa aos pés da minha nova cama e passa os dedos pelo veludo. O cabelo ruivo dele brilha até sob a luz fraca da única lamparina de óleo na mesinha.

— Como você conseguiu esse esquema? — pergunta. — Achei que só os instrutores tinham direito a um quarto privado.

Izabel resmunga. Não sei bem por quê. Acho que é só um reflexo de quando ouve Tomison falar. Sinto os olhos dela cravando um buraco nele do outro lado da sala, embora Tomison pareça não notar.

Respiro fundo e tento explicar que depois do ataque as "preocupações com segurança" me elevaram de posto e que Egith não me deu escolha sobre aceitar o quarto. Estou presa aqui, quer

eu queira ou não.

História da minha vida, pelo visto.

Izabel franze a testa.

— Era sobre isso que você queria conversar?

— Sim. — Faço um gesto para o quarto. — É óbvio.

Tomison bufa e olha para Izabel, mas ela está muito concentrada. Aperta o queixo e junta os lábios. Então fala:

— Quem poderia ter ordenado isso? Será que você chamou a atenção do rei na Apresentação? Quer dizer, a gente sabe que ele é esquisito, mas...

Ela e Tomison se entreolham, e eu tenho certeza de que estão pensando no costume do rei de escolher uma acompanhante entre as Recém-unidas. Ouvi boatos de que ele está de olho numa Recém-unida Filax chamada Audelie, mas talvez ainda esteja à procura do alvo.

Sinto um calafrio. Só de *imaginar* os olhos azuis demais do rei passando por mim assim, demorando-se justamente nos lugares que eu mataria para proteger... Fico enjoada de verdade por um momento e me encosto na porta em busca de apoio.

Na verdade, é mais provável que o filho dele seja o responsável. É a conclusão mais óbvia, mas mantenho o nome de Killian bem longe da minha boca. Não estou pronta para cutucar essa ferida, ainda mais agora, quando já estou tão vulnerável diante dos outros Recém-unidos.

Não consigo nem pensar como me ajudaria contar para todo mundo que ando trepando com o príncipe herdeiro há um ano.

— Como eu faço para essa história do quarto não piorar ainda mais a minha situação? — pergunto em vez disso, torcendo para que os dois me deem algum conselho que preste.

Meu olhar vai de um para o outro. Izabel parece solidária. Tomison parece se divertir. Ele dá de ombros. *Dá de ombros.*

— Não faz.

— Não faço — repito, irritada.

— Assume! — dispara ele, com aquele sorriso irritante de tão encantador. — Já ficou óbvio que você sabe se virar. Não fique se escondendo. — Ele bate as mãos. — *Agora*, com licença, que umas belas moças da alcateia Daemos esperam pela minha irresistível presença.

Izabel fecha a cara assim que ele sai. Há veneno demais no olhar dela. Ergo a sobrancelha.

— Por que suas joias estão com cara de assassinas?

Ela pigarreia e resmunga:

— O simples fato de ele respirar já me irrita.

Sinceramente, não acho que Tomison seja tão ruim assim. Ele me deu uma resposta sincera, não foi? Não que tenha sido útil, mas ele tentou.

— Como eu saio dessa, Izabel?

Ela suspira.

— Eu preferiria arrancar meus próprios olhos a admitir que o Tomison está certo sobre qualquer coisa, então não vou admitir. *Mas...*

Ela para de falar, claramente sem conseguir pronunciar as palavras em voz alta. Tomison tem razão, e eu vou ter que encarar isso de qualquer jeito e de cabeça erguida.

Não demora até a oportunidade se apresentar. Na manhã seguinte, estou sentada ao lado de Izabel na movimentada sala comunitária dos Recém-unidos, beliscando um prato de frutas. Temos um longo dia de aulas e treinamento pela frente.

Minha frágil paz se estilhaça quando uma sombra se projeta sobre meu prato quase vazio. Ergo os olhos devagar, pois sinto algo sombrio no ar. As pessoas ao meu redor que antes conversavam e comiam agora estão em silêncio.

Perielle, a bonitona dos Estrategos, está parada diante de mim. Imponente, ela me olha de cima com desprezo. Meus olhos passam

rápido pela maquiagem impecável — suave, quente — que não serve *de nada* para suavizar a frieza de seu olhar quase assassino.

— Todo mundo já soube do seu quarto, plebeia — solta ela. — Vamos lá. Com quem você está trepando?

Droga. Bem *no meio* do café da manhã.

Eu me esforço para não demonstrar o quanto o palpite de Perielle chega perto da verdade. Não vou deixar o resto da alcateia ver fraqueza em mim.

Isso é um desafio. Eu sei que é, porque a irritação de Anassa vibra como um rosnado, a muralha entre nós temporariamente mais fina. Ela se ofende com o ataque de Perielle, como se uma cadelinha tivesse mordiscado seu calcanhar.

Fiquei calada por tempo demais. Só posso torcer para que soe como confiança, e não covardia.

— Por que a pergunta? — Izabel se intromete. — Está com medo de ter alguém aqui que *ainda* não trepou com você?

Tenho certeza de que ela não se orgulha dessa resposta, mas eu, sim. Quero arrancar a fachada régia e bonita de Perielle e esmagá-la com as próprias mãos num estalo doentio, como osso se partindo. Quero sentir acontecer, e Anassa também.

— Na verdade, Venna — diz Perielle, trocando de propósito os nomes das gêmeas. —, eu já encontrei o par do meu lobo.

Ela acena com displicência para o outro lado da sala comunitária, e logo vejo a quem a chata se refere: Jonah. O cruel Recém-unido Daemos devolve o gesto com um sorriso predatório. Os olhos dele brilham como se já imaginasse transar com Perielle em meio a uma poça do nosso sangue.

Sussurros se espalham pelo ambiente. Pelo que Izabel me contou bêbada na outra noite, lobos-gigantes que encontram parceiros de união são extremamente raros. Perielle vai ficar insuportável.

Ela se acha tão especial, e essa é a prova.

Antes que eu consiga digerir o quão visceralmente perturbadora

é essa união, Perielle varre meu prato da mesa com um gesto. Ele paira na beirada por um instante, depois despenca no chão, espalhando frutas, pedaços de ovo e torradas pelo piso. A cerâmica explode com um estalo ensurdecedor que cala as últimas conversas restantes no salão.

Agora, todo mundo está olhando para nós.

É o tipo mais mesquinho e infantil de intimidação que já vi, e tudo isso vindo de uma mulher que se acha a rainha. Olho em volta, certa de que todos vão enxergar Perielle pelo que ela é.

Mas é Perielle. Um rosto bonito como o dela hipnotiza as pessoas e as leva à adoração incondicional. Elas estão olhando feio para *mim*, como se estivessem ofendidas porque sujei as botas da queridinha de todos com o café da manhã que agora não vou poder comer.

— Ops — diz Perielle, doce como veneno.

Izabel aperta o garfo com força.

Perielle é adorada. Quebrar esse rostinho perfeito dela na frente de todo mundo não ajudaria em nada na minha popularidade. Seria como arrancar os fios vermelhos reluzentes da cabeça de Tomison. Não posso fazer isso, então me abaixo e começo a recolher os pedaços do prato estilhaçado.

Só que, no instante em que faço isso, a minha atitude nobre me coloca bem na linha de fogo.

A bota de Perielle vem direto na direção do meu rosto. Vai me chutar como se eu fosse um cachorro?

Não.

O instinto toma conta do meu corpo, e eu desvio com facilidade. Ela é lenta. Ou talvez tenha achado que eu ia aceitar aquela humilhação quieta, como a plebeia que sou. Mas ela não faz ideia do quanto pessoas como eu precisam lutar todo santo dia da vida.

Nunca aceitei nada quieta e não vai ser hoje que vou começar.

Preciso me controlar muito para não enfiar o caco do prato nas

costelas dela. Em vez disso, largo o pedaço e me levanto devagar. Há uma pressão no meu peito, como o começo de um rosnado. Perielle não recua, mas também não tenta me atingir de novo.

Falo com bastante calma, bastante clareza, para que cada pessoa na sala escute.

— Imagino que você esteja acostumada com os outros Unidos se curvando diante de você e se estapeando por sua aprovação. Mas, como você mesma sabe muito bem, eu *não sou uma deles*. Se tentar me chutar de novo, eu arranco seu pé e dou para a minha loba comer.

A diversão sombria de Anassa arde no silêncio que se segue. Ela está satisfeita, como se minha fúria tivesse enchido sua barriga.

Talvez ela queira justamente isso de mim — mais violência.

Perielle dá um passo à frente, e eu me preparo. Já decidi. Se ela insistir, vou *quebrar* o nariz dela.

— Tranque a porta do seu quarto hoje à noite, vadia — sibila ela antes de me dar as costas, jogar o cabelo para trás e se afastar, toda pomposa.

As conversas recomeçam ao redor. Sem dúvida, a maioria delas é a meu respeito. Suspiro e volto para o meu lugar. Izabel toca meu ombro de leve antes que eu comece a juntar os destroços do chilique da rainha.

Então é isso. A tal da união de alcateia está indo muito bem.

A tensão do café da manhã me persegue pelo resto do dia. Percebo olhares de todos os lados. Nem todos são de desprezo — alguns são mais curiosos —, mas o zumbido constante da atenção é tão irritante quanto o vento de inverno batendo contra uma janela durante a noite.

Nossa primeira aula de comunicação com lobos, com o instrutor dos Criptos, Gama Samson Whyte, ajuda a desviar um pouco o foco de mim. Entramos todos juntos na sala. A voz dele se projeta clara pelo auditório.

— Os Recém-unidos sempre perguntam como exatamente a conexão funciona. Porque, mesmo que já tenham visto amigos ou familiares se comunicando com seus lobos, só conseguem entender de verdade quando experimentam pela primeira vez. Então, me digam, o lobo de vocês está na sua cabeça o tempo todo, vendo pelos seus olhos?

A mão de Izabel dispara primeiro, como sempre.

— Não, senhor — responde ela. — A conexão funciona ligando nossos pensamentos e emoções. Os lobos-gigantes não estão de fato na nossa mente ou corpo, só parece, porque eles ouvem tudo.

— Correto — diz Samson. — Bem, quase correto. Os lobos-gigantes mais poderosos conseguem ver pelos olhos de seus cavaleiros, mas isso é muito raro e exige uma união fortíssima. Para o resto de nós, é apenas uma troca sem fim.

Sem fim. Ótimo.

— Vocês provavelmente sentem que têm um canal aberto de comunicação com seu lobo que não pode ser desligado. É constante, não é? — pergunta ele, andando de um lado para o outro na frente da sala, o cabelo loiro quase branco como um clarão contra o quadro-negro.

Pelos acenos de cabeça e murmúrios, sim, a maioria concorda.

Ah, *merda*. Um canal aberto? É isso que todos sentem? Nenhuma muralha gélida e impiedosa em que batem toda vez que tentam se comunicar com seus lobos?

É só comigo, então?

— Os pensamentos de vocês e de seus lobos-gigantes passam de um para o outro com regularidade neste instante. Mas não é assim que as coisas devem acontecer — explica ele. — Parece que é assim porque a união é fraca e vocês estão tentando fortalecê-la, mas tanto lobos quanto cavaleiros podem controlar o nível da conexão mental.

Ele se vira para o quadro-negro e rabisca figuras toscas de uma

pessoa e um lobo, com duas linhas horizontais conectando-os. Depois, traça uma linha vertical grossa cruzando tudo.

— Seus lobos não querem saber o que você comeu no café da manhã, assim como você não quer ser bombardeado com cada pensamento aleatório deles — continua Samson. — As uniões mais fortes são seletivas.

Ele circula a linha divisória.

Seletivas. Bem, Anassa é seletiva até demais. *Selecionou* a opção de nunca falar comigo.

A aula vira uma meditação guiada. Samson nos manda fechar os olhos e *pensar* na direção dos nossos lobos. Limpar tudo, menos a conexão. Procurar o caminho que nos conecta, seguindo-o até o fim para depois tentar manipulá-lo, navegar por ele.

Construir muralhas. Derrubá-las. Moldar a conexão como se fosse um rio.

É cruelmente inútil.

— Agora vocês devem sentir uma muralha na mente — explica Samson.

Agora, sempre, qual a diferença?

— Vocês podem usar isso para controlar o que deixam ou não os lobos experimentarem. Imaginem levantar a muralha e depois baixá-la de novo. Se não conseguirem levantar, imaginem um jeito de atravessar... como se estivessem abrindo um buraco nela.

Anassa é impenetrável, e não faço progresso algum. Qualquer fenda que eu consiga abrir se enche de novo com um desdém gélido no instante em que a escancaro. Em pouco tempo minha cabeça começa a doer de tanto esforço.

No fim da aula estou encharcada de suor e exausta. Não é só um esforço mental. Sinto como se tivesse batido o corpo inteiro contra uma muralha de ferro por duas horas.

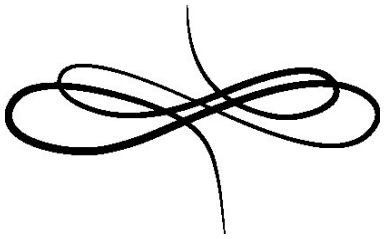
Minha mente está crua. Meus pensamentos ardem como pele raspada exposta ao vento.

E eu *odeio* essa sensação eterna de rejeição.

Mas eu tenho que dominar essa conexão com meu lobo-gigante, goste Anassa ou não. É a única forma de encontrar Saela.

Anassa, penso, sem saber o que ela recebe do outro lado, se consegue sequer me ouvir. *Se isso é algum tipo de teste, ótimo. Saiba que eu nunca desisto. Vou continuar batendo nessa muralha até você finalmente me deixar entrar, sua megera teimosa.*

20



Uma semana se passa num borrão doloroso, entorpecedor.

Acordo com dor. Me deito para descansar com dor. Não consigo me mover livremente sem poupar alguma parte do corpo.

Todo dia: treino de combate, prática de montaria, aula de estratégia de batalha, tipos de magia ou história. Tento me comunicar com Anassa todos os dias, mas fizemos pouquíssimos avanços.

E toda noite, quando me tranco no meu aposento particular, me esforço muito para não pensar no homem que me deu o quarto, nem nas palavras que ele disse no jardim. Não consigo cultivar um coração partido agora.

Esta manhã, a caminho da aula de estratégia, ainda estou lidando com a dor de cabeça que parece permanente. Mas, antes que eu consiga chegar à sala, ouço alguém chamar meu nome. Paro na mesma hora e ergo a cabeça, confusa.

Henrey está ali, com as mãos nos bolsos. O líder Aldrich está ao lado dele, acariciando a barba.

O homem mais velho sorri para mim, e é... surpreendentemente gentil. Acho que é o primeiro sorriso de fato gentil que vejo em um instrutor. Faz com que as rugas de idade ao redor de seus olhos fiquem mais profundas, só um pouco. E me faz lembrar do meu pai, de maneira súbita e desconcertante. Meus ombros desabam.

— Poderia me acompanhar até meu escritório? — pergunta

Aldrich.

Eu me aproximo deles.

— Para... quê?

— Aula — responde ele, virando-se e avançando pelos corredores ecoantes.

Olho para Henrey com a sobrancelha erguida.

— Que porra é essa? Só a gente? — sussurro.

— Só vocês — responde Aldrich por cima do ombro. A idade não o fez perder a audição, pelo que tudo indica. — E, por favor, evite essa linguagem vulgar.

Solto uma risadinha e cruzo os braços, seguindo-o, obediente. Quem sou eu para dizer "não" ao líder do programa?

Aldrich para diante de uma porta de prata incrustada, com uma barra perolada e alta como maçaneta. Há um lobo gravado nela — o que mais seria? —, o corpo torcido em ângulos impossíveis para destacar a beleza de sua pelagem ondulante. O olho é um enorme rubi encravado no elegante metal.

Por um instante, penso seriamente em arrancar a pedra e dar um jeito de mandá-la para minha mãe. Aldrich empurra a porta e nos conduz para dentro.

O cômodo é menor que muitos outros do castelo, mas tem um pé-direito alto. Todas as paredes estão cobertas por estantes, carregadas de tomos empoeirados e nichos em forma de losango abarrotados de pergaminhos amassados. E as paredes sobem por dois, três andares. Em cada nível, uma pequena sacada circula o cômodo, acessível por escadas que parecem montadas em trilhos para deslizar ao longo das estantes.

No centro do espaço há uma mesa redonda coberta de livros e papéis, além de alguns potes que parecem guardar flores ou ervas secas. Não há velas aqui, apenas lamparinas de óleo fechadas. Talvez para proteger o papel.

Aldrich resmunga enquanto arrasta um quadro-negro até a

mesa, fazendo sinal para que nos sentemos. Henrey não hesita nem por um segundo, então engulo minhas perguntas e puxo uma cadeira.

Lanço outro olhar para Henrey, que parece um pouco desconfortável. Ele observa o instrutor pegar um pedaço de giz e começar a escrever no quadro empoeirado. Não falei muito com Henrey desde a Ascensão, mas ele me parece um Recém-unido decente.

Cavalga bem. Maneja a espada e o arco com habilidade. É determinado e dedicado.

Se isso é uma aula de recuperação, não faço ideia do que ele está fazendo aqui.

Henrey parece pensar o mesmo, porque arrisca:

— Líder Aldrich, se me permite perguntar...

— Vocês estão aqui porque há lições que não aprenderam. Lições que todos os outros aprenderam no colo de suas mães.

Ah. Certo.

Histórias de família de Unidos, esse tipo de coisa. Enquanto as lições que recebi no colo da minha mãe envolviam, na maior parte, delírios insanos sobre "os gêmeos".

Henrey desaba na cadeira, o rosto corado. Não olha para mim, mas sei muito bem o que ele está pensando.

Nós contra eles.

Apenas mais uma maneira de mostrar que não somos como o resto.

— Então... que lições, exatamente, vamos aprender? — insiste Henrey.

— Tudo de que precisam para terem sucesso aqui. A história dos lobos-gigantes. A dinâmica das alcateias. Quero dar a vocês as ferramentas necessárias para que se vejam como verdadeiros Unidos — responde ele.

Verdadeiros Unidos, é? Nem em mil vidas. Aceitei minha

situação, mas nunca vou me ver como um deles. Teria que apagar tudo que sou para chegar a esse ponto, e prefiro lutar até o fim primeiro.

Ainda assim, não dá para simplesmente me levantar, gritar na cara dele e sair batendo a porta em um acesso de fúria. Tenho quase certeza de que mandariam Stark atrás de mim.

Sinto arrepios só de pensar nisso. Eu me acomodo na cadeira para o que, sem sombra de dúvida, vai ser uma aula longa e pra lá de tediosa.

E é mesmo. Mas pelo menos a voz de Aldrich é suave e cadenciada, não estridente como a de Egith, nem fria e cortante como a de Stark.

Aldrich começa falando sobre a estrutura geral das alcateias. Eu já havia absorvido boa parte disso com Izabel e só de estar por aqui, mas ele preenche as lacunas.

Existem quatro alcateias distintas, que ele rabisca no quadro com toques firmes e um arrastar leve do giz. Cada uma cumpre um papel crucial na defesa do reino e dos humanos contra os Sifões, agressores que drenariam todos nós com sua magia de sangue hedionda.

— Os Daemos são conhecidos por sua brutalidade e destreza em batalha. Seus Unidos tendem a ser grandes e temperamentais. Seus lobos, ainda mais — explica Aldrich.

— Todos os lobos deles são tão brutais quanto Cratos? — pergunta Henrey.

Cratos. O lobo-gigante de Stark.

— Hmm, não — responde Aldrich. — Cratos é... dominante. Um par alfa.

— Que alívio — resmunga Henrey. — Ainda assim, não estou ansioso para os treinos entre alcateias.

— Ah, mas *deveria* estar — retruca Aldrich. — Você é dos Filax. Os guardiões. Aprendem a se misturar entre todas as outras

alcateias, a apoiá-las e protegê-las.

O olhar dele se volta para mim.

— E você, Meryn, Estrategos — comenta, apontando para o nome que escreveu no quadro. — Os planejadores e líderes. Mestres da estratégia. Mais do que qualquer outra alcateia, vocês precisam aprender a cooperar com o restante.

Cooperar. Tento imaginar isso. Estar montada, em campo, ao lado das outras alcateias.

Os Daemos desgraçados, com aquele imbecil do Jonah. Eu deixaria Anassa eliminar os fracos ali. Prefiro engasgar num ovo poché todo frescurento no café da manhã a cooperar com ele.

— E, claro, os Criptos, os que caminham pelas sombras. Especialistas em movimentos furtivos, em coletar informações — continua Aldrich. — Acima de todos nós — prossegue, circulando um nome que escreveu acima das alcateias. *Siegrid Therion*. — A Alfa Soberana, atualmente uma mulher temível chamada Siegrid, capaz de se comunicar com todos os lobos de todas as alcateias. Um feito de imensa força e controle. Ela é a chefe dos Unidos e atua como segunda no comando do rei.

Tenho uma lembrança do dia da orientação. As duas mulheres que babavam por Stark comentaram que a mãe dele era a Alfa Soberana. Óbvio que é. Stark se move com a confiança violenta de quem sabe que nunca vai ser punido. Nepotismo no seu auge.

— Como a Alfa Soberana é escolhida? — pergunta Henrey, dando voz a algo que eu também queria saber.

— Tradição familiar — responde Aldrich. — Os Therion têm sido os defensores jurados da coroa desde que se tem registro.

O que significa que, depois da mãe, Stark vai virar o Alfa Soberano e mandar em todos nós. Ótimo.

Eu me inclino para a frente. Uma pergunta se remexe na minha mente, uma que carrego faz tempo.

— Se o rei não está de fato unido a um lobo, por que ele

mantém o controle supremo sobre os lobos e os Unidos?

Aldrich parece satisfeito com meu interesse.

— Boa pergunta! Tem sido assim desde tempos imemoriais. O papel do rei é garantir que os camponeses sobre os quais reina mantenham sempre um equilíbrio de poder com os Unidos e os lobos-gigantes. Então, embora Siegrid seja a mais alta em poder entre os Unidos, no fim todos respondemos ao rei.

Na teoria, faz sentido.

Mas e na prática? O que devemos fazer quando o homem encarregado de proteger os interesses do povo começa a nos ignorar? Quando prefere ver seus lobos desfilando cadáveres pelas ruas ou dormir com Recém-unidas relutantes com metade da idade dele em vez de investigar ou sequer notar os sequestros de crianças em suas cidades?

— Agora, os *detalhes* — prossegue Aldrich. — Imagino que já estejam bem familiarizados com a comunicação telepática a essa altura — *puta merda* —, mas é importante saber que os lobos podem se comunicar telepaticamente dentro da própria alcateia, mas não costumam falar através das linhas das alcateias, a não ser por meio da Alfa Soberana.

— Como *isso* funciona? — pergunta Henrey.

— Ela é essencialmente um canal. Pense nela como uma tradutora, transmitindo uma língua estrangeira em palavras que você consegue entender — responde ele. — Dentro da própria alcateia, os lobos se comunicam livremente. E, claro, vocês com seus lobos.

— É assim em toda alcateia? — indaga Henrey.

— Sim. A hierarquia é a mesma. Um Alfa liderando cada alcateia, seguido por seus Betas, que cuidam das operações do dia a dia, e depois os Gamas, que lidam com outras tarefas de liderança. É muito raro Recém-unidos terem instrutores de patentes tão altas. Os Ritos desse ano vão formar Unidos muito talentosos, consigo

perceber.

— Alfa Stark — solto de repente. Os dois me encaram. Meu rosto esquenta, e eu ignoro com destreza. — Por que ele está aqui, e não na frente de batalha?

Aldrich coça a barba.

— Não posso afirmar nada além do fato de que a Alfa Soberana é quem toma essas decisões — responde ele. Isso pode significar que Aldrich não sabe ou que simplesmente não quer ou não pode nos contar. — Mas pode ter a ver com influência entre alcateias. Daemos e Estrategos frequentemente disputam por domínio.

Um jogo de poder, então? Uma tentativa de impulsionar os Daemos na hierarquia? Não duvido.

Ou talvez a Alfa Soberana só quisesse um tempinho longe do filho brutamontes.

— Vocês perceberão que os Criptos operam de forma mais independente e os Filax mantêm uma neutralidade cuidadosa na maioria das questões — explica Aldrich.

Ele prossegue com suas explicações. É *interminável*.

Começo a viajar, a mente vagando de novo para aquela visão de Lee. Killian. De pé, na penumbra do jardim, os olhos fixos em mim.

Pare, ordeno a mim mesma. *Não desperdice energia com ele*.

Aldrich salta da cadeira, apressando-se até o quadro para responder a uma pergunta que Henrey deve ter feito.

— Assim — exclama Aldrich, traçando uma longa linha sinuosa com o giz. Ele bate as mãos empoeiradas. — Uma união que flui. Uma conexão como um rio. Imparável. Constante. Sempre em mudança.

— Hã? — resmungo, com o queixo apoiado na palma da mão.

— A união que você sente — responde ele, tocando a própria têmpora. — Sua energia. Suas almas. Seus espíritos. Os lobos escolhem seus Unidos com base na compatibilidade dessa parte de

nós sem nome, com muitos nomes, que desafia qualquer classificação verdadeira. Eles *sabem*, instintivamente, quem somos. Cada parte de nós. E esse reconhecimento inicial, como semelhante chamando semelhante, se aprofunda com o tempo, como um rio abrindo um caminho sinuoso pela pedra mais dura. Experiências compartilhadas, emoções. Confiança. Você e seu lobo-gigante ficarão cada vez mais próximos.

Acredite em mim, líder Aldrich. Não tem como piorar.

E o que isso diz a meu respeito? Uma besta feroz e brutal me viu e decidiu: *é essa; vou ficar com essa*.

Por outro lado, ela me odeia, então talvez tenha se enganado.

— Tenho uma pergunta — interrompo.

O entusiasmo de Aldrich não diminui. Ele claramente adora falar sobre uniões com lobos-gigantes.

— Claro.

— Alguma vez os lobos já rejeitaram os cavaleiros escolhidos depois da união? O que acontece nesse caso?

Ele hesita visivelmente. É aquele tipo de hesitação que mostra que está escolhendo as palavras com cuidado, porque a resposta importa.

— É praticamente inédito.

— Praticamente?

— Você já viu os lobos em treinamento, Meryn — diz Henrey. — Eles sabem quando o Unido não é bom o bastante para eles. O Unido morre.

— Não é bem uma escolha por parte do lobo. É mais um instinto de eliminar a fraqueza e proteger a alcateia como um todo, mesmo que isso signifique a própria morte — acrescenta Aldrich. — Como você já deve ter aprendido, a união entre lobo e humano não pode ser rompida depois de formada e, se for, resulta na morte de ambos os seres. Às vezes, os lobos rejeitam o escolhido durante a Ascensão, mas nesse ponto a união ainda não se solidificou e o

lobo sobrevive.

— Eu quis dizer a parte do espírito — retruco. — O que acontece se um lobo muda de ideia em relação a isso?

Aldrich me encara.

— Isso... Não. Um lobo nos reconhece por inteiro desde o começo. Não é uma decisão tomada de forma leviana. É íntimo. É algo mais profundo do que caprichos ou mudanças de humor passageiras. Assim como... — Ele pausa e se vira para o quadro. — Ah, essa parte vocês vão achar interessante. Já ouviram falar das uniões de pares?

Henrey se endireita no mesmo instante.

— Uma conexão de união entre lobos.

— Exatamente. Reconhecida em momentos de intimidade — explica ele. — A chave do que você disse é *entre lobos*. Os lobos-gigantes, uma vez unidos como pares, assim permanecem pelo resto da vida. Seus cavaleiros não precisam estar juntos romanticamente, embora isso facilite, porque as uniões de pares têm propriedades únicas.

Odeio admitir, mas isso desperta meu interesse.

— Essas conexões raras entre lobos permitem que seus cavaleiros se comuniquem telepaticamente mesmo através das linhas das alcateias, sem a ajuda da Alfa Soberana. Lobos-gigantes unidos como pares são valorizados porque podem proteger um ao outro e, consequentemente, seus Unidos e suas alcateias, de maneira ainda mais eficaz durante a batalha. Além disso, lobos pareados muitas vezes resultam em filhotes de lobos-gigantes, dando continuidade à linhagem dos Unidos. No entanto... — ele se deixa cair de novo na cadeira — lobos pareados se tornaram cada vez mais raros nos últimos séculos.

Talvez porque vocês, desgraçados, continuam deixando todos os lobos-gigantes morrerem nos treinos. Já pensaram nisso?

Aldrich respira fundo e passa a mão pelo rosto.

— O maior ensinamento que vocês devem levar desta lição é: a linhagem dos Unidos deve ser respeitada. Vocês *não podem* pensar em seus lobos como meras montarias para cavalgar em batalha e abandonar nos estábulos quando o dia estiver ganho. Eles são seres ancestrais, inteligentes, com a própria cultura e tradições. Moldamos nosso treinamento em torno do modo de ser deles e buscamos imitá-lo. Aprendemos com eles. Tentamos ver o mundo através dos olhos deles. É assim que devem agir se quiserem sobreviver.

Henrey e eu deixamos a aula com aquelas palavras ainda ressoando no ar empoeirado e cheirando a papel. Entramos no corredor e seguimos em direção aos aposentos dos Recém-unidos, caminhando em silêncio por um tempo até que eu não consigo mais suportar.

— Fico feliz que você tenha conseguido passar pela Ascensão — falo. — Sei o quanto se tornar Unido significava para você.

Os corredores estão vazios. Acho que todos os outros ainda estão em aula. Ele para diante de uma das janelas imensas no longo corredor que liga a ala acadêmica à sala comunitária. Do outro lado, o sol da tarde brilha sobre os gramados cobertos de neve.

Henrey me olha com cautela e depois se recosta na parede.

— E você? Achei que não queria essa vida.

Uma pontada aguda de dor atravessa meu peito. Seu peso frio e opressivo me esmaga como uma pedra.

— Não quero — respondo, mas então me corrijo. — Não queria. Anassa me escolheu mesmo assim, e eu pensei que poderia escapar disso, mas percebi que não dá para... desistir de ser Unido. Então preciso sobreviver aos Ritos. Minha irmãzinha foi levada pelos Levadores. Foi por isso que me alistei, para tentar encontrá-la.

Henrey me encara, confuso.

— O que foi? — pergunto.

— O que é um Levador?

Meu sangue gela. O pavor se deposita sobre mim como uma camada espessa de neve.

— Vocês não... têm Levadores na Baixada das Flores? — Talvez seja só uma diferença de terminologia, talvez chamem de outra coisa. — Sifões que estão roubando as crianças? Crianças que são sequestradas de suas camas à noite.

A testa dele se franze, e ele balança a cabeça.

— Nunca ouvi falar de...

A corneta ensurdecedora chamando para a próxima aula ecoa pelos corredores. Estremeço, cerrando os dentes enquanto o som piora ainda mais minha dor de cabeça. Sigo Henrey apressada, um pouco tonta.

Sem Levadores na Baixada das Flores. Não consigo entender.

A Baixada das Flores é *muito* mais próxima da frente de batalha do que Tempesgelo. Por que os Sifões ignorariam alvos mais próximos, mais fáceis, para raptar crianças aqui?

Henrey segue para uma aula da alcateia Filax e eu vou para os campos de treinamento, onde acontecem os treinos de combate.

Minhas sessões pessoais de tortura.

Stark já está circulando pelo terreno com Cratos. Quando me junto aos outros, observo-o pelo canto do olho. Ele ronda entre nós como um predador à procura do elo fraco no rebanho.

A cabeça de Stark se vira, e a do lobo também. Cratos se move, e o corpo de Stark o acompanha. Sua forma robusta se ajusta com fluidez sobre o dorso de Cratos enquanto as escápulas do lobo se movem embaixo dele.

Detesto ver isso. Nunca serei assim, nunca saberei como é sentir tamanha compreensão e conexão. Cavaleiro e lobo movendo-se como uma única unidade letal, músculo, pelo, couro e aço em perfeita harmonia.

Desvio os olhos dele, fixando-os na mancha irregular de sangue na areia. É mais provável que eu acabe *assim*.

Ontem, uma recruta Cripto chamada Alix perdeu o controle durante uma manobra defensiva básica.

As pessoas estavam comentando na sala comunitária hoje cedo. Pelo que ouvi falarem, tudo aconteceu muito rápido. A loba dela a atacou de repente, destroçando sua garganta antes que alguém pudesse intervir. Ela morreu ali mesmo, na areia.

Tudo que posso fazer é lutar.

— Se concentra hoje, hein? — diz Tomison, batendo no meu braço.

Faço uma careta, irritada com a insinuação dele de que não tenho me concentrado até agora.

— Fala isso pra Anassa — respondo, lançando um olhar consternado para ela quando entra no campo de treinamento junto com os outros lobos-gigantes.

Ele solta um risadinha.

— Eu escolho viver — brinca ele, indo na direção do próprio lobo.

— Hoje começaremos com espadas! — ruge Stark do alto de Cratos. — Peguem suas armas e montem nos lobos. Agora!

Isso vai ser ótimo para mim, considerando que nunca toquei numa espada antes.

Pego uma das espadas de treino de madeira dispostas perto da parede e monto em Anassa. Ela tolera isso, pelo menos, e tem ficado mais fácil. Mas não melhoramos em nada no resto.

Tento guiar o movimento dela com as pernas, mas a loba continua imóvel, me ignorando. Arranha o chão com a pata ou se move por vontade própria, de vez em quando lançando para mim um olhar de reprovação por cima do ombro peludo e branco.

Ela é cabeça quente demais, independente demais. Toda vez que tento tocá-la, esbarro naquela muralha. Ela preferiria roer o próprio rabo a permitir que eu guie seus movimentos.

O treino corre como esperado. Golpe. Queda. Golpe. Queda.

Golpe. Queda.

Toda vez que atinjo o chão, encontro os olhos de Stark em mim. Ele não sorri — duvido que seja capaz de algo tão frívolo —, mas consigo ver por trás de seus olhos severos que está se divertindo. Ele se *deleita* em me ver caindo de cara na terra.

Vou de encontro ao chão pela quarta vez.

Gemo, aterrissando de mau jeito no braço e no quadril, mas diminuindo o choque ao rolar um pouco. Entra areia nos meus olhos e na minha boca, e eu cuspo, piscando sem parar.

— *De pé*, princesa! — rosna Stark. — Ou você é delicada demais para o combate?

Resmungo baixinho e enfio os dedos na areia, apertando a outra mão com força ao redor da espada de treino. Anassa está parada ao meu lado, observando como sempre, sem mover um músculo para me ajudar.

Fecho os olhos por um instante e me concentro na dor do corpo, tentando domá-la, respirando fundo pelo nariz.

Use sua dor. Foi o que Igor sempre orientou. Foi o que a minha vida sempre me ensinou.

Há poder na dor.

Embora eu fosse me sentir bem mais poderosa se minha loba-gigante maldita usasse um de seus dons de cura em mim. Anassa continua me negando isso, só se dignando a remendar meus ferimentos quando bem entende — o que, como tudo que se refere a ela, é totalmente imprevisível.

Eu me levanto. A espada de treino é absurdamente pesada na minha mão, mas a ergo mesmo assim. A dor no meu ombro só me deixa mais determinada. Meus braços tremem pelo esforço.

O sangue escorre do meu lábio partido, o gosto espesso de ferro se misturando à sensação arenosa na língua.

O exercício deveria ser simples. Cavalgar em círculo enquanto desviamos dos golpes de outros cavaleiros montados. Mas sem a

cooperação de Anassa — ou melhor, *com* a rebeldia descarada dela —, cada movimento é uma batalha.

Ela continua se mexendo de propósito nos momentos errados, me desequilibrando.

Eu continuo caindo e sendo golpeada, de novo e de novo, por pesadas espadas de treino. Parece que meu corpo inteiro se transformou em um único hematoma.

De volta à sela, sinto novamente as emoções de Anassa pela primeira vez em muito tempo. É um fio nauseante de diversão sombria, quase selvagem. Ela sabe que me tem presa entre os dentes e se diverte saboreando meu medo antes de me engolir por completo.

Galopamos juntas. De repente, ela muda de direção. Estou focada apenas em não cair da sela. O vento gelado chicoteia meu rosto. O peso da espada e do meu próprio corpo me puxa para baixo. O estrondo das patas martela nos meus ouvidos.

E, ainda assim, eu o ouço. Tarde demais.

— Atenção! — grita Stark, a voz cortando como um chicote.

Perielle investe contra mim, e a espada de treino atinge minhas costelas com um estalo cruel, espalhando uma dor cortante e incandescente pelo meu torso já todo roxo.

Engasgo e me dobro, os olhos marejando, agarrando-me ao pelo de Anassa com o pouco de determinação que me resta. Levo a mão às costelas e pressiono, deixando a espada cair. Cerro os olhos e me concentro apenas em não desmaiar.

Patas pesadas batem na areia ao lado de Anassa.

Eu me forço a abrir os olhos e mostrar os dentes.

— Eu falei para você prestar atenção, porra — fala Stark, a voz perigosamente baixa.

Os cabelos escuros caem em cachos sobre os olhos de um jeito que pareceria encantador em qualquer outro homem, mas que não suaviza em nada o olhar assassino que ele me lança.

Antes que eu consiga abrir a boca para me defender, ele desliza de Cratos, fecha a mão enorme no meu braço e me arranca de cima de Anassa. Caio de qualquer jeito, desajeitada, os dedos dele ainda presos no meu bíceps.

Anassa observa tudo com o que só posso interpretar como deboche.

Então ele leva a outra mão até a barra exposta da minha camisa e, num piscar de olhos, a puxa para cima até logo abaixo dos meus seios. O ar cortante de inverno faz minha pele arder.

Meu rosto esquenta, e tento me contorcer para longe dele, puxando o braço, mas ele é uma força imóvel.

— Tire as mãos de mim — solto, entre dentes.

O resto da alcateia fica em silêncio, assistindo ao espetáculo com a respiração suspensa. Os olhos de Perielle brilham de prazer. É óbvio que nenhum deles vai intervir, e eu não os culpo. Eu também não gostaria de estar na mira da fúria desse homem. Azar o meu que parece ser o destino.

Stark ignora minha ordem e prende a barra da minha camisa na mesma mão que segura meu braço. Depois pressiona as costelas doloridas com a outra mão.

Sibilo e olho para baixo. A área atingida por Perielle está num vermelho intenso, já ficando roxa. Sem dúvida um hematoma, talvez até uma fratura. Mas é apenas mais um dos vários hematomas que mancham meu tronco. Tenho uma coleção deles, colecionados dia após dia.

Ele cutuca o hematoma de novo. A dor me corta. Esse desgraçado.

Recuo a cabeça e cuspo na cara dele.

Os olhos negros de Stark sobem lentamente dos meus ferimentos até se fixarem nos meus. Consigo ver seus pensamentos com tanta clareza quanto se ele os tivesse dito em voz alta.

Ele vai me fazer pagar.

Mas, em vez de agir na hora, ele limpa o cuspe da bochecha e se vira para Anassa, apontando para minhas costelas.

— Vai fazer alguma coisa em relação a isso? — pergunta a ela, com a voz mais calma e respeitosa que já o ouvi usar.

Ela não se move, não pisca aqueles olhos dourados e assustadores, mas ele parece entendê-la mesmo assim.

Não, ela não vai.

Stark enfim solta meu bíceps, que agora parece tão machucado quanto minhas costelas, e eu puxo depressa a camisa para baixo, fechando a frente da jaqueta de couro para que ele não tente aquela merda de novo. Em seguida ergo o olhar e não me surpreendo ao ver que Stark ainda me encara.

— Patética. Você é fraca — diz, com crueldade, a voz ecoando para que todos ouçam. — E vai continuar sendo fraca.

Endireito a coluna diante do desafio na voz. Ele não me conhece. Nunca deixei que coisas difíceis me quebrassem e não vou começar *agora*.

— Você representa uma ameaça para todas as alcateias desse jeito — continua ele. — E eles vão perceber isso muito em breve, a menos que você *melhore*. Volte para a sua loba-gigante. — Ele se vira, furioso ao ver que todos pararam e estão nos observando. — Todos. De novo!

Babaca.

— De novo! — ordena Stark, virando-se para mim. — Até você acertar ou se juntar a Alix na areia.

Trôpega, tateio pela espada na terra. Quando a agarro, Cratos avança contra mim, e eu cambaleio. Enfrento o medo, a raiva, a dor. Subo em Anassa de novo.

Lutarei para sempre, se for preciso.

Os outros Recém-unidos nos cercam. Tenho a sensação de que nenhum deles quer realmente desferir outro golpe em mim depois da humilhação pública que acabei de sofrer, mas sabem que

precisam obedecer.

Ninguém quer que minha fraqueza afunde todo o resto, que o alvo nas minhas costas seja transferido para todos eles.

Erguendo a espada de novo, minha mente se estreita.

Tudo fica vermelho, a fúria correndo pelo meu sangue. Ela aflora através dos hematomas, vertendo-se no ar ao redor. Algo agudo e cortante perfura a muralha de ferro na minha mente. A consciência de Anassa, aguçada em algo mais sombrio.

Ansiedade. Quase *expectativa*. Mas desaparece de novo por trás da parede tão rápido quanto surgiu.

No fim da sessão, estou destruída. Meu corpo é um mapa de ferimentos recentes. Meu rosto. Minhas costelas. Minhas pernas. Meus braços levaram a pior, doloridos por carregar e brandir a lâmina e pelos golpes de que não consegui desviar. Há bolhas doloridas nas minhas mãos que sangram em alguns pontos.

Sinto-me rasgada por dentro.

E mesmo assim a vadia não me cura.

Mas é a alfinetada final de Stark que corta mais fundo que as feridas.

— Nesse ritmo, Cooper, você não vai sobreviver tempo suficiente para conquistar a sua primeira marca de morte de verdade. — Meu sobrenome sai da boca do infeliz como uma ferroada. E eu aqui, achando que ele só me conhecia como *princesa*. — Que pena. Essa tatuagem no pescoço parece solitária.

As palavras reverberam na minha cabeça dolorida. Levo a ponta dos dedos à tatuagem, recordando a ardência da agulha, a intensidade do olhar dele.

O calor lascivo de sua língua.

Vacilante, sigo para meu quarto, ignorando os sons já familiares de corpos se misturando que ecoam das áreas comunitárias. Só os meus olhos que não conseguem desconsiderar totalmente o que veem. Flagro pessoas enredadas no chão, nas camas, contra as

paredes.

Na última semana já vi mais gente transando do que consigo contar. Todas as noites, o brasavinho aparece e todos se atiram uns sobre os outros. Nas horas vagas entre treinos ou refeições, eles se atracam. Logo pela manhã, lá estão eles, se engalfinhando de novo.

Acho que levam essa busca por seus parceiros lobos *muito a sério*.

Izabel tem tentado me fazer socializar à noite, paquerar gente de outras alcateias ou jogar jogos de bebida com eles, mas no máximo tomo uma taça de vinho e me tranco no quarto. A naturalidade dos Unidos em relação ao sexo nunca deixará de me constranger.

Odeio que isso ainda provoque um calor no meu corpo. Não acredito que ainda tenho energia para sentir isso depois da sessão que acabei de aguentar.

Abro a porta com tudo e entro, fechando-a com um estrondo e me recostando nela, exausta.

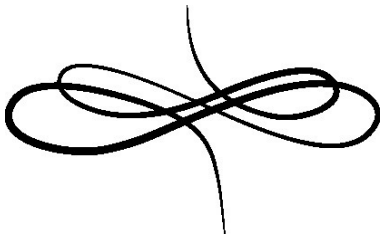
Então vem o silêncio abençoado e lindo, livre de sermões, de babacas gritando e de pessoas que mal conheço gemendo a plenos pulmões...

— Mer — sussurra ele.

Lee. Não, *Killian*. Killian.

Sozinho, no meu quarto, esperando por mim.

21



É desconcertante vê-lo aqui parado, o cabelo loiro dourado na luz da tarde. A enorme silhueta recortada contra a parede pálida. Os olhos azul-escuros estão arregalados, embora eu ainda não tenha dito uma palavra. Por um instante, é como se eu tivesse voltado no tempo.

É como encontrar Lee me esperando depois de uma luta difícil, e meu peito, mesmo agora, fica apertado com uma saudade conhecida.

Mas então a realidade volta com força.

— Cai *fora* — corto.

Killian suspira e ergue uma bolsa de couro marrom. Já sei o que tem dentro. Material médico.

— Posso, pelo menos, cuidar de você primeiro? — pede ele.

Odeio como me sinto quando os olhos dele pousam nas minhas marcas. Fraca, como Stark falou. E pior, sozinha.

— Príncipe Killian... — O nome ainda soa errado na minha boca.

— Por favor.

— Eu não...

— Você está ferida — declara ele, direto.

Não há espaço para discussão. Estou ferida, e ele vai cuidar de mim, como sempre.

A contragosto, sem falar mais uma palavra, me sento na cama. Repito para mim mesma que só estou fazendo isso porque estou

machucada. Com dificuldades. Os próximos treinos serão ainda mais duros se eu estiver prejudicada pela rigidez e pela dor.

Se Anassa não estivesse se recusando a me ajudar, esses cortes e arranhões não fariam diferença. Minhas feridas *já deveriam* estar curadas. Cada pequeno ardor é um lembrete do que precisarei enfrentar. O ódio de Anassa, seu desprezo, sua crueldade. Está corroendo minha sanidade.

Em breve vou morrer durante algum treinamento ou não vou mais aguentar e tentarei cegá-la com uma espada de treino. E é bem capaz que eu morra.

Killian se senta ao meu lado na cama. No mesmo instante, desejo ter escolhido um lugar menos íntimo para ficar, mas não é como se meu quarto oferecesse muitas opções para duas pessoas.

Ele estende a mão para me ajudar a tirar a jaqueta, mas olho feio para ele, que recua no mesmo instante. Eu me recuso a demonstrar qualquer sinal de dor enquanto puxo o couro dos ombros e o jogo de lado. Eu me recuso até a falar enquanto ele abre a bolsa e remexe no interior.

— Como você sabia que eu ia precisar disso? — pergunto, por fim.

Será que ele andou me espionando?

— Foi só coincidência — responde ele, a voz cansada. Dá para ver que está exausto disso, da minha resistência constante a ele. — Soube pelos meus servos que sua loba-gigante estava se recusando a te curar, por isso vim deixar isso aqui. Não fazia ideia de que você voltaria agora.

Fico imóvel enquanto ele começa a desinfetar meus ferimentos. O cheiro familiar do antisséptico enche meu nariz, forte e amargo. Persistente. Mexe com a minha cabeça. Me faz acreditar que sou a Gata de Rua de novo, encolhida no colo da única pessoa que se deu ao trabalho de cuidar de mim.

Meu orgulho, porém, é como um bicho pronto para atacar. Uma

parte de mim resmunga que isso não está certo. Que não posso deitar a cabeça e descansar num lugar assim. Que Killian é a última pessoa que eu deveria permitir que me visse vacilar.

Lute, pulsa meu sangue, ainda mais forte onde pressiona minha pele na forma salpicada de hematomas escuros.

Mas é tão, tão familiar. Uma sensação dolorosa. Reconfortante. O cheiro limpo de pinho de Killian. Os movimentos cuidadosos de suas mãos ágeis. A concentração nos olhos enquanto dedica toda a atenção a deixar minha vida ao menos um pouco mais fácil.

Eu não consigo.

— Killian — falo, quebrando o silêncio.

Ele não reage mal quando uso o nome completo. Talvez eu seja a única lutando para não escorregar de volta ao passado. Para *Lee* e sorrisos discretos e um amor que eu achava que nunca titubearia.

A voz dele é baixa, profunda como o mar em seus olhos.

— O quê?

Aponto para o nosso entorno. Meus aposentos inesperados, concedidos por alguém acima *da autoridade de Egith*.

— Isso aqui é coisa sua?

Killian ergue o olhar e encontra o meu. Seus olhos não piscam e são desafiadores de um jeito familiar. O olhar que sempre falou *vou cuidar de você, goste disso ou não.*

Eu não odeio isso. Nunca odiei. Houve dias em que *precisei* disso. Alguém que me pegasse nos braços e me prometesse segurança. Alguém forte o suficiente para eu confiar que manteria a promessa.

Meu sangue pulsa diante da dominância dele, do modo como ele me desafia a enfrentá-lo. Por instinto, minhas coxas se contraem. Ele é tão...

Porra, ele é tão lindo. Todas as mentiras dele, e ainda assim essa verdade continua. Teimosa. Devastadora. Viciante. Ele me encara, e meu sangue ferve no mesmo instante de excitação. Lembranças das minhas pernas ao redor dele, das mãos dele na minha pele, da

firmeza do abdômen dele, atravessam minha mente como raios.

E aquele olhar dele. Inabalável. Irritado, quase, mas não comigo. Com os homens que enfrentei no ringue, por machucarem meu corpo. Com a guerra, por ter me tirado a infância. Com o toque do ar invernal, por ousar gelar minha pele.

É uma forma de me falar, sem palavras, que ele é o responsável por eu ter um quarto só pra mim. Claro que é.

Aperto a ponte do nariz. A mão que vinha descansando com delicadeza sobre meu braço passa suavemente pela pele, mas eu o afasto e me levanto.

Preciso de distância. Preciso ser capaz de processar as coisas sem o pensamento incessante rodopiando minha mente de que basta eu me inclinar para sentir o gosto dele de novo.

Respirando para me estabilizar, eu me viro para encará-lo.

— Você pintou um alvo nas minhas costas ao me separar da minha alcateia — falo, com frieza. — Você entende o que fez? A posição em que me colocou?

A mandíbula dele se contrai.

— Estou tentando te manter segura, Meryn. Você não entende com o que está lidando.

Sinto uma pontada de raiva de novo, sobrepujando o afeto confuso que sinto por ele.

— Do que você está falando...

— *Eu sei*. Conheço essas pessoas — corta ele. Em seguida, faz um esforço considerável para falar com mais delicadeza, abrindo os punhos. — Meu pai está no comando direto deles, e um dia eu também estarei. Os Unidos não são seus amigos, nem mesmo aqueles da sua alcateia. Para eles, todo mundo aqui é descartável ou uma carta de barganha. Sua vida está em risco com eles.

Bufo.

— Que ironia ouvir isso vindo de você. Sabendo quem é seu pai e como ele trata a vida dos outros.

Killian franze os lábios, frustrado. Ele se ergue, a paixão incendiando o olhar.

— Quando eu for rei, *tudo* vai mudar. Eu juro. E, se você me desse uma chance, eu te contaria mais sobre isso.

Fico em silêncio, encarando-o. Aparentemente incapaz de suportar, ele se aproxima. Fico tensa, mas ele não tenta me tocar. O olhar dele é ainda mais íntimo do que um toque, no entanto, e eu quero me encolher. Talvez nos braços dele, talvez só para morrer.

— Eu queria te contar. Tudo, Meryn. Eu quero... — Ele engole em seco. Há uma força mal reprimida no modo como ele sustenta o corpo. Rígido. Dolorido. — Eu quero ficar com você.

Cerro os dentes.

— Tipo como os nobres agem com os Unidos durante os Ritos? — provoco, e a rigidez do corpo dele se intensifica, os músculos tensionando. Talvez seja crueldade, mas uma parte de mim adora ter arrancado essa reação dele. — Você quer me foder e depois me descartar quando se cansar de mim? — falo, apenas para machucar.

Killian perde o controle. A pressão dentro dele não é raiva. Não é dor. É *desejo*. Eu consigo ver. Está no modo como ele me empurra contra a parede, a mão fechando em meu pulso como se estivesse sendo levado por uma tempestade no mar e eu fosse a âncora capaz de salvá-lo.

Seus olhos azuis ardem com o mesmo fogo de quando algo me feria, como se ele fosse incendiar o mundo inteiro por minha causa, até que restasse apenas ele e eu, de pé, entre as cinzas.

— *Nunca* mais fale de si mesma desse jeito, Meryn — brada ele.

O rosnado de sua voz vibra em meu corpo onde estamos pressionados um contra o outro. Ele desliza a mão pela parede ao meu lado, a outra ainda firme, mas suave, em torno do meu pulso. E percebo que o perigo incandescente em seus olhos *é* voltado para mim.

Não por resistir a ele, mas por menosprezar o lugar que ocupo

em sua vida.

— Você é mais preciosa para mim do que poderia imaginar — grunhe ele, num tom mais baixo.

Seu polegar desliza para cima e para baixo em meu pulso. Resisto ao arrepio que percorre minha pele e preciso fechar os dedos para não tocá-lo.

Não posso negar a vontade de fazer isso, mas também não consigo deixar tudo de lado. Então permaneço ali, em silêncio, enquanto ele me encara.

Está implorando. É óbvio que está sofrendo. Ele me encara com firmeza, à procura de uma pista, de uma esperança.

Eu não o afasto, mas também não o puxo para perto. Ele dá um passo para atrás, por fim. Solta meu braço e me devolve o espaço, e o ar frio que se abre entre nós é um alívio doloroso.

Ele leva uma das mãos à nuca e, com a outra, aponta para o guarda-roupa.

— Tem um painel escondido no fundo. Leva a uma passagem de serviço. Se você seguir sempre em frente, vai parar no meu quarto.

Não sei o que responder. Nem o que pensar.

Killian balança a cabeça.

— Você pode vir. Quando quiser, se quiser. Mas, se precisar de espaço, eu entendo.

Engulo em seco. Para isso, ao menos, tenho uma resposta.

— Obrigada.

Tudo nessa vida nova e estranha tem sido hostil, me cercando por todos os lados. Ele não é diferente, exceto por estar disposto a recuar. O treinamento nunca vai terminar. Não posso escapar da união com Anassa. A guerra continua.

Mas Killian está disposto a me dar espaço, me entende.

Ele assente.

— Mesmo que a gente nunca... — Seus lábios se movem, experimentando as palavras antes de soltá-las. — Minha

investigação sobre o desaparecimento da sua irmã não depende de nada disso. Assim como os cuidados com a sua mãe enquanto você estiver ausente. Vou continuar buscando respostas, e aviso você assim que tiver novidades.

Não respondo, e ele desaparece pelo guarda-roupa. Fico ali, encarando a parede e tentando entender quem eu sou neste lugar.

Arranco-me do torpor e desabo na cama. Ele deixou o saco de remédios. Olhar para ele me causa incômodo, então o empurro para debaixo da cama e me viro de costas, de frente para a parede.

A frustração se espalha pelo meu coração como vinhas cheias de espinhos. A presença repentina dele e então sua ausência ainda mais brusca me desequilibram. Fico com um vazio enorme no peito, o espaço que ele ocupava agora tomado por tristeza, confusão e desejo.

Sinto falta dele. Não dá para mentir. Agora mesmo, ter *Lee* por perto para conversar sobre toda a merda que aconteceu comigo seria incrível.

E, no fim, ele veio aqui para me ajudar. Para cuidar dos meus ferimentos. Para me alertar sobre os Unidos.

Sei que ele deve estar certo a respeito deles. Sou, sem dúvida, uma estranha, alguém de fora. Já sei que fui marcada como tal por muitos dos outros Recém-unidos, e vi com os próprios olhos o quanto todos são competitivos. Ansiosos para superarem uns aos outros. Desesperados para acabar comigo, como quem arranca uma folha frágil.

Mas não importa o quanto Killian esteja certo. Não estou pronta para perdoá-lo por uma mentira tão grande.

E tenho outras coisas com que me preocupar, de qualquer forma. Como descobrir como melhorar nessa coisa toda de ser Unida. Ter a garganta rasgada durante o treinamento resolveria rápido a minha confusão e meu desejo maldito, mas estar morta seria um pequeno obstáculo no caminho até Saela.

É frustrante demais ser tão ruim nisso. Uma parte ingênua de mim pensou, no início de tudo, que talvez eu pudesse ser uma cavaleira decente se apenas golpeasse forte o bastante e segurasse firme.

Mesmo antes das arenas, quando era inexperiente e ainda precisava de treino, eu já era uma boa lutadora. Sabia me mover. Minha mente era rápida. Pegava tudo com facilidade. Era instintivo. Parecia menos um treinamento e mais um despertar lento, como se lutar já estivesse nos meus músculos e no meu sangue desde o nascimento, e eu só precisasse encontrar esse instinto.

Droga, seria maravilhoso sentir isso de novo. Acertar algo de verdade. Eu costumava despedaçar os bonecos de treino e, mesmo com os músculos latejando e os nós dos dedos abertos, sempre havia dentro de mim uma sensação de saciedade.

Sento-me de repente na cama. Talvez essa seja a solução para os dois problemas.

Estou de pé e em movimento antes que consiga duvidar de mim mesma. Izabel e Venna estão juntas, como era de esperar, acomodadas na antessala dos Estrategos e jogando uma partida de *Lobos e Sifões*. Marcho direto até a mesinha delas e cruzo os braços.

— Estou mandando mal e preciso de ajuda — falo.

As duas levantam os olhos, intrigadas.

Respiro fundo.

— Podem me treinar? Com espadas, de preferência?

Um resmungo vem da esquerda. Viro a cabeça e vejo Nevah largada em uma poltrona, com um livro numa das mãos. Ela não ergue os olhos da página quando fala:

— Já estava na hora de pedir ajuda. Você é péssima.

— Obrigada pelo apoio — retruco, seca. — Quer treinar com a gente?

Ainda com os olhos no livro, ela acena, indiferente, com a mão

livre.

— Boa sorte, mesmo assim.

— *Aff* — geme Izabel, afundando o queixo na palma da mão. — Infelizmente, eu sei quem é a pessoa certa para chamar.

Vinte minutos depois, Venna e Izabel estão observando da beira do pátio de treino, enquanto Tomison e eu nos encaramos, cada um com uma espada de prática em mãos. Seu cabelo é uma explosão desordenada de cores, e o sorriso permanente continua estampado no rosto, como sempre.

Ele aceitou tão rápido que tive certeza de que tinha entendido errado o pedido, como se tivéssemos sugerido para uma orgia incestuosa.

Um professor irritante de tão bom, foi como Izabel o chamou. E tinha razão.

Tomison é direto e claro. É paciente. E, melhor de tudo, não é meloso demais. Não me enche de elogios quando acerto uma coisa fácil. Quando seus olhos brilham em aprovação, sei que foi porque mereci. Quando tropeço no jogo de pés ou erro uma defesa, ele volta para o início e fala:

— De novo.

Praticamos de várias formas. Posturas pensadas para facilitar o combate montado. Tomison posiciona meu corpo usando um toque clínico para ajustar meus membros em ângulos que eles nunca tinham precisado assumir.

— Tudo isso vai ser diferente em cima de um lobo — diz ele com um sorrisinho.

— Já é estranho pra caramba agora — resmungo.

Meu braço está erguido quase até o ombro, a lâmina projetada para a frente. Pelo visto, eu vinha segurando baixo demais. Despreparada, foi como ele explicou.

— Bem, você estava só dificultando as coisas para si mesma — comenta, recuando alguns passos. Ele avalia minha postura com o

olhar. Consigo perceber que está testando quanto tempo sou capaz de aguentar na posição. — Assim o treino deve ficar um pouco mais fácil.

Solto outro resmungo. O suor já escorre pela minha testa.

— Fácil. Sim, claro. Isso aqui é a coisa mais fácil que já fiz na vida — reclamo, forçando um ar mais esgotado de propósito.

Izabel ri perto da parede, e logo ouço o som distinto de Venna dando um tapa no braço dela. Tomison lança um olhar na direção das duas, então volta a me encarar.

— Certo. Prática de defesa — fala, batendo a lâmina no chão.

Ele me ataca. E continua atacando. E eu me concentro nos pés. Nos braços. No movimento do corpo em direções que nunca ordenei antes. Músculos que raramente uso se contraem e se enrijecem. O suor escorre pelas costas, se acumula debaixo dos seios.

Quando consigo uma defesa quase perfeita, Tomison grita em comemoração.

Venna aplaude. Izabel solta um assobio longo, impressionado. Depois completa depressa:

— Não foi pra você, Tomison!

— *Claro* que não! — rebate ele.

Mas, quando viro o rosto naquela direção, Izabel está sorrindo, e tenho certeza de que os olhos dela não estão em mim.

Infelizmente, essa distração me rende uma pancada forte no braço esquerdo.

Dou um salto e faço uma careta, esfregando o ponto dolorido.

— *Pega leve*, idiota.

— Idiota? Estou só impedindo que você não leve um chute na bunda — protesta ele.

— Não fala da minha bunda — retruco, de mau humor, arrancando gargalhadas antes que voltemos à luta.

No fim da sessão, Tomison não pega leve e me entrega uma lista

dos músculos que preciso fortalecer. Durante o treino ele conseguiu identificar minhas fraquezas.

— Oblíquos também — fala, dando um tapa de leve na lateral do corpo. — Mas, acima de tudo, coxas e glúteos. Não adianta nada segurar bem a espada se você vai ser arremessada do lobo três segundos depois de a luta começar.

Izabel se junta à conversa para sugerir o próprio regime de treinos em combinação com o de Tomison. Venna chega logo em seguida e demonstra alguns exercícios para mim. Coisas como alongamentos específicos para eu ficar mais confortável no dorso de Anassa ou formas de trabalhar as mãos para aumentar a força do aperto e reduzir as chances de cair. Ela até concorda em me ensinar um pouco de linguagem de sinais.

Está claro que preciso treinar força todos os dias se quiser ter alguma chance aqui. Horas da minha vida vão ser engolidas por pesos, alongamentos e baldes de suor. Mas, de repente, isso não me parece impossível.

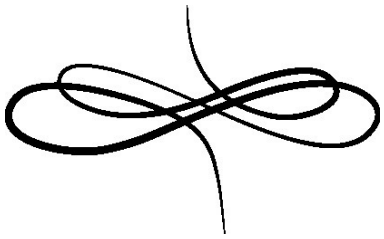
Parece um caminho que posso seguir, com passos definidos e um destino à frente.

E não vou percorrê-lo sozinha. Lutar no pátio de treino, alongar de manhã, reclamar das dores e dos hematomas junto com os outros... Consigo visualizar tudo isso, e algo no fundo do meu estômago pesa de repente, de um jeito que não é de todo desagradável.

Olho para os três, encaro o futuro inevitavelmente compartilhado entre nós e me pergunto. Vejo-os sorrindo, rindo, e me pergunto. Sinto nos ossos cansados e nos músculos doloridos que hoje eles me ajudaram, talvez até tenham *me impedido de levar um chute na bunda*, e me pergunto.

Será que a advertência de Killian foi justa? É possível que pessoas como essas realmente possam me apunhalar pelas costas?

22



O tempo passa de um jeito estranho. De algum modo, consegue voar e, ao mesmo tempo, arrastar-se devagar, esfregando sal na ferida da minha alma conforme avança. Tudo se mistura num borrão de aulas entediantes em que tento não dormir, de sessões de treino em que me agarro desesperadamente à vida e do esforço constante de não pensar em Killian.

Nos intervalos entre tudo isso, treino sozinha. Izabel e Venna continuam tentando me convencer a participar das atividades noturnas delas, mas tenho estado ocupada demais com a rotina de força que Tomison me passou. Quando melhoro minhas habilidades na espada, peço ajuda com arco e flecha.

Stark não voltou a me humilhar da mesma forma devastadora de antes e interpretei isso como sinal de que, de fato, estou melhorando. Mas ele também não me devolveu o cuspe no rosto, então continuo em alerta sempre que ele está por perto.

O décimo primeiro dia do nome de Saela chega e passa. Acordo na manhã desse dia cheia de medo e passo as horas em um torpor. Ninguém está comemorando. Ninguém aqui se importa. Em casa, teríamos comido o bolo especial da padaria Diersing. Eu teria convidado Lee para jantar, assim como alguns dos amigos dela da vizinhança.

Em vez disso, ela está em algum lugar de Astreona, sozinha e assustada, e tudo que posso fazer é torcer para que ela fique viva

até eu conseguir chegar.

Acendo uma vela e penso nela. Até faço uma rara prece para a Deusa sem Rosto, caso esteja me ouvindo. *Mantenha minha irmã a salvo, por favor*.

Finalmente chega a véspera do Rito da Voz, o primeiro grande teste que precisamos enfrentar. Vou cedo para o quarto, na tentativa de conseguir uma boa noite de sono, mas passo horas me revirando na cama.

Quando por fim adormeço, despenco direto em um pesadelo.

Estou no consultório do médico, com minha mãe, mas é *a mim* que ele está tratando. Ele fica na minha frente, ergue as mãos até meu rosto e enfia os dedos nos meus cabelos, apertando até prender minha cabeça entre suas mãos.

— As alucinações vão começar em breve — fala com calma, olhando fundo nos meus olhos. — Está pronta?

De repente, ele desaparece, e vejo apenas minha mãe. Ela parece lúcida, sem sinais da versão enevoada e confusa da última década. Veste sua roupa mais bonita e está de pé em uma poça escura, viscosa, de sangue. Sobre sua cabeça há uma coroa retorcida, também ensanguentada. Filetes vermelhos escorrem das pontas e se infiltram em seus cabelos ondulados.

— Meryn — chama ela. — Meryn! Está na hora de se juntar a mim.

Dou um passo em sua direção, contra a minha vontade, incapaz de desviar o olhar.

A luz muda, e minha mãe fica envolta em trevas, e o branco dos olhos dela se transforma em um negro profundo. Quando abre a boca de novo, a voz que sai não tem nada a ver com a da minha mãe.

É grave, de outro mundo, ressonante de um jeito que faz meus dentes rangerem, meus ossos doerem.

— MERYN. Venha, agora. Noturn ordena!

Continuo andando, chegando cada vez mais perto. Não consigo controlar meu corpo, como se estivesse paralisada dentro do meu crânio, observando outra pessoa mover meus membros. Mais e mais perto, até que meus olhos se trancam nos dela e eu me afogo nas poças escuras de suas íris.

Com um sobressalto, acordo e me sento na cama. As cobertas caem do meu peito, deixando o ar frio tocar minha pele quente e suada. Respiro ofegante, tentando recuperar o equilíbrio.

Foi só um sonho.

Mas não consigo voltar a dormir pelo resto da noite.

De manhã, entro na arena a passos firmes, o coração martelando tão forte que pulsa até nas pontas dos dedos, e tento não ceder ao torpor depois da noite anterior. Os outros Recém-unidos estão tão tensos quanto eu, avançando juntos para o interior da arena.

O líder Aldrich nos deu algumas estatísticas sombrias para nos preparar para o que nos aguarda no Rito da Voz. Aparentemente, esse primeiro teste foi feito para desafiar nossas habilidades de comunicação, e estima-se que um oitavo de nós não vai sobreviver.

Não estou otimista. Minha comunicação com Anassa não melhorou. Nós continuamos nos empurrando para fora do caminho uma da outra.

Consigo montá-la sem cair. Em teoria. Mas *não cair* não é exatamente suficiente quando há um percurso de obstáculos elaborado e aterrorizante diante de você, completo com braseiros em chamas estrategicamente posicionados para forçar uma navegação precisa.

É... *muita coisa*. A arena foi transformada da noite para o dia nesse labirinto de pesadelo.

E, como na Apresentação, as arquibancadas estão lotadas de nobres que vieram assistir ao nosso sucesso — ou à nossa morte. O

rei se senta em seu trono, a frieza divertida estampada no rosto. Mais uma vez, nossa desgraça é o entretenimento deles.

Killian está ao lado, e eu ignoro o embrulho em meu estômago quando o vejo. Preciso manter o foco total em Anassa se quiser sobreviver a isso.

De pé ao lado dela, estudo o percurso diante de nós, tentando adivinhar em qual parte dele meu cadáver vai acabar estirado.

A série de plataformas ascendentes logo no começo? Acho que não. Se eu me segurar com força suficiente, devo conseguir permanecer montada enquanto Anassa salta por elas.

Mas aquela ponte estreita suspensa sobre um mar de chamas? Essa já não parece tão promissora.

Por um instante nauseante, quase sinto o cheiro da minha própria carne e do meu próprio cabelo queimando.

Meus olhos captam um lampejo escuro. Stark está em pé próximo dos outros instrutores, ao lado do trono do rei, os braços enormes cruzados sobre o peito largo. Quando encontro seu olhar malévolo, tenho quase certeza de que vejo um sorriso malicioso tremeluzir em seus malditos lábios.

Então é isso. A vingança pelo cuspe.

Eu sei que o percurso de obstáculos foi criado como um teste geral de coordenação entre o cavaleiro e o lobo, mas parece um ataque direto contra mim. Como se Stark tivesse entrado na arena durante a noite, rindo sozinho enquanto armava os alvos, provavelmente imaginando meu cadáver carbonizado, igual estou pensando agora.

Pelo menos os alvos foram posicionados relativamente perto dos obstáculos. Tivemos permissão para escolher nossas armas para essa parte, e eu optei por adagas, confiante na minha pontaria graças ao treino com Igor. Não deve ser tão difícil acertar, a não ser que os alvos encolham de repente ou que um dos braseiros dispare uma labareda bem nos meus olhos na hora do arremesso.

O embrulho terrível no estômago só piora quando os outros pares começam a atravessar o percurso antes de mim. É como se eu conseguisse ver a conexão mental cintilando entre seus corpos enquanto avançam em perfeita fluidez pelo trajeto.

Os lobos saltam pelas plataformas, girando no ar para que seus cavaleiros tenham tiros limpos. Os cavaleiros demonstram foco absoluto.

Consigo perceber que estão prontos para cada contração nos flancos de seus lobos, cada queda, cada salto, cada curva.

É claro que há fracassos também. Fracassos espetaculares, *desastrosos*, exatamente como Aldrich advertiu.

Um lobo calcula mal um salto. Não sei se a culpa foi dele ou se o cavaleiro o guiou errado no desafio, mas o resultado é que os dois despencam juntos pelo ar.

Caem, se debatendo à procura de apoios que não existem.

O grito do cavaleiro é agudo, mas é interrompido de repente com o impacto contra o chão. Seu lobo cai por cima dele, matando-o na hora. O uivo que solta vem cheio de dor, talvez porque o cavaleiro tenha morrido, talvez porque também se feriu na queda.

Outro par discute visivelmente ao atravessar a ponte estreita sobre as chamas. A cavaleira grita algo em voz alta, e o lobo se vira e avança contra ela no meio da corrida. A ferocidade do animal — ou talvez apenas sua teimosia — faz com que ele se atire de cabeça em uma fogueira, parte do pelo pegando fogo, enquanto a cavaleira solta um grito de puro terror.

Izabel atravessa o percurso com facilidade, o que não é nada surpreendente. Henrey também consegue, embora bem mais lento do que alguns dos outros. Já o tempo de Tomison é particularmente impressionante.

Tenho certeza de que vou ouvir falar disso depois. Se ainda estiver viva.

Aposto que Stark deve ter cruzado esse percurso em menos de três segundos durante os Ritos dele, penso, amarga. *Maldito.*

Minha vez chega rápido demais. Meu nome é gritado das sombras, e eu vou até Anassa, esperando a costumeira fisgada de dor causada pela muralha entre nós. Mas ela não vem.

Levanto os olhos para ela ao me aproximar e a encontro já me encarando, o pelo prateado cintilando, o olhar firme. Ela não desvia o olhar. Quando arrisco um toque mental, não sinto as garras afiadas nem o frio gelado do desprezo dela.

A parede se afinou, ganhou um aspecto translúcido. Ainda é fria e implacável, mas quase consigo distinguir lampejos através dela. Como uma parede de gelo, distorções estranhas de impressões e instintos piscam em uma dança de luz sobre minha mente.

Monto nela com o máximo de suavidade que consigo, bastante consciente de que cada olhar da arena está voltado para mim agora.

Anassa avança, predadora, rumo ao início do percurso. O primeiro desafio é mais simples que os outros; três plataformas ascendentes, cada uma menor que a anterior. Requer saltos cuidadosos e precisos.

Nenhum par falhou nessa parte até agora, e espero que não sejamos as primeiras.

Seguro o pelo de Anassa com força, enrolando uma mecha em volta da mão para garantir que, mesmo que meu corpo voe do dorso dela, eu ainda consiga me segurar e voltar. Preparo-me para o caos, esperando que Anassa faça o que bem entender, pouco se importando com a cavaleira em suas costas.

Então sinto um lampejo. É breve, tão rápido que quase acredito ter sido uma alucinação causada pelo pânico. Mas, quando os músculos de Anassa se retesam em prontidão, sei que foi real.

Foi quase como uma visão do futuro. Ela me mostrou o caminho exato que pretende tomar para subir as plataformas — onde vai pousar, o ritmo dos saltos, a velocidade com que vai se mover.

Estou pronta quando ela parte, minha mente agarrando a informação que recebi e calculando como devo posicionar meu corpo para manter o equilíbrio. Ajusto o ângulo, finco o pé para sustentar o peso. Quando ela começa a avançar, eu me inclino junto.

Um salto, e transfiro o peso para a esquerda. No segundo, a curva vem rápido. Tensiono o abdômen, cerro os dentes e me inclino para a frente para compensar o solavanco da subida.

No último salto, já sei que ela vai aterrissar com força. Aperto as pernas e empurro com as mãos para absorver o impacto.

Anassa não para. Dispara para o próximo obstáculo, e consigo sentir sua intenção. Ela quer vencer, provar-se a mais forte da alcateia, esmagar qualquer um que a desafie.

E, pela primeira vez desde que nos conhecemos, nossos sentimentos se alinham.

Quero vencer. Não dou a mínima para ser Unida ou subir nas classificações. Mas quero provar meu valor.

Não, mais do que isso: quero humilhar os que me desprezaram desde o começo. Quero que minha vitória os incomode tanto quanto minhas lesões doem todas as noites, quando Anassa se recusa a curá-las.

Quero que o poder que sei que tenho me carregue até o fim.

O segundo desafio é a ponte. Mal tem largura suficiente para as patas de um lobo, mas a mente calma e predatória de Anassa não se deixa intimidar. Ela avança sem hesitar, patas batendo com firmeza, baforadas se condensando no ar frio.

O fogo me cega por um instante, mas a mente dela me inspira a suportar a ardência da fumaça. Minha ambição se materializa e corre ao lado dela, tão feroz e determinada quanto a loba.

Foi aqui que as duplas predispostas ao fracasso desabaram. A comunicação se rompeu sob a pressão — as chamas brilhantes, os alvos surgindo em velocidade vertiginosa, a estreiteza da ponte.

O cavaleiro precisa focar os alvos ou corre o risco de errar. O lobo-gigante precisa focar as próprias patas ou corre o risco de cair. Foi essa divisão que eu vi, repetidas vezes, dilacerar cavaleiro e lobo.

Mas Anassa mal presta atenção à ponte, tão firme nos passos que dá que sua velocidade é quase alta demais quando os alvos começam a surgir. São imprevisíveis a cada rodada, e no início não sei nem onde mirar.

Malditos alvos *em movimento*!

Uma fisgada aguda de alerta atinge minha mente, e viro para a esquerda. O instinto predatório de Anassa detecta o movimento súbito de um dos alvos, e meus instintos de lutadora reagem ao aviso, entrando em ação como se um golpe tivesse sido desferido na minha direção.

Giro em suas costas e lanço uma adaga que crava com precisão no alvo.

De novo, o alvo pisca. De novo, o aviso dela vem no tempo exato. Os movimentos de Anassa se tornam, de repente, previsíveis e deliberados.

O orgulho não vai deixá-la falhar diante dos outros lobos, e estou colhendo os frutos disso. Com a estabilidade da sua corrida, de repente fica muito mais fácil focar. Guio minhas adagas como costumava guiar meus socos nas arenas, mirando onde o alvo estará — levando em conta a velocidade estonteante de Anassa —, e não onde ele está.

Seis alvos. Seis acertos. Inabalável, destemida, imparável.

Então o percurso se estreita em uma descida em espiral. Sei que essa é a parte mais difícil. Anassa sente meu breve vacilo e solta um rosnado, a confiança dela esmagando meu medo e calando-o.

Outros lobos tentaram correr pela espiral para ganhar tempo, mas pagaram caro.

Numa velocidade muito alta, acabaram abrindo demais as curvas,

colidindo ou despencando direto da beira das plataformas. Mas o cálculo frio de Anassa está pronto para o desafio.

Fazemos cada curva no mesmo ângulo exato, a velocidade dela controlada e os movimentos afiados como uma lâmina. Inclino-me o máximo possível em cada curva, até que só a força centrífuga me mantém colada ao corpo dela, mas estou pronta para, quando ela se endireitar, fazer o mesmo e reforçar o aperto.

Não é um movimento bonito. É claro que não. Ainda somos ambas hostis demais, independentes demais.

Não estamos nos comunicando *de verdade*. Recebo lampejos de aviso antes de cada curva em que Anassa se lança, e preciso confiar apenas na minha própria força para responder às decisões dela e acompanhar.

Somos duas predadoras que concordaram em caçar juntas pelo bem da matança, mas ela não confia em mim mais do que eu confio nela.

Nós nos aproximamos do salto no escuro. É o último obstáculo entre mim e a sobrevivência. Quando tiver passado por isso, imagino que a muralha vá voltar a se erguer.

A plataforma vai desabar sob as patas de Anassa, e teremos que girar no ar, acertar três alvos sucessivos durante a queda e aterrissar em uma pequena área marcada.

A maioria dos pares depende do instinto dos lobos-gigantes nessa parte, seus olhos aguçados e caninos indicando e comunicando o momento exato de soltar as armas na queda. Mas Anassa destroça essa ideia com os dentes quando pousa na plataforma, o peito arfando.

Em vez disso, ela me dá mais um vislumbre de sua mente. Sei exatamente o salto que vai executar. No instante em que recebo a informação, começo a antecipar os alvos, a velocidade da queda, o ângulo dos meus arremessos.

Eu sei como corpos se movem no espaço. Sei quanta força vou

precisar para atingir os alvos com a ajuda do impulso de Anassa. Sei até onde meu corpo consegue se torcer e por quanto tempo vou aguentar presa a ela — já tive prática suficiente em cruzar esse limite, então sei exatamente quando minhas pernas vão ceder.

E, acima de tudo, sei quando golpear. Sei porque nas arenas você tem que saber.

Golpeie cedo demais e você ficará vulnerável. Golpeie tarde demais e já está contra a parede, tentando conter o massacre.

Anassa salta. Nós caímos. Adagas voam. Alvos se despedaçam.

Aterrissamos com força, minha mandíbula batendo e meus ossos sacudindo. Mas caímos no ponto certo, graças à força de Anassa. As garras dela deixam sulcos profundos no círculo marcado. Meus olhos ficam presos nesses sulcos enquanto minha respiração rasga a garganta e meus músculos tremem.

Nós... *conseguimos*?

— Terceiro! — alguém anuncia com frieza.

Terceiro? Terceiro tempo *mais rápido*?

Agarro o pelo de Anassa enquanto ela se afasta do percurso, os flancos ainda arfando do esforço. Acho que é isso que acontece quando você coloca dois teimosos de merda frente a um desafio e manda que provem a si mesmos.

O desprezo de Anassa ainda escorre pela muralha entre nós. Ela não gosta de ter tido que cooperar comigo para isso. E também deve achar que terceiro não é bom o bastante.

Mas há outra coisa lá também. Algo como reconhecimento. Um lampejo breve de aceitação. É como se, por um instante, ela tivesse admitido que não sou apenas um pedaço frágil de carne humana bom só para devorar. Como se tivesse visto e *sentido* minha força agora, e admitisse, a contragosto, que talvez eu realmente tenha algo a oferecer.

E isso também acende algo em mim. O respeito borbulha através do mar de ressentimento. Ela correu o percurso *rápido*. Nem piscou

diante de obstáculos que outros lobos não conseguiram superar.

Se ela apenas me *ouvisse*, talvez a gente até...

O ferro desaba entre nós. Rígido. Mais pesado do que nunca. É como se tivesse baixado um cutelo sobre meu pescoço.

Engasgo, dobrando o corpo, desorientada.

Nós conseguimos. *Conseguimos*. Terceiro lugar, e ainda por cima viva para ver a manhã. Isso é uma vitória.

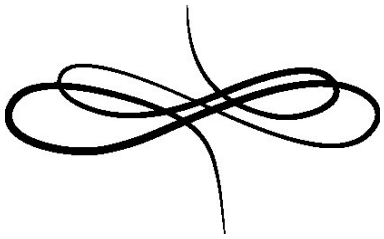
Mas, neste instante, parece que perdi algo também.

Estou cansada de perder. É deprimente, e não é quem eu sou. Ou pelo menos não quem eu pensava que era. Sou uma lutadora. Alguém que se mantém firme.

Com o coração ainda disparado, levanto o olhar para as arquibancadas, onde Killian me observa intensamente, os olhos penetrantes mesmo à distância, os longos dedos unidos sob o queixo afiado.

Será que também o perdi? Ou, ao contrário do que acontece com Anassa, sou eu quem está criando barreiras sem necessidade? Será que eu seria capaz de confiar nele outra vez?

23



Já me acostumei ao caos que toma conta da sala comunitária todas as noites, mas hoje, depois de sobreviver ao Rito da Voz, os outros Recém-unidos se soltam pra valer.

A celebração acontece com força total, com as quatro alcateias presentes. A tensão que carregávamos ao entrar na arena mais cedo já desapareceu. Os outros Estrategos se jogam na festa, bebendo e rindo sem reservas.

Ainda acho macabro festejar depois de tanta morte. Oito Recém-unidos morreram, incluindo dois Estrategos que eu não conhecia bem. Mas eu tinha tanta certeza de que seria uma das vítimas que agora estou numa espécie de ressaca de adrenalina, e não posso negar que também gostaria de aliviar a tensão.

Sigo Izabel e Tomison até um dos sofás na beira do salão e observo a festa enquanto eles conversam e riem. Criados circulam com jarros de brasavinho e bandejas de comida.

Izabel coloca um copo na minha mão. Não é uma poção para dormir, mas talvez afaste os pesadelos. O álcool quente e condimentado solta um leve vapor no ar fresco, o aroma rico afastando o gosto metálico de sangue e morte que ainda paira no ar.

O sabor é fantástico... e forte. Um calor agradável se espalha pelo meu estômago já no primeiro gole. No terceiro, um leve torpor de relaxamento percorre meu corpo inteiro.

De repente, a festa já não parece tão macabra assim.

Izabel e Tomison flertam por diversão. Venna se junta a nós, abraçando a irmã e sorrindo com orgulho evidente. Ela ficou em segundo lugar hoje. Um dos amigos de Tomison da nossa alcateia, Kristof, também vem até nós e parabeniza Venna calorosamente, observando-a com interesse. Parece que todo mundo está aqui esta noite — exceto Nevah, que vi se esgueirar para os aposentos dos Estrategos depois do Rito.

Os instrutores da alcateia se reúnem perto da lareira imensa. Egith está entre eles, o semblante severo como sempre. Ela percebe que a observo, e seus lábios se comprimem ainda mais. Pensei que ela ficaria contente com meu terceiro lugar.

Pelo jeito, não ficou.

Samson, o Gama dos Criptos, fala algo que faz Egith jogar a cabeça para trás e soltar uma gargalhada, a mecha prateada de seu cabelo refletindo o brilho do fogo ao brindar com ele. Até mesmo Elinor, a Gama dos Filax, parece ter relaxado a postura rígida de costume.

Só Stark se mantém distante, largado em um canto sombrio como um predador à espreita. Mas já não veste o paletó formal que usou na arena. A camisa de baixo está desabotoada no alto, revelando um vislumbre de seu peito musculoso, a pele marrom e as tatuagens que descem pelo pescoço.

Uma jovem Recém-unida se aproxima dele, o quadril inclinado em um convite descarado. Ele a despacha com um único olhar fulminante.

Quando ela retorna para a multidão, outra mulher se aproxima. Depois outra, e mais outra. Todas são repelidas com aquele mesmo olhar frio de desinteresse.

— Ele é bem sexy quando não está berrando ordens para a gente, não acha? — comenta Izabel, também sinalizando com as mãos, já que o barulho da festa dificulta que Venna acompanhe a conversa.

Eu me viro sobressaltada para ela, constrangida por ter sido pega olhando.

Tomison abre um sorriso, o braço jogado no encosto do sofá atrás dela. Venna me lança um olhar conspiratório, as sobrancelhas se arqueando.

— Claro — resmungo —, se você acha psicopatas assassinos sexy.

— E você não acha? — solta Kristof.

Izabel cai na risada.

— Não — respondo, ríspida, sentindo o rosto esquentar. — De jeito nenhum.

Kristof dá de ombros.

— Eu montaria naquele homem daqui até Astreona.

Izabel ri e gesticula para Venna, que também ri, um riso grave, profundo, vindo do fundo do peito.

— Ele parece mais o tipo que prefere fazer todo o trabalho — comenta Tomison, a voz arrastada.

Izabel suspira, toda sonhadora.

— Parece mesmo, não é?

Mais risadas. Fico feliz que estejam se divertindo, mas desvio o rosto quando a conversa se envereda para sexo. Seria melhor eu aproveitar a deixa e sair. Não vai demorar para começarem a se juntar em pares, e não quero descobrir se os instrutores também vão entrar nessa.

Ao pensar nisso, olho involuntariamente para Stark... e vejo que ele está me encarando.

Merda.

É o mesmo olhar que ele me lançou na arena. O mesmo que sempre me dá — olhos escuros queimando um buraco em mim, lábios cheios praticamente repuxados num rosnado. Já vi esse olhar em homens no ringue; é carregado da promessa de violência futura.

Retribuo por um instante, depois desvio, virando o copo de uma

vez como desculpa para romper o contato.

Um criado surge no mesmo instante para reabastecê-lo.

Enquanto evito o olhar de Stark e tento planejar minha fuga da festa, Kristof se levanta para se juntar a outro grupo. Tomison também se afasta para procurar seu caso noturno.

Minha cabeça começa a girar agradavelmente enquanto termino a segunda taça, ainda sentada entre Izabel e Venna. A memória da ansiedade de hoje começa a se desfazer, substituída por um brilho caloroso de bom humor.

Vozes elevadas me puxam de volta a Tomison, agora do outro lado do salão, demonstrando com entusiasmo um movimento de espada complexo para um grupo de Recém-unidas Filax. Ao meu lado, Izabel observa com atenção.

— O que tá pegando? — pergunto, com um sorriso largo. — Agora você está a fim do Tomison?

Izabel se enrijece.

— O quê? Aquele idiota? Nunca!

Lanço um olhar presunçoso para Venna, que esconde o sorriso.

— Olha só quem fala, Meryn!

— É isso aí. — Izabel se junta ao coro. — Todo mundo aqui está aproveitando a procura por um par, menos você, Meryn. *O que* tá pegando?

Com a língua solta pelo brasavinho, deixo escapar a verdade sem pensar:

— Estou ocupada demais curando um coração partido.

As duas trocam um olhar e reviram os olhos ao mesmo tempo.

— O quê, algum camponês que você deixou para trás? — pergunta Izabel. — Qual é, você não vai voltar para aquele mundo. *Este* é o seu mundo agora. E se o seu lobo-gigante tiver um par? É loucura não tentar ajudá-la!

— Não, você não entendeu — falo, me inclinando para elas com um ar conspiratório e articulando bem para me certificar de que

Venna capte minhas palavras acima do burburinho. — O cara que pisou no meu coração está aqui. No castelo.

As expressões idênticas de choque se transformam rapidamente em um interesse malicioso.

— Quem? — exige Izabel. — Ele é Recém-unido? De qual alcateia?

Antes que eu consiga juntar as palavras para responder, percebo que meu copo está vazio.

Bem, isso não pode ficar assim.

— Esperem só um pouco — falo. — Preciso de mais vinho.

Procuro um dos criados com os jarros, mas todos parecem ocupados em outros cantos. Há uma mesa de serviço no outro lado do salão.

Despeço-me sob um coro de protestos de Izabel e Venna, prometendo contar tudo depois. O chão dá uma leve rodada quando me levanto, e os olhos de Stark me acompanham enquanto vou até a mesa.

Para minha desagradável surpresa, ele surge ao meu lado justo quando estendo a mão para o jarro de vinho.

— Melhor se controlar, princesa — diz ele num tom sombrio, perto demais para o meu gosto. Sua voz profunda vibra contra meu ouvido. — Não quer tropeçar em algum lugar perigoso, onde acidentes podem acontecer. Ainda mais depois da sua sobrevivência milagrosa hoje.

Merda, por que ele precisa ter um cheiro tão bom? Madeira, âmbar e algum tipo de almíscar, talvez.

Encho meu copo com uma calma que não sinto, e então me viro para encará-lo, o brasavinho latejando nas minhas veias.

— Sua preocupação comigo é *comovente* — retruco, a voz arrastada. — Mas eu não caio em acidentes... eu os *causo*.

Vejo nos olhos dele que entendeu o que quero dizer. A lembrança daquele Recém-unido Daemos que sufoquei com a

própria mão decepada passa por nós como uma sombra.

A expressão de Stark endurece, perigosa, mas dou as costas para o sujeito antes que ele possa falar e o deixo ali, parado junto à mesa.

Abro caminho em meio às pessoas, viro o vinho de uma vez, largo o copo e sigo direto para a saída. Meu torpor feliz se esvai, queimado pela ameaça velada nas palavras de Stark. Volto a me sentir trêmula e deslocada em meio a toda aquela celebração.

Izabel e Venna vão ter que esperar. Preciso dar o fora daqui.

O vinho foi um erro. Brasavinho é sempre um erro. Tenho certeza de que a Meryn da Noite Passada achou que era uma ótima ideia, mas agora encaro meu prato de aveia e imagino várias formas sangrentas de assassiná-la.

Minha cabeça *lateja*. Meus olhos parecem prestes a explodir. Consegui dar algumas mordidas lentas, mas a náusea revira meu estômago. Até o cheiro do pão me incomoda.

Mas a pior parte é que, apesar da névoa que cobre a maior parte das lembranças da noite passada, a porra da ameaça de *Stark* à minha vida continua cristalina. Assim como minha resposta genial.

Grande jogada, de verdade, decidir ameaçá-lo de volta. Como se ele já não tivesse vontade de me matar.

Alguém na mesa ao lado deixa cair a colher na tigela vazia, e o tinido do metal contra a porcelana é como uma adaga enfiada direto na minha órbita ocular. Estremeço e solto um chiado de dor, esfregando a têmpora.

Pelo menos não sou a única a me arrepender da noite passada. Vários dos outros Recém-unidos estão acabados. Para um grupo que se importa tanto com aparência, isso é bem significativo.

Não posso ser marcada como a fraca do grupo, que mal aguenta alguns copos de brasavinho, se *todo mundo* está acabado.

— Mer — geme Izabel, rouca, desabando no assento à minha esquerda. — Socorro.

Tomison se senta do outro lado.

Dou um sorriso.

— Você está de ressaca e ainda encontrou energia pra trançar o cabelo assim? — aponto com o garfo para as elaboradas espirais negras.

— Eu daria um jeito mesmo que não tivesse mãos — responde Izabel, empurrando meu ombro de leve antes de se voltar para a comida.

Comemos em silêncio por uns três segundos até Tomison falar:

— Mais alguém está morrendo de vontade de vomitar agora?

— Sempre, quando olho pra você — replica Izabel no mesmo instante.

Balanço a cabeça.

— *Não* falem de vômito agora. Estou um caco.

— Então — comenta Izabel, inclinando-se na minha direção. Sua voz está baixa, mas não baixa o suficiente. — Sobre esse misterioso destruidor de corações morador do castelo que você mencionou ontem à noite...

Quase engasgo com o chá, pousando a xícara depressa demais para evitar o tilintar cruel que perfura meus tímpanos e esfaqueia meu cérebro.

— Aqui não — sibilo.

Tomison não está prestando atenção, mas qualquer um pode ouvir.

Até o mais leve dos rumores poderia arruinar tudo. Não posso deixar que os outros Recém-unidos descubram. Para ser honesta, não quero nem que Izabel e Venna saibam. Foi um erro. Um deslize bêbado e *idiota*.

— Esquece isso — sussurro para Izabel. — Eu só estava bêbada e falando bobagem.

A julgar pela forma exagerada como ela ergue uma única sobrancelha, fica óbvio que Izabel não acredita em mim nem pretende deixar o assunto de lado por muito tempo. Mas, por ora, ela muito graciosamente me dá espaço para terminar o café da manhã. Talvez a ressaca tenha roubado toda a energia que ela costuma dedicar à fofoca.

Ou talvez ela perceba que precisa guardar as reservas que lhe restam para atormentar Tomison, porque se volta para ele e começa a provocá-lo no mesmo instante.

Sou grata por ela deixar o tópico morrer, ao menos por enquanto. Mas minha mente não é tão misericordiosa. Meus pensamentos voltam direto para Killian.

A preocupação genuína no rosto dele na noite passada foi quase insuportável. Eu poderia ter morrido sem nunca resolver... bem, tudo *isso* entre nós. Fico enjoada só de pensar no assunto.

Minha saliva se transforma em pasta. A garganta se fecha enquanto uma onda de náusea me consome. O suor arrepia a nuca.

Ah, não...

Disparo do assento e atravesso a sala às pressas, a mão cobrindo a boca. Tropeço até o corredor seguinte e luto com a tranca da janela, mal conseguindo abri-la antes de me curvar e colocar para fora tudo que acabei de comer.

Ofegante, limpo a boca, e sou acometida por um pensamento absurdo: *Acabei de sofrer nesse café de manhã à toa*. E, em seguida, me repreendo: *Se controla*, *Meryn*.

— Cooper — rosna uma voz familiar.

Ugh.

Enxugando a boca, me viro para encarar a Beta Egith, que me fita com um olhar severo e indecifrável.

— No meu escritório. Agora.

Estou rígida e dolorida do Rito da Voz de ontem — sem falar na ressaca esmagadora —, então mantenho a postura ereta no escritório de Egith.

Já tinha visto os aposentos privados dela, mas nunca havia entrado em seu escritório. É tão amplo quanto o do líder Aldrich, mas em vez de três andares de livros Egith tem mapas. Por toda parte. É como se o depósito particular de um cartógrafo tivesse explodido aqui dentro.

A maioria parece ser da fronteira entre Noturna e Astreona, onde fica a frente de batalha. Mas atrás dela há um enorme atlas completo e detalhado de Noturna. Ele cataloga cada detalhe do país, das montanhas aqui ao norte ao rio que corta o sul do país, passando por todos os feudos no meio. Sinto vontade de me aproximar, de estudar todos esses lugares onde nunca estive ou sequer sonhei em estar.

Egith se senta em uma mesinha gasta, diante de uma cadeira vazia, e se serve de chá de um bule de porcelana delicada sem olhar na minha direção. Ela não disse nada desde que me encurralou no corredor, e eu não seria capaz de decifrar sua linguagem corporal nem que minha vida dependesse disso.

Fico surpresa quando ela serve uma xícara para mim também. No entanto, como não me deu permissão para sentar, não ouso tocar nela.

Por fim, ela pousa o bule e me encara.

— Você estragou tudo.

Pronto, era isso.

— Eu não deveria ter vomitado pela janela — falo, rápido. — Desculpa...

Egith dá um suspiro pesado.

— Cooper, não estou falando da sua... indisposição. Você quer sobreviver a isso? Quer se tornar uma das Unidas?

E tenho escolha?, penso, amarga.

Cerro os dentes.

— Quero.

Não é bem uma mentira. Eu quero sobreviver e me tornar oficialmente Unida, só para enfim chegar à frente de batalha.

Egith me encara por tanto tempo que sinto vontade de me mexer como uma criança nervosa.

— Não acredito em você — rosna. — E ninguém que tenha visto sua apresentação de ontem acreditaria.

Eu me sobressalto.

— Mas eu pensei que...

— O quê? — dispara ela, os olhos faiscando. — Você achou que sua apresentação foi um sucesso só porque completou os exercícios?

— Eu fiz tudo que pediram — respondo, confusa.

Egith solta um gemido de frustração.

— Não achei que você fosse burra, Cooper. Arrogante, talvez. Teimosa. Mas burra, não. O *propósito* do Rito era testar sua habilidade de se comunicar com o seu lobo. Provar a união crescente... a capacidade de agir como um só em batalha!

— Nós não... fizemos isso?

— *Não!* — grita ela. — Tudo que vocês fizeram foi cooperar... e nem isso fizeram bem! Pareciam inimigas que decidiram, a contragosto, trabalhar juntas para sobreviver. Cada momento denunciava a desconexão mental e emocional de vocês. Cada falha de comunicação foi gritante!

Ela pausa e toma um gole de chá como se esperasse uma resposta minha.

— Mas ficamos em terceiro lugar — arrisco, fraca. — Isso não é...

— Você *sobreviveu* — dispara ela, cortante. — Por um triz! E acha que isso basta? — Ela pousa a xícara com um estalo que me faz estremecer. — Anassa escolheu, por algum motivo, *deixar* você

sobreviver. *Deixar* você terminar em terceiro lugar! Isso não é sucesso... É apenas escapar da morte por pouco. Sua falta de comunicação com a loba-gigante é um fracasso, Cooper.

A frustração ferve dentro de mim.

— Estou fazendo o meu melhor. Estou *tentando*...

— Você *não* está tentando — me interrompe ela, erguendo a mão num gesto brusco. — Na verdade, acredito que você ainda não aceitou nada disso de verdade. Sei que a força que te move aqui é encontrar sua irmã, mas *esta* é a sua vida agora. Se quiser chegar à frente de batalha, precisa aceitar isso. Você é Unida. Isso não é temporário. Não pode escapar. Está ligada a Anassa pelo resto da vida. — Sua expressão se torna sombria, e ela completa: — Não importa quanto tempo isso signifique.

Fico sem palavras por um instante.

Pelo resto da vida ecoa na minha cabeça.

Eu já sabia que não havia saída, mas parte de mim se recusa a acreditar nisso, mesmo agora.

— Sei que a adaptação é difícil pra você — continua Egith, suavizando o tom.

— Ah, é? — retruco, ríspida. — E o que você sabe sobre isso?

— Meu pai nasceu camponês — responde ela, e a confissão me atinge em cheio. Nunca teria imaginado que alguém tão exigente e perfeita como Egith tivesse sangue plebeu, ainda mais considerando o quanto é raro que um camponês seja bem-sucedido nos Ritos. — Ele precisou lutar para sobreviver aqui e nunca me deixou esquecer o quanto era difícil.

Estou sem palavras, de verdade.

— Você parece apegada a essa ideia de que é uma forasteira — continua Egith, um pouco mais calma —, e está usando isso como desculpa para se manter afastada dos outros Recém-unidos. Mas está na hora de encarar a realidade, garota. Você *não* é uma forasteira.

Ela me encara de novo, como se tentasse me forçar a aceitar a verdade.

— Você é uma deles, Meryn. Uma de *nós*. Sobreviveu até agora sendo esperta e resistente, mas vai continuar fracassando e vai acabar *morrendo* se não aceitar que esta é sua vida agora.

Balanço a cabeça.

— Mas a maioria deles *me trata* como forasteira. Desde o começo.

— Eles tratam você como forasteira porque você *age* como tal — rebate ela, e bufa, impaciente. — Eles sentem que você se vê dessa forma e reagem de acordo... assim como Anassa. Não entendo por que ela escolheu cooperar mesmo que você continue a rejeitá-la.

Eu *rejeitando* Anassa?

Foi Anassa quem me forçou a essa união e agora se recusa terminantemente a cooperar.

— Você tem uma sorte danada — diz Egith. — Sem isso, já estaria morta. Eu vi o jeito como você se atirou contra ela na Apresentação, quando ela veio proteger você. Você não confia nela, então como espera que ela confie em *você*?

Abro a boca para protestar, mas a mulher ergue a mão para me calar.

— Escute bem, Meryn Cooper. Não vou repetir este conselho: aceite Anassa. Aceite esta vida... ou não vai sobreviver ao próximo desafio.

O alerta de Egith ainda pesa no meu estômago como uma pedra quando chego à aula conjunta de História da Guerra, uma hora depois. E não foi só ela que me deu um choque de realidade. Contei a conversa a Izabel depois que saí dos aposentos da Beta Estrategos. Ela concordou de corpo e alma com a Beta.

— Olha, eu sei que isso é difícil pra você — disse Izabel com suavidade —, mas ela tem razão. Você trata quase todo mundo,

menos eu e Venna, como inimigos, inclusive Anassa. Metade do nosso treinamento é aprender a fazer parte de uma alcateia. Você precisa relaxar, conviver mais com o grupo. Mostrar a todos que *quer* estar aqui.

Prometi a Izabel que faria um esforço para me conectar com o resto da alcateia. Só não faço ideia de *como* farei isso.

Enquanto debato mentalmente o assunto, a instrutora Gama dos Filax, Elinor Gardiner, começa a aula com uma pergunta que me arranca de imediato dos pensamentos.

— Muito bem — começa ela em voz alta, chamando a atenção para a frente da sala. Gardiner é mais velha do que a maioria dos outros instrutores. Deve ter seus cinquenta e poucos anos, além de longos cabelos escuros e pele marrom-clara. — O que sabemos sobre o nosso inimigo, os Sifões?

Um Recém-unido Cripto levanta a mão.

— Eles são vampiros sugadores de sangue que roubam força vital e energia para estenderem a própria vida e se tornarem mais poderosos.

A professora assente com indulgência.

— Bem, sim. Um pouco dramático, mas basicamente correto.

Segue-se uma breve discussão enquanto outros alunos oferecem informações básicas sobre os Sifões.

— No país dos Sifões, não há mais humanos... Eles drenaram todos para obter poder. É por isso que invadem nossas terras. Para encontrar mais presas.

— Correto — confirma a Gama Elinor. — Não existem humanos vivendo em Astreona há séculos. Mais alguma coisa?

Uma colega Estrategos levanta a mão.

— Os Sifões vivem dos despojos da guerra. Eles se alimentam dos nossos soldados capturados.

Como meu pai, penso, cerrando o punho. Drenado e consumido como um animal.

Todos em Tempesgelo sabem que é por isso que os Levadores capturam as crianças da nossa cidade. Crianças têm a energia vital mais forte, por isso fornecem mais combustível para os Sifões.

— Muito bom — responde Elinor —, mas eles não se alimentam apenas dos nossos soldados, certo? Os Sifões usam o sangue de seus cativos para manipular poderosas magias de sangue. Alguém sabe dizer por quê?

Inclino-me para a frente, os sentidos aguçados. Eu sabia que os Sifões usavam algum tipo de magia de sangue, mas os detalhes sempre foram nebulosos.

— Eles usam magia de sangue para controlar nossas mentes e tecer ilusões! — grita alguém do fundo. — Eles não têm criaturas Unidas, então essa é a única forma de lutar contra nós. Também usam a magia para transformar humanos drenados em mais Sifões.

— Excelente — exclama Elinor. — É por isso que a guerra se prolonga há tanto tempo. Por meio da magia de sangue, os Sifões alcançaram uma imortalidade funcional e a capacidade de manipular a percepção humana. É assim que se infiltram em nossas fronteiras e se defendem dos ataques dos Unidos. Quanto mais velho é um Sifão, mais poderosas se tornam suas habilidades. Nós não sabemos nem metade do que realmente são capazes, já que lidamos acima de tudo com seus soldados mais jovens. É raro que Sifões mais velhos participem da frente de batalha.

Eu me pergunto se eles usam magia de sangue para capturar nossas crianças. Se as enganam para que os sigam por vontade própria.

— Os Unidos são os protetores supremos dos humanos — continua Elinor. — Somos tudo que há entre os camponeses e os Sifões. Sem os lobos-gigantes e nossa união, os humanos já estariam extintos. Ou seriam criados como gado em um mundo dominado pelos Sifões.

— Mas a guerra está em impasse desde que se tem registro —

intervém alguém. — Então como é possível vencermos?

Elinor ergue o queixo, os olhos brilhando.

— Precisamos encontrar uma maneira de invadir Astreona por completo e eliminar cada Sifão existente.

Pelo jeito como fala isso, tenho certeza de que acredita piamente que somos capazes disso.

Ah, penso, atordoada, a cabeça girando, *só isso?*

Enquanto Elinor fala de invasão e vitória, meus pensamentos em turbilhão se cristalizam em uma única verdade dilacerante.

Ir para Astreona é minha única esperança de encontrar Saela. E a única maneira de chegar lá, de sobreviver ao território dos Sifões é...

Anassa.

Egith e Izabel estão certas. Preciso fazer tudo que estiver ao meu alcance para Anassa me aceitar. Mesmo rastejar, se for preciso.

O crepúsculo se assenta sobre o castelo quando me aproximo do amplo terraço que se abre nos fundos da sala comunitária dos Estrategos, com um punhado de sálvia-das-montanhas seca na mão. Ouvi outros Recém-unidos comentando que levariam as ervas para seus lobos como um agrado. Aparentemente, é como erva-dos-gatos para os lobos-gigantes. Eles anseiam por isso.

As folhas perfumadas estalam levemente no meu aperto ansioso enquanto procuro por Anassa. Chegou a hora de uma conversa de verdade com minha loba.

Quer a gente queira ou não.

Os terraços se erguem na minha frente como degraus gigantes talhados na encosta da montanha, todos ocupados por lobos-gigantes deitados. Na luz moribunda, consigo distinguir também formas adormecidas nos níveis mais baixos.

Anassa não está em lugar nenhum. Estico o pescoço para olhar

os terraços superiores, me perguntando se ela está nas cavernas. É quando a vejo, identificável apenas como uma mancha branco-prateada distante, na borda do terraço mais alto.

É claro que você estaria no topo da porra do mundo, penso, seca.

Levo quase meia hora para subir as escadarias estreitas que conectam cada terraço em um caminho em zigue-zague.

A subida parece simbólica. Cada passo me leva mais e mais longe do mundo que conheço e mais fundo naquele que odeio e ao qual resisto. É como abandonar algo vital, uma parte de mim que nunca mais vou recuperar.

Mas vale a pena, falo pra mim mesma, endurecendo o coração. *Desde que eu recupere Saela*.

O vento frio açoita meu cabelo curto quando chego ao terraço em que está Anassa. À primeira vista parece vazio. A pedra está gasta pelas garras de incontáveis lobos ao longo dos séculos.

Anassa se afastou da borda e se recolheu às sombras profundas do fundo, como se tivesse sentido minha aproximação e quisesse me evitar.

Não é um bom sinal, mas com toda a certeza não me surpreende.

Sento-me de pernas cruzadas perto da borda, tomando o cuidado de respeitar a distância que ela impôs.

Sem uma palavra, coloco o punhado de sálvia no chão. É uma oferta de paz que parece tola e dolorosamente insuficiente.

Então, estendo a mão para ela pela nossa união. A muralha de ferro está lá, imóvel como sempre. Mas não pressiono. Em vez disso, dou um toque suave, como quem tenta afagar um gato arisco.

No mesmo instante, a energia de Anassa se altera, eriçada de interesse — ou talvez de fome. Seu corpo é apenas uma silhueta cinzenta nas sombras, mas o vejo se mover. Olhos amarelos se voltam para mim, brilhando de leve.

— Oi — murmuro.

O olhar dela se aguça, captando a luz que resta em um lampejo de brilho prateado noturno.

Lentamente, ela se ergue, surgindo do escuro sem fazer barulho, cada passo calculado lembrando o poder letal que carrega. No lusco-fusco, sua pelagem parece prata líquida, semelhante ao meu cabelo.

Meu coração dispara quando a cabeça desgrenhada dela surge na minha altura.

Um fio percorre nossa união. Os lábios de Anassa se retraem das presas no que pode ser um rosnado — ou um sorriso lupino arrepiante.

Não há uma recepção calorosa em seu olhar. E eu não esperava que houvesse. Mas há algo...

Uma fissura se abre na muralha de ferro. Não é grande — só o suficiente para uma suave comunicação direta.

Sem palavras. Apenas um emaranhado de impulsos contraditórios.

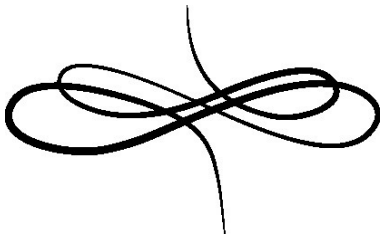
Interesse. Desdém. Sabedoria ancestral em guerra com fúria primal.

O suor frio escorre pela minha coluna enquanto ela se aproxima em passos lentos. Me esforço para não recuar quando ela abaixa a cabeça e olha nos meus olhos, os lábios se erguendo sobre dentes do tamanho de adagas.

Quando o hálito quente dela roça meu rosto, sinto um pulso nítido vindo dela:

Eu a rejeitei repetidas vezes e *agora* quero fazer amizade?

24



As sombras do entardecer se alongam e se transformam em noite quando Anassa abaixa a cabeça para farejar o punhado de sálvia-das-montanhas. O luar banha o terraço, dourando sua pelagem num brilho branco-azulado de outro mundo.

Prendo a respiração, o coração martelando dentro das costelas, suspensa entre o medo e uma esperança desesperada.

Pela união, sinto outra mudança. A muralha de ferro impenetrável parece afinar, tornar-se permeável, como seda ondulando ao vento.

Sua voz enche minha mente com uma clareza arrebatadora, profunda e rica como vinho envelhecido, carregando o peso de séculos.

— *Você quer estar aqui, por fim.*

Cada palavra ressoa como trovão na minha consciência, roubando-me o ar com sua força bruta e beleza.

No último mês, imaginei muitos cenários em que Anassa e eu finalmente conseguiríamos nos falar, comunicar e conectar. Mas nunca imaginei qual seria a voz dela. Ouvi-la falar em minha mente pela primeira vez é como ver o sol nascer sobre um campo de gelo.

Pinta o mundo em cores que eu nem sabia que existiam.

Uma sensação incrível de certeza se desenrola dentro do meu peito. Durante esse tempo todo as fraturas de nossa união me

incomodavam de um jeito que eu nem percebia ou sentia. Agora que finalmente desapareceram eu consigo perceber. É como se sentar depois de um longo dia de trabalho e perceber que estava ignorando as dores do corpo inteiro.

É alívio... um alívio estarrecedor, devastador.

Por fim consigo respirar, e percebo o que ela disse — uma afirmação, não uma pergunta. Um protesto cresce em mim, prestes a afirmar que eu sempre quis estar aqui.

Mas uma onda de divertimento — o divertimento *dela* — varre minha negação para longe.

— Não finja. Antes, você lutava contra o que é. Contra o que poderíamos ser. Mas decidiu não lutar mais.

As palavras trazem a dor da verdade. E mais.

Pelo nosso elo, sinto que Anassa está me avaliando, uma repreensão surpreendentemente suave, que aponta cada vez que a afastei. Cada vez que duvidei dela, que lutei contra ela, que a rejeitei.

Cada vez que insultei nossa união por pensar nela como algo temporário.

E cada vez que a impressionei com minha garra, também.

Percebo que foi só por isso que ela não desistiu de mim. Que me protegeu na Apresentação. Que cooperou para me fazer passar pelo Rito da Voz.

Ela *quer* essa união... ou ao menos quer tentar.

E está satisfeita por eu enfim aceitá-la, ainda que não confie em mim. Ainda que parte dela ainda queira fazer picadinho de mim por todas as maneiras como a desrespeitei.

Deusa, minha cabeça está girando. A mente e os *sentimentos* dela são avassaladores. É difícil encontrar meus pensamentos dentro da mente; estão soterrados pelo que recebo dela. Parte de mim se pergunta se ela também não manteve a muralha por causa disso, para me proteger. Ela sabia que eu ainda não era forte o bastante

para recebê-la por inteiro.

Meus olhos ardem, queimam com lágrimas inexplicáveis.

— *Me desculpe* — respondo em pensamento, incapaz de falar as palavras em voz alta. — *Eu não sabia... eu não entendia.*

Outra onda de sentimentos me envolve. Há satisfação nela. Irritação também. Esperança e desconfiança.

— *Eu vou trabalhar com você* — declara Anassa por fim, sua voz mental carregando tanto promessa quanto aviso. — *Mas saiba disto: eu escolhi você por um motivo. Não faça com que eu me arrependa.*

Antes que eu consiga reunir forças para perguntar por que ela me escolheu, a conexão se extingue. Não como antes — não sinto a pancada seca da muralha de ferro —, mas está claro que a conversa acabou.

Quando Anassa se recolhe de novo nas sombras, fico com uma sensação de vazio imenso que não consigo explicar.

Como se tivesse perdido algo que nem sabia que me faltava até agora. O mesmo que senti depois do Rito da Voz, quando ela me deixou entrever lampejos de uma possível ligação entre nós — só que agora amplificado em uma escala impossível de medir.

Desço de volta para meu quarto envolta em um nevoeiro de perguntas sem resposta, o eco da voz régia de Anassa ainda ressoando alto na minha mente.

Quando Anassa me encontra no campo de treinamento na manhã seguinte, eu sei que o dia vai ser diferente. Ela não fala comigo de novo, mas a muralha entre nossas mentes agora é pouco mais que uma membrana porosa. Através dela consigo sentir seus sentimentos, seu foco, cada intenção.

Ela me encara quando Stark ordena que montemos. Sua desconfiança volta a se acender, esperando que eu afaste a conexão.

Não afasto. Apenas pouso a mão em seu pescoço largo e peludo e

aceno com a cabeça.

Vou fazer o meu melhor, penso em sua direção. *Estou disposta a tentar.*

Ela pisca devagar em um reconhecimento silencioso e desvia a cabeça, esperando que eu suba em suas costas. Quando monto nela e começamos a aquecer, meu corpo se prepara instintivamente para a resistência da loba, inconscientemente esperando que tente me derrubar de novo.

Só que ela não tenta, embora me lance um olhar irritado por cima do ombro.

Mando um pedido de desculpas mental e forço meus membros a relaxarem. Uma tensão sutil, que eu nem tinha percebido, se dissolve em Anassa também. Os músculos do dorso dela amolecem.

O aquecimento começa com algumas voltas pelo campo de treino, depois exercícios de agilidade com enormes bastões em zigue-zague e obstáculos no extremo da arena.

É difícil resistir ao instinto de direcionar Anassa. É apavorante estar montada em um animal tão imenso e saber que não estou no controle. Mas Anassa sente minha aflição. O pelo entre seus ombros se arrepia com uma irritação correspondente.

Confie, falo para mim mesma com dureza, inclinando-me sobre a enorme loba. *Você tem que confiar nela, Meryn. Caso contrário, isso nunca vai dar certo.*

De novo Anassa responde, embora não fosse minha intenção deixá-la ouvir esse pensamento. Vou ter que finalmente começar a usar algumas das estratégias de comunicação que aprendemos na aula de Samson. O pelo eriçado relaxa. A passada dela se alonga, mais segura.

Ainda estou nervosa enquanto tento acompanhar o ritmo de Anassa, movendo-me com ela em vez de tentar guiá-la.

Escute. Ouça.

A ordem chega como um pensamento sem palavras — uma

intuição vaga —, mas minha mente traduz com facilidade. Foco todos os meus sentidos na loba. No compasso de suas patas contra o chão. No jeito como o peso dela se desloca a cada passada. Na forma como suas orelhas se inclinam e sua cabeça gira um instante antes de mudar de direção.

Quando chegamos aos saltos de barreira no fim do percurso de agilidade, estou consciente de cada músculo do corpo dela se tensionando e soltando, até o flexionar dos dedos das patas quando as garras cravam na terra.

De algum modo, sei exatamente o quanto devo me inclinar sobre o pescoço dela no início de cada salto. E como sustentar meu peso fora de suas costas quando ela aterrissa, para que o impacto não atrapalhe sua passada.

Ela não coloca nada disso em palavras, nem em imagens — ou sequer sentimentos.

Mas eu... *sei*.

O cenário de treino que Stark nos dá hoje é focado em manobras defensivas. Vários pares de Recém-unidos são escolhidos para interpretar companheiros "feridos", enquanto outros fazem o papel de "atacantes". O restante, incluindo Anassa e eu, recebe a missão de proteger os feridos.

Consigo perceber o exato momento em que meus instintos de luta se alinham com a experiência de batalha de Anassa, engrenando-se como rodas de um mesmo mecanismo. Ao contrário do que tentava fazer antes, não preciso guiá-la; tenho apenas que ajustar minha esgrima aos padrões naturais de caça dela.

É quase como uma dança.

Quando ela avança num ataque, minha espada já está lá para atingir a abertura que ela deixa. Quando salta de volta, giro para defender o flanco exposto dela.

A nossa confiança uma na outra cresce devagar a cada

movimento, e uma euforia inesperada borbulha no meu peito. Já não há mais cooperação desajeitada e sensação de trabalho forçado. Agora nos movemos juntas com uma precisão letal — ainda que não com a fluidez absoluta de Stark e seu lobo.

A coordenação deles carrega uma unidade predatória, como dois assassinos que compartilham uma só mente, um só objetivo:

Caçar. Matar. Vencer.

A ideia de que Anassa e eu talvez possamos chegar a esse nível de união me enche de uma ânsia inesperada. É *bom* trabalhar com ela em vez de estar sempre em conflito.

É uma sensação *poderosa*.

Com a ajuda de Anassa, talvez eu realmente tenha uma chance de encontrar minha irmã.

Mas isso ainda está longe. Estamos só começando a encontrar nosso ritmo.

Enquanto tudo acontece, Stark circula em seu enorme lobo negro, nos observando como um falcão. Tento ignorá-lo, mas vejo seu rosto de novo e de novo. E, a cada vez, sua expressão está mais obscura, mais cruel.

Seus brados de comando jogam nossos "atacantes" em um frenesi assassino. Em meio a um turbilhão de movimento e ao tinir de metal, Anassa e eu conseguimos nos defender contra três investidas simultâneas.

— De novo! — rosna ele. — Mais forte na Cooper desta vez!

De repente estamos cercadas. Três atacantes de um lado, dois do outro.

Mas que merda é essa? Ninguém mais está recebendo esse tratamento! Por que ele sempre tem que implicar com a gente?

Que sádico desgraçado.

Mas eu cerro os dentes e me concentro, confiando que Anassa sabe o que fazer.

Ela dispara e salta numa velocidade incrível, atacando e

defendendo em sequência. Nem sei como, mas consigo continuar montada. É quase como se eu estivesse fundida ao corpo dela. Meu braço com a espada se move instintivamente, seguindo a liderança de Anassa com uma precisão coreografada.

Por um milagre, no fim da sessão nós duas estamos ofegantes e salpicadas de sangue, mas invictas.

Para minha surpresa, fico até um pouco desapontada que tenha acabado. Olho para a loba ao desmontar e sorrio sem pensar.

Isso foi bom, penso na direção dela.

Anassa não retribui o pensamento, apenas se vira e se afasta, como sempre. Mas sinto a onda de sua satisfação.

E, pela primeira vez em muito tempo, os hematomas no meu corpo se aquecem e se curam. Ela finalmente voltou a usar seus poderes de cura em mim.

Então percebo o estranho silêncio que paira sobre o campo de treinamento. Os outros pares de Recém-unidos estão nos encarando como se nunca tivessem nos visto antes. Alguns cochicham em tons de espanto.

Hm. Acho que impressionamos.

Sentindo o peso de um olhar em específico, me viro para Stark enquanto todos começam a deixar o campo. Quero ver algum sinal de aprovação naqueles olhos tempestuosos, por mais que odeie admitir isso.

Qual é o meu problema, buscando o elogio de alguém que até pouco tempo atrás me ameaçou com um "acidente"?

Como sempre, seu olhar rancoroso parece capaz de escurecer até os céus ensolarados de Astreona. Às vezes me pergunto se essa é a arma secreta dele nos campos de batalha: rosnar para todos os Sifões como a criatura selvagem que é.

Levanto o queixo para ele, desafiadora. Nós dois sabemos que meu sucesso hoje significa que estou bem menos propensa a ser assassinada por algum outro Recém-unido.

É o que eu espero.

Quando volto para meu quarto à noite, noto um bilhete sobre a mesinha. O quarto estava trancado, o que significa que só pode ser de uma pessoa.

Killian.

Eu me aproximo do bilhete com cautela, e a curiosidade de Anassa se acende no fundo da minha mente.

— *É do homem com quem eu costumava... me envolver* — mentalizo para ela.

— *Já percebi* — responde, seca.

Ela provavelmente está irritada por eu gastar tanto da minha energia mental com Killian quando deveria estar treinando e fortalecendo nossa união.

Ela concorda.

Suspiro e abro o recado. Não sei bem o que esperar. Depois de vê-lo no Rito da Voz, tudo que eu queria era procurá-lo, consertar o que há de errado entre nós e encontrar um jeito de seguir em frente. Mas será que posso mesmo voltar a confiar nele?

O bilhete elimina qualquer questionamento.

Venha ao meu quarto quando receber isso. Tenho novidades a respeito dos Levadores. Vá pela passagem de serviço, ignore todas as bifurcações. Ela termina no meu quarto. — K.

Se ele descobriu algo sobre os Levadores, sobre Saela, eu preciso ir. Pego minha lamparina a óleo, abro o armário e afasto as roupas. Tateio até encontrar o painel e meus dedos enfim sentirem um botão.

Eu o aperto, e o painel de madeira se abre, revelando um túnel de pedra escuro. Killian falou para seguir reto pelo caminho. Fácil.

Mas, à medida que as paredes de pedra se torcem para o coração do castelo, os pelos da minha nuca começam a se arrepiar, como se

algo estivesse errado.

Assim como naquela noite depois da Apresentação, as sombras parecem se mover por vontade própria. Sussurros tênues ecoam pelas paredes, vindos de lugar nenhum e de todos os lados ao mesmo tempo. Fracos demais para que eu possa distinguir as palavras, mas carregados de uma energia perturbadora que se instala atrás dos meus olhos e me deixa tonta.

Com a cabeça rodando, paro sob a luz fraca da lamparina.

Que porra é essa?

As vozes crescem.

Apoio a mão na pedra fria para me equilibrar, e o horror inunda meu estômago. *É igualzinho a um dos ataques da minha mãe*.

Balanço a cabeça, sem saber se para afastar o pensamento ou para expulsar as vozes.

Uma visão me atinge, minha mãe sentada à mesa da cozinha, em transe, encarando o nada. Falando com fantasmas.

Era assim para ela? Estou enlouquecendo também?

Cambaleio para a frente, determinada a não ceder ao que quer que seja isso. Se conseguir chegar até os aposentos de Killian, talvez as vozes parem, a realidade volte a se afirmar e eu me sinta normal de novo.

O caminho continua levando para as entranhas do castelo, até que chego a algo que parece uma bifurcação. Estou desorientada e de repente não sei mais qual direção devo seguir. Avanço e percebo minutos depois que comecei a descer em vez de subir até o quarto dele. O ar aqui embaixo é pesado, saturado de mofo e umidade antiga.

Tropeço no escuro, e meu ombro se choca contra algo macio.

Um tecido pesado e empoeirado despenca sobre mim — uma tapeçaria, antiga e desbotada. Os sussurros atingem o auge em um crescendo selvagem quando o tecido desliza de mim e cai no chão.

Meu arquejo ecoa de forma sinistra nas paredes frias de pedra.

Onde antes estava a tapeçaria há uma enorme imagem intrincada esculpida diretamente nas pedras — uma mulher montada sobre um lobo imenso, o rosto sereno. Na cabeça, uma coroa trabalhada com a figura de dois lobos-gigantes saltando um contra o outro.

Reconheço vagamente o estilo como antigo, muito diferente das outras esculturas e estátuas espalhadas pelo castelo. É mais rudimentar, marcada pelas ferramentas do entalhador, mas nem por isso menos elegante.

Minha visão oscila estranhamente quando passo os dedos pelo rosto da mulher. Assustada, percebo que é a união — Anassa ganha vida na outra ponta, sua atenção se voltando para mim, cheia de curiosidade.

Por que essa escultura estaria escondida no castelo? E logo *aqui*?

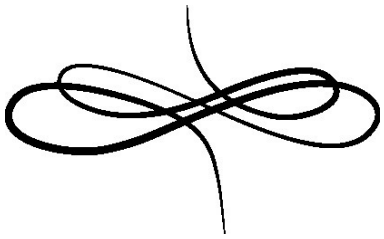
Toco o entalhe de novo, para confirmar que ele realmente existe. Não estou imaginando, estou? Como os sussurros?

Como se respondessem ao meu pensamento, as vozes explodem novamente. Minha mão treme contra a coroa da mulher, e as vozes pressionam meu crânio como um peso físico.

Minha respiração falha. A visão escurece. De algum lugar distante, sinto minhas pernas cederem.

O último pensamento que tenho antes de perder a consciência é de que Killian ficará me esperando, se perguntando o que aconteceu comigo.

25



Recupero a consciência aos poucos. Sensações pairam ao meu redor, desconexas. Seda quente contra minha pele. O cheiro de óleos queimando. Um rosto me observando, moldado pela luz suave da lamparina.

Pisco devagar e me esforço para focar os traços familiares e marcados, tensos de preocupação.

Lee.

Arfando, recupero a consciência de vez.

— Graças à Deusa que você acordou — diz Killian quando tento me erguer. — Não, não se mexa. Você está segura, está tudo bem.

Relutante, afundo de volta nos travesseiros de veludo e olho ao redor. Acho que estamos nos aposentos dele.

O quarto de Killian é um retrato da mais pura opulência real. Seda, cetim e veludo por toda parte. Lâmpadas de cristal e tapeçarias elaboradas. Pinturas enormes emolduradas em dourado. O lugar faz as áreas dos Unidos parecerem modestas em comparação.

Mas não estou interessada em catalogar detalhes agora.

— O que aconteceu? — pergunto, com a voz arrastada, tentando afastar a desorientação. Minha cabeça ainda gira.

— Eu ia perguntar a mesma coisa — responde Killian, pegando uma tigela de água da mesa de cabeceira. Ele pressiona um pano úmido e fresco contra minha testa. — Você não apareceu, então fui

atrás de você. Te encontrei inconsciente no corredor.

Tudo volta de repente.

O corredor. A escultura na parede...

Os sussurros.

— Gatinha? — chama Killian suavemente, a apreensão estampada em cada traço de seu rosto.

Eu me afasto do toque dele, a familiaridade me machucando, por mais que eu a deseje.

Não posso contar sobre os sussurros, o medo crescente de ter herdado a loucura da minha mãe. Por mais que eu queira aliviar o peso desse medo, ainda não confio nele assim.

— Não sei — falo, forçando uma risada displicente. — Acho que desmaiei de exaustão. O treinamento tem sido puxado nos últimos dias. — Procuro por um relógio. — Que horas são?

— Tarde — responde ele. — Você dormiu por horas.

Sinto um arrepio.

Merda. Isso não pode ser bom.

— Quando me encontrou no corredor...

As sobrancelhas dele se erguem quando deixo a frase morrer.

— O quê?

Droga. Talvez seja uma péssima ideia... mas preciso saber.

— Você viu uma escultura na parede? — pergunto. — Uma mulher montando um lobo-gigante, usando uma coroa com a figura de lobos saltando?

Ele me lança um olhar confuso, e meu coração afunda no peito.

— Não. É um corredor antigo de serviço — responde. — Não tem escultura nenhuma nas passagens de serviço.

Para minha surpresa, Anassa se agita com isso — um rosnado baixo reverbera em minha mente.

— *O que isso quer dizer?* — exijo.

Mas é claro que a loba não me responde. Será que ela também viu a escultura? Ela era real ou Anassa pode enxergar minhas

alucinações?

Enquanto isso, Killian me observa com expectativa, a preocupação formando um vinco em sua testa.

— Ah — falo, fraca, torcendo para que ele não perceba o pânico crescente dentro de mim. — Eu... devo ter sonhado, então.

Killian suspira.

— Pedi que viesse aqui por um motivo, Meryn, mas estou achando que é melhor deixarmos pra quando você estiver melhor.

— Me conta logo — falo. — Se tiver qualquer coisa a ver com a minha irmã, eu quero saber.

Ele me encara com um olhar profundo e finalmente fala:

— Pegamos um. Um Levador.

Meu coração dispara.

— *O quê?!*

A escultura, os sussurros, minha iminente loucura — tudo é esquecido por um instante. Eu me ergo da cama num pulo, ignorando os protestos de Killian.

— Espere, Mer, você precisa descansar...

— *Onde está o Levador?* — exijo. — Ele está aqui no castelo?

— Meryn. — Killian tenta me conduzir de volta para a cama. — Sua saúde...

Eu o corto com uma intensidade feroz:

— Me leve até ele... *agora*!

As masmorras do castelo são um choque depois da opulência dos aposentos reais de Killian. O lugar fede a mijo, merda, sangue velho e corpos suados — não muito diferente de certas partes da cidade. Sinto uma pontada de autodesprezo, querendo recuar diante da imundície.

Na verdade, as paredes de pedra escura e o chão coberto de palha estão mais limpos que algumas ruas onde cresci.

Será que já me acostumei tanto assim ao luxo?

Dois guardas reais permanecem em posição de sentido quando Killian e eu passamos. Lanço um olhar nervoso para os homens, embora Killian já tenha me assegurado de que são leais a ele e não contarão a ninguém que estivemos aqui. Espero que esteja certo.

A maioria das celas está vazia e escura na meia-luz. Passamos por uma cela grande e comunitária com dois bêbados dormindo lá dentro, exalando o fedor de licor forte; depois, por uma série de celas menores. Por fim, chegamos ao fim do corredor. O cheiro de sangue fresco invade minhas narinas.

Um homem de pele pálida está largado numa cadeira de madeira rústica, braços e pernas amarrados com cordas pesadas. Foi espancado sem piedade. O rosto está inchado e ensanguentado, com feições irreconhecíveis. Do lado de fora da cela há uma mesinha de madeira. Sobre ela, um conjunto de instrumentos manchados de sangue. Alicates, facas, algo que parece um saca-rolhas.

O homem ergue a cabeça. Seus olhos são nada mais que um brilho negro em meio ao rosto destruído.

Killian faz um aceno para mim.

— Você é um Sifão? — exijo através das grades.

Há uma pausa enquanto o homem me encara com exaustão e desconfiança.

— Não.

Dou um passo para mais perto das barras, a raiva faiscando em minhas veias.

— Quem é você?

— Ninguém — responde ele, arrastando a voz. — Só um homem dos subúrbios do Distrito Sul.

As roupas esfarrapadas e a fala grosseira confirmam.

— Quem te contratou?

— Já falei pros guardas — rosna ele. — Vai acabar logo comigo

ou o quê?

Killian se aproxima, sua presença imensa ao mesmo tempo calma e dominante.

— Responda — ordena ele, frio.

O homem solta um grunhido.

— Eu não sei. Quem quer que fosse, usava uma máscara. Não fiz perguntas.

Monstro maldito.

— O que acontece com as crianças que são levadas? — pergunto, a raiva se transformando em puro ódio.

Esse homem anda arrancando crianças de suas famílias. Pode muito bem ter sido ele quem levou Saela.

— Eu não sei — diz o homem, desviando o olhar.

A fúria explode dentro de mim. Bato a mão nas grades com força suficiente para fazê-lo se encolher.

— Você está mentindo, porra!

O maxilar dele se contrai.

— Olha, eu não machuco as crianças, tá? Ainda estão vivas quando eu entrego pro comprador.

Eu me viro para Killian em um apelo silencioso. Não sei o que fazer.

O olhar do príncipe é impiedoso, a boca franzida em uma linha dura, furiosa. Sem falar nada, ele pega uma chave e destranca a cela. Depois, apanha o alicate da mesa e entra.

O medo nos olhos do Levador me enche de uma satisfação sombria. Killian ergue o alicate e o posiciona cuidadosamente na unha do dedo indicador esquerdo do prisioneiro.

A voz de Killian é baixa e perigosa:

— O que acontece com as crianças?

O Levador começa a tremer, os lábios inchados balbuciando:

— Eu-eu não sei!

O grito dele ecoa nas paredes quando Killian arranca a unha da

carne.

Puta merda.

Nunca tinha visto Killian assim antes. Não fazia ideia de que ele podia ser tão... brutal.

Ele se inclina sobre o prisioneiro, ameaçador, e uma centelha inesperada percorre minhas veias ao ver esse homem refinado recorrer a uma violência selvagem em meu nome.

— Vamos tentar de novo — diz Killian em voz baixa, encostando o alicate em outra ponta de dedo. — O que. Acontece. Com. As. *Crianças*?

— P-por favor... Eu-eu não...

Outro grito corta o ar, eriçando os pelos da minha nuca e fazendo meu coração disparar. Killian ergue o alicate, mantendo os olhos vidrados do prisioneiro presos nos seus enquanto deixa a unha ensanguentada cair no chão.

— Restam oito — murmura. — Depois partimos para os pés.

— Eles vão me matar! — grita o homem.

Killian inclina a cabeça para o lado, o cabelo loiro-escuro caindo sobre os olhos de aço. Parece um deus vingativo.

— E você acha que eu não vou?

O homem começa a chorar, lágrimas abrindo trilhas limpas em meio às bochechas ensanguentadas.

— Tá bom! Nós levamos as crianças pra um armazém abandonado no Distrito Sul!

— E depois? — exige Killian.

— A pessoa mascarada pega elas de lá e tira da cidade. É tudo que eu sei, juro!

Entro na cela, parando ao lado de Killian.

— Qual armazém? — intervenho. — Em que rua?

Ele nos dá o endereço entre soluços engasgados.

— Quantos Levadores existem? — pergunto. — Onde podemos encontrá-los?

O homem balança a cabeça.

— Eu sou o único.

Sem uma palavra, Killian se abaixa e arranca mais uma unha.

O uivo de dor do homem faz meu sangue martelar nos ouvidos.

— Meu irmão! — grita ele. — Foi ele quem me trouxe. Alguns dos nossos amigos também. — A cabeça dele pende enquanto os soluços o consomem. — Me desculpa! Me desculpa! O dinheiro... A gente precisava do dinheiro!

— Seu verme nojento — rosnou Killian. — Eram *crianças*! Você merece morrer pelo que fez.

— Diga os nomes — falo. — Do seu irmão e dos outros Levadores.

O homem nos passa os nomes entre soluços patéticos. Então Killian olha para mim em silêncio, perguntando sem palavras.

Terminamos aqui?

Balanço a cabeça. Ainda tenho mais uma pergunta.

Eu me abaixo para olhar nos olhos do prisioneiro e pergunto:

— Há pouco mais de um mês, um de vocês levou uma garota de uma casa no Distrito Leste. Saela. Cabelos escuros, olhos cor de avelã. Onze anos. O que aconteceu com ela? Ela está no armazém?

— Eu não sei! — geme o homem. — Não levei menina nenhuma!

Uma quarta unha se junta às outras no chão, os gritos dele reverberando em meus ouvidos. Uma satisfação sombria inunda minhas veias, alimentando a fúria que ainda arde em meu estômago.

— *Eu disse que não sei!* — uiva o homem. — Foram crianças demais! Já não me lembro mais dos rostos! — Ele soluça tão forte que começa a se engasgar. — Por favor, eu juro, não conheço nenhuma Saela!

Killian faz sinal para que os guardas entrem, enquanto eu ainda encaro o prisioneiro trêmulo, tomada por um prazer sádico.

— Levem o máximo de guardas possível para esse endereço — ordena Killian a um deles. — Encontrem os outros Levadores e prendam todos. Vamos acabar com a operação.

O guarda assente e sai às pressas, enquanto Killian se volta para o segundo.

— Matem-no.

Algo dentro de mim se rompe. Sombras escuras invadem minha visão, como naquela noite no corredor, quando matei o Recém-unido Daemos. Uma sensação primal me toma, trazendo Anassa junto.

Trazendo uma fúria exposta, *selvagem*.

— Não — rosno, a violência me invadindo como uma maré impossível de conter. — Esse verme é *meu*.

Não vejo mais nada enquanto avanço sobre o Levador, minha adaga surgindo na mão. De algum lugar distante, ouço seus apelos patéticos, seus soluços de terror. Os olhos do homem reviram enquanto ele se debate contra as cordas.

Nada me atinge. Nada atravessa o manto de sede de sangue que tomou conta de mim.

— *Tenha misericórdia!* — berra ele. — *Por favor!*

Ouço minha própria voz, áspera como metal rangendo contra pedra:

— Alguma daquelas crianças recebeu misericórdia? Minha *irmã* recebeu misericórdia?

Não espero resposta.

Minha lâmina mergulha fundo, rasgando carne e músculo, raspando contra o osso. Um jato de sangue quente respinga em minha mão e meu rosto.

Não sei quantas vezes minha lâmina sobe. Quantas vezes corta a pele do Levador. Nem percebo quando ele para de gritar. Sou pura fúria assassina, alimentada pelo cheiro de sangue e pela aprovação selvagem de Anassa.

Por fim, ouço Killian gritar meu nome. Sinto suas mãos me puxando para trás.

— Ele está morto, Meryn. Acabou.

Viro-me para ele, atordoada, piscando para afastar o sangue dos olhos, e encaro o prisioneiro de novo. Seu tronco é uma massa carmesim brilhante. O rosto espancado está pálido, inerte, a cabeça caída contra o encosto da cadeira. O sangue escorre pelas pernas, formando poças no chão de pedra. Meu rosto e minhas mãos estão grudentos de sangue.

Killian me observa com preocupação. Estamos sozinhos. O segundo guarda já saiu há muito tempo. Mas ele deve ter visto... deve ter ouvido os gritos.

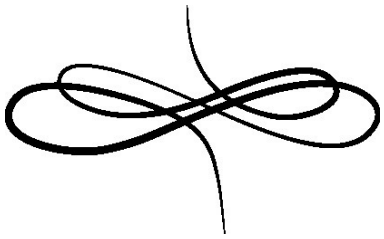
Levanto a faca ainda vermelha e espero sentir nojo pelo que fiz.

Mas não sinto. Não consigo. Eu faria de novo e de novo para proteger minha irmã e todas as outras crianças plebeias.

A voz de Anassa enche minha mente, grossa de fúria:

— *Algumas pessoas merecem morrer.*

26



Não lembro da maior parte do caminho de volta até os aposentos de Killian. Sou invadida por um torpor horrível. Penso em Sae e me pergunto se o homem que acabei de matar foi quem a levou embora.

Não é a primeira vez que penso no quanto ela deve ter se sentido apavorada. No quanto deve ter se sentido sozinha.

O torpor derrete, substituído de novo por aquela onda sombria de violência. Me dá vontade de matar aquele desgraçado mais uma vez. E o irmão dele, e todos os amigos também.

Escória do maldito reino.

Começo a voltar a mim quando Killian me guia para a sala de banho ligada ao quarto dele. O lugar faz o lavatório dos Unidos parecer uma piada. Mosaicos elaborados cobrem as paredes, pontilhados de pedras preciosas que captam a luz das lamparinas como estrelas. Há uma banheira funda escavada no chão, grande o bastante para abrigar dez pessoas confortavelmente, o vapor já subindo de uma água que exala óleos perfumados e ricos.

— Você deveria se limpar — diz Killian, me observando sem julgamento. — Vou te dar privacidade.

Devo estar horrível agora, com o rosto e as mãos ainda grudando de sangue. Mas ele não vacila ao me ver assim. Nunca vacilou. Killian sempre, *sempre* me aceitou como sou. Aceitou meu lado selvagem e me ajudou a resistir aos impulsos mais autodestrutivos.

Ele se vira para sair, mas eu o seguro pelo pulso, a parte de mim que vinha lutando contra ele finalmente silenciada. Penso em sua calma ao torturar o prisioneiro.

Como agiu de forma calculada, brutal. O quanto gostei de vê-lo assim.

Estou exausta e frustrada por não termos descoberto nada sobre Saela, porém, mais do que tudo, estou cansada.

Cansada de lutar contra isso, cansada de fingir que não anseio estar em seus braços, deixando que ele cuide de mim.

— Fique — falo apenas.

Os olhos de safira dele se fixam nos meus, e ele dá um passo à frente.

— Tem certeza? — pergunta.

— Absoluta — respondo. — Senti sua falta.

Calmamente, ele pega minha mão e a coloca entre as mãos enormes dele, virando-a com cuidado.

— Também senti sua falta, gatinha. Você não se cortou?

O sangue em minhas mãos já está seco e rachando. Começa a se soltar em pequenas lascas sob o toque firme e inabalável dele.

— Acho que não — murmuro.

— Ótimo. Vamos te dar um banho.

Ele desabotoa e tira minha camisa encharcada de sangue, aproximando-se mais, o calor dele já irradiando pelo meu corpo. Killian se inclina e beija minha bochecha suja, depois meu ombro, depois o esterno, enquanto seus dedos ágeis desfazem a bandagem que envolve meus seios. Suas mãos descem até meus quadris, e ele me ajuda a me esgueirar para fora das calças e das roupas de baixo.

Então ele dá um passo atrás e fita com fome o meu corpo nu e ensanguentado. Sinto minhas bochechas corarem.

— Devo estar horrível.

— Você está mais linda do que nunca.

Meu coração se infla, e de repente sinto a presença de Anassa

crescendo mais forte na minha mente. Envergonhada, ergo a muralha de ferro entre nós por instinto.

— *Não nisso* — comunico, desesperada, torcendo para que ela me ouça por trás da muralha. — *Você não é bem-vinda nos meus momentos íntimos.*

Do outro lado, silêncio.

— Mer? — pergunta Killian, olhando para mim com estranheza.

— Desculpa — respondo, agarrando a camisa dele, ansiosa para despi-lo.

Para ver as linhas rígidas de seu corpo, sentir suas mãos.

Finalmente consigo admitir que estive desejando isso o tempo todo, querendo-o apesar da raiva e da dor. Noite após noite, vendo os outros Recém-unidos encontrarem prazer uns com os outros, e na minha mente era sempre ele: *Killian*.

Killian tira a roupa depressa. Seu corpo familiar é tão belo quanto sempre foi, magro, firme, músculos definidos. Meu olhar desce pelo abdômen esculpido até o comprimento endurecendo entre suas pernas. Minhas coxas se apertam só de ver. Acho que ele também estava frustrado.

Ele me guia pelos degraus até a água quente. Nós nos acomodamos em um banco de azulejo embutido na lateral da banheira.

— Aqui — murmura Killian, pegando um frasco da prateleira na parede. — Deixe que eu faço.

Assinto e abaixo a cabeça para molhar o cabelo na torneira. Depois me reclino contra o peito dele. A sensação de suas mãos em meus fios — os dedos deslizando com ternura pelo couro cabeludo — é tão suave, tão cheia de carinho, que lágrimas ameaçam vir. Eu estava faminta pelo amor e pela ternura dele.

Depois do cabelo ele passa para o corpo. E o toque de conforto logo se transforma em outra coisa.

O deslizar do sabão é quase pecaminoso, mesmo lavando os

últimos traços dos meus pecados violentos. Suas mãos me envolvem, uma descendo pela extensão do meu pescoço, a outra cobrindo meu seio, depois escorregando pela lateral do corpo.

O toque de Killian não perde o propósito — ele ainda ensaboa cada centímetro do meu corpo, os dedos gentis e precisos. Mas meus olhos seguem o caminho de suas mãos e meu rosto cora diante do erotismo da cena.

Seus dedos descem para as coxas e sobem de novo, massageando o sabão em ambos os seios. O roçar suave das palmas sobre meus mamilos acende um fogo em mim. Inclino a cabeça para trás, contra o ombro dele, incapaz de conter um gemido.

A respiração de Killian aquece minha pele, e consigo imaginar perfeitamente seu olhar divertido e excitado.

A mão dele conhece meu corpo tão bem. Cada toque atiça mais meu desejo, e fico cada vez mais molhada, mesmo imersa na água cheia de espuma.

Sem avisar, sua boca encontra meu pescoço, os dentes roçando e depois mordiscando, e solto um grito, me arqueando involuntariamente.

O toque dele se torna mais firme, possessivo. A mão se abre em meu abdômen, os dedos pressionando meu corpo contra o dele, me grudando em seu peito e em sua barriga, a ereção insistente na curva da minha bunda. Eu me esfrego contra ele, o deslizar da água com sabão tornando o atrito insuportavelmente sensual.

Ele se enrijece atrás de mim, os dentes se cravando mais fundo em meu pescoço.

— Killian — suspiro, e ele geme, rouco.

— Fale meu nome de novo — pede, a boca roçando meu ouvido.

— *Killian*.

Ainda me segurando firme nele com uma mão, a outra desliza mais baixo, mais baixo, até o lugar carente entre minhas coxas. O roçar dos dedos dele na água quente é elétrico. Eu me contorço e

gemo quando ele me toca exatamente do jeito que sabe que me deixa louca, acelerando e depois diminuindo o ritmo.

Minha respiração falha quando o orgasmo vem rápido demais.

— Ah, deusa... sim...

E então, num único movimento, ele afasta a mão, agarra meus quadris e nos reposiciona para que, quando eu volte ao lugar, seja sobre o pau dele, o calor do seu comprimento me preenchendo cada vez mais apertado. Depois de semanas sem ele, é quase demais. Eu arquejo enquanto Killian me puxa até o último centímetro, enterrando-se completamente dentro de mim.

Ele entrelaça os dedos nos meus por cima das minhas coxas, e juntos encontramos meu clitóris de novo. Cada toque é como fogo com a sensação dele fundo dentro de mim. Ele fica ainda mais duro à medida que me aperto em volta dele.

As mãos dele voltam para os meus quadris, e Killian me ergue e então me puxa para si de novo, me fodendo enquanto busco meu próprio prazer. Eu me toco desesperadamente e então começo a me desfazer ao redor dele.

— Goza pra mim, gatinha — rosna ele, e isso basta para me levar ao limite.

Eu grito ao gozar e pressiono os quadris nele, querendo sentir cada centímetro, e então ele também goza, dando estocadas vigorosas que o empurram ainda mais fundo enquanto eu arquejo, as ondas do meu orgasmo ainda me causando espasmos.

Finalmente nós dois paramos de nos mover, e eu saboreio a sensação de tê-lo ainda dentro de mim, me preenchendo enquanto ambos lutamos para recuperar o fôlego.

— Isso foi...

Não sei se tenho palavras para descrever. O prazer, o conforto das mãos dele, a água quente, a ardência de suas mordiscadas.

O cansaço me atinge, e eu me afundo ainda mais nele. Seus braços me envolvem, possessivos.

— Me desculpe — murmura ele em meu cabelo. — Me desculpe não termos descoberto nada sobre Saela.

Com o coração inchado de amor e dor, eu me viro em seus braços, enlaço minhas pernas em torno dele e pressiono minha boca contra a sua.

— Não peça desculpas — sussurro. — Por sua causa, os Levadores vão ser destruídos. Nenhuma criança vai desaparecer de Tempesgelo de novo. É uma vitória, ainda que a gente não tenha descoberto nada sobre Saela. É mais do que eu jamais esperei. Obrigada.

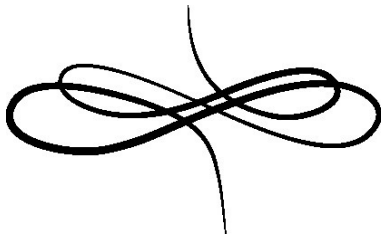
Ele sorri, mas há dor em seus olhos.

— Nós vamos encontrá-la. Eu prometo. Não vou desistir até conseguirmos.

As lágrimas que já tinham ameaçado cair retornam. E com elas surge uma convicção de aço que se instala até o âmago dos meus ossos.

Ele tem razão. De uma forma ou de outra — com o poder de Killian, minha união com Anassa ou a força das minhas mãos cobertas de sangue —, eu *vou* trazer minha irmã de volta para casa.

27



Na manhã seguinte, Egith nos encontra no campo de treinamento dos Estrategos. Ela espera até que todos estejamos ao lado de nossos lobos. Anassa se aproxima de mim em passos silenciosos, sua pelagem branco-prateada cintilando sob a luz de inverno, mas nem sequer olha pra mim.

— *Bom dia pra você também* — mentalizo para ela.

Nenhuma resposta.

— Parabéns, Recém-unidos — anuncia Egith. — Vocês alcançaram uma nova e crucial fase do treinamento.

Um murmúrio percorre o grupo, e Izabel me olha animada. Não sei por que está tão contente.

Uma nova fase significa desafios mais duros. Mais chances de fracassar.

— Agora que passaram pelo Rito da Voz, devemos começar o treinamento que permite acessar as habilidades mais profundas, que são exclusivas de cada alcateia — prossegue Egith. — Como bem sabem, cada uma tem os próprios poderes. Os lobos Estrategos podem compartilhar suas capacidades estratégicas elevadas, que são intensificadas com a união do grupo.

Egith faz uma pausa, e seu olhar cortante percorre a fileira para garantir que todos estejamos atentos.

— Essas habilidades são indispensáveis em uma batalha — prossegue. — Elas se manifestam de maneiras fundamentais.

Primeira: uma compreensão quase premonitória dos movimentos das tropas. Segunda: a capacidade de detectar fraquezas nas formações inimigas. Terceira: calcular probabilidades e desfechos com precisão sobrenatural. Entretanto... — ela se vira diretamente para mim e arqueia uma sobrancelha — ... acessar esse poder exige sincronização completa entre lobo e cavaleiro.

Suspiro. *Ótimo, obrigada pela confiança, Egith.*

— Quando falo que a conexão com seu lobo deve ser completa, estou falando sério — acrescenta Egith, caminhando pela primeira fileira de Recém-unidos, passando por Perielle, que permanece altiva ao lado de seu lobo. Eu poderia apostar que os dois têm uma conexão perfeita. — Vocês precisam pensar como uma só mente, compartilhar o mesmo propósito. Quando alcançarem esse nível de unidade com seus lobos, serão capazes de se ligar mentalmente a uma alcateia, o que permite intensificar seus poderes em momentos de grande necessidade. Portanto, confiem em seus lobos e deixem que eles os conduzam à união da alcateia. Eles sabem o que fazer.

Mais uma vez, o olhar de Egith recai sobre mim.

— Não se enganem, Recém-unidos — declara ela. — Isso não será fácil. Alguns de vocês vão fracassar. E, se não conseguirem superar esse fracasso, vocês serão eliminados da alcateia.

Adorei o discurso motivacional.

Ela sinaliza para começarmos e fica esperando que nós... Bem, eu não faço ideia do que ela espera que a gente faça.

Olho em volta e vejo os outros Recém-unidos fecharem os olhos e respirarem fundo, como se meditassem. Alguns chegam a soltar exclamações, estremecendo visivelmente quando algo se passa entre eles e seus lobos.

Ah. Certo. Acho que é isso que devemos fazer.

À minha esquerda, Izabel solta um longo suspiro trêmulo.

— Eu vejo... um campo de batalha.

— Eu também — fala outro Recém-unido, mais à frente do grupo. — É tão nítido... como se eu estivesse assistindo acontecer diante dos meus olhos!

— Muito bem — comenta Egith. — Concentrem-se. Deixem as visões se desenrolarem. O que seus lobos estão tentando mostrar a vocês?

Olho para Anassa enquanto os outros começam a descrever suas visões de batalhas e das estratégias que levaram à vitória — ou à derrota.

— *Então... devemos tentar?* — pergunto a ela.

Nada. Ela nem sequer olha para mim. Quando tento alcançá-la pela união, sinto um aperto no peito.

A muralha de ferro está de volta, tão impenetrável quanto antes.

— *Que merda, achei que a gente já tinha superado essa palhaçada!* — mentalizo para ela, sabendo que ela consegue sentir minhas emoções, mesmo que se recuse a ouvir minhas palavras.

Nenhuma resposta.

Merda.

Não me resta alternativa além de ficar aqui, fingindo meditar para que Egith, com seu olhar atento, não perceba meu fracasso. Pelo menos não sou a única que parece não receber visão alguma.

Uma das poucas, ao menos.

Por fim, Egith encerra o exercício com um anúncio de gelar os ossos.

— Pratiquem o aprofundamento da união com seus lobos o máximo possível nas próximas semanas, Recém-unidos — fala, de forma grave. — O Rito de Expurgo chegará antes que percebam, e com ele se encerra o período da Forja. Depois desse ponto, os Recém-unidos que restarem passarão para o período da Provação, para aprenderem a trabalhar juntos como alcateias.

Os Recém-unidos que restarem. Não acredito que já estamos diante da morte outra vez, tão cedo. E, se bem me lembro, essa é a

oportunidade que as alcateias têm para eliminar membros que considerem fracos demais para sobreviver.

É tudo um absurdo.

— Espera aí — falo, incapaz de conter a frustração. — Eu não entendo essa coisa toda de Expurgo. Por que temos que matar uns aos outros? Por que reduzir nossas próprias fileiras quando precisamos de cada guerreiro disponível para lutar contra os Sifões?

Egith apenas franze a testa, tomada por uma decepção desconcertante.

Olho em volta. Perielle esboça um sorriso torto, como se eu tivesse acabado de me declarar a idiota da aldeia.

— Sério, alguém me explica isso — insisto. — Por que estamos sacrificando pares Unidos quando eles já são tão raros? Por que o rei exige isso? Por que todo mundo simplesmente *aceita*?

O silêncio que se segue é ensurdecedor. Ao meu lado, Anassa se eriça em desprezo silencioso. Até Izabel se encolhe de vergonha quando meu olhar cruza com o dela.

A voz de Egith ressoa de novo, trazendo o peso de uma raiva mal disfarçada.

— Isso não tem *nada* a ver com o rei.

Encaro seu olhar frustrado.

— Certo... então por quê?

— Lobos-gigantes são criaturas de alcateias — rosna ela —, se por acaso isso ainda não ficou óbvio para você. Esses Ritos foram criados *por* eles e *para* eles.

Espera... *o quê*?

— Você está dizendo que os lobos-gigantes criaram esse treinamento? — pergunto, indignada. — Que eles querem que a gente se sacrifique?

— Sim — responde Egith, irritada. — Em guerra, o elo mais fraco põe todos em perigo. Só podemos ter sucesso contra o

inimigo se agirmos juntos. E, se algum lobo-gigante ou cavaleiro Unido puder comprometer a segurança da alcateia, é do interesse de todos que ele seja sacrificado agora... antes que estejamos no campo de batalha e que a vida de *todos* esteja em risco.

Meus ouvidos começam a zumbir no silêncio que se segue.

Ah.

Ah... merda.

Sinto um frio aterrador na barriga.

Muito bem, Meryn. Você acabou de pintar mais uma porcaria de um alvo bem nas suas costas.

Através da união frágil com Anassa, sinto que a loba concorda com as palavras de Egith. E há algo mais... um aviso. Ou talvez um desafio.

Se eu estragar tudo, ela ficará feliz em me sacrificar.

Depois da aula, vou direto para os terraços em busca de Anassa. Ela está outra vez no nível mais alto, e a muralha mental entre nós está maior e mais impenetrável do que nunca. Minha frustração cresce a cada tentativa fracassada de alcançá-la através da nossa união.

Por que ela está fazendo isso? Achei que tivéssemos nos entendido.

Essa maldita loba vai acabar me matando.

Ainda assim, enquanto subo, o peso de vergonha me acompanha. Sei que me saí mal hoje ao questionar o processo. Se eu não conseguir trazer Anassa de volta para o meu lado, o Rito de Expurgo vai correr igual à Apresentação — só que, dessa vez, vai acabar comigo espatifada no chão. Pra valer.

Anassa poderia ter me dito que esses Ritos foram criados pelos lobos-gigantes, penso, o sangue fervendo a cada degrau vencido. *Ela poderia tornar tudo isso muito mais fácil se, de vez em quando, resolvesse me*

ajudar, caramba.

Foi ela quem me escolheu, afinal. Então por que tantas vezes eu tenho a sensação de que ela quer me ver fracassar?

Quando chego ao terraço superior, estou praticamente em ebulição. Anassa repousa lá no fundo, onde a muralha de pedra da montanha a protege do vento cortante.

— Qual é o seu problema? — disparo, tanto em voz alta quanto através da nossa união. — Como é que eu vou acessar o seu poder se você continua me bloqueando?

Anassa não se move, mas ouço sua voz dentro da minha cabeça, rica e trovejante como sempre.

E carregada de desprezo.

— *Que direito você tem de acessar o meu poder?* — rosna ela. — *Você ergue as próprias barreiras entre nós e ainda ousa exigir que eu me exponha a você?*

A acusação me pega de surpresa. Do que ela está falando?

Então me lembro da noite passada. Killian.

— Você está com raiva porque não deixo você presenciar momentos íntimos? — falo. — *É sério isso?*

Por fim, Anassa ergue a cabeça e me fita com aqueles olhos amarelos, incandescentes de fúria.

— *Criança ignorante. Você ainda não entende o que essa união significa, entende?*

— Que se foda a união! — rosno. — Eu tenho direito a um pouco de privacidade de vez em quando... Ainda mais quando tudo que você quer fazer é me julgar!

A voz mental de Anassa se torna gélida e perigosa.

— *Minha capacidade de sentir suas emoções o tempo todo e a sua de sentir as minhas é o que mantém nós duas a salvo.*

— A salvo de quê, exatamente, hein? Você me bloqueou por semanas depois que me escolheu — rebato, com escárnio. — Os meus próprios companheiros de alcateia, meus amigos, me

dilacerariam no ato se percebessem que é o que seus lobos-gigantes querem que eles façam. Pelo que vejo, Killian é a única pessoa nesse maldito castelo em quem posso confiar para não tentar me matar. Incluindo você.

Os olhos de Anassa se estreitam, e sua voz sai afiada, brutal:

— *Se eu quisesse te matar, você já estaria morta.*

Dou as costas para ela, fervendo de frustração, e ando de um lado para o outro na beira do terraço. O vento gelado arremessa meu cabelo contra os olhos, mas não ligo.

— Ótimo, você não está tentando me matar. Mas também não está tentando me manter viva, está? — pergunto, virando-me para ela. — E agora está me bloqueando porque estou transando sem deixar você espiar? *Sério?* É porque ele não é um dos Unidos? Você não quer que eu fique com ele porque isso não vai te ajudar a encontrar seu par?

De imediato, minha cabeça se enche com um riso estrondoso e zombeteiro.

— *Por que isso é engraçado?* — quase grito. — Não é por isso que todos os Recém-unidos transam como se não houvesse amanhã, noite após noite? Para que todos encontrem os pares dos seus lobos-gigantes?

A voz retumbante de Anassa vem carregada de condescendência.

— *O acasalamento constante entre os Recém-unidos não passa de entretenimento... mais para o benefício deles do que nosso. Nós deixamos vocês, humanos, se divertirem porque é a parte do treinamento que mais apreciam.*

— Aham, claro — retruco, rangendo os dentes. — E eu devo acreditar que você não se importa em encontrar o seu par?

— *Garota burra* — rosna a loba, com uma diversão afiada como lâmina. — *Você acha mesmo que eu preciso da sua ajuda para encontrar o meu par? Eu o conheço há anos.*

As palavras me atingem como um soco traiçoeiro, me deixando

atônita. Congelo, o choque reverberando pela nossa união. Se Anassa sabe quem é o par dela, isso significa...

— Quem? — Minha voz sai em um sussurro rouco. — Quem é ele?

Pode ser algum lobo-gigante do castelo, ou um lobo mais velho na frente de batalha. Pode ser *qualquer um*, de qualquer alcateia, entre os milhares que existem por aí...

A condescendência dela volta a me atingir, tingida de diversão — e de uma provocação inconfundível.

— *Eu te conto quem ele é quando você me provar que é digna de saber.*

Jogo a cabeça para trás, indignada.

— Você só pode estar de brincadeira!

O olhar frio dela e uma onda de desprezo gelado são a única resposta que recebo.

Fico parada ali por um longo instante, lutando contra a raiva e uma crescente sensação de inevitabilidade. *Esta é a minha vida agora*, lembro a mim mesma. Não há como escapar. Já aceitei isso.

E não adianta brigar com Anassa, por mais que odeie admitir isso.

— Pois bem, digna ou não, você está presa a mim — resmungo. — E eu estou presa a você.

— *Por enquanto* — dispara ela, desafiadora.

Solto um suspiro pesado.

— Certo. Entendi. Você pode arrancar minha garganta a qualquer momento... se algum dos outros não fizer isso primeiro. Mas você sabe muito bem que não vou desistir, não enquanto houver a mínima chance de encontrar Saela. Eu vou lutar até o fim da droga dos meus dias para salvá-la, Anassa. Vou pular por todos os malditos arcos de fogo, está bem? Não ligo a mínima para os pares e qualquer uma dessas merdas.

Anassa permanece em silêncio, aparentemente inabalável. Mas está ouvindo. Avaliando.

O resto da raiva escorre de mim, substituído por algo parecido com resignação.

— Eu vou tentar deixar você sentir as minhas emoções quando estiver com Killian, mas preciso de um pouco de privacidade. Você tem que aceitar isso. Me prometa que estará tudo bem entre nós para o Rito de Expurgo — peço, baixinho —, por favor.

Um novo silêncio se estende entre nós. Anassa me encara, os olhos amarelos avaliando cada centímetro meu.

Por fim, em um tom que é tanto uma ameaça quanto uma promessa, suas palavras ecoam na minha mente:

— *Estará tudo bem.*

Esta noite, o terror me acompanha até nos sonhos.

Estou no castelo, perdida em seus corredores labirínticos. As sombras dançam como se estivessem vivas e as paredes mudam de lugar toda vez que desvio o olhar.

Consigo ouvir a voz da minha mãe me chamando. Ela ecoa de maneira estranha, vindo de todas as direções ao mesmo tempo. Há algo errado nela. Uma distorção que me gela os ossos.

— *Meryn... Meryn! Estou aqui!*

Sinto como se estivesse seguindo-a por horas, cada vez mais perdida. Cada vez mais assustada.

Até que me vejo diante de um arco largo e familiar. Portas imponentes se abrem para uma arena colossal, a rede de drenos no chão de terra escoando o sangue.

Minha mãe está no centro da arena, de costas. Usa um vestido carmesim, a cabeça coroada por um diadema retorcido, reluzente de sangue.

— Mãe... — Minha voz sai fraca, infantil, mas a alcança.

Ela se vira.

Um terror gélido irrompe em minhas veias.

Seus olhos são negros como breu — sem branco, sem pupila. Apenas um vazio demoníaco e absoluto.

Cambaleio para trás quando ela abre a boca para falar.

Nenhuma palavra sai. Sangue negro escorre de seus lábios e jorra de seus olhos cegos.

Uma voz ecoa pela arena, sem vir de corpo algum, retumbando e me enchendo de um pavor que jamais tinha sentido.

— *Noturn está chamando. Você está ouvindo?*

Acordo sobressaltada, aquelas palavras terríveis ainda reverberando nos meus ouvidos.

Um novo terror me aguarda. Minha visão está turva, meus sentidos rodopiam. Algo pressiona meu rosto com tanta força que mal consigo respirar. Sinto o gosto de sangue, de terra, e o amargor ácido do meu próprio medo.

Percebo que estou caída no chão, o rosto na terra. Ergo a cabeça e sou tomada pelo cheiro familiar da morte.

A arena escura se ergue ao meu redor, as arquibancadas mergulhadas em sombra. O luar se infiltra pelas cúpulas de vidro do domo. Luz suficiente para conseguir ver minhas mãos no chão enquanto me levanto, ficando de joelhos.

Meus dedos tocam a mistura áspera de terra e metal frio.

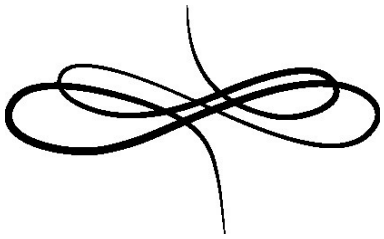
Ainda fico atônita por saber que são drenos.

Aos poucos minha visão se adapta à escuridão. O luar recorta detalhes nas sombras, traçando a teia de drenos no chão. Destacando os ângulos onde se encontram. As grelhas de ferro nessas junções formam covas escuras na terra.

Com um horror que cresce lentamente, percebo que estou deitada bem no ponto de convergência de todos os drenos. O lugar pelo qual sangue e carne são escoados depois de cada batalha.

O mesmo lugar em que minha mãe estava no meu pesadelo.

28



Minhas mãos tremem descontroladamente quando me levanto do chão manchado de sangue. Nunca fui sonâmbula e, ainda assim, cá estou eu, vestindo apenas minhas roupas de dormir, o ar frio da noite cobrindo meu corpo inteiro de calafrios.

Meus pés descalços estão gelados e sujos de terra. A frente da minha camisa de pijama também está cheia de poeira. Com o coração martelando de nervosismo e confusão, tento limpar a areia ensanguentada do rosto, imaginando como deve estar minha aparência.

Preciso voltar para o meu quarto sem que ninguém me veja.

Quando me viro para a saída, a consciência de Anassa escorre pela união. Meu instinto é trancá-la para fora — não quero que ninguém saiba disso —, mas não faço isso. Não posso me dar ao luxo de irritá-la de novo.

— *Você está bem?* — pergunta ela.

A preocupação genuína em sua voz me pega de surpresa.

— *Estou* — respondo, torcendo para que ela não consiga ler a verdade nos meus sentimentos. — *Só tive um pesadelo.*

A mentira tem um gosto amargo na boca. Sei que Anassa não acredita, mas também não insiste.

— *Então volte a dormir* — fala. — *Você está me mantendo acordada.*

E a preocupação já foi embora.

Eu me aproximo da saída da arena e saio na ponta dos pés. O

castelo está às escuras. Graças à deusa. Ninguém por perto para testemunhar minha vergonha.

Minha mãe tinha crises iguais a essa. Ela vagava pela noite, murmurando sobre vozes que só ela ouvia. Às vezes eu a encontrava do lado de fora, parada no quintal do vizinho ou agachada num beco próximo. Teve uma vez que subiu no telhado.

Foi nesse dia que enfim a levei ao curandeiro e começamos a dar os sedativos.

Sinto as lágrimas de pânico queimando meus olhos enquanto deslizo de volta para o quarto. A caminhada parece interminável, e as sombras têm aquela estranha *vivacidade*. Cada som discreto no castelo me traz de volta os sussurros, a voz sinistra da minha mãe.

A boca dela aberta, jorrando sangue.

Merda. Não posso fingir para sempre que isso não está acontecendo. Mais cedo ou mais tarde alguém vai perceber. A loucura vai atrapalhar minha capacidade de lutar. Anassa vai me rejeitar. Killian também.

E Saela...

Como vou salvá-la se não consigo confiar na minha mente?

E quanto tempo ainda tenho antes de não conseguir mais viver por conta própria? Meses? Anos?

Não sei, mas o tempo está correndo. Sinto nos meus ossos.

Ele está acabando.

No dia seguinte estou fora de sintonia, exausta depois de mal ter conseguido dormir. Temos treino com Egith e Stark para trabalhar nossa união como alcateia enquanto praticamos manobras de combate.

Meu mundo é tomado pela correria de pelos, pelo baque das patas, pelo lampejo das presas. Rosnados e bufadas preenchem o ar junto às instruções precisas de Stark, sua voz ecoando pelo pátio de

treinamento. Ele nos faz executar uma formação complicada composta de três círculos concêntricos, e em cada anel os lobos correm na direção oposta ao anterior, cobrindo todos os ângulos de visão.

Segundo Stark, essa formação exata seria usada em campo de batalha, quando precisaríamos nos coordenar com fluidez em meio ao caos.

O estreito círculo externo protege contra ataques de fora; é a frente de batalha de nossa defesa. O círculo central, mais afastado do perigo, tem espaço para avaliar o campo de batalha em sua totalidade e transmitir informações ao círculo do meio, que pode ser deslocado a qualquer instante para reforçar o anel externo, caso este vacile.

Por ora, porém, mal conseguimos nos mover em círculos organizados.

O equilíbrio é delicado. Cada um de nós precisa avançar no mesmo ritmo, atento ao que está à frente, atrás, de cada lado. É difícil, mesmo sem termos que nos preocupar com um ataque de Sifão.

Anassa se move com suavidade, mantendo o compasso do lobo à nossa frente. Eu já melhorei muito na montaria, mas ainda me sinto desajeitada quando olho ao redor e vejo os outros cavaleiros sendo graciosos sem precisarem se esforçar. Cooperação pura.

A voz de Stark invadindo meus ouvidos a todo instante não ajuda. Tampouco o sol que incide sobre nós, refletindo nas espadas e me cegando com seu brilho. O ar invernal é fresco, mas um suor gelado escorre pelas minhas costas enquanto forço meu corpo a obedecer.

A energia vibra no ar. Não sei se é apenas o poder bruto de tantos lobos reunidos, movendo-se juntos para formar esse padrão hipnótico, ou se é algo mais.

Algo mais profundo.

Estamos nisso há cerca de uma hora quando algo estremece pela alcateia. De repente, me sinto mais alerta.

Aquele rio em que mal consegui mergulhar a ponta dos dedos crepita de energia. De repente já não é líquido, mas elétrico, como um raio bifurcado rasgando o céu ou o despertar de um neurônio.

— Entreguem-se a isso! — ordena Egith, aparentemente tendo percebido a mudança em nós. — Deixem a conexão acontecer!

Aperto minha espada com mais força e tento me concentrar, sintonizando-me com a união de Anassa e estendendo a mão em direção ao raio faiscante de consciência. No instante em que chego mais perto, meu sangue desperta. Meu coração dispara e meus sentidos se aguçam.

Experimento minha percepção de um jeito que nunca havia acontecido antes.

Os círculos continuam a girar em perfeita sincronia. Minha respiração acompanha os passos de Anassa. Meu coração pulsa no mesmo ritmo dos passos pesados ao meu redor. Clarões de reconhecimento cortam o turbilhão de pelos e músculos.

Pela união, sinto o roçar em espiral de outras mentes. Percebo que são os outros lobos, cada um com sua emoção, seu propósito, sua consciência. Há uma sensação física, como uma pressão se expandindo dentro do meu crânio, empurrando para fora numa onda de pensamento.

O instinto cintila sobre esse fluxo de conexão e, por aquele caminho, vem o *entendimento*.

Num lampejo ofuscante, consigo de repente perceber cada ponto da teia interligada. Estou ciente de cada par de lobo e cavaleiro, pressentindo seus movimentos antes que aconteçam e percebendo o zumbido atento da concentração de cada um.

Quando Izabel e seu lobo passam à minha esquerda, sua mente faísca na minha em silêncio. Sua atenção é afiada como a lâmina de uma faca, perfeitamente equilibrada e afinada ao movimento de

sua montaria.

Depois, à minha direita, Tomison. Ele cavalga com perfeição. A confiança que irradia de sua mente me faz sentir como se tivesse engolido um gole de brasavinho, inebriante, intoxicante.

Minha mente se abre em explosão quando cedo ao chamado.

É isso, percebo.

Esta é a verdadeira união da alcateia — uma extensão de mim que vai além de tudo que já conheci. Uma nova forma de existir, fundida ao espírito dos meus companheiros.

Submersa nessa sensação, sinto-me mais do que humana.

É poderoso, vibrante, de uma complexidade explosiva.

As emoções de Anassa oscilam através da união, desviando do tédio para um lampejo de curiosidade, de atenção. Seguro o pelo dela e me inclino ainda mais, abafando o som da voz de Stark e o roçar dos corpos até me sentir composta por 23 lobos e 22 outros cavaleiros, todos movidos por um único impulso.

Mas vou fundo demais. A escuridão se insinua na beira da minha visão.

Relances de formas que não deveriam estar ali, entre o espiral de corpos, vislumbres por entre as pernas dos lobos. Sussurros silvam sob o som das patas batendo na terra e do ar nos pulmões, crescendo a cada batida apavorada do coração.

Tento ignorá-los e avançar em direção ao fluxo crepitante de energia, mas os sussurros se tornam mais insistentes até começarem a abafar todos os outros sons.

Vozes que não reconheço. Palavras que não consigo decifrar.

Mas é *ensurdecedor*.

E então vem o pior. Ofego e ergo os olhos, tentando manter o equilíbrio enquanto o sangue começa a escorrer pelas paredes ao nosso redor e invadir o pátio de treinamento, vermelho-vivo contra o céu frio, movendo-se numa corrente espessa, quase como piche, deslizando em minha direção.

Um som estrangulado escapa do meu peito. Mal consigo impedir que se transforme num grito de pânico rasgando minha garganta. Minha concentração se despedaça por completo enquanto o sangue avança na minha direção.

É tudo que consigo ver, tudo em que consigo pensar. Não ouço mais nada.

Não consigo *respirar*.

Quantas pessoas, não consigo parar de pensar. *Quantas teriam que morrer para derramar tanto sangue assim?*

A vertigem começa a me desequilibrar das costas de Anassa. Os cavaleiros ao redor se enrijecem e se voltam para mim. Anassa rosna e se afasta de lado, o alarme disparando através dela enquanto tenta compensar minha estabilidade comprometida e me manter montada.

Mas, ao fazer isso, nós duas tropeçamos e saímos da formação.

Perielle freia de repente atrás de mim, e seu lobo estala os dentes. O círculo do meio para, e o tumulto se espalha pela alcateia em efeito dominó.

Ainda vejo o escarlate persistindo na visão periférica, mas rosno e me ergo de novo. Luto contra a tontura e instigo Anassa a seguir adiante. Minha cabeça lateja, mas consigo nos colocar de volta no ritmo adequado, e o resto retoma a cadência assim que me recupero.

Só que, ao completar outra volta no círculo, ergo os olhos e o vejo.

Stark, de braços cruzados, me encarando. Ele me observa de sua posição do outro lado do pátio, os olhos escuros semicerrados, calculistas. Estala o pescoço, e as tatuagens que cobrem cada centímetro de sua pele são uma ameaça visível.

Mais um erro e esse psicopata vai me eliminar com as próprias mãos, acrescentando-me aos troféus gravados em sua carne.

Ele viu minha falha e não vai esquecê-la.

O resto do treino é uma luta vã para alcançar de novo aquela conexão quase eufórica que por um instante toquei. Quando termina e os lobos-gigantes começam a vagar de volta para os terraços, estou exausta e tomada por uma frustração latente comigo mesma. Quero desaparecer, me esconder dos olhares irritados que continuo recebendo dos meus companheiros, mas a voz de Egith corta o pátio.

— Recém-unida Cooper. Um momento.

Ótimo. Eu me viro e observo o pelo prateado de Anassa sumindo em direção aos terraços. Estou por minha conta, então. O restante dos Recém-unidos deixa o pátio em fila. Meus passos soam altos enquanto me aproximo de Egith, minhas botas deixando marcas nítidas na terra revolvida.

A expressão da Beta é impenetrável, como sempre.

Assim que me aproximo, ela vai direto ao ponto:

— Sua união com Anassa melhorou — comenta, com gentileza. — Mas não é suficiente.

Sinto um arrepio. *Nada* nunca é suficiente neste lugar. Parte de mim está convencida de que Egith acha que nem sequer me esforço para melhorar.

— Eu...

Ela ergue a mão, me interrompendo.

— Eu estava te observando hoje. Vi quando aconteceu.

— O quê? — Puxo o ar.

— Você alcançou, ainda que por um breve instante. Aquilo que buscamos aqui — acrescenta ela. Sua voz fica mais baixa, quase reverente. — E você sentiu, não foi? A união da alcateia?

Estremeço com a lembrança e balanço a cabeça, confirmando.

Egith suspira.

— Então você também sentiu o quanto foi fácil destruí-la. Seu único momento de fraqueza desfez *toda* a formação. — Ela dá um passo à frente, baixando o tom de voz. — A alcateia precisa

funcionar como uma só entidade. Uma só mente. Um só propósito. Se você não consegue manter a conexão... todos vão perceber. E o Rito de Expurgo já é na semana que vem.

O recado é claro. Se eu não conseguir manter a conexão, serei sacrificada.

— Aposto que você odiaria perder a aposta — respondo, amarga, me lembrando de quando ela contou que todos os instrutores estavam apostando em qual alcateia teria mais Recém-unidos restantes no fim dos Ritos.

Egith ri, surpresa.

— Na verdade, Cooper, você acabou me conquistando. Eu odiaria perder *você*.

As palavras significam mais do que gostaria de admitir, e desvio o olhar, tentando conter as lágrimas.

— Estou tentando — falo. Ela não responde, então volto a fitá-la. Sua expressão continua impassível, e me pergunto se ela acha mesmo que não me importo. — Estou *mesmo* — insisto. — Eu...

— Se esforce mais — corta Egith, ríspida. — Encare isso como um conselho, Cooper, não como uma bronca. União é sobrevivência. Divisão significa morte. Você não pode quebrar a formação de novo, não com o Expurgo se aproximando.

Porque, se eu fizer isso, vou morrer. A alcateia não me perdoará uma segunda vez. Não quando tudo estiver em jogo. Se eu for um perigo para eles, serei extinta.

O bem da maioria.

As palavras de Egith ecoam na minha mente enquanto me afasto, agravando a dor de cabeça que começou com aquela visão horrível. Sei que Egith tem razão.

Quando vacilei pela primeira vez, ainda me agarrando à unidade da alcateia, senti a confusão e a frustração dos outros. A raiva queimava em alguns quando viram a formação ameaçada pela falha de uma única pessoa. Até Izabel me lançou um olhar exasperado.

O pior de tudo é que, por um instante fugaz, eu *de fato* senti. A perfeição daquela unidade agora me assombra, como se eu tivesse encarado uma luz bela demais por tempo demais, e a imagem residual tivesse queimado em meus olhos e agora me perseguisse.

Por um mísero instante, conheci a sensação de *pertencer*.

Senti que fazia parte de algo maior, que tinha um propósito, que estava conectada e firme no chão.

Nunca senti isso crescendo no Leste, lutando sozinha.

Mas então as vozes vieram, arrastando-me de volta para o isolamento e o medo.

Quando entro no castelo e sigo em direção aos nossos aposentos, ainda estou sentindo medo. Acho que os surtos estão ficando piores. Mais frequentes. Não faço ideia de como vou conseguir sustentar a intrincada conexão mental exigida nos Ritos se nem ao menos posso confiar na minha mente.

Não é *culpa* minha que o mundo se tornou sangue e terror.

— *Anassa* — sussurro pela união, abraçando a mim mesma enquanto caminho. Sinto algo se revirar dentro da minha mente, e a atenção dela se volta para mim. — *Você sentiu o que aconteceu lá atrás?* — pergunto.

— *Seja específica* — ordena ela.

— *Eu vi coisas. Ouvi coisas* — falo. Ela responde com silêncio. — *Sei que você deveria receber apenas meus pensamentos e sentimentos pela união, mas... consegue sentir o que sinto quando estou passando por algo?*

Um arrepio de confirmação me alcança. Um sim. Estranhamente, isso faz com que eu me sinta menos sozinha.

— *Então pode impedir que aquilo aconteça?* — pergunto.

— *Não. Eu não posso* — responde. Sinto um aperto no peito. — *E, de qualquer modo eu não impediria.*

Deixo que ela sinta meu choque enquanto sigo para o quarto.

— *Visões como as que você está tendo são poderosas. Podem significar algo* — responde a loba.

— É, significa que estou ficando maluca! — disparo em voz alta, lascas de raiva rachando pela união. — *E a minha incapacidade de deter isso pode fazer com que a gente acabe morrendo* — acrescento, cáustica.

Anassa não se impressiona com minha explosão.

— *Você pode me dar ouvidos?* — pergunta.

Hesito, surpresa com a calma em sua voz. Não foi uma acusação. Foi um pedido honesto. Meus músculos se afrouxam, e faço que sim.

— *Temos mais poder sobre nossas mentes do que imaginamos. Você precisa se concentrar na nossa conexão quando estiver montada em mim. Não deixe sua mente vaguear. Respire fundo e abra-se para a energia que corre através de você.*

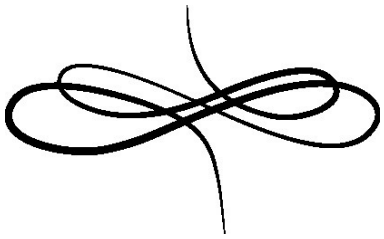
As palavras dela ressoam dentro da minha consciência, mas ainda me sinto perdida. Evitar que minha mente divague é muito mais difícil do que parece.

Continuo sentindo que ela me escapa por entre os dedos e some naquele lugar distante e aterrorizante em que minha mãe habita.

Mas sei que ela está tentando me guiar. Tentando de verdade. Ela falou que tenho mais poder sobre minha mente do que imagino. Não posso simplesmente ignorar essa sabedoria. Ela é séculos mais velha do que eu e habita esse mundo estranho de conexões telepáticas e consciências compartilhadas.

Se Anassa acha que eu posso assumir o controle, preciso me esforçar. Mais.

29



Aprimorar minha conexão com a união da alcateia nas semanas que antecedem o Rito de Expurgo é como ser obrigada a carregar um peso em uma das mãos sem jamais deixá-lo cair. Às vezes consigo até esquecê-lo. Outras vezes preciso ajustar tudo que faço para lidar com ele.

E é sempre exaustivo.

A cada exercício de treino, a cada vez que preciso provar minha capacidade de manter a conexão, termino com uma dor de cabeça abrasadora.

Mas então o treino acaba e posso respirar de novo. E nos intervalos tenho Killian.

À noite invento desculpas para meus amigos e vou encontrá-lo — nos aposentos dele ou nos meus. Já me acostumei com o caminho até o quarto dele. Não voltei a me perder nem encontrei aquela estranha escultura de novo, e tento ignorar a possibilidade de que ela tenha sido fruto de uma alucinação.

O tempo escorre pelos meus dedos, e, de alguma forma, o Expurgo já paira entre nós.

Na véspera do Rito, a sala comunitária mais parece um velório. Todos os Recém-unidos, inclusive eu, sentimos a aproximação do Rito como uma tempestade de neve ameaçadora no horizonte.

Podemos até desviar os olhos, mas isso não vai impedir a chegada dela. Amanhã, alguns de nós vão morrer.

Ninguém está bebendo. Ninguém ousaria. Todos se preocupam com a possibilidade de uma ressaca comprometer o desempenho. Não vale a pena pôr em risco a própria vida amanhã por um gole que alivie a tensão hoje.

A sobriedade no ar, depois de tantas noites de festa por aqui, é, para ser sincera, bem deprimente. Em vez de beber, as pessoas buscam distrações de outras formas — jogos de cartas, leituras. Pequenos grupos se reúnem para conversar, e Tomison está no centro de um dos grupos mais barulhentos.

Ele solta uma piada atrás da outra, como é de seu feitio, mas desta vez está ainda mais ruidoso que o normal. Eu me sento com Venna e Izabel em um sofá, todas nós com livros abertos no colo. Izabel ergue os olhos da leitura a cada instante para suspirar alto, lançando olhares irritados para Tomison. Ele não percebe ou, se percebe, não se importa.

Venna fecha o livro com um estalo.

— Não consigo ler com você tão tensa aqui do meu lado — resmunga para Izabel.

— Pois eu não consigo ler com todo esse *barulho* aqui dentro — retruca Izabel, lançando outro olhar fulminante para Tomison. Depois se volta para mim: — Me distraia, Meryn. O que você vai fazer com a sua mãe no seu dia de folga?

No dia seguinte ao Rito de Expurgo, os Recém-unidos ganham uma folga, e todos vão visitar a família na Cidade Unida... O que significa que eu, é claro, também vou pra casa.

— Supondo que eu ainda esteja aqui — murmuro.

Venna me dá um tapa no braço.

— O que foi que eu disse sobre murmurar?

— Desculpa — respondo, e repito o que falei.

Venna arregala os olhos.

— Pensamento positivo!

Lanço um sorriso culpado para ela. Ela tem razão. Normalmente,

meu problema é justamente o *excesso* de confiança e a teimosia. Mas o dia de amanhã é tão repleto de incertezas que percebo como estou profundamente abalada. Olho em volta a cada instante, pesando as forças de todos os outros Recém-unidos Estrategos contra as minhas.

E me perguntando se será suficiente.

— *Vai ser suficiente* — rosna Anassa na minha mente.

Claro que ela pensaria isso. Não quer morrer.

Ignoro minha loba-gigante e finalmente respondo a Izabel:

— Acho que vamos ficar em casa e colocar a conversa em dia. Tenho que viajar mais longe do que vocês todos, então não terei muito tempo. Quando é que precisamos voltar ao castelo mesmo?

— Ao pôr do sol — responde Izabel.

Nossa folga é seguida, na mesma noite, pelo Baile da Forja, uma grande celebração que marca a metade dos Ritos. O rei e os nobres de todos os outros feudos estarão presentes.

Percorro o olhar pela sala mais uma vez, me perguntando quem da nossa alcateia não estará nessa festa, se eu estiver.

Nevah está sentada sozinha, como sempre, afiando a lâmina de sua espada de forma obsessiva, os rangidos lentos e agudos do metal contra a pedra de amolar cortando o ar. Ela não tira os olhos do fio. Ela é uma das opções. Continua resistindo a fazer amigos na alcateia, ainda claramente de luto.

Perielle está calada, encolhida ao lado de Jonah e observando os movimentos repetitivos de Nevah. Acho que não vai ser uma das vítimas. Ela divide opiniões, mas inspira medo, e os membros da alcateia podem se sentir receosos de se voltarem contra ela.

Nem Jonah nem Perielle mostram sua habitual ferocidade expansiva esta noite. Recolheram-se um no outro, escondendo-se como o resto de nós. Preparando-se.

Os olhos dela encontram os meus, e eu me contraio por instinto. Estou tensa demais. Os outros Recém-unidos me avaliam do

mesmo modo que eu a eles. Perguntas não ditas sibilam no ar.

Quem é mais forte? Quem é mais rápido? Quem é mais inteligente? Quem vai estar morto daqui a 24 horas?

Roddert deixa suas cartas caírem da mão, e elas se espalham pelo chão. Três Recém-unidos colocam a mão nas armas no mesmo instante. Todos estão com os nervos à flor da pele. Ele se abaixa para recolhê-las, todo atrapalhado.

E é então que percebo. É intenso. Eu poderia morrer amanhã sem ter dito a Killian mais uma vez que o amo, que meu coração encontrou o caminho de volta.

Semanas se passaram e eu não criei coragem. As palavras ficam presas na garganta. Acho que tenho medo.

Mas agora o medo da morte grita ainda mais alto, trovejando nos meus ouvidos como o uivo de um lobo-gigante.

O que é um pouco de honestidade emocional diante de sangue derramado na areia?

— Preciso de ar — falo para as gêmeas, fechando o livro com um baque e largando-o no sofá ao me levantar.

Izabel não responde, apenas dá um resmungo abafado de concordância. Os dedos de Venna roçam meu pulso quando me afasto, um gesto suave de preocupação e consolo.

Durante todo o caminho até o quarto dele, tento descobrir como vou fazer isso.

Oi, Killian, é bem provável que eu morra amanhã, então...

— Preciso de privacidade agora — aviso a Anassa.

Fizemos alguns avanços nessa parte. Ela parou de fechar a barreira em fúria e eu comecei a avisar quando vou alterar nossa conexão.

Ela bufa. Ainda não gosta que eu erga a muralha na mente, mas aceita... por enquanto. Não precisarei me preocupar com seu silêncio durante o Rito de Expurgo amanhã ou alguma tentativa de me matar.

Percebo que ela acredita que, com o tempo, vou me acostumar a ela, que deixarei de ser tão reservada. Veremos.

Alcanço a barreira mental e a ergo, mas a muralha que ergo é porosa. Alguns sentimentos ainda podem chegar até ela. Se eu estiver em perigo, ela saberá. Mas meus pensamentos imediatos e emoções mais sutis permanecem comigo.

De dentro do corredor, empurro a porta sem bater. Killian está em sua escrivaninha, revisando documentos.

Está recortado pelo luar que atravessa a janela alta atrás dele. A claridade faz seu cabelo parecer ao mesmo tempo prateado e dourado. Ao ouvir a porta, ergue a cabeça no mesmo instante. Quando me vê, seus músculos relaxam e ele volta a afundar na cadeira.

Killian não fala nada enquanto caminho decidida até sua mesa. Dou a volta e estendo a mão para ele. As tábuas do assoalho rangem com meus passos. As pernas da cadeira raspam contra o tapete quando ele abre espaço para mim.

Ele me recebe em silêncio. Encaixo-me em seus braços, montando em seu colo, presa entre o calor de seu corpo e a beira da escrivaninha.

Ficamos nos encarando por um longo momento. Ele acaricia minhas costas, a mão subindo e descendo. Eu me aproximo um pouco mais. Ele segura o tecido da minha camisa, e no movimento seguinte seus dedos já encontraram o caminho por baixo da barra. Estremeço ao sentir pele contra pele, e ele percebe.

As pupilas de Killian se dilatam sob a lua. Os lábios se comprimem e os olhos descem até a minha boca.

— Eu te amo — falo.

As palavras estalam no silêncio como gelo se partindo sob o peso excessivo.

Sem explicações. Nada além disso. Não precisamos.

— Eu sei — responde ele, com suavidade. Então me puxa para

mais perto, até que nossos quadris estejam colados, até que o calor dele se espalhe entre minhas pernas. — Eu também te amo. Mesmo que nunca tivesse voltado para mim, eu teria continuado a amar você.

Fecho os olhos por um instante, inclinando-me para a frente até nossas testas se encostarem. O cheiro de pinho enche meu nariz. O sopro de sua respiração roça minha bochecha. O coração dele bate firme sob a palma da minha mão.

Neste instante, tudo parece inevitável. Consigo sentir o embate prestes a acontecer, já ganhando velocidade, descendo fundo.

— Eu contaria para todo mundo amanhã, se você permitisse — diz ele, sério, os olhos azul-escuros se fixando nos meus.

Passo os dedos pela bochecha dele e sinto a aspereza da barba por fazer.

— O rei não tem alguma noiva nobre já escolhida para você?

As mãos de Killian se fecham com força nas minhas coxas.

— Você é minha — rosna ele. — Não preciso da permissão de ninguém além da sua.

Ele mordisca minha mandíbula, e sinto o calor tomar meu corpo, meus mamilos ficando duros. No entanto, me afasto.

— Sério — insisto. Preciso saber onde isso vai dar. — O que ele diria? O que a corte pensaria?

Os olhos dele se suavizam.

— Ele já sabe que estou com uma Recém-unida e que é sério. Não tem objeções. Só eu escolho a quem amar.

As mãos de Killian deslizam até meus quadris, apertando de forma quase ritmada. É como se enganassem meu corpo, despertando uma consciência dolorosamente vívida. Sinto o músculo de suas coxas sob mim. Percebo cada ponta de dedo que se crava na minha pele.

Meus quadris se movem sozinhos, buscando fricção, e ele deixa escapar um gemido baixo e breve.

— Gatinha — murmura ele —, me dê permissão para reivindicar você diante do mundo inteiro e eu farei isso.

Sou inundada por isso, arrastada para o mar aberto. Os olhos dele encontram os meus outra vez, e eu me afogo no azul. A imensidão do que ele oferece me transborda.

Mas não consigo lidar com isso agora. Só preciso respirar. Preciso que ele me carregue para longe daqui. A morte está no horizonte, e é uma caçadora paciente.

Não respondo que sim. Não respondo que não.

Em vez disso, falo:

— Se eu morrer amanhã, encontre Saela por mim. Leve minha irmã para um lugar seguro.

O aperto de Killian se intensifica, como se o toque dele pudesse me manter a salvo, mas ele fala:

— Eu juro, Meryn.

Gratidão, desespero, medo e amor se misturam e me arrastam para o fundo. Ele me puxa no exato instante em que me inclino.

É um beijo bruto, quase doloroso, os dois se agarrando em puro desespero. Eu mordo o lábio dele e ele revida de imediato, e deixo escapar um gemido quando me aperto ainda mais contra ele, puxando suas roupas.

Eu preciso disso, preciso dele.

Ele abaixa a cabeça e começa a beijar meu pescoço, desacelerando o ritmo. Seus dedos se entrelaçam no meu cabelo curto e puxam minha cabeça para trás, abrindo espaço para a devoção. Minha respiração vacila. Seguro seus ombros com força enquanto o prazer escorre de seus lábios até as minhas profundezas.

A mudança repentina de compasso me acalma. Eu me deixo afundar, esquecendo o desespero e me voltando para algo maior. Algo que dure.

Algo que desafie o amanhecer.

Killian se recosta na cadeira. Seus cabelos estão revoltos. Seus lábios, inchados. Ele me segura pela cintura enquanto seus olhos vidrados percorrem meu corpo.

— Tire a roupa — ordena ele.

Engulo em seco e umedeço os lábios, que ainda latejam do contato áspero.

Ele nota, e seu olhar se inflama.

— *Agora*, gatinha.

Eu me desvencilho do colo dele às pressas. Killian se inclina para a frente e, devagar, enrola as mangas da camisa até os cotovelos enquanto me observa tirar a jaqueta. Enquanto desabotoo a camisa, ele apoia os cotovelos nos joelhos, os antebraços se retesando quando cerra os punhos.

Meu olhar desce rápido. Ele já está duro por baixo das roupas. Eu me pergunto se está por um fio. Quando fico nua da cintura para cima, não preciso mais me perguntar.

Killian solta um som grave e se acaricia por cima da calça. A visão faz o calor se acumular entre minhas pernas. Quando deslizo minha calcinha pelos quadris, ela já está vergonhosamente encharcada.

Killian estende a mão e varre tudo de cima da mesa, amassando papéis e espalhando objetos. Alguns caem no chão com estalos, outros batem abafados no tapete.

— Senta — manda ele.

Saindo da pequena pilha das minhas roupas, vou até ele. Devagar. Com leveza. Eu amo essa sensação. Quando ele me olha assim, eu me sinto frágil. Eu posso ser frágil. Ser vulnerável sem o perigo de me partir.

A superfície fria da mesa me causa arrepios quando me apoio sobre ela. Vai virar uma bagunça quando eu terminar aqui.

Espero pacientemente, mas Killian não se move. Permanece na cadeira como se fosse um trono, os olhos percorrendo cada pedaço

de mim. Uma tortura, quando já existe um latejar fundo entre minhas pernas de pura expectativa.

Mordo o lábio e abro as pernas ainda mais. O olhar dele despenca para baixo. Quando meus dedos roçam o lugar onde mais o desejo, ele solta um gemido abafado e passa a mão pela boca.

— Quero ver você se tocando — rosna ele, fazendo um gesto com a cabeça.

E eu obedeço. Mas não é nem um pouco satisfatório. O que eu gosto mesmo é do olhar dele. Gosto de vê-lo prestes a perder o controle. *Odeio* que ele ainda não esteja me tomando.

Quero esquecer o que amanhã trará. Quero que ele me consuma. Que me ajude a esquecer.

Mesmo assim, logo começo a tremer. O suor arde na minha testa. Killian passa os dedos pelos cabelos, respirando com força pelo nariz.

O início de um orgasmo suave percorre meu corpo. Minhas coxas se contraem e eu solto um gemido baixo. É isso que finalmente o derruba.

Killian avança de repente, se erguendo num pulo, as mãos agarrando minhas coxas e abrindo-as até doer. O gemido que deixo escapar é ainda mais alto desta vez. Seu quadril, ainda coberto pelas roupas, pressiona o meu, substituindo o movimento dos meus dedos, e minha coluna se arqueia.

Killian me inclina à força até minhas costas baterem contra a mesa. Eu o encaro de baixo, oscilando no limite, enquanto ele paira sobre mim. Então sua mão me envolve, alguns dedos deslizando direto para a minha umidade. Eu grito e tento puxá-lo ainda mais para mim com as pernas.

— Fecha os olhos, gatinha — diz ele.

Gemo e balanço a cabeça. O olhar dele, turvo de desejo, é precioso demais. Não posso abrir mão disso. Mas ele tira a mão para me punir.

— Agora, Meryn. Você quer. Eu sei que quer.

Mordo o lábio. Meus quadris avançam, mas ele os prende contra a mesa, impedindo meu atrito.

— Eu...

Killian sorri devagar.

— Fecha os olhos, gatinha. Eu vou cuidar de você.

Rendição, percebo. É isso. Solto o ar, trêmula, e fecho as pálpebras. No mesmo instante, seus elogios recaem sobre mim como beijos. Eu estremeço e gemo quando as mãos dele deslizam pelas minhas coxas. Ele se inclina sobre mim, sinto pelo ranger do piso.

— *Boa menina* — sussurra ele contra minha pele.

E sua boca se fecha em torno do meu mamilo.

Gemo e enfio os dedos nos cabelos dele, mantendo-o ali enquanto sua língua circula em mim. Seu quadril se encaixa entre minhas pernas de novo. O atrito delicioso do tecido áspero contra o interior das minhas coxas se imprime fundo na carne.

Algo em mim se acende, saber que ele está completamente vestido enquanto eu estou nua e exposta sobre sua mesa, de olhos fechados e à mercê dele.

— Fique de olhos fechados, independentemente do que aconteça, Meryn — adverte Killian.

— S-Sim.

Minha voz sai áspera. Sou tomada por ondas e mais ondas de tremores.

As mãos dele escorregam pela minha cintura. Então, num sopro de ar frio, ele some. Eu gemo em protesto, tentando alcançá-lo na escuridão. Não posso abrir os olhos. Agora, só existem a escuridão e o toque dele.

— Killian — imploro.

Uma risada baixa vibra no meu centro. Eu me contraio só de ouvir. Levo uma das mãos ao peito, massageando, beliscando meu

mamilo. A ausência dele, a fogueira do desejo, destrói o que restava do meu medo. O mundo desaparece.

Só existe a expectativa.

Onde ele vai me tocar quando voltar?

Bem onde eu mais preciso é a resposta. Ele deve ter se ajoelhado diante da mesa, porque sua língua quente desliza de repente entre minhas pernas.

Eu grito, o som do meu prazer se misturando ao gemido dele ao me provar. As sensações pulsam dentro de mim com cada estocada da língua.

Com uma mão ele percorre a parte interna da minha coxa. A outra é um fantasma perdido no escuro, até que dois dedos se juntam à língua. Ele os roça na parte externa dos meus lábios.

O orgasmo suave que eu sentia se acumular se transforma em algo completamente diferente.

A língua dele mergulha fundo, depois encontra meu clitóris. Ele suga, e um grito se forma na minha garganta. Então aqueles dois dedos deslizam dentro de mim e se curvam, começando a me foder, me atingindo por dentro, e o grito explode.

Eu me desfaço ali mesmo, em cima da mesa dele, de olhos fechados, obediente. Não existe nada além de prazer. Nada além dele e da promessa no seu toque irradiando por todo o meu corpo.

Ele fica imóvel enquanto meus músculos permanecem tensos, me torturando por um tempo devastadoramente longo. Quando começo a me acalmar, seus dedos fazem um som obsceno dentro de mim e sua língua acaricia devagar, prolongando tudo.

Eu gemo e puxo o cabelo dele. Mas ele escapa do meu toque de novo. Ouço o som da calça se abrindo e, antes que eu consiga dizer seu nome, ele já está dentro de mim, o pau grosso e quente me preenchendo por completo.

Abro os olhos de repente. O ar some dos meus pulmões. Minhas mãos trêmulas seguram seus pulsos onde ele prende firme meus

quadris.

Ele sorri.

— *Meryn* — grunhe ele.

Quase uma provocação.

Engasgo, e algo parecido com uma risada insana explode do meu peito. O orgasmo ainda pulsa em mim, vibrando pela pele, tornando tudo ainda mais intenso.

Killian não espera. Ele começa a estocar rápido e fundo, e a sensação de acomodá-lo dentro de mim me deixa tonta. Porra, a visão dele se movendo dentro de mim, curvado sobre meu corpo em busca de prazer, me leva ainda mais alto.

Eu gemo de novo e o puxo. Ele solta um grunhido, tira a mão do meu quadril, agarra meu braço e me puxa para cima, contra seu peito.

A mudança de posição faz com que ele roce no meu clitóris a cada estocada, e meu orgasmo, que ainda latejava, começa a crescer de novo. O prazer nunca parou de verdade. Só se aquietou por um instante. Mas uma nova onda já está prestes a engolir a primeira.

— Porra! — falo, quase engasgando.

A mesa se arrasta pelo chão com a força, derrubando mais objetos. Eu me sinto preenchida, voraz. O clímax se aproxima ainda mais rápido que o primeiro.

— Eu vou te reivindicar agora, Meryn — arqueja ele, com as palavras entrecortadas pela tensão dos músculos quando ele se afunda dentro de mim. — Você é toda minha — sibila, enquanto seus quadris mantêm um ritmo implacável.

— Eu te amo — soluço, assentindo.

Meu corpo se move contra o dele, acompanhando cada estocada de seu quadril no meu. Tentando puxá-lo para mais fundo. Tentando alcançar de novo aquele lugar de silêncio gritante, onde não existe nada além do corpo de Killian misturado ao meu.

— Quero que você goze em mim, gatinha — diz ele.

Eu balanço a cabeça, fraca demais, distraída com a visão dos nossos corpos em movimento. Mas ele solta um som de desaprovação e leva a mão ao meu pescoço, apertando de leve nas laterais e me forçando a encará-lo.

— Goza. *Agora*.

Acontece no mesmo instante. Tudo dentro de mim se contrai. Abro a boca, mas nenhum grito escapa desta vez. Não tenho ar para soltar.

A satisfação brilha no olhar de Killian quando começo a tremer em volta dele, me contorcendo, apertando-o com uma força quase sufocante. Ele estremece em resposta. O estalar de seus quadris, se aproveitando da minha pressão, soa como um elogio. Ele enlouquece dentro de mim por mais algumas estocadas. Solto, selvagem.

E então vem a onda quente, o transbordar dele. Seus músculos se retesam embaixo das roupas enquanto ele se afunda o máximo que consegue.

Me reivindicar, ele falou. Seguro firme em seus ombros, porque se não o fizer vou me dissolver em suor e prazer.

Ficamos imóveis, apenas o som de nossas respirações pesadas preenchendo o espaço. Meu corpo dói pela intensidade de tudo. E eu adoro isso. Minhas mãos sobem por seu pescoço, se perdem em seus cabelos.

— Killian — suspiro.

Um sorriso bobo se espalha no meu rosto quando ele ergue a cabeça.

Ele sorri de volta.

— Porra — diz ele, ofegante, e eu rio.

Mas, quando a leveza some, o sorriso dele também se esvai.

— Eu... — Ele franze a testa. — Meryn, amanhã você...

Pressiono o polegar nos lábios dele.

— Está tudo bem — sussurro.

Ele não acredita. Não consegue. Mas ainda assim me ergue com cuidado de cima da mesa. Enrosco as pernas em sua cintura e deixo que ele me carregue até a cama.

— Ainda não acabei de te dar prazer. Não consigo parar — murmura ele contra meu ombro nu.

Beijo seu pescoço e assinto.

— Está bem.

— Mais uma vez, e eu deixo você dormir — promete.

Seguro seu rosto e o beijo devagar.

— Mais uma vez — concordo.

— Na verdade... — Ele dá um sorriso leve. — Talvez duas, pra você.

Sorrio de volta, e ele me joga sobre a cama. Depois, adormeço rápido, ouvindo o bater de seu coração sob meu ouvido. É um sono sem sonhos, embalado pelo peso do braço dele sobre mim e pela exaustão de um sexo tão bom.

Um grito ecoa nos meus ouvidos, me arrancando do sono.

Penso, de início, que não é real.

Talvez seja meu fracasso voltando para me assombrar, o grito que não ouvi naquela noite em que deveria ter protegido Saela.

Olho em volta do quarto escuro, apavorada, o coração disparado. Aos poucos, o ambiente se recompõe enquanto vou perdendo o sono.

Sinto um empurrão contra a muralha na minha mente. Anassa despertou com meu medo. Aviso que estou segura.

Killian dorme profundamente, sua respiração está lenta.

— Ei — imploro, sacudindo-o.

Ele resmunga e abre os olhos com dificuldade. O cabelo desgrenhado, as pálpebras caídas.

— O quê? Meryn?

— Você ouviu isso? — pergunto, nervosa.

Ecoou pelos corredores. Soou real demais, perto demais.

Killian pisca devagar.

— Ouvi o quê? — pergunta ele, a voz ainda rouca de sono.

— Ouvi um...

Outro grito atravessa meus ossos. Estremeço, a pele nua tomada de arrepios.

Fico horrorizada quando vejo que Killian não reagiu. Ele se senta, a preocupação o colocando em vigília. Mas sua atenção está toda em mim, não na porta de onde veio o som.

— Meryn? Fala comigo.

Estou tremendo quando suas mãos seguram meus ombros. A verdade me atinge como água gelada. Não era real. Ele não ouviu. Nada daquilo era real. Nem as vozes que minha mãe escuta. Nem o sangue que vi no treino. Nem isso.

— Achei que tinha ouvido algo — explico, fraca.

Os ombros de Killian relaxam. Ele entende errado o meu medo.

— Se alguém te encontrar aqui, eu te protejo. Impeço que os outros saibam, se você ainda quiser isso.

Engulo em seco e me deixo cair de volta nos travesseiros macios. Ele se ajeita ao meu lado.

— Obrigada — sussurro.

Não falo que ele não vai conseguir me proteger. Não disso.

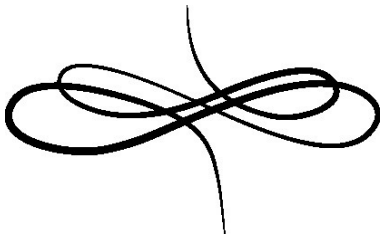
— Dorme. Você precisa de forças — diz ele, já se entregando de novo ao sono.

Eu me enrosco mais para perto dele. Perto o bastante para quase acreditar que o horror de amanhã não vai me alcançar. Que o horror do resto da minha vida também não.

Porque há uma verdade terrível martelando no meu crânio, junto com os gritos que não existem.

Mesmo que eu sobreviva ao Expurgo, isso não vai me impedir de seguir minha mãe rumo à loucura.

30



Passei o resto da noite sem conseguir voltar para o sono profundo. Acordava toda hora, a mente intercalando entre os gritos fantasmagóricos e o Rito que me aguardava, num ciclo vicioso. Perto do amanhecer me arrastei de volta para o meu quarto e dormi mais algumas horas. Não sonhei, mas ainda assim foi um sono agitado.

Chegamos à arena no fim da tarde. Os outros Estrategos estão taciturnos e quietos quando alcançamos o centro do campo. Somos 23 lobos e cavaleiros dispostos em um círculo perfeito.

A arena se ergue imensa sob os raios inclinados do sol, a plateia já lotada de espectadores tagarelas. Há mais gente hoje do que no Rito da Voz. Eu me pergunto se foram atraídos pela promessa de um banho de sangue. Nobres em roupas luxuosas ocupam os níveis superiores enquanto as outras alcateias preenchem os assentos inferiores.

Como o Expurgo é dividido por alcateia, as outras três aguardam nas arquibancadas. E claro que seríamos os azarados.

Estrategos é a primeira.

A plataforma elevada do rei domina a parede a oeste, que está coberta por tecidos luxuosos em roxo real e dourado. O rei Cyril se senta com uma tranquilidade dissimulada em seu trono ornamentado, a famosa espada com pomo de lobo na cintura.

Audelie, uma Recém-unida Filax, está empoleirada no colo do

homem mais velho. Ela é a... acompanhante... que ele escolheu para os Ritos. É compreensível: ela tem uma beleza estonteante, com longos cabelos escuros e olhos verdes faiscantes. Ele apalpa o peito dela por cima das roupas enquanto ela sorri aberta e placidamente, e meu estômago se revira de nojo.

Ela é um lembrete visceral de que, para o rei, nós não passamos de objetos de entretenimento e prazer.

Mas até Audelie está usando roupas de combate. Ela pode ser a escolhida do rei, mas ainda assim faz parte de uma alcateia, e ainda terá que participar do Expurgo quando chegar sua vez.

Killian está à direita do pai. Meus olhos recaem nele contra minha vontade. Sua presença é tanto um consolo quanto uma preocupação. Não quero que ele me veja morrer hoje, mas, se as coisas derem errado, pelo menos a última coisa que verei será seu rosto.

Stark também está na sacada do rei, em seu lugar de honra, vestido de preto, o cabelo escuro cuidadosamente penteado para trás. Nossos olhares se encontram, como sempre, e a maliciosa arrogância em seu olhar diz tudo.

Hoje é o dia em que você morre, princesa.

Uma avalanche de violência se liberta dentro de mim, as sombras ao redor da arena se estendendo de um jeito estranho. Pela primeira vez, quase fico feliz por ele estar aqui. Eu precisava desse empurrãozinho a mais para provar que o desgraçado está errado.

Assim espero.

Cerro os dentes e me empertigo. Posso morrer hoje, mas com certeza não vou cair sem lutar.

Eu me viro para Anassa, sentindo seu foco predatório se aguçar.

Ela encontra meu olhar quando coloco a mão em seu ombro.

— *Fique nas minhas costas, não importa o que aconteça.*

Não tenho tempo para responder.

De repente, os lobos levantam o olhar para o rei, respondendo a algum sinal silencioso. Ele segura a Espada Funesta e, como fez na Apresentação, a crava no chão da plataforma.

Com isso, o teste começa.

Num piscar de olhos, estou nas costas de Anassa, abrindo-me por completo para a nossa conexão. Percebo um lampejo de algo se passando entre ela e os outros lobos. Não são bem palavras, mas intenções, julgamentos. Eles não vão deixar nenhum dos cavaleiros acessar o vínculo da alcateia hoje. O tempo de impressioná-los com nossas habilidades já passou.

Assustada, percebo que eles estão decidindo quem será o alvo — quem entre nós precisa morrer para que a alcateia se torne mais forte.

Se algum consenso é firmado, não tenho acesso a ele.

Os lobos começam a se mover, circulando e passando uns pelos outros numa dança bizarra que não faz sentido aos olhos humanos. Mas há um propósito terrível ali, escrito nas linhas selvagens de suas ancas musculosas.

Um lampejo de movimento chama minha atenção um instante antes de o caos começar... com um enorme lobo prateado investindo contra o flanco de Anassa. É Pietr, um dos amigos de Perielle.

Anassa gira, mais rápido do que eu jamais imaginei que pudesse, e meu único objetivo é me manter firme em seu dorso, afinando cada sentido à nossa conexão.

Nossa mente se encaixa com um estalo psíquico peculiar, e de repente estamos nos movendo como uma só.

Viramos em perfeita sincronia para encarar o inimigo, e vislumbro o rei inclinando-se para a frente no assento, a espada incomum cintilando na luz moribunda.

Então minha consciência se liga à de Anassa. Não existe mais rei, não existe mais plateia.

Agora não há nada além do Expurgo.

O lobo de Pietr investe com uma velocidade impressionante, atacando e recuando enquanto os outros lobos nos cercam. Fomos escolhidas — mais uma vez marcadas pela *minha* fraqueza.

Nossa determinação se enrijece e se transforma em resolução assassina. Por meio da união, somos um só instinto — sabemos quando abaixar, quando esquivar, como usar nosso corpo maciço para quebrar o ritmo do lobo prateado de Pietr. Somos um corpo, uma mente, e nos movemos como se tivéssemos treinado por anos, e não semanas.

Essa resolução assassina se mistura a uma eletricidade selvagem que reconheço vagamente como alegria. A alegria da caçada — de um predador indo para o abate.

Num borrão de excitação feroz, os dentes de Anassa encontram o flanco do lobo de Pietr. O cheiro de sangue quente invade seu focinho, carregado de mil mensagens primais. Eu o sinto em sua língua, nas gotas que respingam em sua pelagem.

O lobo prateado recua, tentando se livrar da dor, ainda com o cavaleiro firme em seu lugar. Nossa luta está apenas começando, mas o primeiro sangue já foi derramado.

A caçada começou.

Ao nosso redor, a arena explode em violência. Viramos em uníssono quando mais dois pares Unidos se aproximam, juntando-se a Pietr para formar uma equipe coordenada, determinada a derrubar Anassa.

Um deles é Perielle e sua loba-gigante. A mulher se mantém ereta e orgulhosa em sua montaria, as marcas de mordida de Jonah ainda visíveis em seu pescoço.

Nosso foco se afia e vira uma lâmina.

Perielle exala confiança... *arrogância*.

Fraqueza.

Conseguimos sentir o cheiro. Vemos no brilho febril de

crueldade em seus olhos.

E os outros também percebem.

Não há espaço para esse tipo de pose dentro de uma alcateia. Alcateias exigem união, e os instintos mesquinhos e perversos de Perielle sempre acabarão nos dividindo. Não importa que sua loba-gigante tenha um companheiro. É um sacrifício que precisa ser feito para a proteção dos Estrategos.

Consigo ouvir a instrução de Anassa aos outros lobos, e, em perfeita sincronia, a palavra escapa da minha boca:

— *Ela*.

A decisão de Anassa é a minha decisão também. Sombras invadem minha visão, atiçando o desejo pela morte de Perielle.

Ela não percebe o instante em que o foco dos lobos muda, cristalizando-se em julgamento fatal — mas sua loba percebe.

Num único movimento ensaiado, a loba de Perielle a lança ao chão. Ela cai na terra com um impacto ossudo e brutal, bem aos pés dos outros três lobos.

Anassa avança, suas mandíbulas gigantes fechando-se em torno da garganta de Perielle. Tenho um vislumbre da expressão chocada da mulher um instante antes de as presas de Anassa rasgarem carne e ligamentos. O sangue esguicha em um arco no ar enquanto os outros lobos avançam para terminar o trabalho.

Com um choque horrorizado, minha mente se desvencilha de Anassa, entendendo que tudo aquilo foi planejado pelos lobos, coordenado desde o início. A luta com Pietr foi uma distração, uma isca para expor a arrogância de Perielle. Para provar sua fraqueza.

Ela já estava marcada para morrer antes mesmo de entrarmos na arena.

— *Concentre-se!* — rosna Anassa, furiosa com meu afastamento.

O instinto de sobrevivência me devolve para a nossa conexão. Não posso me dar ao luxo de ficar em desacordo com minha loba ou acabarei como Perielle, caída no chão, o sangue fluindo para os

drenos da arena.

A loba de Perielle cai ao lado dela, a união rompida matando as duas ao mesmo tempo.

Os outros dois lobos se dispersam de imediato, unindo-se aos outros na dança mortal.

A satisfação de Anassa irradia por meu corpo. Não há crueldade no ato, ao menos não exatamente. Mas há prazer. A gratificação de uma tarefa importante cumprida com eficiência.

A alcateia será mais forte agora.

Não há tempo para assimilar nada. Os lobos-gigantes se recolhem outra vez enquanto a dança ritual prossegue. Lobos e cavaleiros se analisam com olhos frios, tentando identificar quem será o próximo.

Não demora.

Em questão de segundos, os lobos fixam o alvo e começam a cercar alguém de novo. Com um lampejo de horror, percebo que é Nevah, empoleirada em sua loba prateada-escura. Seus cachos castanhos saltam quando ela gira a cabeça freneticamente, os olhos arregalados, em busca de ajuda.

Izabel e Tomison estão mais próximos dela, e seus lobos disparam, defendendo-a do cerco da alcateia.

Nevah pode ser arredia, mas não é fraca — não merece morrer.

Para minha surpresa, sinto Anassa concordar por meio da nossa união. Ela está me ouvindo mesmo. A loba se lança na confusão, derrubando dois atacantes de lado.

Vejo o espanto e o alívio de Nevah quando percebe que fomos ajudá-la. Logo em seguida, seu rosto endurece, decidido.

Isso mesmo, você não vai morrer hoje.

Quatro contra dezoito não sinalizam boas chances, mas, para minha surpresa, os outros recuam quase de imediato. Nevah e sua loba-gigante assumem a dianteira, e ela se defende de dois ou três atacantes. Izabel, Tomison e eu permanecemos atrás dela como

defesa adicional, caso precise.

De novo, capto fragmentos da comunicação entre Anassa e os outros lobos. É o suficiente para entender que eles não estão dispostos a se voltar contra nós quatro se acreditamos que Nevah é digna.

Por um instante, penso que talvez esse seja o fim do Rito, mas os lobos mostram que estou errada. Mais dois pares caem, cada morte aparentemente predeterminada entre os lobos-gigantes.

Quando o toque grave de um berrante anuncia o fim do Expurgo dos Estrategos, o chão da arena já está outra vez encharcado de sangue e entranhas.

Vinte pares Unidos permanecem de pé. Mas a luta ainda não terminou. Faltam três alcateias.

Enquanto a multidão vibra e os servos arrastam os corpos, a mente de Anassa roça a minha, oferecendo algo que se parece quase com... consolo.

— *Sobrevivemos* — falo para ela, aliviada. — *Mas ainda assim foi horrível*.

A cada piscada revejo o choque no olhar de Perielle antes de sua garganta ser arrancada. Aconteceu tão depressa que ela mal teve tempo de compreender.

E o sangue dela está nas minhas mãos.

— *Não me arrependo de nada* — responde Anassa. — *E você também não deveria. Mas escolheu bem ao ajudar Nevah*.

— *Nevah teria se virado muito bem sem a nossa ajuda* — asseguro, observando a mulher enquanto ela se despede de sua loba enorme.

Nevah carrega uma força inacreditável. Só espero que agora comece a se abrir mais conosco. Que perceba que a amizade também pode ser uma força.

Anassa acena com a cabeça e parte com os outros lobos-gigantes dos Estrategos para os terraços da alcateia. Eu me junto a Izabel e Tomison, e seguimos para as arquibancadas para assistir ao

desenrolar do restante do Rito sangrento.

Ao nos aproximarmos dos assentos, meu olhar se ergue, buscando o farol que é Killian na plateia.

Não consigo evitar. Sorrio para ele, e seu rosto bonito se abre em um sorriso também. Ele faz um sinal rápido de joinha que tenho certeza de que ninguém mais percebeu.

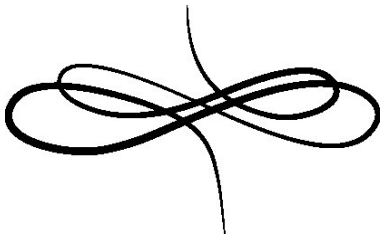
Eu consegui. Sobrevivi. Temos mais tempo juntos. Tenho mais tempo para salvar Saela.

Mas, quando me sento no desconfortável banco de madeira, os pelos da minha nuca se eriçam.

Os olhos de Stark estão fixos em mim, semicerrados, os braços cruzados sobre o peito, as tatuagens de morte em suas mãos visíveis até mesmo a essa distância.

Ele nos viu.

31



O ar na antessala dos Estrategos está pesado com o luto compartilhado quando voltamos do Rito de Expurgo. Quase não há conversa, mas todos ficam juntos. Até aqueles que normalmente ficam à parte, como Nevah, buscam o conforto do grupo. Eu também me vejo atraída para meus companheiros de alcateia.

Todos nós, os vinte, nos sentamos ao redor da lareira crepitante, absorvendo o calor. Conversas baixas se espalham — como cada um pretende passar o dia de folga, quais familiares vai visitar, quais notícias vai compartilhar. Mas a empolgação é contida, ofuscada pela escolha que fizemos, como alcateia, de executar três dos nossos companheiros Recém-unidos. Em meio ao Rito, as decisões pareciam certas, apesar da brutalidade. Mas agora...

Com o tempo, as pessoas começam a se dispersar para o dormitório. Não haverá festas esta noite, ao que tudo indica. Sou grata por isso.

Recolho-me ao meu quarto com um alívio exausto, pensando na minha cama. Mas algo me diz que não vou conseguir dormir com tanta facilidade. O sangue no chão da arena toma conta da minha mente sempre que fecho os olhos.

Foi difícil carregar a morte nas próprias mãos, mas não menos difícil assistir às outras alcateias fazerem o mesmo. Os Daemos sacrificaram *cinco* dos seus. Jonah estava descontrolado depois de ver a companheira de seu lobo-gigante morrer. O que matou

Perielle entre os Estrategos — arrogância e crueldade — é, ao que parece, uma virtude entre os Daemos. Preciso estar mais atenta do que nunca perto dele.

Acabo de vestir uma camisa limpa e uma calça quando ouço uma batida seca na porta.

Que inferno, o que é agora?

Abro a porta, impaciente.

Stark está do outro lado.

O medo percorre meu corpo numa onda quente, e por instinto deixo escapar um suspiro discreto. O que ele está fazendo aqui a essa hora? Finalmente veio cumprir suas ameaças?

Ou veio me confrontar sobre o que presenciou entre mim e Killian na arena?

— Princesa — ele me cumprimenta, a voz mais gélida que a nevasca do lado de fora.

Antes que eu possa responder, ele força a entrada, me empurrando para longe da soleira.

Eu me enrijeço quando ele invade meu espaço, o coração martelando no peito. Ele bate a porta atrás de si e me encara, a expressão indecifrável sob a luz fraca da lamparina. Há algo diferente em sua postura, algo incomum. Não consigo identificar o que é.

Meus instintos me mandam recuar, fugir, mas mantenho a posição. O quarto parece sufocante de tão pequeno com a presença maciça dele. Stark se impõe e é todo peito, ombros e músculos implacáveis.

Um cheiro de âmbar e almíscar me alcança, tênue, mas marcante.

— Por que você... — começo.

No mesmo instante, ele puxa algo do bolso. Uma agulha familiar e um pequeno pote de tinta.

Ah.

O cabelo loiro de Perielle, grudado de sangue. A ordem para matá-la saindo da minha boca, enquanto as sombras me empurravam para o assassinato.

A única morte de hoje que pesa em minhas mãos mais do que em qualquer outra.

Stark parece ler a memória estampada no meu rosto. Sua expressão se torna sombria, e ele gesticula em direção à cadeira ao lado da minha pequena escrivaninha.

Certo.

Arrasto a cadeira para o centro do quarto e me sento, abrindo os primeiros botões da camisa para lhe dar acesso ao pescoço.

Isso parece... Merda, eu nem sei. Nunca estivemos a sós. Também nunca vi sua expressão tão sombria. Não há aura de violência prestes a explodir ao redor dele, nenhum traço da malícia habitual nos olhos.

Ele parece quase... pesaroso.

Isso me deixa em alerta, e meu desconforto transborda em palavras.

— Isso deve te deixar muito feliz. Não morri hoje, mas ainda assim você ganha a chance de me machucar — disparo, a voz afiada. Os olhos dele brilham, exalam perigo, o que só confirma minha suspeita. — Só eu tenho a sorte de ganhar uma tatuagem?

O leve tremor na minha voz contradiz o tom provocador, mas o maxilar dele se contrai.

— Todos que deram a palavra final sobre uma morte, cujo lobo-gigante matou um membro da alcateia, estão recebendo suas marcas — responde, ríspido. Ele se aproxima mais, agulha em mãos, o joelho roçando minha perna. — Você é minha quarta visita esta noite.

— Você sabe como fazer uma garota se sentir especial — ironizo, enquanto ele segura meu queixo com os dedos ásperos, empurrando minha cabeça para o lado.

— *Especial* você é, sem dúvida — murmura ele, soturno.

Por alguma razão, a piada dele faz meu tremor interno crescer e irradiar para todo o corpo.

Quando a agulha pica minha pele, reconheço a sensação.

Eu sobrevivi. *Eu sobrevivi.*

Vou conseguir passar por isso. Vou salvar minha irmã.

Mas a que custo? A vida dela importa para mim. *É tudo* que importa. Mas será que vale tantas outras vidas em troca? Esta já é a segunda pessoa que matei desde que cheguei aqui. Terceira, na verdade, se contar o Levador.

Três mortes nas minhas mãos. Quem sou eu para falar que ela importa mais?

As lágrimas deixam minha visão embaçada, e eu tento me perder na doce ardência da dor, em vão.

— Isso não parece uma conquista — sussurro.

A agulha pausa contra minha garganta.

— Conquista? — A risada de Stark é áspera, sem um pingo de humor. — É isso que você pensa que elas são?

Confusa, viro o rosto para encará-lo.

— Não são?

A expressão dele se torna ainda mais sombria, a mão subindo para os padrões intrincados que cobrem seu pescoço.

— Não são troféus, Cooper. São lembretes.

Os olhos de Stark são negros como breu na penumbra do quarto, mas brilham carregados de emoção, refletindo a luz da lamparina como brasas encobertas.

— Não podemos nos dar ao luxo de esquecer os sacrifícios que precisamos fazer — continua, a voz baixando e se transformando num rosnado que me causa arrepios. — Cada vida que tivemos que tirar para manter a força da alcateia. Cada pessoa que não chegou até o fim. Cada perda é gravada em nossa carne para nunca esquecermos o preço da sobrevivência.

Ele tira os dedos das marcas do pescoço e, pela primeira vez, eu me permito olhar de verdade para elas.

Não são troféus, reflito, um pouco envergonhada de um dia ter feito tal suposição. *São lembretes.*

A voz de Stark desce ainda mais enquanto conto em silêncio as perdas gravadas em sua pele como marcas de garras.

— Ninguém quer essas tatuagens, princesa — murmura. — Não há espaço para orgulho na guerra.

Sinto um nó na garganta quando ele se inclina sobre mim mais uma vez. A agulha retorna à minha pele. A dor agora é uma queimação distante, amortecida pela revelação sinistra. É quase um bálsamo, de certa forma, saber que as tatuagens não são usadas como insígnias de honra, troféus de assassinos sem coração.

Saber disso me faz ver Stark sob um novo prisma. Me faz ver todos os Unidos sob um novo prisma. Cada marca em seus corpos representa um dia como hoje. Uma morte como a de Perielle.

Uma necessidade cruel tornada inevitável pela guerra.

É justo que eles — que nós — sejamos marcados para sempre por isso. Que as cicatrizes internas de dor e perda sejam exibidas do lado de fora, visíveis a todos. Para que todos se lembrem.

— Você deveria me dar uma terceira — falo baixinho, e Stark fica parado acima de mim.

Seu maxilar se contrai, fazendo a cicatriz ao lado saltar sob a barba rala.

Seus olhos deslizam devagar até os meus, a mão ainda apertando meu queixo.

— Quem? — pergunta ele, a voz baixa, cortante.

— Não... não foi outro Recém-unido — respondo, minha boca ficando seca de repente. Eu tento não me encolher sob o olhar intenso dele. — Só... outra pessoa. Mas eu deveria me lembrar.

Ele me encara com firmeza por mais um momento silencioso e então assente, voltando à agulha.

Sou tomada pelo alívio quando ele não faz perguntas. Nenhuma parte de mim lamenta o homem que matei na masmorra, mas me recuso a esquecer o preço alto de encontrar minha irmã.

O *preço da sobrevivência*.

Um estranho e inesperado conforto floresce dentro de mim, embora não dissipe o luto.

Stark termina e se inclina para lamber a ferida, como dita o costume. Seus cabelos roçam meu rosto, e então o calor úmido da língua percorre as marcas que ele traçou em sangue e tinta.

Meu corpo responde com uma onda feroz de excitação, como antes, mesmo enquanto minha mente se recusa a aceitar. Cerro os dentes, apavorada com a possibilidade de que Stark possa ler meu rosto ou postura.

Repito para mim mesma que é apenas a exaustão, uma reação fisiológica desencadeada pela vulnerabilidade depois da violência e da perda de hoje.

Mas me parece uma mentira.

Consigo sentir Anassa escutando. Quase espero que ela me confronte — que me desafie por esse pensamento —, mas ela apenas permanece em silêncio.

Depois de concluir o trabalho, Stark sai do meu quarto sem falar mais nada, fechando a porta com suavidade atrás de si.

Eu me levanto e vou até o pequeno espelho na parede para espiar as novas tatuagens. Elas se misturam perfeitamente à primeira, formando uma faixa sombria com três pontas que me faz pensar novamente em uma coleira.

Quando toco a pele inchada, meus dedos saem manchados de sangue e saliva.

Na manhã seguinte, enquanto me preparo para a viagem de volta para casa, estou muito consciente da nova tatuagem. Ela ainda arde,

um lembrete constante dos acontecimentos de ontem.

É estranho pensar em voltar ao meu bairro. Minhas roupas antigas foram descartadas depois da Ascensão. Vou ter que ir vestida com as roupas de recruta Recém-unida Estrategos.

O uniforme é simples e sem adornos, ainda mais se comparado ao que os Unidos usam, mas ainda assim vou chamar atenção nos quarteirões.

O que será que todos vão pensar quando me virem assim?

Percebo que já me acostumei com tecidos finos, feitos sob medida para o meu corpo. Isso me faz sentir vergonha por um instante, mas ela passa rápido.

Agora sei o que ser Unida de fato significa.

Sem pensar, toco a tatuagem, que já começou a formar uma casquinha.

Não posso me envergonhar do que me tornei, mesmo que ainda não tenha certeza de que gosto disso. Sentir vergonha seria diminuir tudo pelo que passei. Cada morte que testemunhei.

Cada vida que tirei.

É tudo pela Saela, lembro a mim mesma. *Vale a pena*, *desde que eu a recupere*.

Na sala comunitária dos Recém-unidos, o clima de luto de ontem já se dissipou. Há uma energia animada entre todos que estão prestes a voltar para ver suas famílias. Avisto Henrey sentado sozinho, beliscando um prato de bolinhos de café da manhã, e vou até ele.

— Ei — diz ele, erguendo o olhar quando me sento à sua frente. Percebo uma nova tatuagem avermelhada em seu pescoço. — Parabéns por, sabe como é, não ter morrido.

— Ainda — lembro a ele. — *Ainda* não morri. Mas obrigada. E parabéns para você também. O que vai fazer hoje?

Henrey dá de ombros. Ele é da Baixada das Flores, um feudo litorâneo a léguas de distância. A viagem costuma levar ao menos

uma semana, mas talvez ele conseguisse chegar em dois dias se fosse montado nas costas do lobo.

Ainda assim, ele não vai para casa visitar ninguém. Acho que nós, os camponeses que não somos da Cidade Unida, não fomos levados em consideração quando pensaram nesse presentinho especial.

— Talvez eu vá até a cidade, pro lado dos plebeus — comenta ele. — Não tenho muito dinheiro para gastar, mas hoje à noite temos o baile. Para a Apresentação, peguei emprestado um paletó formal do meu companheiro de alcateia, Olivier, mas...

Ele não precisa terminar a frase. Olivier foi dilacerado por quatro lobos na noite passada. Um deles foi o de Henrey.

Não dá para pegar roupa emprestada de um homem morto.

— Tem um brechó no Distrito Norte que vende trajes formais — comento, e lhe explico onde fica.

Nunca tivemos dinheiro para comprar nada lá, mas eu gostava de dar uma olhada na vitrine quando levava a mãe ao médico.

É tolice ter que se preocupar em se vestir bem quando acabamos de presenciar tanto sangue derramado, mas Henrey e eu sabemos que o baile de hoje à noite é só mais um Rito em um traje bonito.

Mais uma oportunidade para nos misturarmos... ou atrairmos um alvo.

Conversamos por mais alguns minutos sobre as lojas de que gosto, os suprimentos que Henrey espera conseguir no dia de folga, e então pego dois pãezinhos com manteiga da mesa do café e volto para o meu quarto. Não estou com muita fome.

Poucos minutos depois, Izabel entra sem bater, vestida com um traje de montaria roxo-escuro que grita a riqueza dos Unidos. Seu cabelo comprido foi arrumado de forma impecável, como sempre, com a mecha prateada bem destacada.

— Meryn! — exclama ela, praticamente pulando de tanta empolgação. — Estou pronta pra ir, e você? Antes de partirmos

para os Ritos, meus pais falaram que se passássemos pelo Rito de Expurgo eles organizariam um grande almoço para mim e para Venna, com todos os parentes mais próximos... Bem, todos que não estão na frente de batalha, claro. Tenho certeza de que estão *morrendo* de vontade de ouvir sobre o treinamento. Você vai ver alguém além da sua mãe?

— Acho que não — murmuro, erguendo o colarinho para garantir que minha tatuagem nova esteja escondida. Não quero que ela chame atenção em casa. — Só vou ver como minha mãe está. Talvez visitar meu vizinho, Igor.

Ela fica toda feliz.

— Ah, aquele que te treinou para lutar?

Assinto, pensando na cara de poucos amigos de Igor. É engraçado que eu sinta um quentinho no coração só de pensar naquele rosto rabugento. Um dos lados bons de voltar para casa.

Todo o resto vai ser estranho.

Izabel parece perceber meu humor melancólico. Ela se senta na beira da cama e inclina a cabeça.

— Quer conversar sobre isso?

Passamos tanto tempo juntas nos últimos dois meses que ela já juntou toda a minha história, pedaço por pedaço. Sabe que minha mãe tem distúrbios mentais, que precisei criar Saela praticamente sozinha.

Izabel deve ser capaz de ver o quanto estou apreensiva com essa pequena visita à família, mesmo depois de todos os momentos obscuros que enfrentamos aqui.

Killian continuou passando na casa da minha mãe regularmente e falou que ela está bem, mas eu morro de medo de encontrá-la perdida em delírios de novo, conversando com pessoas que não estão lá. E eu nem sequer tenho uma boa notícia para dar sobre Saela.

Balanço a cabeça, e Izabel aceita minha recusa em silêncio.

— Bom, não se esqueça de hoje à noite — comenta. — Você precisa estar de volta ao pôr do sol para se preparar para o Baile da Forja. É importante! Todos os nobres vão estar lá. Talvez até conheça alguém, como eu espero conhecer.

Apesar das implicações nojentas — ainda não consigo superar o fato de que os nobres tratam os Recém-unidos como um mercado de carne —, sinto meu rosto ficar quente.

Eu me curvo, mexendo nos cadarços das botas para que Izabel não perceba o quanto estou desconcertada. Ainda não contei a ela sobre Killian, embora minha companheira de alcateia desconfie que estou saindo com o "destruidor de corações" de novo, já que não tenho aparecido tanto. Ela tem sido uma boa amiga por não me pressionar quanto a isso.

Ele estará no baile hoje à noite, claro. Será que todos vão perceber só pela maneira como olhamos um para o outro?

Será que eu quero isso, afinal?

Penso nas palavras dele duas noites atrás. *Me dê permissão para reivindicar você diante do mundo inteiro e eu farei isso*.

— Tá bom — resmungo, e me endireito. — Estarei lá. Só não tenho nada pra vestir.

— É só pegar alguma coisa em casa — sugere Izabel.

Dou risada.

— Izabel, a gente não costuma ter vestidos de baile largados pelos bairros dos plebeus. O mais próximo que eu tinha era um vestido de aniversário que ficou tão gasto com o tempo que acabamos transformando em fronha.

— Ah. Verdade. — Ela faz uma pausa. — Bom, não tem problema! Venna e eu vamos trazer alguma coisa pra você, então não se preocupe.

Dou um sorriso torto, esperando que ela não perceba minha dor. Sou grata pela ajuda, mesmo que isso faça eu me sentir um projeto de caridade. Mas não estou nada animada para ser a boneca das

gêmeas de novo, ainda mais porque os Unidos tentam usar o mínimo de roupa possível nesses eventos.

— Nada muito decotado, por favor? — peço.

Izabel dá uma gargalhada como se eu tivesse feito uma piada e salta da minha cama.

— Não prometo nada! — grita e sai dando um aceno animado.

Isso não soa nada bem.

Anassa me espera nos portões do castelo para a viagem. Não conversamos. Não há espaço na minha mente para conversa enquanto me debato com a experiência de atravessar os distritos montada nela.

Nunca tive dúvidas de que a traria comigo. Montar nela vai tornar a ida e a volta mais rápidas, garantindo mais tempo com minha mãe. Só que é mais do que isso. Parece importante que minha mãe conheça esse ser que se tornou parte de mim.

Seguimos pelo Distrito Norte e depois rumo ao Mercado Central, o mesmo lugar onde vi Stark executar aquele desertor.

Anassa ignora as pessoas por quem passamos, embora eu consiga sentir que tem consciência delas, do medo que sentem. Elas saltam para fora do caminho quando nos veem chegando, se colando às paredes e puxando os filhos para trás como se temessem que a loba fosse devorá-los. Até os mercadores postados às margens da estrada abandonam as carroças para recuar diante de Anassa.

A maioria nem olha para mim. Não que eu me importe — na verdade, chega a ser um alívio. O medo e a reverência nos olhares alheios me deixam com um mal-estar tremendo.

E eu preocupada com o que iam pensar de me ver no uniforme de Recém-unida.

Entramos na curva que leva do Central ao Leste, finalmente entrando no meu distrito.

As patas enormes de Anassa deixam marcas profundas na neve lamacenta que sufoca as ruas onde brinquei quando criança. Onde arrumei briga com garotos maiores depois que meu pai morreu na guerra. Onde carreguei pilhas de roupa dos outros para pagar o remédio da minha mãe.

As mesmas ruas por onde minha irmã ia e voltava da escola.

Tudo parece menor e mais sujo do que antes — surreal, depois das semanas que passei no luxo.

Para minha consternação, me sinto ainda mais deslocada aqui do que no castelo.

Merda. Uma *ironia* de merda.

Há apenas dois meses, eu era uma dessas pessoas, resmungando por entre os dentes quando cavaleiros Unidos invadiam nossas ruas. Indignada por termos que nos dispersar só porque algum Unidinho metido a besta *se dava ao trabalho* de passar por ali. Na época, parecia que os lobos-gigantes estavam dispostos a esmagar qualquer um que cruzasse o caminho.

Agora, do dorso de Anassa, vejo a verdade.

Ela percebe cada um deles, cada movimento, cada ponto possível de interação. Ajusta o passo para evitar colisões, para as pessoas terem tempo de se afastar. Mas não olha diretamente para ninguém, sabendo que até um instante de contato visual poderia causar pânico.

Não é bem empatia que existe em suas ações. Mas é uma espécie de gentileza, que existe sob o pragmatismo lupino de sempre, duro e afiado. Essas pessoas são inocentes e não representam ameaça alguma. Ela não quer assustá-las.

Sou grata por isso. E fico um pouco envergonhada também, por todas as suposições que fiz sobre os Unidos.

Sim, eles levam vidas privilegiadas. Têm todos os luxos com que poderiam sonhar. Mas, em troca, vivem flertando com a morte.

Em troca, são tratados como diversão para o rei e seus nobres —

em mais de um sentido. Estremeço outra vez, lembrando-me do brilho de empolgação nos olhos de Izabel ao falar sobre *conhecer alguém* no baile de hoje.

E de Audelie, empoleirada no colo do rei durante o Expurgo, com aquele sorriso vazio colado no rosto.

Esse tempo todo, meus vizinhos e eu guardamos ressentimento contra os Unidos. Mas eles não são o inimigo. No fim das contas, eles — *nós* — também somos apenas brinquedos para o rei usar e jogar fora. Soldadinhos para lançar contra os Sifões. Gladiadores de brinquedo para lutar pelo divertimento dos nobres ricos.

Companhias descartáveis para aquecer suas camas.

Os plebeus não deveriam odiar os Unidos. Deveriam odiar os nobres... e o rei.

O pensamento é desleal. Traiçoeiro, até. Expulso-o da mente no mesmo instante em que surge, com medo de que, se o cutucar por muito tempo, ele cresça e floresça em meu peito como uma planta carnívora.

Nosso povo não consegue nem vencer uma guerra. Jamais sobreviveríamos a uma revolução.

Viramos na rua onde nasci e cresci. Quase não quero vê-la com os olhos que tenho agora. Ao mesmo tempo, os detalhes familiares me atraem.

As casas caindo aos pedaços, com madeira podre e passarelas lamacentas. As fachadas destruídas e as paredes em ruínas de lares abandonados há muito tempo. As crianças correndo pelas ruas vestidas em trapos que foram remendados com carinho.

Merda. *Dói* ver isso e saber que não há nada que eu possa fazer para mudar essa situação.

Quando este dia terminar, vou voltar para minha cama limpa e meus lençóis macios. Vou ter toda a comida que quiser. Todo o calor e conforto que essas pessoas nunca conheceram.

Mas Killian poderia fazer algo a respeito quando assumir o lugar

do pai. Conversamos sobre isso nas últimas semanas. Ele dividiria os recursos de forma mais justa entre os Unidos e o restante da população de Noturna. Acabaria com as festas luxuosas para os nobres e obrigaria aqueles lordes que nunca trabalharam um dia sequer em suas vidas a parar de saquear o próprio povo.

Aquela voz traiçoeira volta. *Por que esperar a morte natural do rei quando existe alguém mais apto para governar o trono?*

— *Existe* — concorda Anassa, ouvindo meus pensamentos.

— *Para. Não vamos planejar um motim no nosso dia de folga.*

Quando chegamos na casa da minha mãe, sou tomada pelo pavor. Aqui está a casinha simples e sem graça.

Mas... o telhado que antes cedia já não está mais afundando. As paredes foram consertadas como deveriam ser e finalizadas com um novo reboco. O portão torto da frente agora está firme no lugar. E já não há mais buracos no toldo da varanda.

Killian. Ele não tem apenas passado para ver como minha mãe está. Tem reconstruído o mundo dela, pedaço por pedaço, durante a minha ausência.

Meus olhos ardem, e respiro fundo o ar frio, pigarreando. Não vou chorar na rua como uma criança.

Quando Anassa para diante do portão, o corpanzil dela projeta uma sombra comprida que engole toda a frente da casa, e os vizinhos espiam pelas janelas.

Não faço contato visual com eles enquanto desmonto e sigo para a porta. Não quero ver a expressão de admiração — ou de ressentimento. Não quero me ver refletida como uma estranha em seus olhares.

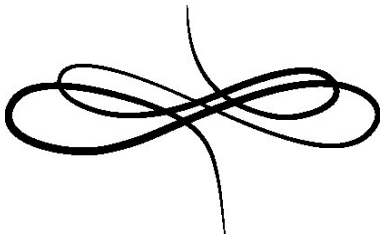
Meu coração lateja nos ouvidos quando me aproximo da porta. Paro no batente, tomada por uma confusão súbita.

Devo bater? Ou só entrar? Esta é minha casa, mas, de algum modo, já não parece mais minha.

Antes que eu consiga decidir, a maçaneta gira. A porta se abre.

E eu fecho os olhos, com medo de descobrir qual versão da minha mãe vou encontrar hoje.

32



— Meryn! — exclama ela, e abro os olhos no mesmo instante.

Minha mãe está do outro lado, e a luz quente do fogo brilha atrás dela. O cabelo escuro, já grisalho, está penteado e trançado nas costas. A pele branca tem um brilho saudável, as bochechas estão coradas. Ela usa um vestido que parece recém-lavado.

E os olhos dela estão vivos e claros. O olhar vazio sumiu.

Ela envolve os braços no meu pescoço e me puxa para perto, e eu franzo a testa, confusa.

— Deusa bendita, não acredito que está aqui! — grita ela. Não sei se devo retribuir o abraço ou me afastar para examiná-la, então dou tapinhas em suas costas. — Lee me falou que você teria um dia de folga, mas ainda assim é um presente maravilhoso poder te abraçar.

Quando ela se afasta, percebo que usa um avental que está manchado de farinha. Ela estava *assando pão*.

— Mãe? — Ouço a perplexidade em minha voz. — É mesmo você?

Ela ri.

— Quem mais seria?

Ela olha para o que está atrás de mim e arregala os olhos, espantada.

Viu Anassa.

— Ah... — Minha mãe suspira, passando por mim. — Essa deve

ser a sua loba-gigante.

— Certo, é... — respondo, meio sem jeito. — Mãe, essa é Anassa. Anassa, essa é a minha mãe.

Espero que a loba-gigante aja como sempre, indiferente, distante, talvez até um pouco ameaçadora. Para meu total espanto, Anassa se vira para minha mãe... e faz uma *reverência*.

Que *porra* é essa?

Minha mãe solta um arquejo quando Anassa se curva, baixando a cabeça enorme até as patas dianteiras.

— Nossa, ela é *linda*, Meryn! — Minha mãe se derrete e se aproxima da loba. — Esse pelo... e esses olhos! — Ela levanta a mão como se fosse tocar Anassa e depois pensa melhor, assentindo numa reverência silenciosa. — Ela é especial, não é? Uma rainha entre os lobos.

Anassa pisca os olhos amarelos para minha mãe em concordância.

— *Então é isso que te conquista, é?* — ironizo, pela união. — *Bajulação? Você não faz reverência nem para o rei.*

A mente de Anassa ondula com irritação.

— *Eu dou respeito a quem merece.*

Reviro os olhos.

— E por falar em beleza... — Minha mãe se volta para mim. Ela ergue a mão e toca meu cabelo prateado, cortado rente. — Isso combina com você.

— Ah. Obrigada — murmuro, tocada pelo orgulho nos olhos dela.

— Venha, vamos entrar — sugere ela, depois olha de novo para a minha loba. — Anassa, sinto muito por você não caber na nossa casinha. Mais tarde vou trazer um petisco para você. — Ela lança um olhar para mim. — Tudo bem? Ela come comida de gente?

Olho por cima do ombro para Anassa, que não fala nada, embora pareça satisfeita com a atenção.

— Acho que não — respondo. — Ela caça a própria comida nas montanhas fora do castelo.

Minha mãe assente.

— Ah. Então acho que ela não vai querer um pedaço de pão de fermentação natural.

Quando entramos na cabana aconchegante, iluminada pelo fogo, sou atingida por uma onda de nostalgia. Não vejo a casa tão arrumada e brilhante desde antes de Saela nascer.

O chão foi varrido, as janelas estão limpas, não há poeira nas superfícies. A lareira está acesa, bem como todas as lamparinas. A casa toda cheira a pão assado e ao ensopado de carne com especiarias da minha mãe — aquele que ela fazia nos feriados, quando meu pai ainda estava vivo.

— Imagino que Ki... Lee também tenha contado da minha união com Anassa — comento, seguindo minha mãe para a sala. — Eu não tinha certeza de que você sabia que me tornei Unida.

— Ah, sim! — responde ela, gesticulando para eu me sentar ao lado dela no sofá. — Lee me visita toda semana. Ele tem sido um querido, trazendo comida, lenha e tudo de que preciso. Ele também trouxe alguns artesãos para arrumar a casa, você viu?

— Vi — respondo, sentindo um aperto na garganta. — Está muito bonita.

— Não peço nada, veja bem! — Ela se apressa em me tranquilizar. — A última coisa que quero é dar trabalho pra ele. Ele é mesmo muito bom, esse Lee. — Ela se inclina para dar um tapinha na minha perna, sorrindo com um ar conspiratório. — Um bom partido, com certeza.

Minhas bochechas esquentam quando penso em como ele expressou o desejo de me reivindicar diante do mundo.

É claro que minha mãe ainda não sabe que “Lee” é o príncipe herdeiro. O que ela pensaria se descobrisse a verdade? Ficaria ainda mais empolgada? Ou me advertiria a me afastar, preocupada em ver

a filha envolvida com alguém da realeza?

A vontade de confessar tudo cresce dentro de mim com uma força surpreendente. Há anos não vejo minha mãe tão lúcida. Eu quase esqueci como costumava confiar nela — como nos sentávamos ao lado do fogo, exatamente assim, e eu contava sobre o meu dia ou qualquer outra coisa que estivesse na minha cabeça.

De repente sinto tanta falta disso que fico prestes a chorar. Quero deitar com a cabeça no colo dela igual a quando era criança e contar tudo — sobre o castelo, o treinamento, Anassa, Killian. Quero que ela me faça cafuné e me diga que tudo vai ficar bem, como fazia antes.

No entanto, suprimo essa vontade. Não sou mais aquela garotinha. A vida me obrigou a crescer, e não há como voltar no tempo.

Seguro a mão dela.

— Mãe, fico muito feliz de ver que o Lee está cuidando de você. Desculpa não poder estar aqui. Ela começa a protestar, mas eu a corto: — Não, por favor, escute — falo, com ferocidade. — Não estou longe à toa. Vou lutar até o fim do treinamento. Depois vou encontrar Saela e trazê-la de volta... nem que eu tenha que matar todos os Sifões de Astreona para isso. *Juro* que vou trazer a Saela para casa.

Os olhos da minha mãe se enchem de lágrimas mesmo enquanto os lábios se curvam num sorriso orgulhoso e cheio de dor. Ela aperta minha mão entre as dela.

— Eu sei que vai — sussurra. — Tenho tanta fé em você, Mer. Você tem sido nossa protetora todos esses anos desde que seu pai se foi. Sei que não vai nos decepcionar agora. — O rosto dela se contorce de dor e arrependimento. — Sinto muito por não ter estado bem... por não ter sido a mãe que você merecia.

Sinto a respiração falhar.

Eu mesma não desejei isso? Não estava pensando em como

sentia falta dessa mãe, o tipo de mãe que toda criança deveria ter? Uma que fosse presente o bastante para atender às necessidades básicas dos filhos? Uma que confortasse, consolasse e cuidasse da família?

E, ainda assim...

— Não fala isso — sussurro, as lágrimas fazendo meus olhos arderem. Eu me debato em uma guerra interna. Estou furiosa pela minha sina e a de Saela, mas não posso ficar com *raiva dela*. — Você não tem culpa por ter ficado doente. Só fico feliz que esteja se sentindo melhor. — Dou uma fungada e enxugo os olhos depressa. — Falando nisso... o que está acontecendo? Você conseguiu algum remédio novo, ou...?

— Não, nada disso. — Ela balança a cabeça, dando de ombros. — É uma coisa bem estranha. Faz semanas que melhorei. Eu até teria voltado a trabalhar na lavanderia, mas Lee e Igor insistem para eu ficar em casa.

— Ótimo. É melhor que fique em casa mesmo. Contanto que estejam cuidando de você.

— Estão, sim. Eu me sinto até meio culpada por depender dos outros, mas eles têm sido tão gentis. Os outros vizinhos também passam para ver como estou.

Antes que eu possa responder, alguém bate à porta.

— Atende pra mim? — pede minha mãe, levantando-se para ir até a cozinha. — Preciso tirar o pão do forno.

Assinto e vou até a porta, já sabendo quem vai estar do outro lado.

Igor me olha de cima a baixo, os olhos se arregalando ao notar meu cabelo, e então me puxa para um abraço que quase esmaga minhas costelas.

Congelo por um segundo no aperto, surpresa com a demonstração de afeto, mas logo jogo os braços em volta dele.

— Estou tão feliz por você ainda estar viva, garota — resmunga

Igor, com a voz rouca de emoção.

Pigarreio, sem jeito, quando ele me solta.

— Mas ainda não encontrei Saela.

Ele aperta meu ombro, o rosto enrugado e grave.

— Você vai encontrar.

— Pelo menos os Levadores estão sob controle agora, certo? — pergunto, puxando-o para dentro.

Minha mãe se aproxima, e os dois trocam um olhar confuso.

— Espera. Os ataques pararam... — falo, olhando de um para o outro. — Certo? Nenhuma outra criança foi levada?

A expressão de Igor é sombria.

— Não, Meryn. Os ataques não pararam. Na verdade, aumentaram.

— *O quê?*

Minha mãe dá um passo à frente, estendendo a mão para mim com uma expressão preocupada.

— Mer...

— Três crianças foram levadas só na última semana — conta Igor, com o rosto tenso. — O que fez você pensar que tinham parado?

Um nó gelado de medo e incredulidade se forma no meu estômago. O Levador que interrogamos. O armazém. Isso deveria ter acabado com a operação deles.

Algo deu errado? Os guardas de Killian não conseguiram encontrar os outros?

Carrego uma nova marca de morte no pescoço por causa daquele homem, e mesmo assim os ataques continuam. Eu falhei.

Igor bate no meu ombro de novo, me arrancando da espiral frenética de pensamentos.

— Escuta, isso não é problema seu agora — diz ele, daquele seu jeito grosseiro de sempre. — Você precisa se concentrar em sobreviver ao treinamento... *Aí*, *sim*, vai poder voltar a salvar o

mundo.

— Certo — murmuro, já decidida a falar com Killian sobre os Levadores mais tarde. Agora só quero curtir um pouco minha família. Forço um sorriso irônico. — Mas não é só o treinamento. Tenho que sobreviver a uma merda de um *baile* hoje.

— Olha a boca, Meryn! — exclama minha mãe, e Igor solta uma gargalhada.

— Desculpa, mãe.

— Um baile, é? — ironiza Igor. — Eu preferiria lutar contra um maldito Sifão.

— Eu também — resmungo, e voltamos para a sala de estar.

— Ah, parem com isso — retruca minha mãe, os olhos brilhando com uma excitação nostálgica. — Um baile no castelo parece *maravilhoso*.

— Não quando você é uma plebeia zé-ninguém — murmuro. — Uma das únicas duas entre todos os Recém-unidos deste ano, só para constar. Todos os outros vêm de famílias Unidas. Um dos vestidos chiques que eles usam em ocasiões assim poderia alimentar nossa família por um ano inteiro.

Igor dá risada.

— Aposto que você adora se embonecar toda para aqueles metidinhos a besta.

Minha mãe dá um tapa leve nele.

— Deixe ela em paz. Toda garota merece usar umas coisinhas chiques de vez em quando.

Solto um suspiro.

— Sim, claro. Tirando o fato de que eu *não tenho* coisinhas chiques.

O rosto da minha mãe se ilumina.

— Ah, mas tem, sim! Venha comigo... Vamos, vamos!

Olho espantada para Igor enquanto sigo minha mãe até o quarto dela. Meu treinador e amigo só abre um sorriso intrigado.

De qualquer forma, é muito bom vê-lo sorrir. Ver os dois sorrindo.

Minha mãe já está erguendo o tapete puído e se abaixando sobre a tábua solta onde esconde todos os seus bens mais preciosos. Enquanto ela cava seus tesouros com uma intensidade determinada, absorvo o quarto familiar.

Como todo o resto, parece muito menor e mais pobre depois de semanas no castelo. Mas está limpo, e a cama está arrumada. Outro sinal da melhora na saúde dela.

— Aqui! — exclama ela, levantando-se com um pingente familiar na mão.

A luz do sol reflete na opala quando ela a estende para mim, pequenos fragmentos de arco-íris cintilando no fundo da pedra.

Abro a boca para protestar, mas algo no olhar da minha mãe me detém. Nunca vi seu semblante tão vivaz, tão insistente. Suas mãos tremem um pouco ao segurar a opala.

— Use hoje à noite no baile — sugere ela. — Ele precisa ser visto.

— Precisa ser visto? — repito, confusa. — O que isso...?

As palavras morrem na minha garganta quando percebo o olhar vidrado da minha mãe. Sinto meu coração parar... Conheço bem demais esse olhar vazio. No instante seguinte, porém, ele desaparece. O olhar dela volta a ficar nítido.

— Vem cá, deixa eu colocar em você.

Olho fixamente para o pingente quando ela o ergue. É leve contra minha pele, apesar do tamanho da pedra e do intrincado trabalho em ouro que sustenta a opala. Dá para perceber que é muito antigo, manchado pelo tempo e pela falta de uso.

É lindo e muito melhor do que qualquer outro objeto meu, mas sei que parecerá antiquado diante das joias cintilantes que os outros Recém-unidos vão usar esta noite.

Quando minha mãe o prende ao redor do meu pescoço e a pedra

repousa sobre o esterno, percebo que ela está estranhamente quente.

Parece quase... viva.

As mãos dela se demoram no fecho, e percebo uma sucessão rápida de expressões perpassando seu rosto.

Alívio, medo e algo que parece quase triunfo.

No mesmo instante, sinto Anassa prestando atenção no que estamos fazendo. Seu interesse repentino pulsa através da união.

— *Por que você se importa com um colar?* — pergunto.

Sem resposta. Apenas a sensação de que Anassa está ouvindo, observando.

Tanto faz. Não tenho tempo para questionar a loba. A luz do dia filtrada pela janela já anuncia a tarde. Logo vou precisar voltar ao castelo.

Deixo de lado todos os outros pensamentos enquanto minha mãe, Igor e eu nos sentamos para uma refeição maravilhosa. É agridoce sem Saela aqui. Nossa mesa parece vazia, e a casa, estranhamente silenciosa. Eu me pego querendo olhar para a porta a todo instante, esperando que ela volte depois de visitar uma amiga do bairro. E então me lembro, de novo, do motivo de sua ausência.

É temporário. Em breve, estaremos juntas de novo, todas seguras.

Quando o entardecer começa a escurecer o céu lá fora, me despeço. Minha mãe fica um pouco emocionada. Eu também, para ser sincera. Até os olhos de Igor parecem um pouco marejados, embora ele sorria e me provoque:

— Não vai amolecer dormindo nesses lençóis chiques do castelo, hein?

— Vai se ferrar — respondo, rindo por entre as lágrimas.

— Meryn! — repreende minha mãe.

Igor me dá um tapa nas costas e me empurra para Anassa.

— Cai fora, garota.

— Amo vocês dois — falo, e dou um último aceno. — Entrarei em contato em breve.

Monto em Anassa depressa e me viro para dar uma última olhada na minha infância.

Minha mãe está no vão da porta, com a mão erguida em despedida. Uma mecha de cabelo escapou da trança arrumada e chicoteia seu rosto com o vento frio.

A nostalgia me atinge de novo como uma onda lenta, mas agora é diferente. Vem com uma sensação de luto. De algo que foi de fato perdido. Minha vida tomou um rumo inesperado — um que eu nunca sonhei, nunca quis.

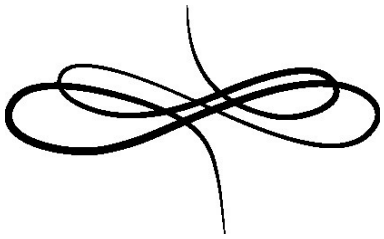
Não sou a mesma pessoa que era quando fui embora. Segui em frente, quer eu goste disso ou não.

E, quando eu me formar, receberei uma casa na Cidade Unida, no bairro dos Estrategos. É esperado que eu viva lá quando não estiver na frente de batalha. Ainda não sei se poderei levar minha mãe — e Saela — para morar comigo.

Talvez por isso tenha a sensação esmagadora de que isto é um adeus definitivo.

Este lugar nunca mais será, de fato, meu lar.

33



Ao voltar para o castelo, encontro a área de convivência dos Estrategos fervendo com a animação pré-baile. O ar é denso de perfume e expectativa. Meus colegas Recém-unidos correm de um lado para o outro entre os quartos, em vários estados de nudez, como sempre sem constrangimento de mostrar um pouco de pele. Eles ajudam uns aos outros com o cabelo, a maquiagem e as roupas complicadas.

Ainda estou receosa em relação ao baile, mas me sinto aquecida pela atmosfera alegre e caótica. É um contraste marcante com o luto de ontem e a habitual precisão militar de nossa vida diária.

— Meryn! Você chegou!

Izabel e Venna saem correndo do dormitório e me encurralam com sorrisos conspiratórios idênticos. O entusiasmo delas me causa afeição e receio em igual medida.

— Oi — falo, com cautela.

— Não vem com "oi" como se fosse um dia qualquer! — exclama Izabel, agarrando meu braço. — Temos que nos preparar para um *baile* real! Venha ver o vestido que trouxemos pra você!

Venna agarra meu outro braço, e as duas me forçam para dentro do quarto.

A vergonha e a gratidão me mantêm em silêncio enquanto as irmãs me mostram o vestido. Ele tem um corpete de renda prateada ombro a ombro e uma saia de cetim preto com uma

grande fenda lateral. O corte do corpete é baixo e revelador.

Não estou surpresa com o estilo, visto que o objetivo desta noite para as Unidas é parecer o mais sexy possível para os nobres.

— Bem, sabemos que está um pouco fora de moda — comenta Izabel, um pouco envergonhada, como se eu tivesse a menor noção do que está em alta na moda ou pudesse me ofender com a relevância de um vestido. — Mas foi a coisa mais modesta que conseguimos encontrar. Só foi usado uma vez, na celebração de dezesseis anos da nossa prima, alguns anos atrás. Suas pernas são incríveis, então pensamos que a fenda combinaria com você.

Olho para elas, surpresa. Ninguém nunca falou que eu tenho pernas incríveis.

É engraçado que elas achem esse vestido modesto, na verdade.

— O que você acha? — pergunta Venna. — Você gosta?

As duas me encaram cheias de expectativa.

— É lindo — respondo, pegando o vestido. — Obrigada. De verdade.

Izabel franze a testa.

— Tem certeza? Você parece meio chateada.

— Não. Droga. Desculpa — murmuro. — Não é o vestido. — Faço uma pausa, pensando na viagem, em minha mãe e em Igor, e em deixar minha casa para trás. — Só tenho muita coisa na cabeça.

Izabel assente, compreensiva.

— Você está nervosa por causa do baile. Entendo totalmente. Mas não se preocupe, tá? Como eu falei antes da Apresentação, você não precisa ficar com nenhum nobre se não quiser. Isso não é exigido de nós.

Forço um sorriso e mais um agradecimento. Não tenho certeza de que conseguiria sequer explicar o que estou sentindo — ou se elas entenderiam, caso eu conseguisse.

— Vai, experimenta! — ordena Venna. — Depois que a gente terminar de se arrumar, vamos te ajudar com o cabelo e a

maquiagem.

Assinto e sigo para o meu quarto, aliviada por ter um momento sozinha. Preciso colocar a cabeça em ordem. O baile pode ser uma festa, mas não é apenas diversão. Isso, como tudo aqui, é mais um Rito. Já sobrevivemos ao sacrifício das nossas alcateias, mas agora vamos ser lançados em uma competição social.

Hoje à noite, todos estarão tentando impressionar o rei Cyril e os nobres que vieram visitar dos sete feudos de Noturna. Seremos observados, julgados. Preciso estar lúcida e atenta. Preparada para qualquer coisa.

E também ainda estamos disputando posição dentro das nossas alcateias. Depois de sobreviver ao Expurgo, meu lado competitivo voltou a despertar. Não estou mais apenas tentando evitar a morte. Quero conquistar o respeito dos outros Recém-unidos.

Anassa rosna em concordância.

Com sorte, este vestido será suficiente para me fazer parecer à altura do papel que estou pronta para reivindicar.

Respiro fundo para me firmar enquanto empurro a porta do meu quarto... e congelo na soleira.

Mas que...

Um vestido me espera sobre a cama — uma obra-prima de seda esmeralda e delicada renda preta. Não é nada parecido com o que descrevi para a minha mãe e Igor.

Este vestido poderia alimentar todo o *nosso bairro* por um ano.

Eu me aproximo devagar, me esquecendo do presente de Izabel e Venna que ainda seguro nos braços.

As camadas da saia esmeralda despencam como uma cascata, cada nível adornado com rendas pretas bordadas de forma tão requintada que brilham na luz. O corpete ajustado exibe a mesma renda bordada, realçando o decote em formato de coração e cobrindo os ombros nus com delicados véus esvoaçantes, leves como plumas.

É deslumbrante, mais parecido com os extravagantes trajes que os nobres usam para assistir aos Recém-unidos na arena do que com as peças indecentes de tecidos amarrados que as Unidas gostam de fingir que são vestidos.

Ao lado dessa criação miraculosa repousam luvas de cetim preto combinando e um par de saltos elegantes.

Passo o dedo pelo vestido e engasgo ao perceber que não está enfeitado com miçangas, mas com *joias* de verdade. Pequenos traços de esmeralda e obsidiana formando delicados arabescos.

Só uma pessoa poderia ser responsável por isso.

Não há bilhete. Nenhum indício de quem deixou o vestido aqui para mim. Mas é claro que eu sei. Quem mais me daria um presente assim?

Ah, Killian...

Volto a pensar nas palavras dele na outra noite. Mesmo que eu não estivesse pronta para chamá-lo de meu em público, este vestido deixa tudo evidente. Ele me reivindica de um jeito que palavras jamais poderiam. Vai mostrar a todos os presentes esta noite que eu sou alguém importante, alguém a ser admirada.

Coloco de lado o vestido de Izabel e Venna. Espero que não fiquem magoadas. Tenho certeza de que gostariam que eu usasse este em vez do delas.

De repente, quero muito ir a esse baile, nem que seja apenas para ser vista neste vestido, neste gesto de amor.

Deslizo para fora das minhas roupas e, com calma e reverência, coloco o vestido, tomando cuidado para não soltar as delicadas joias. Ele se ajusta perfeitamente, como se tivesse sido feito para o meu corpo. Cada detalhe foi pensado, cada elemento escolhido com cuidado.

É isso que acontece quando você é amada por um príncipe.

Os saltos também são perfeitos. Na altura exata e muito mais confortáveis do que saltos costumam ser. Deixo o colar de opala da

minha mãe à mostra. Mesmo parecendo gasto e envelhecido em comparação com as joias reluzentes do traje, ele vai complementar o conjunto perfeitamente.

Pela primeira vez, me pergunto se vou dançar. Afinal, é um baile.

Igor me fez ter aulas com uma vizinha como parte do meu treinamento de combate.

Lutar é muito parecido com dançar, ele falava. *Você precisa se mover com fluidez, cada movimento é preciso e controlado. Aprender a dançar vai te ajudar a antecipar os movimentos do seu oponente e a responder a tempo.*

Dou uma risadinha baixa. Quem teria previsto que eu precisaria dançar de verdade?

Vou até o pequeno espelho do meu quarto para ver o vestido. O espelho não é suficiente para eu analisar o corpo inteiro, mas fico atônita com a mulher que me encara de volta. Eu já havia visto uma guerreira sedutora depois da primeira transformação feita por Izabel e Venna, o que foi uma revelação.

Mas agora...

O vestido me transforma de uma lutadora em algo... etéreo. Mal reconheço a mulher elegante refletida diante de mim. Entre o vestido e a opala da minha mãe, pareço uma das Unidas pela primeira vez. Como se eu realmente *pertencesse* a este mundo.

A sensação é estranha e não totalmente desagradável.

Quando entro na antessala dos Estrategos, com o coração disparado, o burburinho animado morre. As gêmeas estão sentadas nos sofás perto da lareira, com Nevah e Tomison ao lado delas. Fico feliz em ver Nevah passando a noite com todos. Eles levantam o olhar, e a sala mergulha em silêncio. Uma dúzia de outras cabeças se volta para mim.

Um choque silencioso paira no ar por um instante antes que o gritinho de alegria de Izabel quebre a quietude.

— Meryn! Por toda a Noturna!

As gêmeas correm para me cercar. Tomison solta um assobio de

aprovação. Nevah balança a cabeça, incrédula, os lábios se curvando num sorriso desapontado. Do outro lado da sala, alguém grita:

— Caramba, Cooper! Tá arrasando!

As gêmeas me bombardeiam com perguntas enquanto me puxam para o sofá e começam a arrumar meu cabelo e a me maquiar. Onde consegui o vestido? Foi presente do meu amante secreto? Quem *é* ele? Deve ser um Unido — um dos mais ricos.

Faço o possível para despistá-las.

— Não sei ao certo de quem veio. Ele apareceu no meu quarto.

Izabel me lança um olhar penetrante.

— Um dia desses você *vai ter que* nos contar!

Felizmente, ela deixa o assunto morrer.

Quando terminam meu cabelo e maquiagem, surgem mais exclamações.

— O contraste entre o seu cabelo e a esmeralda está perfeito — diz Izabel. — Você está mais deusa do que nunca.

— De outro mundo — acrescenta Venna.

— Isso mesmo! — concorda Izabel. — Você é um ser mítico, Meryn. Ninguém vai conseguir tirar os olhos de você.

— Não sei por que você está tão feliz com isso — resmunga Nevah. — Eu não gosto muito da competição. — Ela olha para mim, a boca torcida em um sorriso irônico. — Nada pessoal, Meryn, mas vou manter distância.

— Hm... obrigada, eu acho? — respondo, ardendo de vergonha.

Tomison dá uma risadinha.

— É meio fofo como a grande e terrível lutadora de rua fica toda atrapalhada quando falam que ela é bonita.

Lanço um olhar fulminante para ele, e Izabel faz o mesmo. Ele só abre um sorriso.

— Aliás, vocês também estão incríveis — elogio.

As gêmeas usam vestidos iguais com as costas nuas, mas de cores

diferentes — Izabel de prata, Venna de preto. São incrivelmente ousados, com decotes profundos e saias coladas e translúcidas. O vestido vermelho-sangue de Nevah tem uma grande abertura em V invertido na frente, revelando suas pernas longas e esguias até a parte alta da coxa, e um decote tão baixo que deixa o umbigo à mostra. O terno de Tomison é perfeitamente ajustado para realçar sua silhueta magra, com o paletó ricamente bordado em prata.

— Nós estamos incríveis mesmo, não é? — comenta ele, o olhar se demorando nas costas nuas de Izabel enquanto ela faz um último ajuste no meu cabelo.

— Acho melhor eu voltar para os Criptos, assim posso ir junto com minha alcateia — comenta Venna.

— Sim, hora de ir andando — concorda Nevah, fazendo um gesto com a cabeça em direção à saída.

Os outros Estrategos já estão se reunindo perto da porta.

Quando todos estamos prontos, nos juntamos às outras alcateias na sala comunitária e seguimos pelo castelo até a ala real em uma longa procissão. A maioria dos outros Recém-unidos nunca esteve nesta parte do castelo antes. Eles soltam exclamações de surpresa diante das tapeçarias elaboradas e das estátuas douradas que ladeiam os amplos corredores.

Também não vi muito da ala real fora dos aposentos de Killian — e sempre à noite, no escuro — mas, ainda assim, não é exatamente novidade para mim. Eu me esforço para parecer impressionada com toda a ostentação.

Fica mais fácil quando nos aproximamos do famoso salão de baile central, onde o rei realiza todas as festas mais importantes.

Primeiro ouço a música orquestral, depois os corredores se abrem em um imenso vestíbulo cavernoso. As laterais têm enormes escadarias de mármore com corrimões dourados. As portas do salão de baile, ao fundo, estão abertas, ladeadas por imponentes estátuas douradas de lobos-gigantes que montam

guarda.

Há gente por toda parte, vestida em trajes escandalosamente luxuosos. Alguns dançam, outros circulam com taças de champanhe, conversando e brindando. Muitos estão sentados nas mesas dispostas ao redor do salão. Os nobres se distinguem facilmente por suas roupas extravagantes, mais discretas e de aparência muito mais cara do que as usadas pelas Unidas.

O contraste entre as roupas deles e as nossas sempre foi perceptível, mas agora que estão diante de nós é possível sentir isso com muito mais força do que quando estão nas arquibancadas da arena. Lanço um olhar aos outros Recém-unidos em seus trajes mínimos e me pergunto se algum deles também sente o mesmo desconforto.

Os Unidos não passam de belos bonecos violentos para a elite de verdade.

A música cresce quando chegamos à porta.

Meu olhar é atraído para cima, para o brilho de milhares de cristais suspensos — um lustre colossal pairando sobre o centro da vasta pista de dança. Além dele, os painéis do teto em forma de cúpula exibem afrescos elaborados, retratando batalhas antigas entre humanos e Sifões — lobos-gigantes e seus cavaleiros congelados em poses elegantes de ataque.

Paramos na soleira, alinhados, e esperamos nosso sinal. Cada alcateia de Recém-unidos entra em formação, e o arauto anuncia os nomes um a um.

Meus olhos percorrem o salão de baile, absorvendo as colunas de mármore altíssimas e automaticamente identificando todas as saídas. Portas largas de vidro em cada lado do salão dão acesso a amplas sacadas. Janelas altas revelam os pátios reais banhados pelo luar, lá embaixo.

Stark está na beira da pista de dança, usando um terno escuro que se destaca em meio aos vestidos cintilantes. O corte é

impecável, conferindo uma elegância afiada ao seu corpo de guerreiro. Realça os ombros largos e a cintura estreita e molda suas pernas longas e musculosas como uma segunda pele.

Nada de bordados em ouro ou prata para ele. Nenhuma joia espalhafatosa também. Só aquele terno negro profundo sugando a luz ao redor — uma afronta deliberada ao glamour e ao fausto que o cercam.

Nem um terno de corte perfeito consegue esconder a selvageria que transborda dele como uma aura de agressividade. Está nas tatuagens no pescoço, que despontam acima da gravata perfeitamente ajustada. Nos símbolos escuros que cobrem as mãos grandes que seguram uma taça de champanhe.

E na intensidade predatória com que observa a festa, é claro.

Tenho que admitir: ele está tão bonito que chega a ser desconcertante.

Mas não estou aqui por Stark. Desvio o olhar dele, varrendo a multidão até encontrar Killian.

Ele está sentado no estrado ao lado do pai, no fundo do salão, vestido em dourado e roxo real — a imagem perfeita de um príncipe herdeiro. O corte do casaco realça sua forma musculosa, e o cabelo dourado reluz sob as milhares de velas e lanternas que iluminam o espaço cavernoso. Se Stark é um buraco negro, Killian é um sol radiante. Toda a festa se inclina para o calor dele. Nossos olhares se encontram, e meu coração acelera.

Então o arauto brada:

— Recém-unidos Estrategos!

O ar se enche de excitação e nervosismo conforme os nomes são anunciados.

— Recém-unida Izabel Brooks... Recém-unido Tomison Thorne... Recém-unida Nevah Rivenson... — E, finalmente: — Recém-unida Meryn Cooper!

Entro no salão de baile, o coração rufando nos meus ouvidos. O

peso de incontáveis olhares nobres se lança sobre mim — a garota de origem comum que sobreviveu aos Ritos. A forasteira no vestido esmeralda.

A presença de Anassa vibra pela nossa união, carregando sua diversão. Ela acha toda essa pompa humana ridícula — mas há algo mais por baixo disso. Um fio de alerta.

Começo a questioná-la no mesmo instante. Ela espera um ataque? Isso aqui vai se transformar em outro banho de sangue como a Apresentação? Ou está me alertando sobre os nobres lascivos?

— *Se proteja.* — É tudo o que ela fala.

Muito útil.

Atordoada, me junto aos outros Recém-unidos em nossa mesa, onde esperamos os demais entrarem. Audelie, a companheira escolhida pelo rei, recebe tanto aplausos quanto sorrisos maliciosos dos nobres quando entra com a alcateia dos Filax.

A onda de repulsa retorna. Exigem que a gente se exiba e depois ousam nos ridicularizar por isso?

Audelie usa um vestido branco que cobre tudo, do pescoço aos tornozelos, com mangas compridas... mas é inteiramente translúcido, e ela não veste nada por baixo. Percebo, em um horror abafado, que seus seios inteiros e mamilos, e até mesmo os pelos entre as pernas, estão expostos para todo o salão. Ela mantém a cabeça erguida enquanto se esgueira até o lado do rei e se acomoda de forma deliberada em seu colo.

Monstro.

Por fim, alguns minutos depois, todos estão presentes. O rei empurra Audelie de seu colo e se levanta. Sua voz ecoa com força pelo salão.

— Sejam bem-vindos, todos, ao Baile da Forja — fala, com pompa e grandiosidade. — Estou muito satisfeito por ter todos vocês aqui para celebrar a conclusão bem-sucedida do Rito de

Expurgo deste ano. Por favor, comam, dancem e aproveitem a noite.

Com isso, ele faz um gesto para a orquestra, e a música recomeça.

Encontro o olhar azul profundo de Killian, ansiosa para ir até ele — mas ele já está cercado por um grupo de jovens nobres que disputam sua atenção. Uma pontada desconfortável lateja dentro de mim.

Ciúmes, percebo. Nunca estivemos nessa posição em que eu tenho que observá-lo próximo a outras mulheres.

Odeio isso.

Quase todos na nossa mesa se levantam para participar da festa. Izabel e Venna conversam ao meu lado, fofocando sobre os nobres presentes, as mãos se movendo com fluidez. Capto algo sobre um caso e um filho bastardo, mas só escuto e observo em parte, tentando não deixar tão óbvio que sigo os movimentos de Killian pela multidão.

Vez ou outra, eu o perco no mar de ternos e vestidos, embora perceba que estou atraindo muitos olhares curiosos de outros nobres.

Droga. Onde ele foi parar?

Não consigo evitar: preciso tê-lo no meu campo de visão. Eu me levanto, invento uma desculpa para as gêmeas e começo a avançar com propósito pela multidão.

Infelizmente, não vou muito longe antes que um homem baixo, de meia-idade, com um bigode espesso e um olhar lascivo, se coloque no meu caminho. Ao lado dele está uma mulher magra, de rosto comprido — sua esposa, talvez. Ela também me olha com malícia, e os lábios repuxados revelam dentes com gengivas enormes, num esboço grotesco de sorriso.

— Olha só essa aqui, Dinah — comenta o homem, e percebo que está falando *de mim*, e não comigo. — Que cor de cabelo diferente.

A esposa estende a mão e cutuca minha coxa, na parte superior.

— Mas tem os quadris mais largos que as outras — comenta, como se estivesse avaliando gado. — Um pouco mais baixa também. De origem comum, talvez?

A cena me abala tanto que atrapalha meus instintos. Tento recuar, o estômago embrulhando, mas o homem agarra meu pulso e me puxa para perto.

— Vamos lá, garota — diz ele, num tom de repreensão. — Estamos todos aqui para nos divertir, certo? Dinah e eu estamos curiosos para saber o que tem por baixo desse vestido tão recatado. Meio grosseiro da sua parte se cobrir tanto assim, não acha?

Não bata nos nobres, *não bata nos nobres*, repito para mim mesma, mesmo querendo desesperadamente socar o rosto do homem.

Mas, felizmente, não preciso. Sinto uma presença atrás de mim, um instante antes de uma mão masculina e quente tocar minhas costas.

Killian.

Ao erguer os olhos, o nobre empalidece um pouco. Ele se curva e, confuso, puxa a esposa também para uma reverência, antes de arrastá-la de volta para a multidão.

Eu me viro com um sorriso, mas me deparo com olhos escuros e fulminantes.

O sorriso morre nos meus lábios.

É Stark. O olhar dele parece capaz de erguer as sombras dos cantos da sala e apagar toda a luz.

Recuo, mesmo com a mão dele ainda nas minhas costas. Ele está furioso, e eu já vi do que esse homem é capaz quando perde a paciência. Gostaria de ficar o mais longe possível de seu mau humor.

— O que você estava fazendo? — rosna ele, alto o bastante para que algumas pessoas ao redor lancem olhares preocupados.

— Considerando homicídio — murmuro. Ele não responde,

então acrescento: — Na verdade, não é da sua conta. Obrigada por me salvar, mas isto é um baile e você está fazendo uma cena, então...

— Você tem razão. Precisamos continuar conversando, e estamos chamando atenção. — A mão de Stark se fecha no meu pulso como um torno de ferro. — Dance comigo.

Meus pensamentos param no mesmo instante. Olho para a mão dele, depois de volta para seus olhos.

Com certeza não ouvi isso direito.

Encontro minha voz.

— Não, obrig...

Ele me puxa para a pista de dança lotada.

— Não foi um pedido, princesa.

Não tenho escolha a não ser acompanhá-lo — o fogo de comando em seus olhos mostra que ele não vai me soltar.

Meu coração dispara quando ele me puxa para seus braços. O peito largo preenche minha visão, e o cheiro amadeirado e almiscarado de seu perfume âmbar me envolve.

Caímos no compasso com uma facilidade desconcertante e nos movemos como se fôssemos parceiros de dança há anos. Ele conduz como ensina — com força imensa e precisão. Mesmo enferrujada, não tenho dificuldade em acompanhá-lo. A pressão da mão de Stark na minha cintura me guia sem falhas, embora a sensação seja mais de combate do que de dança.

Quando sua mão se espalha possessiva pelas minhas costas e me puxa para perto, ergo os olhos para ele, chocada.

Que merda é essa agora?

O olhar dele se estreita e desce para o meu pescoço.

— Colar interessante — fala, a voz baixa, estranhamente íntima e provocativa. — Algo tão opulento em uma plebeia pode atrair o tipo errado de atenção. Onde conseguiu?

Fico arrepiada no mesmo instante.

— Não sou ladra, se é isso que está insinuando.

Os lábios de Stark se curvam em um sorriso cruel enquanto ele se inclina, aproximando a boca do meu ouvido, o hálito quente roçando minha pele.

— Então talvez você queira estudar a história desse tipo de opala antes de começar a exibi-la por aí.

O que ele quer dizer com isso?

Antes que eu possa exigir uma explicação, uma voz baixa e familiar me detém.

— Com licença. Vou precisar interrompê-los.

Eu me viro surpresa quando nossa dança chega a um fim brusco.

Killian está a um braço de distância, o rosto numa máscara polida de cortesia. Mas eu o conheço bem demais. Sua raiva se manifesta nessa calma aterrorizante — igual a quando estávamos com o Levador nas masmorras. Vejo isso no cerrar de seus punhos, no sorriso tenso, no jeito como seus olhos atravessam Stark.

Ele está furioso ao ver o Alfa dos Daemos me tocar assim.

— A dama já tem companhia — comenta Stark com aspereza, apertando mais minha cintura.

Como é que é?!

Chega.

Passei a noite inteira tentando agir como uma dessas pessoas educadas e estranhas. Seguir as regras que os nobres e o rei estabeleceram para nós, moldar minha conduta à minha própria vontade como uma das Unidas.

Mas eu não sou uma mulher polida. Sou feita de arestas afiadas, impulso e autodestruição. E não me importa se este mundo me odeia por isso; não seria eu mesma de nenhuma outra maneira.

— Tenho mesmo — falo para Stark, colocando as mãos contra seu peito rígido e o empurrando com força. Ele recua sobre o calcanhar, mas não chega a se desequilibrar. É impossível pegar esse homem de surpresa. — Sou reivindicada pelo príncipe

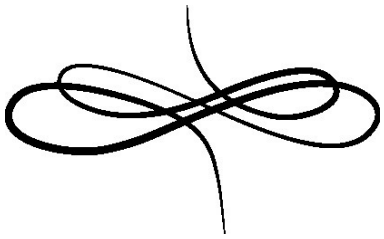
herdeiro Killian.

A sala fica em silêncio ao nosso redor, todos se virando para acompanhar abertamente a cena. Eu me movo em direção a Killian até tê-lo atrás de mim. Ele envolve minha cintura com um braço quente, e eu inspiro o cheiro de pinho, deixando que me acalme.

Então, numa voz alta o suficiente para que todos ouçam, declaro:

— Sou dele e só dele.

34



As pessoas arfam e murmuram ao ouvir minha declaração.

A atenção de Anassa pulsa pela nossa união, e eu ergo a muralha de ferro, incapaz de lidar com o que sinto no momento — muito menos com a possível reação dela.

Estou acostumada a enfrentar uma surra sangrenta, um estômago vazio ou os delírios da minha mãe. Já estou até me acostumando à ameaça constante de morte e mutilação, a fazer parte deste lugar insano, a participar desses Ritos enlouquecedores.

Mas o peso dos olhos de todo o salão é algo completamente diferente.

Se não fosse pelos braços de Killian ao redor da minha cintura, eu já teria fugido. Em vez disso, me apoio em seu corpo sólido por um instante, permitindo que sua presença tranquilizadora me mantenha firme.

— Vamos? — ronrona ele no meu ouvido, e o arrepio prazeroso que percorre meu corpo dissipa o nervosismo de estar diante dessa plateia.

Giro em seu abraço, colocando as mãos em posição para uma valsa. Só então percebo que até a música havia parado depois da minha declaração. Killian também deve ter reparado, porque faz um gesto firme para os músicos no estrado, e eles retomam, meio atordoados, a canção que tocavam antes.

Casais de nobres curiosos se aproximam da pista de dança ao

nosso redor, usando a valsa como desculpa para chegar mais perto, examinar a Recém-unida que ousa tocar em seu príncipe. Eu fixo os olhos nas linhas elegantes do pescoço de Killian, nos ombros poderosos. Finjo que nada além dele existe neste momento.

— Seu treinamento deve estar indo bem — sussurra Killian para mim, e meus olhos se erguem. Ele está com um sorrisinho travesso. — Não sei se já dancei com uma parceira que me segurasse com tanta força assim.

Dou uma risada nervosa e diminuo um pouco a pressão. O giro dos nossos passos, a música que flutua ao redor e a tensão que se desfaz me dão uma sensação curiosa, como se estivéssemos em um sonho ou em uma visão.

É então que finalmente me dou conta. Chega de esconder. Chega de me esgueirar. Eu sou dele, e ele é meu — e agora todo mundo sabe disso.

Não tem como voltar atrás.

As coisas só vão ficar mais complicadas por um tempo. Mas, com os braços fortes de Killian me envolvendo, me reivindicando, de repente é difícil me importar com isso.

— Você está tão linda — murmura ele, me segurando perto o bastante para me beijar. O polegar dele desenha pequenos padrões na minha cintura, ecoando silenciosamente o desejo que brilha em seus olhos. — Você parece uma rainha nesse vestido.

— Obrigada — sussurro. — Por falar isso e pelo vestido. É perfeito.

O olhar dele permanece firme no meu.

— Está perfeito. E, ainda assim, só consigo pensar em tirá-lo de você — dispara ele.

— Enquanto todo mundo *assiste*?

Finjo estar escandalizada.

Ele sorri.

— Claro que não. Todas as delícias escondidas sob esse vestido

são só minhas.

Killian não me solta quando a música termina. Dançamos a próxima juntos, e a próxima, e a próxima. Em algum momento tento encontrar meus companheiros de alcateia na multidão, especialmente Izabel, e vejo que ela está conversando com Tomison em uma das mesas de comida, de costas para a pista de dança.

Eu provavelmente deveria falar com ela, encontrar Venna também, e me explicar, mas só o esforço de me manter de pé já parece esmagador.

E ainda tem Stark. Uma presença sombria espreitando nas bordas do salão, nos observando com um foco inabalável.

Não sei qual é o problema dele e, neste momento, não dou a mínima. Nem a queimação do olhar predatório dele consegue atravessar a bolha de felicidade que envolve a mim e a Killian.

— Acho que está na hora de você conhecer meu pai, não acha? — comenta ele.

O brilho do delírio romântico se apaga de repente, engolido pela apreensão.

— Não se preocupe — diz Killian baixinho, com um sorriso tranquilizador. — Eu estarei ao seu lado. Só sorria e tente ser deferente.

Assinto e deixo que ele me guie até o estrado onde o rei mantém sua corte. Ele está cercado por uma dúzia de nobres recostados em seus assentos.

Sorria e seja deferente. Claro. Sem problema. Eu consigo fazer isso. Mesmo que o rei seja a causa do meu sofrimento e o da minha família. Posso fingir por Killian.

Certo?

O rei Cyril ergue os olhos quando nos aproximamos, mas não se levanta de sua cadeira ornamentada que é quase como um trono. A espada com o punho em forma de lobo repousa sobre seu colo, sempre à mostra. Ele usa uma coroa diferente da habitual, algo

ainda mais rebuscado e chamativo, com dezenas de pedras preciosas multicoloridas incrustadas nos pináculos de ouro.

Audelie está sentada de novo em seu colo, silenciosa e exposta em seu vestido transparente. Não olha para mim em momento algum, embora mantenha a cabeça erguida. Pergunto-me, por um breve instante, o que ela pensa de tudo isso.

Enquanto Killian me apresenta com uma formalidade principesca, encontro o olhar pálido e assombroso do rei. É a primeira vez que o observo de perto. Consigo ver de onde Killian herdou seus traços, embora o rosto do rei Cyril seja mais duro e marcado pela idade.

Quando me inclino em reverência, o olhar do rei se torna quase invasivo. Como se ele me desmontasse mentalmente em partes, pesando o valor de cada uma delas.

Como se eu não fosse uma pessoa, mas um produto que ele cogita comprar.

— Ah, sim. — Ele arrasta a voz quando Killian termina a apresentação. — A Recém-unida plebeia. Meu filho me falou muito a seu respeito, embora nada tão impressionante quanto sua eficiência implacável durante o Rito de Expurgo.

O homem parece se deleitar com a lembrança, e sua expressão é aterrorizante.

— É raro ver uma Recém-unida eliminar uma de suas companheiras com tanta determinação — diz ele. — Você foi a personificação da graça e da brutalidade, minha querida. Quase dá para imaginar que *gostou* de ordenar a morte daquela mulher. Sempre é agradável ver um pouco de ação entre garotas.

A insinuação sensual em seu tom faz meu estômago revirar de nojo. Ele fala da morte de Perielle como se tivesse sido encenada especificamente para o prazer dele.

A bile sobe à minha garganta, mas me forço a dar a resposta que esperam de mim.

— Obrigada, vossa majestade. Estou... honrada que minha atuação tenha sido do seu agrado.

As palavras têm gosto de cinzas.

Ele acena num reconhecimento régio, aparentemente satisfeito com a minha gratidão. Então, algo muda sutilmente em sua postura. Os olhos do rei oscilam entre mim e Killian, aquele olhar avaliador ganhando novo peso.

— Killian, sua escolha é reconhecida com a devida aprovação. — Ele me lança um sorriso satisfeito. — Sinta-se honrada, Meryn Cooper.

Piscar é tudo que consigo fazer, confusa, enquanto Killian se inclina ao meu lado e então põe a mão na minha cintura, guiando-me para fora do estrado.

Quando Killian se volta para mim com um olhar triunfante, percebo o que acabou de acontecer.

O rei aprovou formalmente o nosso relacionamento.

Sei que deveria estar feliz, mas as palavras ainda me incomodam. *Devida aprovação? Por que ele falou desse jeito?*

— Isso foi meio esquisito — murmuro.

— Foi mesmo — concorda Killian.

Ele me conduz para um canto do salão, onde pega uma taça de brasavinho borbulhante para mim. Eu a esvazio num único gole, ansiosa para esquecer o peso repugnante do olhar do rei.

— Falando em coisas esquisitas — falo, trazendo à tona algo que vinha me incomodando —, visitei minha mãe e Igor hoje. Eles me falaram que os Levadores ainda estão ativos. Mais crianças desapareceram.

Killian pressiona os lábios, visivelmente tenso e desconcertado diante da minha descoberta.

— Merda. Achei que já tínhamos acabado com eles. Certo, vou triplicar o número de guardas na cidade. Se ainda houver mais à solta, nós os pegaremos, prometo a você.

— Obrigada — respondo, e pego outra taça de brasavinho da bandeja de um servo que passa.

— Devagar aí, gatinha — provoca Killian, e então seu olhar me devora, a força dele me fazendo corar. — Não beba demais. Tenho planos pra você.

Olho em volta para ver se alguém o ouviu. Os nobres e Recém-unidos por perto fingem seguir com as próprias conversas, mas percebo que estão apenas disfarçando os olhares de esguelha.

— Me conte mais sobre esses planos — murmuro, aproximando-me.

A boca de Killian se curva num sorrisinho malicioso, a mão apertando minha cintura de um jeito que faz minhas coxas se contraírem.

— Prefiro mostrar.

Um arrepio de excitação percorre meu corpo.

— Sim, por favor.

— Excelente. — Ele me puxa para perto e sussurra: — Há uma entrada de serviço perto da sacada oeste. Vamos sair quando ninguém estiver olhando.

Fazemos nosso caminho até a entrada, com Killian afastando os nobres curiosos apenas com um olhar.

Poucos minutos depois, já estamos na segurança de seus aposentos.

Killian me guia até o quarto e acende a lareira ele mesmo, em vez de chamar os servos. É um gesto íntimo que me lembra os dias na cidade, quando ele era apenas Lee, um mensageiro do castelo roubando momentos românticos com uma lutadora de rua ensanguentada.

Caramba, como as coisas mudaram. Ele é um príncipe, eu estou Unida a uma loba-gigante, e o próprio rei acabou de autorizar nosso relacionamento diante de toda a corte.

Mais uma vez, digo a mim mesma que deveria estar feliz com a

aprovação pública do rei Cyril, mas uma inquietação persistente afasta esse sentimento.

Enquanto a luz quente da lareira envolve o quarto em um brilho dourado, as palavras borbulham dentro de mim.

— Killian... seu pai...

Ele se ergue na frente da lareira e se vira para mim.

— Sim?

— O jeito como ele falou da morte de Perielle — começo, hesitante. — Ele deu a impressão de ter *gostado* do que aconteceu. Eu matei Perielle por necessidade. Pelo bem da alcateia. Mas o rei Cyril fez tudo parecer... sujo.

A expressão de Killian se torna sombria.

— Eu sei. Sinto muito, Mer. Ele é... — Ele suspira, afrouxando a gravata e jogando-a numa poltrona próxima. — É justamente por causa da sede de sangue do meu pai que as coisas precisam mudar.

Com a testa franzida, ele atravessa o quarto até a janela e olha para o mundo além dela — para o reino que um dia governará.

O luar brilha prateado em seu rosto bonito, e ele murmura:

— Quero mudar isso. O sistema atual... todo esse derramamento de sangue, essa crueldade. Quero acreditar que existe um jeito de consertar essa sociedade. Com o governante certo no comando. Um que não veja a morte como forma de entretenimento.

Ele se vira para me encarar, e algo em sua expressão faz meu coração vacilar.

— Você poderia ser esse governante — murmuro, a mente voltando por um instante aos pensamentos traiçoeiros que tive mais cedo, na cidade.

De que Killian será um rei muito melhor do que o pai.

Ele sorri de leve e atravessa o quarto na minha direção, mantendo o olhar fixo no meu, com uma gravidade que me deixa desconcertada.

Killian segura firme meu queixo e ergue meu rosto até que

nossas bocas quase se toquem. O hálito dele está quente contra o meu, e meus lábios se entreabrem, famintos pelo toque. Mas, em vez de me beijar, ele me gira de costas, encaixa o queixo sobre meu ombro e começa a marcar meu pescoço com beijos fortes, quase doloridos.

— Eu *poderia* ser esse governante — rosna ele. — E você poderia estar ao meu lado.

Minha respiração falha. Nós nunca conversamos sobre isso, não com todas as palavras, desde que descobri quem ele é de verdade. Todas aquelas conversas sobre o nosso futuro — nos tempos em que éramos apenas Meryn e Lee — parecem muito distantes agora que tudo mudou. Agora que nós mudamos.

Quero ter essa conversa, mas minha mente desliga quando ele mordisca o lóbulo da minha orelha. Faíscas afiadas de calor se acumulam entre minhas pernas, e eu me pressiono contra ele com avidez.

Ele já está duro. As camadas do meu vestido não encobrem muito o volume dele, firme contra a minha bunda.

Em três passos curtos, Killian nos leva até a parede, ainda maltratando minha pele com os dentes enquanto nos movemos. Eu me apoio contra a tapeçaria que cobre a parede, a respiração entrecortada. As fibras ásperas do tecido provocam minha pele já aquecida, arrepios brotando nos meus braços.

Killian arranca meu vestido e o joga no chão atrás de nós. Depois prende meus braços contra a parede e se pressiona contra mim, o pau latejando contra o tecido justo da calça. Com a outra mão, ele se livra rapidamente das bandagens que sustentam meus seios e das minhas roupas íntimas. Estremeço, o desejo pulsando pelo meu corpo.

O ar frio repentino contra minha pele nua me arranca um suspiro. Ofegante, viro o pescoço para olhar para ele, que dá um sorrisinho.

— Garota má — murmura Killian, a voz grave fazendo minhas coxas tremerem, o calor úmido já se espalhando por minhas pernas.

Ele se aproxima ainda mais, fazendo meus mamilos roçarem a tapeçaria à minha frente, e a trama áspera contra minha pele sensível me faz soltar um gemido. Sem aviso, a mão dele surge entre minhas pernas, os dedos se movendo em carícias firmes — subindo pelo meu clitóris, descendo até minha entrada, penetrando, depois forçando mais, me abrindo.

— Você é minha — diz ele, a boca quente contra meu ouvido. Ele aperta ainda mais meus pulsos contra a parede, forte o bastante para doer, mas a sensação só me deixa mais excitada. — Diga isso — ordena, os dedos brincando levemente com meu clitóris antes de se afastarem para lidar com o fecho da calça. — Diga que pertence a mim.

Ofego, desesperada para que ele volte a me tocar.

— *Killian*.

— A quem você pertence?

A voz dele é áspera, e ele força meus joelhos a se abrirem. Ele se pressiona contra mim, dentro de mim, a cabeça grossa do pau me esticando ainda mais, mas parando, provocando.

— Eu sou sua — falo, arfando, rebolando os quadris, tentando puxá-lo mais para dentro. — Toda sua!

— E agora todo mundo sabe disso.

Ele crava os dentes no meu pescoço e, então, num só movimento, se enterra fundo dentro de mim.

Gemo, surpresa pela intensidade, vendo estrelas por um instante.

— Você é minha boa garota. *Minha* — geme ele, e lambe o mesmo ponto no meu pescoço que seus dentes acabaram de provocar.

Sua voz, suas palavras, dentes e língua enviam um calor líquido pelo meu corpo até que mal consigo me manter de pé.

Meus joelhos fraquejam, e eu me deixo cair contra ele. O pau de Killian se afunda ainda mais com a mudança de posição, e eu imploro:

— Por favor.

— Por favor o quê, gatinha?

Killian move os quadris de leve, e eu me abro ainda mais ao redor dele, meu clitóris se contraindo com a sensação. Sua mão livre sobe e se enrola no meu cabelo, agarrando as pontas irregulares, torcendo os dedos e puxando minha cabeça para trás com força até seus lábios encostarem na minha bochecha.

— Implore.

— Por favor, *me fode* — peço, soltando um gemido, e ele finalmente o faz, saindo quase por completo antes de voltar a me preencher até o fundo.

Meu corpo está esmagado contra a parede, a bochecha pressionada contra a tapeçaria áspera, meus seios e ventre colados à superfície. Killian solta meus pulsos e agarra meus quadris com brutalidade, me erguendo a cada estocada, apenas para se enterrar em mim de novo, mais fundo do que eu já tinha sentido.

Estou gemendo, quase soluçando, incoerente. Então, de repente, ele se afasta, e eu me viro e o vejo ir para a cama.

— Vem aqui — ordena ele, e eu obedeço antes mesmo de perceber o que estou fazendo, desesperada por suas mãos, por tê-lo dentro de mim outra vez.

Quando começo a subir na cama, ele me pega pelos quadris e me agarra por trás, me dobrando sobre o colchão. Estou com os pés no chão e o rosto afundado nos cobertores macios e nas peles.

Antes que eu consiga me recompor, ele já está dentro de mim de novo, investindo cada vez mais rápido, cada vez mais fundo. Tento me virar e olhar para ele, mas Killian me prende firme contra a cama com uma das mãos, e eu gemo contra o tecido.

— Caralho! — exclamo.

Sua respiração também está pesada agora, o ritmo acelerando até um ponto que eu reconheço, a quebra que indica que vai gozar. Eu me esfrego na beira do colchão, meu clitóris latejando de prazer enquanto ele entra em estocadas.

Estou tão perto, quase no limite...

— *Caralho*, Meryn! — grita Killian, e então se derrama quente dentro de mim.

Desesperada, tento levar a mão para baixo, para me tocar, precisando do meu próprio alívio, mas ele segura meu braço e o prende acima da minha cabeça.

— Não se mexa — ordena, e então se retira, o ar frio invadindo minhas costas e pernas onde ele me pressionava um instante atrás.

Então eu sinto — a mão dele me envolve, recolhendo o sêmen que escorre de mim. Seus dedos, suaves mas insistentes, circulam meu clitóris, penetram, provocam, me levando cada vez mais perto... e se afastam.

— Por favor, Killian, por favor — soluço contra os cobertores enquanto ele me fode com os dedos, meu corpo se contraindo repetidamente, à beira da explosão.

Quando ele finalmente me permite chegar ao clímax, sinto como se fosse atingida por uma onda de choque.

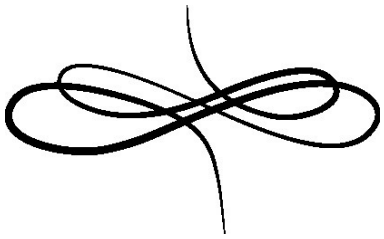
Killian me vira de frente para ele, a mão alcançando meu seio, brincando preguiçosamente com o mamilo antes de apertá-lo com força.

A sensação quase me faz gozar mais uma vez. Lágrimas enchem meus olhos e minha respiração se torna irregular. Killian vê as lágrimas se formarem. Observa quando escorrem.

Ele não fala nada, apenas me envolve nos braços e me puxa para a cama ao lado dele, me aconchegando contra seu peito, segurando-me enquanto choro em um alívio silencioso.

Adormeço ao som das batidas do coração dele.

35



A sensação do beijo discreto que Killian deu na minha nuca depois de amarrar o minúsculo laço no topo do corpete do meu vestido se prolonga. O jeito como suas mãos alisaram meus ombros em seguida. O jeito como ele me beijou de novo quando entrei na passagem que liga nossos quartos, como se precisasse de mais um gostinho antes de poder me deixar ir.

Minha pele estremece com o toque dele, memórias e emoções cálidas rodopiando na mente, me arrastando de volta para a cama dele.

Quando chego ao meu quarto, meu coração ainda está disparado. Quase tropeço no vestido ao entrar. Meus pensamentos estão dispersos enquanto me desvencilho sem muito jeito do traje formal e visto o uniforme. Depois tiro o colar de opala da minha mãe e o guardo em um lugar seguro no armário, me perguntando quando vou ter outra ocasião para usar algo tão precioso.

Enquanto prendo os cabelos, minha mente volta aos dedos de Killian nele, puxando com firmeza para que meu corpo inteiro estremecesse com a certeza de que eu era dele.

Mordendo de leve o interior da bochecha, termino de me aprontar para o dia, mesmo querendo permanecer aqui. Quero me enganar acreditando que os braços dele ainda estão ao meu redor.

Ao sair para a antessala dos Estrategos, finalmente abaixo a muralha entre mim e Anassa.

No instante em que faço isso, uma emoção horrível invade meu coração e percorre minhas veias. Meus ossos estão pesados. Meu sangue está em chamas. Há um vazio no meu peito, como se alguém tivesse arrancado todos os meus órgãos e deixado a cavidade exposta a um vento de inverno uivante.

A pior parte é que já senti algo assim antes. Quando era mais nova.

Quando meu pai...

É luto. De toda a alcateia, me atingindo de uma só vez.

E raiva. A fúria de Anassa me atinge como um incêndio devorador, incinerando tudo que resta depois do luto. Engasgo e caio contra a parede, usando-a para manter o equilíbrio enquanto minha visão oscila.

A voz de Anassa é selvagem, furiosa.

— *Enquanto sua alcateia sofria, você nos bloqueou por prazer humano.*

Essas duas últimas palavras fazem um nó nauseante se formar na minha garganta, como se a simples ideia a fizesse querer vomitar. Grunhindo, seguro a cabeça. Quero me defender, mas é difícil até lembrar meu próprio nome em meio a essa tempestade de emoções.

Piscando rápido, me endireito a tempo de ver Egith parada no centro do aposento, com uma expressão devastada. Ao redor dela, meus companheiros de alcateia estão em vários estados de aflição. Alguns parecem abatidos. Alguns parecem furiosos. Alguns choram baixinho.

O quarto quente, seguro e feliz em que estive ontem à noite está agora muito, muito distante.

— Onde você estava? — pergunta Egith, friamente.

Estremeço com a dureza em sua voz. Todos se viram para me olhar. *Todos*.

— Eu...

Consigo desatar o nó na garganta e me forçar a falar, mas

qualquer defesa patética que eu pudesse criar morre e apodrece em minha boca quando vejo o rosto de Izabel.

Ela está chorando. O luto dela me alcança pela união da alcateia. É uma pergunta, repetida sem parar. *E agora? E agora?*

As palavras são como golpes que quebram ossos. A fúria contínua de Anassa queima o jardim que Killian plantou no meu coração. As lágrimas de Izabel salgam a terra.

Egith se endireita, os olhos escuros cansados.

— Ontem à noite, durante um ataque dos Sifões em Verdência, mataram o Alfa Estrategos Markos.

Minha mente gira enquanto a onda de luto me preenche de novo, espalhando-se pelo vínculo. Alfa Markos Blackwood, o líder da nossa alcateia. O superior direto de Egith, de quem ela provavelmente era muito próxima.

Quando o líder responsável por nossa estratégia é morto... o que acontece com a guerra?

— O quê? — falo, a palavra saindo sufocada. — Como?

Ao ouvir isso, os lábios de Egith se comprimem, e ela cruza os braços.

— Já passei todo o relatório para a alcateia. Você perdeu. Imagino que estivesse ocupada demais... entretendo a realeza.

A insinuação faz meu rosto queimar. Posso ver claramente o que ela está pensando. O que todos aqui estão pensando. Que meu relacionamento com Killian não é diferente do de Audelie com o rei. Que estou abrindo as pernas para melhorar minha posição na hierarquia social daqui.

Meus olhos correm até Izabel. Ela desvia o olhar. *Merda*, será que ela também pensa isso?

Anassa morde minha consciência, roendo as feridas abertas.

Ao meu redor, meus companheiros de alcateia que aproveitavam o baile poucas horas atrás já não sorriem mais, as expressões substituídas por caretas e olhares de soslaio. Não me veem mais da

mesma forma.

Para eles, agora sou uma alpinista social que deixaria sua alcateia de lado por uma chance de impressionar a coroa. Status é importante aqui, mas a alcateia vem primeiro, sempre. E quem não consegue entender isso não sobrevive ao treinamento. Aprendi bem essa lição.

O luto volta a atravessar a união da alcateia, uma dor que agora se aproxima como uma doença mortal, se infiltrando em cada parte de mim.

Minhas mãos começam a tremer, e preciso cerrar os punhos para esconder.

Egith se aproxima de mim, tão perto que consigo distinguir suas pupilas e sentir o calor de seu corpo. Sua voz baixa carrega um aviso, para que apenas eu ouça.

— A própria Alfa Soberana está vindo da frente de batalha para discutir a situação com o rei enquanto os lobos-gigantes escolhem nosso próximo líder. Enquanto estiver aqui, vai esperar ver que os Recém-unidos Estrategos estão unidos, coesos. Prontos para entrar em batalha quando se formarem. Se ela perceber que alguém não está se encaixando na alcateia neste momento...

Ela não conclui o pensamento. Não precisa.

A ameaça é extremamente clara.

Se eu não conseguir recuperar minha reputação com a alcateia, a própria Alfa Soberana pode me eliminar.

Os dias seguintes passam em uma névoa de confusão e tensão crescente. A Alfa Soberana está chegando e minha alcateia está de luto.

Para mim, o Alfa Markos era um estranho. Pela união da alcateia e por Anassa, eu conseguia sentir uma conexão com ele, mas não havia ligação pessoal. Para os outros Recém-unidos, no entanto, as

coisas são diferentes. Eles cresceram sabendo quem ele era. Muitos dos pais de meus companheiros também são Estrategos que lutaram ao lado dele.

Ele era tio de Kristof. Era amigo próximo de Egith.

E os lobos estão em desordem pela perda de seu lobo alfa, a montaria de Markos. A profundidade de sua dor preenche nossas cabeças o tempo todo. Eu queria, desesperadamente, poder bloquear parte disso. Mas não ousaria irritar Anassa de novo.

Ela ainda mal fala comigo. Não encontro forças para tentar diminuir os golpes que continua me desferindo.

Aquela noite com Killian foi perfeita. Eu não a apagaria jamais. A aflição que me sufocava desapareceu quando todos souberam de nós. Mas a alcateia está distante e Izabel tem seguido a estratégia de Anassa — está me ignorando.

Egith mantém a ordem com eficiência, mas todos sentem que ela está esperando a chegada da Alfa Soberana. Hoje, estamos em treino de combate em grupo com Filax, supervisionado por Egith e Stark. Estamos praticando esgrima e dando um descanso aos lobos-gigantes.

Tem sido impiedoso. Todos estão tentando me acertar. E, quando não estão mirando em mim, estão testando Henrey, a única outra pessoa de origem plebeia.

Durante uma pausa muito necessária, me afasto para beber com avidez a água gelada do meu cantil. Há alguns outros Recém-unidos Estrategos fofocando perto de mim, mas mantendo distância.

— Acho que vai ser a Egith — comenta Pietr em voz baixa ao tampar o cantil.

Allegra inclina a cabeça, olhando para a Beta do outro lado do campo de treinamento.

— Faz sentido. Sempre é o segundo no comando? Não consigo lembrar.

Pietr dá de ombros.

— Normalmente. A não ser que haja circunstâncias especiais. Tipo, você sabe...

— Nepotismo — murmuro, olhando para Stark.

Não esqueci que a mãe dele é a temível Alfa Soberana que vem nos amedrontar para que nos comportemos bem. Pietr e Allegra me lançam olhares irritados e se afastam.

— O que foi isso? — diz Henrey, vindo descansar ao meu lado na parede, o suor escorrendo em sua testa.

— Minha alcateia inteira me odeia, você não soube? — pergunto, tentando fazer piada, embora isso me chateie.

Henrey enrubesce.

— Bem... é. Ouvi algumas coisas, acho. Mas ignore, Meryn. Você é forte. Isso vai conquistá-los no fim.

Dou um tapinha amistoso em suas costas.

— Obrigada por gastar um tempo conversando com uma pária carente de amizade.

Ele ergue o cantil em minha direção com um sorrisinho.

— Nós, párias, temos que ficar juntos.

Revigorada, fecho meu cantil e o jogo na terra, pegando a espada a seguir. Giro-a na mão direita e ergo a cabeça.

Não preciso perguntar se Izabel está pronta. Ela já está avançando contra mim, empunhando a própria lâmina. Seus olhos castanho-escuros estão semicerrados, o cabelo negro escapando da trança no vento gelado do inverno.

A prática de esgrima a pé é infinitamente mais fácil que a montada. Normalmente, eu estaria aproveitando os movimentos metódicos e a sensação satisfatória de forçar a ação dos meus músculos.

Mas não quando minha amiga mais próxima em todo o castelo está tentando me partir ao meio no pátio de treinamento.

Izabel bate a espada contra a minha com tanta força que

reverbera pelo meu braço. Ela tem a vantagem, então ataca, e eu aparo de novo. E de novo.

Não consigo firmar o pé rápido o suficiente, e ela não dá trégua.

Ela sempre foi melhor espadachim do que eu, teve uma vida inteira de treinamento, mas costuma pegar leve comigo. Costuma parar e me mostrar o que estou fazendo errado ou me deixar acertar alguns golpes.

Hoje, não.

Ela me acerta no braço direito com tanta força que deixo a espada de treino cair, e antes que eu possa pegá-la Izabel encosta a ponta da sua espada de treino embaixo do meu queixo.

— Morta — fala, com um brilho amargo nos olhos.

Seguro a espada de madeira pela empunhadura e a arranco da mão dela, jogando-a no chão ao lado da minha.

— O que deu em você? — sibilo.

As bochechas de Izabel ficam vermelhas, e ela ergue as mãos no ar.

— Sério? Você não sabe?!

— Você está chateada porque eu não estava por perto quando Egith deu a notícia da morte do Alfa Markos, igual a todo mundo. Você acha que priorizei meu relacionamento em vez da nossa alcateia.

Izabel dá um grito irritado e pega sua espada da terra, voltando a brandi-la contra mim.

— Não, Meryn! Estou *magoada*. Você me magoou! Você escondeu esse relacionamento de mim por meses. Entendo não querer que todos os Recém-unidos soubessem, mas eu sou sua amiga. Ou pelo menos achei que era, mas é óbvio que não sou, se você não consegue confiar em mim o suficiente para contar a verdade e com quem você está se relacionando.

— Ah — falo, sentindo-me uma tonta de repente.

É claro que ela está magoada. Era a resposta mais óbvia do

mundo. Mas tudo isso é novo para mim... Não só este mundo, mas também ter amigos.

Acho que não aprendo rápido.

Os olhos dela ficam marejados.

— Isso é tudo que você tem a dizer? "Ah"?

— Não, Izabel — falo, com um suspiro, o peito doendo. — Eu...

Trombetas ensurdecedoras soam pelo pátio de treino. Não parecem vir do fundo do castelo. Os três toques estrondosos ecoam pela encosta da montanha, vindos do sul.

Os portões do castelo, percebo.

A Alfa Soberana chegou.

O treino termina rápido depois disso, e somos levados de volta ao alojamento dos Recém-unidos. Izabel e eu não tivemos chance de terminar nossa conversa. Ela saiu furiosa assim que pôde, claramente querendo se manter distante de mim.

Ninguém sabe quando teremos notícias da Alfa Soberana. Presume-se que primeiro ela vá se reunir com o rei e depois discutir a liderança dos Estrategos com os lobos. A alcateia inteira está inquieta, até mesmo Egith. Depois de alguns minutos andando de um lado para o outro na antessala, ela se trancou em seus aposentos privados.

Eu gostaria de fazer o mesmo, para ser sincera. Mas sei que preciso terminar minha conversa com Izabel. E ela está fazendo um trabalho impressionante em me evitar. Não está na antessala dos Estrategos, nem no dormitório ou no espaço dos banhos.

Em seguida, verifico a sala comunitária dos Recém-unidos, mas ela também não está entre as muitas pessoas reunidas ali. Olho em volta sem saber o que fazer, até que meu olhar pousa na porta dos aposentos dos Criptos.

Ela vai estar lá, provavelmente, escondida com Venna. As duas

vão e vêm entre os aposentos de suas alcateias o tempo todo e ninguém estranha. São gêmeas idênticas, afinal — seria bizarro esperar que mantivessem distância.

Mas, para o resto das pessoas... não é algo que se faça. Você não entra assim, de qualquer jeito, na antessala de outra alcateia. Em teoria não há nenhuma regra que proíba isso, mas nunca vi alguém que não seja Estrategos no nosso espaço que não fosse Venna.

Boa jogada, Izabel.

A determinação borbulha em minhas veias. Vamos terminar essa maldita conversa, mesmo que isso faça outra alcateia inteira me odiar também.

Com alguns passos rápidos, atravesso a sala comunitária e abro a porta dos aposentos dos Criptos. A antessala deles é idêntica à dos Estrategos: os mesmos sofás macios, a mesma lareira. E no centro estão Izabel e Venna sentadas.

Alguns Recém-unidos Criptos resmungam indignados quando atravesso o espaço com pressa. Não ligo.

— Me desculpem — falo ao me aproximar das gêmeas.

Também sinalizo o que falei, movendo as mãos do jeito que Izabel e Venna me ensinaram, caso Venna não tenha ouvido. Elas têm me ensinado algumas frases em língua de sinais quando sobra tempo.

Elas não se abalam. Izabel desvia o olhar para a tapeçaria da parede e Venna cruza os braços, de cara fechada.

Eu me sento no chão, aos pés delas — claramente não sou bem-vinda no sofá — e continuo, baixo, mas alto o suficiente para os ouvidos de Venna, embora eu perceba que todo mundo na antessala está tentando escutar.

— Eu sou uma idiota. Desculpa por não ter percebido que tinha magoado você, que tinha magoado vocês duas — falo, olhando especificamente para Venna desta vez, porque também dá para ver que ela está irritada. — Esse negócio de amizade é muito novo para

mim. Eu sei ser irmã, filha, amante, lutadora. Não percebi que ser amiga significava algo diferente.

Venna amolece primeiro. Ela estende a mão e segura a minha, apertando. Izabel é mais difícil de convencer.

— Eu mantive isso em segredo porque não tinha certeza do que sentia — continuo. — Killian e eu estamos nos vendo há mais de um ano.

Ao ouvir isso, Izabel vira a cabeça para mim de repente, com os olhos arregalados. A fofoca é tentadora demais para ela ignorar, dá para perceber. Mas ela não faz perguntas, apenas me espera continuar.

— Nos conhecemos no Mercado Central. Pelo que parece, ele gosta de se aventurar nas áreas de plebeus de vez em quando...

Nos trinta minutos seguintes, conto todos os detalhes picantes do nosso relacionamento. Izabel solta exclamações nos momentos certos e, quando termino, já me puxou para o sofá entre elas.

Anassa também amolece comigo. Ainda não me perdoou totalmente por ter erguido uma barreira tão grande entre nós, mas algo mudou — talvez pelo fato de eu ter me aberto com as gêmeas.

— Então é sério — comenta Izabel, pensativa. — Não é só um casinho dos Ritos de União.

— É sério — confirmo.

De repente, sinto um movimento do outro lado da união.

— *Se prepare* — ordena Anassa.

— *Para quê?* — falo, surpresa por ouvir sua voz depois do silêncio prolongado com que vinha me castigando.

A porta da antessala dos Criptos é escancarada, batendo contra a parede. Uma mensageira uniformizada entra e suspira de alívio ao me ver.

— Recém-unida Meryn Cooper?

— Sim? — respondo, olhando ao redor, confusa. — *O que é isso?* — pergunto a Anassa, mas não há resposta.

— Você está sendo convocada para ver a Alfa Soberana Siegrid. Agora mesmo.

Minha mente é assolada por um medo devastador. Volto a pensar no aviso de Egith.

A Alfa Soberana só gostaria de me ver se fosse para me punir — ou *matar* — por ter bloqueado meus companheiros Recém-unidos.

Izabel parece preocupada — um bom sinal para a nossa amizade, mas não para a minha saúde — quando me levanto. Eu me despeço rápido das gêmeas e sigo a mensageira para fora da antessala e da sala comunitária.

A caminhada até a sala de audiência é interminável. Descemos por corredores ecoantes que agora estão em completo silêncio. Perguntas quase escapam dos meus lábios várias vezes, mas duvido que a mensageira seja capaz de respondê-las.

Igor falaria que estou colhendo o que plantei, mas parece até que semeei... *espinhos*. Por toda parte.

Viramos uma esquina e lá está Anassa, à minha espera com uma postura régia, parecendo ligeiramente entediada.

— *O que você está fazendo aqui?* — pergunto.

— *Temos assuntos a tratar* — responde ela.

Muito útil, Anassa, obrigada.

A cauda de Anassa balança enquanto adentramos mais no castelo. Os corredores ficam mais elaborados conforme nos aproximamos do lado da realeza, as cortinas tecidas com fio dourado, os castiçais cobertos por cúpulas de vidro cintilante. Aqui há longas e espessas faixas de carpete vermelho-sangue em vez de pedra nua e polida, uma raridade deste lado do castelo, porque as garras dos lobos poderiam rasgá-los facilmente.

Embora nunca tenhamos acesso às alas reais, é claro que a Alfa Soberana desfruta de certos luxos em sua posição.

A cauda de Anassa balança de novo, roçando meu braço. Ergo os olhos para ela, surpresa. A loba não se dá ao trabalho de olhar de

volta para mim, mas sou capaz de jurar que aquele breve contato foi para me tranquilizar.

A mensageira para de repente diante de uma porta de madeira maciça. As aldravas são dois lobos de ferro mostrando os dentes, cada um mordendo um pesado anel de metal. A mensageira ergue um desses anéis e o bate contra a porta duas vezes.

Os baques ameaçadores reverberam em meus ouvidos. Pisco para não deixar os olhos marejarem.

Um momento depois, as portas se abrem com um rangido, revelando um grande aposento pouco mobiliado. Alguns soldados Unidos e seus lobos alinham-se pelas paredes. O espaço é bem iluminado, com lamparinas a óleo e um par de grandes braseiros sobre um estrado de pedra um pouco elevado. No topo desse estrado há uma longa mesa com cadeiras de encosto alto. Na ponta, uma cadeira ainda mais imponente que as demais.

De pé diante dela está uma mulher cuja presença me faz sentir como se a gravidade tivesse triplicado.

Ela é bastante alta e robusta, a pele marrom coberta de cicatrizes e marcas de mortes. Sua presença domina o espaço ao redor, expandindo-se além dos limites de seu corpo. Seu poder escorre pelos poros e se espalha pela sala a cada vez que ela respira.

Anassa entra, e eu forço minhas pernas a segui-la. Conforme nos aproximamos, a Alfa Soberana Siegrid Therion, antes debruçada sobre a mesa, se endireita. Um instinto pulsando no meu sangue me obriga a acompanhar cada movimento dela, cada contração de músculo, cada varredura analítica de seus olhos.

Ela é mais velha do que eu esperava, percebo. Deve ter seus cinquenta e poucos anos, com cabelos castanhos grisalhos e uma mecha vermelho-sangue. Sua idade não diminui em nada sua força física. Pelo contrário, aguça a ameaça silenciosa em seu olhar.

Se tem uma coisa que Anassa me ensinou é que a idade e a experiência só tornam um lobo mais perigoso.

Siegrid se vira para nós e cruza os braços. Eles são tão cobertos de tatuagens quanto os do filho. Ao olhar para ela, um alerta parecido com o que ouvi da primeira vez que vi Stark ecoa na minha mente.

Perigo, meu instinto grita, mais alto do que nunca.

Seu lobo está sentado ao seu lado, enorme e negro como a noite. Até Anassa parece pequena perto dele. Siegrid estende a mão e toca a perna do lobo antes de dar um passo à frente. Ela olha para além de mim e inclina a cabeça.

Um aceno de respeito, percebo, dirigido a Anassa. Anassa se inclina em resposta, estendendo uma pata e baixando a cabeça até o chão.

Então Siegrid fixa seu olhar penetrante em mim. É como se eu tivesse sido perfurada no mesmo instante. Não, na verdade é como se ela tivesse me cortado ao meio e agora examinasse minhas entranhas.

Ela é uma predadora do topo da cadeia julgando se o pedaço de carne diante dela é digno.

Tenho a nítida sensação de que está me avaliando — medindo meu valor. Provavelmente decidindo como deseja me punir. Não faço ideia de como devo me portar diante da Alfa Soberana.

Devo tratá-la como uma rainha? Me atirar ao chão e implorar por minha vida?

Eu me curvo toda desajeitada, fazendo uma reverência. Pelo visto, foi o gesto errado, a julgar pelo resfolegar de desdém que recebo em troca.

— Fique de pé, garota.

A voz dela é levemente rouca, mas atravessa o salão como um vento gelado. Meu corpo inteiro reage, os pelos se eriçam, os músculos se contraem. Eu me endireito.

Ela ainda está me encarando. Mal consigo olhá-la. É como tentar me forçar a olhar diretamente para o sol. Só consigo sustentar por

alguns segundos de cada vez. Nesta sala eu estou... *pequena*.

— Em todo o meu tempo como soldada Unida, como Alfa dos Daemos e depois como Alfa Soberana — ela fala —, nunca vi nada como... *isto*.

A voz de Siegrid tem um tom afiado. Provoca em mim um impulso bizarro de checar se estou sangrando, como se suas palavras cortantes tivessem me ferido fisicamente. O pior é que de repente sei por que ela me olhava daquele jeito — avaliando, julgando.

A irritação em sua voz é clara.

Isto, dito com desprezo. Ela se refere ao meu relacionamento com Killian. Uma Recém-unida se envolvendo com o príncipe herdeiro.

Siegrid dá um passo até a beira do estrado e olha para baixo, para mim.

— Tudo isso tem sido muito incomum, garota, e você está atraindo atenção desnecessária para si. — Atenção? O que ela quer dizer com isso? — Mas o que tem que ser feito será feito, suponho — conclui, com um suspiro cansado.

Sinto uma necessidade súbita e incontrolável de me explicar para ela. As palavras saem balbuciadas, meus pensamentos falham.

— Por favor, Alfa Soberana. O príncipe e eu começamos a nos ver muito antes de eu me tornar Unida. Sei que não deveria ter escondido...

— Sobre o que você está tagarelando? — Siegrid me interrompe, a voz dela extinguindo a minha.

— Hã. — Meu cérebro não funciona. Meu coração martela nos ouvidos. Tudo que consigo ver é seu olhar intenso. — O príncipe herdeiro e eu estamos juntos? — arrisco, hesitante. — Não é disso que você...

— Não estou aqui pra falar da sua vida amorosa, *criança* — corta ela, a boca se contorcendo em desagrado.

A voz dela é calma e comedida, mas sua fúria não tem nada de contida. É uma explosão inevitável. O rosto de Siegrid se contrai numa expressão de pura raiva que me dá vontade de me encolher em posição fetal.

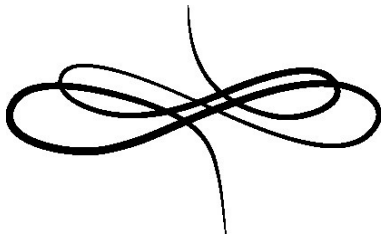
Uma nevasca branca uiva ao meu redor, me cegando para tudo, até mesmo para o que está bem diante dos meus olhos.

— Me desculpe, mas então por que me chamou?

Siegrid ergue o rosto e abre os ombros largos.

— Os lobos-gigantes Estrategos se reuniram e escolheram a próxima líder. Anassa. Você é a nova Alfa dos Estrategos.

36



Eu estaria mais calma se alguém tivesse me dado uma pancada no crânio com um porrete de metal.

As palavras fazem uma onda de emoções reverberarem através de mim. Medo, confusão, resistência. Elas estilhaçam o meu corpo, fazendo meus ossos tremerem, meus músculos enfraquecerem, tão pesadas quanto grilhões nos meus tornozelos e uma coleira em volta da garganta.

A princípio não consigo processar totalmente o anúncio de Siegrid.

Nova Alfa dos Estrategos.

A mulher me encara fixamente, a expressão severa inalterada. Se acha que vou atravessar esse pântano de choque, vai esperar por muito, muito tempo.

A sala começa a girar ao meu redor. Se continuar assim, vou começar a escorregar, a cair. Estão me dizendo que eu deveria liderar uma alcateia *inteira*? Eu...

Anassa se aproxima de mim, e eu apoio a mão em sua pelagem branco-prateada, usando seu corpo para me firmar. Olho para cima e encaro seus olhos amarelos. De repente, é como se outra parede tivesse sido aberta na minha consciência, uma da qual eu desconhecia a existência. Uma vasta biblioteca flui através dela — conhecimento antigo transmitido pelos lobos-gigantes, dado apenas aos líderes de cada alcateia.

Meus joelhos começam a tremer. Eu mal consigo *respirar* sob o peso esmagador de tudo isso.

A distância cuidadosamente mantida por Anassa desapareceu. Ou ela escolheu me perdoar de vez pela outra noite... ou não tem escolha, agora que somos um par alfa.

— Deve haver... — Engulo em seco, tentando arrancar as próprias palavras do caos. — Deve haver algum engano — consigo falar, por fim. O tremor na minha voz soa fraco até para mim mesma. Quase suplicante. — Eu sou só uma Recém-unida. Nem sequer venho de uma família Unida, e mal sei como...

A mão de Siegrid corta o ar como o golpe de uma garra.

— Basta.

O suor frio faz minha camisa grudar nas costas por baixo da jaqueta, e eu lanço para ela o olhar de uma mulher à espera da sentença.

Siegrid abaixa a mão, pousando-a com calma na mesa.

— Está acusando os lobos-gigantes de cometerem um *erro* ao escolher seus líderes?

O perigo na voz dela é evidente, e o rosnado baixo e ameaçador de seu enorme lobo reforça o recado.

Não haverá resistência.

— Isto não é um debate, garota. Os lobos se reuniram e escolheram, Anassa vai liderar os Estrategos. O que significa que você, como sua cavaleira, servirá como Alfa dos Estrategos.

A voz de Siegrid é gélida, carregada de uma certeza incontestável.

Resisto ao impulso de me abraçar, de cravar dolorosamente as unhas nas palmas das mãos, de me virar e *correr* de volta para o Distrito Leste.

Em vez disso, estendo a mão para Anassa, na esperança de encontrar algum conforto. Talvez alguma sabedoria ou encorajamento, já que ela foi a escolhida. Mas, em vez disso, mergulho de novo naquele oceano sem fim de conhecimento

sufocante. Ele pressiona minha mente como ondas na praia, ameaçando me arrastar mar adentro e me afogar.

Siegrid continua com os olhos fixos em mim, assim como os outros soldados Unidos. O lobo de Siegrid abaixa a cabeça, atento a cada movimento meu.

E eu permaneço no lugar, sem sequer ter certeza do que exatamente um Alfa deveria fazer.

O que isso significa para mim, de verdade? Estive tão focada em sobreviver e encontrar Saela que mal me restou energia para entender as nuances da política da alcateia.

Cerro os punhos e ergo os ombros.

— Por que eu? Por que nós? — Desta vez, minha voz sai mais firme.

A expressão de Siegrid se afasta daquela intensidade autoritária e impassível. É substituída por algo que beira a pena.

— Os lobos veem coisas que os humanos não veem. Eles sabem o que está por vir. E, seja qual for o motivo, eles acreditam que você... e Anassa, juntas... são aquilo de que os Estrategos precisam.

As portas maciças atrás de mim se escancaram com um estalo, os batedores tilintando contra a madeira. Egith atravessa o espaço à frente de um mensageiro ofegante. Ela está um pouco descabelada, mas se inclina em uma reverência formal diante de Siegrid sem hesitar.

Ou teria feito isso, se não tivesse congelado no meio do movimento assim que me viu. Os olhos afiados de Egith saltam de mim para Siegrid, depois para nossos lobos, analisando a tensão palpável que preenche o espaço.

— Levante-se, Beta Egith — ordena Siegrid. — Temos muito a discutir.

Observar Siegrid explicar a decisão dos lobos a Egith é como deixar que alguém amarre um laço de forca ao redor do meu pescoço. Vejo a expressão da Beta se contrair a cada palavra,

lampejos de emoção rompendo sua fachada pétrea ao ouvir as palavras *alfa* e *final*.

Sua primeira reação é o choque. Depois a incredulidade, com um olhar desconfiado lançado na minha direção. Então, algo mais sutil difícil de decifrar. *Desolada* seria um adjetivo muito generoso para descrever como Egith está agora.

Ela está devastada por ter sido preterida em favor de alguém como eu.

Uma Recém-unida que implorou para ser libertada logo no início dos Ritos. Uma integrante da alcateia que recentemente afastou sua loba-gigante e seus companheiros em um momento de crise. Uma alpinista social, dormindo com um membro da realeza.

E uma plebeia, ainda por cima.

— Posso falar livremente? — pergunta Egith.

Seu corpo inteiro parece feito de pedra. Ela está assustadoramente imóvel. *A calmaria antes da tempestade*, penso.

Siegrid assente, e eu me preparo para uma evisceração verbal. E talvez uma física logo em seguida.

— Isto é algo sem precedentes — comenta Egith, sem erguer a voz. Dirige-se diretamente a Siegrid, o olhar firme. — A alcateia já está desestabilizada pela morte do Alfa Markos. Colocar uma Recém-unida sem treinamento no comando agora, quando somos tão cruciais para o esforço de guerra...

— Os lobos escolheram — interrompe Siegrid.

Egith não se abala, apenas inclina a cabeça.

— Embora você levante um ponto válido sobre a guerra — continua Siegrid. — Não tenho certeza de como vamos ter essa... neófita... liderando os Estrategos na frente de batalha quando ela ainda nem passou pelos Ritos e se formou. — Seu olhar aterrorizante se volta para mim, e meus ombros se tensionam. — Muito bem, *Alfa*. O que propõe?

É como se, de repente, enfiassem uma espada na minha mão, o

brilho ofuscando minha visão, e me falassem para desviar a lâmina que vem direto na minha jugular.

Mas Anassa finalmente me concede um apoio em que posso me firmar um pouco.

— *Deixe Egith liderar por enquanto*.

Respiro fundo e ergo minhas defesas. Ela está mais do que certa.

— Egith deve assumir o comando na frente de batalha — falo para ambas. — Ela tem o conhecimento crucial das forças que estão lá, entende a estratégia e conquistou o respeito da alcateia. — Encaro Egith e encontro seus olhos arregalados, os lábios entreabertos de surpresa. — Posso não entender por que sou Alfa, mas não sou burra. Ainda não sei o suficiente para liderar nossas forças em batalha. Mas *você* sabe.

Algo muda na expressão de Egith. Quando a surpresa passa, sua aflição esmagadora não retorna com a mesma força.

Depois de um momento de silêncio desconfortável, Siegrid fala:

— Uma escolha sábia. Você pode permanecer aqui para terminar seu treinamento. Também precisará poupar tempo e energia para aprender a liderar sua alcateia como Alfa.

Assinto. É tudo que sou capaz de fazer no momento. O que está nas entrelinhas é óbvio: não estou à altura da minha posição, ainda não. Bem, nisso estamos de acordo.

Siegrid cruza os braços poderosos.

— Você não pode ficar alheia à estratégia de batalha por muito tempo, e precisará assumir as responsabilidades o quanto antes. Mesmo com a ajuda de Egith, sua alcateia ficará enfraquecida enquanto permanecer sem uma Alfa adequada.

Curvo-me exatamente como Egith fez quando chegou.

— Entendo.

— Sua posição, Egith? — pergunta Siegrid.

— Talvez um dos Gamas dos Estrategos possa ser convocado para assumir meu papel de instrutora — sugere Egith. — No entanto,

precisaremos discutir o regime de treinamento atual. Revê-lo diante desses... contratempos.

— De acordo — responde Siegrid, inclinando apenas ligeiramente a cabeça. — Dispensadas.

Fico ali, atônita por um momento, até perceber que ela está se dirigindo a nós duas. Então me viro, trêmula e sem forças, enquanto Anassa e eu seguimos Egith para fora da sala.

Quando as portas se fecham atrás de nós com um baque, consigo murmurar:

— E agora?

Egith me olha e respira fundo, exausta.

— Você precisa contar aos outros Recém-unidos.

Certo.

A caminho dos aposentos dos Recém-unidos, paro nos corredores.

— Vá na frente sem mim — falo para Egith. — Reúna todos na antessala. Estarei lá em um minuto.

Seus lábios se comprimem — é uma situação estranha para nós duas, eu dando ordens a ela —, mas a Beta assente e parte. Então me viro para Anassa.

A poderosa gigante permanece imóvel ao meu lado.

— *Parabéns* — falo, cansada. Faz tanto tempo desde que tivemos uma conversa de verdade, e o silêncio me desgastou. Espero que isso marque o fim desse afastamento. — *É isso que eu devo falar? Eu a parabenizo por ter sido escolhida para liderar nossa alcateia?*

Ela inclina a cabeça para o lado, me estudando com aqueles olhos cor de ocre.

— *Não fui apenas eu a escolhida. Os outros lobos-gigantes nos escolheram como um par. A habilidade individual de um lobo-gigante é significativa, mas mesmo o mais forte entre nós é fraco sem uma cavaleira para guiar nossos poderes.*

Deixo escapar uma risada descrente. Anassa bufa de irritação, os

lábios puxados para trás, revelando as presas longas.

— *Você nasceu para liderar, garota. Não importa se acredita nisso ou não. É seu dever, então o cumprirá.*

Bom, isso está bem claro. Ainda não consigo compreender totalmente o que está acontecendo, mas acho que não importa se quero aceitar ou não. Está decidido.

Estive nessa posição tantas vezes na minha vida. A morte do meu pai. A doença da minha mãe. O sequestro da minha irmã. A deliciosa surpresa dos Ritos de União.

É meu dever, então o cumprirei.

Com isso, Anassa dá meia-volta e trota em direção aos terraços dos lobos.

— *Ei!* — grito mentalmente para a loba enquanto ela se afasta. — *Desculpe. Por ter afastado tanto você. Isso nunca mais vai acontecer.*

— *Eu sei* — responde ela.

Quando chego à área de convivência dos Estrategos, estou decidida. Vacilei e, mais uma vez, considerei fugir? Fingir que nada disso aconteceu? Me imaginei a milhares de léguas de distância, escondida em uma cabana em algum lugar com Killian?

Sim, é claro. Mas estou aqui. Fui escolhida. *Tenho* que fazer isso.

Meu coração martela no peito quando entro na antessala dos Estrategos.

Como solicitado, Egith reuniu os outros dezenove Recém-unidos dos Estrategos, e eles estão espremidos nos sofás e no chão. A sala está silenciosa, e todos me encaram assim que entro — alguns com irritação evidente, ainda zangados comigo por ter desaparecido na noite anterior.

Tomison ergue as sobrancelhas e Izabel articula, sem som: "Você está bem?".

Alguma vez já estive? Fecho a porta atrás de mim e me viro para encará-los.

Minha única referência de como Alfas devem se portar são Stark

e Siegrid e... Bem, eles basicamente só ficam encarando, não é?

Eu me contento com o que espero ser uma expressão que transmite autoridade, encontrando os olhos de cada um deles à medida que percorro a sala. Então ergo a cabeça e falo da forma mais clara que consigo.

— Tenho um anúncio. Os lobos-gigantes decidiram por uma nova líder. Eles escolheram Anassa. Eu serei sua Alfa a partir de agora.

Há um momento de silêncio cristalizado, surpreso, antes de tudo explodir em barulho. Vozes se sobrepõem e emoções despencam sobre a nossa unidade de alcateia como corredeiras colidindo com rochas afiadas. Consigo captar apenas fragmentos no meio da comoção.

— *Uma Recém-unida?!* — exclama Pietr.

Nevah começa a rir de forma histérica, dobrando-se tanto que seus cachos escuros quase tocam o chão.

Kristof olha em volta, confuso.

— Mas Egith...

— Ela sequer vem de uma família Unida — sussurra alto Allegra, atônita.

A voz retumbante de Anassa atravessa a conexão da alcateia como um trovão, nossas mentes partidas ao meio do mesmo jeito que o relâmpago rasga o céu.

— *SILÊNCIO.*

Eu sei que todos a ouviram. Isso deve ser um novo poder de Alfa. Normalmente, o vínculo da alcateia funciona de forma que podemos sentir emoções e fragmentos de pensamento uns dos outros, especialmente quando usamos nossos poderes coletivos, mas não é comum ouvirmos o que os lobos dos outros estão dizendo.

A habilidade de Anassa de falar na mente de todos de uma vez não deixa mais espaço para discussão.

Todos fazem silêncio no mesmo instante. O instinto me faz estender a mão para ela, buscando orientação. Mas não há necessidade de que ela responda. O poder da loba-gigante fala por si só, vibrando dentro do meu crânio. Saber que estou unida a alguém como ela me dá forças.

Eu me empertigo, a força e a imponência de Anassa crepitando no meu sangue. Imagino isso como uma névoa ao meu redor, uma luz prateada e brilhante como sua pelagem emanando de mim como uma armadura. Escolho ser totalmente sincera.

— Entendo a confusão e a dúvida de vocês. Consigo entender porque foi isso que senti. Não entendo por que fui escolhida. Só os lobos sabem — declaro. Os Recém-unidos se agitam, e aos poucos começam a compreender a situação. — Mesmo que vocês ainda não saibam ao certo como se sentir em relação a isso, eles tomaram a decisão. Nós devemos segui-la. Uma das primeiras lições que aprendi aqui, com vocês, foi que precisamos confiar na sabedoria dos lobos-gigantes. Não se questiona isso.

Outro movimento na sala. Alguns acenos de cabeça. Uma pequena sensação florescendo, como a abertura de suas mentes.

— Eu sou a Alfa de vocês — continuo, projetando a voz para encher o espaço. — Vocês me tratarão como tal. Sim, como vocês, ainda sou uma Recém-unida. Ficarei aqui para concluir meu treinamento, e a Beta Egith concordou em liderar os Estrategos na frente de batalha até que eu o faça.

Allegra intervém, jogando o cabelo loiro-avermelhado para trás.

— Podemos até não questionar os lobos-gigantes e suas escolhas, mas como confiar em você quando está em um relacionamento com o príncipe herdeiro? Como confiar que fará o que é certo para os Unidos e não apenas o que é certo para a coroa?

Claro que essa seria a primeira pergunta. Abro a boca para responder, mas outra voz me interrompe. Sinto um calafrio ao ouvir o som grave vindo de trás de mim.

— O que é certo para a coroa é sempre o que é certo para os Unidos.

Meus olhos encontram os de Stark. Ele surge na porta de nossa antessala, recostado contra o batente e com os braços tatuados estrategicamente cruzados sobre o peito. Todos os olhos na sala se voltam para ele, atraídos por sua presença. Respondendo com respeito e interesse, ele obscurece a unidade da minha alcateia.

Um lampejo de irritação percorre meu corpo.

É claro que ele acreditaria que o que é certo para a coroa é certo para os Unidos. Ele é a arma perfeitamente afiada do rei. Como o grande privilegiado, destinado a liderar os Unidos algum dia, não consegue enxergar a forma horrível como o rei e os nobres tratam os Unidos.

Ou talvez *escolha* não enxergar.

— O tempo da Alfa é valioso demais para ser desperdiçado com perguntas inúteis — declara ele.

O olhar escuro de Stark se fixa em mim com a mesma intensidade de sempre, como se o resto da sala não importasse, contanto que mantenha sua presa à vista. Ele inclina levemente a cabeça para o lado, e uma mecha do cabelo escuro cai sobre a testa. É como se uma corda tivesse sido repuxada e se esticado entre nós.

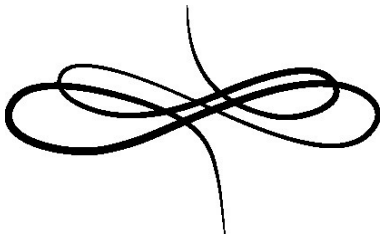
— Apresente-se no meu escritório amanhã, ao nascer do sol. Seu treinamento como Alfa vai começar.

Sem esperar pela resposta, ele se vira e desaparece pelo vão da porta, deixando um silêncio pesado.

Amanhã, ao nascer do sol.

Merda.

37



As claraboias mostram o céu escuro enquanto caminho pelos corredores silenciosos. Parece quase ilícito estar me esgueirando a essa hora, bem à vista. Até agora, toda a minha furtividade tinha ficado restrita à passagem de serviço entre meus aposentos e as alas reais.

Uma pontada aguda de saudade atinge meu peito quando penso em Killian. Se ao menos eu estivesse deslizando a mão pela parede de pedra familiar, antecipando o calor da pele dele sob meus dedos.

Mal nos vimos desde a noite do baile. Ele veio ao meu quarto no dia seguinte, quando soube do Alfa Markos, para ver como eu estava. Concordamos em manter certa distância até que as coisas se acalmassem. Mas, na noite passada, eu o procurei, contei tudo.

Contei como agora sou a Alfa dos Estrategos. Ele me envolveu nos braços, orgulhoso, mas não deixei as coisas avançarem muito além disso. Ainda não estou pronta para tentar filtrar minha conexão com Anassa novamente, tudo ainda é muito frágil entre nós.

E agora estou aqui, andando por corredores escuros enquanto os outros Recém-unidos dormem, para encontrar...

Que inferno.

Stark, dentre todas as pessoas. É como se eu estivesse dançando bem na beira de um penhasco perigosíssimo. Ou melhor, atirando meu corpo direto para o outro lado.

Claro, o penhasco tem cílios ridículos de tão bonitos e ombros ridículos de tão largos.

Mas ainda é um *penhasco*.

Paro diante da porta do escritório dele, tentando decidir como vou encarar isso. Ainda ouço a voz áspera dele e sinto seu olhar firme. *Meu escritório amanhã, ao nascer do sol...*

Afastando os calafrios, empurro a porta sem bater, decidida a ser quem vai pegá-lo de surpresa, pela primeira vez. Mas falho de novo.

O escritório de Stark não é nada do que eu tinha imaginado. Estava me preparando para cabeças em estacas. Imaginava que precisaria me abaixar de vez em quando para evitar armas letais enferrujadas penduradas.

Talvez até alguns ossos de animais que ele e seu lobo tivessem roído juntos.

Por causa da união e tal.

Mas é uma biblioteca. *Uma biblioteca*.

Ou melhor, não completamente. O centro da sala, como era de esperar, tem um espaço aberto, claramente reservado para duelos. Atrás dele, há algumas largas escadas de pedra que levam a uma parte elevada do cômodo. Ali, consigo ver suportes de armas e de armaduras, uma lareira apagada e algumas cadeiras que parecem bem confortáveis.

Mas, ao redor do espaço central de treino, há estantes presas às paredes ou dispostas lado a lado para criar corredores organizados. Elas vão do chão ao teto, e há uma escada apoiada na estante à minha direita para que ele possa alcançar as prateleiras mais altas. É bem parecido com o escritório do líder Aldrich.

Fico ali parada, absorvendo os detalhes do lugar, e de repente sou tomada por uma sequência de imagens absurdamente nítidas.

Stark, vestido com roupas casuais, subindo a escada para pegar um livro de que precisa. Ou Stark sentado em uma das cadeiras, os

pés apoiados na mesa, lendo em silêncio. Stark sozinho no espaço de treino, espada em mãos, praticando movimentos.

Ele não está sem camisa na minha imaginação. A princípio.

Passo a mão pelo rosto, tentando apagar tudo da mente. Não deveria estar pensando em Stark como se ele fosse uma pessoa com alma e necessidades humanas normais.

Ele é uma máquina de matar.

É óbvio que é por isso que há uma manta macia jogada sobre o braço de uma cadeira. Porque até máquinas de matar sentem frio... ao que parece.

— Surpresa?

Há aquele tom familiar de zombaria na voz de Stark, como se achasse que sou idiota por acreditar que ele vive como um animal selvagem só porque age como um. O Alfa surge entre duas de suas imensas estantes de livros e se apoia em uma delas, de braços cruzados.

Está vestido de forma casual. As calças são de couro de combate, mas ele veste por cima uma camiseta branca de mangas curtas, deixando à mostra os braços enormes — assim como a quantidade absurda de tatuagens que os cobrem, desde os dedos e desaparecendo sob as mangas justas. Escuras, retorcidas, rúnicas. Engulo em seco com o lembrete visceral de quantas vidas ele já tirou.

Meu cérebro começa a avaliá-lo no mesmo segundo. A que distância está de mim? Para onde está olhando? Estar no mesmo cômodo que alguém como Stark — *sozinha*, devo acrescentar — é brutal como o treinamento das arenas, mas também pura autopreservação.

Faço questão de deixar meus olhos vagarem pelo escritório dele. A maioria dos livros parece recém-encadernada, mas há alguns com lombadas desgastadas e outros que parecem antigos, guardados em estantes com portas de vidro que brilham sob a luz

das lamparinas.

Quando meus olhos pousam em uma porta que leva a um cômodo adjacente — e avistam uma cama desfeita envolta na escuridão —, desvio o olhar imediatamente. Ele dorme aqui? Decerto tem um quarto privado nas alas dos Daemos, assim como Egith e eu. Ou talvez aquela cama seja para outra coisa além de dormir...

Outra imagem de que não preciso.

— São muitos livros, meio coisa de acumulador — falo, ignorando o calor que sobe pelo meu rosto.

Mesmo a biblioteca do líder Aldrich é fraca em comparação. Nunca vi tantos em um só lugar.

O pensamento surge sem ser convidado, *Saela adoraria isso*, e então é seguido por uma pontada imediata no peito.

Stark não se move, mas seus olhos percorrem o ambiente. Primeiro, olhando para os livros. Depois, para mim.

Sinto de novo. A mesma coisa de sempre quando olho para ele. Ou quando sou olhada por ele.

É um desafio, como se ele acreditasse que é dono do mundo, mas quisesse ver se eu teria coragem de tentar tomá-lo dele.

— Você achava que ser Alfa significava só *lutar* bem?

Cerro os dentes. Fico arrepiada ao encarar seus olhos escuros. O desafio fervendo no ar é tentador. Parte de mim quer despedaçá-lo. Mas, no fim, *estou aqui* por um motivo. Um bom motivo.

— É por isso que estou aqui, não é? Porque eu não sei o que significa ser Alfa — respondo. — Ou pelo menos foi o que me falaram. Repetidas vezes.

Stark se afasta da estante e vem na minha direção. Para qualquer outra pessoa, seus movimentos pareceriam quase preguiçosos. Relaxados. Os músculos soltos, o passo lento. Mas seus olhos estão mais afiados do que um instante atrás.

Não acho que Stark seja capaz de relaxar.

— E você acredita em tudo que falam, princesa? — pergunta, com um tom provocador e perigoso.

— Religiosamente — retruco, seca, erguendo o queixo para mostrar que a altura dele não me assusta.

— Então bloqueie.

Nem chego a processar totalmente as palavras antes de meu corpo reagir. Os olhos dele descem, e seu braço chicoteia na direção do meu rosto com uma velocidade desconcertante. Um punho se fechando cintila na minha visão quando a memória muscular me arranca do caminho.

Ele é diferente de todos os oponentes que enfrentei nas arenas. É mais alto, mais forte, mais rápido. E, mais importante ainda, é frio e impiedoso.

Destemido.

Tento girar o corpo, mudando os pés de posição, mas sou lenta demais.

O segundo golpe dele estala contra minhas costelas.

A dor explode no meu lado esquerdo, e cambaleio para trás, o ombro batendo contra uma das estantes. Seguro a lateral do corpo, tentando recuperar o fôlego.

Foi um golpe forte. Só posso me considerar sortuda por ele ter recuado em vez de arrancar um livro da prateleira e me nocautear com ele.

— Q-qu... — falo, com um arquejo, ainda me recuperando.

— Em sua defesa, você fez o que mandaram — diz ele, erguendo a sobrancelha. — No início.

— Vai se f...

O palavrão se transforma em um rosnado estrangulado de raiva. Talvez seja melhor não xingá-lo.

Este lugar parece inofensivo, mas ainda pode haver um porão embaixo do espaço de treino onde ele guarda sua coleção de olhos e dentes. Homem desgraçado.

Stark gesticula em direção aos livros. Sua expressão carrancuda de sempre sumiu, e há um brilho incomum em seus olhos.

— Liderança exige tanto conhecimento quanto força — explica Stark. Eu me forço a endireitar a postura, mas juro que consigo ouvir minhas costelas rangendo. — Mas você é fraca. Não tem nenhum dos dois.

Minha boca se escancara em indignação. Isso me atordoa mais do que o soco que ele acabou de dar. Só porque não tenho uma biblioteca particular e anos de treinamento refinado não significa que eu seja...

O punho de Stark voa para o meu rosto de novo. Desta vez, desvio de lado e estalo o pulso dele com a palma da mão quando passa perto da minha cabeça. Se ele fosse um oponente mais burro, isso teria criado uma abertura.

Em vez disso, ele se abaixa sob meu golpe de resposta e executa exatamente o mesmo contragolpe. O brilho em seus olhos é agora uma fogueira, acesa com foco intenso.

— Você tem bons instintos.

— Obrigada — solto, entre os dentes.

— Isso não vai ajudar contra um Sifão — provoca ele.

Então, de repente, há tecido nos meus olhos, uma faixa ondulante de escuridão que me faz tropeçar para trás. Mal tenho tempo de processar — Stark jogou alguma coisa — e levanto os braços para me defender antes que o golpe dele me atinja.

Dessa vez ele não mira meu torso. Agora, seu pé chicoteia e a ponta da bota acerta em cheio a lateral do meu joelho. Grito e desabo no chão, apoiando-me e rolando para longe por instinto, mesmo que ele não tenha prosseguido com o ataque.

— Você não pode confiar nos seus olhos contra um Sifão. Não pode confiar no que já sabe.

Solto o ar em silvos, transformando a dor em vantagem, usando a raiva para alimentar meu foco. Então expulso tudo isso do meu

rosto, substituindo-o pelo medo. Eu me permito ficar com os olhos marejados, permito que meus braços tremam quando os estico.

— Certo — respiro, assentindo e fungando. — Me ajude a levantar. Vou tentar de novo.

Stark me encara por um longo momento, então franze um pouco a testa. Permaneço ajoelhada, com os joelhos latejando, a mão ainda estendida. Ele dá um passo à frente e estende a mão para mim.

Quando ele chega perto o bastante, agarro o tecido que ele jogou no meu rosto e que está bem debaixo do pé dele. Ele perde o ar quando seu equilíbrio é comprometido, e eu me lanço contra ele como uma cobra, mirando no ponto fraco de todo homem.

Mas, em vez de tentar recuperar o equilíbrio, ele se entrega à queda, levantando o pé que puxei e lançando o joelho direto contra meu rosto. Eu me afasto no último segundo, batendo de costas no chão.

Antes que eu possa me mover, ele se deixa cair sobre mim. Suas pernas pesadas e musculosas se enroscam nos meus quadris, prendendo minha pélvis no lugar para que eu não possa chutá-lo de novo, e ele pressiona o antebraço contra minha garganta — forte, depois mais forte.

Psicopata. Maldito. Desgraçado.

Ele vai ver só.

Mas então ele ergue os dedos cheios de calos, pressionando-os contra minha boca.

— Pensando em cuspir no meu rosto de novo, princesa? — Ele tem um brilho sombrio de diversão no olhar.

Ah, ótimo, então ninguém aqui esqueceu aquele momento.

De repente, percebo a posição vulnerável em que estou. Estamos sozinhos. Todos os outros no castelo ainda estão dormindo. Esse açougueiro violento que me odeia me tem imobilizada e sufocada. Um espasmo de medo ricocheteia em mim, e Anassa desperta do

outro lado da união, embora não diga nada.

Ele poderia me matar. *Talvez* me mate.

Stark inclina levemente a cabeça, como se estivesse ouvindo algo — talvez seu lobo, exigindo que ele acabe logo comigo de uma vez por todas. Mas então, para minha surpresa, ele alivia a pressão na minha garganta, retira os dedos ásperos dos meus lábios.

Ele pisca para mim, uma careta discreta se formando em seu rosto, depois rola para o lado e se levanta.

A mãe dele provavelmente não ficaria nada feliz se ele matasse a recém-nomeada Alfa.

— Tentativa decente — diz.

— Decente — resmungo, com rancor, e me levanto também. — Como conseguiu levar a melhor? Você sabia?

— Já vi você aguentar golpes muito mais fortes que esse sem reclamar — responde ele, com o olhar firme. — E eu estou sempre pronto, mesmo quando meu oponente *finge* fraqueza.

Porque ele é impiedoso. Cruzo os braços.

— Você *acabou* de falar que eu sou fraca.

— Existem diferentes tipos de força. Tipos diferentes de fraqueza — declara. Esfrega as palmas das mãos uma na outra, os olhos percorrendo meu corpo de novo. Ele está me avaliando em busca de aberturas, percebo na hora. Vai me atacar de novo. — Por que você acha que as alcateias são separadas?

— Porque precisavam de um lugar para colocar todos os assassinos sedentos de sangue, Alfa Daemos — respondo, baixinho, com um sorriso doce.

O punho dele dispara. Eu recuo, e mais um pouco quando outro golpe vem na minha direção. Cometo o erro de bloquear com a palma da mão, e a força do impacto faz meu braço dobrar no cotovelo, a dor subindo pelo lado direito do corpo.

— Então talvez seja melhor não testar a paciência de um *assassino sedento de sangue* — diz ela, mas a ferocidade e a frieza em

sua voz são suavizadas pelo mesmo brilho fervente nos olhos. O desafio.

— Estou morrendo de medo — retruco, sarcástica, como se nós dois não estivéssemos perfeitamente cientes de que minutos antes eu estava completamente aterrorizada com a possibilidade de ele me matar.

Stark respira fundo e se endireita.

— O *verdadeiro* motivo é que toda alcateia tem uma fraqueza. Assim como todo soldado. Os Estrategos são inteligentes. Mestres no campo de batalha. Mas seu tempo de reação costuma ser mais lento por causa da quantidade de informação que precisam processar a todo instante. Os Filax são fisicamente formidáveis, mas menos manobráveis que os Daemos.

— E a fraqueza da *sua* alcateia?

A pergunta me rende outro ataque físico. Nosso jogo de pés nos move pelo cômodo, entre as estantes. Estou suando quando ele finalmente recua.

— Os Daemos se... deixam levar — diz ele, arfando.

A voz ofegante e o jeito como seus olhos percorrem meu corpo fazem os pelos da minha nuca se arrepiarem.

Meu olhar salta, contra a vontade, para o quarto escuro ao lado, com a cama desfeita. Penso naquela brincadeira que Tomison fez sobre Stark — de como ele parecia o tipo que faria todo o trabalho.

Cerro os punhos com força, deixando as unhas beliscarem as palmas, e uso a dor para me afastar dessa linha de pensamento tão indesejada.

— E, assim, compensamos as fraquezas uns dos outros — falo, dando um passo discreto para trás, preparando-me para os próximos ataques de sondagem dele.

— Correto. Da mesma forma, cada soldado tem fraquezas e forças.

— E nossos companheiros de alcateia compensam por elas. Ou...

— *Não* — corta ele com aspereza.

Outra rajada de golpes. Estou tropeçando para longe das estantes, ofegante, quando ele finalmente explica. A gravidade em sua expressão é assombrosa.

— Você é uma *Alfa*. Não pode se dar ao luxo de expor suas fraquezas.

Puta merda, esse homem é intenso.

— Todo. Mundo. Tem. Fraquezas — sibilo.

Ele se aproxima, invadindo meu espaço. O peito sobe e desce rapidamente pelo esforço. O cheiro almiscarado, âmbar, chega ao meu nariz, e passo a respirar pela boca no mesmo instante porque preciso me manter atenta.

— Você tem razão — concorda ele.

Arregalo os olhos. Achei que ele preferiria morrer a falar essas palavras para mim.

— Mas somos *seletivos* quanto a quem mostramos essas verdades — continua Stark. — Entendeu?

Engulo em seco, com dificuldade. Ele não espera minha resposta. Afasta-se de repente e caminha para longe. Estudo a inclinação dos ombros dele por um instante. Eles sobem e descem, como se Stark estivesse agitado.

Por um instante, um significado oculto se acumula ao nosso redor como nuvens de tempestade furiosas. O nome dele se forma na minha língua. Não sei dizer por quê. Há algo tão pesado, tão carregado na maneira como ele se afastou de mim.

— St...

Ele gira de repente na minha direção. Não consigo desviar totalmente, então tento amortecer o impacto acompanhando o movimento dele com o corpo. Dói, mas nada se rompe. Me afasto com agilidade, retomando o equilíbrio junto a uma das cristaleiras.

A raiva ferve em minhas veias. Já sinto os roxos surgindo.

— Isso também foi fingir fraqueza? — rosno.

Ele avança em minha direção. *Rápido.*

— Quantos gamas há em cada alcateia?

— Q-qu... Dois?

Ele desfere outro golpe. Solto um grunhido, bloqueio, desvio, mas ainda assim sofro outro ataque brutal.

— Dois ou três — responde ele. — Qual é a maior vulnerabilidade de um cavaleiro, quando está montado?

Eu me preparo, alargando a base.

— Terreno irregular.

Os golpes de Stark são implacáveis como aríetes. Ele é mais rápido do que qualquer um que já enfrentei e não mostra o menor sinal de cansaço. Me persegue por toda a área de treino, me encurralando contra as estantes.

— Suas *pernas*. Se suas pernas forem comprometidas, você não consegue se manter montada, independentemente do quanto Anassa tente compensar.

Estou arfando. O suor escorre pelo meu rosto. E algo... *se move* no canto da minha visão. Uma energia estranha percorre meu corpo. Alguns dos livros na estante dele, que estão lá no fundo, nas sombras, velhos e desbotados, mas...

— ... principal... Cooper! — rosna Stark.

— O quê? — falo, virando a cabeça para ele de repente.

— Qual é a principal fraqueza de um Sifão? — repete ele, impaciente.

— É...

Desvio o olhar de novo, atraída por aquela estante sombria.

Então percebo que ele avança na minha direção e reajo o mais rápido que consigo. Ele se lança para a frente e abaixa sob o meu golpe, firmando o pé e disparando o punho para o meu queixo. Arqueio as costas e jogo a cabeça para trás bem a tempo. Nesse momento, lanço a perna contra a lateral do corpo dele.

E ele *agarra* meu tornozelo e usa o peso do corpo para me

desequilibrar.

Os músculos dele se contraem, o aperto se intensifica, e ele me arremessa contra uma estante. Meu ombro explode em dor, mas não tenho tempo de assimilar — ele prende minha perna e me pressiona contra a madeira com tanta força que ela chega a cravar na minha coluna.

Tento usar o cotovelo como alavanca, mas ele agarra meu pulso e o prende contra meu ombro, o antebraço esmagando minha garganta outra vez.

Luto para me soltar, mas não consigo mais do que uma resistência fraca, contorcida e inútil.

E estou bastante consciente de todos os pontos em que o corpo dele toca o meu. A mão no meu tornozelo, minha perna erguida entre nós, o quadril dele pressionado contra o meu. O braço queimando contra meu pescoço, o aperto dos dedos no meu pulso. O cheiro dele enevoando minha mente.

Fico imóvel, o peito arfando, o maxilar travado.

— Você está distraída — diz ele, o ronco da voz passando fundo pelo meu corpo.

Eu que o diga. Claramente já foram noites demais sem Killian. Preciso superar essa questão de privacidade com Anassa e voltar a matar a vontade... direcionando minha frustração sexual para a pessoa certa.

Sangue escorre do meu lábio rachado quando inspiro fundo, e os olhos dele observam atentamente quando a gota alcança meu queixo. Suas sobrancelhas se contraem de leve.

Balanço a cabeça.

— É muita coisa para aprender. Preciso de um plano.

Stark me solta. O ar escapa dos meus pulmões. De repente estou fria. À deriva. Agarro a borda de uma estante para me firmar, desorientada pelo pulsar frenético nas veias.

— Você finalmente está pensando como uma Alfa — fala, com

um toque de aprovação na voz.

Ele ergue o queixo e sem uma palavra ordena que eu o siga enquanto desaparece entre algumas estantes. Limpo o sangue do queixo e esfrego o pescoço, seguindo atrás dele.

Stark está de pé diante de uma escrivaninha que estava escondida atrás das estantes. Ele me acompanha com o olhar enquanto me aproximo. Quando chego ao seu lado, ele desliza uma folha de papel na minha direção sobre a superfície brilhante da mesa.

— Escreva o que você precisa melhorar. Tudo.

Apoio a mão no quadril e franzo a testa.

— Quer dizer que devo contar todas as minhas fraquezas para você?

Ele ri. *Stark*, rindo. Passa a mão áspera pela barba por fazer, e há um pouco de calor em seu olhar. Um som grave, mas quase imperceptível, de satisfação emana do peito dele.

— Talvez você de fato preste atenção no que falam.

Meus músculos parecem trêmulos.

— Viu? Sou uma aluna exemplar.

Ele apoia o quadril na mesa.

— Você pode escolher esconder algo, mas vai fracassar. E vai morrer.

Cerro o punho. Isso é uma lição ou uma ameaça? Stark contrai o maxilar e dá um passo em minha direção.

— Eu sou o seu único caminho por tudo isso — declara ele.

— Então devo confiar em você — suspiro.

Mesmo que ele não tenha feito nada além de tentar destruir minha determinação desde o momento em que nos conhecemos.

— Ou você pode encarar isso como uma forma de me usar para ficar mais forte — sugere ele.

Me usar. É irritante que eu sinta as bochechas esquentarem.

Dou uma risada sarcástica, e Stark me observa por um longo

momento. Por fim, passa os dedos pelos cabelos.

— Essas são as escolhas difíceis que uma Alfa precisa fazer — declara ele, empurrando o papel na minha direção. — Pelo bem da sua alcateia.

Pelo bem da minha alcateia.

Passo a língua pelo lábio ardido e sinto gosto de sangue. Então concordo com a cabeça e me sento na escrivaninha, segurando a pena.

— Tenho certeza de que existem coisas de que nunca ouvi falar e que preciso aprender, então essa parte é com você — anuncio. — Me diga o que, na sua visão, uma Alfa precisa ser, e eu anoto o que estiver faltando.

Os olhos dele voltam a brilhar. Ele gostou da resposta.

— Você deveria... O que está escrevendo?

Levanto a folha para mostrar o que rabisquei como prioridade. *Treinar o meu olhar intimidador.*

Os lábios dele se comprimem.

— Engraçadinha.

Finjo escrever outra linha.

— Destruir... meu... senso de humor — anoto e leio em voz alta, zombando. — Qual é o próximo, ó sábio?

— Política da alcateia. Estratégia militar — responde ele.

— Uau, que empolgante — falo, com um falso entusiasmo, voltando à folha e anotando.

Durante a hora que se segue, registramos todas as lacunas no meu conhecimento, até os mínimos detalhes. E a partir daí Stark começa a montar um cronograma novinho em folha para mim. Combate ao amanhecer, lições de estratégia até o meio-dia, política da alcateia à tarde, estudo independente à noite.

Ah, e ainda por cima não posso deixar de lado os cursos e treinos regulares da alcateia. Afinal, continuo sendo uma Recém-unida.

Quero argumentar que preciso de *tempo* para dormir — e talvez para ver Killian —, mas está claro que já esgotei as poucas doses de paciência que Stark reserva para mim.

Por fim, me estico na cadeira, arqueando as costas, e aponto para a estante atrás dele.

— E aqueles ali?

Ele se vira, encara a estante e então volta a olhar para mim.

— Como é?

Eu me levanto e vou até a estante, bloqueando da mente a lembrança de Stark me prensando contra ela. Deixo essa confusão de lado e passo as pontas dos dedos pelos livros que tinham chamado minha atenção antes.

— Eles fazem parte do meu treinamento? Do meu estudo independente? — pergunto.

Mesmo agora, sinto um corrente elétrica percorrer meu corpo ao olhar para eles. Antigos, desgastados, encapados em couro e... quase vivos.

— Esses são livros que passaram pela minha linhagem familiar — explica ele, com uma expressão indecifrável. — Não posso decidir emprestá-los. Mas, se você se sentir atraída por algum deles e por acaso pegar quando eu não estiver olhando, não vou poder impedi-la.

— *Isso mesmo*. — A voz de Anassa ecoa pela união. — *Faça a própria pesquisa*.

Valeu, Anassa. Podia ter me dado alguma orientação em qualquer outra parte do treino de hoje, mas que bom que alguns livros empoeirados conseguiram te animar.

— Você tem consciência de como essa resposta é *enig*... — resmungo.

O punho de Stark voa na direção do meu rosto, e cambaleio para trás.

— Eu achei que já tínhamos terminado com isso! — grito.

— Terminado? — responde ele com desprezo, e retomamos o ritmo brutal de interrogatório e combate.

No entanto, mesmo enquanto me defendo, aquela energia estranha continua pulsando no fundo da minha mente, bem na base do crânio.

Não consigo me livrar da sensação de que aqueles livros antigos estão conscientes. Esperando.

Depois de um longo dia de tortura, estou dolorida e exausta quando me jogo na cama, e penso que vou dormir como uma pedra. Mas, assim que fecho os olhos, caio em um sonho vívido. Sombras se torcem ao meu redor, me erguendo, saqueando minha mente.

O ar fica subitamente frio, e meu colchão, rígido.

E então o leve cheiro de sangue antigo invade meu nariz.

Sob minhas mãos, há terra batida.

De novo não, é tudo que consigo pensar. *Não*, *não*, *não*.

Meu coração martela nos ouvidos enquanto me ergo, abrindo os olhos.

Não estou mais sonhando, e não estou mais no meu quarto. Isso é real.

Estou onde estive da última vez, bem no centro da arena. Mas há algo ligeiramente diferente. A desorientação que costuma me dominar durante esses surtos foi substituída por uma clareza perturbadora.

A lua projeta faixas perfeitas de luz pelo teto de vidro acima da minha cabeça, mas, ao redor dessas áreas claras, sombras estranhas rastejam pelo chão. E nas extremidades elas parecem... estremecer. Como pernas de aranha.

Fico apoiada nas mãos e nos joelhos, focando a respiração. Mas minha própria sombra não parece acompanhar meus movimentos com precisão. Ou pelo menos é a impressão que tive, porque, quando pisco, ela está exatamente onde deveria estar.

Pela nossa união, a atenção de Anassa se intensifica. Ela também consegue sentir isso.

— *Tenha cuidado* — alerta ela, a voz mais baixa que o normal.

Forço a vista na escuridão ao redor. Abaixo de mim, consigo ver de novo o centro do sistema de drenagem. Mas, quando tento me levantar, o ângulo do luar muda o suficiente para que algo brilhe no escuro. Eu me inclino para a frente outra vez, espiando.

Há algo metálico. Com toda a certeza é de ouro. Me estico até o chão, forçando a visão. Ao lado do brilho metálico, há uma pedra cintilante. Opalescente.

E aquilo é... a curva de uma cabeça de lobo?

Mudo o peso do corpo e enfio os dedos com cuidado pelo buraco, resmungando ao tentar alcançar as formas vagas escondidas ali. Não sei explicar por quê.

Normalmente, eu evitaria enfiar o braço inteiro em lugares estranhos. Mas há uma necessidade quase instintiva pulsando na minha mente. Um puxão, como uma mão no meu pulso me arrastando para dentro.

Um som ecoa pela arena. Passos, percebo.

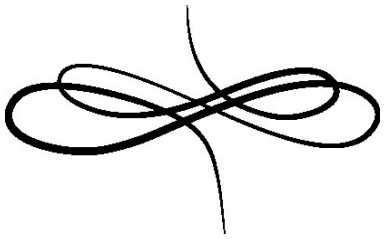
Eu me ergo de um salto, afastando-me da grade de drenagem. A aproximação rápida de alguém tão tarde da noite me faz ter certeza de que eu não deveria estar aqui. Não deveria ter visto isso. Não posso ser pega.

Apressada, corro para o outro lado da arena e me escondo nas sombras, que felizmente voltaram a ficar imóveis. Minha mente fervilha de perguntas.

O que estava enterrado debaixo do chão da arena? Por que parece que isso está me atraindo?

E por quê, enquanto fujo pelos corredores, tenho a sensação de que a morte está no meu encalço?

38



Parte de mim continua curiosa sobre o que vi no chão da arena, mas uma parte ainda maior está apavorada com a velocidade com que minha mente parece escorregar, seguindo o mesmo caminho da loucura da minha mãe. Não ajuda em nada o fato de que, quando questiono Anassa a respeito do assunto, ela responde apenas:

— *Seria imprudente ser pega lá.*

Para meu alívio, não tenho tempo de investigar mais a fundo mesmo que quisesse; cada momento em que estou acordada é consumido pelo treinamento. O treino da Provação é ao mesmo tempo igual ao da Forja — repetitivo, árduo, perigoso — e também muito, muito diferente. O mais notável é que dividimos o treino com outras alcateias.

Todo maldito *dia*.

O que faz sentido. Precisamos aprender a trabalhar juntos de forma eficiente. Mas é uma verdadeira maldição ter que interagir tanto com os Daemos, considerando quantos deles já consegui irritar. Incluindo o Alfa deles.

Stark tem me treinado em particular há duas semanas e parece sentir um prazer profundo em me levar ao limite a todo instante. Ao final de todos os dias estou com as costelas doloridas e os músculos em frangalhos depois de levar uma surra atrás da outra.

Por mais brutal que ele tenha sido, no entanto, consigo perceber

que estou evoluindo. Estou aprendendo alguma coisa.

O que já é muito mais do que posso dizer sobre qualquer interação que tenho com Daegan Prak, o Gama Estrategos que foi chamado da frente de batalha para assumir o cargo de instrutor que antes era de Egith. Ele tem cabelos cor de palha e uma expressão constantemente preocupada.

Chamá-lo de inútil ainda seria bondade. Ele me lembra Roddert, um dos outros Recém-unidos Estrategos — e um cabeça-oca. Talvez sejam parentes.

Hoje, Estrategos e Daemos estão no pátio de treinamento dos Daemos para um exercício conjunto em que deveríamos sintonizar com os poderes da alcateia. Já estamos nisso há trinta minutos.

— Recém-unidos Estrategos, para o lado — ordena o Gama Daegan —, e...

Ele cruza o olhar com o meu e se encolhe, interrompendo a instrução no meio da frase.

Esse tem sido nosso adorável joguinho nas últimas duas semanas. Toda vez que precisa fazer o trabalho dele e nos ensinar, ele se retrai diante de mim por causa do meu status de Alfa.

Com os outros Recém-unidos ele até lida bem, mas comigo empaca. Não me dá ordens, demora a criticar meu desempenho e, quando o faz, é quase hesitante, como se estivesse com medo de que eu fosse atacá-lo para reafirmar dominância. Mas *resistência* é essencial em um treino de força.

Preciso que ele seja um instrutor de verdade, ou nunca vou melhorar.

— Continue, Daegan — rosno, de cima de Anassa.

Ele balança a cabeça, como se despertasse de um transe, e olha de volta para os outros membros da alcateia Estrategos.

— Afastem-se para permitir que os Daemos demonstrem seus poderes de alcateia. Depois, acessem as habilidades de previsão dos Estrategos e desviem dos ataques.

— Recém-unidos Daemos — intervém Stark —, mirem no chão caso os Estrategos sejam lentos demais para desviar. Não devem atingi-los diretamente nem usar seus poderes com força total. O objetivo de hoje é melhorar os poderes de cada alcateia, não se machucarem.

Esta é a primeira vez que temos a chance de ver os poderes dos Daemos de perto.

Os dezoito Recém-unidos Daemos se agrupam em círculo e, sem aviso, ondas de magia pulsam pelo campo de treinamento. Eles estão sugando força do próprio ar ao redor, criando aríetes de energia que atravessam a arena como punhos gigantes. Estilhaços voam para todos os lados.

Dá um cagaço dos infernos.

Allegra grita quando quase é derrubada do lobo. E lá se vai a ideia de evitar ataques diretos.

Sinto olhos em mim e procuro através da nuvem de poeira até encontrá-lo.

Jonah.

Ele está me rondando durante todo o treino, aproveitando mais do que deveria. Cada vez que consigo vislumbrá-lo no meio do tumulto de lobos, cavaleiros e poeira, ele está com um sorriso rancoroso.

Era só questão de tempo até ele encontrar um jeito de chegar até mim. Desde o Rito de Expurgo e a morte de Perielle, ele vem me cercando, fazendo comentários venenosos e me fulminando com o olhar do outro lado do salão. Eu diria até que ele está de luto, mas não parece o tipo de pessoa que sofre.

Na verdade, está agindo como se eu tivesse quebrado o brinquedo favorito dele, então agora ele vai quebrar meus ossos em retaliação.

— Daemos — chama Stark —, ataquem de novo em cinco... quatro...

Mentalmente, toco na união da alcateia. A consciência de todos flui através de mim enquanto usamos nossos poderes para criar uma visualização de previsão. Nela, uma das cavaleiras Daemos, uma mulher com ombros tão intimidadores que chega a assustar, direciona um golpe para a esquerda da nossa linha.

— Três... dois...

Minha mente está focada em manter a visão e guiar a alcateia para a direita quando um lobo se choca na minha lateral.

Anassa rosna e gira a cabeça para morder o lobo. A dor se espalha pela minha perna no ponto do impacto, tornando difícil para mim me manter firme na montaria. Pendo para o lado e me agarro ao pelo dela.

— Você fica entrando na minha frente o tempo todo! — rosna Jonah, por cima do estrondo do golpe da mulher.

Entrando na frente dele.

Ele deveria estar do outro lado do pátio, com o resto de sua alcateia. Em vez disso, está aqui, avançando tanto para dentro dos Estrategos que a explosão do poder Daemos joga terra em cima dele.

— Entre na formação, Jonah! — grito, virando Anassa para retomar o fluxo com minha alcateia.

Eles estão em sintonia perfeita, movendo-se de forma impecável ao nosso redor.

Os Daemos não são tão organizados ou cuidadosos. Avançam levados pelo ritmo natural do exercício, e nós acabamos presos no turbilhão de pelos e músculos entre as duas alcateias.

— Você não tem o direito de me dar ordens, *plebeia*! — grita Jonah.

Anassa rosna e se vira com ferocidade, como se fosse devorá-lo.

Um lobo imenso dos Daemos empurra Jonah para o lado, bloqueando minha visão dele por um instante. Neste momento, a previsão arrepia minha pele, e sinto o golpe chegando.

Tarde demais.

Anassa se prepara, mas o impacto do poder Daemos é devastador.

Sou arremessada para fora das costas dela e caio na areia, rolando e me encolhendo em uma bola para minimizar a chance de ter os membros pisoteados.

Jonah acabou de...?

De repente, ele e o lobo dele estão em cima de mim, e não há mais dúvida quanto ao que o desgraçado pretende fazer. Seus olhos ardem de fúria quando desfere o segundo golpe. Viro o corpo para reduzir o impacto, mas meu corpo inteiro já queima de dor.

Um formigamento elétrico grita dentro de mim, berrando *você vai ser atingida*.

Levanto as mãos, mas é inútil.

Um daqueles golpes apavorantes despenca sobre mim. Minha cabeça vira de lado com violência.

Algo estala, e meu crânio inteiro explode em dor. Queria conseguir conter o grito dilacerante que irrompe da minha garganta, mas a dor é forte demais, e o vazio deixado por ele é preenchido por fúria.

Anassa sente minha raiva. Por um instante retumbante, tenho certeza de que ela vai atacar Jonah e o lobo dele.

Mas então alguém faz isso por nós. Jonah está ali num momento — e no seguinte, não está mais.

O corpo de Jonah é lançado contra a parede do pátio. Um segundo depois, há uma rajada de vento, como se a própria morte tivesse passado rente a mim e quase roubado todo meu ar.

O poder *absoluto* que acabei de sentir, como um vislumbre de algo primordial...

Alguém está gritando. Gama Daegan, acho. Os lobos das duas alcateias recuam, abrindo espaço para que eu veja o corpo de Jonah encolhido no chão, gemendo. Minha visão oscila enquanto o sangue escorre do meu nariz.

Uma figura sombria está de pé sobre Jonah, gritando. A princípio, as palavras chegam embaralhadas pelo zumbido nos meus ouvidos. Então a voz profunda e furiosa se torna clara.

— Você *não* toca na Alfa Meryn desse jeito!

Stark está arfando, o peito subindo e descendo. Cratos não está ao lado dele, mas ele não precisa do lobo imenso para ameaçar Jonah. Suas mãos tatuadas se abrindo e fechando já mostram tudo. É como se ele as imaginasse em volta da garganta de Jonah.

— Ela não é *minha* Alfa, senhor — vocifera Jonah, sem olhar para ele.

— *Seu* Alfa deu a ordem de não usar magia contra os Estrategos com força total e você desobedeceu! — ruge Stark.

Toda a alcateia dele se agita diante do eco de sua voz. Algumas das orelhas dos lobos se dobram para trás, as cabeças se abaixando, submissas.

Stark fala mais baixo, mas só um pouco. Sua voz ainda é alta e ameaçadora o bastante para todo o pátio ouvir e temer.

— Você é um Recém-unido poderoso, mas força não é a única coisa que valorizamos nos Daemos. É bom que se lembre disso se quiser sobreviver ao resto da Provação. E, caso não tenha ficado claro, estou falando que, se encostar nela de novo, eu mesmo vou sacrificar você.

Eu me ergo com dificuldade e cubro o nariz latejante com a mão. Ele começa a esquentar quando Anassa inicia a cura. Uma mão pousa no meu ombro, e eu recuo por instinto.

— Sou eu — fala Izabel, as sobrancelhas escuras franzidas de preocupação. — Tudo bem?

— Tudo bem — confirmo, mesmo com o sangue quente escorrendo pelo pescoço. — Devo sentir vergonha?

— Não — responde ela.

Solto um resmungo.

— Humilhação, então.

Ela ri, surpresa, depois me oferece a mão e me ajuda a levantar. Nevah se aproxima e dá um tapa nas minhas costas.

— Você cai como uma Alfa — comenta ela, com um sorrisinho. Em seguida, aponta para o meu rosto, para o meu nariz certamente pulverizado. — Isso também. Muito... imponente.

Nevah tem se esforçado desde o Rito de Expurgo e desde que a alcateia decidiu me perdoar. Ela se senta conosco nas refeições em vez de procurar uma mesa solitária. Fica na sala comunitária à noite e até começou a dormir com uma das mulheres Criptos — ou pelo menos é o que Venna me contou.

— Valeu — respondo. — Posso quebrar o seu também, se quiser combinar com a sua Alfa. Aposto que vai virar a nova moda na frente de batalha.

— O treino acabou — anuncia Stark em voz alta, se afastando de Jonah, ainda de punhos cerrados. Seus músculos estão tão tensionados que parece que vão se rasgar ao meio. Ao passar por nós, rosna: — Alfa, no meu escritório.

Ele sequer olha para mim.

Nós três o observamos se afastar por um momento, assim como todas as outras pessoas no pátio.

Então cuspo sangue na areia.

— Se eu aparecer morta, já sabem quem caçar na sua dramática missão de vingança — falo para as duas mulheres antes de me despedir mentalmente de Anassa.

Sigo Stark em silêncio, andando desajeitada pelo caminho que ele abriu entre lobos e cavaleiros. Ergo a cabeça o mais alto que consigo, mesmo coberta de sangue e mal conseguindo andar em linha reta. Não há espaço para pensar no quão patética devo parecer para os outros Recém-unidos agora. Estou ocupada demais me preparando para a bronca de Stark.

Ele já está na minha cabeça, me dizendo que estraguei tudo ao gritar com Jonah, que deveria ter me preocupado com a minha

alcateia, que me fiz de tola.

Com qual dessas críticas ele vai começar?

Nossas botas ecoam assim que entramos. As mãos de Stark ainda estão tensas. Os ombros praticamente encostam nas orelhas. A selvageria nele provavelmente significa que a crítica que vou receber será desnecessariamente intensa.

Ele bate a porta do escritório atrás de nós com um estrondo, e eu estremeço.

Queria não me importar. Queria poder dar de ombros e agir como se nada pudesse me atingir. Mas, quando Stark se vira para me encarar, é como se meu estômago fosse despencar do corpo e se espatifar no chão, aos meus pés.

Ele me encara por um longo momento. Na verdade, me fulmina com os olhos assustadoramente escuros.

Então seus ombros cedem. Os olhos se fecham. Eu o observo inspirar fundo e sinto como se ele tivesse acabado de colocar algo frágil nas minhas mãos desajeitadas, sem dar instruções de como não quebrar.

Mas o momento passa rápido.

Ele abre os olhos de repente e cruza a sala até mim.

— Vire-se — ordena, e eu obedeço.

Ele segura meu ombro por um instante e me força a dar um passo em direção ao espelho redondo ao meu lado.

Faço uma careta. Anassa pode ter curado meu nariz, mas ele ficou todo torto, está horrível. Meu rosto inteiro parece diferente, rearranjado pela violência de Jonah. Resisto ao instinto de erguer a mão e tocá-lo. Resisto ao ardor das lágrimas queimando atrás dos olhos.

E não é só vaidade. Quer dizer, é. Com certeza. Mas também...

Eu não sei quem sou, algo dentro de mim sussurra, ao encarar o rosto desfigurado. Mas eu sei, não sei? Ele acabou de me chamar pelo título minutos atrás. Alfa Meryn. É isso que eu sou agora. É o

que tenho que ser.

Eu me recomponho e cerro o maxilar.

— Acho que é o que eu mereço, né? — provoco, com a voz firme. Desdenhosa, até. Estou me adiantando à crítica dele, tomando o controle antes que possa doer. — Sou uma Alfa de merda.

— Sim — responde Stark, sem titubear.

Ai. Quer dizer, eu sei que é verdade, mas ouvir isso dos lábios dele dói mais do que eu jamais admitiria.

Minha voz vacila um pouco quando respondo:

— Você não deveria me encorajar, *instrutor*?

A ironia sai fraca. Não consigo invocar a energia sarcástica que normalmente uso para diminuir a seriedade de tudo isso. Mas Stark não parece afetado. Só fica atrás de mim, encarando meus olhos pelo espelho.

— Nunca vou mentir pra você — declara ele, a voz grave, e as palavras se cravam fundo nos meus ossos, ficam gravadas no meu tutano.

Assim como sei que ele muitas vezes me odeia até dizer chega, que sente prazer em me destruir... também sei que isso é verdade.

Um leve arrepio percorre meu corpo, e eu me viro para me afastar dele. Meu ombro quase roça o peito de Stark quando faço isso.

— Muito bem, então. Verdade — falo, tocando de leve minha bochecha. — Está muito feio?

O olhar sombrio dele percorre meus traços. Ignoro os pelos da minha nuca que se eriçam.

— Está horrível — responde ele apenas.

Fecho os olhos e solto uma risadinha baixa. É, ele não vai mesmo mentir para mim.

Gostaria de fingir que não me importo com a aparência. Que sou uma guerreira durona que não precisa se sentir bonita de vez em

quando. Seria ótimo estar acima de qualquer senso de vaidade.

Mas, infelizmente, sou humana. E, goste ou não, a aparência importa aqui neste covil de víboras.

— Merda — murmuro.

Quando abro os olhos, me assusto ao notar que Stark ainda está olhando fixamente para o meu rosto.

Vejo a indecisão no olhar dele, a batalha interna que trava. Então, ele fala:

— Posso consertar, se quiser. Mas vai doer.

Com ele, normalmente dói. E qual é a alternativa? Andar pelo resto da vida com um repolho no lugar do nariz?

— *Quebre de novo* — ouço Anassa falar pela união. — *Eu curo logo depois.*

Está decidido. Endireito os ombros.

— Me machuque, então, Alfa Stark.

No instante em que as palavras saem, ele se aproxima, e meu corpo inteiro se acende em alerta. Suas mãos calejadas e marcadas por cicatrizes me seguram pelos ombros e me empurram para a cadeira bamba ao lado. Eu me entrego e ergo o olhar para ele, concentrada nas tatuagens em seu pescoço.

Ele é um mercador de dor.

Stark se inclina mais. O joelho dele empurra o meu para o lado. Então ele se ajoelha no chão, encaixado entre as minhas pernas, para que nossos rostos fiquem na mesma altura. Eu me agarro aos braços da cadeira, mas não por muito tempo — ele estende as mãos e me segura pelos pulsos.

Ele apoia minha mão em seu peito, e eu permito. Estou perdida demais na eletricidade do silêncio para resistir, perguntar ou sequer hesitar. O coração dele pulsa sob minha palma.

— Segure firme em mim — diz ele, a voz retumbando. — Pode apertar, se precisar.

Minha garganta estala quando engulo em seco. Olho para

minhas mãos no peito dele. Então, por um motivo que não sei explicar, eu as movo para os ombros.

É mais fácil de segurar, falo para mim mesma. Não tem nada a ver com o estremecer dos músculos dele sob minhas palmas conforme ergue as mãos até meu rosto.

Esperava que ele me quebrasse sem aviso. É o que faz no treino. Acertar meu nariz com um soco combinaria com quem ele é. Mas isso não acontece. Ele está sendo quase... gentil.

Que merda está acontecendo aqui?

— Respire fundo — sussurra ele, me olhando nos olhos. — Um, dois, *três*.

E então ele quebra meu nariz, colocando de volta no lugar.

As lágrimas saltam dos meus olhos na mesma hora, espremidas pela tensão de todos os meus músculos se contraindo. Enterro as unhas com força na pele dele, forte o bastante para arrancar sangue, mas Stark não se move um milímetro. Ele me deixa rasgá-lo, devolvendo um pouco da dor que acabou de me provocar.

Merda, como dói. Merda, merda, merda.

É pior, de alguma forma, do que quando foi quebrado da primeira vez, talvez porque agora não tenho adrenalina para abafar a agonia.

Mas assim que começa também termina. Anassa cura a fratura no mesmo instante, e a dor se esvai.

Fungo e ergo os olhos. Stark me observa, a expressão tão intransponível quanto a muralha de Anassa em seus piores dias. Idiota que sou, queria saber o que está se passando na cabeça dele. Se ele também sentiu que algo mudou entre nós.

Talvez só esteja tentando esconder o quanto gostou disso.

Stark não fala nada até estar do outro lado do escritório, estabelecendo uma distância de léguas entre nós.

— Você precisa ser melhor — afirma.

Ainda com raiva, então. Eu me esforço para juntar energia e

conter o efeito chicote das emoções.

— É o que você *não cansa* de me falar — retruco.

Stark se vira para me encarar. Está com a testa franzida.

— Ser Alfa significa que agora você está no comando. Daegan é um instrutor, mas *você* continua no comando. Ele é o seu Gama. Ele responde a você.

— Você acha que eu não sei disso?

— Acho que não entende que bons líderes são capazes de aprender com seus subordinados — retruca ele, com frieza. Isso me cala na hora. — Sei que a dinâmica de poder é desconfortável porque você precisa que ele te ensine, mas também precisa se acostumar a dar instruções a ele. Fale o que precisa falar e seja clara. Não espere que ele lidere você ou o resto da alcateia. Não enquanto você estiver por perto.

Ele deixa o silêncio se estender por bastante tempo, as palavras se prendendo aos meus tornozelos e me arrastando para baixo como uma âncora. Mas pelo menos não estou mais à deriva.

— É um aprendizado importante como Alfa — continua ele. — Se não conseguir dominar essa questão, sua alcateia vai desmoronar. Consegue fazer isso?

A pergunta exige uma resposta séria. Lá em casa, na lavanderia, eu basicamente comandava as coisas, apesar de os outros trabalhadores serem mais velhos e muito mais experientes. O lugar precisava de alguém para assumir o peso de manter tudo organizado, e não tive dificuldade em assumir esse papel quando a necessidade exigiu. Só precisei encontrar o equilíbrio entre disparar ordens e ser gentil.

A coisa deve funcionar da mesma forma aqui.

— Sim — falo, por fim. — Eu consigo.

Stark se endireita.

— Ótimo — responde ele, secamente. — Está dispensada.

Ele começa a olhar as mensagens em sua mesa. Passo a ponta dos

dedos pelo nariz agora alinhado e sigo para a porta do escritório. Mas algo me faz parar e olhar para trás. Ele está inclinado sobre a mesa, a expressão pétrea, uma mecha escura de cabelo caindo sobre a testa.

— Obrigada — solto de repente. — Pelo conselho. E pelo... nariz.

Ele não levanta a cabeça nem me encara, o que é uma bênção, porque tenho certeza de que estou mais vermelha que um pimentão.

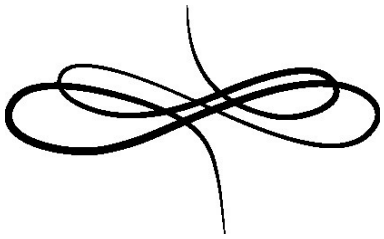
Não sei que porra foi essa. Nunca tinha *agradecido* Stark antes. Nunca imaginei que ficaria grata por qualquer coisa que ele pudesse fazer comigo.

Fazer *por* mim, quero dizer.

Na verdade, eu tinha quase certeza de que ele tinha um mural de assassinato repleto de desenhos do meu rosto, todos com os olhos riscados.

Ele levanta a mão em reconhecimento, o único sinal de que me ouviu, e eu saio, tentando ignorar a estranha decepção que pulsa nas minhas veias.

39



O treino de Alfa com Stark continua passando com uma lentidão dolorosa. Cada dia é uma batalha. Ele parece ficar muito satisfeito em me ver arrebentada e exausta após as sessões.

Mas não é em vão.

Por mais que eu odeie admitir, ele sabe o que está fazendo. Há um método em sua brutalidade implacável.

Às vezes eu o odeio. Stark não hesita em me chutar quando estou caída, literalmente. Na verdade, ele parece saborear cada oportunidade de fazer isso. Mas, depois de três semanas de lições diárias, estou mais forte de corpo e mente. Meus músculos estão endurecidos pelas horas e horas de treino de combate e minha mente está afiada pelo estudo interminável de táticas.

Sou grata a ele — não que eu algum dia vá expressar isso. Estou começando a me sentir como uma Alfa. Ou pelo menos como se houvesse alguma esperança de cumprir esse papel.

Hoje consegui me manter firme durante quase a aula inteira. Mas Stark é significativamente mais forte que eu, tem anos de experiência em batalha, e sua resistência é insana.

Minha única vantagem física é a velocidade — e não é grande coisa. Ele é bem mais rápido do que um homem do tamanho dele tem o direito de ser.

Minha outra vantagem são os trambiques que aprendi lutando nas arenas, embora não esteja encontrando muitas oportunidades

para usá-los. As habilidades superiores de Stark me mantêm quase o tempo todo na defensiva.

Mas hoje, depois de uma hora de combate corpo a corpo selvagem, ele começa a dar sinais de cansaço.

É sutil — só percebo porque já estou intimamente familiarizada com a maneira como se move. Não há hesitação em seus ataques, mas ele não está batendo com a mesma força e rapidez de antes.

Ele está suado, corado, o rosto contraído numa careta de concentração intensa.

Pela primeira vez desde que começamos essa rotina de treinos, ele está se aproximando do limite. O que significa que tenho uma oportunidade que talvez nunca mais apareça.

Imito seus movimentos mais lentos, projetando o meu próprio cansaço. Deixo que ele pense que estou perdendo o ritmo.

E assim, de repente, ele me dá uma abertura.

Num lampejo movido pela adrenalina, caio no chão e dou uma banda nele, derrubando-o, rolando sobre seu peito quando ele atinge o solo.

Ele agarra meu joelho quando o pressiono contra sua garganta. Ele poderia me lançar para longe, mas, se isso fosse uma luta de verdade, eu já teria esmagado sua traqueia.

Ele está no chão. Derrotado.

Há um breve instante de choque, meu *e* dele, enquanto o encaro, olhos nos olhos.

Então ele aperta meu joelho, e meu corpo de repente fica muito consciente do contato. Ele desliza o polegar pela minha perna, e fagulhas quentes explodem dentro de mim. Estou faminta por um contato físico que não seja brutal, lembro a mim mesma. Killian e eu continuamos mantendo as coisas castas até eu descobrir como Anassa quer lidar com a união.

Enquanto estou distraída pela sensação, ele puxa meu joelho para o lado, e eu desabo para a frente, o cume entre minhas coxas

roçando perigosamente perto de sua boca.

Rolo para o lado o mais rápido que consigo, caindo no chão ao lado dele. O ar é preenchido pelo som da nossa respiração ofegante se misturando.

— Eu ganhei — falo, arquejando, fingindo que não perdi totalmente o ritmo no final.

— Você ganhou — responde ele, deixando que eu leve a vitória.

Me sentindo estranhamente humilde e triunfante, me levanto e ofereço a mão a ele.

Os olhos de Stark se estreitam, mas não há raiva neles. Nem orgulho. Não que eu esperasse algum. Mas há algo ali. Um lampejo de emoção complexo demais para ser compreendido.

Ele ignora minha mão e se levanta sozinho.

— Terminamos por hoje — fala, virando-se depressa para longe de mim. — Está dispensada.

Deixo sua sala drenada e dolorida, mas eufórica. Estou progredindo. Progredindo de forma *significativa* e real.

Pela primeira vez desde que entrei neste mundo, não estou totalmente incerta sobre minhas chances de sobrevivência. Ainda tenho um longo caminho para percorrer, mas minhas perspectivas estão muito melhores do que antes, graças a Stark.

Pena ele ser um babaca, penso, vagando de volta para o meu quarto. Seria bom vê-lo como aliado. Afinal, deveríamos fazer parte de uma grande alcateia.

Mas tanto faz. Não preciso ser amiga dele para conseguir o que preciso. Nem sei se Stark é capaz de ter uma amizade, de qualquer forma. Ele é basicamente uma máquina de guerra ambulante. E não me passou despercebido que sua escrotidão tem sido um grande fator de motivação no meu desempenho.

Se ele fosse mais legal, talvez eu não tivesse feito tantos avanços tão rápido.

Meus pensamentos sobre Stark se dissipam quando entro no

quarto e o encontro ocupado.

— Oi — cumprimento, com um sorriso, e Killian se levanta da cadeira diante da minha escrivaninha.

Ele fica sério ao ver meus hematomas. Ainda há sangue no meu lábio, por mais que Anassa já tenha me curado. Preocupação e raiva travam uma batalha em seus traços bonitos quando ele vem até mim e toca meu rosto com cuidado.

— Aquele *desgraçado* — rosna. — Ele precisa mesmo fazer isso com você todos os dias?

Sorrio.

— Valeu a pena. Hoje eu ganhei dele pela primeira vez.

Killian suspira, os lábios se curvando num sorriso pesaroso.

— Parabéns. Mas queria que sua vitória não exigisse tanto sangue.

Os poderes de cura de Anassa não ajudam muito nos hematomas ou nas dores musculares, então Killian ainda cuida de mim, esfregando tinturas curativas nas minhas feridas. Sorrio e me sento na cama enquanto ele pega o kit de primeiros socorros já familiar do meu armário. Ele se senta ao meu lado e começa a tratar meus machucados com um cuidado treinado.

Isso virou nosso ritual. Stark me arrebenta, Killian me remenda de novo. Saber que Killian estará aqui para me acalmar depois das lições de Stark tem tornado todo o processo muito mais fácil.

O toque de Killian é leve como uma pluma contra minha carne marcada por hematomas e, apesar das dores, um calor se acende dentro de mim.

Não aguento mais. As últimas semanas têm sido torturantes.

— *Posso, por favor, ter um pouco de privacidade?* — peço a Anassa. — *Estou morrendo aqui. Não vou te bloquear se você acha que não consigo fazer direito, mas talvez possa erguer a barreira do seu lado de um jeito que seja satisfatório para você?*

Há um longo silêncio até que, finalmente, ela responde:

— *Tá bom*.

Sinto uma leve pressão na cabeça quando a loba-gigante ergue a muralha, e tento projetar gratidão através dela.

Quando Killian se inclina para examinar o lugar onde meu lábio havia rachado, colo minha boca na dele. O beijo é explosivo, quente, com gosto de cobre e desejo. À medida que se aprofunda, meu corpo responde com uma onda abrasadora de tesão, impulsionada pela adrenalina que ainda corria em minhas veias e pelo triunfo da luta com Stark. Sem falar naquela centelha estranha de desejo que eu havia sentido.

Killian se entrega ao beijo com urgência, prendendo meu lábio superior entre os dentes antes de invadir minha boca com a língua.

Estou consciente de todas as partes doloridas do meu corpo quando ele começa a me despir, mas, de algum modo, isso só alimenta o desejo. Estou febril, primitiva.

Impaciente, puxo Killian para a cama com força, subindo em cima dele, nós dois ainda parcialmente vestidos. Rebolo contra ele, minha calcinha já úmida. Capturando seu olhar, passo a língua devagar pelo lábio inferior.

Killian geme ao ver a cena e, então, nos vira, ficando por cima e prendendo meus braços contra o colchão. Sua boca desce até meus seios, os dentes roçando um mamilo antes de morder o outro, e vejo estrelas.

Empino os quadris, buscando atrito, *necessitando* senti-lo pressionado contra mim. Killian apenas me prende mais ao colchão, olhando para mim com um ar divertido.

— Precisa de alguma coisa, gatinha?

Eu me debato de leve contra seu domínio.

— E se... você me deixasse no comando esta noite? — falo, a boca seca com o brilho em seus olhos.

— Vou cuidar muito bem de você — rosna Killian, deslizando a mão até meu quadril e arrancando o resto das minhas roupas.

Em seguida, começa a me provocar com os dedos, primeiro um, depois dois, penetrando sem trégua em meu calor úmido.

Com a invasão profunda de seu toque, o calor se espalha pelo meu abdômen, e movo os quadris sem pensar. Perco a fala por um instante quando ele curva os dedos exatamente no ponto de que eu mais gosto.

— *Pela deusa*, Killian — gemo, e então solto um grito quando seu polegar encontra meu clitóris, girando sobre o feixe sensível de nervos enquanto um terceiro dedo se junta aos outros dois dentro de mim.

— Boa garota — diz Killian com a voz rouca, cobrindo minha clavícula de beijos e mordidas, subindo pela lateral do meu pescoço.

Usando um movimento aprendido nos ringues, enrosco o joelho em torno dele e nos viro novamente, saboreando a sensação de poder ao me reposicionar na cama. Ele me observa fascinado enquanto minhas mãos lutam com o laço de sua calça, acariciando o pau duro e quente dele enquanto arranco a última peça de roupa, pronta para cavalgar até encontrar minha satisfação.

Killian me deixa deslizar suas calças até os pés, mas, quando volto a subir, ele enrosca uma mão em meu cabelo, puxando meu rosto para cima até nossos olhos ficarem alinhados.

Gemo com o puxão, os dedos dele firmes, a pressão na medida certa. Um de seus movimentos característicos na cama — a familiaridade e a promessa contida nesse gesto me deixam ainda mais molhada, até estar escorrendo por ele.

— Use a boca, gatinha — ordena Killian, empurrando meu rosto para baixo, em direção ao seu pau.

Eu desço com avidez, envolvendo a base com a mão enquanto provoco a ponta com a língua, adorando o jeito como seus quadris se movem involuntariamente diante da sucção suave da minha boca.

Devagar, com firmeza, tomo o máximo dele que consigo. A glande espessa atinge o fundo da garganta, e gemo em torno dele com a sensação. Killian também responde com um gemido e, então, usa o aperto no meu cabelo para me mover, meus lábios fazendo um estalo obsceno enquanto se esticam ao redor da cabeça antes de deslizarem de volta, engolindo-o ainda mais fundo.

Passo a língua pela parte inferior do pau enquanto o engulo cada vez mais, gemendo sem controle, lágrimas brotando nos olhos quando ele investe de volta na minha boca. Quando penso que não consigo aguentar mais, Killian me arranca dele com força e me puxa para cima, posicionando meus quadris sobre os dele e me fazendo sentar em um único movimento brusco.

Grito, o preenchimento delicioso tão intenso que beira a dor. Killian não me dá tempo de me ajustar, apenas me segura pelos quadris e me ergue, depois me puxa de volta para baixo com violência, ainda mais fundo do que eu acreditava ser possível.

Estou montada nele, como queria, mas o ritmo implacável é impossível de acompanhar. Não consigo encontrar a cadência. Deixo Killian me mover, para cima e para baixo em todo o seu comprimento, e logo estou balbuciando seu nome, implorando, dizendo coisas sem sentido, palavras vazias, enquanto ele me enlouquece.

Quando me desfaço sobre ele, Killian também abre mão do controle implacável, que escapa quando ele se enterra uma última vez, encontrando sua liberação.

Nenhum de nós fala nada depois. Apenas nos enroscamos na cama, deixando a respiração e os batimentos desacelerarem. Tento relaxar, sabendo que os momentos com Killian podem ser raros depois que eu me formar e precisar ir para a frente de batalha. Tento me concentrar no calor do corpo dele colado ao meu e nos músculos duros do abdômen sob o meu toque preguiçoso.

Mas, como em todas as vezes que fecho os olhos nas últimas

semanas, uma imagem familiar surge na minha memória: aquele objeto metálico brilhando no sistema de drenagem da arena.

Droga. O que era aquilo? E por que continuo acordando ali, *bem* naquele lugar? É só minha ansiedade com os Ritos tomando forma nos meus pesadelos?

Sei que há uma boa chance de que o que vejo não passar de outra ilusão, como os gritos que ouvi ou a inscrição sob a tapeçaria.

Mas a imagem não vai embora. Preciso descobrir se é real.

— Killian? — arrisco, tentando soar casual. — Você conhece bem a arena dos Recém-unidos? Tipo, o que há por baixo dela?

Ele grunhe, sonolento, um murmúrio preguiçoso, enquanto sua mão desenha círculos aleatórios nas minhas costas.

— Por baixo? Só o sistema de drenagem, imagino. Por quê?

Dou de ombros.

— Estava me perguntando se lá também existem passagens secretas e coisas do tipo.

Ele emite outro ruído contemplativo.

— Pode ser. Este lugar é antigo... Tem muita coisa que não conheço, mesmo tendo vivido aqui a vida toda. O castelo tem segredos que provavelmente nunca vou descobrir.

Algo no tom dele chama minha atenção. Eu me apoio em um cotovelo, estudando seu rosto. Mas não há nada de incomum ali. Ele parece satisfeito e um pouco sonolento.

O castelo tem segredos que provavelmente nunca vou descobrir.

Estranho. Ele é o príncipe herdeiro, não deveria ter acesso a todas as partes do castelo? Não deveria conhecer cada canto?

Talvez o pai esteja escondendo coisas de Killian. Quanto mais descubro sobre o rei Cyril, menos confio nele.

— O que foi? — pergunta Killian, erguendo a mão e deslizando os dedos pela minha bochecha.

— Nada — respondo, forçando um sorriso. — Só cansada.

Cansada das merdas do seu pai. Sei que Killian não nutre grande

afeição pelo rei, mas, ainda assim, é o *pai* dele. Família é um ponto fraco para todos nós. Se o rei estivesse escondendo algo de Killian, será que ele sequer gostaria de saber?

Killian me beija e se veste, voltando aos próprios aposentos para lidar com seus deveres reais. O tempo todo, minha mente gira em círculos.

Ele desaparece pelo guarda-roupa, e minha mente gira em círculos.

Também me visto, e minha mente continua girando.

Quanto mais penso nisso, mais certa fico de que o rei guarda segredos. E eu sei exatamente como descobri-los.

Não encontro Venna em lugar algum. Não está com Izabel na antessala dos Estrategos, nem na sala comunitária dos Recém-unidos. Não está na antessala Criptos, e, quando enfio a cabeça lá dentro, um dos recrutas Criptos resmunga:

— Você precisa parar de entrar aqui!

Venna é como um fantasma. Os Recém-unidos Criptos são treinados para se mover sem serem vistos — e aprendem rápido essas lições.

Seguir os rastros dela pelo castelo se prova um verdadeiro desafio, mas no fim a encontro em um dos pátios de estufas menos frequentados. O espaço sombrio é menor que os demais e um pouco menos cultivado. As paredes antigas de pedra estão cobertas de hera. As vinhas selvagens escorrem dos caramanchões e margeiam o caminho de paralelepípedos.

Venna está empoleirada em um banco de pedra gasto perto da fonte central, conversando toda animada com outro Recém-unido Criptos. De vez em quando eles usam as mãos para se comunicar. Venna percebeu depressa o quanto seria útil para os Criptos conhecer uma linguagem que pudesse ser falada com as mãos em

vez da voz, e vem ensinando aos outros Recém-unidos Criptos um pouco de língua de sinais.

Venna está falando algo sobre treinamento quando me aproximo. Então o outro Criptos me vê chegando, sinaliza "tchau" e sai apressado.

Isso tem acontecido com frequência. Ainda não sou popular entre os Recém-unidos. Não sei se é porque correu a notícia de que deixei minha loba de fora na noite do baile, ou porque estou dormindo com o príncipe herdeiro, ou talvez porque agora sou uma Alfa. Quem sabe seja pelos três motivos.

Venna se vira para me encarar, e percebo que ela está registrando cada detalhe da minha aparência — os hematomas recentes do treinamento, a tensão na minha postura, o leve inchaço no lábio que estava cortado há pouco tempo.

— Preciso da sua ajuda — falo, olhando ao redor para ter certeza de que não há mais ninguém por perto ouvindo. Por mais que preferisse não falar isso em voz alta, ainda não sei língua de sinais o suficiente. — Acho que o rei está escondendo coisas do Killian. Coisas importantes. Talvez sobre o castelo.

Ela ergue as sobrancelhas, intrigada, então volta a baixá-las, com uma expressão séria.

— Tome cuidado. É uma linha de raciocínio perigosa.

— Eu sei. Mas sinto que tem algo de errado aqui. Preciso de alguém que consiga observar sem ser visto. Alguém que perceba tudo.

Venna sorri com orgulho por eu ter reconhecido suas habilidades.

— Acho que você está certa — concorda ela, em voz baixa. — Notei padrões nas sombras do castelo. Criados se movendo em horas estranhas. Portas que deveriam estar abertas e estão trancadas. Sons que não batem com as operações normais do castelo.

Fico aliviada por ela confirmar que algo de fato está errado, mas sinto um calafrio ao ponderar sobre as implicações disso.

Quando estou prestes a pedir mais detalhes, ouço passos se arrastando atrás de mim.

— Alfa Cooper?

Eu me viro e vejo um dos mensageiros do castelo se aproximando. Ele estende uma carta lacrada.

— Mensagem urgente da frente de batalha.

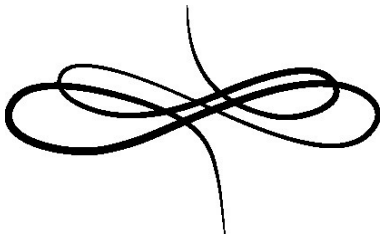
Com o coração acelerado, abro o lacre com cuidado, reconhecendo a caligrafia de Egith no interior.

A mensagem é curta. Enquanto leio, o papel começa a tremer em minhas mãos.

A linha final se destaca enorme diante dos meus olhos:

Talvez tenhamos encontrado as crianças desaparecidas.

40



De volta ao meu quarto, já não estou mais pensando nos mistérios que ocorrem debaixo da arena. Minha mente dispara enquanto enfio roupas e suprimentos na mochila, a mensagem de Egith queimando no bolso.

Relataram possíveis avistamentos de crianças perto do posto avançado de Verdência, na frente de batalha. Egith não deu mais detalhes, mas as implicações...

Será que Saela poderia estar entre elas?

Através da nossa união, Anassa tenta projetar calma, mas meus pensamentos só se enrolam em espirais cada vez mais intensas.

Essa pode ser a minha única chance. E não posso confiar em mais ninguém para levar adiante o resgate de Saela. Sei que os soldados e os Unidos na frente de batalha são muitos e experientes, com toda a certeza melhores do que eu. Mas não confio em ninguém além de mim mesma para garantir a segurança da minha irmã.

Eu preciso chegar lá — rápido.

— Indo a algum lugar?

A voz arrastada de Stark, vinda da porta atrás de mim, não é suficiente para me tirar do transe quase frenético da preparação. Nem sequer me viro para encará-lo.

— Egith me mandou uma mensagem — digo, enfiando o kit de remédios na minha alcateia. — Vou para Verdência.

— Verdência? — repete ele. — Para a frente de batalha? Sozinha? Acho que não.

— Não estou pedindo permissão — resmungo, apertando os laços da minha mochila.

A voz de Stark fica mais profunda com a raiva.

— Você é uma Alfa, Cooper. E ainda em treinamento, além disso. Não pode sair por aí sem proteção.

Seu tom ameaçador me deixa arrepiada. Por fim me viro para encará-lo, o sangue fervendo.

— Não preciso de porcaria de proteção nenhuma — retruco. — Estou treinando com você há semanas. Ou esqueceu de como te derrubei esta manhã?

O rosto dele escurece como uma tempestade. Ele entra no quarto, preenchendo o espaço pequeno com sua presença ameaçadora.

— Você me derrubou uma vez — rosna — e acha que isso a torna invencível? Alfa ou não, você ainda é uma recruta. Os Sifões vão sentir a sua inexperiência a quilômetros de distância... e não tem nada que eles queiram mais do que capturar uma Alfa.

Algo dentro de mim se endurece ao encará-lo. É o mesmo sentimento que tive quando torturei aquele Levador. *Nada* vai me impedir de salvar minha irmã — nem mesmo Stark.

— Vai ter que me derrubar se quiser me impedir — falo, com uma voz fria, mortal.

A expressão de Stark muda ao ler meu rosto. O maxilar dele se contrai. Os olhos castanho-escuros se estreitam, calculistas. O silêncio se estica entre nós, vibrando com a ameaça de violência.

— Você não vai sozinha — solta, áspero. — Vou com você.

Choque e fúria atravessam meu corpo.

— Não vai merda nenhuma!

— Não é um pedido — diz ele, com voz de aço, em tom de comando. — Fale com a sua loba. Aposto que Anassa vai concordar

comigo.

Eu a procuro.

— *Não ferra comigo, Anassa* — sibilo. — *Não podemos confiar nele.*

Ela rosna, e o som mais parece uma risada.

— *Claro que podemos, ele também é um Alfa. Já decidi. Ele e Cratos virão conosco, para a sua segurança.*

Anassa soa satisfeita por ter passado por cima de mim.

— *Traidora.*

É bem provável que Cratos me devore quando sentir vontade de um lanchinho.

Olho para Stark e franzo a testa.

— Que se dane. Pode vir ou não, é só não me atrapalhar.

Não consigo pensar em nada além de chegar à frente de batalha o mais rápido possível.

Stark convoca um criado para juntar seus suprimentos de viagem e nos encontrar nos portões. Dentro de uma hora, estamos prontos para partir.

Quando montamos em nossos lobos-gigantes e os portões do castelo começam a ranger, sinto uma breve pontada de culpa. Deixei um bilhete para Killian no meu quarto explicando tudo e prometendo voltar em uma semana. Ele vai ficar preocupado, mas não tenho tempo para me despedir.

Não tenho tempo para discutir o que estou fazendo.

Apesar do que falei para Stark, *sei* que isso é imprudente. Sei que é perigoso — a coisa mais perigosa que já fiz, o que não é pouca coisa. Mas não tenho escolha.

Se eu perder essa chance e Saela morrer, se eu nunca mais a vir porque esperei demais...

Afasto o pensamento. Vou encontrá-la. Custe o que custar.

Deixamos as muralhas do castelo sem olhar para trás, nossos lobos-gigantes avançando em sincronia treinada, as patas maciças devorando a distância com velocidade sobrenatural.

Stark e Cratos assumem a dianteira, guiando-nos por uma estrada larga de terra que se afasta da cidade e nos lança na vastidão das montanhas.

É o caminho que as tropas usam para chegar à frente de batalha. É proibido aos plebeus, então não há nada para atrasar nosso ritmo. Inclino-me sobre o corpo de Anassa quando ela acelera. Mesmo envolta numa concentração desesperada, a velocidade é eletrizante. Nunca nos movemos tão rápido, nem mesmo durante os Ritos.

E isso é bom. A cavalo, a jornada até a frente leva duas semanas. Nesse ritmo, podemos chegar em dois *dias* se não tivermos problemas pelo caminho.

Olho para a esquerda. Stark e Cratos mantêm o ritmo ao nosso lado com uma facilidade inquietante, movendo-se como se fossem uma única criatura com dois corpos.

Stark me observa intensamente. Não consigo decifrar o que ele pensa, mas a ferocidade de seu olhar deixa meus nervos à flor da pele. Talvez espere que eu desvie a qualquer momento para tentar deixá-lo para trás. Ou talvez espere que eu caia da minha loba-gigante como a novata que ele acredita que sou.

De qualquer forma, a tensão crepita entre nós. Anassa se irrita, incomodada com a minha resistência à presença dele.

— *Seja grata* — rosna ela. — *Você não entende os perigos que nos aguardam.*

Talvez ela esteja certa, mas estou ficando de saco cheio de Stark e sua condescendência maliciosa. O fato de ele duvidar tanto de mim a ponto de me seguir até a frente de batalha como uma espécie de babá me faz arder de ressentimento.

E ele lá se importa se estou viva ou morta? Ele me *odeia*.

Vai ver ele quer estar presente para me ver morrer, penso, sombria.

Anassa se eriça de novo. Ela não fala nada, mas seu julgamento é claro como cristal. Ela acha que estou sendo infantil e ignorante.

Eu a ignoro e me concentro no caminho. Não estou fazendo isso

por Stark ou por qualquer outra pessoa.

É por Saela.

Em poucos minutos, nosso ritmo fulminante nos leva para fora do alcance da cidade. Assim que as torres do castelo desaparecem atrás da linha das árvores, Stark fala:

— Se vai ser imprudente, princesa, ao menos me deixe manter você viva.

Olho para ele, surpresa. Aquilo foi *preocupação* na voz dele?

Ele sustenta meu olhar com a mesma intensidade carrancuda de sempre, mas sem malícia. Sem condescendência. Quase como se tivesse adivinhado o que se passou entre mim e Anassa agora há pouco e estivesse tentando... o quê? Me *tranquilizar*?

Mas que merda é essa?

Por sorte, não preciso responder, porque Anassa acelera de repente. O vento chicoteia ao redor com tanta violência que se torna impossível conversar.

Graças à deusa.

Deixo de lado os pensamentos sobre Stark. É mais difícil do que imaginei. Estou dolorosamente consciente do lobo dele correndo ao nosso lado.

Foco no objetivo, falo para mim mesma, o olhar fixo no caminho sinuoso à frente. Ele nos leva para baixo, descendo das montanhas, passando pelas colinas e entrando no vasto vale tomado por árvores logo abaixo.

Já estamos na estrada há algumas horas quando o vento começa a soprar com força, nos atingindo apesar da velocidade sobrenatural de Anassa e Cratos. Olho para Stark e vejo que ele ajustou a posição, afundando ainda mais no pelo do pescoço e das costas de Cratos, até quase parecerem uma criatura mítica única. Faço o mesmo, enterrando-me em Anassa, e sinto sua centelha de aprovação.

E não era sem tempo, pois logo depois flocos grossos começam a

cair. O vento os açoita contra meu rosto. Eles deslizam pela gola do casaco, pequenos montes de neve se acumulando nas dobras da roupa e derretendo em riachos gelados que encharcam minhas roupas sob o couro.

Os flocos viram lençóis de neve, e desisto de tentar afastá-los — é inútil, a essa altura. A nevasca ruge tão furiosa que mal consigo enxergar Stark e Cratos, mesmo que esteja a uma distância curta deles.

Um pouco da minha dúvida e da minha preocupação escapa pela união, e Anassa devolve com uma irritação afetuosa.

Certo, ela não está preocupada. Isso me tranquiliza um pouco.

Encosto o rosto no pelo do pescoço de Anassa para que os flocos não me atinjam, dobro os braços sob o corpo e os aperto contra sua pelagem para proteger todas as partes mais expostas do meu corpo. Não é o jeito mais confortável de montar, mas ao menos não vou congelar.

Nós nos aproximamos de Linçal pouco antes do anoitecer — ou pelo menos é o que eu acho. É difícil saber a hora do dia com toda essa neve. Sinto um discreto alívio quando vejo as luzes do feudo através das árvores.

Este é o ponto intermediário. Bem ao sul do centro da cidade de Linçal, dentro dos limites do feudo, há um posto avançado onde as tropas e os Unidos podem montar acampamento e descansar antes de encarar a segunda metade da jornada até a frente de batalha.

Mas o tempo ainda está severo demais para montarmos nossas tendas. Ergo a cabeça para observar Stark, agora que a neve diminuiu um pouco.

Ele não retribui o olhar, com a atenção fixa nas muralhas da cidade da qual nos aproximamos cada vez mais rápido.

Uma parte ridícula de mim não quer parar. A urgência que senti ao ler a mensagem de Egith não diminuiu, e é bem provável que os lobos consigam seguir por mais algumas horas.

Mas minha parte racional sabe que seria idiotice continuar neste clima. Meu corpo queima de exaustão e frio, minhas coxas doem pelo aperto constante nas costas de Anassa. Nunca a montei por tanto tempo, e isso está fazendo meus músculos gritarem. Minhas costas estão sensíveis nos pontos em que a umidade da neve penetrou, e minhas roupas molhadas fazem atrito contra o couro de minhas vestimentas.

Assim como Tempesgelo, Linçal é uma cidade antiga, construída em pedra e madeira. Stark nos guia até uma guarita construída no muro espesso que cerca a cidade e, milagrosamente, ainda há uma guardiã do portão ali, vigiando, embora eu não saiba quem ela achava que conseguiria chegar a Linçal com toda essa neve.

Vendo-a conversar com Stark, percebo: nós. Eles devem ficar preparados para que Unidos apareçam a qualquer instante, faça o tempo que fizer.

Dentro das muralhas, os cheiros e sons da cidade me lembram de casa em Tempesgelo, embora tudo esteja abafado pela pesada camada de neve. Quase ninguém está nas ruas, sabiamente escolhendo ficar em casa durante o pior da tempestade.

Stark nos conduz pelas ruas que escurecem, virando esquinas com confiança e escolhendo caminhos sem jamais precisar parar para pensar na direção.

Anassa e eu seguimos em silêncio, deslocadas. Viajar hoje, chegar aqui, me fez perceber o quanto este mundo é grande e quão pouco dele eu conheço.

Bem quando meus músculos estão se contraindo de forma tão dolorosa que acho que vou cair de Anassa, Stark vira outra esquina e então salta de Cratos, as botas afundando na neve até a metade da panturrilha.

Ele nos trouxe a uma estalagem, e eu desmonto, aliviada. Logo minha atenção é atraída para a praça principal mais à frente.

— Me dá um segundo — falo para Stark, e sigo sem esperar pela

resposta.

Avanço pela neve que se aprofunda, com Anassa me acompanhando, e a quadra se abre em um grande espaço vazio, o chão estranhamente liso e com a neve intacta.

No centro da praça ergue-se a famosa e enorme estátua de pedra. A Deusa Sem Rosto.

Mesmo no crepúsculo, em meio a uma nevasca, sua forma impõe atenção. A estátua é esculpida a partir de um único bloco cintilante de pedra branca que se mistura de maneira fantasmagórica à neve, fazendo toda a cena parecer surreal.

Ela parece quase viva, apesar dos sinais de séculos passados que marcam o alabastro. Inclina-se numa pose de cuidado maternal, as mãos estendidas como se em oferenda. Embora seu rosto seja liso e sem traços, desgastado e irreconhecível pelos anos de peregrinos que o tocaram, sua postura sugere tanto poder quanto graça.

Até Anassa parece cativada. Ela para logo na entrada da praça, sem protestar enquanto me aproximo mais da estátua para tentar enxergá-la melhor.

— É melhor irmos para a estalagem — comenta Stark atrás de mim.

Ignoro-o. Uma atração estranha me conduz até a estátua, carregando meus pés pela praça sem se importar com o que quero ou deixo de querer. A aprovação de Anassa chega através de nossa união, como se fosse certo que eu me aproximasse para saudar a imagem da deusa.

Stark me chama, a voz carregada de irritação.

— Não me diga que você acredita nessa bobagem de plebeus.

Mais uma vez, o ignoro. Nunca fui religiosa, mas de algum modo isso não parece relevante.

Enquanto estou aos pés da estátua, olhando para o rosto sem feições, me pergunto quem ela foi. Sempre me pareceu estranho que alguém adorasse uma divindade sem nome e sem rosto, cuja

história se perdeu no tempo, e ainda assim um ar de reverência silenciosa recai sobre mim.

Para a maioria dos plebeus, o rei está mais próximo de uma divindade do que a própria deusa, mas ela ainda é invocada em orações — ou como praga. Pequenas seitas religiosas espalhadas pelo país são devotas a ela, com milhares de membros. Há um pequeno templo dedicado a ela em Tempesgelo, mas nunca estive lá.

Ainda assim, esta estátua é conhecida em toda Noturna. Eu não fazia ideia de que estar na frente dela despertaria uma sensação tão forte, tão intensa.

Sem pensar, me viro para Stark e pergunto:

— No que *você* acredita?

Ele franze a testa, como se a pergunta o surpreendesse, e então seus lábios se comprimem numa desaprovação sombria.

— A única coisa em que acredito com absoluta certeza é na morte. Ela vem para todos nós.

Rio baixo, sem achar graça, e volto a encarar a deusa mais uma vez.

— Certo. Para todos nós, menos para os Sifões.

— Eles não são imortais. Podem viver milhares de anos, mas podem morrer como qualquer um de nós. Você vai ver.

Estendo a mão para tocar as mãos abertas da Deusa Sem Rosto. É estranho que não haja neve nelas, como se algo dentro as mantivesse aquecidas. Objetos repousam nas palmas — oferendas deixadas pelos moradores de Linçal. Moedas, frutas e flores secas. Feixes de ervas amarrados com fitas coloridas.

Essas são as orações do povo, penso, algo parecido com tristeza crescendo dentro de mim. *Súplicas para que a deusa os abençoe, os salve. Proteja aqueles que amam.*

— As pessoas acreditam que a Deusa Sem Rosto criou os humanos — murmuro em voz alta. — Que foi ela quem nos deu a

vida. Eles acreditam que, se rezarem bastante, ela vai corrigir o desequilíbrio em nosso reino e melhorar a vida dos plebeus.

Há uma pausa, então Stark fala:

— E você? Reza para ela, esperando que faça isso?

Dou outra risada. É curta, um sopro cínico de ar.

— Não — murmuro, num tom sombrio. — Eu sei que não. Se a Deusa Sem Rosto algum dia foi real, suspeito que já tenha nos abandonado há muito tempo. Se quisermos que as coisas melhorem, teremos que fazer isso nós mesmos.

Ainda assim, algo na figura me chama. Estendo a mão novamente, meus dedos enluvados deslizando contra a pedra lisa. Parte de mim reconhece que está congelando agora, mas, estranhamente, não sinto o frio.

Pela primeira vez na vida, fecho os olhos e rezo, pensando em Saela. Pensando em minha mãe e na loucura. Nas vozes e nos sonhos que me assombram.

No futuro, que antes me parecia tão claro, e agora está envolto em névoa.

Me ajude a encontrar as crianças. Me ajude a entender o que está acontecendo. Me diga como melhorar tudo, e eu mesma farei isso. Farei tudo que estiver ao meu alcance.

Quando abro os olhos e me viro, encontro Stark me observando com uma intensidade indecifrável.

— Está pronta agora?

As palavras dele são secas, mas não carregam a irritação que eu esperava ouvir. Assinto, virando-me para encarar Anassa. Por um instante, acho que vejo algo em seus olhos, sinto algo na união, mas então vai embora. Seja o que for.

De volta às portas da estalagem, um empregado aparece para levar nossos lobos até o estábulo mais próximo. Stark entrega algumas moedas para ele e fala:

— Carne fresca para ambos. Certifique-se de que foi abatida

hoje.

Lá dentro, a estalagem está lotada de gente afastada das estradas pela tempestade. O salão principal é amplo, cheio de fileiras de mesas e bancos rústicos de madeira onde dezenas de viajantes estão sentados, comendo e bebendo. O ambiente é sufocante depois do frio lá fora, pesado com o calor dos corpos e o cheiro de fumaça de lenha. Arranco as camadas extras de roupa e as enrolo debaixo do braço.

Stark atravessa a multidão e para no balcão do hoteleiro.

— Dois — fala para o homem de rosto marcado.

— Alfa Stark! Não estávamos esperando o senhor. — O homem responde com uma careta. — Sinto muito, senhor, só me resta um quarto, e ele é... bem, não está no padrão habitual que... Posso ver se algum dos clientes encontra outra acomodação, se me der apenas um instante...

— Não precisa — corta Stark, lançando um olhar fulminante para mim por um breve momento. — Não queremos causar transtornos. Ficaremos com o quarto que tiver.

Ótimo, penso, sombria, tudo dentro de mim afundando em apreensão. Como se as coisas já não estivessem ruins o bastante. *Talvez ele me mate no sono e será indolor...*

Considero por um instante voltar lá fora e encarar a gangrena do frio em vez disso.

Mas Stark já está empurrando moedas de prata pelo balcão e apertando a mão do homem. O hoteleiro o conduz pelo salão lotado, e eu sigo atrás, incerta, mas esperançosa de que o que quer que esteja por vir envolva comida.

— Vocês aí, saiam — grita o hoteleiro, rude, para um grupo de homens encolhidos em um reservado em um ponto privilegiado, perto da lareira, mas não tão perto que a fumaça ou as cinzas incomodem.

Eles erguem o olhar, claramente prestes a protestar, mas as

palavras morrem em seus lábios.

— É o Alfa Stark — murmura um deles para o outro —, líder da alcateia dos Daemos...

— Claro — murmuram todos, um deles chegando até a limpar a cerveja derramada da mesa antes de sair.

Lanço um olhar de esguelha para Stark. É assim que os plebeus o tratam em todo lugar? Não é de admirar que ele seja um completo idiota. Todos morrem de medo dele, como se fosse algum tipo de deus vingativo.

Nossas bundas mal tocaram os assentos quando uma garçonete de busto farto aparece com duas canecas de cerveja e uma cesta transbordando de pão.

— Alfa Stark! — diz ela, ofegante, o peito subindo e descendo de maneira indecente para fora do vestido. — Não sabíamos que o senhor passaria por aqui hoje. Sinto dizer que tudo que resta na cozinha é torta de carneiro; não é nada sofisticado, mas está quente... ou estará, assim que eu aquecer para o senhor e...

Seus olhos se voltam para mim, e ela se inclina na mesa. Tenho certeza de que não é acidente o fato de sua posição deixar os seios em plena exibição para o *Alfa Stark*.

— Esta é a nova Alfa Estrategos — comenta Stark, seco, e eu reviro os olhos.

Os sons ao nosso redor diminuem, e ouço o arrastar de cadeiras enquanto todos na estalagem se viram para me olhar.

Constrangedor.

Mantenho a cabeça erguida em desafio, olhando fixamente para a frente, recusando-me a lhes dar o prazer de ver o quanto estou envergonhada.

— Ah... claro — diz a mulher, inclinando levemente a cabeça para mim. — Alfa.

Consigo sentir que ela não esperava que Stark estivesse viajando com uma mulher, e, por alguma razão, isso me irrita.

— A torta parece boa ideia — interfiro. — Vamos querer duas porções grandes. E qualquer outra coisa que conseguir preparar.

A mulher se apressa e se afasta, embora não com tanta pressa a ponto de deixar de rebolar de forma sedutora.

— Um tanto clichê, não acha? — falo, sarcástica, virando-me para Stark. — A garçonete que quer arrancar as calças do grande guerreiro mauzão?

Stark ergue a sobrancelha para mim.

— Alisa? Ela é dona deste lugar. E de outra estalagem na rua de baixo.

Sinto o calor subir pelo rosto. Logo eu, dentre todas as pessoas, deveria saber que nunca se deve subestimar uma mulher, não importa a aparência dela.

Afundo o rosto na cerveja. O burburinho já voltou a tomar conta do lugar, então estou segura o bastante para lançar olhares de relance, razoavelmente confiante de que já não sou mais o centro das atenções.

Algumas mesas ainda nos observam, mas a maioria se voltou para o palco no canto, onde um músico está se preparando. Ele afina o instrumento por alguns minutos e depois começa uma canção, o olhar recaindo sobre mim e Stark com frequência. Curioso sobre a nova Alfa Estrategos, sem dúvida, como todos os outros.

A música é uma espécie de conto clássico sobre um herói Unido que salva toda a cidade de Linçal durante uma incursão surpresa de Sifões, colocando sua vida e a de seu lobo em risco por eles e derrotando, sozinho, a ameaça. Um verdadeiro herói. Deve ser uma canção tradicional daqui, algo aprendido no colo da mãe, já que todos na estalagem parecem conhecer o refrão, cantando com entusiasmo cada vez que ele retorna, alguns até batendo palmas no ritmo.

Nossa comida chega pouco depois do começo da música, e logo

estou distraída pelo banquete de torta de carneiro, batatas e alguns alhos-porós cozidos, tudo com um molho marrom no qual eu mergulho o pão escuro que nos trouxeram. É comida simples, mas nunca provei nada melhor.

Stark come com tanta voracidade quanto eu, faminto depois da viagem. Ficamos em silêncio enquanto limpamos os pratos.

— Vejo você lá em cima. Quarto dez — diz ele, assim que termina, levantando-se e virando o resto da cerveja antes de atravessar o salão.

Então para e sussurra algo no ouvido de Alisa quando ela passa, e a vejo acenar com a cabeça e sorrir.

Se ele acha que vai trazer alguma mulher para a cama enquanto dividimos um quarto, mesmo que seja uma empresária com um sucesso impressionante...

Sou arrancada do meu nojo quando Stark se desvia da escada e segue em direção ao palco para trocar algumas palavras com o músico, que acabara de encerrar sua balada épica sob aplausos, vivas e muitos brindes ao Alfa de outrora, o herói da canção.

Não consigo ouvir a conversa de Stark com o bardo, mas parece que Stark está... repreendendo o homem? Tenho quase certeza de que o músico está se desculpando por alguma coisa, enquanto Stark se afasta de maneira rígida para a escada que leva aos quartos do andar de cima. O bardo é mais jovem do que imaginei à primeira vista, o rosto barbudo carregado de ansiedade enquanto observa Stark ir embora.

— Hmmm — murmuro, me perguntando o que foi aquilo.

Alguém desliza para o banco à minha frente, no assento que Stark acabou de deixar. Ergo os olhos, surpresa, e vejo que é Alisa, a dona da estalagem.

— A comida estava do seu agrado? — pergunta ela, e eu faço que sim com a cabeça.

— Excepcional — admito. — Mas não sei se sou a melhor pessoa

para julgar isso. Acho que teria adorado qualquer coisa minimamente decente que colocasse diante de mim, contanto que fosse quente e farta.

Alisa ri tanto que chega a bufar, e percebo, a contragosto, que gosto da mulher.

— Acho que você gostou da música mais do que o Alfa Stark, já que está ficando por aqui para mais uma canção.

Lanço um olhar para o músico, intrigada.

— Stark conhece aquele homem? Ou...?

— Ah, não, acho que não. — Alisa se levanta e pega o prato e a caneca vazios de Stark. — Mais uma cerveja? — Balanço a cabeça em negativa. — Não, ele só odeia quando fazem isso.

Fico perdida.

— Quando eles... cantam?

Alisa semicerra os olhos para mim, depois ri de novo.

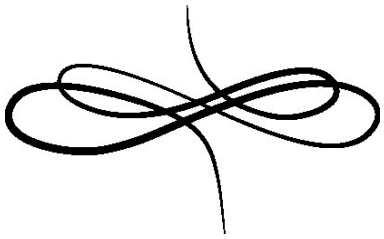
— Alfa Estrategos, você não deve ter prestado muita atenção. Aquela música que ele cantou era sobre o Alfa Stark, quando ele salvou metade da cidade de ser massacrada uns cinco ou seis anos atrás. A lenda fala que ele matou uns cem Sifões sozinho. Nossas ruas ficaram vermelhas por semanas com o sangue que ele derramou.

Ela se afasta com um andar despreocupado, e eu fico olhando para as costas dela, depois varro a sala com o olhar outra vez. Todas essas pessoas, seus brindes e aplausos, seus cantos e palmas...

Tudo aquilo era para *Stark*?

O mundo inteiro enlouqueceu.

41



Fico parada no batente da porta do quarto da estalagem, encarando a cama de solteiro enquanto a neve rodopia do lado de fora da janela. Lá dentro, Stark fez o que pôde para liberar algum espaço, mas agora entendo os pedidos de desculpa do hoteleiro... O quarto é minúsculo.

Mal dá para ficar de pé sem bater os joelhos na cama.

— Eu fico no chão — comenta Stark, grosseiro, me observando do lugar onde está sentado na beira da cama, organizando sua mochila.

Não discuto. Estou exausta, com frio e dolorida; tudo que quero é tirar a roupa molhada, dormir algumas horas e voltar para a estrada.

De preferência com o máximo de espaço possível entre mim e o rabugento herói de Linçal.

Coloco minha mochila no chão — ou tento. O pé da cama fica tão perto da parede e da porta que não há espaço suficiente nem para a bolsa, então simplesmente a encaixo ali como dá antes de abrir as abas e remexer dentro.

Stark tomou para si a única mesinha do quarto, um pequeno móvel à esquerda da cama, espremido entre a cabeceira e a parede.

Pelo menos o lugar é limpo, penso ao tirar uma camisa seca e fresca para dormir.

Se ao menos não fosse tão pequeno. O calor que emana do corpo

de Stark praticamente irradia atrás de mim. Não tenho espaço para me afastar dele. Consigo sentir até o cheiro: almíscar, âmbar, madeira e um toque de suor masculino.

Hesito, começando a tirar minhas roupas, sabendo que Stark pode virar a qualquer momento e me ver, ou talvez já consiga ver meu reflexo na janela. Mas o que mais eu faria, me trocar no corredor? Ajustando o corpo até ficar de costas para ele, arranco rapidamente o couro e depois as roupas molhadas, vestindo a túnica seca. Fico olhando fixamente para o canto do quarto o tempo todo, onde uma pequena lamparina está presa à parede, a chama dentro tremeluzindo.

— Vamos dormir, então? — pergunto assim que termino, pigarreando e me virando de volta para ele.

Seu olhar desce, fixando-se bruscamente em minhas pernas nuas.

Merda. Olho para baixo e percebo que a barra da minha camisa não cobre direito as marcas nas coxas. A luz da lamparina reflete nas cicatrizes prateadas, tornando-as ainda mais brutais.

De repente Stark está em cima de mim, o rosto tempestuoso, me encurralando no canto minúsculo.

— *Quem fez isso com você?* — exige saber ele, com ferocidade, uma mão calejada apertando com calor minha coxa.

Um clarão de calor percorre meu corpo, começando nos seios e terminando lá embaixo, entre as pernas.

Que porra é essa?

Dou um tapa na mão dele, ignorando a humilhante traição do meu corpo.

— E isso lá é problema seu? — cuspo, com um sarcasmo ácido. — Vai me *proteger*?

O rosto de Stark se contrai de raiva, mas ele não recua. Avança ainda mais, pairando sobre mim de forma ameaçadora.

— Eu reconheço marcas de tortura quando as vejo — rosna ele.

— Me diga quem te machucou. Foi ele? O seu... — ele pausa, cuspindo a palavra com um desprezo venenoso — *príncipe*?

Com o coração disparado, ergo o olhar para ele, determinada a não me intimidar.

— Não ouse falar dele. E não, ele não fez isso. *Eu* fiz.

As palavras escapam da minha boca antes que eu possa detê-las.

Ele dá um passo para trás, o rosto tomado por surpresa, depois uma sequência de emoções que me atingem no fundo: confusão, seguida de compreensão, logo substituída por horror... ou seria dor?

— Você fez isso consigo mesma? — repete ele, tenso.

— Sim — cuspo. — Então não se preocupe, não precisa sair por aí bancando o herói de Linçal para "proteger" seu saco de pancadas favorito. A menos, é claro, que queira aproveitar a oportunidade para finalmente se livrar de mim.

Eu me jogo no pé da cama, de costas para Stark, sem esperar resposta — talvez porque não suporto ver aquela expressão no rosto dele.

Por que ele está agindo como se de repente se importasse, depois de três meses de tormento? Isso é extremamente perturbador.

Enquanto puxo as cobertas da cama, a consciência de Anassa incha através da união. Ela se diverte com meu desconforto em relação a Stark.

— *Cala a boca!* — penso para ela, o coração martelando no peito.

Ainda consigo sentir Stark parado perto de mim, no espaço estreito ao lado da cama, me observando entrar debaixo das cobertas.

Ainda bem que ele não fala mais nada. Depois de alguns segundos, ouço-o desembrulhar o saco de dormir e tentar encaixá-lo na faixa estreita de chão. O barulho continua, e não consigo me conter: eu me sento na cama, olhando irritada para ele.

— Problemas?

Ele se vira para mim, o olhar frio.

— Nada que eu não possa resolver.

Da minha posição, consigo ver o problema. Não é apenas o espaço estreito. Por causa da mesinha de cabeceira, o pedaço de chão não é comprido o bastante para o saco de dormir de Stark. Talvez, se o babaca não fosse tão alto, caberia naquele espacinho ridículo.

Ele que durma em pé como um cavalo, por mim.

Stark termina de ajeitar tudo como pode e se acomoda, meio de lado, com os joelhos encolhidos para caber no espaço minúsculo. Não reclama, não fala uma palavra sequer, mas é óbvio que a posição é extremamente desconfortável.

Eu jogo a cabeça para trás.

Merda.

Não me importo se ele está confortável. *Não me importo.*

É só que... bem, ele *é* um guerreiro impressionante, com instintos de assassino psicopata, mesmo que eu o deteste. E se amanhã formos enfrentar Sifões para salvar Saela e as outras crianças, quero que ele esteja descansado e em plena forma.

Pelo bem de Saela.

Solto o ar num suspiro.

— Tá bom, deixa de ser idiota.

— Não entendi — responde ele, secamente.

— Você não vai conseguir dormir assim. Vem, a cama é grande o bastante pra nós dois.

As palavras saem rasgadas, mas sei que é a coisa certa a fazer, por mais que eu odeie. Puxo o cobertor para baixo de propósito, me movo para o lado mais afastado da cama e faço um gesto para a outra beirada.

Ele se levanta com suavidade e, hesitante, se senta na cama antes de colocar as pernas para cima.

Quase dou risada ao perceber como ele comprime o corpo alto e

musculoso no colchão, como se eu carregasse alguma doença carnal transmitida pelo toque. Ainda assim, sinto uma estranha fisgada no peito ao pensar nisso.

Irritada com ele, com a situação e também comigo mesma, me viro e apago a lamparina presa à parede, deixando-nos no escuro, meu nariz a um fio da parede. Às minhas costas, ouço sua respiração, o farfalhar do travesseiro sob sua cabeça, o ajustar das cobertas.

Apesar da exaustão, de repente nunca estive tão desperta.

Sinto um arrepio nas costas e sou capaz de jurar que os olhos dele ainda estão em mim na escuridão. Sem querer, me lembro daquele treino, quando ele puxou minha camisa e pressionou os dedos contra minha barriga, minhas costelas, contra cada hematoma. Mas agora, em vez de sentir dor com seu toque, faíscas percorrem meu corpo só de pensar na pressão de seus dedos na minha pele.

Cerro a mandíbula e aperto os olhos com mais força. Devo estar delirando depois de tantas horas de viagem. Foi um dia longo.

Desesperada para tirar da mente o psicopata atraente a um braço de distância — perto o bastante para fazer coisas perigosas ou devassas comigo —, concentro-me em recitar de memória as lendas favoritas de Saela. Penso em Killian no sofá da casa da minha mãe, lendo para Sae a história da deusa que precisou salvar a si mesma.

Depois penso em Killian, em como já deve ter lido meu bilhete, em como, na próxima vez que o vir, talvez eu já tenha minha irmã de volta...

Ainda assim, demora muito até que eu, enfim, consiga pegar no sono.

Encontro pouco descanso em meus sonhos. Eles são

fragmentados, desconexos e aflitos. Imagens da Deusa Sem Rosto me assombram, transformando-se em minha mãe, sangue jorrando de cada traço. Ela tenta se comunicar comigo em uma voz impressionante e antiga, ao mesmo tempo estranha e familiar, mas não consigo entender o que ela fala.

Acordo na manhã seguinte com os olhos arenosos e o corpo rígido da viagem, como se mal tivesse dormido. O céu do lado de fora da janela está cinzento e sombrio. Ainda não é bem o nascer do sol. E a neve parou. Ótimo.

Stark já está de pé e vestido para a estrada, arrumando suas coisas com uma eficiência treinada. Ele lança um olhar na minha direção quando me ergo, o olhar deslizando para minhas pernas, mas não dá um pio.

Na saída da estalagem, ele pega um pequeno embrulho de pano com Alisa.

— Coma — fala, enfiando-o nas minhas mãos. — Vou buscar os lobos.

Não estou com fome, mas o tom de comando na voz de Stark não admite discussão. Se eu não comer por escolha, ele pode muito bem enfiar a comida pela minha goela à força.

Ele segue para os estábulos dos lobos-gigantes. Dentro do pano encerado encontro comida para um dia: pão, queijo e carne seca.

Dou algumas mordidas enquanto espero seu retorno, pensando no dia que nos aguarda. Em apenas algumas horas, chegaremos à frente de batalha. Então Anassa e eu investigaremos o posto avançado onde Egith falou que as crianças foram vistas.

Saela. Aguente firme. Estarei aí em breve.

Logo estamos de volta à estrada. Desta vez, não há conversa alguma. Nos movemos depressa, cruzando quilômetros e quilômetros de terras onduladas até chegarmos à cidade fronteiriça onde está acampada a maior parte das forças do reino.

Verdência. O feudo fronteiriço mudou de mãos incontáveis vezes

entre os Sifões e os Unidos ao longo de séculos de guerra.

O centro da cidade fica mais adiante. Torres se erguem no horizonte, embora mesmo à distância seja possível ver lacunas e rachaduras na alvenaria, como se um gigante tivesse dado grandes mordidas na cidade, testemunhas de séculos de batalhas constantes. Verdência se espalha pelas margens do rio Corrassol. Eras atrás, o feudo era dividido entre Noturna e Astreona, com tudo ao norte do rio pertencendo ao nosso país, e tudo ao sul pertencendo aos Sifões.

Era o lugar perfeito para a guerra começar.

Estamos nos limites setentrionais do feudo, no acampamento militar de Noturna. Astreona controla a cidade atualmente. Os poucos edifícios que ainda restam aqui são antigos — estruturas baixas e de pedra em ruínas, remendadas com madeira reaproveitada.

Foram erguidas construções mais novas — cabanas utilitárias feitas principalmente de lona encerada. Além disso, o chão de terra está coberto por centenas de tendas militares. Soldados circulam por toda a parte, vestidos com uniformes empoeirados e manchados por incontáveis batalhas. O ar é sufocante pelo cheiro de fumaça vinda da lenha e de corpos que devem estar há um bom tempo sem banho.

E por baixo disso — quase fraco demais para identificar — paira o odor adocicado e enjoativo de carne apodrecida.

É um contraste brutal com a opulência do castelo: pura função, nenhuma beleza, cada elemento projetado — ou reaproveitado — para a guerra.

Ao nos aproximarmos, me sinto profundamente desolada. Stark parece afetado também. Sua graça predatória habitual se afia em algo mais duro, mais focado. Há uma estranha familiaridade nisso.

Aqui ele está em casa — se é que um lugar como este pode ser "casa" para alguém.

Percebo que este é o mundo de Stark. O mundo da guerra. Estou prestes a ver de perto como ele conquistou sua reputação brutal.

Soldados entram em posição de sentido ao vê-lo, medo e respeito misturado em suas expressões. Unidos emergem de tendas próximas como se sentissem nossa aproximação, oferecendo a Stark saudações firmes, com o punho no peito. Lobos-gigantes vagueiam pelo acampamento, e até eles param para nos observar, prestando suas reverências a Cratos e Anassa em seu modo lupino silencioso.

O olhar de Stark percorre todos, sem emoção. Ele nos conduz até uma enorme tenda próxima ao coração do acampamento. Soldados, Unidos e mensageiros entram e saem por múltiplas saídas, cuidando de suas funções de guerra.

Este é o Comando Central.

Egith nos encontra lá dentro, diante da mesa de guerra onde incontáveis mapas e diagramas detalham as operações do exército.

A Beta Estrategos está exausta, mas alerta. A mecha prateada está apagada pelos vestígios de poeira e terra em seu cabelo, e o uniforme traz manchas frescas de sangue.

Ela acena para mim e depois para Stark.

— Ótimo, vocês chegaram. Vieram rápido.

Ela gesticula para que eu me aproxime da mesa, sem perder tempo em entregar o relatório pelo qual vim.

— Três dias atrás, batedores Criptos encontraram isto — diz ela, e indica um ponto no mapa não muito longe de onde estamos. — É território dos Sifões, mas perto da fronteira. Um antigo templo religioso que eles converteram em posto avançado. Algumas crianças foram vistas sendo levadas para dentro e para fora pelos guardas.

Meu peito se aperta ao ouvir a palavra *crianças*. Ver este acampamento e a realidade imediata da guerra torna ainda mais angustiante saber da presença delas aqui.

— O último avistamento foi há três dias? — pergunto, desconfortável com a presença de Stark ao meu lado, me observando com uma perspicácia penetrante. — Quantos guardas eram? Quantas crianças?

— Esse foi o último avistamento confirmado, mas os batedores não conseguiram se aproximar desde então... Não quiseram arriscar alertar os sugadores de sangue — responde Egith. — Foram vistas três crianças e dois guardas, mas a uma distância significativa. Nenhuma característica identificável.

O leve tom de desculpas revela que ela sabe que quero saber se alguma dessas crianças pode ser Saela. Os olhos de Stark estão sobre mim, avaliando. Durante a viagem, contei a ele uma versão resumida da história do sequestro da minha irmã, embora tenha a sensação de que ele já sabia pelos próprios contatos. Mantenho o olhar fixo em Egith, recusando-me a dar para Stark qualquer sinal de que minhas emoções poderiam atrapalhar esta missão.

Sinto Anassa ouvindo também. Um pulso de otimismo cauteloso viaja entre nós — tanto dela quanto meu. Saela pode estar lá. Só há um jeito de descobrir.

A preocupação de Anassa — e sua disposição em ir atrás da minha irmã — me dá uma dose de força. Sou grata por ter o apoio da loba, mais do que conseguiria exprimir em palavras. Sem ela, eu não teria chance de trazer Saela de volta.

— Você tem informações sobre o templo? — pergunto. — Entradas, saídas, rotas de patrulha?

Egith assente e alcança uma pasta de couro enquanto estudo o mapa e o terreno ao redor do templo.

— Aqui — diz Egith. — Esta é toda a informação reunida por nossos espiões Criptos.

Abro a pasta, folheando relatórios até encontrar um esboço do prédio. Quando o puxo do maço, outro desenho desliza para a mesa. Perco o ar.

— Isso é...?

— Um dos Sifões avistados na área — confirma Egith. — Uma general do exército deles, de alta patente. Foi vista diversas vezes por aqui nas últimas semanas.

Pela deusa, penso, encarando o rosto sobrenatural traçado em linhas de carvão. *Ela é linda.*

— Você nunca tinha visto a imagem de um Sifão — comenta Stark ao meu lado.

Balanço a cabeça, incapaz de desviar o olhar daquele rosto etéreo no papel. É quase humano, mas os olhos são grandes demais, a estrutura óssea delicada demais — perfeita demais para pertencer a um mero mortal.

Egith puxa outro retrato do maço e o coloca sobre o que seguro.

— Este é o rei deles.

Lucien Brightbane.

Meu coração para. *Este* é o arquiteto de todo o nosso sofrimento? *Este* rosto?

É atemporal e angelical, *devastadoramente* belo, mesmo num desenho tosco. Sei pelos meus estudos que o rei dos Sifões existe há muito tempo, mas não há uma única ruga em seu rosto — nenhum sinal das eras que viveu, exceto na frieza e na sabedoria sem fim de seu olhar.

Há algo familiar nos olhos. Algo que reconheço de leve nos traços sobrenaturais de seu semblante, mas não consigo identificar.

— Ele parece muito mais jovem do que eu esperava — murmuro. — Vinte e poucos anos, no máximo.

Stark bufa.

— Você sabe que eles não envelhecem como nós. Aquela *coisa* tem séculos de idade.

Balanço a cabeça, colocando os retratos de lado, e aponto para o mapa do templo.

— Me fale sobre a disposição.

— Identificamos três potenciais pontos de entrada — explica Egith, apontando. — Aqui, aqui e aqui. Um ataque simultâneo por todas as três entradas é nossa melhor aposta para superar as defesas deles. A sincronia precisa ser perfeita... Eles são mais fortes à noite, mas também é quando estão mais propensos a se alimentar e, portanto, distraídos.

— Eles não vão se alimentar todos ao mesmo tempo — intervém Stark. — São espertos demais para se deixarem vulneráveis assim. Ainda haverá guardas de plantão, e não sabemos quantos.

Egith assente.

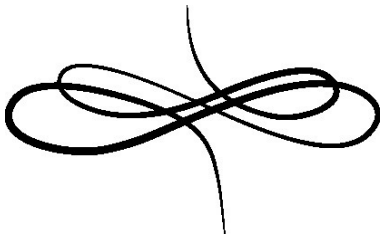
— Se posicionarmos nossos batedores aqui e aqui antes do pôr do sol, poderemos rastrear os guardas e observar o restante saindo para se alimentar. Quando isso acontecer, teremos uma janela muito curta para aproveitar.

Enquanto a discussão de estratégia continua, meu olhar volta a ser atraído para o retrato de Lucien Brightbane. *Por que* sinto que já o vi em algum lugar?

Stark cobre a imagem com a mão de repente.

— Foco, Cooper — rosna ele. — Partimos ao pôr do sol.

42



Naquela noite, de uma elevação coberta por floresta com vista para o templo, estou ao lado de Stark e de vários outros Unidos, inclinada sobre o mapa da ruína.

Repassamos o plano uma dúzia de vezes por ordem de Stark. Todos sabem exatamente o que devem fazer.

Os lobos vão contornar o muro externo do templo para cortar as rotas de fuga enquanto três equipes menores devem se infiltrar por três pontos vulneráveis — um trecho desmoronado da muralha, um túnel de esgoto antigo e a torre do sino parcialmente destruída.

É uma operação secreta e o tempo é decisivo. A equipe de ataque — composta por soldados e Unidos — foi escolhida a dedo por suas habilidades superiores em furtividade. Os Unidos de cada grupo coordenarão ataques cronometrados com precisão através da conexão da alcateia. Stark liderará uma das equipes; as outras duas ficarão sob o comando de Unidos Criptos.

Nossos espiões vêm observando as ruínas há horas, rastreando as trocas da guarda Sifão e enviando relatórios constantes ao nosso acampamento temporário na floresta. Temos as informações necessárias.

Está quase na hora de nos movermos.

Nos reunimos na elevação, abaixados, sempre nas sombras, enquanto o crepúsculo dá lugar à noite. O templo, abaixo de nós, é uma cicatriz escura aberta na encosta, as janelas estreitas

iluminadas tenuemente por lamparinas. Meu coração dispara toda vez que o encaro, me perguntando se Saela está lá dentro. Se está machucada. Assustada. Sozinha.

Cada fibra do meu corpo implora por ação — para lutar. Para exterminar cada *maldito desgraçado* que ousou arrancar crianças inocentes do meu país.

A expectativa de Anassa vibra pela nossa união. Ela anseia, talvez até mais do que eu, por esse primeiro gosto de batalha real.

Stark, por sua vez, foi quem orquestrou toda a operação.

Eu me pego hipnotizada por ele neste lugar ermo e gélido das montanhas, cercado por escuridão e perigo de todos os lados.

Ele é o Alfa em sua plenitude. Não resta vestígio do homem que ontem parecera preocupado com as cicatrizes nas minhas coxas. Vendo-o agora, quase nem acredito que aquilo tenha acontecido.

A aura dele não carrega nada da malícia ou da violência iminente à qual me acostumei. Não há berros de comando. Nenhum brilho sanguinário nos olhos.

Ele está centrado. Calmo. Completamente focado. Uma eficiência fria.

Até a eterna cara fechada desapareceu, o que me desconcerta mais do que gostaria de admitir. O rosto dele é ridiculamente atraente quando não está carrancudo. Belo, até.

Este homem não é Stark, o instrutor de combate Recém-unido, meu algoz pessoal. Este é o *Alfa Stark dos Daemos*, o guerreiro que conquistou cada uma de suas marcas de morte. O comandante em quem todo soldado do exército do rei confia.

Ele se vira para mim enquanto os soldados fazem os preparativos finais.

— Você e Anassa vêm comigo — fala em voz baixa. — Esta é sua primeira vez no território dos Sifões... Vai seguir minha liderança, entendeu? Vai fazer *exatamente* o que eu mandar.

Meu corpo se enrijece, ofendida por ser empurrada de volta ao

papel de aprendiz. Já não provei a ele do que sou capaz? Por que insiste em me tratar como uma criança sob sua guarda?

— *Ouça o que ele fala* — protesta Anassa. — *Ele sabe o que faz.*

— *Traidora* — resmungo para ela.

Stark está me encarando, os olhos semicerrados, esperando minha contestação.

— Você ainda não lutou assim — continua, com uma intensidade contida. — Os Sifões são mais rápidos que humanos, Cooper. Mais fortes, capazes de fazer você ver coisas que não existem. Um único erro e...

Ele faz um gesto brusco com a mão, cortando a própria garganta.

— *Eu sei* — rosno. — Passei semanas estudando os Sifões, Stark.

— E eu venho lutando contra eles há uma década, porra — retruca ele, num rosnado baixo. — *Escute bem*, Cooper. Vai ficar perto de mim, *vai* seguir ordens e *não vai* correr riscos. *Entendeu?*

— Tá bom! — sibilo, surpresa com a ferocidade dele. — Eu entendi!

Antes que ele possa falar mais, um batedor Cripto surge da escuridão. Stark se vira, impassível, e fala:

— Relatório.

— Movimento na ala leste — responde o batedor, o olhar deslizando até mim. — Eles mudaram a rotação da guarda.

Merda. Isso complica tudo.

Mas Stark não demonstra o menor sinal de tensão. Observo-o assimilar a informação em silêncio, a mente tática trabalhando rápido, abrindo possibilidades e fechando alternativas em segundos. Ele poderia facilmente ter sido um Estrategos em vez de um Daemos. Em meros instantes, define uma solução, ajusta a estratégia e redistribui os recursos com uma agilidade impressionante.

Mais uma vez, sou atingida pela diferença em seu comportamento aqui na frente de batalha. O comando repousa de

forma tão natural sobre aqueles ombros largos e musculosos. Há algo quase régio na maneira como ele o sustenta. É o verdadeiro filho da Alfa Soberana neste momento. Soldados e Unidos respondem às suas ordens sem a menor hesitação — com fé absoluta.

Enquanto todos finalizam suas preparações, reviso minhas armas pela enésima vez.

Espada presa. Confere. Adagas mergulhadas em ervas venenosas que retardam a regeneração dos Sifões. Confere.

Minhas mãos tremem levemente enquanto trabalho, embora não saiba se por medo ou expectativa. O sangue pulsa nas veias, mas minha mente está calma. Focada.

Apesar da irritação com o jeito paternalista de Stark, sei que sou o elo mais fraco da equipe. Todos os outros têm ampla experiência de batalha. Já enfrentaram Sifões. Já viram a guerra de perto.

Eu *não* vou estragar isso. O resto da equipe está contando comigo. Se cometer um erro, não será só minha vida em risco, mas a deles também.

Quando o sol enfim desaparece no horizonte e o céu se torna negro e sem estrelas, Stark ordena que as equipes tomem posição, coordenando tudo com uma precisão letal apenas por sinais manuais.

Ele me dirige um aceno antes de montarmos em nossos lobos.

— Lembre-se, fique perto de mim. Egith nunca me perdoaria se eu deixasse a nova Alfa dela morrer.

Algo no tom dele me faz lhe lançar um olhar penetrante, mas sua expressão não revela nada.

Sem mais uma palavra, Stark salta para as costas de Cratos. Faço o mesmo, enquanto as outras duas equipes desaparecem na noite, tomando suas posições.

A expectativa de Anassa cresce conforme Stark dá o sinal para nossa equipe avançar. Respiro fundo, forçando minhas mãos a se

firmarem, e então mergulho fundo em nossa conexão. A união se expande, me envolvendo nos sentidos aguçados de Anassa.

De repente, enxergo muito melhor na escuridão. Ouço cada ruído na mata, cada estalo de folha sob pés distantes. A brisa que sobe do vale abaixo carrega o cheiro de terra úmida, fumaça de lenha e incontáveis seres vivos.

Vou sobreviver a isso, falo para mim mesma enquanto seguimos Stark e Cratos noite adentro. *Sobrevivi às arenas de combate, à Ascensão, ao treinamento — sobrevivi a tudo o que este mundo brutal me lançou. Vou sobreviver a isso também. E encontrar Saela.*

Custe o que custar.

A aprovação feroz de Anassa me invade. Vamos sobreviver a isso *juntas*.

A descida até o templo leva apenas alguns minutos, e logo nos aproximamos do ponto de entrada sudoeste, Stark à frente e eu logo atrás, com meia dúzia de soldados a pé fechando a retaguarda. Avisto o trecho desmoronado da muralha no mesmo instante em que Stark se vira para me dar o sinal.

Todos estão em posição. A hora é agora.

Levanto a mão, repetindo o sinal de Stark para os soldados atrás de mim.

De imediato, explodimos em ação. Cratos salta pela brecha, uma massa negra contra a noite. Anassa segue logo atrás, um vulto prateado, enquanto os soldados se espalham pelo pátio do templo.

Nada poderia ter me preparado para o que acontece a seguir.

Avisto o primeiro guarda Sifão um instante antes de Stark atacar, movendo-se com seu lobo como uma força da natureza. Sua lâmina cintila. A cabeça do guarda se desprende antes que ele consiga puxar o ar para dar o alarme.

Essa é a única maneira de garantir que um Sifão morra. É preciso decapitá-lo.

Assisto em câmera lenta enquanto a cabeça rola pelo chão, o

rosto congelado em choque, presas à mostra. O corpo desaba com uma graça antinatural, belo até na morte.

Antes que toque o solo, Stark e Cratos já estão avançando para os degraus do templo. Anassa os segue como uma sombra prateada, espelhando cada movimento com precisão impressionante. Ela e Cratos parecem se coordenar sem esforço.

Outro Sifão cai no arco da porta do templo, destroçado num instante pelas mandíbulas de Cratos. E então estamos disparando pelos corredores estreitos, serpenteando por curvas e desvios que me deixam tonta. Os lobos se movem com um silêncio impossível, apesar de seu tamanho descomunal, irradiando poder através de nossas uniões, aguçando ainda mais os sentidos. Eles sentem o cheiro dos inimigos muito antes de irrompermos numa câmara aberta e cairmos sobre eles.

Stark e Cratos atacam primeiro, lançando dois Sifões em direções opostas. Nunca tinha visto nada como o movimento dessas criaturas — uma velocidade sobrenatural transforma seus ataques em um borrão enquanto aqueles rostos angelicais se distorcem em máscaras de puro horror, com as presas expostas.

Aos meus olhos, a brutalidade que se segue parece puro caos, mas, pela união, cada golpe é antecipado, cada movimento quase coreografado. Cratos investe à esquerda, a espada de Stark lampeja à direita. Anassa esquiva para a direita, minha lâmina corta à esquerda. Os dois Sifões tombam — um aos dentes de Anassa, outro à espada de Stark.

Os soldados vêm logo atrás, caindo sobre os corpos e dilacerando-os com lâminas envenenadas para impedir a regeneração.

Avançamos até o salão circular de reuniões no coração do templo. Stark faz Cratos parar no centro da sala, a cabeça girando enquanto avalia nossa posição. Sinto um arrepio de alerta vindo de Anassa, me avisando que algo não está certo, e então caímos na

emboscada.

Três, quatro, cinco, *seis* Sifões irrompem das portas ao nosso redor, atacando a equipe em uma investida coordenada.

Stark e Cratos liberam uma onda poderosa de magia Daemos, arremessando os Sifões contra as paredes. A força disso é facilmente dez vezes maior do que aquela que Jonah usou no dia em que quebrou meu nariz. É inacreditável. Stark não é apenas forte — ele é quase divino.

Então, Stark se move mais rápido do que seria possível, a espada cantando no ar enquanto decepa os Sifões, as cabeças rolando pelo chão uma após a outra.

Sangue espirra sobre a pedra antiga enquanto ele atravessa as fileiras, Cratos dilacerando os inimigos ao mesmo tempo em que a lâmina de Stark corta sem piedade. Vejo o rosto dele enquanto Anassa dança ao lado, acompanhando cada movimento.

A expressão de Stark não se altera — aquele foco frio e mortal permanece inquebrável mesmo enquanto comete atrocidades absolutas.

A visão me enche de uma estranha sensação de triunfo. Desde o primeiro dia em que o vi, soube que ele era um psicopata, um monstro sedento de sangue, e aqui está a prova. Ele é muito pior do que eu imaginei.

E, pela primeira vez, isso não me causa repulsa. Porque esse assassino enlouquecido está do *meu* lado.

Anassa e eu ficamos coladas a Stark e Cratos, nos posicionando às suas costas enquanto os Sifões restantes se fecham ao nosso redor. O foco da minha loba se estreita, e por um instante vejo a sala — os soldados, os Sifões, os lobos e seus cavaleiros — em detalhes nítidos, como se fosse um diagrama em movimento. Cálculos fluem pela minha mente em disparo, avaliando fraquezas, analisando formações e táticas com uma velocidade insana.

Uma estratégia se encaixa. Essas criaturas conhecem bem seus

inimigos. Esperam ataques militares treinados — ofensiva e defesa coordenadas.

Mas não estão preparadas para uma lutadora de rua dos subúrbios.

A mente de Anassa vibra com um deleite violento quando mudamos de posição defensiva atrás de Stark e Cratos para um ataque total.

Como uma só, nos colocamos em uma postura de vulnerabilidade aparente, atraindo o Sifão. Anassa avança, fintando com maestria, desviando das presas enquanto minha espada se ergue para defendê-la.

Agora!

Golpeio o Sifão e erro. Anassa recebe um corte de adaga no pescoço — ela solta um ganido e recua. O Sifão sorri em triunfo, as presas à mostra, antes de se lançar contra nós num borrão pálido e letal.

No mesmo instante, Anassa se abaixa rente ao chão, trazendo-me ao nível do atacante. Minha espada já vem em arco de baixo para cima, com toda a força que consigo reunir.

O Sifão morre em uma explosão de sangue profundo, a cabeça voando para um lado, o corpo para o outro.

Anassa solta um uivo que reverbera contra as paredes de pedra ao nosso redor. Às nossas costas, Cratos responde com outro uivo.

Os Sifões restantes percebem a maré virar contra eles. Não sei bem como, mas sei que estão com medo. Anassa se transforma num borrão prateado de pura agressividade, minhas lâminas faiscando ao redor dela em estocadas rápidas enquanto derrubamos outro Sifão, e depois mais um.

De repente, a sala mergulha em silêncio absoluto. Corpos se espalham por todos os lados. Oito Sifões e três soldados mortos. O cheiro de sangue e de pavor impregna minhas narinas e enche minha boca com o gosto metálico do cobre.

Stark se vira para mim, o rosto salpicado por uma fina névoa de sangue, o peito arfando de esforço. Seus olhos percorrem rapidamente meu corpo em busca de ferimentos. Ao não encontrar nada, ele faz um aceno breve e sinaliza para que a equipe avance novamente.

Descemos às entranhas do templo, seguindo corredores escuros e abatendo mais alguns Sifões até que, enfim, encontramos as celas no porão.

O cheiro me atinge primeiro — medo, excremento, corpos sem banho e mais alguma coisa. Um odor adocicado e enjoativo que queima o nariz como champanhe. Pela união, sinto Anassa inquieta. Seus pelos se eriçam.

— *Magia de Sifão* — diz ela. É isso que sentimos.

O que esses monstros andaram fazendo com as crianças?

Meu coração retumba nos ouvidos quando nos aproximamos das celas — algo está errado. Silêncio demais. Imobilidade demais.

Stark desmonta de Cratos e me lança um olhar que faz meu estômago despencar.

As celas estão vazias. Todas.

As crianças não estão aqui.

Minhas botas rangem nas pedras imundas enquanto deslizo das costas de Anassa e me aproximo das grades ao lado de Stark.

— Eles estiveram aqui há pouco tempo — diz ele em voz baixa.

Assinto. Dentro das celas, há restos de roupas infantis. Tigelas de comida. Uma boneca amassada. Um cobertor manchado.

— Eles sabiam que estávamos vindo — ouço minha própria voz constatar.

Ela soa oca. Morta.

Estou entorpecida.

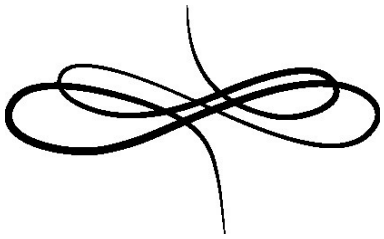
Stark se vira como se fosse falar alguma coisa, mas um dos soldados Daemos o interrompe.

— Senhor, capturamos um dos guardas Sifões — anuncia ele.

O torpor dentro de mim se retorce em algo agudo e selvagem. Sinto um lampejo de sombras nos cantos da visão, me incitando a mais violência.

— Ótimo — respondo. — Tenho umas perguntinhas para ele.

43



De volta ao nosso acampamento em Verdência, o prisioneiro Sifão foi transferido para uma sala de interrogatório montada em um dos velhos edifícios de pedra. Eu queria interrogá-lo no próprio templo, mas Stark insistiu que isso era contra o protocolo — os Sifões são perigosos demais para interrogatórios em campo.

Tivemos que trazer o desgraçado para cá, onde foi acorrentado com segurança a uma cadeira de metal parafusada no chão de pedra. Onde, mesmo que conseguisse escapar, estaria cercado por soldados e Unidos, sem chance alguma de fugir.

Aceitei com uma condição: que *eu* fosse a responsável por conduzir o interrogatório.

O olhar de Stark quando exigi isso era um misto de irritação e respeito. Ele não discutiu.

Agora, ao entrar na sala de interrogatório vazia, sombras voltam a se contorcer nos cantos da minha visão, e com elas a raiva arde intensa. Em algum lugar, bem fundo dentro de mim, estou apavorada com a ideia de torturar outro ser.

Empurro esse sentimento ainda mais para baixo.

Minha irmã não está aqui. Saela — se é que estava entre aquelas crianças nas celas — desapareceu. E este guarda Sifão é minha única pista para encontrá-la.

O guarda Sifão se mantém ereto nas correntes, ainda belo mesmo com o rosto ensanguentado. Os soldados que o capturaram

conseguiram derrubá-lo com um golpe esmagador na cabeça. O ferimento já cicatrizou, mas, combinado a uma injeção no momento certo do mesmo veneno que recobre nossas lâminas, foi o bastante para mantê-lo desacordado até poder ser acorrentado.

Esta é uma oportunidade rara. Uma que não posso desperdiçar.

Stark entra na sala atrás de mim e permanece na sombra, ao lado da mesa coberta de instrumentos de interrogatório. Sua presença é pesada, sombria. Como nuvens carregadas no horizonte, prenunciando uma nevasca mortal.

É curioso que isso seja, de certa forma, reconfortante.

Eu me aproximo do prisioneiro. O olhar do Sifão encontra o meu com um peso perturbador e uma calma desumana. Não há medo. Ele está imóvel e belo sob a luz vacilante da tocha.

— Me fale sobre as crianças — começo. — Para onde elas foram levadas?

A testa perfeita dele se franze em confusão.

— Você está procurando por crianças?

Deusa, até a voz dele é maravilhosa — musical, melodiosa.

— As crianças que estavam presas nas celas do porão — rosno. — As que vocês mandaram os Levadores buscarem em Tempesgelo.

Ele pestaneja.

— Levadores? — Seu olhar se volta para Stark, perplexo. — Do que essa idiota está falando?

— Não se faça de burro — rosno, a impaciência latejando nas veias. — Vocês vêm sequestrando crianças de Noturna há anos. Mantiveram pelo menos três delas no templo. *Agora me diga onde estão*.

O Sifão balança a cabeça e abre um sorriso de desdém.

— Bem que me falaram que vocês do Norte eram lunáticos de cérebro de lobo, mas só agora consigo acreditar.

Cruzo os braços, calculando em silêncio e encarando o Sifão.

— Ele está tentando te distrair — diz Stark atrás de mim. — Não caia nessa.

Ignoro-o.

— Mais uma chance para responder com sinceridade — falo, em voz baixa —, depois começo a quebrar ossos.

— Fofo — entoa o Sifão, com um tom arrastado. — É assim que vocês, ao norte da fronteira, fazem preliminares? Se quiser me conhecer intimamente, querida, é só falar. Sua personalidade é meio azeda, mas aposto que o gosto é ótimo.

Cerro o maxilar e vou até a mesa, ciente do olhar de Stark sobre mim enquanto escolho um alicate entre as ferramentas.

O Sifão não emite qualquer som quando quebro o dedo indicador da mão direita, mas seus lábios perfeitos se abrem num sopro áspero e trêmulo.

— Onde estão as crianças? — pergunto, com uma calma gélida que não sinto.

— Vai se foder — retruca ele, os olhos em chamas.

Crack! O dedo médio se parte facilmente sob a pressão metálica do alicate. Mas, no mesmo instante, percebo que o primeiro já cicatrizou. E, diante dos meus olhos, o segundo também se regenera.

Então eu o quebro de novo.

A sensação me enche de um deleite horrível, tão espesso e sombrio que quase sufoco, as sombras se alongando ao redor da sala. Por um segundo, a onda ameaça me engolir inteira. É Anassa na minha mente, com um rosnado baixo, pronta para despedaçar esse Sifão caso eu não o faça antes.

A conexão com Anassa me puxa para uma calma fria e calculista. Minha voz sai quase suave quando pergunto pela quarta vez:

— Onde estão as crianças?

O Sifão cospe em mim, praguejando.

— Não *tem* criança nenhuma!

Crack! Crack! Crack!

Três dedos de uma vez. O Sifão finalmente grita, sacudindo-se contra as correntes. Mas não cede em nada, apenas me encara em desafio, arfando enquanto o corpo se regenera.

Volto à mesa. Stark está encostado na parede logo atrás dela, braços cruzados, observando com um foco inexpressivo.

As sombras na sala dançam, me incitando.

Pego um punhal, a lâmina envenenada polida em um brilho opaco.

Os olhos do Sifão ganham um novo brilho ao vê-lo. Medo, penso. Ele sabe que é veneno, que não vai cicatrizar.

— Agora, vamos cortar — falo, no mesmo tom quase gentil.

Não pergunto mais sobre as crianças — não por um bom tempo. Só corto. Primeiro os botões do uniforme escuro, depois a pele pálida do peito.

A lâmina chia ao abrir a carne, pequenas espirais de fumaça subindo das feridas. O suor brota na testa do Sifão. A cor desaparece de seu rosto, que se torna cinzento e abatido, e ele arqueja como um peixe fora d'água.

Os cortes se contraem, tentando se fechar.

— Você gosta disso, não é? — O prisioneiro arqueja quando pressiono a ponta da adaga acima de seu mamilo esquerdo. — Vocês, do Norte, são doentes.

Um giro de meu pulso arranca um mamilo do peito. O Sifão grita.

Arranco o outro mamilo também. Depois deslizo o fio da lâmina lentamente do esterno até a base da garganta.

— Sua imunda amante de lobos — cospe o prisioneiro, desafiador mesmo tombando nas correntes. — Não sei nada sobre as crianças, e não diria mesmo que soubesse!

Algo dentro de mim finalmente se parte, as sombras no canto da visão pulsando num compasso insistente.

Saela se foi. Perdida. As outras crianças... não vou conseguir salvar. Essa *criatura* não vai me falar nada.

Fracassei.

A fúria assassina se aprofunda em algo mais escuro, mais abissal — feio demais para palavras. É como se as sombras me preenchessem, me consumissem. Um negrume atrás dos olhos, um abismo dentro de mim, apertando meus músculos até travarem.

Chega de perguntas. Chega de interrogatório.

Nada além de *ferir*. *Punir.*

Matar.

Volto à mesa e pego a serra de ossos — uma lâmina longa e estreita, com serrilhas finas afiadas até o fio de navalha.

O último uivo de dor e terror do Sifão é abruptamente cortado quando serro sua traqueia. Mas ele ainda está vivo, o sangue jorrando da jugular cortada enquanto forço a serra mais fundo, lutando para decapitá-lo mesmo quando a carne tenta cicatrizar ao redor da lâmina.

Quando os dentes da serra finalmente mordem músculo e tendão, atingindo o osso, os olhos dele ainda giram, a boca escancarada e cheia de sangue.

Uma parte distante de mim reconhece o horror do que estou fazendo. Não há mais propósito nesse suplício, nenhum objetivo além da dor e da vingança.

Nenhuma justiça além da morte.

Quando a cabeça se separa do corpo, os traços perfeitos permanecem intactos, os olhos abertos e acusadores.

O crânio despenca no chão com um baque, rolando alguns palmos, deixando atrás de si um rastro grosso de vermelho nas pedras imundas.

Fico de pé sobre o cadáver, respirando ofegante, pintada de sangue de Sifão da cabeça aos pés.

A aprovação de Anassa me envolve. Ela se *orgulha* da minha

brutalidade.

Tudo que eu sinto é vazio.

Mal me lembro da caminhada até minha tenda. Desabo no catre ainda com as roupas encharcadas de sangue e caio na mesma hora num sono intenso.

Horas depois, acordo com a luz mortiça da manhã e um tilintar suave. Meus sonhos foram repletos de sombras e sangue, e estou suando, a roupa úmida grudada na pele. Pisco algumas vezes, tentando afastar os pesadelos.

Stark está a poucos passos, arrumando sua agulha e vários frascos de tinta sobre a mesinha onde deixei minhas armas na noite anterior.

Há um movimento no canto da tenda, e semicerro os olhos para focar — as sombras estão se mexendo de novo? Mas, ao fixar o olhar, elas se aquietam, voltando ao normal. Ótimo, só mais uma alucinação.

Meu corpo protesta quando me ergo do catre estreito, os olhos ainda pesados. É cedo. Dormi apenas algumas horas.

— Hora de uma nova tatuagem? — grunho, rouca de sono.

— Dessas você pode sentir orgulho — diz ele, e indica a cadeira ao lado. — Marcas que nos lembram o que precisamos fazer para derrotar nosso inimigo. Para impedir que os sugadores de sangue destruam nosso mundo e tudo, e todos, que amamos.

Levantar é uma luta. Meu corpo inteiro está rígido, dolorido por causa da batalha e da exaustão.

— Tire a camisa — ordena ele quando me sento. — Começamos nos braços para as marcas de Sifão morto.

Um arrepio de desconforto se acende no meu estômago, mas não protesto. Apenas arranco a peça imunda. O tecido está duro, empedrado, e o fedor de sangue seco me acerta e me deixa enjoada.

Engulo em seco.

Stark desliza o olhar pelas bandagens no meu peito e puxa minha cadeira para mais perto. Pelo menos minhas roupas de baixo estão relativamente limpas.

Ele precisa se aproximar de um jeito desconcertante, a mão grande e quente firme no meu braço para estabilizá-lo contra a agulha.

Devo estar com um cheiro horrível. Cheiro de morte e batalha. Mas, se isso o incomoda, não demonstra.

O cheiro familiar de Stark me envolve quando a agulha rasga minha pele. A dor é um alívio depois das últimas 24 horas.

A pequena tenda está assustadoramente silenciosa. A maior parte do acampamento ainda dorme. A imobilidade da madrugada e o peso do interrogatório da noite passada nos envolvem como um cobertor, criando um ar de intimidade crua que acelera meu coração.

O toque de Stark é clínico enquanto trabalha, mas sei que ele sente a tensão no ar. Como não sentiria?

O que não sei é por que ela existe, ou o que fazer para dissipá-la.

Como se ouvisse meus pensamentos, Stark quebra o silêncio.

— Nunca vi ninguém interrogar com aquela intensidade — comenta ele. — Está claro que essa missão foi pessoal pra você.

A observação — e a ausência de reprovação na voz, depois do que me viu fazer — me pegam de surpresa.

Talvez seja a vulnerabilidade do momento, o ritmo hipnótico da agulha na minha pele, ou simplesmente a exaustão, mas me pego contando... tudo.

As palavras saem com uma intensidade contida.

Conto meus motivos para entrar no exército, minha missão de encontrar Saela, como achei que conseguiria encontrá-la se chegasse à frente de batalha e atravessasse a fronteira.

Então paro, tomada por uma sensação sufocante de derrota.

— Ela está desaparecida há três meses — falo, a voz arranhada e falhando um pouco. — *Três meses*, Stark. Fez onze anos há dois meses, em cativeiro. Se é que ainda está viva.

A agulha pausa contra minha pele. Pelo canto do olho, vejo a cabeça de Stark se erguer, o olhar deslizando para o meu rosto. Digo a mim mesma para não encarar. Sinto como se tivesse acabado de escancarar a porra da minha alma para ele, e não sei o que vou encontrar em seus olhos.

Mas, por algum motivo, não consigo impedir a cabeça de virar.

Nossos olhares se prendem um no outro. Os olhos dele são escuros, impenetráveis. Há algo ali, oculto por trás daquela estoicidade característica, mas não consigo decifrar.

— Achei que isso levaria a alguma coisa — continuo. — Que poderíamos encontrá-la no templo. Ou pelo menos conseguir pistas de onde procurar. Mas, em vez disso, torturei aquela *coisa* ontem à noite, agi como uma monstra, quase como se fosse uma deles... e, ainda assim, nada.

Continuamos nos encarando, e eu me afogo nos olhos dele, esperando que fale alguma coisa, que julgue se sou uma vilã pelo que fiz. Ele suspira, o ar quente contra meu braço.

— Não deixe isso te consumir, Meryn — comenta ele, a voz tensa. Sinto minha pele formigar. Acho que nunca o ouvi dizer meu nome antes. É sempre *princesa* ou *Cooper*. — Todos nós já tivemos que fazer coisas das quais não nos orgulhamos. Só se lembre do motivo pelo qual fez o que fez.

Quando ele finalmente desvia o olhar, percebo que minha garganta está queimando. Inspiro fundo, como se tivesse sido libertada de algum feitiço.

Stark termina minhas tatuagens sem que troquemos mais uma palavra. Mas continuo em carne viva. A sensação de intimidade paira no ar, deixando meus nervos em frangalhos.

Fazendo meu sangue pulsar nos ouvidos.

Quando ele finalmente se inclina para lamber as feridas nos meus braços, a onda de excitação que toma conta de mim é tão intensa que fico com o ar preso na garganta.

Um som escapa de mim, baixo e inconfundivelmente erótico.

Merda!

Os olhos de Stark se cravam nos meus. A fome neles rouba o ar dos meus pulmões, dispara adrenalina pelas minhas veias.

Sem desviar o olhar, ele baixa a cabeça e lambe as tatuagens frescas de novo, num movimento lento, deliberado.

Sem pensar, ergo a mão, os dedos se enredando no cabelo escuro dele. Não é um gesto suave. Estou com raiva, percebo. Ou talvez com medo, não sei.

Deve doer, mas ele não resiste. Apenas me encara em um desafio silencioso.

Por um instante, não sei se vou empurrá-lo para longe ou puxá-lo para mais perto. A vontade de esmagar minha boca contra a dele me atravessa como fogo.

Percebo, atônita que preciso de uma conexão. Contato físico, proximidade, consolo. Estou *faminta* por isso depois da violência emocional dos últimos dias — mesmo que seja *dele*.

Mesmo que seja na forma de... seja lá o que for essa merda.

Sinos de alerta disparam na minha cabeça. É Stark. Ele é um monstro, um tirano, um bruto. E eu estou, muito publicamente, em um relacionamento com Killian, que eu *amo*.

Mas a lógica não é páreo para a necessidade primal que sinto. Aperto ainda mais o cabelo de Stark. Ele abre mais a boca, mostra os dentes e morde minha pele.

O som — porra, o *gemido* — escapa de novo, e meus mamilos enrijecem.

Então ouço o estalar de botas do lado de fora, um instante antes de a aba da tenda se abrir. Eu me afasto dele num sobressalto quando Egith entra.

— Alfa Cooper — cumprimenta ela, o olhar saltando entre nós. — Alfa Stark.

— Relatório — rosna Stark, sem dar sinal algum do que acabou de acontecer.

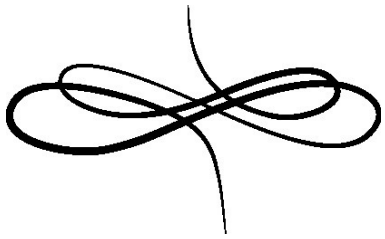
— Nenhuma novidade — responde ela, direta. — Só vim verificar Cooper. Vocês dois deveriam pegar a estrada se quiserem chegar em casa até amanhã à noite.

Assinto e me ergo, torcendo para não parecer tão trêmula quanto estou.

Egith comenta algo sobre os lobos estarem prontos. Stark se levanta para sair.

Não olho para ele. Seja lá o que foi aquilo, vou fazer o máximo para nunca mais pensar no que acabou de acontecer.

44



Dois dias depois, nos aproximamos das imediações de Tempesgelo no início da tarde.

Stark esteve calado durante toda a viagem, mas não é o silêncio de sempre. Está menos rabugento. Mantém uma distância respeitosa. Quando paramos em Linçal no caminho de volta, ficamos em dois quartos, em extremos opostos da estalagem. Ele se comporta como se nada tivesse mudado entre nós.

Repito a mim mesma que não mudou mesmo, mas soa como uma mentira. A culpa lateja na beira da minha mente sempre que penso em Killian.

Mas eu não cheguei a beijar Stark, lembro pela enésima vez. Foi só um pensamento, um impulso momentâneo movido pela necessidade de contato humano depois da brutalidade da guerra. Eu estava devastada por não termos encontrado minha irmã e desmoralizada pelas horas de tortura cruel, em vão. Estava vulnerável — e ele me *lambeu*.

Eu poderia ter sentido vontade de beijar praticamente qualquer pessoa naquele momento. Não precisava ser Stark.

Não significou nada.

Não tenho por que me sentir *culpada*.

Afundo mais as mãos no pelo de Anassa e deixo a cabeça pender contra o calor macio de seu pescoço. Pressiono o rosto ali no pelo dela, inalando fundo. O cheiro familiar dela me acalma, o ritmo

das patas enormes contra o chão me embala, desacelerando as batidas desordenadas do meu coração.

Só queria conseguir parar de ver aquele olhar dele quando me lambeu pela segunda vez. E depois, quando agarrei o cabelo dele...

E quando ele me mordeu...

Será que ele *queria* que eu o beijasse?

Não. Isso é loucura. Foi acaso. Um breve momento de insanidade. Provavelmente ele sentiu a mesma necessidade pós-batalha de conexão humana que eu. Retiro cada pensamento que já tive de querer que ele fosse mais gentil. Gostava mais de Stark quando ele queria me ver morta.

A diversão de Anassa reverbera pela nossa união. Ignoro, empurrando para longe todos os pensamentos sobre Stark.

Estamos quase em casa. Killian vai estar me esperando. Esse pensamento já eleva bastante meu ânimo.

Mas ele não é a única pessoa que, de repente, estou desesperada para ver.

Ao contornarmos a orla do Distrito Sul, viro-me para Stark.

— Podemos fazer uma parada rápida? — peço. — Quero atualizar minha mãe sobre Saela.

Sei que não há nenhum progresso real a relatar, mas quero que minha mãe saiba que continuo procurando. Que não estou desistindo.

Stark me lança um olhar apático.

— Tudo bem, mas seja breve. Imagino que não preciso lembrá-la de que o Rito de Concórdia é daqui a uma semana. Todos os outros Recém-unidos treinaram sem você nos últimos dias. Precisa recuperar o atraso.

Assinto, grata pela trégua. Não me sinto bem, depois de tudo que aconteceu nos últimos dias. Essa pessoa que monta um lobo-gigante até a frente de batalha, que tortura Sifões em busca de informações... Estou perdendo a noção de quem eu era antes.

A ideia de ver minha mãe, de abraçá-la...

Merda. Talvez isso seja menos para dar notícias a ela e mais por eu precisar me sentir humana de novo. Essa ânsia por contato físico ainda está ali, à espreita.

Quando chegamos ao Distrito Leste, porém, fico paralisada ao ver minha antiga casa. Todas as janelas estão escuras, fechadas com tábuas.

Eu sei antes mesmo de meus pés tocarem o chão — antes de arrombar a porta da frente e entrar correndo — que não há ninguém ali.

O lugar está escuro, frio. Completamente imóvel.

Stark me observa de cima das costas de Cratos quando saio da casa vazia, a testa franzida. Mas eu já estou correndo, disparando pela rua em direção à casa de Igor.

A porta rústica treme sob minhas batidas violentas. Sou recebida por Igor um instante depois.

Sua expressão é suave, sem a aspereza de sempre, revelando algo estranho. Não, não é isso. Não é estranho.

Já vi essa expressão antes. Na noite em que Saela foi levada.

O pânico se espalha da cabeça aos pés, quente e vertiginoso.

— Meryn — diz ele com gentileza. — Sinto muito.

— Não — sussurro, recuando como se pudesse me afastar da verdade hedionda estampada em seu rosto. — Não, não pode ser. *Onde ela está?*

Igor me puxa para dentro de casa, as mãos enrugadas pousadas com delicadeza em meus braços. No cômodo atrás dele, vejo Prina, sua figura rechonchuda envolta em um vestido desbotado, os olhos arregalados e cheios de lágrimas.

— Sua mãe teve outro surto — continua Igor em voz baixa. — Um grave. Não sabíamos... Ela estava indo tão bem até então.

Não.

Minha mente gira, procurando desesperadamente uma saída.

Uma fuga. Como se pudesse evitar a realidade ao me recusar a ouvir as palavras.

— Três dias atrás, ela vagou até a praça central e... teve algum tipo de desentendimento com os guardas — conta Igor, com calma, cada palavra pesada. — Eles... a contiveram. Usando a força.

— Para! — grito, imóvel no desespero da minha negação. — *Não!*

O rosto de Igor se desmancha em dor.

— Ela está morta, Meryn. Sinto muito. Eles a mataram.

Meus ouvidos começam a zunir. Igor continua falando — algo sobre o corpo levado ao necrotério, sobre ele e "Lee" cuidando dos preparativos para o funeral.

Mas não o ouço. Algo estranho está acontecendo. Uma pulsação horrível se acumula atrás dos meus olhos. As sombras agachadas por toda a casa de Igor começam a responder, pulsando como se tivessem vida.

Elas se aprofundam, se solidificam, contorcendo-se em uma vitalidade inexplicável.

Igor não parece notar. Seu rosto está carregado de preocupação. Ele estende a mão para mim, e eu cambaleio para trás, direto contra o corpo de Stark.

Eu me viro, envolta em uma névoa de dor que me despedaça, e vejo o Alfa Daemos preenchendo o batente da porta, os ombros quase tocando os dois lados. Sua aura me envolve como uma nuvem de tempestade, irradiando algo feroz e... quase *protetor*.

— O que está acontecendo aqui? — pergunta ele.

Igor repete o que me contou. Mal consigo ouvir, tentando não entrar em pânico enquanto as sombras pulsam ao nosso redor, como se fossem vivas.

— Enviei a notícia ao castelo no mesmo instante — diz Igor —, mas, pelo visto, a mensagem nunca chegou até você. Alguém respondeu dizendo que você tinha partido para a frente de batalha.

Balanço a cabeça, sem saber se ainda não assimilei o que

aconteceu ou se estou simplesmente me recusando a acreditar na verdade.

Eu não estava aqui. Ela precisou de mim, e eu não estava aqui.

Percebo à distância Stark exigindo detalhes sobre a morte da minha mãe, mas não consigo focar a conversa. Tudo em que consigo pensar é nela.

Ela sofreu? Ela soube que seria assassinada? Ela chamou por ajuda?

Ouço um som horrível e estrangulado escapar da minha garganta.

Se eu estivesse aqui... se estivesse mais perto... A impotência e a raiva ameaçam me afogar.

A tormenta de luto dentro de mim se contrai de repente em um único ponto de foco.

Killian.

Igor falou que ele estava ajudando nos preparativos do funeral. Killian sabe do que aconteceu. E ele me ama.

Killian vai saber o que fazer.

O mundo passa por mim em solavancos desconexos quando disparo porta afora e monto em Anassa sem falar uma palavra. Ela nem precisa de explicação — começa imediatamente a correr para o castelo. Minha dor e minha necessidade transbordam pela união, claras demais para exigir palavras.

Sombras se arrastam atrás de nós, dançando no rastro.

Fecho os olhos, me fundindo ao corpo de Anassa enquanto ela avança pelas ruas, desviando por um triz dos moradores. Ela toma uma das entradas destinadas aos Unidos, irrompendo nos corredores largos e me levando direto até a porta dele.

Killian está no escritório. Levanta-se de imediato quando entro.

Sua expressão é puro pesar. Viro o rosto, incapaz de suportar a dor dele somada à minha.

— Meryn... — diz Killian, com a voz suave. — Sinto muito.

Recebi a notícia sobre sua mãe ontem...

— Eu não estava aqui. — As palavras explodem de mim como um soluço. — Todas as vezes, todas as *malditas vezes* em que minha família precisa de proteção, eu não estou. É tudo culpa minha...

Killian envolve firmemente meu ombro com o braço, guiando-me até um pequeno sofá encostado na parede.

— Não — diz ele, sério. — Meryn, você não pode se culpar. Você sabe que eu sempre ia visitar sua mãe, levava comida e suprimentos. Vi sua mãe semana passada. Ela parecia um pouco desorientada, sim, mas não estava mal. Você não tinha como saber. *Ninguém* poderia prever isso.

Eu me abandono no círculo protetor dos braços de Killian, desesperada por aquele calor.

Desesperada por acreditar nele quando fala que não é tudo culpa minha.

Que não sou um fracasso completo, responsável pela morte ou pelo sequestro de todos os que mais amo neste mundo.

Sinto o gosto salgado nos lábios e percebo que lágrimas escorrem livremente pelo meu rosto. Killian me observa com os olhos cheios de compaixão. Um espasmo de irritação me percorre, e viro o rosto. Não quero a compaixão dele, nem de ninguém.

Não quando mereço sentir cada pedacinho desta dor.

Killian leva a mão ao meu queixo, forçando meu rosto de volta para ele.

— Olhe pra mim, Meryn. Isso não é sua culpa. Não tinha como prever que ela teria outro surto. E, pelo que ouvi, aconteceu rápido. Não tinha nada que você pudesse fazer, mesmo que estivesse aqui em Tempesgelo.

A voz dele é rouca de emoção, os olhos brilhantes, perfurando os meus.

— Mer... Se houvesse algo, qualquer coisa que alguém pudesse ter feito, você sabe que eu teria...

As palavras falham. A angústia genuína nos olhos dele me corta fundo, direto no coração.

É então que me atinge por inteiro. A perda. A *realidade* dela.

Saela nunca mais verá a mãe. Ela não estará lá quando eu finalmente trouxer minha irmã de volta. *Se* eu trouxer minha irmã de volta. Meus fracassos se acumulam, um em cima do outro. Minha família inteira... Não consegui protegê-las.

E agora ela se foi. Para sempre.

A presença de Killian me guia como um farol através da avalanche do meu desespero. Eu me desfaço contra ele, me enterrando em seu peito. O calor e a solidez do corpo dele contra o meu são o único ponto de quietude, de conforto.

Quando a tormenta dentro de mim finalmente se acalma, ele me entrega um lenço bordado a ouro e acaricia meu cabelo, passando o polegar pela minha bochecha para enxugar algumas lágrimas que escaparam.

Não consigo me obrigar a encará-lo, mas permaneço aninhada contra o peito dele, incapaz de abrir mão do consolo da sua proximidade. A mão dele se move do meu cabelo para minhas costas, ainda acariciando, os dedos firmes descrevendo círculos. O coração dele bate lento e constante sob meu ouvido.

Ele é o único, além de Igor, que esteve lá por mim e pela minha mãe. Fez tanto para nos proteger e cuidar de nós duas.

As sombras estão de volta, subindo lentamente pelas paredes do escritório de Killian, escurecendo o ambiente. Fecho os olhos para bloqueá-las.

Deusa, quase esqueci o quanto o luto é devastador. Como ele nos deixa debulhados e em carne viva, mas nunca entorpecidos. A dor é como uma ferida aberta — nenhuma bandagem cobre, nenhum escudo protege de verdade. A agonia pode diminuir com o tempo, mas nunca desaparece por completo.

E não é uma emoção única. O luto tem camadas e mais camadas:

tristeza, amargura, culpa, arrependimento...

Ao menos desta vez sou mais velha do que quando meu pai morreu. Não sou mais uma garotinha perdida, vagando pelas ruas na ânsia de descontar a tristeza brigando com cada moleque idiota que cruzava meu caminho.

Desta vez, preciso me manter firme. Não posso me perder na dor. Preciso me manter alerta, de olhos abertos.

Ainda estou aqui, neste mundo sanguinário, lutando para sobreviver.

E Saela ainda está lá fora.

Saela.

Ela é tudo que me resta. Eu *não* vou falhar com ela. Vou trazê-la para casa.

Descanso a cabeça no peito de Killian, exausta e trêmula, pensando nas próximas semanas.

O Rito de Concórdia se aproxima. O funeral terá que ser rápido, com todo o treinamento pelo qual ainda preciso passar para garantir minha sobrevivência por tempo suficiente para chegar até Saela.

Rápido e barato, penso, com um peso no peito. O treinamento Recém-unido não paga, e minha mãe não trabalhava havia anos. Com certeza não restou dinheiro algum guardado em nossa casa.

Igor e Killian podem ter começado os preparativos, mas esse é um fardo que eu devo carregar. Ela era minha mãe. É o mínimo que posso fazer por ela agora que se foi.

E Saela...

Merda. Quando a trouxer de volta, será para uma casa vazia e repleta de dor. Minha irmã já deve ter sofrido tantos horrores desde que foi levada, e agora será obrigada a lidar com mais um.

Novas lágrimas brotam quando o peso dessas duas perdas me cobre como um manto sufocante.

— Estou sozinha — sussurro, me afastando do abraço de Killian

e me pondo de pé. — Minha família inteira. Todos se foram. E Saela... se eu não a encontrar...

Killian se levanta também e segura minhas mãos entre as dele.

— Meryn. Você não está sozinha.

Levanto os olhos para ele através da névoa de lágrimas. As sombras se agitam atrás dele, zombeteiras.

— Mas a minha família...

— Me deixe ser sua família agora — diz ele, baixinho.

Dá um passo para trás e se ajoelha devagar diante de mim.

O mundo se estreita. O tempo desacelera.

— Killian? — Minha voz mal sai.

— Me deixe cuidar de você, agora e para sempre. — As palavras chegam como um sussurro que ecoa dentro de mim. — Você não precisa ser sempre a forte. Me deixe estar ao seu lado. Eu... — Ele pigarreia. — Eu ia fazer isso depois dos Ritos, Meryn, mas você precisa saber que não está sozinha neste mundo. Eu falei disso com a sua mãe, sabe.

Ofego, as lágrimas voltando com força.

— *Você não está sozinha* — rosna Anassa pela união. — *Você tem a mim*.

Não é a mesma coisa. Ela sabe disso.

— Ela me deu a bênção dela — continua Killian. — Me deixe ser forte por você, Meryn. Seja minha esposa. Case-se comigo.

Não consigo responder. Me falta ar nos pulmões.

Killian estende um bracelete de ouro que brilha como fogo vivo à luz das velas. É mil vezes mais luxuoso que o bracelete de prata simples que minha mãe usava, o que ganhou de seu noivo, ouro em filigrana envolvendo dezenas de pequenos diamantes negros. No centro há um rubi enorme, vermelho como sangue fresco.

Meu sangue pulsa alto nos ouvidos.

— Seja minha rainha — pede Killian, a voz suave. — Governe ao meu lado e me ajude a remodelar nosso mundo, Meryn. Juntos,

podemos torná-lo mais seguro para pessoas como sua mãe. Vamos trazer Saela de volta. Vamos consertar tudo.

Antes que eu consiga responder, Anassa envia mais uma onda de reprovação.

— *Meryn* — silva ela. — *Você não está em condições de tomar essa decisão.*

Mas nunca me senti tão lúcida. Este homem ajoelhado diante de mim é muito mais do que mereço. Eu, uma plebeia. Eu, que já não tenho mais família.

Eu, que me permiti ter pensamentos traiçoeiros com outro homem enquanto Killian estava *aqui*, cuidando da minha mãe, ajudando Igor com os preparativos. Sempre presente, sempre firme ao meu lado.

Passarei cada dia da minha vida tentando fazê-lo feliz, se ele me quiser.

— *Essa escolha não é sua, Anassa* — falo em pensamento, firme.

Neste momento, não me importo com política, nem com os obstáculos entre nós, nem com o que teremos que enfrentar para corrigir os erros do pai dele.

Tudo que quero é ele.

— Sim — falo, com um suspiro.

— Sim?

A voz de Killian treme, em um raro momento de vulnerabilidade. Sinto um aperto no coração.

— Sim!

Eu o puxo para mim, segurando seu rosto. Dor, surpresa, euforia e exaustão se fundem em uma necessidade única, por consolo, pelo beijo de Killian, por um único lugar neste mundo em que eu possa descansar, pertencer e não me sentir um fracasso constante.

Ele me beija de volta com a mesma urgência, as mãos grandes firmes em meu rosto, prendendo minha boca à dele.

— Aqui. — Killian se afasta o bastante para pegar minha mão. —

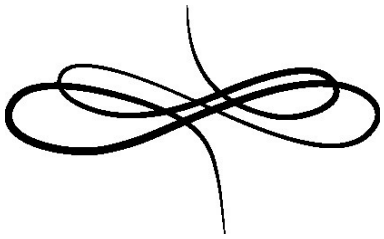
Quero ver este bracelete no seu pulso.

O bracelete é articulado, e ele o abre, depois o desliza pelo meu braço e volta a fechá-lo. A faixa de ouro repousa contra minha pele, quase como se apertasse meu pulso. Viro-o suavemente de um lado para o outro, admirando o jeito como a luz da vela cintila nas profundezas do rubi e reflete no negro cavernoso dos diamantes.

Serei a rainha de Killian, e nada nunca pareceu tão certo.

Finalmente, finalmente, as sombras desaparecem.

45



Minhas preocupações com o funeral da minha mãe acabam se mostrando infundadas. Killian cuida de tudo. Discutimos sobre o assunto rapidamente, mas ele insiste em pagar por tudo.

— Você é a futura rainha, gatinha — declara ele. — Sua mãe merece um enterro adequado, em um lugar de honra. E *você* merece poder visitá-la em algum lugar bonito e reconfortante.

É por isso que ele compra um lugar para ela no Jardim do Descanso Eterno, um cemitério mantido com todo o luxo, localizado no rico Distrito Norte, onde mesmo os jazigos menos disputados custam mais do que minha mãe ganhava em um ano. O local é administrado por uma pequena seita devota à Deusa Sem Rosto, e eles trouxeram hoje uma sacerdotisa para abençoar a cerimônia.

Minha mãe não era religiosa, mas acho que ela teria adorado isso.

O dia do funeral amanhece frio e claro, apenas dois dias depois do meu retorno da frente de batalha. O Jardim foi fechado para a cerimônia da minha mãe, e Killian não poupou despesas.

O jazigo que ele escolheu fica em uma colina gramada, protegida por uma enorme árvore de flores-da-lua, cujas agulhas verde-escuras pendem em belos cachos. A lápide é de mármore branco, gravada de forma simples, mas elegante, com o nome dela e as palavras AMADA MÃE, AMIGA e VIZINHA. O caixão de mogno polido já

está apoiado acima da sepultura aberta, decorado com um arranjo de rosas brancas perfumadas.

Cercas vivas bem cuidadas crescem por todo o Jardim, proporcionando privacidade entre os maiores jazigos familiares. Algumas delas até exibem flores resistentes que florescem no inverno. Há várias estufas na propriedade do Jardim onde flores são cultivadas, para que as famílias possam parar e colher flores frescas para depositar nos túmulos de seus entes queridos.

Tenho que admitir que, depois de ver este lugar, a ideia de enterrá-la nos lúgubres terrenos populares perto do nosso bairro que são destinados a enterros é... desagradável. É um consolo saber que minha mãe passará o resto dos dias aqui, nesta paisagem exuberante, onde o ar cheira a frescor em vez de fumaça e pobreza.

Killian está certo. Ela merece *mesmo* isso. E Saela gostaria de visitá-la aqui. Minha irmã sempre amou flores.

Ela também amaria esta cerimônia, apesar do choque desconfortável entre os meus dois mundos se encontrando. Todos que conhecemos do Distrito Leste estão aqui, vestidos com suas melhores roupas. Eles parecem simples e deslocados em meio a tanta opulência, mas ainda assim fico feliz que tenham vindo.

Eles se agrupam de um lado da sepultura — as mulheres da lavanderia, mais alguns vizinhos e amigos. Igor está à frente do grupo, surpreendentemente elegante em seu uniforme militar formal dos tempos de serviço. Ao seu lado está sua esposa, Prina, com um vestido novo.

Do outro lado estão Izabel, Venna, Tomison e Nevah, vestidos em trajes formais dos Unidos. Mal tive a chance de vê-los desde que voltei da frente de batalha.

Anassa também está aqui, esperando do lado de fora dos portões do Jardim com os outros lobos. Ela tem estado reservada comigo nos últimos dois dias. Não exatamente me excluindo, mas deixando claro que não gostou nem um pouquinho do meu

noivado.

Ainda assim, ela está ao meu lado neste momento tão importante, e sinto uma onda de carinho emanando dela através da união.

Killian permanece ao meu lado, vestido com um terno preto e bastante simples, o que não é comum. Ele ainda parece um príncipe, é claro, mas percebo que escolheu o traje com cuidado, para não chamar atenção indevida para si mesmo — um afastamento deliberado de seu status real, que mostra que está aqui apenas para me apoiar.

Sua consideração e sua sensibilidade em meio a tudo isso são tão tocantes que mal consigo expressar em palavras.

Pouco antes de a cerimônia começar, Anassa me alerta.

— *Mais chegando. Esperem para começar.*

Mais?

Então, no topo da colina, surge o restante dos Recém-unidos Estrategos, liderados pelo Gama Daegan. Ele está ofegante, o rosto corado — claramente correram para chegar a tempo. Arregalo os olhos, sem conseguir acreditar.

— Chegamos a tempo? — ele me pergunta ao se aproximar, sem fôlego. — Desculpe, a gente não sabia...

— Vocês não sabiam porque eu não contei — falo, o tom mais suave do que as palavras. — Por que...?

— Você é nossa Alfa — responde ele, como se fosse óbvio, depois se curva. — É claro que estaríamos ao seu lado neste momento. Assim que o Alfa Stark nos contou...

— Calma aí, Stark? — pergunto, num tom cortante.

Então o vejo, atrás do último dos Estrategos.

Stark está empertigado no topo da colina, sua presença sombria impregnando o ar límpido da manhã. Seus cabelos rebeldes se agitam com a brisa, e seus olhos encontram os meus, me prendendo no lugar. Ele inclina a cabeça em minha direção, e eu

me enrijeço, depois retribuo o gesto com um aceno, reconhecendo-o.

Eu o mantive fora de meus pensamentos nos últimos dois dias. O que aconteceu naquela tenda já não importa, ainda mais agora que estou noiva de outro homem. Mas, ainda assim, sinto um aperto no peito. É espantoso que ele tenha se preocupado em contar a eles. Por mais que eu odeie admitir, fico comovida por ele ter achado importante que estivessem todos aqui.

— Obrigada — falo para Daegan, e percebo que estou sendo honesta.

A alcateia veio me apoiar, e eu juro que, como Alfa, devolverei o cuidado com eles.

A cerimônia se inicia com o meu discurso fúnebre, que passei os últimos dois dias tentando escrever. Estive tão nervosa com isso, querendo honrar minha mãe. Mas, ao me aproximar para falar, fico surpresa ao perceber que a ansiedade se foi — levada pelo calor e apoio de todos os presentes.

— Minha mãe teve uma vida difícil — começo, minha voz clara e firme através do ar frio de inverno. — Mas isso nunca a tornou amarga. Ela criou duas filhas sozinha depois de perder o marido para a guerra. Aqueles que a conheciam bem sabem que ela também lutou contra uma doença debilitante... que enfrentou diariamente. E, ainda assim, mesmo em seus momentos mais sombrios, ela nunca deixou de amar as filhas.

Meus olhos encontram os de Igor, e ele assente, me encorajando. Levo a mão ao pescoço, brincando com a opala. Parecia certo estar com ela hoje.

— Ela nunca desistiu — continuo. — Nunca deixou de tentar ser a melhor versão de si mesma... a melhor mãe que poderia ser. Ela era bondosa. Compassiva. Compreensiva. Mesmo quando a vida era cruel com ela, como tantas vezes foi. Mesmo quando sua mente e seu corpo se voltavam contra ela.

Paro, a garganta apertada, vendo os muitos olhos marejados entre meus amigos, vizinhos e a alcateia.

— Estou tão feliz por todos vocês terem vindo para honrar a memória dela — acrescento, com um leve tremor na voz. — Ela ficaria contente e orgulhosa de saber o quanto vocês se importam. E sei que falo por todos nós quando digo que espero que, em seu descanso eterno, ela finalmente encontre a paz que mereceu em vida.

Um murmúrio de fungadas e um aplauso contido ecoam quando dou um passo para trás.

Killian sorri e segura minha mão quando volto para o lado dele, e uma mulher em vestes brancas impecáveis se aproxima do caixão.

A sacerdotisa da Deusa Sem Rosto inicia os ritos fúnebres religiosos com uma invocação poética, pedindo à deusa que conduza a alma da minha mãe ao além e proteja seu descanso eterno.

Observo, com os olhos turvos de lágrimas, o caixão ser baixado para a sepultura. A sacerdotisa espalha terra e ervas de bênção sobre o túmulo, invocando a deusa e nossos ancestrais para vigiarem e suavizarem a dor dos entes queridos.

É um contraste com o funeral de meu pai, uma lembrança que raramente revisito. Não tínhamos um corpo para enterrar. O pelotão dele havia sido atacado pelos Sifões, e ele e os outros soldados foram dilacerados. Tudo que conseguimos recuperar dele foi um dedo. Deram-lhe uma lápide sem distinção no cemitério dos soldados, marcando uma cova vazia.

Acrescento minha oração silenciosa às da sacerdotisa, perguntando-me se nossos ancestrais escutam. Se a Deusa Sem Rosto escuta.

Por favor, cuide de Saela. Mantenha minha irmã a salvo. Me ajude a trazê-la de volta para casa, como minha mãe queria.

Com isso, a cerimônia chega ao fim. A multidão começa a se dispersar, mas eu permaneço imóvel, incapaz de me afastar do túmulo.

Ao meu lado, Killian aperta minha mão.

— Vamos para a casa da sua mãe — murmura. — Há coisas que precisam ser resolvidas, e você não deveria fazer isso sozinha.

De volta ao bairro, a casa parece menor e mais vazia do que me lembrava.

E... mais escura.

Como uma lamparina sem pavio, que nunca mais será acesa.

Acho que nunca percebi quanta luz minha mãe trazia para o lugar. Era ela quem fazia daqui um lar, quem o enchia de vida mesmo nos piores momentos de sua doença.

Fico chorando no quarto vazio dela enquanto Killian está lá fora conversando com o senhorio sobre o aluguel atrasado.

Agora, tenho que separar todos os pertences dela. Tirar tudo daqui. Não voltarei mais a este lugar, e Saela também não. Em breve, alguma outra família assolada pela pobreza viverá aqui. Quando Saela voltar, teremos que criar um novo lar em outro lugar. Depois que eu me formar nos Ritos, terei uma casa na Cidade Unida.

Mas... até lá já posso ter me tornado rainha, por mais irreal que isso soe, mesmo dentro da minha cabeça. Vamos morar no castelo, imagino. Saela terá tudo de que sempre precisou e muito mais.

Isso deveria ser um sonho realizado, e ainda assim...

Meu coração está partido, sabendo que temos que deixar para trás este casebre miserável e todas as memórias nele.

Criaremos novas memórias, falo para mim mesma.

Mas não é a mesma coisa. Minha mãe não estará lá. A presença dela neste lugar é como uma marca, memórias gravadas em cada

tábua do chão, em cada móvel, em cada arranhão e cicatriz.

O castelo tem os próprios fantasmas — não há espaço para minha mãe.

Pelo menos tenho as coisas dela. Posso levar comigo alguns pequenos pedaços dela. Guardar alguns fragmentos de sua memória para compartilhar com Saela se — quando — eu trouxer minha irmã de volta.

Pego o cachecol favorito da minha mãe no armário. Foi um presente de nosso pai, ainda nos tempos de namoro. Está desbotado e gasto pelo tempo, mas o padrão de vinhas e rosas em lã ainda guarda um sopro do cheiro dela.

Por impulso, pego também um par de sapatos, com os saltos cuidadosamente polidos, que ela usava apenas em ocasiões muito especiais. Não vão servir em mim, mas talvez, quando Saela for mais velha...

E então me lembro da tábua solta no chão onde minha mãe escondia seus pertences mais preciosos, incluindo o colar de opala.

Lá dentro, encontro uma pilha de diários encadernados em couro, com páginas gastas de tanto serem manuseadas. Estão cheios de escritos e desenhos feitos com a letra elegante da minha mãe. Fico surpresa.

E, por um momento, empolgada com a descoberta.

Ela deve ter passado muitas horas preenchendo essas páginas, e ainda assim nunca a vi com os diários. Ter um registro dos pensamentos e sentimentos da minha mãe...

Mas, ao olhar mais de perto, percebo que estou segurando um registro de sua loucura.

Os desenhos são extraordinariamente detalhados e perturbadoramente repetitivos. A maioria retrata uma coroa em detalhes intrincados: dois lobos saltando um contra o outro sobre um delicado diadema cravejado de joias.

Entre os desenhos estão espalhadas anotações — referências a

alguém chamado “Lumina”, menções a “Noturn” e a palavra “Astreon”, que aparece com a mesma frequência que os desenhos da coroa. Como os nomes dos nossos dois países, mas errados.

Reconheço os nomes no mesmo instante. Minha mãe costumava murmurá-los com frequência durante as crises.

— Lumina — falo em voz alta, me perguntando de onde minha mãe tirou esse nome. Essas pessoas seriam apenas fruto da imaginação dela ou ela as conheceu há muito tempo?

— *Esconda os diários* — rosna Anassa de repente através da união, sua voz urgente e carregada de alerta.

Ao mesmo tempo, ouço o som pesado das botas de Killian no corredor.

Confusa, mas impelida pela intensidade de Anassa, enfio os diários na bolsa junto com o resto das coisas da minha mãe, bem no momento em que Killian entra no quarto.

— Ei — diz ele, com um sorriso suave. — Encontrou algo especial que queira guardar?

— Só algumas coisas — respondo, mantendo a voz firme enquanto meu coração bate forte por algum motivo que não consigo explicar.

Enfio a mão na bolsa, empurrando disfarçadamente os diários mais para o fundo enquanto mostro a ele o lenço e o sapato da minha mãe. Há também um frasco de perfume, com uma única gota de líquido âmbar ainda dentro.

— Ela costumava usar quando eu era pequena — explico, desviando a atenção dele da bolsa aberta. — Quando meu pai ainda estava vivo, ele comprava esse tipo de coisa de vez em quando. Pequenos luxos para fazê-la se sentir especial. — Sinto um nó na garganta. — Ainda tem o cheiro dela. Da mulher que ela era antes de morrer, quero dizer.

O rosto de Killian se suaviza com compaixão.

— Ele a amava de verdade.

Assinto, apertando forte o frasco.

— Me deixe ver. — Ele pega o frasco gentilmente dos meus dedos e o leva ao nariz. — Hum. Tem um cheiro bom. É de qualidade. Aposto que o perfumista do castelo conseguiria replicar essa fragrância.

— Sério? — solto, surpresa. — Vocês têm um *perfumista* designado no castelo?

Ele dá uma risadinha.

— Mas é claro. Não se pode esperar que o rei saia pela cidade toda vez que quiser experimentar uma nova fragrância, não é mesmo?

Rimos juntos, então a expressão de Killian fica séria.

— Quer outro frasco do perfume da sua mãe, Meryn?

As lágrimas fazem meus olhos arderem, os diários e o aviso de Anassa esquecidos por um instante.

— Quero — sussurro, erguendo-me na ponta dos pés para beijá-lo. — Quero muito.

Na mesma tarde, me despeço de Killian e sigo direto para o terraço favorito de Anassa com os diários na mão. Ela ergue a cabeça quando chego ao topo dos degraus e bato os diários no chão à sua frente.

— Muito bem, fale — ordeno. — O que você sabe sobre os diários da minha mãe e por quê, em nome da deusa, me fez escondê-los de Killian?

Anassa repousa majestosamente sobre as patas traseiras, sua forma imensa recortada contra a montanha e o céu que escurece além dela.

Pela nossa união vem sua resposta irritantemente enigmática:

— *Eu já falei tudo que podia.*

— *Você não me falou nada!* — exclamo.

Anassa pisca para mim em um silêncio impassível.

— Droga! Isso é importante, Anassa. Minha mãe acabou de *morrer*. E estes são os pensamentos dela, um registro da loucura, das ilusões, tudo no papel. Se você sabe alguma coisa, *preciso que me fale*!

— *O que eu poderia falar que já não está escrito aí, pela mão de sua mãe?* — retruca a loba, inabalável diante da minha angústia.

— Eu não sei! — grito. — É por isso que estou perguntando!

Como Anassa não responde, abro um dos diários e aponto para a imagem da coroa de lobos.

— Por que ela desenhou isso tantas vezes? Você sabe o que significa? E os nomes... Lumina, Noturn, Astreon... O que você sabe sobre isso?

Anassa nem olha para a página.

— *Talvez seja hora de você mesma começar a procurar respostas.*

A dor e a frustração me fazem andar de um lado para o outro, enfiando as mãos nos cabelos enquanto repasso os fatos na cabeça.

— As crises da minha mãe sempre giravam em torno desses nomes. Ela falava deles... falava *com* eles. Noturn e Astreon quase fazem sentido. Como se fossem personificações dos reinos de Noturna e Astreona. É um delírio básico. Mas Lumina... Nunca ouvi outra pessoa citar esse nome.

Eu me viro para ela de novo, os pensamentos disparados.

— E por que minha mãe melhorou de repente quando eu me tornei Unida? Ela estava mais lúcida nos últimos meses do que esteve em *anos*. Enquanto isso, eu comecei a ter pesadelos e alucinações. Nada disso faz *sentido*...

Paro, piscando para a loba em súbita compreensão.

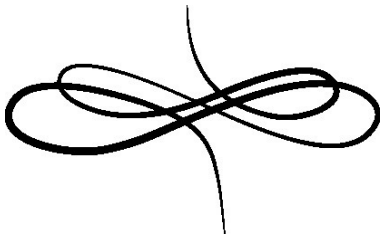
Talvez seja hora de você mesma começar a procurar respostas.

Ela falou algo parecido quando comecei a treinar com Stark e ele me mostrou a biblioteca dele. Ela queria que eu fizesse minha própria pesquisa na época, mas eu não dei ouvidos.

Tomada por uma determinação repentina, volto aos diários e os recolho do chão. Anassa me observa com o equivalente lupino de uma sobrancelha erguida.

— Tá bom — falo para a minha loba, deixando que a obstinação se sobreponha ao luto. — Se você não vai me dar respostas, eu sei onde encontrá-las.

46



Os corredores do castelo estão escuros quando vou para o escritório de Stark. Meus sentidos estão aguçados por causa da minha dissimulação. Não quero ser vista entrando sorrateiramente no espaço privado dele a essa hora da noite — por ele ou por qualquer outra pessoa.

Não porque seja proibido, ou sequer malvisto, mas porque uma intuição incômoda me indica que a informação que procuro é... perigosa.

Felizmente, depois de semanas percorrendo esse caminho duas vezes por dia para treinar, eu conheço cada tábua e sei quais rangem. Conheço cada sombra, cada canto escondido. Sempre que ouço passos ou vozes, desapareço de vista.

Os diários da minha mãe, escondidos debaixo da minha camisa, pesam contra a pele. Como um segredo terrível, sombrio.

O escritório de Stark parece vazio quando empurro a porta e espio lá dentro. Nenhum som. Apenas uma lamparina acesa, lançando a sala externa — que corresponde ao espaço de treino e à biblioteca — em sombras intensas, que oscilam. Ele deve estar em algum treino noturno ou em seus aposentos entre os Daemos. Não tenho muito tempo.

Entro, pego a lamparina do gancho ao lado da porta e vou direto para as estantes. Eu me sinto atraída por uma prateleira em particular, com uma certeza perturbadora. É aquela que tem os

livros antigos que tanto chamaram minha atenção antes.

Os abajures iluminam as lombadas cobertas de poeira, projetando um brilho laranja opaco.

Levo a mão a um livro em particular. É notavelmente mais velho que os outros, a lombada de couro rachada e gasta. Meu coração dispara quando o deslizo da prateleira. O volume grosso parece mais pesado do que deveria. As páginas ficaram amareladas pelo tempo, com as bordas começando a se desfazer.

Não tem título. Nem inscrição. Nada que indique seu conteúdo.

E ainda assim eu sei que é o livro certo, sem lógica ou razão.

O sangue lateja na minha cabeça enquanto abro a capa, dedos delicados sobre as páginas frágeis. Não há folha de rosto. Nem índice.

O primeiro capítulo se chama apenas "As rainhas Sturmfrost".

Percebo, ao correr os olhos pelas primeiras páginas, que ele conta a história de Noturna. Sturmfrost era o nome da família, e daí vem o nome da cidade, Tempesgelo. O livro não foi feito numa prensa móvel, como geralmente acontece. Suas páginas são *manuscritas*, cada uma preenchida de ponta a ponta em uma caligrafia cuidadosa e arredondada.

Devoro as páginas numa leitura apressada, absorvendo as informações apesar da dificuldade em compreendê-las.

As rainhas Sturmfrost foram as governantes originais de Noturna, segundo o livro. Uma longa linhagem matrilinear de guerreiras Unidas com poderes incríveis que reinaram por séculos. As datas listadas são muito anteriores à ascensão da linhagem do rei Cyril.

Balanço a cabeça em uma confusão silenciosa. *Isso é verdade?*

Até onde sei, Noturna sempre foi governada por um rei humano não Unido. Alguém deve ter governado antes, mas...

Percebo, franzindo a testa, que não sei nada da história para além dos últimos quinhentos anos. Nunca nos ensinaram isso na escola.

Nunca vi mencionado em nenhum livro de história.

Na verdade, nos ensinaram que Noturna como conhecemos não existia antes de o ancestral do rei Cyril assumir o trono. Foi *ele* quem moldou o reino de Noturna da forma como é hoje. *Ele* uniu humanos e lobos sob uma única coroa.

Sempre presumi que Noturna fosse apenas um amontoado de acampamentos humanos antes disso. Uma civilização dispersa lutando para sobreviver em um mundo selvagem e perigoso, povoado por predadores vorazes — lobos-gigantes e Sifões que nos caçavam como gado, ameaçando nossa existência.

Então, segundo as lendas, a Deusa Sem Rosto elevou os humanos para equilibrar o poder entre nós e nossos inimigos. Abençoou o ancestral do rei Cyril com a Espada Funesta, dando-lhe o poder de controlar os lobos, e a nós a capacidade de nos unirmos a eles.

Isso nos deu força para expulsar os Sifões de nossas terras, iniciando a guerra de séculos entre nosso reino e Astreona.

Mas, segundo este livro, nada disso é verdade. Noturna é *milênios* mais antiga do que nos contaram. E os lobos-gigantes eram parte central do reinado da linhagem Sturmfrost. Eles sempre foram nossos aliados.

Isso não pode ser real, penso, encarando a caligrafia estreita. *Tudo que nos ensinaram... não pode estar errado. Pode?*

Viro algumas páginas, correndo os olhos por nomes e histórias que nunca vi ou ouvi antes. Rainhas que governaram com lobos-gigantes ao lado, unindo humanos. Protegendo-os.

E então encontro os desenhos.

Meu coração vai parar na garganta.

Eu me viro e apoio o livro na mesinha ao lado da estante, puxando os diários da minha mãe. Não preciso comparar os desenhos para saber que são iguais, mas os coloco lado a lado mesmo assim.

É a coroa que minha mãe desenhou repetidas vezes — os dois

lobos saltando para um precioso rubi entre eles. Absolutamente idêntica.

É a coroa da linhagem Sturmfrost, forjada há milhares de anos e imbuída de magia poderosa.

Minha mente gira. Como minha mãe poderia saber disso? Onde ela teria visto algo assim?

— *Anassa?* — chamo, tentando tocar a união.

Ela permanece em silêncio. Se sabe algo a respeito disso, não vai me dar nem uma pista.

Viro a página, procurando uma explicação, qualquer coisa.

E encontro outro desenho.

A adrenalina invade minhas veias.

É uma ilustração da escultura que encontrei atrás da tapeçaria no corredor dos servos: uma rainha montada em seu lobo-gigante, usando a coroa Sturmfrost com os dois lobos.

Merda. Quase tinha me esquecido. Foi *ali* que eu tinha visto a coroa.

Mas como? *Por quê?* As perguntas explodem na minha mente de forma caótica.

Isso é... impossível.

E ainda assim...

Algo cutuca minha memória. A escultura, a ilustração, os desenhos da minha mãe... Não são o único lugar em que vi a coroa.

Quando percebo, é como se tivesse levado um golpe na cabeça.

A arena. Aquele brilho metálico no dreno, o formato.

Era a coroa.

Antes que eu consiga processar o que isso significa, ouço passos pesados se aproximando da porta, me arrancando de meus pensamentos.

Meu coração para.

Stark.

O impulso de esconder o livro é enorme, mas algo me diz que é

inútil. Esse não é um livro qualquer. Stark vai saber que mexi nele. Como se o conhecimento gravado na obra tivesse deixado uma marca indelével em mim.

Isso não faz sentido nenhum, penso, enfiando os diários da minha mãe de volta sob a camisa.

Mas também não faz sentido que eu soubesse exatamente qual livro deveria pegar. Que este volume, em particular, tenha chamado minha atenção. Ou que as ilustrações batessem com os desenhos da minha mãe, com as visões dela — e as minhas.

Nada disso faz sentido.

Atrás de mim, a porta range ao se abrir.

Com o coração pulsando na garganta, eu me viro.

É impossível decifrar a expressão de Stark, moldado pela luz amarela pesada da lamparina. Ele olha para o tomo envelhecido na minha mão. Depois, lentamente, seus olhos sobem para a pulseira de noivado apertada em meu pulso.

— O que é isso? — indago. — Isso é ficção? Uma história infantil? De onde veio?

Os olhos dele escurecem, o maxilar se contrai.

— Parabéns pelo noivado — responde, em vez disso. — Você será uma rainha incrível.

Quase atiro o livro na cabeça dele, mas me seguro a tempo.

— *O livro*, Stark — sibilo.

Stark dá de ombros. *Dá de ombros!*

— Não posso contar nada — responde ele, em um tom minuciosamente neutro.

A raiva explode na minha cabeça. As palavras saem da minha boca como um chicote:

— Por que não?

Ele não responde. Só fica ali parado, me encarando como se estivesse furioso comigo. Ele tira a mão da maçaneta, mas não entra no cômodo. Quase como se tivesse medo de chegar mais

perto.

Medo?, penso, atônita. *Stark?*

— *O que está acontecendo aqui?* — exijo de Anassa. — *Você sabe, não sabe? Isso é real?*

A cautela de Anassa escorre pela união. Há uma pausa. Quase consigo sentir que ela está calculando o que responder. O silêncio sobe pelo meu corpo como um presságio, sussurrando algo que não consigo decifrar.

A resposta vem no mesmo tom neutro e cuidadoso que Stark usou.

— *Também não posso contar nada.*

Eu pisco.

Também?

TAMBÉM?

Por que minha loba-gigante está conspirando com Stark?!

Os dois sabem mais do que falam. E, por algum motivo, concordaram que eu não posso saber o que estão escondendo sobre *minha* mãe. *Minhas* visões. Essa história, seja ela qual for.

Achei que estava perdendo a sanidade. E esse tempo todo... eles sabiam. Sabiam sobre este livro, sobre essas supostas rainhas Sturmfrost, sobre o que vi em alucinações.

A traição queima no meu peito.

Anassa é *minha* loba-gigante. Ela deveria ser minha aliada, minha protetora. Há quanto tempo vem guardando segredos de mim? Ela, que sempre me tratou tão mal quando sentiu que a afastei. Quanta coisa ela — ou *eles* — está escondendo de mim?

Minha mente se recusa a suportar o peso de tudo que descobri na última meia hora — e tudo que ainda não compreendo.

É demais para processar. As peças ainda não se conectam.

Mas vão se conectar.

Ergo o livro, olhando diretamente nos olhos de Stark. Minha voz sai áspera como lixa, cáustica.

— Vou levar isto.

Espero que ele proteste, que se recuse a deixar. Mas estou disposta a lutar com ele por isso.

O olhar dele passa do livro para o meu rosto, lendo a ameaça na minha postura. Numa voz carregada de um aviso que não consigo compreender, ele responde:

— Eu teria cuidado com isso.

Como é que é?

Meus olhos se semicerram.

— Se você está tão preocupado com o que eu vou fazer com este livro, então *me diga o que preciso saber*!

Algo cintila no rosto dele, rápido demais para entender. Ele balança a cabeça.

— Não posso. Mas... tenha cuidado.

— Vai se foder — rosno, passando por ele furiosa.

Enquanto me afasto dos aposentos de Stark, os pensamentos de Anassa roçam os meus com cuidado. O toque da mente dela é sem palavras, quase hesitante. Como se percebesse o quanto estou perto do limite... à beira de uma violência explosiva.

— *O que você vai fazer?* — pergunta ela.

— *Ah, agora você quer conversar?* — cuspo. — *Tarde demais. Deveria ter pensado nisso antes de esconder segredos, Anassa.*

Com isso, ergo a muralha de ferro entre nós.

Não posso confiar em Anassa. Isso está mais do que claro. O que mais ela pode estar escondendo? Durante os quatro meses em que estamos unidas, ela só me deu o que quis. Nem sequer me deixou uma pista sobre quem é o companheiro dela, por exemplo. Isso já deveria ter sido um sinal de alerta.

A traição dela é como uma queimadura de gelo. E Stark...

Recordo nossa viagem à frente de batalha. Os momentos em que ele demonstrou preocupação comigo. O desejo nos olhos dele quando me lambeu.

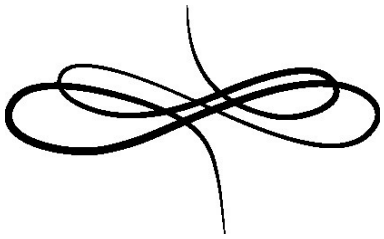
O desgraçado estava brincando com a minha cabeça o tempo todo, não estava?

Que se foda. Os dois que se fodam.

O que quer que esteja acontecendo aqui — seja lá como isso se liga às visões da minha mãe —, *eu vou* descobrir.

Com ou sem a ajuda deles.

47



O Rito de Concórdia é em três dias, e eu preciso estar alerta. Mas, em vez de treinar com meus companheiros de alcateia para garantir que minhas habilidades estejam tão aprimoradas quanto possível, estou sentada no meu quarto folheando um livro antigo sobre rainhas, magia e história.

Sinto uma ardência dentro de mim, uma ânsia para entender tudo isso. É um chamado. Um instinto. E, se Stark e Anassa vão continuar sendo inúteis como sempre, então sobra pra mim. Queria voltar para a arena, encontrar uma forma de desenterrar a coroa do chão, mas estou prestes a alegar algo bem traiçoeiro e preciso ter certeza de que compreendo o que estou falando antes de prosseguir.

Por um momento, pensei em pedir ajuda a Killian. Mas o que ele acharia disso, desse livro que apresenta uma história tão divergente da narrativa que a família dele insiste em defender? Será que ele teria a mesma vontade que eu de investigar mais a fundo? Ou descartaria a ideia sem pensar duas vezes?

Além disso, o aviso do Stark de que preciso "tomar cuidado" com esse livro não sai da minha cabeça, mesmo ele sendo um babaca.

Pensar nele me irrita. Estou fugindo do treinamento de Alfa com *aquele idiota* desde que brigamos dois dias atrás.

Estou prestes a mergulhar de volta no livro quando ouço alguém bater à porta.

Nervosa, enfio o livro debaixo do cobertor.

— Sim?

— Sou eu.

Reconheço a voz de Izabel.

Abro a porta e a recebo.

Ela passa os dedos pelos cabelos escuros ao entrar e me observa fechar a porta.

— Oi — falo, um pouco sem jeito.

Tirando o funeral da minha mãe, quase não a vi desde que voltei da frente de batalha. E o surgimento desse livro não ajudou em nada.

Izabel morde o lábio e fala:

— Eu só queria checar como você está. Ver se está bem, trancada aqui sozinha.

É como cutucar uma ferida aberta. Quando estou treinando ou pensando nesse maldito livro, é mais fácil fingir que nada mudou. Mas, quando ela pergunta diretamente como estou, sou levada de volta ao Jardim do Descanso Eterno, vendo o corpo da minha mãe desaparecer na terra.

Entorpecimento e luto se instalam em mim, mas respondo a verdade:

— Estou devastada. Ainda não consigo acreditar que ela se foi. É fraqueza admitir isso, sendo sua Alfa?

A mãe que conheci na infância já havia desaparecido anos atrás, mas a recente melhora no estado dela me nutriu de uma esperança boba. Talvez as coisas enfim melhorassem. Talvez Saela retornasse para uma mãe lúcida, plenamente capaz de cuidar dela.

É como uma ferida que não quer cicatrizar, e eu tenho feito de tudo para evitar encarar isso de perto.

Izabel balança a cabeça.

— Eu me preocuparia mais se você não estivesse assim. Mas só quero que se lembre de que a alcateia está aqui por você. Sentimos

sua falta. *Eu* sinto sua falta.

Ela olha de relance para a pulseira de noivado que brilha no meu pulso, mas não comenta nada. Tenho certeza de que deve estar morrendo de curiosidade, querendo saber o que aconteceu nos últimos dias, mas eu não estive por perto para que ela me perguntasse, e, por sorte, ela respeitou meu espaço.

Ainda assim, não posso mais esconder isso de Izabel. Não seria certo.

Estendo o pulso para que ela veja direito a faixa de ouro trabalhado, os diamantes negros cintilantes, o enorme rubi vermelho-sangue no centro.

— É uma pulseira de noivado. Killian me pediu em casamento antes do funeral e eu aceitei.

Há um breve instante de silêncio causado pelo choque, e em seguida Izabel me puxa para perto e solta um grito *estridente*. Gritando como uma menininha. É alto, agudo e maravilhoso.

— Eu *sabia*!

Então ela arfa e fica séria, se afastando de mim.

— Espera, tudo bem ficar feliz agora?

— Sim, Izabel. Pode ficar feliz, com toda a certeza.

Eu *preciso* da felicidade dela. É contagiante e linda.

E ela não decepciona. Começa a pular, agarra meu pulso e fica admirando a pulseira, soltando gritinhos de apreciação.

— Eu *nunca* vi nada assim, Meryn! Isso é dez vezes mais lindo que a pulseira que minha mãe usa. Ah! — Os olhos enormes dela se arregalam ainda mais, se é que isso é possível. — Acabei de me dar conta de que você vai ser rainha!

Rainha.

A palavra soa diferente quando sai da boca da minha amiga — como se fosse verdade, pela primeira vez. Sinto um arrepio. Meu rosto esquenta.

— É, acho que sim.

— Vamos ter uma rainha Unida! Uau. Isso pede uma celebração — anuncia Izabel.

A ideia de "comemorar" com os outros Recém-unidos me causa um leve enjoo. Com o Rito de Concórdia se aproximando, todo mundo tem agido como se fosse o fim dos tempos, e o clima na sala comunitária passou de uma festa constante com pessoas dando uns amassos aqui e ali para pura devassidão.

Sinceramente, me surpreende não ouvir gemidos daqui.

Izabel deve ter percebido meu desconforto, porque volta atrás.

— Ok, nada de *celebração* — corrige ela. — Que tal só um encontro casual com alguns amigos?

Solto o ar, aliviada.

— Isso eu topo.

Trinta minutos depois, estou entrando no calor agradável das cozinhas. O ambiente me causa estranhamento. Já ouvi dizer que Recém-unidos às vezes vêm aqui pegar comida fora do horário das refeições, mas eu nunca senti essa vontade. Não é como se a comida servida para nós não fosse abundante.

As cozinhas são enormes, com armários altos, bancadas, piso de pedra e um forno arqueado grande o bastante para nós cinco cabermos lá dentro. Há grades de metal acima do fogo para pendurar panelas e cantos separados perto das chamas para o pão crescer. O ar cheira aos feixes de ervas pendurados ao redor, especiarias deliciosamente picantes e o calor persistente do ensopado que comemos no jantar. A bancada está coberta de ingredientes organizados com perfeição.

Fico surpresa ao perceber que não há funcionários no local, o que parece suspeito até eu perceber que Tomison está aqui. Ele tem essa habilidade sobrenatural de convencer qualquer pessoa a fazer o que ele pede só com um sorriso. Sem dúvida foi ele quem garantiu nossa privacidade.

Nevah está sentada na bancada perto dele. Tomison fala alguma

coisa, e ela se estica no mesmo instante para pegar um ramo de ervas e bater bem na cara dele.

— Na cara não! — grita Tomison, erguendo os braços para se proteger. — Todo mundo *ama* esse rosto!

— Isso é o que você acha — retruca Izabel, quando nos aproximamos.

— Bom ver que você saiu da hibernação — comenta Nevah enquanto eu me apoio na bancada onde ela está sentada.

Ergo a sobrancelha.

— Eu te vi no treino agora há pouco.

— Isso é diferente — intervém Tomison, dando um tapinha no meu ombro.

— A despensa está cheia, Tomison — anuncia Venna, surgindo com os braços carregados de coisas: ovos, manteiga e uma tigela. — Mas não achei farinha.

Tomison se afasta na bancada.

— Eu sei onde fica — declara, e desaparece na despensa.

Nevah desliza na bancada e sorri, esticando o braço para pegar alguma coisa atrás de mim. Ela tira uma garrafa de brasavinho e a abre usando apenas o polegar.

— Vamos ficar bêbados — diz ela, e Venna solta um grito animado.

Nevah enche copos para todos nós, bem quando Tomison reaparece, segurando um saco de farinha. Izabel pega o saco das mãos dele e aponta para os ovos.

— Sua próxima tarefa.

De repente, tenho a sensação de que Izabel só o convidou hoje para poder mandar nele.

— Desde quando você manda em mim? — protesta ele, com um sorrisinho.

— Desde que estou fazendo um bolo para nossa amiga *em comum* — responde ela, segurando-o pelos ombros e o empurrando até a

bancada. — Vai, ao trabalho.

— Sim, senhora — responde ele, e pega o primeiro ovo.

— Nosso pai sempre fazia esse bolo quando a gente recebia boas notícias — explica Izabel, voltando-se para mim. — Achei que seria perfeito.

Não deveria me surpreender que Izabel, a perfeccionista, melhor aluna da turma, também goste da precisão de assar bolos.

— Obrigada — respondo, tocada pelo gesto.

— A não ser que *sua* família tivesse um bolo preferido? — sugere Venna.

Izabel aponta para ela.

— Isso aí. Posso fazer esse outro bolo, se quiser.

Ninguém no Distrito Leste jamais teria moedas sobrando para todos os ovos, manteiga e açúcar necessários para fazer um bolo. Mas não quero estragar o clima com conversa de pobreza, então respondo:

— Não. Eu adoraria experimentar o que é especial para a sua família.

— Você não vai se arrepender — garante Venna, dando uma cutucada no meu braço.

— Espera, o que estamos comemorando? — pergunta Tomison, olhando por cima do ombro enquanto continua a quebrar ovos.

Izabel solta um gemido.

— Como pode alguém ser tão lerdo?

— Grossa — retruca Tomison. — E como é que eu deveria saber algo que ninguém me contou?

Nevah agarra meu braço e o ergue, sacodindo para mostrar a pulseira de noivado, que brilha sob a luz.

— Caraca, Cooper! — exclama Tomison, largando os ovos e se virando para nós. Em seguida, segura meu pulso e examina a pulseira. — Você está noiva?

Meu rosto esquenta com a atenção. Acho que vou ter que me

acostumar com isso, por mais que torça para que a notícia se espalhe rápido e em silêncio.

— Parece que sim — respondo.

Ele ri e pega o copo de brasavinho que Nevah havia servido para ele.

— Bem, vamos fazer um brinde, então!

Todos nós damos um gole, mas Nevah vira o copo inteiro e o bate vazio na mesa. Ela já estava começando a enchê-lo de novo quando Izabel fala:

— Nada disso, você precisa trabalhar. Vocês três — aponta para mim, Venna e Nevah — vão buscar suprimentos para a cobertura.

Nevah e Tomison trocam olhares sofridos, e Nevah resmunga:

— Mais mandona que o Alfa Stark.

Izabel estala a língua.

— Temos horário, gente. O bolo vai pro forno em cinco minutos!

Eu sigo Nevah e Venna até a despensa, mas não me intrometo enquanto as duas procuram açúcar de confeiteiro e aromatizantes. Não faço ideia do que vai numa cobertura, muito menos onde encontrar cada item.

Quando saímos da despensa alguns minutos depois, Tomison e Izabel estão discutindo de brincadeira.

— Sério, trepem logo — diz Nevah para mim e Venna, as palavras já um pouco arrastadas.

Assistimos Tomison se inclinar demais para cima de Izabel, que o empurra com a mão coberta de farinha e uma careta de nojo para lá de fingida.

— Eca — resmunga Venna. — Ele é tipo um irmão irritante.

— Não pra ela — provoco, escondida atrás do copo.

Venna geme.

— Não quero pensar nisso. Nevah, me distraia.

— Pensei que você já tivesse distrações de sobra, sendo a famosa *Matadora de Criptos* — responde Nevah.

Venna fica corada na mesma hora.

— Não me chame assim. É ridículo.

— Matadora? — pergunto.

— Ela anda se divertindo com... — começa Nevah, mas Izabel se vira e balança um fouet na direção dela.

— Venna só gosta de se divertir! Não a importune — fala, piscando para a irmã gêmea.

Venna revira os olhos.

— Eu não pedi para ter um apelido.

Izabel apoia o fouet na mesa.

— Metade dos Recém-unidos *ama* Venna de paixão — provoca Izabel. — Mais da metade.

— E aquele papo de não me importunar? — protesta Venna.

— Somos parentes. É meu trabalho. — Ela aponta um dedo coberto de farinha para a gente. — Nenhuma de vocês tem esse direito. Sim, ela é linda, extraordinária e uma safada, mas também é...

— Ei! — protesta Venna. — Além disso, vocês duas não têm moral pra falar.

Nevah levanta as mãos.

— Não sei do que você está falando. Sou mulher de uma pessoa só.

— Ah, disso eu sei muito bem — comenta Venna, com malícia. — Você e Zadie sequer dormem nas *noitadas* de vocês? Porque olha, vou te contar, ninguém mais na Criptos pega no sono quando vocês estão lá.

Tomison se vira rápido, com um sorriso interessado.

— Interessante. Precisam de mais um integrante?

Izabel pega um punhado de farinha e atira no rosto dele.

— Não seja nojento.

Ele se engasga e limpa a farinha dos olhos.

— Por que estou aqui mesmo?

— Porque precisamos de alguém para encher a fôrma — responde Izabel, deslizando uma assadeira untada para ele.

Tomison geme, mas obedece, e em poucos minutos o bolo já está assando em uma das prateleiras do grande forno.

Izabel, Venna e Tomison começam a conversar sobre uma padaria de que todos eles gostam na Cidade Unida, e eu cutuco Nevah com o quadril.

— Fico feliz em saber que você está com alguém. Sei que as coisas foram... difíceis... depois da Ascensão.

Nevah assente e toma um gole enorme de brasavinho. Quando acho que ela não vai responder, ela fala, em voz baixa:

— Collin. O nome dele era Collin, o homem que eu amava. Foi ingênuo da nossa parte, acho, acreditar que nós dois conseguiríamos sobreviver. Estávamos juntos desde os dezesseis. Sempre planejamos nos unir juntos...

A voz dela se perde, e eu passo um braço ao seu redor.

— Obrigada — diz ela. Seus olhos estão úmidos e ela respira fundo, tentando recuperar a máscara de força. — Se vocês... todos vocês... não tivessem ficado do meu lado no Rito de Expurgo, não sei o que teria feito. Talvez eu tivesse deixado acontecer, pra falar a verdade. Mas ver que outras pessoas se importavam comigo, que me queriam viva, mesmo quando eu não...

Mordo o lábio, tentando segurar as lágrimas. Sei exatamente o que ela quer dizer. É a mesma sensação que tive quando Igor me tirou das ruas e começou a me treinar.

— Não precisa agradecer — respondo.

Antes que eu fale algo melancólico, Tomison sobe na bancada e fica de pé.

— Muito bem! — grita.

O brasavinho já está fazendo efeito, porque ele cambaleia um pouco antes de se firmar.

— Não pisa na farinha, idiota! — ralha Izabel.

— Um brinde! — anuncia ele, erguendo o copo. Venna e Nevah erguem os copos no mesmo instante. Izabel revira os olhos, mas acompanha. — À nossa futura rainha!

Meu rosto pega fogo na hora. Queria que fosse só o vinho, mas é pura vergonha.

— Por favor, pare — imploro.

— Tá certo. Foi mal — corrige ele. — Um brinde à nossa futura rainha, caso ela sobreviva ao Rito de Concórdia!

Nós caímos na gargalhada e brindamos. Não deveria ser engraçado, mas é. O peso sobre meus ombros fica mais leve quanto mais eu bebo, quanto mais risadas escuto e quanto mais algum amigo passa o braço em volta de mim ou me sussurra algo com um sorriso cúmplice.

Estamos nos divertindo tanto que esquecemos o bolo no forno... até começarmos a sentir o *cheiro*.

Venna arregala os olhos, e Izabel grita, desesperada.

— Não acredito que me esqueci de olhar o relógio! A culpa é toda *sua* — acusa, apontando para Tomison.

Ele ergue as mãos no ar.

— Como assim, é culpa minha?

— Você estava me distraindo! — grita ela, pegando as luvas de cozinha e arrancando a assadeira do forno.

Fumaça preta sobe do topo quando Izabel tira o bolo.

Está um desastre, todo queimado. Horrível, para ser sincera. O cheiro acre invade toda a cozinha e provoca mais uma rodada de risadas histéricas.

— Meu lindo bolo! — lamenta Izabel, enxugando as lágrimas de tanto rir. — Eu juro que sou boa nisso, a Venna pode confirmar.

Salvamos algo comestível do meio daquilo, comemos *montes* de bolo em vez de fatias e conversamos até que a hora avançada começa a nos arrastar para a exaustão.

Quando terminamos, Tomison e Izabel praticamente têm que

carregar Nevah para fora da cozinha, embora nenhum dos dois esteja em condições muito melhores.

— Meryn e eu limpamos tudo — oferece Venna. — Vão na frente. — Quando eles saem, ela se volta para mim. — Ótimo, estava querendo falar com você a noite toda.

O tom na voz dela me deixa sóbria na hora.

— Você tem alguma novidade?

Ela balança a cabeça.

— Infelizmente não. Estive investigando o que você pediu — fala, sinalizando "castelo" com as mãos só para garantir que os outros não vão ouvir. Engulo em seco e aceno. — Ainda não encontrei nada concreto.

A decepção me atravessa, e tento não deixar transparecer. Afinal, ela está me fazendo um favor.

— Mas eu tenho um pressentimento estranho — continua Venna. — Tenho certeza de que tem algo por aqui que estou deixando passar ou que ainda não encontrei. Que está fora do alcance.

Você não faz ideia, quero contar. *Se esse livro sobre as rainhas for real, tem algo muito estranho acontecendo.*

— Você pode continuar procurando? — peço, com gentileza. — Preciso saber se... — faço um sinal para "o rei". —... está tramando alguma coisa.

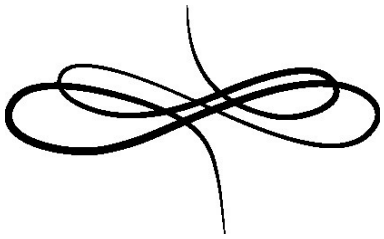
Venna assente e responde:

— É o plano. Vou te manter informada.

Espero que ela consiga agir rápido. Em poucos dias, os Ritos terão terminado e nós seremos enviados para a frente de batalha — os que não morrerem, pelo menos.

Nosso tempo está se esgotando.

48



Na manhã do Rito de Concórdia, a corneta ecoa pelo castelo antes do amanhecer, tão alta que o vaso na minha mesa de cabeceira chega a tremer um pouco.

Já estou desperta há horas, deitada no escuro, encarando o teto. Eu me sento devagar e esfrego os olhos, depois começo a vestir o uniforme mecanicamente, me preparando para o que está prestes a acontecer.

Nossos instrutores nos prepararam tanto quanto puderam para este momento, até mesmo Daegan, que melhorou muito como instrutor depois que eu falei para ele, diretamente, que não precisava olhar para mim em busca de orientação e que deveria assumir a autoridade durante todas as aulas. Hoje é a culminação do período de Provação, a nossa chance de mostrar aos instrutores, ao rei e aos nobres que somos capazes de trabalhar juntos entre alcateias.

É claro que, como todo Rito aqui, também é uma oportunidade para se derramar mais sangue. Cada alcateia avaliou as outras durante os últimos dois meses de treinamento conjunto. Hoje é a última chance de qualquer lobo-gigante ou cavaleiro eliminar um par que considere inadequado.

Amanhã, estaremos todos do mesmo lado, enfrentando o mesmo inimigo.

Quando chego à sala comunitária, os outros Recém-unidos já

estão reunidos, tomando café da manhã em um silêncio repleto de tensão. É como se estalactites de gelo pendessem de forma perigosa do teto e todos esperássemos que caíssem, nos perguntando quem seria o primeiro a ser atingido. Pego um pão e me sento ao lado de Izabel e Nevah, embora não consiga me forçar a comer.

Uma sombra paira sobre meu prato, e encontro os olhos escuros e duros de Jonah. Ele me encara com uma fúria latente. Desde que quebrou meu nariz e Stark o ameaçou, tem mantido distância, mas sinto sua atenção perversa sempre que estamos no mesmo cômodo. Hoje foi a vez que ele chegou mais perto de mim desde aquele dia no pátio.

— Algum problema? — pergunto, fazendo cara feia.

Ele sorri, e não há calor algum no sorriso.

— Boa sorte hoje, Cooper. Você pode ter aspirações sobre sua posição, mas lembre-se das minhas palavras: você vai morrer na sarjeta como a vadia plebeia que é.

Empurro meu prato para longe com um arquejo de indignação.

— Se está pensando em desafiar uma Alfa durante o Rito hoje, Jonah, você é muito mais burro do que eu imaginava, e, acredite, eu já não te dava muito crédito.

O sorriso dele se alarga ainda mais, mas não se reflete nos olhos desalmados.

— Eu jamais ousaria desafiar uma Alfa — responde ele com sarcasmo, falando mais alto para chamar a atenção dos outros Recém-unidos. — Só estou ressaltando que hoje é um ótimo dia para eliminar qualquer sangue plebeu inadequado.

Com isso, ele se afasta, mas já fez a cena que queria fazer. As pessoas estão cochichando. Desgraçado. Talvez alguém ache conveniente dar fim *nele* hoje.

O líder Aldrich surge na porta da sala comunitária, o rosto sério.

— Recém-unidos, em formação para seguir até a arena.

Estou entorpecida quando saímos em fila da sala comunitária

para os corredores, o que suponho ser melhor do que tremer ou estar prestes a vomitar.

Por entre as brechas da multidão, capto rostos conhecidos. O cabelo chique e inconfundível de Venna a destaca entre as fileiras das Criptos. Vindo da outra direção, vejo Henrey com o restante dos Filax.

O sol da manhã ainda não despontou sobre os muros do castelo. As primeiras luzes cobrem tudo com um tom acinzentado quando chegamos à arena. Apesar da hora, a arquibancada já está lotada com a multidão de sempre, nobres bem-vestidos que gritam e riem, embriagados com a expectativa. É um espetáculo que nenhum nobre perderia. Eles olham e apontam como se fôssemos animais em exibição.

Hoje, porém, juntam-se a eles Unidos vindos da cidade, além de familiares que estão de licença ou já se aposentaram das forças. Tanto os nobres quanto os Unidos assistirão a este último Rito e à cerimônia de formatura amanhã.

Os lobos já nos aguardam. Anassa ergue a cabeça e me olha nos olhos quando me aproximo dela. Paro ao seu lado e passo a mão por seu pelo, sentindo o poder de seus músculos sob os dedos.

A muralha de ferro entre nós se afina até quase desaparecer, translúcida e macia.

Tenho mantido a barreira erguida, e agora ela está tentando derrubá-la. Não estou pronta para perdoá-la. Não até que seja honesta comigo. Mas, se quisermos passar por isso, precisaremos de conexão total — sem hesitação, sem segredos. Unidade.

Meus olhos percorrem o chão da arena, seguindo os drenos até onde está a grade. Até onde, talvez, aquela coroa esteja. Não tive a chance de entrar aqui desde que encontrei o livro de Stark e estou ardendo de tanta curiosidade.

Mas hoje a grade está coberta. Um palco elevado foi erguido no centro da arena, onde o líder Aldrich está com os outros quatro

instrutores. Stark mantém os braços cruzados, e seu olhar está mais fulminante do que nunca, mesmo a essa hora da manhã.

A segunda corneta ecoa, sinalizando o início do Rito de Concórdia. Ergo os olhos justo quando o rei Cyril e Killian entram para se sentar no estrado habitual. Killian acena com a cabeça ao me ver. Eu retribuo, sentindo um calor no corpo.

Aldrich começa a falar num megafone, o som sendo carregado com nitidez por toda a arena.

— O Rito de hoje vai simular um ataque coordenado de Sifões ao castelo. Daemos farão o papel das forças inimigas, atacando de múltiplas posições. Filax devem manter nossas linhas defensivas. Criptos vão transmitir as informações cruciais. E Estrategos devem processar todas as informações recebidas e coordenar as forças em resposta em tempo real.

É para isso que temos treinado. O palco onde os instrutores estão servirá de castelo. O restante da arena, de campo de batalha. Teremos espaço de sobra para manobras, seja lá o que os Daemos decidirem fazer.

— Como seus instrutores já devem ter avisado, um passo em falso na estratégia, uma quebra no vínculo da alcateia, e as defesas desmoronam — continua Aldrich.

Arrepios de consciência percorrem minha mente. Anassa está alcançando os outros lobos, estabelecendo o primeiro contato, preparando-se para o fluxo de informações que precisará controlar.

Vamos liderar isso como o par Alfa. É um bom exercício para mim — será assim quando eu me juntar ao restante das forças Estrategos na frente de batalha.

Rajadas de informação começam a fluir de outros cavaleiros, através de seus lobos, de volta à minha união. Detalhes do terreno, possíveis movimentações de tropas, cenários táticos. Todos vibram com uma energia nervosa, embora algumas das emoções que capto pendam mais para a expectativa. Sou capaz de apostar que um

deles é Tomison.

Deveria ser avassalador, mas aos poucos fui me acostumando à expansão externa da mente, me moldando para permitir uma corrente mais larga. Mais informação, menos impacto doloroso. Tudo me atravessa mais rápido do que a mente humana é capaz de processar.

Não há pensamento. Só conhecimento.

— O Rito termina quando os Daemos romperem nossas defesas finais ou quando os Estrategos coordenarem uma vitória decisiva — continua Aldrich. — Mas lembrem-se: estamos testando mais do que a estratégia. Testamos a capacidade de pensar e agir como uma *única entidade*. Essa também é uma última chance para os lobos eliminarem possíveis fraquezas... nas próprias alcateias ou nas demais.

A mensagem é óbvia. Qualquer um pode morrer hoje.

A corneta soa novamente. E começamos.

Os lobos Daemos se dividem de imediato em formações de ataque, sem perder um segundo. Seus movimentos são precisos e ameaçadores, uma lâmina de pelagem escura cortando a arena aberta.

Não posso perder tempo. Não *há* tempo a ser perdido, dado a rapidez com que se movem.

Através da união da alcateia, sinto a mente dos meus companheiros analisando as manobras dos Daemos e elaborando possíveis contraestratégias, todas apresentadas para minha aprovação.

Sigo a divisão dos Daemos com o olhar, grupos de lobos se espalhando pela arena e depois retornando em nossa direção. A vontade de Anassa se crava em mim como se suas presas me arrastassem por um penhasco. É doloroso no começo, até eu perceber que ela me puxa na direção certa, e então deixo sua influência me guiar.

— *Fale* — ordena Anassa, sua intenção feroz evidente. — *Estrategos lideram, então você lidera.*

— Filax, formem uma linha defensiva! — grito sobre o trovejante avanço de um lobo Daemos.

Uma parede de pelo escuro desce sobre nós, e temos que enfrentá-la com toda a nossa força ou seremos esmagados. Minha mente está tão focada na batalha que a guinada repentina de Anassa sob mim não me surpreende. Meu corpo se move com o dela.

— Criptos! — prossigo. — Precisamos de olhos nos flancos!

As outras alcateias se movem para cumprir minhas ordens imediatamente.

O fluxo da união da alcateia cessa, como um mar tempestuoso que se torna calmo. Minha visão se amplia por milhas e milhas. A força plena da unidade de Estrategos se firma, e minha mente se estende, ligando-me a todos os integrantes da minha alcateia.

É como se dezenove raios de luz tivessem cruzado o campo de batalha, convergindo em minha mente, trazendo consigo o conhecimento instantâneo.

Izabel calcula vetores prováveis de ataque enquanto Tomison analisa vantagens do terreno. Nevah avalia os movimentos dos Filax para garantir que respondam à minha ordem com rapidez.

Então vem o impacto. A frente de batalha dos Daemos se choca contra a muralha dos Filax em uma explosão de pelos e presas. O som irrompe pela arena — gritos e espadas em choque, patas martelando o chão e os rosnados e latidos dos lobos.

A partir daí, começa o verdadeiro teste.

Eu sei onde todos os meus companheiros de alcateia estão. Consigo rastrear os movimentos dos Filax e dos Criptos conforme eles avançam e recuam para enfrentar os ataques dos Daemos. Sei quem está ferido, quem começa a se exaurir. Sinto os picos de intenção quando lobos se reposicionam dentro da nossa linha defensiva.

Os Daemos testam as defesas do leste, e todo o conhecimento de que preciso chega até mim no mesmo instante.

— *Sete atacantes* — projeto pela união. — *Eles vão investir contra nós, força bruta.*

Pela união, sinto Tomison calcular a fraqueza estrutural no padrão de ataque deles.

— *Um lobo Daemos está atrasado, o mais ao sul da linha. O ataque deles será fraco ali.*

— Lobos Filax, rotacionem a linha! — chama Izabel, percebendo que a frente já está cedendo sob o ataque dos Daemos.

O instinto estala dentro de mim. Vejo o que vai acontecer antes de qualquer outro.

Anos de lutas me ensinaram que, embora os movimentos do corpo de uma pessoa sejam importantes, você também precisa prestar atenção no olhar dela. As pessoas olham para onde vão atacar, mesmo quando os músculos apontam o contrário.

Um dos cavaleiros Daemos na frente leste olha para o norte, mesmo enquanto sua tropa de lobos lança o ataque. Estão fintando.

— *É uma distração* — falo pela união. — *A força principal deles está reunida para um ataque vindo do norte.*

Minha percepção percorre a alcateia como eletricidade saltando entre nós. A atenção se volta para o norte.

Onde Jonah lidera outro contingente de lobos Daemos.

Sinto um calafrio quando nossos olhares se cruzam. Ele sorri, e dessa vez o sorriso chega aos olhos, e a perversidade que eles refletem é tão grande que sinto dificuldade de respirar.

Então o lobo-gigante dele avança contra o par Filax à sua frente, e eu reconheço quem é.

Henrey.

Hoje é um ótimo dia para eliminar qualquer sangue plebeu inadequado.

Esse tempo todo eu me preocupei com o que Jonah faria comigo e não percebi. Ele não poderia ter sido mais claro. Não conseguiu

me atingir, então vai eliminar o único outro Recém-unido plebeu. E ele está atacando para matar.

— Não! — O grito explode da minha garganta, mas se perde no barulho das batalhas que se intensificam pela arena.

O enorme lobo-gigante negro de Jonah arranha o rosto do lobo castanho-claro de Henrey. O lobo uiva de dor e recua, mas Jonah não terminou. Ordena que seu lobo ataque de novo e, desta vez, ele crava uma dentada na pata dianteira do outro, rasgando a carne. De repente, quase toda a perna do lobo é uma ferida aberta.

O lobo-gigante de Henrey despenca para a frente, incapaz de se sustentar naquela pata, e um uivo lancinante reverbera pela arena. Mesmo em meio ao caos e ao barulho da batalha, é nítido como o dia.

O som corta o foco estratégico da minha alcateia como um machado rachando a madeira. Minha percepção do campo de batalha se fragmenta, a desorientação me atingindo pela primeira vez desde o início do confronto. Os Filax ao lado de Henrey também vacilam agora, com a atenção de seus cavaleiros dividida entre os Daemos atacantes e o companheiro de alcateia debilitado.

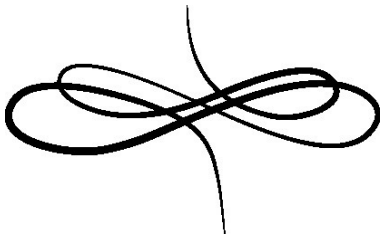
Um coro baixo de uivos ecoa dos lobos-gigantes, reagindo ao que está acontecendo com o par de Henrey. Dor. Confusão. Raiva.

Através da mente de Nevah, vejo o lobo de Henrey virar a cabeça imensa em direção ao cavaleiro, olhos selvagens de dor e fúria. A linha defensiva começa a se romper no mesmo instante.

— *Defesa do norte comprometida* — sibila a voz fria de Anassa. — *Ajustem a formação...*

Antes que ela termine o comando, o lobo de Henrey avança contra o próprio cavaleiro, mirando direto na garganta.

49



Recuperar o controle parece impossível. As muitas mentes conectadas à minha reagem com horror instintivo, e uma torrente de pensamentos me arrasta, como um rio de corredeiras impetuosas.

A linha defensiva do norte se rompe no instante em que o lobo de Henrey o ataca, a frente de batalha cedendo à pressão dos Daemos. Vislumbres da segunda linha de defesa dos Filax avançando chegam até mim pelo vínculo da alcateia, mas já não consigo distinguir os detalhes com clareza.

— *O que está acontecendo?* — pergunto a Anassa, horrorizada.

O lobo de Henrey não deveria machucá-lo, não neste último estágio do treinamento.

— *Às vezes, a dor extrema pode romper a união entre cavaleiro e lobo* — responde ela.

— *Mas por que o lobo de Henrey não está se curando?*

Ela solta um rosnado pesaroso.

— *A mordida atingiu uma artéria. Foi um golpe fatal. Nenhum lobo consegue curar algo tão grave. Até mesmo a nossa magia tem limites.*

Muitos de nós estamos focados demais no sangue. Henrey está no chão, com as mandíbulas enormes de seu lobo cravadas no braço direito e no peito. Ele é sacudido como um boneco de pano.

O sangue espirra pela terra revirada em um arco sangrento. Sangue demais. A coesão perfeita de um par Unido voltando-se

contra si mesmo, se despedaçando.

Mas eu tenho que resistir. Preciso, por mim. Por *todos nós*. Até por Henrey.

Eu volto a me centrar no fluxo turbulento de consciência e reúno novamente os estilhaços, tentando recompor as partes despedaçadas da nossa alcateia em coesão. Anassa ajuda. Sua influência autoritária, marcada por rosnados, percorre a mente de todos.

É um pesadelo tático. Meus companheiros se apressam em salvar o que resta da nossa estratégia, projetando baixas, analisando como essa brecha desastrosa em nossa defesa afetará toda a estrutura defensiva.

Algo se encaixa na minha mente. Uma *necessidade* diferente de qualquer outra que já senti, sustentada pelas emoções de inúmeros companheiros de alcateia.

Fechar a ferida. Reforçar nossas fileiras. *Proteger* minha alcateia.

As forças Daemos avançam para a brecha que Henrey e seus companheiros deveriam defender. Os outros Filax os enfrentam como podem, lobos batendo cabeças e lâminas se chocando. Minha alcateia processa as informações dos Criptos com sucesso, o que me alerta de que o reforço no norte começa a deixar o leste mais vulnerável.

Mas não temos escolha. No instante em que Henrey caiu, os Daemos ganharam território demais.

A urgência do comando estratégico queima em minhas veias, mas sob ela existe uma inquietação gélida. Ela se arrasta sobre mim, aguda o suficiente para gelar a conexão elétrica da união da alcateia. Tudo por causa de uma simples verdade.

Henrey vai morrer hoje.

Ao redor da arena, os lobos-gigantes ficam agitados. Uivos ecoam nas paredes de pedra. Os choques da frente de batalha se tornam mais violentos, abrindo cortes e arrancando peles. E eu não

consigo... desviar os olhos dele.

Ele ainda está vivo, ainda lutando contra o próprio lobo, mas ficando pálido, perdendo sangue demais. Seu rosto está contorcido em uma careta horrível, o braço livre empurrando o focinho do lobo como se pudesse se soltar. Mas já é impossível recuperar o braço direito.

Esse era o sonho de Henrey. Esperou a vida inteira para chegar até aqui, até esta arena, para participar desses Ritos e se tornar Unido. Ele chegou até a última tarefa.

E agora está sendo despedaçado pelo próprio sonho.

Alguns dos cavaleiros Filax ao redor de Henrey recuam. Um deles tenta desesperadamente permanecer montado enquanto seu lobo avança para rasgar o lobo Daemos à sua frente. A emoção exacerbada e a selvageria alimentam os lobos Daemos tanto quanto enfraquecem o resto de nós; é como se o cheiro combinado de sangue e medo os fortalecesse.

Ainda há um excesso de tensão na união da alcateia Estrategos, mas começamos a recuperar a clareza. Através dela, sei que o lado leste está com poucas defesas. E sei que o norte está prestes a ceder.

Se não agirmos agora mesmo, o Rito terminará em fracasso total.

Por entre o caos de pelos e medo, os olhos de Henrey encontram os meus, e seu olhar me congela no lugar — é de pura agonia misturada a um apelo desesperado.

Seus lábios formam um único pedido, claro mesmo do outro lado do campo. *Por favor.*

Meu coração se parte em dois, mesmo enquanto a mente estratégica de Anassa me entrega verdades pesadas e cruéis.

Primeiro: nossa linha defensiva não pode ser salva enquanto o lobo de Henrey estiver em fúria.

Segundo: o lobo dele *não* pode ser contido sem ser morto — o que também mataria Henrey.

E terceiro: uma morte rápida agora seria misericórdia, se comparada a ser despedaçado aos poucos.

Alguém precisa romper a formação para fazer isso. Alguém precisa sacrificar sua posição no arranjo estratégico para pôr fim a isso.

Tomo a decisão rapidamente. Eu sou a Alfa. Se alguém deve tomar decisões difíceis e se arriscar, sou eu. Anassa é rápida, e ela é impiedosa. E eu sou...

Amiga dele.

— *Mantenham a formação estratégica* — projeto através da união. — *Vou romper as fileiras.*

O reconhecimento coletivo da minha alcateia percorre meu corpo em um arrepio. Eles já estão recalculando minha ausência — quem compensará a lacuna deixada por meus olhos e minha mente? Deixo isso nas mãos deles.

Anassa e eu disparamos pelo campo, desviando de lâminas e presas, e vários lobos Criptos avançam comigo, mantendo os olhos sobre mim para comunicar meus movimentos. Meus companheiros fluem para dentro da brecha que deixei e se reconfiguram em torno das minhas ações.

Anassa se move com um propósito letal, levando-nos direto a Henrey. Um dos lobos Criptos ladra alto quando uma boca Daemos atravessa a barreira Filax para atacá-lo. Anassa não para.

— *Podemos nos aproximar pela frente?* — pergunto a Anassa.

— *Não seria seguro. Os instintos do lobo são imprevisíveis.*

Nos aproximamos por trás deles. Anassa para, dentes à mostra, suprimindo o rosnado para não alertar o lobo de Henrey de nossa presença.

De perto, a cena é ainda mais horrível. O lobo mantém Henrey preso, uma pata maciça em seu peito, garras cravadas na carne, dilacerando-o aos poucos. Os dentes do lobo estão na garganta, e jatos ocasionais de sangue espesso brotam das feridas abertas.

Há conflito nos olhos do lobo, no tremor de seu corpo maciço, na cauda encolhida entre as patas traseiras. Ele apenas mantém Henrey preso ali, como se lutasse contra os próprios instintos selvagens.

A frente de batalha Filax avança mais perto de nós. Consigo distinguir lampejos dos lobos Daemos conforme a linha enfraquece. Algumas patas correm na nossa direção enquanto nossas defesas ameaçam se dissolver. Não tenho tempo.

Escorrego das costas de Anassa e me aproximo de mansinho, o instinto animal rugindo dentro de mim ao me colocar voluntariamente ao alcance do lobo-gigante de Henrey. Desembainho a espada devagar, aproximando-me como Anassa sugeriu.

Através de nossa união, Anassa me informa o que já sei.

— *Isso vai te marcar.*

As palavras dela ecoam de forma estranha na minha mente, gravando-se mais fundo na alma a cada reverberação.

É outra verdade cruel. Porque não é uma questão de autodefesa ou de atacar um inimigo. Vou matar um amigo. Não posso negar nada disso. Não posso escapar. *Preciso* fazer, mesmo que isso me transforme para sempre.

Ao me aproximar, tomando cuidado para não alertar o lobo que se ergue à minha frente, os olhos de Henrey encontram os meus de novo. Ele está pálido como o céu de inverno, os olhos começando a ficar embaçados.

O sangue borbulha de seus lábios quando ele fala.

— Faça — diz ele, num engasgo.

Não hesito. Assim que chego perto o suficiente, avanço sob as patas dianteiras poderosas do lobo e deslizo de joelhos. Confiando no meu corpo como sempre confiei, torço o tronco e lanço o braço em um golpe rápido e mortal como o bote de uma cobra. O lobo não tem tempo de reagir.

Minha lâmina encontra seu destino, afundando entre as costelas de Henrey.

O corpo dele amolece de imediato, e a luz que restava em seus olhos se apaga. O lobo o solta com um uivo dilacerante, cheio de luto. O som parece o rompimento de uma alma, toda a dor e a tristeza do mundo condensadas em uma nota longa e assombrosa.

Então o lobo desaba no chão com um estrondo, caindo ao meu lado, a mandíbula frouxa e os olhos fixos à frente, sem vida. A união rompida o arrastou para a morte junto de Henrey.

Não posso ficar com ele. Obrigo-me a levantar e corro até Anassa, a espada ainda pingando com o sangue de Henrey. Ela vira a cabeça, inclinando-a para se encostar brevemente no meu ombro. Seu calor me ajuda a me centrar, a trazer minha mente de volta para a batalha.

Jonah. Onde está aquele desgraçado? Vou arrancar as tripas dele.

Anassa sente minha intenção.

— *Não* — fala. — *Você é maior do que uma vingança. Você é um Alfa, e sua alcateia precisa de você. Volte para eles. Lidere-os.*

Eu odeio isso, mas ela tem razão. Jonah não pode ser meu foco agora.

Subo com destreza pelo flanco de Anassa, retornando ao meu lugar. Ao nosso redor, o Rito continua. As forças Daemos ainda atacam. Os Filax trabalham para reconstruir a linha defensiva. Os Criptos se movem ágeis em meio à violência, colhendo informações.

Meus companheiros de alcateia me recebem de volta à formação sem esforço, percebendo meu retorno e ajustando seus lobos e suas mentes para reafirmar nossa estratégia inicial. Eu me sinto aliviada, mesmo em meio à dor e ao caos. Apesar do que acabou de acontecer, nossa unidade permanece intacta.

As horas restantes do Rito passam em um borrão de movimentos violentos e contragolpes. Eu me lanço no vínculo da alcateia com

fúria intensa, entregando-me por completo. Em meio a tudo, nossa consciência compartilhada transforma o caos do campo de batalha em ordem perfeita, cada alcateia respondendo à orientação dos Estrategos com precisão letal.

Se estou focada na frente de batalha, não tenho tempo de olhar para baixo e ver o sangue ainda grudado na pele.

Quando a corneta final soa, nossa vitória sobre os Daemos é quase... anticlimática.

Meus ouvidos estão zunindo. Respiro com dificuldade, ainda ouvindo o choque de lâminas enquanto Aldrich sobe ao estrado. O olhar dele percorre todos nós. O flanco de Anassa se ergue e se abaixa sob mim. Ela mantém a cabeça erguida, mesmo com a pelagem clara manchada de terra e sangue.

— O Rito de Concórdia está completo — anuncia Aldrich em voz alta pelo megafone.

Lobos se movem ao nosso redor. As mentes dos meus companheiros de alcateia ainda permanecem junto à minha, faíscas de consciência elétrica iluminando minha mente. Nevah encara o corpo de Henrey.

— Os Estrategos demonstraram coordenação estratégica excepcional, mesmo em crise. Os Filax mantiveram sua integridade defensiva apesar de perdas significativas. Os Daemos ofereceram um desafio digno. E os Criptos provaram que sua rede de inteligência continua inigualável — continua o líder.

Ele não fala nada sobre a morte de Henrey. E claro que não falaria, não é mesmo? Lobos morrem. Cavaleiros morrem. Seguimos em frente.

— Nenhuma alcateia rompeu sua união mental durante todo o Rito. Parabéns, Recém-unidos. Aqueles que sobreviveram se tornarão oficialmente Unidos na cerimônia de graduação amanhã.

Aqueles que sobreviveram.

Mesmo com essas palavras pairando sobre nós, há certo alívio no

ar. O anúncio de Aldrich espalha uma onda de excitação entre os Recém-unidos ao meu redor. Amanhã, nos juntaremos às fileiras de todos os seus familiares. Conseguimos. Sobrevivemos e agora vamos nos tornar membros oficiais de nossas alcateias.

Mas eu não consigo sentir a empolgação agora, não com o sangue ainda nas mãos.

Servos circulam entre os lobos, colocando o corpo destruído de Henrey em uma maca para carregá-lo.

Inclino-me sobre o dorso de Anassa, arrancada daquele momento pesado e desconcertante por uma cena estranha: os servos não estão levando o corpo de Henrey em direção aos portões do castelo, para a sala onde os corpos dos Recém-unidos falecidos são preparados para serem devolvidos às famílias. Em vez disso, seguem rumo a uma porta estranha, no lado oposto da arena.

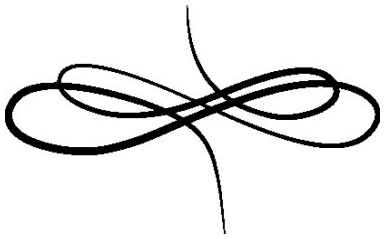
Eu observo fixamente enquanto os outros Recém-unidos ao meu redor começam a desmontar e ceder ao cansaço.

— *Anassa* — investigo, querendo saber se ela também acha isso estranho.

Ela não responde, mas está olhando na mesma direção. Escorrego de seu dorso, passando a mão por sua pelagem, e avanço para tentar enxergar melhor. Os servos abrem uma porta pesada, reforçada com ferro. O ambiente por trás dela é iluminado por uma tocha tremeluzente. Por um instante, vislumbro uma escada que desce. *Debaixo* da arena? Como o lugar onde a coroa pode estar enterrada.

Mas *por quê*?

50



A celebração na sala comunitária dos Recém-unidos hoje é fora do comum. Hoje, nós sobrevivemos. Amanhã, nos formaremos. Eu entendo isso, racionalmente — e não culpo ninguém por comemorar. Estamos vivos. Isso já *vale* uma celebração.

Mas nem todos podem dizer o mesmo, e sou capaz de jurar que ainda tenho sangue debaixo das unhas.

Cada gargalhada soa intrusiva. Cada sorriso, deslocado.

Estou inquieta, minha mente retorna sem parar a Henrey, então faço a única coisa possível: continuo avançando. Observo a multidão em festa e embriagada, e encontro Venna. Ela está encostada em outro Recém-unido Criptos — prestes a se tornar *Unido* —, bebendo um copo de brasavinho e observando os presentes com um sorriso sutil.

Vou até ela depressa. Venna arregala os olhos no mesmo instante e se afasta do outro Recém-unido.

— Podemos conversar? — pergunto, e em seguida sinalizo a pergunta com as mãos, por cima de uma explosão de aplausos embriagados.

Venna assente e enlaça o braço no meu. Uma onda de assobios se ergue ao nosso redor. Reviro os olhos. Claramente estão interpretando errado a situação. Mas não corrijo, porque, para ser sincera, acho que até prefiro que achem que Venna e eu estamos nos pegando.

Eu a levo até a antessala dos Estrategos. Não tem ninguém aqui agora. Ninguém ousaria perder a festa lá fora.

— Você viu o que aconteceu no Rito de Concórdia? — pergunto.

O olhar dela brilha, e sei que entende o que quero dizer.

— O que caralho tem embaixo da arena? — sibila ela.

O alívio é doce.

— *Obrigada*. Precisamos descobrir o que tem lá embaixo.

Venna se enche de algo que só pode ser orgulho.

— Você quer que eu...?

— Por favor — imploro, segurando seus ombros. — Descubra para onde levaram o corpo de Henrey. Mas também... — Hesito, sem saber se devo mencionar, e então decido que posso confiar em Venna para contar qualquer coisa. — Acho que tem algo enterrado no dreno no centro da arena.

— Tá... Isso é meio sinistro. Pode ser mais específica?

Posso? Ela acreditaria?

— Acho... acho que pode ser uma coroa. Não sei dizer o que ela está fazendo lá. Eu sei que parece loucura. Mas com certeza tem alguma coisa de metal escondida dentro do dreno.

Venna não pisca, não pergunta como sei disso. Apenas responde:

— Vou cuidar disso. Vou sair agora para investigar e te aviso se encontrar algo.

Ergo a sobrancelha.

— Tem certeza de que sua alcateia não vai sentir falta da Matadora de Criptos? — provoco.

Ela franze a testa.

— Não começa você também.

Dou risada e bato no braço dela antes que ela se vire e fuja da minha provocação. Assim que ela vai embora, o ar ao meu redor fica pesado de novo.

Não sinto a menor vontade de me juntar à festa de hoje, por isso viro as costas e caminho até meus aposentos. Assim que entro,

largo a jaqueta e me dirijo ao livro de Stark. Sempre comigo.

Pensar no livro me lembra de Anassa, e percebo que ainda consigo senti-la pela nossa conexão. Ergo a muralha de novo, reforçando-a. Hoje pode ter sido necessário trabalharmos juntas, mas me recuso a perdoá-la por completo — não até que comece a ser honesta comigo.

Eu me ajoelho no chão e pego o livro debaixo da cama. Já o encarei tantas vezes que juro que suas palavras estão gravadas nas minhas retinas. Mas talvez eu tenha deixado passar algo ali que pudesse me dar respostas sobre a arena. Há um trecho sobre a história do castelo, então...

Um rangido suave me assusta. Afasto a mão e me ergo de um salto. Quando me viro, Killian está saindo do meu guarda-roupa. Solto um suspiro de alívio.

— Você quase me matou de susto.

Killian sorri, mas o sorriso não se reflete no olhar.

— Vim ver como você estava depois de tudo que aconteceu hoje — comenta ele.

Preciso lutar contra o impulso de cutucar as unhas de novo, tentando tirar o sangue. *Será* que estou?

Dou um passo à frente e praticamente caio nos braços dele. Um nó se forma na minha garganta quando ele me segura, o abraço forte e firme. Estou tão, mas tão aliviada por *alguém* não estar ocupado demais celebrando a vida a ponto de ignorar o fedor metálico de morte que ainda paira no ar.

Quero sentir o gosto da preocupação dele na minha língua, engolir e deixar que me aqueça como brasavinho adocicado.

Ergo a cabeça e encaro seus olhos absurdamente azuis. Ele faz carícias suaves nas minhas costas e me observa.

— Você... — Minha voz se perde.

Quero perguntar para onde os criados levaram Henrey, mas acusar o pai dele sem provas parece perigoso demais. Killian só

pode me proteger até certo ponto.

— Eu — diz Killian, baixinho.

Ele ergue a mão e roça os nós dos dedos na minha bochecha. Puxa meu lábio inferior com o polegar, e é como se tivesse lançado um feitiço em mim.

Eu me ergo na ponta dos pés e o beijo. Com força. Eu me afasto para puxar o ar em uma respiração trêmula e, no segundo beijo, ele me encontra de boca aberta. Enlaço os braços ao redor do pescoço dele e o puxo contra mim, praticamente o devorando.

No começo, ele hesita. Talvez preocupado comigo. Ele me beija profundamente, mas continua tentando diminuir o ritmo. Eu gosto de todo esse cuidado, mas preciso de um pouco de dor se quero que isso se infiltre sob a pele e permaneça como uma tatuagem.

A hesitação dele some de repente quando solto um gemido necessitado.

— Porra, os sons que você faz — diz ele.

Então me puxa para si e nos gira, me empurrando contra a parede e se esfregando em mim.

Arquejo e seguro o ombro dele. A outra mão se embaraça em seu cabelo. Dessa vez ele me beija com brutalidade. Chega a deixar marcas.

— Gatinha — diz ele, ofegante. — Você...

— Mais — imploro. — Tudo. — Arranco a camisa dele e me atrapalho com o cinto.

Ele ergue minha perna até encaixá-la sobre o quadril dele e se afunda mais perto do meu calor. Consigo desabotoar o cinto, mas então ele se abaixa e começa a beijar meu pescoço. Fecho os olhos e me entrego à sensação.

Espero que ele consiga sentir a rapidez dos meus batimentos sob seus lábios.

— Deixa uma marca — sussurro.

E, no mesmo instante, ele crava os dentes na minha pele. Não

forte demais, mas o bastante para eu saber que vai durar. Geme e começo a puxar o cinto dele para fora dos passantes.

Então a porta se escancara.

— Meryn, você viu a Ven... AI! — Izabel guincha e cobre os olhos.

Killian e eu corremos para arrumar as roupas. Meu corpo inteiro é uma única labareda.

— Izabel, *bata antes*! — grito.

Killian tenta conter a risada, chega até a usar a mão para escondê-la, mas não consegue. Franzo a testa e dou um tapa nele.

— Não tem graça — protesto, mas a última palavra se despedaça em uma risadinha, o que só o faz rir ainda mais.

— Desculpa — diz Izabel, espiando por entre os dedos. — Seus peitos estão guardados?

Suspiro.

— Seus olhos estão a salvo.

Izabel abaixa a mão e faz uma mesura.

— Vossa alteza.

Killian ri de novo. Ele está com as mãos enfiadas nos bolsos, provavelmente para ajudar a esconder o quanto o deixei excitado.

— Não era minha intenção secar seus abdominais reais. Aconteceu — anuncia Izabel.

Cubro o rosto com a mão.

— Pela deusa, Iz...

Ela sorri e atravessa o quarto, estendendo a mão.

— Um prazer finalmente conhecer você. Bom, já nos vimos. Bom, meio que nos vimos. Eu vejo você por aí. No alto dos seus pedestais. Eu sou a Izabel.

Por um instante, me preocupo que Killian possa ficar irritado. Afinal, Izabel não só invadiu o quarto no meio do que a gente estava fazendo como agora está ignorando possíveis limites e presumindo que ele queira bater papo com o pau meio duro.

Mas ele tira a mão do bolso e a cumprimenta.

— Prazer em conhecê-la. Sei que você e a Meryn são próximas.

— Eu segurava o cabelo dela quando ela vomitava — conta Izabel como se fosse uma conquista. Não tenho coragem de dizer que não quero meu noivo pensando em mim vomitando. — Uau, você é mais bonito de perto. Sempre achei que parecia um pouco... tipo uma estátua? Mas te pegar com as calças abaixadas te deixa um pouco mais gente como a gente.

— Não estavam *abaixadas* — repreendo.

— Praticamente no tornozelo — comenta Killian, com um sorriso fácil.

Relaxo um pouco. Ele está lidando com isso melhor do que eu. Claro que está.

Respiro fundo para me recompor.

— Respondendo à sua pergunta, acho que Venna está ficando com alguém. Ele tinha cabelo escuro e sobrancelhas grossas. Melhor dar um tempo para ela — falo para Izabel.

É a descrição do cara com quem a vi aconchegada mais cedo, então espero que isso dê credibilidade à minha mentira.

Izabel franze a testa.

— Faz sentido. — Mas, ao que parece, ela resolveu ignorar a indireta de *dar um tempo para ela*, porque se vira para Killian e abre um sorriso. — Príncipe Killian, você já jogou Dez Lobos?

— Hã? Não, nunca ouvi falar — responde ele.

— É um jogo de bebida dos Unidos, e eles estão mandando bem numa rodada agora na sala comunitária. Você deveria vir jogar com a gente!

É aí que percebo que ela está meio alegrinha. Sempre foi boa em esconder isso — nunca tropeça nem cambaleia —, mas dá para ver que participou bem da festa hoje.

Killian ergue a sobrancelha e olha para mim. É uma pergunta clara: *tudo bem se eu for?*

Olho para Izabel, uma bola gigante de esperança ensolarada, e

dou de ombros. É meio estranho. Killian na sala comunitária, com todo mundo bebendo...

Mas, se ele vai ser meu marido, os outros Unidos vão precisar se acostumar com sua presença.

Izabel dá um grito para lá de agudo de alegria — os gritinhos são a prova real de sua bebedeira — e nos arrasta de volta para a festa. A atenção dela está quase toda em Killian, no entanto. Estou começando a suspeitar que ela tem toda a intenção de puxá-lo para dentro do grupo, dando ao meu futuro marido um lugar junto da alcateia.

Isso me faz amá-la um pouco mais, apesar de eu querer desesperadamente ficar sozinha com ele agora.

Alguns assobios e gritos ecoam quando Killian se aproxima da mesa. Os Recém-unidos ficam animados ao ver o príncipe deles. Eu paro para observá-los enquanto Izabel acomoda Killian à mesa. Ele me lança um olhar divertido que grita *socorro*, e eu retribuo com um sorriso, certa de que todo mundo vai ficar encantado com ele no mesmo instante.

Antes que eu possa me juntar a eles, uma voz grave e familiar percorre meu corpo. Meu corpo se enrijece quando o olhar queima minha pele. Nem preciso ver para saber quem é.

— Não tenho nada a dizer a você — falo para Stark, sem me virar.

— Então, quando é o casamento? Você sabe que vai ser enviada para a frente de batalha logo depois da cerimônia de formatura — diz ele.

Cruzo os braços e coço o cotovelo. Isso me ajuda a me concentrar em algo que não seja a energia dele ocupando o cômodo inteiro e engolindo o ar. Então me obrigo a virar e encará-lo, porque não quero que ele pense que sou covarde.

Alfas enfrentam seus problemas de frente.

— Ainda não começamos a planejar, e, na verdade, não é da sua

conta.

Ele está com a mesma cara fechada de sempre. As tatuagens parecem mais escuras na luz fraca. O cabelo também.

— Na verdade, a coroa é muito da minha conta, já que minha família é a protetora jurada dela — responde ele.

Porra. Que constatação sombria. Ele provavelmente vai se tornar o Alfa Soberano durante o reinado de Killian. Está basicamente destinado ao cargo.

O que significa que vou ter que lidar com ele *o tempo todo*.

Nunca vou ter uma vida sem olhares de desprezo e silhuetas dramáticas pairando sobre mim.

Percebo que deixei as palavras dele ecoarem por tempo demais quando o olhar dele vagueia. Ele franze a testa quando olha pro meu pescoço. *Ele está olhando para a marca que Killian deixou*, penso, e ergo ainda mais a cabeça. Não tenho vergonha.

Mas então ele solta, com uma dureza desnecessária:

— Você precisa da sua tatuagem para esta noite.

— Não quero você me tocando — retruco na hora.

Seus lábios se curvam.

— *Ótimo*. De acordo — rosna ele.

Ficamos nos encarando por um longo momento, e uma energia latente se acumula nos meus músculos. Estou pensando em dar um soco nele, de verdade.

Então ele se vira e fala:

— Gama Elinor.

Alguns Recém-unidos levantam a cabeça, meio bêbados, perturbados pela voz autoritária de Stark. Mas logo voltam aos seus assuntos. Arrasto meus olhos de Stark para Elinor, que afasta o longo cabelo preto do ombro e vem até nós.

— Olá, Alfa.

Inclino a cabeça em respeito, aliviada.

— Ela precisa da tatuagem — solta Stark, ríspido.

— Ah — diz Elinor, com um aceno. — Sente-se, então.

— Quantas dessas você já fez? — pergunto, e me movo para a cadeira mais próxima.

— Muitas, ao longo dos meus anos — responde ela com um suspiro, tirando a tinta e a agulha.

É preciso ressaltar que ela não comenta nada sobre o chupão no meu pescoço.

Seus anos. Elinor tem um ar jovial, mas ainda assim já está em algum ponto da meia-idade. Sua pele branca é quase toda lisa, salvo alguns leves sinais de envelhecimento. Fico me perguntando o que ela já viu na frente de batalha nas décadas em que esteve em serviço. Se estar aqui nos últimos quatro meses foi um bom descanso ou se sente falta da ação da batalha.

Minha esperança silenciosa de que Stark fosse embora se apaga quando ele continua pairando sobre nós, como um intruso.

A agulha entra na minha pele. Forço o corpo a permanecer relaxado, sem querer que ele veja minha dor. A mão de Elinor se move firme, desenhando uma linha horizontal através dos três pontos do desenho já existente, fechando o espaço que faltava.

A coleira está completa, penso.

— Pronto — anuncia Elinor.

Ela se endireita e se inclina para passar a língua na minha pele. É o cúmulo da falta de sensualidade, como ser lambida por um lagarto. O pensamento quase me faz rir, embora o próximo pensamento me deixe séria de novo.

Acho que não posso mais fingir que é só isso que aquece meu sangue quando é feito por Stark.

Quando Elinor se levanta para ir embora, me recuso a continuar pensando na maldita língua de Stark. Eu também me levanto e lanço um olhar fulminante para ele. Então me viro e vou até Killian.

Quando ele me vê, fica sério no mesmo instante e se levanta da

mesa.

— Ei! — protesta alguém.

— A rodada ainda não acabou.

— A gente tá no meio de um jogo, cara! — diz Izabel.

Killian força um sorriso educado para eles.

— Acho que vou me render. Se continuar assim, vou acabar perdendo todos os cofres da coroa.

Uma risada coletiva explode, e Killian se vira para mim, tomando meu cotovelo com delicadeza.

— Você parece chateada.

Os olhos dele disparam por sobre meu ombro. Stark ainda está lá, me encarando. Posso sentir a mordacidade dele. Os olhos de Killian escurecem.

— Ele é só um grande babaca — resmungo.

O polegar de Killian acaricia minha pele.

— Então vamos.

Assinto, aliviada.

— Por favor. Obrigada.

Ele me guia para fora do salão agitado e através da agradavelmente silenciosa antessala dos Estrategos. Depois abre a porta do meu quarto e me conduz para dentro, fechando-a com um toque e girando a chave.

Eu me viro para olhá-lo. Ele se recosta na porta, as mãos de volta aos bolsos, o cabelo um pouco mais bagunçado que o normal. Os olhos brilham na luz baixa.

— Por que você me beijou daquele jeito mais cedo? — pergunta ele de imediato.

Fico brevemente desorientada pela pergunta repentina.

— Não estava... óbvio? — respondo.

Ele sabe que não é bem uma resposta. O olhar dele me despedaça por dentro. Ele se aproxima devagar e ergue a mão. A ponta do dedo roça minha tatuagem recém-feita, e eu estremeço

pela ardência. Mas, junto da dor, vem um prazer inesperado.

— Você não me respondeu antes, então vou perguntar de novo. — Ele envolve meu pescoço num toque suave, cobrindo a tatuagem. — Você está bem?

A ansiedade pulsa junto do meu coração já acelerado. Não posso contar tudo para ele. Estou confusa demais. Sobrecarregada demais para distinguir quais passos são seguros e quais são armadilhas. Mas posso contar uma parte da verdade.

— Tem tanta coisa na minha cabeça. É... *barulhento*. Eu quero gritar, mas quando abro a boca, nenhum som sai. Estou presa. Algo está preso.

O olhar de Killian muda. Ele inclina a cabeça para baixo, mergulhando os olhos na sombra, uma nuvem de tempestade se juntando sobre o azul-oceano. A mão permanece no meu pescoço enquanto ele se aproxima. De repente, está totalmente dentro do meu espaço.

— Eu sei do que você precisa — anuncia ele.

Sua voz desce alguns tons. Os dedos roçam uma, duas vezes minha tatuagem, e eu estremeço, mas uma enxurrada de pensamentos doloridos invade minha mente.

— Me fale — peço.

As palavras saem como um sopro de ar.

— Sente-se — ordena ele.

Eu recuo devagar, sem tirar os olhos dele. A parte de trás dos meus joelhos encontra a beira da cama, e eu me sento. Ele se aproxima. A fivela do cinto se abre com um tilintar. Observo, corada, enquanto ele tira o cinto devagar. Quando o solta, enrola-o ao redor de um dos punhos.

— Contra a cabeceira.

Eu me acomodo até minhas costas baterem na cabeceira. Ele me segue, apoiando um joelho na cama e se inclinando sobre mim. Não me mexo quando ele estende a mão. Deixo que tome uma das

minhas mãos e a erga acima da minha cabeça. Depois faz o mesmo com a outra. Ele se move devagar, talvez esperando que eu proteste.

Mas eu não vou. Eu quero isso. Quero me libertar de tudo.

O couro do cinto desliza sobre minha pele. Meus mamilos endurecem sob as roupas, e arrepios percorrem meu corpo enquanto ele o prende. Apertado. Mais apertado. Tão apertado que a pulseira de noivado machuca a pele, e eu solto um grunhido.

— Assustada, gatinha?

Balanço a cabeça.

— Ótimo. — Ele se afasta, e eu deixo escapar um gemido de protesto. Mas ele não vai embora. Killian sorri com malícia enquanto começa a desamarrar minhas botas. Ele faz tudo devagar. — Você está quieta.

Percebo que é verdade. Não consegui falar uma única palavra desde que isso começou. E talvez eu queira assim. Talvez eu queira que ele me provoque e me obrigue.

— Vamos ver quanto tempo isso dura — acrescenta ele.

E, de repente, está sobre mim, quente e pesado. E a boca dele encontra a minha. Suspiro e me debato contra o cinto, desejando poder afundar os dedos em seus cabelos macios.

Desejando poder puxá-lo para mais perto e retomar nossa conexão brutal.

Mas Killian é quem está no controle agora.

— Tenho uma imagem. Na minha cabeça. — Ele começa a falar numa voz que é como seda. Está bem perto de mim, de modo que consigo sentir cada palavra na pele enquanto ele desabotoa minha camisa. — Você e eu estamos nela.

Ele abre minha camisa, e minha pele se arrepia com o frio e a súbita sensação de estar exposta e vulnerável. Só por um momento, porém, antes que suas mãos quentes percorram minhas costelas como fogo. Ele envolve meus seios e os aperta, pressionando os polegares contra meus mamilos. Eu me sobressalto.

Minhas pernas se abrem por instinto. Os olhos dele são fogo gelado.

— Nessa imagem, estou sentado no trono, a meio caminho de construir um mundo melhor. E você está lá comigo, sentada no meu colo.

Ele desliza minha calça para baixo e a joga de lado. Depois, seus dedos brincam nas bordas da minha calcinha, que já está encharcada.

— Há uma coroa brilhando no seu cabelo — ele me fala, e eu balanço a cabeça. — Seu lindo cabelo prateado...

Os dedos me pressionam através do tecido úmido, e deixo escapar um gemido involuntário. Tento abafar, mas os olhos dele encontram os meus, e sua respiração acelera.

— As coisas mudam na minha imaginação. Às vezes você está no próprio trono. Às vezes seu cabelo está solto, caindo por todo lado. Às vezes está preso, mostrando esse seu pescoço bonito. — Os dedos dele dançam sobre minha tatuagem, e eu me estico contra o cinto para buscar o toque. — Mas uma coisa é sempre a mesma. Todas as vezes.

O quê? Quero gritar. Meus quadris se erguem contra a mão dele.

Ele me concede uma breve onda de prazer antes de enfiar os dedos sob a calcinha e puxá-la, me deixando completamente nua, exceto pela camisa presa nos ombros.

— Todas as vezes — diz ele, afastando ainda mais minhas pernas. — Você está nua.

Eu gemo. Bastam essas duas palavras para me lançar em uma espiral de desejo. Ele percebe e me alimenta. Killian se inclina sobre mim e desliza um dedo pelas minhas dobras. Ele me penetra fundo, os dedos longos chegando mais longe do que os meus jamais alcançaram.

Depois, o polegar pressiona meu clitóris. E eu gemo de novo, as lágrimas se acumulando nos olhos. Meu corpo já pulsa de

necessidade. O som dos dedos dele é imundo de tão excitante.

— Assim mesmo. Nua e aberta no meu trono enquanto eu toco você. E seus gemidos ecoam pela sala do trono — diz ele bem no meu ouvido. — Você é minha rainha, Meryn — declara ele, ofegante. — Toda minha.

O pouco tempo que ele leva para arrancar a camisa dos ombros já me deixa exasperada. Eu contorço o corpo, tento puxá-lo com as pernas, fazendo de tudo para não implorar pelos dedos de volta.

Ele cai sobre mim, pressionando o peito contra o meu. Fico sem fôlego com o deslizar da pele quente dele na minha. Eu me arqueio contra ele, apertando meus seios em seu peito, de modo que sinto os pequenos picos de prazer que isso me causa.

— Quero ouvir sua voz agora — diz ele, ainda me conduzindo até o clímax.

Balanço a cabeça e mordo o lábio.

— Ainda sendo uma gatinha teimosa, então — provoca ele. Sua risada debochada me deixa louca. Ele me beija, arrancando mais um gemido meu. Agora estou me movendo totalmente no ritmo da mão dele. — Você me quer?

Assinto. Meu peito sobe e desce, meu interior se apertando mais e mais. É bom. É *tão*, *tão* bom.

E então Killian para. Ele se afasta, retirando a mão por completo. Eu estava prestes a gozar, e a sensação se esvai, voltando para os músculos, que não são saciados.

— *Killian* — imploro.

— Ela fala.

Ele ri.

Eu o vejo levar a mão, a que estava dentro de mim, à boca, sugando os próprios dedos. Ao assistir, meu tesão retorna com força total, latejando sob a superfície. Arrepios percorrem meu corpo inteiro, de um lado a outro. E fica ainda mais torturante, ainda mais perfeito.

Ele se recosta no colchão e se livra da calça. Minha boca se enche de água enquanto o observo acariciar lentamente o próprio pau, os olhos percorrendo meu corpo, parando nos meus seios antes de se fixarem entre minhas pernas, onde ainda estou aberta e molhada para ele.

Eu me contraio em torno do nada e gemo, quase choramingando.

— Quero ouvir você pedir, Meryn — diz ele, a voz rouca.

Puxo minhas mãos. Não sei se quero que elas se soltem para poder agarrá-lo ou se quero que continuem presas. Só sei que gosto desse delicioso jogo de empurra e puxa. Ele está prolongando o momento. Trazendo à tona as partes de mim que normalmente mantenho no escuro.

— Por favor — consigo falar.

Puxo as coxas mais perto do corpo, me abrindo, testando a vontade dele.

Mas ele só sorri.

— Por favor o quê?

— Killian, *por favor.*

— Fale, Meryn.

Deixo escapar um rosnado, quase sentindo-me estrangulada, e então cedo.

— *Por favor, me fode* — gemo.

É um lamento carente. E eu não dou a mínima. Não tenho medo de jogar essa parte minha desesperada nas mãos dele.

— Você é minha — diz ele, se aproximando.

— Sou sua — repito, submissa. — Sua.

— Minha rainha.

Killian me invade até o fundo. Grito com a sensação repentina de ser partida ao meio. A emoção jorra do meu peito, solta pela força daquele momento. As lágrimas escorrem pelo meu rosto enquanto as mãos dele se fecham com uma dureza punitiva em

minhas coxas e ele começa a estocar com força, o pau indo cada vez mais e mais fundo.

Mal tenho força para corresponder agora, mas tento. A necessidade crua me faz lutar para acompanhar o ritmo dele, empurrando-me para a frente para receber tudo que ele me dá.

Seguro o cinto e me ergo do colchão, usando as pernas para encontrar as estocadas dele. Killian rosna e se dobra sobre mim, mordendo o mesmo ponto no meu pescoço enquanto o movimento selvagem, quase violento, de seus quadris me esmaga contra a cabeceira.

Não consigo pensar. Tudo em que consigo me concentrar é na sensação, na onda de liberação que me atinge como uma droga, muito antes de o clímax chegar. Minha cabeça bate contra a madeira atrás de mim. Meus pulsos gritam em uma dor deliciosa. Minhas pernas estão tão abertas que os músculos protestam e se esticam.

E a visão do corpo de Killian se movendo sobre mim, músculos retesando, o suor brilhando no peito, é a coisa mais sexy que já vi.

Aquele olhar faminto e dominador nos olhos dele vai ser meu pelo resto da vida.

Continua até meu corpo inteiro pulsar com o ritmo bruto dos nossos movimentos. Gemidos escorrem da minha garganta. Ele continua me fodendo até o mundo inteiro começar a girar e ondular ao nosso redor, como se nossos corpos enviassem reverberações pelo ar.

Tento avisar que estou prestes a cair no abismo, mas as palavras não saem. Isso é aniquilação momentânea e total nas mãos dele.

Ele está exatamente onde preciso, a boca reivindicando a minha em um beijo vertiginoso e os dedos pressionando com firmeza meu clitóris. Sou impotente contra isso. Tudo se contrai.

Ele geme quando gozo em volta dele. Mas os dedos não param, me estimulando até ser demais.

E eu grito. Grito *alto*, o som agudo e tão carregado de prazer e liberação que mal consigo acreditar que saiu da minha garganta.

Estou tão perdida nisso que mal consigo prestar atenção ao clímax de Killian. Quero assistir, porque ele é sempre tão lindo quando se desfaz. Mas tudo em que realmente consigo focar é no latejar pulsante do pau dele e nas pequenas dores espalhadas pelo meu corpo. Eu me sinto *tomada* de um jeito indescritivelmente perfeito.

Ele geme em cima de mim, os quadris imóveis. Não se retira, porém, escolhendo permanecer perto enquanto meu corpo estremece em espasmos discretos. Ficamos assim por um tempo, meus pulsos ainda presos, a cabeça dele no meu ombro, nossos peitos arfando.

Em algum momento, ele se ergue nos braços fortes e encontra meus olhos.

— Colocou o grito para fora — diz ele.

Eu rio e percebo que ele tem razão. Estou tão leve. Tão aliviada. E talvez sejam só os sentimentos intensos do pós-sexo falando, mas não me importo agora. Ele estava *certo*. Era disso que eu precisava.

Ele grunhe ao sair de mim.

— Deixa eu dar um jeito nisso, gatinha.

Se eu fosse realmente uma gata de rua, teria começado a ronronar ali mesmo. Porque ele alcança minhas mãos, solta o cinto com delicadeza, leva meus pulsos vermelhos e inchados à boca e cobre a pele irritada de beijos suaves.

— Obrigada — falo, com um suspiro.

A resposta dele é tomar minha pulseira de noivado entre os dentes e morder, os olhos se erguendo para os meus. Eu sorrio e viro a mão para puxá-lo para mim. Ele permite, e me deixa beijá-lo também, suave e lento.

Ele só se afasta para buscar algo com que limpar nossos corpos, e então nos deitamos juntos para descansar. Minha mente está clara.

Sinto-me mais forte do que me senti em dias. Me enrosco ao lado dele e adormeço, grata por ter alguém que me entende do jeito que ele entende.

Acordo tarde da noite com uma batida suave à porta. Ergo a cabeça, ficando alerta no mesmo instante. Killian dorme profundamente, seu corpo nu brilhando ao luar que entra pela janela.

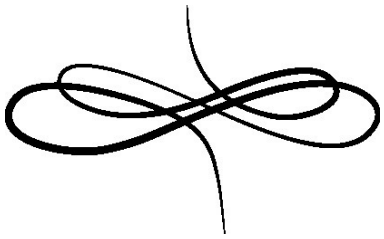
Permito-me hesitar apenas o suficiente para passar os dedos delicadamente pelos cabelos dele. Então salto da cama e visto minhas roupas às pressas. Abro a porta devagar, espiando ao redor.

Venna está ali, o rosto preocupado. Antes que ela fale, levo um dedo aos lábios para silenciá-la e lanço um olhar sério para trás de mim. Dou um passo para fora e fecho a porta com cuidado.

— O que foi? — sussurro.

— Eu encontrei uma coisa. Você precisa vir comigo. Agora.

51



Sigo Venna sem questionar, sem hesitar. A urgência em seus olhos se impregna me mim. Avançamos rápido pelos corredores do castelo, e me sinto mais aflita a cada passo.

— Venna, onde...

Ela solta um chiado curto e leva o dedo indicador aos lábios para me silenciar. Assinto para mostrar que entendi e faço o melhor que posso para abafar meus passos. É difícil, com o eco nos corredores e os tetos de pedra em abóbada. Venna se move quase sem fazer barulho — como os Criptos são treinados para fazer —, provocando um leve rangido de vez em quando ao empurrar uma porta ou um breve farfalhar de suas roupas.

Percebendo que estamos fazendo algo perigoso, abaixo parcialmente a muralha entre mim e Anassa de novo. Se algo der errado esta noite... ela precisa saber.

Tento prever a rota que seguimos pelo castelo, mas é impossível. Nos movemos em direções aleatórias, virando à direita três vezes, então voltando na direção contrária. Depois de um tempo, percebo o que está acontecendo. A urgência dela. A necessidade de silêncio. A rota indecifrável.

São os movimentos de uma presa, deliberadamente complexos para evitar ser capturada. Ela teme que alguém possa ter nos seguido. Nos visto. Há perigo aqui.

Minhas suspeitas se confirmam quando os corredores abertos da

parte baixa do castelo dão lugar a passagens de serviço. Preciso me abaixar sob as vergas das portas. As entradas e saídas são pequenas demais para a altura média de um Unido. Meu nervosismo se intensifica ainda mais quando dobramos repentinamente à esquerda e nos enfiamos em um túnel ainda mais estreito.

Esses túneis já não são nem passagens de serviço. Parecem de outra era.

Teias de aranha se acumulam nos cantos. As paredes são de pedra exposta, nuas, com uma pátina que revela séculos sem manutenção. Aqui embaixo não há nada além de mais túneis, tão escuros e estreitos quanto os anteriores. É sufocante.

Começo a suar, apesar do frio que aumenta.

Venna para numa bifurcação e toca meu braço de leve. Seus olhos encontram os meus para se certificar de que estou olhando, depois ela faz sinais com a mão. Fico olhando, tentando lembrar os que aprendi, mas não entendo o significado. Suspiro, frustrada, e ela leva o dedo aos lábios de novo.

Assinto. Preciso ficar em silêncio.

Os lábios de Venna se curvam num leve sorriso. Ela aponta para mim, depois para os próprios olhos, então para si mesma. *Observar*. Assinto, e ela pega meu pulso, puxando-me para a escuridão.

Observo-a com atenção, como me instruiu. Logo percebo que seus movimentos são intencionais. É o treinamento dos Criptos, imagino, guiando-a pelas sombras como se tivesse nascido delas.

Seus pés testam cada passo antes de apoiar o peso. Ela avança na ponta dos pés, desviando cuidadosamente de qualquer coisa que possa gerar o menor barulho. Quando o chão começa a denunciar a idade, indo de pedra lisa para rocha irregular e trincada, ela segue por um caminho muito específico, como se pudesse antecipar quais pedras estão soltas.

Algumas vezes, toca meu pulso e gesticula. Dois dedos de cada mão, em V, com os pulsos tocando. *Cuidado* é a mensagem.

Faço o possível para prestar atenção às instruções, mas minha mente divaga. Talvez seja o instinto que o treinamento de Estrategos me ensinou, mas não consigo parar de querer fazer perguntas. O que está enterrado aqui embaixo? Quem ou o quê exige tanto silêncio de nós, por medo de sermos descobertas?

Descemos por muitos andares do castelo desse jeito, mas a sensação claustrofóbica não diminui. Em certo ponto, apressamo-nos por um corredor estreito com janelas abertas na pedra. Do outro lado, juro ter tido um vislumbre da masmorra onde estive com Killian quando torturamos o Levador. Estamos bem fundo, então. Mas *continuamos* descendo, esgueirando-nos por escadas e descendo encostas longas e sufocantes de terra ou rocha solta.

Em algum momento, as paredes mudam de novo. Tudo muda.

O ar se torna gélido e pesado, o frio ardendo em meus pulmões e a falta de circulação me sufocando. Um gosto metálico estranho se forma na minha língua, ficando mais forte a cada respiração. As paredes choram umidade pelas fendas causadas pelo imenso peso da terra comprimindo os corredores.

Minha respiração se transforma em vapor diante dos olhos e arrepios cobrem minha pele.

Tudo isso é inquietante, mas são as emoções de Anassa que de fato me assustam. Ela está desconfortável. Se eu não a conhecesse tão bem, diria que está com medo.

Imaginar Anassa com medo é como imaginar uma montanha tremendo. Não parece certo.

E é essa sensação de erro que paira como névoa espessa nesses túneis. Há algo errado no ar aqui — não apenas o frio e a escuridão, mas um peso palpável que me pressiona de todos os lados.

Tento me convencer de que é apenas a claustrofobia de estar tão fundo no subsolo, mas a lógica não ajuda. O desconforto projetado por Anassa alimenta o meu, e fico terrivelmente em alerta.

A descida parece interminável. Venna nos conduz por um labirinto. Essa é a única palavra possível, como se alguém tivesse esculpido um quebra-cabeça para confundir deliberadamente quem tentasse chegar mais fundo. Venna vira três vezes à direita, e minha mente lógica insiste que isso deveria nos levar de volta ao ponto inicial. Mas, em vez disso, descemos ainda mais, novos corredores tortuosos se abrindo.

Passamos por várias portas e túneis laterais, que Venna ignora. Toco seu braço e aponto para uma das portas, erguendo as sobrancelhas. Ela balança a cabeça. Depois aponta para um dos túneis e ergue uma mão, guiando a outra até sua palma e parando bruscamente quando a ponta dos dedos toca a pele.

Só posso presumir que significa beco sem saída. Isso confirma minha teoria. É um verdadeiro labirinto, com voltas *feitas* para desorientar qualquer um que por acaso encontre esses caminhos.

Por fim, quando já estou quase enlouquecendo, chegamos ao que parece ser o fundo. No fim do túnel, há uma única porta com uma luz fraca emanando por trás. Quando Venna me leva até ela, não consigo evitar, solto um suspiro. Uma leve brisa agita meu cabelo diante dos olhos.

Há circulação de ar do outro lado.

Ela se vira para mim.

— Tem guardas — sussurra, quase inaudível. — Estão em rotação agora, mas só temos alguns minutos.

Assinto para mostrar que entendi, e Venna empurra a porta, revelando um corredor estreito.

A visão me desarma. Não se parece em nada com os túneis por onde passamos. Primeiro, é limpo e bem cuidado, iluminado por lamparinas a óleo que ardem de forma constante.

Mas também é esculpido em mármore branco liso, com veios dourados. O ar é fresco, sugerindo algum tipo de sistema de ventilação. Há também um calor persistente, emanando da pedra

para afastar o frio das profundezas.

Venna e eu caminhamos em silêncio pelo longo corredor, em direção a outra porta interna. Mais luz escapa dela.

Então, o som de vozes infantis.

Congelo no lugar. Fico paralisada, o coração disparado. Venna olha para trás e compreende minha reação. Ela assente uma vez. E eu entendo.

Nada poderia me deter neste momento. Corro e empurro a porta.

É tão claro e quente quanto o túnel que acabamos de atravessar, esculpido do mesmo mármore ofuscante. Lamparinas a óleo pendem do teto, lançando uma luz firme e acolhedora. Pisco, confusa. Apesar de toda a elegância, sei exatamente o que é.

Uma prisão.

Ao longo dos dois lados da sala se estendem fileiras iguais de celas. São pequenos nichos no mármore, cada um contendo móveis de verdade: camas com lençóis limpos, estantes cheias de livros, até pequenas escrivaninhas. O luxo poderia enganar os olhos, fazendo parecer um espaço inocente e confortável.

Se você ignorar as grades douradas que aprisionam crianças.

Dezenas de crianças permanecem atrás das grades, todas vestindo roupas idênticas em cinza. Parecem *assombradas*, abatidas e magras, como se estivessem definhando aqui embaixo. Dá para perceber que recebem comida, mas estão longe de estarem saudáveis. A pele, privada de sol, exibe uma palidez doentia.

Cada cela parece cuidadosamente controlada, com quatro ou cinco crianças. Os grupos são organizados mais ou menos pela idade, com os mais novos tendo no máximo cinco anos e os mais velhos talvez dez, doze.

Meus olhos se fixam imediatamente nas celas do fundo, onde estão os mais velhos. Corro até lá sem pensar nos passos que ecoam, desesperada, trêmula.

E então a vejo. Parte de mim não acredita que seja real.

Saela.

Por um instante, meu medo persistente me fala que isso pode ser outra alucinação. É quase preferível à ideia de que Saela esteve presa aqui, logo abaixo de mim, o *tempo todo* em que eu lutava para ir até ela.

Então percebo o que ela está fazendo. Saela está enroscada em um livro.

Seus cabelos escuros estão mais longos do que eu me lembrava, já passa dos ombros, e seu corpo está um pouco mais magro, mas ainda é Saela. Sempre com o nariz entre as páginas. A visão até poderia ser reconfortante, se não fosse *aqui*, neste lugar horrível.

A familiaridade de tudo me arranca do medo bem quando Saela parece sentir que está sendo observada. Ela ergue os olhos do livro e me encontra.

Por vários segundos longos, tudo que conseguimos fazer é nos encarar. O tempo se estica, as semanas e semanas de medo, dor e esperança estrangulando o ar nos meus pulmões. Cubro a boca com a mão e mal percebo que lágrimas quentes caem.

Então ela derruba o livro com um baque alto. Seus olhos se enchem de lágrimas.

— Meryn? — solta ela num chiado, a voz quebrada como um coração partido.

Isso me põe em movimento. Arfando em busca de ar, disparo até ela. As crianças ao redor gritam e correm até as grades para ver. Saela tropeça até os portões, soluçando, estendendo os braços trêmulos.

Eu me jogo contra as barras, enfiando os braços por elas, porque preciso *tocá-la*. Ela solta um gritinho agudo, choramingando quando eu a puxo o máximo possível para mim.

— Sae — soluço, acariciando sua cabeça.

Ela está quente sob minhas mãos, ao contrário dos meus

pesadelos.

— M-Meryn — diz ela, soluçando. Suas mãos se agarram à minha jaqueta como se tivesse medo de eu desaparecer, os nós dos dedos esbranquiçados. — S-Seu cabelo!

Solto uma risada embargada e aceno com a cabeça.

— *Seu* cabelo.

Ela chora e se agarra a mim. A urgência desesperada de seu toque me dilacera. Não posso deixá-la. Não vou.

— Estou com você — murmuro, acariciando seus cabelos. Ela se inclina, pressionando-se contra as grades para me alcançar. — Estou com você, Saela. Vai ficar tudo bem.

A respiração dela desacelera um pouco, mas ela não me solta. Eu queria poder arrancar essas malditas grades do chão. Arrancá-las de vez e abraçá-la direito, puxá-la inteira para os meus braços e fazê-la se sentir segura de novo.

Secar suas lágrimas. Ler para ela. Cobri-la para dormir.

Balanço a cabeça e me abaixo para beijar seus cabelos, desviando o olhar dela por um instante. As outras crianças em sua cela, e as que se aglomeram nas grades das demais, observam com fome nos olhos.

É a dor da inveja, percebo. Da solidão.

Não sei há quanto tempo estão aqui, mas ninguém tem cuidado delas como uma criança precisa ser cuidada. Ninguém esteve aqui para amá-las. Devem ter adormecido a cada noite ansiando por seus lares, suas famílias, pelo sol.

Uma tristeza profunda se assenta no meu coração como geada brilhante cobrindo a terra.

Vem de Anassa, percebo. Consigo sentir o olhar da minha loba se movendo sobre essas crianças perdidas. Vê-las a perturba profundamente, como a dor de uma memória esquecida há muito, mas a sensação permanece imaterial, vaga.

Saela recua um pouco em meus braços, o suficiente para erguer

os olhos cor de avelã, marejados.

— Não é o que você pensa, Meryn. É muito pior do que qualquer um imagina — sussurra.

Seus olhos correm pelo espaço como se temesse estar sendo observada. O aperto dela em mim se intensifica.

Ergo a mão para afastar seus cabelos do rosto.

— Agora só me importa que você esteja bem — respiro.

Saela balança a cabeça.

— Escuta. Por favor.

Assinto de forma brusca.

A voz dela fica mais baixa, como se estivesse sussurrando um segredo, enquanto as outras crianças se aproximam timidamente para ouvir.

— Os Levadores eram do jeito que as pessoas falavam. Eles entraram pela janela. Eu tentei lutar, mas eram dois. E-e...

Eu a tranquilizo, trêmula.

— Você foi corajosa, Sae.

O sorriso dela vacila, depois desaparece.

— Eles não me levaram pra fora da cidade. Os prédios ficaram maiores, não menores. Eles me trouxeram *pra cá*. Entregaram a gente para a guarda do rei. Eu reconheci as armaduras.

Fico boquiaberta. Sei que estamos debaixo do castelo, sei que essa explicação faz sentido, mas uma parte desesperada de mim ainda queria acreditar que haveria algum tipo de explicação que não significasse que eu teria *que matar* um rei pelo que ele fez com a minha irmã.

A fúria se acende dentro de mim, incandescente como uma arma na forja.

— Eles te machucaram? — rosno.

Para minha surpresa, o rosnado de Anassa acompanha o meu.

Saela balança a cabeça.

— Amarraram minhas mãos, mas estou bem.

— Você está, sim — falo, assentindo. — É mais forte do que qualquer pessoa que eu conheço.

Os dedos dela se entrelaçam com os meus.

— Fui trazida rápido. Estive contando os dias nesse livro. Faz quatro meses aqui. Acho. É difícil saber sem o sol, mas os guardas vêm num padrão.

Quatro *meses*. Ela esteve aqui o tempo todo. O tempo *todo*.

— Os guardas não são cruéis. Trazem comida todos os dias, roupas limpas e livros pra lermos. Mas não falam diretamente com a gente, nunca respondem a perguntas. Agem como se a gente não estivesse aqui. Ou como se a gente fosse...

Como se fossem animais a serem cuidados e ignorados.

— Sinto muito — sussurro, as lágrimas ameaçando cair de novo. — Estou procurando por você desde o começo. Desde o começo, Sae.

Ela sorri.

— Eu sabia. Desde o começo — sussurra ela de volta.

Solto o ar num suspiro trêmulo e aceno, inclinando-me para beijar sua testa.

— Foi por isso que marquei os dias. Pra te contar tudo, pra que você possa revidar — fala, com um leve orgulho nos olhos. — Eu sabia que você encontraria a gente aqui.

— Contra quem preciso revidar? Os guardas?

A expressão dela fica sombria. O medo brilha em seus olhos. Um medo que eu queria poder arrancar com as mãos e esmagar por ela, como ossos reduzidos a pó. Mas tudo que posso fazer é abraçá-la e prometer tudo que sou, tudo em que me tornei.

— Não os guardas. O rei — sussurra ela, a voz se partindo.

Aquele desgraçado. Eu vou acabar com ele, e vou saborear cada segundo.

Anassa rosna em aprovação na minha mente. Também quer provar do sangue dele.

Saela deve ver o lampejo da violência em meu olhar, porque arregala os olhos.

— Está tudo bem — falo, limpando sua bochecha com o polegar. — Você sabe que eu enfrento qualquer um. Até um rei.

— E-Ele vem a cada poucas semanas. Caminha entre as celas, analisando a gente. Manda os guardas anotarem coisas. Depois ele... *escolhe* um de nós. Às vezes dois.

— Pra quê? — pergunto, exasperada.

Ela balança a cabeça, os olhos marejando.

— Nunca mais os vemos, mas às vezes acho que consigo ouvir os gritos em algum lugar distante. E eu já fui ignorada *seis* vezes. Estou aqui há mais tempo. Ele vai me escolher na próxima. Eu sei. Meryn!

Ela solta um soluço horrível, cheio de dor, balançando a cabeça. Mas, quando um som vem de cima — talvez uma porta se abrindo ou um móvel sendo arrastado —, sua voz morre na hora. Ela prende a respiração, abafa o choro e enxuga as lágrimas.

As crianças se calam, encolhendo-se contra as paredes. O medo se espalha no ar, amargo e gélido.

Saela agarra minhas mãos com urgência.

— Ele vai escolher de novo em breve. Eu sinto. Por favor, não deixe que me leve — implora, choramingando.

Não vou. *Não vou.* Estratégias correm pela minha mente. Como tirá-la daqui. Como arrebentar as grades. Como evitar os guardas. Como escapar do castelo.

Mas a cada curva encontro impossibilidades. Estamos a centenas de metros sob a terra. Quanto tempo de verdade tenho antes que percebam a ausência dela? E eu poderia mesmo deixar *todas* essas outras crianças para trás?

Eu não... eu não...

Uma mão toca meu ombro, e eu estremeço.

Mas é Venna, os olhos faiscando em alerta.

— Nosso tempo está acabando — fala, recuando depois para me dar um momento com minha irmã.

Viro-me para Saela, segurando seu doce rosto. A verdade horrível se espalha como veneno em minhas veias, me enfraquecendo, apodrecendo meu coração. Não posso tirá-la daqui agora.

São crianças demais, guardas demais pelo castelo, e o risco de todos serem pegos é muito alto.

Mas deixar Saela aqui, sabendo que pode ser levada? Que pode ser ferida? É a mesma noite outra vez, tirando os olhos dela por um segundo e a perdendo no espaço de um único suspiro.

É a decisão inteligente. A decisão estratégica. Mas dói. Então faço o que sempre faço. Transformo a dor em força.

— Eu vou voltar, Saela — falo, firme.

O rosto dela se contrai.

— Meryn — implora.

— Eu *vou* tirar você daqui — insisto.

— Estou com medo — sussurra ela.

Eu a aperto contra mim para esconder as lágrimas. Ela precisa saber que serei forte por ela.

— Você confiou em mim até agora, não foi? Consegue aguentar isso só mais um pouco?

Ela me puxa ainda mais para perto, mas assente em silêncio, nos meus braços.

— Eu volto com ajuda, está bem? — Puxo o ar e me recomponho, me afastando para olhar em seus olhos. — Somos filhas da nossa mãe, certo? Somos fortes. Sempre.

Ela cerra a mandíbula e assente, fechando os punhos.

— Sim.

— Mantenha a cabeça baixa, certo? Não faça nada que chame a atenção do rei.

— Tá.

Venna toca meu ombro de leve de novo e lança um olhar para a porta. Assinto e volto a encarar Saela.

— Eu amo você — falo, recuando. — Com todas as minhas forças, Sae.

As mãos dela escorregam das minhas, mas ela assente, forçando uma expressão corajosa.

— Eu também te amo. E eu vou... vou te ver em breve.

Quando me viro para longe dela, mergulho em uma nevasca de dor e fúria. A porta se fechando entre nós é excruciante. Levo a mão ao peito, quase esperando sentir um jorro de sangue quente escorrendo.

Venna toca meu pulso com delicadeza, com lágrimas nos olhos, mas não encontro espaço para agradecê-la.

Não posso libertar Saela sozinha. Não do jeito que estou.

Felizmente, conheço alguém que pode. Alguém com verdadeira autoridade. Alguém que pode ordenar oficialmente a abertura dessas masmorras e a libertação das crianças.

Alguém que me *ama*, que faria qualquer coisa para ajudar Saela. Que sempre fez.

Pela nossa união, a mente de Anassa dispara um aviso imediato, agudo, como uma agulha cravando em meu cérebro.

— *Você não pode envolver mais ninguém* — recomenda ela, a voz tensa.

Eu a empurro de volta, enfrentando sua resistência nervosa e erguendo de novo a muralha entre nós, reforçando-a. Ela me escondeu *tanta coisa*. Desde o momento em que nos unimos, ela nunca me contou a verdade.

Escondeu a própria voz de mim, me afastou, ocultou a identidade do par dela. Anassa sabe mais sobre aquele livro do que revela, e sabe como minhas visões estão conectadas, mas decidiu esconder a verdade em vez de me ajudar.

Nunca consegui afastar a sensação latente de que ela tem todas

as respostas de que eu precisaria, mas se recusa a me contar. Por quê, se foi ela quem forçou essa união entre nós desde o início? Não sei.

Mas já não vou mais fingir que confio nela.

Tem outra pessoa em quem *confio*, que sempre me colocou em primeiro lugar. Que cuida de mim. Que entende minha dor e trata minhas feridas. Que me conta tudo que sabe. Killian ficou horrorizado com os Levadores. Trouxe um deles até mim e me ajudou a torturá-lo por informações. Já falou tantas vezes de sua suspeita do pai e de seu desejo de mudar o reino.

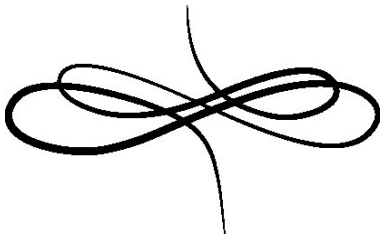
Eu *vejo* o brilho em seus olhos quando fala sobre o futuro, sobre o mundo que sonha em construir. Comigo.

Ele ficará ainda mais furioso do que eu ao saber das ações do pai. Traído pelo próprio sangue.

Killian vai ajudar. Sempre ajudou, sempre vai ajudar.

Enquanto sigo Venna de volta pelos túneis, esfrego o polegar sobre meu bracelete e faço um voto silencioso. O rei vai pagar por isso.

52



Quando chego à sala comunitária vazia dos Recém-unidos e me despeço de Venna, o sentimento se transformou numa necessidade poderosa. Quantas vezes já corri até ele, ferida e cheia de dor, apenas para ele me tomar em suas mãos e dissipar tudo?

Ajuda, meu coração ensanguentado grita. Preciso da ajuda dele. Preciso que algo volte a fazer sentido.

Encontro-o ainda enroscado na minha cama, dormindo em paz. Tranco a porta do quarto e corro até ele, urgente, sacudindo-o para acordá-lo.

Killian pisca os olhos azul-escuros, que estão turvos de sono.

— Meryn?

Eu estava certa. Só de olhar para ele já me sinto mais no controle.

— Eu...

— Você está bem? — pergunta ele, despertando de repente e se sentando. — Você...

— Eu a encontrei — solto de uma vez.

No instante em que as palavras saem, meus olhos ficam marejados de novo. Suspiro, frustrada, e limpo o rosto com raiva.

— E-Ela está bem *aqui*. Debaixo do castelo. O tempo todo, e eu nunca descobri. Eu estava bem aqui, e ela estava tão assustada, Killian. Era meu trabalho mantê-la segura. Garantir que ela se sentisse *segura*, e eu falhei.

Ele segura as minhas mãos. Sua pele é quente. O aperto é firme. Ele fica em silêncio, mas me puxa para mais perto.

— Você a encontrou — repete Killian. — Saela?

Assinto, o queixo tremendo. Killian abre espaço para que eu possa me sentar ao lado dele na cama. Assim que me acomodo, ele repousa uma mão tranquilizadora na minha coxa, deslizando-a de um lado a outro. Aos poucos isso começa a me acalmar.

— Respire, Meryn.

— Não tenho *tempo*. Preciso...

— Olhe para mim — pede ele, e eu ergo o olhar marejado até o dele. — Assim é melhor.

Ele assente.

Solto o ar em um suspiro trêmulo e levo as mãos, que ainda tremem um pouco, ao rosto dele.

— Fale comigo — pede Killian. — Eu vou ouvir.

Respiro fundo.

— Tem uma prisão embaixo do castelo. Desci por uns túneis. Era um labirinto, mas no fim encontrei Saela. E dezenas de outras crianças, a maioria bem jovem. Estão todas atrás de grades, Killian. E Saela estava lá.

Killian franze a testa e fica pálido. Há uma dor afiada como lâmina em seus olhos, como se a revelação arrancasse algo precioso dele.

— Ela está bem?

Balanço a cabeça.

— Estão mantendo todas para alguma coisa. Levadas a cada poucas semanas para sabe-se lá o quê. Acho que estão morrendo. Podem levá-la a qualquer momento.

Killian se recosta na parede. Balança a cabeça e cobre a boca com a mão. Depois ergue o olhar para mim. Sua voz sai rouca.

— Quem está levando? Você viu?

— Seu... — Não quero contar. Não quero feri-lo. Mas não há

outro jeito. — Seu pai.

Ele arregala os olhos, os lábios pressionados numa linha fina e pálida.

— Saela falou que é ele quem escolhe as crianças. Quem as leva. Isso é por causa dele. Tudo isso é por causa dele — continuo.

Killian parece vazio, como se eu tivesse apagado sua alma num único sopro. Acho que é a mesma expressão que eu tinha quando precisei deixar Saela. É perda. Killian e o rei sempre estiveram em conflito, mas decerto nem mesmo ele acreditava que o pai fosse capaz de tamanha crueldade.

— Meu pai?

— Sinto muito — sussurro.

— Meu pai? — repete ele, piscando devagar. — Ele... *Meu pai* fez isso?

Como um estalo de chicote, o horror se transforma em raiva. A tensão percorre seus músculos.

— *Não* — rosna, jogando as cobertas de lado. — Ele *não vai*. Não vou permitir — murmura, balançando a cabeça. — *Merda*, Mer. Eu deveria ter *percebido*. Havia sinais de que ele estava tramando algo horrível.

Estendo a mão e acaricio o braço dele.

— Agora a gente sabe. Agora podemos fazer algo.

— Eu desconfiava, mas isso é totalmente diferente... — Ele solta o ar em um sopro trêmulo. — *Crianças.*

Sua voz é repleta de dor.

— Eu sei — respondo. Então respiro fundo, minha resolução se fortalecendo. — Killian, olha... eu fiz uma promessa a Saela. E vou cumpri-la. Custe o que custar. Não importa de quem seja o sangue que terei que derramar.

Os olhos dele se arregalam um pouco, depois se estreitam. Ele agarra meus ombros, me puxando bruscamente para si, e encaixa minha cabeça sob o queixo.

— Eu sei.

— Ele é seu pai.

— *É a Saela* — retruca ele. — *Ele* fez isso. Agora vai ter que encarar as consequências.

— Eu vou cortar a garganta dele — rosno.

Killian se afasta, os olhos um pouco selvagens. Ele ergue a mão e segura meu rosto com dedos trêmulos. Não é medo. É fúria.

— Ele traiu o reino primeiro. *Me* traiu. Ele levou sua família, Meryn. Faremos o que for preciso. Nós *vamos* detê-lo. Vamos libertar as crianças e acabar com esse pesadelo. Eu juro.

Respiro, trêmula, e assinto. Quando ele me segura assim, eu me fortaleço. O desafio diante de mim é como outra Ascensão — uma jornada fria banhada em sangue, até o trono.

— Amanhã, na cerimônia de graduação — diz Killian, sem deixar espaço para dúvidas. — Não pode esperar.

— Não pode — concordo. — Mas como?

— Todos os Recém-unidos vão até o rei para receber sua bênção ao se tornarem Unidos — explica ele. — Essa será sua oportunidade. Você terá que atacar nesse momento, e não pode vacilar, ou vai falhar.

— Pode acreditar — respondo, a voz perigosa. — Eu não vou errar. Você tem bastante controle sobre a guarda do castelo?

— Posso acessar informações, alterar ordens. Bem pensado. Vou trabalhar na segurança da prisão e ver como entrar e tirar as crianças.

A esperança pulsa errática no meu peito. Depois de tudo pelo que passei tentando chegar até Saela, é difícil acreditar que talvez estejamos perto de salvá-la. Ainda assim, pergunto:

— Você acha que isso vai dar certo?

A determinação no olhar de Killian me incendeia.

— Vai dar certo. Amanhã, você terá sua irmã de volta. Amanhã, faremos meu pai pagar. Amanhã, o trono será nosso.

A arena está ensurdecedora na tarde seguinte, as arquibancadas lotadas mais uma vez de nobres e Unidos. Os nobres parecem entediados. Depois do banho de sangue do Rito de Concórdia, a cerimônia de graduação de hoje deve parecer insossa para eles. Mas suponho que seria indelicado faltarem, depois de terem saboreado nosso sangue tantas vezes.

Todos nós, Recém-unidos, estamos com nossos uniformes de treino pela última vez, completos com espadas cerimoniais. O sol da tarde projeta longas sombras pela arena. O ar é fresco, mas o suor escorre pela minha coluna e pinga do meu lábio superior. A ansiedade se enrola em minhas entranhas, torcendo minha mente.

Ela começa a tornar as sombras estranhas.

Pisco rápido e enxugo o suor dos olhos, desviando o olhar. Mas meu olhar volta para ele. O rei Cyril. Ele se senta acima de todos nós, resplandecente em púrpura e dourado real, aquela famosa espada com pomo de lobo repousando no colo.

Mesmo daqui, consigo ver seus dedos acariciando repetidamente o cabo enquanto nos fita, os olhos deslizando sobre nossos lobos e corpos como um toque invasivo.

Agora eu o conheço pelo que ele é. Por baixo da máscara brilhante da nobreza, há um monstro horrível. O que quer que esteja fazendo com aquelas crianças — o que quer que *já tenha* feito — vai acabar. Hoje.

E serei eu quem vai pôr fim a isso.

Meus olhos saltam para Killian, e parte do nervosismo que me devora se aquieta. Ele brilha mais que o pai, empertigado à sua direita, a cabeça erguida. Está vestido em azul real, contrastando com o púrpura do pai. O cabelo arrumado com perfeição, as mãos firmes atrás das costas. Os olhos reluzem em um azul ainda mais vívido sob a luz do sol cortante.

Meu futuro marido. Meu verdadeiro rei.

Acho que ele sente meu olhar, porque, um momento depois,

nossos olhos se encontram através da arena barulhenta. E, muito sutilmente, ele inclina a cabeça. Um eco de aceno.

Ele está pronto. Eu também.

O líder Aldrich está sentado do outro lado do rei. Ele será o mestre de cerimônias hoje. Na fileira atrás deles estão todos os instrutores. Mesmo daqui, vejo que Stark está tão tenso quanto sempre.

Cerro o maxilar e desvio o olhar. Ele não vai me distrair do meu propósito agora.

Uma trombeta soa, e todos os lobos-gigantes entram na arena, caminhando até seus cavaleiros. Anassa mostra as presas para mim quando se aproxima. Mantive a muralha mental erguida, e a mensagem dela é clara — está *furiosa* comigo.

Suspiro e abaixo a barreira. Vou precisar da cooperação dela para isso. Rapidamente, deixo meu plano fluir até ela: quando eu me aproximar do rei para receber a bênção, vou atacar.

Espero que ela me repreenda, fale que o plano é perigoso demais, que não pensei direito, ou que eu não deveria envolver Killian.

Em vez disso, ela apenas rosna:

— *Faça rápido*.

Deixo escapar um riso surpreso, e então ela abaixa o pescoço. Entrelaço os dedos em sua densa pelagem branco-prateada e me ergo em suas costas como os outros cavaleiros.

Quando todos os Recém-unidos estão montados, o líder Aldrich se ergue e levanta um megafone.

— Hoje é o fim formal dos Ritos de União. Marca a culminação do incrível esforço que todos vocês demonstraram nos últimos quatro meses. Quase mil soldados tentaram a Ascensão. Noventa e oito lobos-gigantes escolheram noventa e oito cavaleiros. E hoje, setenta e seis Recém-unidos assumem oficialmente seu lugar em suas alcateias como Unidos.

Os outros Recém-unidos ao meu redor erguem a cabeça com orgulho. Nós, os poucos escolhidos, conseguimos.

Vinte e dois cavaleiros não conseguiram. Três deles morreram pelas minhas mãos. Todo esse sangue que derramei, tudo por causa *dele*.

O rei Cyril se levanta, tirando o megafone das mãos de Aldrich, que parece desconcertado, mas entrega o objeto e recua.

— Sim, obrigado, líder Aldrich, e obrigado, Recém-unidos! — Seu olhar azul-claro inquietante percorre todos nós, e um sorrisinho estranho se espalha em seu rosto. — Esta cerimônia de graduação faz parte de séculos de tradição. E, como manda a tradição, todos receberão minha bênção para partirem para lutar no meu exército como nossos guerreiros de elite. No entanto, até as melhores tradições precisam ser atualizadas às vezes...

Sinto uma onda de pânico me dominar, quente e urgente. O que isso quer dizer? Olho em volta rapidamente, e todos parecem tão confusos quanto eu.

— Vocês demonstraram uma coordenação impressionante durante o Rito de Concórdia, mas fiquei um tanto desapontado com a apresentação. Mais Recém-unidos deveriam ter sido sacrificados. Em alguns Ritos, como sabem, só cinquenta sobrevivem! — Ele solta uma risada animada.

Meu estômago se revira em desconforto e meus olhos encontram Stark atrás do rei. Ele está com a testa franzida, preocupado. Ótimo, nem os instrutores sabem para onde isso vai.

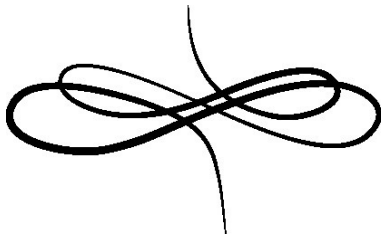
— Como sou um rei justo e leal, decidi dar uma chance extra de se livrarem de peso morto ou de membros indignos da alcateia. E não quero que ninguém se contenha! Então, antes de prosseguirmos para a bênção, teremos uma última batalha de todos contra todos.

Não.

Killian se levanta e me encara com olhos arregalados de medo.

O rei Cyril finca a Espada Funesta na plataforma a seus pés.
— Comecem.
E o caos se instaura.

53



Assim que começa, visualizo a conexão da minha alcateia explodindo do meu corpo. Uma enxurrada, como o transbordar de um rio poderoso. O estalo de um raio ramificando, com minha energia no epicentro. Expando minha consciência num surto violento através do vínculo da alcateia, tocando a mente dos meus companheiros ao mesmo tempo.

O impacto inicial das experiências conjuntas quase me derruba, mas Anassa me protege. Sinto cada batida de coração, cada onda de adrenalina, cada lampejo de medo e de raiva — tudo em questão de segundos. E então eu assumo o controle.

O que mais me preocupa é o impulso avassalador vibrando em cada um deles.

Matar.

O que quer que o rei tenha liberado com aquela espada, é tão mortal quanto uma flecha na garganta. Eles estão compelidos a atacar, a trair nossa união e se despedaçar.

Mas *eu* sou a Alfa. E não vou deixar aquele desgraçado no trono tirar mais nada de mim.

Com a ordem do rei, a arena virou um campo de batalha grotesco. Todos os lobos-gigantes estão se atacando. Vejo os lobos de Tomison e Kristof avançando um contra o outro como se fossem inimigos, quando na verdade são amigos íntimos.

— *QUE SE FODA O REI*! — berro através do vínculo da alcateia.

As mentes se alinham de imediato, seguindo minha fúria no meio do caos. Anassa rosna e dispara pela beira da arena, mais veloz que os lobos que tentam nos perseguir. Jonah vem atrás de mim; imagino que as ordens do rei soaram como permissão para ele fazer o que bem entendesse.

Dou uma volta larga, com a espada em punho, minha consciência mergulhando na dor e no poder da alcateia. Percebo que o controle do rei se rompeu no instante em que ofereci a eles minha raiva.

— *Sigam* — ordeno. — *Juntos.*

Sinto que eles compreendem. É *assim* que deve ser. Todos como um só, unidos. Unidos de verdade.

Meu plano de chegar até o rei pode ter sido abalado... mas vou usar a proteção da minha alcateia para alcançá-lo do mesmo jeito.

Aquele desgraçado morre hoje.

A luta explode. Um lobo Daemos gigante avança direto na garganta de Nevah. Múltiplas mentes analisam a trajetória ao mesmo tempo.

Lanço ordens rápidas pela união.

— *Izabel, corta pela esquerda. Tomison, empurra ele pro muro oeste.*

Os lobos dos meus companheiros obedecem sem hesitar, corpos colossais se movendo como lâminas certeiras em resposta. Anassa e eu mergulhamos na briga com estratégia, minha mente acesa pelo fluxo de informações.

O lobo de Izabel salta alto sobre duas feras Criptos, caindo mais perto de Nevah, que ainda luta contra o lobo Daemos negro. Então o lobo de Tomison avança pelo lado oposto, abrindo passagem com a força bruta. O Daemos recua, encurralado entre os pares de Estrategos.

Droga, parece coordenado demais. O rei pode perceber o padrão nos movimentos da minha alcateia. Não podemos dar a impressão de estarmos unidos, ou ele vai perceber — e aí, quem sabe o que

vai acontecer?

— *Façam parecer coincidência da próxima vez* — ordeno. — *Não deixem que ele veja que estamos agindo em conjunto*.

Confio em Anassa quando a batalha se intensifica. Ela luta com maestria enquanto eu organizo a defesa. Ela me ajuda a guiar, usando o porte colossal para abrir caminho, permitindo que os lobos Estrategos menores se reposicionem sem serem interceptados.

Impulsionados pela ordem do rei, dois lobos Criptos usam a velocidade absurda e a agilidade para cortar a confusão, passando por baixo de lobos Filax enormes e desviando das presas de lobos Daemos furiosos.

Eu não chego a vê-los. Sinto a presença deles, um arrepio em cascata atravessando as mentes, e sei que eles não estão vindo atrás de mim, mas de Tomison e Pietr, que me flanqueiam, os lobos fingindo morder os calcanhares de Anassa.

Estávamos indo para o norte ajudar Izabel. Mas não importa. Preciso despistar o par de Criptos agora. Izabel vai aguentar se Tomison for até ela. Lanço ordens em sequência.

— *Tomison...*

A consciência dele queima na minha mente. Ele já está correndo na direção dela. Dou um sorrisinho feroz e volto minha atenção para os outros.

— *Pietr, recua. Allegra, cobre a retirada dele. Roddert, circula por fora e pega todo mundo... Eles vão esperar que você se feche.*

Minha alcateia luta bem. Selvagem, mas controlada. Defendemos os nossos com fúria, mas poupamos as outras alcateias sempre que conseguimos. O rei pode querer mais sangue hoje, mas nós nos recusamos a dar o que ele quer.

Chego em Izabel e Tomison a tempo. Anassa se ergue, bloqueando o salto de um lobo menor, e dá espaço para o lobo de Tomison arrancar de cima de sua cavaleira um Daemos

enlouquecido.

Um arrepio de perigo percorre minha nuca, aviso de Izabel. Minha lâmina já se move antes de a mente decidir. O choque metálico ressoa quando aparo um golpe que iria direto nela. Mesmo assim, minha mente continua disparando ordens — dois pares no sul da arena, outro no nordeste.

Estou avançando. Minha alcateia já foi quase toda reposicionada em direção às arquibancadas, cada movimento nos levando para mais perto. Teço padrões de proteção enquanto a luta ruge, aparando ataques, protegendo vidas de outras alcateias...

Chegando cada vez mais perto do meu objetivo.

Um lobo Filax crava as presas em Allegra. A dor reverbera pela união, amarga de medo. O gosto de sangue explode na minha boca. Só então percebo que mordi a bochecha por reflexo, sentindo como se a mordida tivesse sido dada em mim.

Engulo em seco e uso a dor para focar ainda mais.

— *Mantenham a formação. Darius, toma a dianteira. Roddert, flanqueia pela esquerda. Eles estão focados na Allegra. Usem isso.*

As ordens são cumpridas. Allegra e seu lobo-gigante recuam por trás da cortina que criamos, mancando, mas vivos. A loba de Roddert está coberta de sangue, mas não é dela. Ignoro e avanço a mente para a frente.

Formamos um arco protetor em volta da plataforma do rei — como se estivéssemos *defendendo* o desgraçado. Para quem olha de fora, parece que fomos encurralados. Até fingimos avançar uns contra os outros, como se ainda estivéssemos sob a ordem dele. É impossível esconder completamente que não nos atacamos de verdade, mas já não importa.

Parecemos vulneráveis. Como se estivéssemos fugindo da luta. Nada ameaçador, exatamente o que eu quero que ele pense.

Preciso garantir que a alcateia consiga se proteger quando eu agir. Se eu tiver que deixá-los, quero ter certeza de que serão fortes

o bastante para lutar contra outras três alcateias. Para combater vermes como Jonah, que desistiu de me caçar e agora tenta dizimar os Criptos.

Quando cada par está no lugar certo, deixo as emoções transbordarem. Um pulso de raiva, proteção e fé se espalha vindo de mim. Alguns olham rápido na minha direção antes de voltar ao combate, mantendo a encenação.

— *A partir de agora* — projeto para todos —, *mantenham a formação. Mantenham nossa alcateia viva.*

As mentes explodem em resposta. No mesmo instante, emoções irrompem de volta, me cegando, me inundando. Confiança. Mesmo sem entender meu plano, eles confiam na minha liderança. Mantive todos vivos até aqui, e agora lutarão até o fim pela nossa unidade.

Meus olhos ardem com lágrimas que não tenho tempo de derramar.

Os músculos de Anassa se contraem sob mim. Ela pergunta só uma vez.

— *Tem certeza?*

Respondo com pura fúria. Ela a absorve, espalhando-a pela alcateia. Então solta um uivo aterrador, a fúria e a ameaça do som carregando minha raiva por toda a arena. Um instante depois, outros lobos Estrategos a acompanham, nossas vozes se erguendo em uníssono.

Afundo a mão no pelo de Anassa.

— *Por Saela. Por todos eles.*

Anassa dispara. As garras rasgam a pedra, ganhando impulso. Eu me abaixo, agarrando seu pelo e firmando o corpo contra o dela. Ela rosna, e estamos no ar. O salto seria impossível para qualquer outro lobo-gigante. Para ela, não.

Os músculos colossais nos arremessam para cima. Cortamos o ar como lâmina prateada. Anassa aterrissa com um estrondo sobre a

plataforma do rei, pairando acima do trono.

Guardas correm pelas escadas, mas já é tarde demais.

Deslizo do dorso de Anassa, a espada em punho.

O rei Cyril Valtiere se ergue, mas não há medo em seu rosto. Só uma leve surpresa. E, pior, *diversão*, como se ainda pensasse que tudo isso não passa de um jogo, mesmo quando eu já antecipo o sangue dele sendo derramado.

Ele abre a boca para falar, mas não tenho paciência para mentiras. Ergo a perna e o chuto com uma mira precisa. Minha bota atinge o punho dele com uma força de quebrar os ossos, e ele grita, deixando cair a espada com punho em forma de lobo cintilante.

A espada tilinta contra a pedra aos seus pés. Sei que só tenho alguns segundos, mas um instinto toma conta do meu corpo.

Eu me lanço em direção à espada, e algo pulsando no meu sangue me ordena a empunhá-la no lugar da minha própria arma. Eu preciso dela na minha mão. Preciso ver o sangue dele escorrer sob o corte da lâmina afiada, derramando escarlate sobre a prata.

No instante em que a agarro, sinto o *poder*.

Magia antiga, esmagadora, incendeia minhas veias. Engole meu corpo inteiro, vibrando pelas pernas e pelos braços, quase me fazendo perder o controle. Meu coração berra dentro do peito. É como se eu respirasse relâmpagos, como se o menor empurrão pudesse fazê-los irromper pelos meus poros e incinerar a arena inteira.

A espada está viva na minha mão, zumbindo com uma energia que se estende até mim. O metal aquece na minha palma como se estivesse se fundindo à pele, respondendo a mim, clamando pela minha atenção.

Acima de mim, Anassa avança em um bote e arranca a cabeça de um guarda de uma só mordida. Quando ergo os olhos para o rei, lentamente, ele já não parece mais achar graça. O pé esquerdo

recua, só um pouco.

A mão dele se ergue — talvez para sinalizar aos guardas, talvez para tentar se defender —, mas eu já estou em movimento. Eu não havia percebido que a arena tinha ficado em silêncio até minha voz ecoar em ondas poderosas pelo espaço.

— Isto é por Saela — rosno.

A lâmina é uma extensão do meu braço, uma parte letal de mim. Minhas próprias garras prateadas. Ela corta o ar, mais veloz do que já vi uma arma se mover. O mundo se imobiliza quando a lâmina encontra o pescoço dele. Eu vejo. O primeiro rasgo na pele. Arde em meus olhos como fogo.

O sangue respinga no meu braço. Um jorro arterial me atinge no rosto.

A vida dele se espalha pelo meu peito, encharcando minhas roupas e escorrendo pela pedra. Pelo trono. Pela lâmina.

Os olhos azul-claros do rei se apagam quando a cabeça cede ao próprio peso. Ela escorrega do pescoço e despenca pelos degraus da plataforma, enquanto o corpo inerte colapsa no chão, aos meus pés.

Sou consumida por um impulso doentio de destruir o que restou. De dilacerar o cadáver até que *ninguém* jamais possa reconhecê-lo. Mas eu me contenho e abaixo a lâmina ensanguentada.

Os guardas estão imóveis. A arena, em silêncio. Minha alcateia pulsa de inquietação.

Eu me viro para Killian, e o rosto dele está pálido.

Não há alívio. Não há triunfo com a queda do pai. Ele me encara em puro horror, os olhos passando pelo sangue espalhado no meu peito, pela espada, pelo cadáver do rei.

— Meryn, o que você fez? — diz ele, com um arquejo, recuando para longe de mim com os olhos arregalados, as mãos trêmulas. Então, raiva. O rosto se distorce em fúria. — Guardas! Prendam essa mulher! Ela matou o rei!

— O quê?! — grito.

Uma torrente de guardas invade a plataforma. Os que já estavam ali voltam à ação. A arena treme com o barulho enquanto a multidão reage à cena. Tento recuar até o lado de Anassa. Ela tenta saltar até mim, com os olhos selvagens. Mas, antes que consiga chegar perto o suficiente para me defender, o silvo de uma arma rasga o ar e a atinge na lateral.

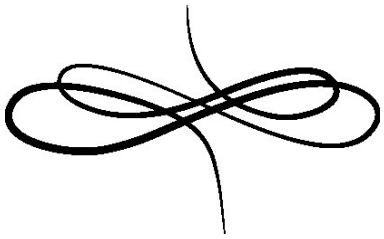
— Anassa! — berro, vendo-a cair.

Eu me viro de volta, e por um brevíssimo momento, eu vejo. *Juro* que vejo. Ele esconde rápido, mas...

Os lábios de Killian se curvam. É um leve tique de satisfação, seus olhos azulados brilhando, o olhar calculista.

Então, a dor. Algo acerta a parte de trás da minha cabeça, extinguindo a minha luz.

54



Não há nada além de sombras. Eu as sinto por todas as partes, fluindo através de mim, entrando nos meus pulmões e escorrendo dos meus olhos. Flutuo, sem realmente enxergar nada, mas percebendo movimento na escuridão. Lento e pesado, como a névoa densa rolando sobre uma terra congelada.

Então, de todos os lados, uma voz que eu conheço. Uma voz que já ouvi antes, durante as crises enlouquecedoras da minha mente quando eu escorregava rumo à loucura da minha mãe. Ela vem de lugar nenhum e de todos ao mesmo tempo, de fora e de dentro. É um sussurro e um grito, assobiando sobre minha pele e vibrando nos meus ossos.

— *PEGUE A COROA.*

Acordo ofegante, os dentes batendo. O ar está gelado. Estou deitada sobre uma pedra fria como gelo. Feixes duros de luz cortam a escuridão ao meu redor como agulhas. O cheiro de fumaça paira no ar. Quando minha visão foca, percebo que uma tocha recém-apagada ainda solta um brilho fraco, a fumaça subindo devagar.

A constatação rasteja pela minha pele enquanto observo. A parede áspera de pedra. A escuridão. O cheiro de terra e mofo. O silêncio.

Minha cabeça lateja quando volto a mim através da névoa, uma dor aguda martelando especialmente na parte de trás do crânio,

onde fui atingida. Quando viro o pescoço duro, tudo fica claro.

Estou nas masmorras do castelo.

À primeira vista, a cela parece inescapável, com paredes de pedra sólida e barras de ferro grossas me separando da liberdade.

Engulo em seco o nó na garganta, sentindo o gosto de cobre na língua seca. Devagar, me sento, mantendo os olhos fechados para impedir que minha visão rodopie. Estremeço, me abraçando, cerrando os dentes.

Então uma leveza morna assenta minha mente em turbilhão. Anassa. Viro o rosto, e a ferida na cabeça se anuncia com mais dor. No instante em que meus olhos pousam nela, uma calma instintiva me invade. A união se assenta quando observo sua forma imensa e ágil. Ela respira estável, ereta e alerta, me encarando.

Olho rápido para ver se está ferida, mas parece bem. Deve ter se curado sozinha depois do golpe. Seu pelo está um pouco sujo, mas deve ser do combate. Exceto que... na luz fraca dos carvões da tocha e dos poucos feixes que descem do teto, consigo distinguir uma faixa escura em volta do pescoço dela.

Com uma careta de dor, engatinho para mais perto. Quando chego ao lado dela, consigo ver melhor.

Uma coleira. Um aro de metal vermelho-sangue envolve sua garganta. Minha visão oscila quando olho fixamente para ele por muito tempo. O ar ao redor parece pulsar e tremer de energia. Minha dor de cabeça aumenta, se transformando em pontadas cortantes, e eu desvio o olhar, encarando seus olhos.

Ela não fala nada, apenas me observa com atenção. Mas, quando me aproximo e afundo as mãos em seu pelo, ela abaixa a cabeça e cheira meu cabelo. Encosta o focinho na minha cabeça, na ferida. Um calor se espalha pelo couro cabeludo enquanto ela me cura.

Seguro as lágrimas e me afundo em seu calor, apoiando-me em seu corpo enorme enquanto ela respira num ritmo tranquilizador. Encosto a testa no pelo dela e fecho os olhos.

A dor na minha cabeça diminuiu, mas não posso dizer o mesmo do meu coração.

Cada vez que penso no rosto de Killian quando me traiu, me lembro daquele olhar cruel em seus olhos, o puro horror daquilo...

Não. Não posso nem pensar nisso, ou vou vomitar.

— Quanto tempo fiquei apagada? — sussurro, tentando me prender ao aqui e agora.

— *Tempo demais* — responde ela, apoiando a cabeça sobre as patas e enrolando a cauda. — *O metal me impede de me comunicar com os Estrategos. Mas parece que nossa conexão ainda resiste*.

Solto o ar aliviada, passando a mão pelo rosto. É estranho, depois de tanto tempo odiando a união, mas a ideia de não poder mais ouvir ou sentir Anassa soa como... uma violação cruel. Estar separada da minha alcateia, como Alfa, já é terrível, mas sei, no fundo do meu ser, que seria pior se estivesse sem Anassa.

Perdê-la seria como ter minha alma partida ao meio.

— *Por que está aliviada? Eu falei que não consigo me comunicar com nossa alcateia* — retruca a loba, fria.

Faço carinho nela e ergo a cabeça, sem me dar ao trabalho de explicar minha epifania. Estendo a mão fraca até as barras geladas da cela. Não faz muito tempo que eu estava agarrada desesperadamente a Saela através de grades iguais a essas.

O que aconteceu com ela, afinal?

Ainda está lá embaixo? Ainda presa, como eu?

Falhei com ela de novo. E, desta vez, talvez eu morra pelo que fiz.

Ouço o som de botas ecoando pelo corredor e enrijeço. O pelo de Anassa se arrepia através da união antes mesmo de eu ver quem chega — mas já é aviso suficiente. A porta da cela range ao se abrir.

Killian entra sozinho. Mas enxergo figuras escuras nas sombras, escondidas atrás dele. Claro, ele não pisaria numa cela com uma assassina sem proteção.

Killian está vestido formalmente, nos mesmos tons ricos de azul e bordados brilhantes. Só que agora a espada de punho de lobo brilha presa ao quadril, a mão dele envolta no cabo. E há algo... *estranho* nele. Talvez seja a luz fraca da masmorra, mas juro que...

Ele dá um passo à frente. Ao fazê-lo, seu rosto cruza um dos poucos feixes de luz vindos de cima. Por um instante, quando a luz atinge seus olhos, eles parecem fantasmagóricos, do azul-claro do gelo de inverno. Mas quando ele volta à sombra, parecem normais outra vez.

Quase. Eles *estão* diferentes?

Eu não sei. Não sei de nada. O que vi. O que fiz.

O que *Killian* fez.

Ele não deveria estar aqui assim, com essa expressão preocupada e carinhosa. Foi ele quem me jogou aqui. Ele...

— Meryn.

Ele fala com uma voz tão suave, tão terna. Isso me faz duvidar de tudo outra vez. O homem diante de mim não pode ser o mesmo que me olhou com horror diante de uma arena cheia de gente.

O mesmo que sorriu com uma crueldade fria nos olhos.

Ele se aproxima com passos cautelosos.

— Preciso que me conte a verdade, gatinha.

— T... tá.

— Por que você faria uma coisa dessas? — pergunta ele, as sobrancelhas se contraindo numa expressão de dor.

O olhar dele percorre meu rosto em busca de respostas.

Respostas que ele já deveria ter.

Um choque gélido congela meus músculos.

— Do que você está falando, Killian? A gente tinha um *plano*!

O rosto de Killian se contorce, angustiado, e ele faz sinal para que eu me cale. Depois, leva a mão devagar até meu rosto, acariciando minha bochecha com o polegar. O toque é quente, familiar. Apesar da confusão, acalma meu coração disparado.

— Estou preocupado com você — sussurra ele, a voz rouca de emoção. — Eu... sinto muito, Meryn, mas estou com medo de você, de verdade.

— P-por quê? — falo, engasgando. — Você pode me *ajudar.*

As palavras saem como um pedido desesperado, mas não tenho escolha.

Matei o rei e preciso de ajuda. Preciso do meu *noivo* de volta, do homem que amo. Preciso do apoio dele, da compreensão dele. Meus olhos começam a arder.

— Não, é... — Ele hesita. — É sua mente, Mer.

O ar fica preso nos meus pulmões. Começo a balançar a cabeça, mas ele segura meu queixo e me força a encará-lo.

— Eu tentei ao máximo ignorar os sinais. Quis acreditar que você estava bem. A ideia de perder você... — Os olhos dele ficam marejados. — Eu acompanhei o sofrimento da sua mãe. Não queria olhar nos seus olhos e não reconhecer mais a mulher que amo. Mas foi errado. Foi errado fingir que nada estava acontecendo por medo. Eu deveria ter ajudado você.

— Killian, eu não estou...

— Tudo isso foi demais para você, os Ritos. Você perdeu sua *mãe*, Meryn. E não tinha sua irmã para viver o luto junto. Você se despedaçou tentando encontrá-la. A pressão que você carregou... — Ele parece um homem diante de uma cova aberta. — Isso te fez ir além do limite. Alguma coisa quebrou. E eu vejo isso agora, nos seus olhos.

Ele acha que enlouqueci.

Está olhando para mim com a mesma dor, a mesma pena, o mesmo luto que eu vi no espelho toda vez que minha mãe tinha uma crise.

A única coisa que me mantém presa ao meu corpo é Anassa. O nojo dela pelas palavras de Killian pulsa pela união.

— *Não dê ouvidos a ele* — rosna a loba-gigante. — *Não. Dê.*

Ouvidos. A. Ele.

— Killian, não estou inventando nada — insisto, apertando o pulso dele. — Nós decidimos fazer isso juntos. A gente planejou no meu quarto. Conversamos por horas.

Ele balança a cabeça.

— Meryn...

— Do que você está falando?! — grito, a voz desesperada ecoando pela cela.

Ele recua um pouco com o som, lançando um olhar rápido e desconfortável para os guardas atrás.

Aí está de novo. O constrangimento.

Eu conheço bem a sensação. Eu me sentia horrível por isso, mas às vezes olhava para minha mãe e sentia vergonha.

— Estou dizendo, Meryn, que essa conversa que você imagina que tivemos nunca aconteceu.

Ele beija de leve minha testa, e sinto meu estômago embrulhar de repulsa e fúria quando sou tocada por ele. Não sei se vem de Anassa ou da minha necessidade desesperada de me agarrar à sanidade.

— Me desculpa. Tive que te prender aqui. Tem gente pedindo sua cabeça, e te colocar na masmorra foi a única forma de manter você viva até eu... encontrar uma saída. Pela sua segurança. Pela segurança dos outros. Afinal, você matou o rei — explica ele.

Fico boquiaberta. Sinto um aperto no peito, como se todo o peso do castelo e do povo acima de nós tivesse desabado sobre mim.

— Eu sei que é difícil acreditar, estando aqui — continua ele, forçando leveza na voz. Seu sorriso é fraco. — Mas eu ainda amo você. Amaria em qualquer circunstância. Eu sei que o que você fez na arena não foi você, e eu não consigo... — Ele estremece. — Eu não consigo desistir de você. Vou cuidar de você, se estiver disposta a tentar superar isso comigo.

Anassa grita na minha mente. A voz dela rasga e dilacera.

— *Mentiroso!*

Killian se inclina. Os lábios dele tocam os meus. Quentes. Suaves. Horríveis. Eu não quero ser beijada. Por que ele acha que eu...?

Empurro-o, fraca, a mão contra o peito dele.

O movimento faz a máscara dele cair por um instante. Um lampejo frio e antigo passa pelo rosto — um brilho nos olhos, a mandíbula travada — antes de desaparecer atrás da expressão forçada de preocupação e carinho.

Ele se endireita, emanando ternura.

— Desculpa — sussurra. — Vou mandar alguém vir trazer comida pra você. E vou voltar logo. Prometo. Chame os guardas se precisar de mim.

Assisto em silêncio enquanto a porta da cela se fecha atrás dele e os guardas recuam.

Eu vi. Desta vez eu o vi *de verdade*. Ainda sou capaz de lembrar o contorno áspero da máscara dele quando se partiu em duas.

Ela está encostada na minha garganta, pronta para me cortar.

Começo a tremer, a traição, a confusão, a vergonha e a dor chegando todas de uma vez.

— Eu não estou louca — falo em voz alta, porque preciso que seja verdade.

A confirmação vibra pela união. A cauda de Anassa roça minhas pernas. É o primeiro gesto genuíno de carinho que sinto desde que Killian chegou.

Viro o rosto para ela e falo pela união, com medo de que minha voz atravesse a pedra e alcance guardas postados além da cela.

— *Você sabia? Que ele era capaz disso? Você sempre me alertou para não contar demais a ele.*

Ela se enrijece.

— *Você nunca me deu um motivo. Nunca me dá nada* — continuo, cerrando os punhos. As orelhas dela se voltam para trás, agitadas.

— *E ainda não vai dar, né?*

Anassa só me encara. Isso me enfurece de início, até que percebo que o olhar dela não é de desprezo, mas de... paciência. Eu nunca teria imaginado que ela era capaz disso, mas cá estamos.

— *Fala comigo* — imploro, disposta a retribuir a paciência.

Disposta a perdoar, se ao menos ela decidir que eu finalmente, *finalmente*, mereço saber a verdade.

Mas ela apenas me encara.

A centelha da raiva retorna, ainda mais forte.

— *Foi por isso que confiei nele em vez de você, sabia? Você deveria ser minha parceira! Minha loba-gigante. Minha Unida. Mas nem consegue ser honesta comigo. Todo esse tempo e você nunca me contou quem é seu par ou me deixou participar dessa conexão! Não percebe o quanto isso faz com que eu me sinta sozinha?*

Os olhos dela brilham. O corpo enorme se move mais perto, e um foco certeiro me envolve. Ela me olha como se eu tivesse acabado de jogar a chave da minha cela na cara dela, como se estivesse descartando algo vital.

Tento voltar atrás, compreender. Então o entendimento me atinge como um lobo-gigante a toda velocidade, me derrubando. Seguro a parede da cela, os olhos indo direto para a coleira pulsante em seu pescoço.

— *Você ainda consegue se comunicar com seu par?* — pergunto.

— *Sim* — confirma Anassa. — *A coleira não foi feita para união entre pares. Parece bloquear apenas o vínculo da alcateia, caso você tentasse usar sua posição para escapar.*

Ainda estou ofegante, corada do meu desabafo, mas minha pulsação começa a desacelerar. Foi bom, finalmente, gritar com ela pelo inferno que me fez passar. A raiva, ainda que mesquinha, é uma distração da dor e da fúria sem fim pela traição de Killian, que continua latejando no fundo da minha mente.

Mas então ela se ergue, a forma colossal ocupando quase toda a

cela. Caminha até mim, aproximando o focinho. Os olhos dela perfuram minha alma. A voz é firme, sem hostilidade, mas dura:

— *Confiança é uma via de mão dupla, Meryn.*

Meu rosto esquenta. Minha mão se ergue sozinha, os dedos se enredando no pelo do maxilar dela.

— *Você fala que não te dei nada... mas o que você me deu?* — O olhar dela permanece o mesmo, paciente e certeiro. — *Você exige que eu mostre meu par, mas se esconde com seu príncipe na escuridão.*

— Anassa — falo com um suspiro, os olhos arregalados.

— *Você talvez não confie em mim por completo, mas eu também não posso confiar em você. É por isso que mantive meu par em segredo. Nunca pude ter certeza de que você não entregaria o nome dele ao príncipe.* — Ela ergue a cabeça, e minha mão escorrega do pelo. — *De qualquer forma, isso nos beneficiou. Ele não pensou em nos impedir de usar a comunicação de pares.*

Solto um suspiro irritado. Ainda frustrada. Não consigo conter totalmente a torrente de emoções, principalmente porque a irritação de Anassa começa a criar um eco em mim.

Mas, no fundo, sei que nada do que ela falou é mentira.

— *E seu companheiro está aqui? No castelo?* — pergunto.

— *Sim.*

— *Quem é?* — tento.

Ingenuidade a minha achar que teria uma resposta direta. Ela apenas balança a cabeça e responde:

— *Talvez você descubra em breve.*

Ok, entendi o recado. Respiro fundo e ergo a cabeça.

— *Por favor, contate seu par agora e diga que precisamos de ajuda. Que ele vá procurar Venna. Eu sei que confiei em Killian e que foi errado, mas acredito de verdade que Venna vai nos ajudar. Ela pode ajudar seu par e o cavaleiro dele a driblar os guardas.*

Sinto um calafrio. Minha alma se estica em direção a alguma coisa, e minha mente salta inesperadamente para a voz que me

acordou, exigindo que eu pegasse a coroa.

Se Killian quer me chamar de louca, tudo bem. Vou usar essa dor também, e confiar no meu sonho.

— *Diga ao seu par que há uma coroa enterrada sob a arena, no dreno central. Eles precisam dar um jeito de recuperá-la e trazer até aqui* — falo, com a certeza de que estou certa.

O olhar de Anassa é afiado.

— *Isso é uma ordem direta?*

Há um peso oculto no tom dela. O corpo rígido. As orelhas voltadas para mim. A intensidade dela me mostra que a pergunta é importante. Que a resposta também é.

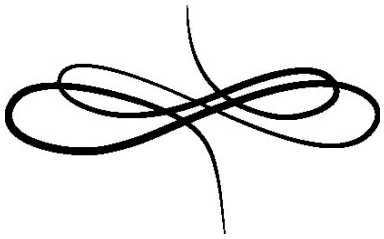
Um novo arrepio percorre meu corpo. Olhando nos olhos dela, sei, de repente, que *precisa* ser uma ordem.

— *Sim. Anassa, eu ordeno que você diga ao seu par onde está a coroa. Ordeno que ele a recupere e a traga para nós.*

Anassa desvia o olhar por um instante. A energia vibra no ar. Então ela volta a me encarar.

— *Está feito.*

55



O eco rítmico dos meus passos está começando a me enlouquecer, mas não consigo parar de andar de um lado para o outro. Anassa me segue com o olhar enquanto me movo pela cela, esfregando as têmporas para tentar aliviar a dor de cabeça que persiste, mesmo que meus ferimentos já tenham desaparecido.

Parece que estamos esperando aqui há uma eternidade. Anassa me falou que seu companheiro e cavaleiro foram bem-sucedidos e que estão a caminho das masmorras. Estão com Venna, aguardando até que haja uma troca de guardas para entrarem sem serem notados.

Os minutos passam em uma lentidão agonizante. Estou preocupada com o que Killian está fazendo. Estou preocupada com o paradeiro de Saela. Estou preocupada que o par de Anassa seja pego muito antes de chegar até nós.

Então, passos. Enfim volto a ouvir botas no corredor e, por instinto, olho para Anassa para avaliar sua reação — e seu olhar está mais suave. Os passos do cavaleiro são acompanhados pelo clique das enormes garras de um lobo-gigante contra a pedra. O alívio me invade.

E então Stark surge na esquina.

Fico olhando sem piscar, me esforçando para entender por que ele está aqui, o que está fazendo, por que está me olhando desse jeito.

Anassa se levanta dentro da cela, caminhando até a enorme sombra que se move, Cratos. No instante em que chega perto dele, toda a sua postura muda.

Seus músculos relaxam. Seus flancos tremem. Ela abaixa a cabeça mais do que eu já vi antes e se aproxima das grades, pressionando o focinho contra o metal. Cratos dá um passo à frente para encostar o focinho no dela, seus flancos se expandindo quando ele respira fundo.

Um segundo depois, algo em nossa união muda de forma drástica.

De repente, ela puxa cortinas que eu nem sabia que existiam e me cega com luz, calor e *saciedade*. Um som sufocante e discreto escapa da minha garganta, e eu agarro o peito quando meu sangue parece entrar em chamas.

Minha visão fica turva com o primeiro impacto da emoção dela, sem barreiras pela primeira vez desde que nos unimos.

Os sentimentos dela por Cratos são devastadores. A intensidade do desejo de Anassa por seu par esmaga o ar dos meus pulmões e envia um calor lento e viciante por todas as minhas partes. O anseio dela estala pela nossa conexão e se infiltra no meu sangue.

O sentimento pulsa a cada batida acelerada do meu coração, abafando o bom senso e tudo que eu achava que sabia.

Meus lábios formigam. Meus dedos coçam. Meus músculos querem se mover, tomar, *ir*.

Até ele, percebo.

Os olhos escuros de Stark me observam com firmeza. Eu estremeço. Cerro o maxilar com força enquanto a hiperconsciência aguça meus sentidos. Juro que consigo ouvir as batidas do coração dele do outro lado da cela. Sentir sua respiração no meu peito. Perceber o calor da sua pele.

Pela lógica, sei que isso é Anassa. A união dela com Cratos está dominando minha própria consciência.

Mas saber disso não diminui a intensidade nem me ajuda a resistir ao chamado.

É como olhar para ele com novos olhos, mais atentos. Quando Stark se aproxima das grades da cela, coisas familiares nele de repente parecem diferentes — a graça predatória do movimento, a força nas mãos ao segurar as barras, o jeito como as tatuagens de morte ficam escondidas sob a gola quando ele inclina a cabeça.

Os cílios dele são enormes mesmo.

Quero que ele vire a cabeça para que eu possa ver de novo a cicatriz escondida sob o maxilar.

A pura insanidade do pensamento me atinge com força. Dou um passo arrastado para trás e reúno energia para bloquear a emoção de Anassa. Mas paro no meio do caminho.

Não quero erguer uma barreira entre nós de novo. Parece errado.

Então estabeleço apenas um filtro fino na mente, só o suficiente para recuperar os sentidos e parar de encarar esse homem brutal, irritante e destrutivo como se eu estivesse prestes a arrancar sua calça e me jogar nele.

Quando a onda inicial passa, tudo que resta é choque e fúria.

— *Você* — rosno, com as mãos cerradas.

Esse tempo todo era *Stark*.

Naquele dia na montanha, era ele. O dia em que ele me encarou no meio de um mar de Recém-unidos, era ele. Quando enfiou uma agulha no meu pescoço, era ele. Quando ameaçou minha vida. Quando tornou me matar nos treinos sua missão de vida. Quando cutucou meu torso ferido e perguntou a Anassa se ela queria me curar...

Eles estavam conversando. Ele conseguia *ouvi-la*.

Quando encontrei aquele livro e os dois se recusaram a me contar mais a respeito dele, os dois estavam *conversando*. Parecia que estavam conspirando porque *estavam*, de fato.

Porra, como não percebi isso?

Dou um passo à frente, batendo a mão contra as grades.

— Você sabia esse tempo todo?

Mantenho a voz baixa, ciente de que os guardas podem ter voltado lá fora, mas meu tom é venenoso.

Ele não vacila ao responder.

— Claro.

E ele não sente nem uma gota de remorso por ter escondido isso de mim. Está claro em seu rosto. Stark não dá a mínima. E estou furiosa com ele, mas, além disso, tenho um milhão de perguntas em mente.

Por que não me contou? Por que tornou minha vida um inferno? Como conseguiu esconder isso tão bem?

Será que ele sentiu essa... essa *atração* desde o início?

Quando abro a boca para perguntar, minha voz sai gaguejada, patética:

— O-o-onde está Venna?

Ele ergue a sobrancelha.

— Lá fora, nas sombras, de vigia. Tive poucos instantes para entrar aqui durante a troca de guardas. Ela está pronta para distraí-los ou nocautear quando eu precisar sair. Aqui — diz Stark, passando algo pelas grades.

Luto para não me afundar nos olhos escuros dele. Por um segundo, parece que seria mais fácil forçar as barras de ferro entre nós a se abrirem.

Para quê? Não sei. Para dar um soco nele. Ou para...

— Pegue — ordena ele.

Finalmente consigo olhar para baixo. Sinto os pelos da minha nuca se eriçarem no mesmo instante. Minha cabeça lateja de tanta dor. Stark segura a delicada curva do metal da coroa, os dedos envolvendo a pelagem incrivelmente realista de um dos lobos.

Fico olhando por um instante, com aquela ânsia me correndo até os ossos.

A coroa parece delicada apesar da idade evidente, com detalhes finos e espirais intrincados. Dois belos lobos dourados saltam um em direção ao outro, os corpos ágeis se estendendo ao redor do aro, do focinho até a cauda. Eles se encontram no centro, como se estivessem presos numa dança eterna.

Entre eles repousa uma enorme e antiga opala.

A pedra é igual à do colar que minha mãe me deu, cintilando com o mesmo brilho ancestral.

Estendo a mão devagar. Quando meus dedos se fecham em volta dela, o metal frio esquenta. Ele pulsa, uma onda trêmula reverberando no ar. Só de segurá-la, meus pulmões ardem com algo elétrico e meu sangue pulsa com poder.

Se isso acontece só de tocar nela... como será usá-la?

Lentamente, levo-a até a cabeça. Enquanto faço isso, olho para Stark, sem conseguir resistir à atração. Ele me observa com a mesma expressão contida de sempre.

Mas... seus lábios estão ligeiramente entreabertos. E ele agarra a grade com tanta força que os nós dos dedos ficam brancos.

Fecho os olhos quando as caudas dos lobos deslizam sobre minhas têmporas e se misturam ao meu cabelo. Assim que o metal se acomoda na minha cabeça, uma fisgada aguda de dor atravessa meu cérebro como um raio.

E eu afundo.

Caio direto pelo chão da masmorra, as paredes se desfazendo e sendo substituídas por uma escuridão turbulenta. Estou em carne viva e estranhamente consciente de que meu corpo está ficando para trás, se desprendendo da mente, enquanto despenco em direção a uma espiral de cores que vem na minha direção.

De repente, um choque me faz voltar à posição, minha consciência se ajustando como se tivesse atravessado um limiar familiar.

Estou no castelo, só que não é o castelo que eu conheço.

Os tetos altos e corredores são iguais, com o mesmo eco, mas a atmosfera é diferente. Mais quente. Mais vívida. Eu sei, por puro instinto, que isso é uma memória ou uma visão. Uma sensação clara de que o que vejo não é imediato, como se o tempo e o espaço estivessem com as bordas borradas.

E, ainda assim, é real demais para ser só um sonho.

Quando me viro, aquela sutileza de calor se cristaliza. Consigo finalmente compreender.

Paz. É isso que é.

Os corredores são unificados. As frias paredes de pedra que depois foram erguidas não estão aqui. A divisão entre os Unidos e o lado real do castelo não existe.

Lobos enormes caminham livremente pelos corredores, as garras estalando no piso, as caudas balançando. Eles andam ao lado de humanos. Humanos *plebeus*, pelo que parecem. Não Unidos.

As pessoas conversam e sorriem. Uma risada clara ecoa de algum lugar fora de vista, como um sino. Um lobo-gigante à minha direita solta um sopro forte e bate com a cauda na humana que caminha ao seu lado, e ela sorri para ele quando os dois passam por mim.

Eu me viro e olho para o longo corredor que leva ao que conheço como o lado dos Unidos do castelo. Isso parece real. Mais que real, na verdade. Parece *certo*. Como se o mundo frio e escuro que eu conheço fosse, na verdade, o pesadelo.

As paredes que nos separam no presente são devastadoras. Como se alguém tivesse enfiado um pedaço gelado de metal entre duas metades de um só coração.

Algo me chama. Um lampejo de luz no canto do olho. Um giro dos corredores ao meu redor. Sou puxada para a frente por um vento que não sinto até que, de repente, estou em outro lugar.

A sala do trono, resplandecente em todo o seu fulgor, superada em beleza apenas pela...

Mulher sentada no trono. Ela é pálida, com longos cabelos prateados que caem como uma cascata brilhante sobre os ombros até os quadris.

Sobre seus cabelos de prata repousa a coroa dourada com os lobos gêmeos. Na garganta, meu colar de opala. No quadril, a espada de punho de lobo. E, aos pés dela, o maior lobo-gigante que já vi, com pelagem prateada e lustrosa.

Eu conheço essa mulher. Já a vi antes, esculpida numa parede secreta da passagem de serviço que liga a ala real ao lado dos Unidos. E de novo, desenhada no livro antigo de Stark.

Ela tem uma expressão calma enquanto se inclina para ajustar o peso nos braços. Um bebê, envolto em um cobertor fofo de pele. Ela amamenta a criança, sorrindo para uma serva que lhe pergunta algo antes de voltar a olhar para a criança.

Tudo nela irradia poder. Sua beleza. A coroa. A espada. Mas também a criança.

A forma preciosa, terna e sem reservas como ela o segura. Consigo sentir a conexão delas no ar, quente e silencioso. A mesma atmosfera pacífica de antes invade meu coração ao olhar para elas. Mãe e filha.

E então tudo se estilhaça. Um som distante, como o estalo de magia rompendo o ar.

As portas se abrem com violência. Uma mulher corre até o trono, usando uma espécie de uniforme militar. Seus olhos escuros estão selvagens.

— Rainha Chiara, os Sifões invadiram o palácio!

A rainha apressa-se em cobrir o seio, e seu bebê começa a chorar no mesmo instante, triste por ter seu alimento negado. Ela se ergue rápido, agarrando a criança nos braços e descendo os degraus do trono. O lobo-gigante a acompanha, imenso e protetor.

— Leve-a — ordena a rainha Chiara, entregando a criança à mulher ofegante. — Proteja minha filha com sua vida. Tire-a do

castelo e a *esconda*.

— M-minha rainha — gagueja a mulher.

Seus olhos se arregalam quando a rainha Chiara arranca o colar de opala do próprio pescoço e o empurra para as mãos dela.

— Isso vai proteger você — fala, e então se vira sem hesitar, agarrando a pelagem do enorme lobo.

Ela monta a fera com facilidade, encontrando seu lugar com uma graça sobrenatural enquanto os cabelos prateados escorrem pelas costas. Ela parece feita para aquilo.

Ela parece poderosa.

Por um instante doloroso, ela olha para a filha, antes de virar a cabeça e incitar o lobo-gigante para a frente. Sou arrastada junto, minha perspectiva se alternando entre os meus próprios olhos, os da rainha e a visão aguçada do lobo. Olho uma última vez para a criança, carregada às pressas para longe, uma dor solitária latejando no meu peito.

Aquele colar. Meu colar, o colar que foi da minha mãe e da mãe dela. Dado para a filha da rainha enquanto ela era levada às pressas para um lugar seguro. É possível que o colar tenha ficado com a família da bebê durante todos esses anos?

Que a rainha seja... minha ancestral?

E então a bebê some. A rainha precisa lutar.

Disparamos pelos corredores numa velocidade impossível. O peso da coroa pressiona minha cabeça também, enquanto os músculos poderosos do lobo nos impulsionam adiante. Minha essência voa sem peso junto deles, encorajando-os.

Chegamos a um trecho do castelo tomado pelo caos. Lobos lutam e morrem. Sifões inundam o corredor com sua velocidade antinatural e beleza. Clarões de magia explodem, fazendo o ar estremecer de energia.

A rainha passa por tudo isso. Ela está caçando.

Por fim, ela encontra sua presa. Um homem Sifão alto que...

Todo o meu ser estremece. É assustador o quanto se parece com Killian e o pai dele, com os olhos azuis penetrantes e os traços afiados.

A rainha não hesita. Empunha sua espada e ataca, disparando pelo corredor em cima do seu lobo e golpeando a cabeça do Sifão, mirando para decapitá-lo. Mas a lâmina dela ressoa contra a dele, e ele consegue redirecionar a força do golpe e desviar.

Uma risada terrível ecoa ao nosso redor.

— Chiara Sturmfrost resolveu vir brincar! — brada ele, abrindo os braços. Então um brilho hediondo e sombrio perpassa seus olhos. Pura maldade. Ele se inclina, como se fosse dividir um segredo. — Sabia que já cortei a garganta do seu marido?

A fúria e a dor da rainha Chiara inundam minhas veias, como se uma montanha tivesse desabado e esmagado minha alma. Ela golpeia de qualquer jeito, tomada pela raiva, mas o Sifão defende. Ela usa bem o poder do lobo-gigante, os dois movendo-se como um só.

Mas o Sifão é rápido. *Forte*. Os olhos dele enxergam tudo, muito antes que os golpes dela possam acertar.

— Qual é o seu objetivo final, Brightbane?! — grita a rainha.

Brightbane. Como Lucien Brightbane, o rei Sifão de Astreona. Mas esse homem não é ele — talvez um parente, um ancestral?

Outro turbilhão de golpes. Um atinge o ombro dele, mas o ferimento nem chega a desacelerá-lo.

— Noturna *nunca* se curvará aos Sifões! — berra Chiara.

Seu lobo-gigante avança contra Brightbane, que arregala os olhos e rola para fora do alcance.

Ele ofega, sorrindo com crueldade para ela.

— Que escolha terão quando a rainha e sua prole estiverem *mortas*? — cospe.

Essa última palavra atravessa a rainha como uma lâmina de gelo.

— Foi *muito fácil* matar seus três filhos mais velhos, e meus

homens já foram atrás da bebê. Ao amanhecer, a linhagem Sturmfrost terá acabado.

O lobo-gigante solta um gemido longo e baixo, como se sentisse a dor da cavaleira. O aperto de Chiara na espada afrouxa. Seus olhos se turvam. A agonia que só um pai ou uma mãe poderia sentir...

Isso abre uma brecha para ele. Ela ainda consegue aparar alguns golpes implacáveis, mas não é o bastante. Ela perdeu a vontade de lutar.

Meus filhos, quase posso ouvi-la sussurrar. *Meus filhos.*

Brightbane derruba a espada dela, jogando-a bruscamente no chão. O lobo tenta recuar, mas, num movimento fluido, Brightbane gira, e a lâmina corta a garganta da fera.

Sangue vermelho-vivo escorre do pelo prateado.

Chiara grita. O lobo-gigante cambaleia e cai, desabando no chão com um estrondo ensurdecedor. Eu assisto, horrorizada, enquanto um oceano de sangue jorra da garganta do animal.

Em seguida, a rainha desaba ao lado de seu lobo, os cabelos prateados flutuando sobre a poça vermelha horripilante.

O olhar dela se apaga, a vida arrancada pelo rompimento da união entre os dois.

A voz de Brightbane é a última coisa que ouço, ecoando sobre a cena da morte dela:

— Seus Unidos serão meus instrumentos de vingança.

É quase um alívio quando a visão começa a se desfazer. A luz e a cor se dissipam junto com os últimos fragmentos da energia da rainha.

A escuridão me envolve. E, nela, uma voz familiar. A mesma que ecoa em meus sonhos.

— *Chiara Sturmfrost está morta. Meryn Sturmfrost retornou. Vida longa à rainha Sturmfrost.*

Acordar da visão é como um amanhecer rápido e silencioso.

Uma luz fraca se espalha sobre mim, iluminando devagar a cela ao meu redor e minhas mãos trêmulas. Estou de volta ao meu corpo, de volta ao ponto de partida.

Mas tudo parece diferente.

Levanto a cabeça. Stark ainda está ali, parado, olhando para mim do outro lado das grades. Os olhos dele buscam os meus. Não sei o que ele procura. Mas está colado às barras, como se tentasse alcançar alguma coisa.

Minha mente gira, a visão efêmera gravada em mim como uma imagem residual. As peças se encaixam.

O colar de opala da rainha Chiara, dado ao bebê dela e depois passado pela minha linhagem.

As visões que minha mãe recebeu, que eu recebi — desconexas, avassaladoras e no fim consumindo tudo, mas carregando verdades.

Anassa, uma loba-gigante de poder incalculável que esperou anos por uma cavaleira, e então forçou uma união em alguém que não queria.

A coroa de lobos vindo parar na minha testa, parecendo ter sido feita para estar aqui.

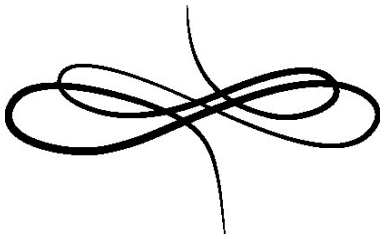
Minha língua pesa na boca, mas de algum jeito encontro uma maneira de pronunciar palavras que soam implausíveis e, ao mesmo tempo, absolutamente certas.

— Eu sou a rainha legítima de Noturna, não sou? — pergunto.

Os olhos de Stark brilham. Ele dá um passo para trás e se ajoelha, levando a mão ao peito.

— Bem-vinda de volta, minha rainha.

56



Olho para Stark, tentando entender. Tentando atravessar a estranha onda de calor que me inundou no instante em que o joelho dele tocou a pedra.

Ele está se *ajoelhando* para mim.

Apoio a mão nas grades da cela para me sustentar enquanto o observo.

Minhas palavras saem sufocadas:

— Por que você não me *contou*?

A coroa pesa em minha cabeça, aperta meu crânio. Não consigo entender nada disso. Tudo que sei é que séculos de verdades escondidas — de *mentiras* descaradas — estão empoleirados no topo da minha cabeça.

Estou com dificuldade de respirar, e Stark continua ali, em reverência, e ergue o olhar para mim devagar.

— Os Unidos têm...

— *Levanta* — engasgo. — Merda.

Ele se ergue suavemente e paira enorme sobre mim. Outra labareda de calor me chicoteia, e eu a apago rápido com um balde de água gelada.

Aquela lembrança. As mortes.

Os olhos escuros de Stark passam brevemente pela coroa na minha cabeça, descem para a minha mão nas grades e depois encontram o meu olhar.

— Os Unidos estão sob uma maldição de sangue dos Sifões há quinhentos anos. — Ele aponta para a coroa com a mão marcada de cicatrizes, hipnotizante. — Essa coroa e a espada, juntas, controlam as uniões humanas com os lobos-gigantes.

Penso na arena, no impulso latente que tomou conta das mentes da minha alcateia e os fez quererem matar uns aos outros.

— Nós não sabíamos o que tinha acontecido com a coroa, mas faz sentido que ela tenha sido escondida na arena... Quanto mais sangue de lobo-gigantes e de Unidos caía sobre ela, mais forte se tornava o controle do rei — explica Stark.

— Magia de sangue — falo, entorpecida, a mente girando diante da nova informação. — Uma *maldição* de sangue. Do que você está falando?

As sobrancelhas de Stark se contraem por um instante, mas ele inspira fundo e responde com uma voz calma, grave e perigosamente envolvente:

— O Sifão que derrubou a família real legítima usou uma poderosa magia de sangue para aprisionar as memórias do povo sobre a realeza de Tempesgelo. Ninguém podia falar deles e, em uma geração, foram esquecidos por quase todos. A exceção foi minha família. Como você sabe, somos os protetores jurados da linhagem real.

Quase caio numa gargalhada histérica. Não estou louca, mas Stark está claramente se esforçando para me empurrar nessa direção.

Esse tempo todo. Protegendo *a mim*, não Killian, não o rei.

— Minha ancestral levou sua ancestral às escondidas para fora do castelo quando ela ainda era bebê e a escondeu com uma família humana plebeia — continua ele. — Também escondeu o livro que você encontrou nos meus aposentos. Minha família tem passado esse livro fielmente de geração em geração. Mantivemos a verdade viva através da leitura, mesmo com a maldição que a

selava.

Finalmente entendo.

— Você literalmente *não podia* falar sobre isso. É por isso que precisei dar uma ordem direta para Anassa solicitar a coroa?

— Sim — responde ele, ríspido, e então cerra os lábios em evidente frustração. Mas não dirigida a mim. — Fui criado com histórias... sempre *escritas*, nunca faladas, sobre a linhagem Sturmfrost. Sobre o dia em que a realeza legítima voltaria. Eu...

Ele se interrompe e muda o peso do corpo, desconfortável. Seu olhar queima em mim.

— Estávamos esperando pelo dia em que alguém da realeza Sturmfrost se tornaria Unida de novo.

Engulo em seco, ignorando o leve formigamento nos lábios e a vontade insuportável de saber o que ele ia falar antes de se interromper. Eu me forço a dar um passo para trás e realmente *ouvir* o que ele está me contando. E, em meio a tudo isso, há uma coisa em particular que não faz sentido nenhum.

Balanço a cabeça e aperto as grades com mais força.

— Se você é meu... — Não *meu*, ele não é meu. — Se você é o protetor da minha família, por que está tentando me *matar* desde o momento em que cheguei aqui?

A expressão dele se contorce em uma careta furiosa. Uma energia ameaçadora explode dele. É aquela presença intensa, avassaladora, que ele encarna quando lutamos, quando mata, quando vai para a *guerra*.

— Te *matar*? — indaga ele, e então lança um olhar rápido por cima do ombro em direção à entrada da masmorra, baixando a voz. — Eu tenho feito de tudo para manter você segura!

Meu rosto queima.

— O que...

— Quem arranjou para você um quarto separado depois que alguém tentou te matar no meio da noite? Eu! — Ele bate o punho

contra o peito. — Quem tem te treinado e fortalecido a cada passo? Eu!

Ele conseguiu um quarto privado para mim? Não acredito que Killian tenha levado o crédito por isso... Se bem que acredito sim, é claro.

— E aquela noite, depois do Rito da Voz? — pergunto. — Você me *ameaçou*. Falou de acidentes e...

Ele resmunga.

— Você estava *bêbada*. Pouco tempo depois de ter sido atacada. Foi uma tentativa de te impedir de beber ainda mais.

Ah. Eu...

— Você vivia tentando me matar nos treinos! — exclamo.

— Eu não ordenei um *único* golpe que eu não soubesse que você poderia aguentar — responde ele, se aproximando mais das grades. Sinto seu calor, sua respiração. Ele está com raiva, mas olha para mim como se quisesse... — E *vivia* é um pouco exagerado, não acha?

Dou um passo para trás, porque ficar tão perto dele está mexendo com a minha cabeça.

— Eu sei o que vi, Stark. Desde o início, você me *odiou*. Você...

Ele bate a mão nas grades.

— Claro que eu te odiei, Meryn! — sibila ele.

Meu coração dispara no peito. Um raio de eletricidade percorre meu corpo e me deixa desconcertada, obrigando meus ombros a se erguerem. — E dá para me culpar? Minha família esperou *centenas* de anos pela sua chegada, mantendo o segredo vivo. *Eu* esperei. E quando a realeza de Sturmfrost enfim dá as caras, ela é *fraca* e está apaixonada pela pessoa cuja família roubou um direito que era seu de nascença!

Como... *como é que é*? Por que não consigo tirar esse *eu esperei* da cabeça? Eu deveria estar mais furiosa. Ele me chamou de fraca. Cuspiu a palavra *apaixonada* como se eu fosse uma colegial idiota

desesperada por atenção. No entanto, seus olhos são um poço fundo de dor.

— Você faz a mínima ideia de como foi difícil te ver com ele? — solta Stark, rouco. — Saber quem você era, mesmo quando você não sabia, com uma magia *repugnante* me silenciando? Suportar a união dos nossos lobos como pares para além de tudo isso?

Como para enfatizar o ponto dele, Anassa derruba o fino filtro que eu tinha erguido entre nós.

O desejo pulsa em mim no mesmo instante.

É castigador. Uma necessidade tão forte que quase me deixa *furiosa* com o vazio dentro de mim. Olho para Stark, e meu corpo inteiro grita que estou... sentindo *falta* dele.

Não é sentimental. Não é nem só físico, embora um calor insuportável inunde entre minhas coxas.

Não. É algo que vem do fundo da alma, centrado no âmago de quem eu sou.

É como se um dia tivéssemos sido talhados do mesmo osso, compartilhando sangue e ar. E então alguém o tivesse arrancado de mim, só que não consigo *lembrar* quando isso aconteceu. Tudo que resta é a fúria e o desejo persistente de ir até ele e restaurar o que foi perdido.

De estar com ele de todas as formas amaldiçoadas pelas deusas que eu puder.

Tento recuar. Fugir disso, porque não sou *eu*.

É a união de Anassa com Cratos. Tem a ver com Cratos, não com Stark.

Não sei por que eu...

O braço de Stark atravessa as grades quando tento recuar. O olhar dele é intenso. O aperto é forte, mas também... carinhoso. Ele me puxa para perto até eu estar colada nas grades, o frio do ferro atravessando minha camisa e resfriando minha pele em brasa.

— Você faz ideia de como foi te ver no Baile da Forja com o

vestido que eu escolhi para você — *O quê?!* —, rodopiando nos braços do seu amante e fazendo reverência ao pai traidor dele?

A voz dele. Acho que consigo sentir as vibrações do rosnado dançando sobre a pele sensível da minha garganta.

Stark nunca pareceu tão... *aberto* antes.

Aquele vestido. O vestido que era tão perfeito para mim. Que fez meu coração cantar.

Merda, eu *agradeci* a Killian por ele.

Stark escolheu meu vestido. Não consigo tirar isso da cabeça. *Stark escolheu meu vestido.*

Então outro pensamento surge em minha mente.

— Stark, antes da Ascensão, você passou pela cidade. Havia um homem, um desertor...

O homem que Stark e Cratos despedaçaram diante do público.

O homem que tinha me ameaçado na minha luta na noite anterior.

Stark ergue o queixo.

— Sim — responde, apenas.

Sim, ele o matou porque o homem me ameaçou. O que significa que Stark esteve lá aquela noite, me observando lutar, em algum lugar da multidão.

Meus joelhos ficam fracos, e aperto ainda mais as grades de ferro. Então encontro os olhos dele, atordoada. A respiração dele está ligeiramente irregular. Seu maxilar lateja. A mão no meu braço envia malditos relâmpagos pelo meu ombro e me derrete em calor.

Cerro o maxilar e ergo uma barreira suave de volta para abafar o desejo de Anassa. Mas ainda está ali. Quando ela não tenta esconder, fica rondando no fundo da minha mente.

Silencioso, mas dolorido.

E Stark sentiu isso o tempo todo.

Devagar, ergo a mão e a pouso suavemente sobre o pulso dele. Seus olhos se arregalam. Vejo os pelos do braço se eriçando. Vejo

os lábios se entreabrirem um pouco. Então ele desvia o olhar.

Ele me solta e vira o rosto de repente, como se eu tivesse dado um tapa nele. Por um segundo, percebo a cicatriz vulnerável sob seu maxilar.

Dou um passo para atrás, o calor dele ainda na minha palma.

— *Anassa* — imploro.

Não sei por quê. Só estou confusa. Sobrecarregada.

Ela vira a cabeça e encosta no meu braço. A aspereza do pelo dela me acalma. Sinto um turbilhão de compreensão vindo dela. É a emoção mais suave que já senti pela união.

Talvez ela tenha aliviado a conexão aberta entre nós porque, um instante depois, minha mente está um pouco mais clara. Os efeitos físicos no meu corpo permanecem, mas a necessidade dolorosa se foi. Mesmo assim, olho para Stark e sinto...

Acho que consigo compreender. Mas é difícil.

Tudo que eu achava que sabia a respeito dele foi virado de ponta-cabeça.

Respiro fundo e acaricio a orelha de Anassa, tentando acalmar meu coração acelerado. Ainda estou confusa, mas...

— Stark — chamo.

Ele ergue a cabeça, claramente ainda afetado.

— Alfas não podem se dar ao luxo de serem fracos — recito.

O reconhecimento brilha nos olhos dele. Ele ergue a cabeça devagar, e vejo um traço do homem implacável que conheço e odiei... Bem, eu não o *odeio*.

Agora, preciso pensar como a Alfa que sou. Ou melhor, como a *rainha* que sou, por mais inacreditável que isso possa soar.

— E Killian? — pergunto.

Vejo Stark engolindo tudo de volta, erguendo as muralhas outra vez. Acho que é o que ele quer. Deve ser mais fácil para ele, e não posso culpá-lo.

— O ancestral dele — continuo —, o que roubou o trono da

minha família... era um Sifão. Killian também é Sifão?

Stark fica em silêncio por um longo momento antes de responder:

— Não tenho certeza.

Xingo em silêncio. Não me surpreenderia, a essa altura, se Killian *fosse* um Sifão. Se eu ando por aí sendo uma rainha sem ninguém saber — merda, agora o apelido de Stark para mim faz todo o sentido —, por que um Sifão não poderia andar entre nós também?

— O rei original que roubou o trono morreu, assim como toda a linhagem dele ao longo dos anos — explica Stark.

— Mas Sifões podem viver para sempre — respondo. — Então como ele morreu? Por quê?

Stark suspira e se apoia nas grades, cruzando os braços.

— Infelizmente, há coisas que eu não sei. Tudo que sei aprendi no livro que você viu.

Tamborilo os dedos na coxa.

— Merda.

Ele bufa. Parece quase divertido.

— A única coisa que sei com certeza é que Killian não age pensando no seu bem.

Dou uma risada amarga, gesticulando para as grades entre nós. Meu maldito *bracelete de noivado* cintila quando faço isso.

— Acredite. Agora eu sei muito bem disso. Por que você não falou nada? — Lanço um olhar para Anassa. — *Nenhum* dos dois. Sei que tinham limitações por causa da maldição, mas em algum momento podiam ter avisado *ei, só para constar, o seu noivo é um filho da puta manipulador*.

Tento ignorar o aperto doloroso no coração ao falar essas palavras.

— *E você teria acreditado?* — rosna Anassa, e meu rosto esquenta de vergonha.

Claro que não teria. Nem mesmo quando estava furiosa com Killian por esconder sua identidade de mim. Tenho lutado contra os dois desde o começo dos Ritos. Se Stark tivesse tentado falar algo, eu provavelmente teria enfiado uma faca nele. E Anassa? A muralha teria sido erguida na hora.

A terrível verdade de tudo isso me atinge e, por um instante, não consigo respirar.

Meu noivo, meu amado. Um homem a quem entreguei meu coração e meu corpo. Seja lá qual fosse a intenção dele comigo, com certeza não era nada nobre. Ele partiu meu coração e depois, idiota que sou, *eu o perdoei* e ele fez tudo de novo, dez mil vezes pior.

Eu mesma causei tudo isso. Se nunca tivesse me envolvido com ele, será que Saela estaria a salvo? Será que minha mãe ainda estaria viva?

Meu estômago se revira, e cambaleio para a frente, com medo de vomitar no chão imundo da cela. Anassa envia uma onda de energia calmante, o que ajuda a conter a náusea.

E, quando ela passa, sou tomada pela clareza.

Se eu nunca tivesse me tornado Unida, as rainhas Sturmfrost teriam permanecido em segredo. Talvez por mais quinhentos anos.

Então acho que tenho uma coisa a agradecer a ele.

Stark me observa intensamente, uma tempestade violenta brincando em seus traços. Antes, essa imagem me assustaria. Agora sinto um arrepio por motivos completamente diferentes.

Ele estende a mão pelas grades e agarra meu pulso, o contato incendiando meu sangue.

— É só você mandar e eu arranco a garganta dele. Todas as vidas que já tirei foram apenas um treinamento para esse momento, minha rainha. Faça de mim o seu instrumento de vingança. Deixe que minhas mãos executem cada um dos seus pensamentos selvagens e depravados. Me use. Sou seu.

Meu. *Meu* psicopata babaca. *Meu* assassino sedento de sangue.

Meu rosto está quente e estranho, e percebo, como se estivesse me observando de fora do meu corpo, que estou chorando, as lágrimas escorrendo em rios pelas bochechas.

Dentre todas as coisas, é *isso* que me faz chorar?

Talvez eu esteja enlouquecendo, afinal. Rio ao pensar nisso e enxugo as lágrimas num gesto rápido.

— Obrigada — falo, com a garganta apertada. — Mas esse... esse acerto de contas é meu e de mais ninguém. Além disso, ainda tenho perguntas para o nosso suposto príncipe, e precisamos das respostas antes que qualquer um de nós pense em maneiras criativas de arrancar as tripas dele.

Stark solta meu pulso com cuidado, e sinto a perda do contato de forma aguda.

— Você precisa ir até ele, então?

Assinto e tiro a coroa da cabeça.

— Preciso. Ele fez um trabalho impecável fingindo ser o que eu queria. Está na hora de retribuir o favor.

A coroa é pesada em minhas mãos, e quando a entrego de volta a Stark, é como se meu sangue protestasse. Sinto um instinto de pegá-la de volta, mas resisto.

— Mantenha a coroa segura. Encontre Saela e as outras crianças. Venna pode te ajudar nisso. Vou precisar que você venha me encontrar com a coroa, mas enviarei a mensagem por Anassa quando chegar a hora.

Stark assente, o cabelo escuro caindo sobre os olhos. Quando finalmente me encara de novo, há algo diferente em seu olhar. *Preocupação*, fico surpresa ao perceber. Que incomum.

— Eu diria para fugir do perigo — brinca ele —, mas conheço você muito bem.

Mordo o lábio, de repente sem graça.

— Você está preocupado?

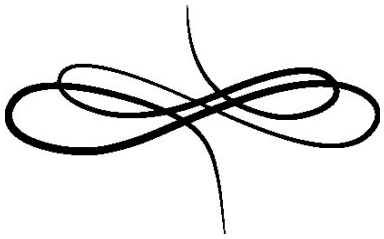
Ele dá um risadinha de deboche.

— Nunca. Você é o perigo. Qualquer pessoa que não enxergar isso merece o que vem pela frente.

Merda, as lágrimas idiotas voltaram.

Por algum motivo, acredito nele com todo o meu coração, mesmo que as palavras estejam saindo da boca de um homem que um dia pensei ser meu maior inimigo.

57



Stark espera Venna vir e sinalizar que o caminho está livre de novo, e então eles partem. Ele prometeu que Saela estará me esperando quando eu acabar com Killian.

Meu coração sangra só de pensar em adiar meu reencontro com Saela, em confiar a qualquer outra pessoa o resgate dela, até mesmo a Stark. Mas sei que ela não estará segura até que eu lide com a ameaça chamada Killian.

Depois que eles partem, espero uns vinte ou trinta minutos. O tempo passa de forma estranha aqui embaixo. Fico andando de um lado para o outro na cela escura até finalmente chamar pelos guardas.

Os dois homens que vêm parecem sentir nojo de mim. Quem pode culpá-los? Estou coberta do sangue seco do rei deles.

— Por favor — falo, me ajoelhando diante deles na cela e tentando ao máximo parecer fraca. — Por favor, chamem o príncipe Killian para mim. Ele tinha razão. Minha mente não está boa. Eu preciso dele, preciso da ajuda dele. Ele me ama e vai dar um jeito nisso. O príncipe Killian vai saber o que fazer.

— Rei Killian — corrige um deles, secamente.

— Rei Killian — concordo, ainda que tenha sido quase doloroso dizer essas palavras. — Por favor.

Os guardas trocam um olhar cauteloso e então vão embora sem falar mais nada.

Mas meus apelos devem ter funcionado, porque pouco depois eles voltam e me tiram da cela. Depois me escoltam de forma grosseira escada acima, subindo, subindo e subindo, passando por corredores até que finalmente chegamos ao salão diante do quarto de Killian.

Achei que ele viria até mim, mas é claro que ele me queria aqui, onde pudesse ter a vantagem completa.

Os guardas abrem a porta do quarto dele e me empurram lá para dentro.

— Não tente nenhuma gracinha — rosna um deles. — Vamos estar bem aqui do lado de fora.

Então bate a porta na minha cara.

— *Estou nos aposentos de Killian* — falo para Anassa. — *Você ainda está na cela? Faça Stark ir te buscar agora, enquanto os guardas estão aqui. Eles estão de sentinela, então duvido que alguém perceba que você se foi. Veja se Stark consegue tirar a coleira.*

— *Ele já está a caminho* — responde ela. — *Vamos até você assim que nos chamar.*

Quando me viro, me assusto ao perceber que não estou sozinha. Há duas criadas aqui — uma mais velha, de rosto franzido, e uma bem jovem, que se encolhe ao me olhar, assustada.

— Vamos começar, então — diz a mais velha.

Elas passam o que devem ter sido horas me arrumando — tiram o uniforme ensanguentado do meu corpo e me empurram para dentro da bela banheira de Killian, esfregando minha pele até quase arrancar e lavando meus cabelos prateados. Quando estou limpa o suficiente, de acordo com os critérios delas, me tratam como uma boneca. Secam meus cabelos e os arrumam até ficar lindo, passam loção pelo meu corpo inteiro. Maquiam meu rosto e me enfiam em um vestido elaborado, num tom azul-marinho magnífico de seda, amarrando-o tão apertado que mal consigo respirar.

Não falam uma palavra durante todo o processo. E, quando atinjo algum nível aceitável, vão embora. E eu fico sozinha, esperando.

Os aposentos de Killian agora me parecem diferentes.

Vou até o assento da janela e observo pequenos flocos de neve pousarem no telhado reluzente além do vidro e derreterem de imediato. Encolho as pernas contra o peito e deixo que os delicados saltos que as criadas me deram caiam no chão com um baque. O vestido parece que vai me engolir inteira.

Ao meu redor, vejo lembranças silenciosas de tudo que descobri. Odeio o fato de um dia ter olhado para esse quarto e tê-lo julgado bonito. Reconfortante, até, por causa da lareira eternamente acesa. E por causa *dele*, sempre ali me esperando com um sorriso cúmplice.

Sinto um calafrio. Essa sensação não foi embora desde que Stark saiu do meu lado.

Esfrego os braços e tento esquecer o toque das mãos das criadas pairando sobre mim. Mas estou grata por terem me transformado em um objeto bonito.

Ele quer uma noiva frágil. Alguém que não questione. Alguém que possa controlar.

Então vou dar isso a ele.

A maçaneta gira, e ergo os ombros no mesmo instante, me encolhendo numa bola como se o frio estivesse penetrando em meus ossos e o gelo estivesse me consumindo. Por um segundo, meus pensamentos voam para Stark. É tempo suficiente para que aquela consciência ardente retorne, mas o som da porta se abrindo me arranca disso.

Preciso me concentrar. Killian é uma víbora camuflada.

— Meryn — diz Killian, com um suspiro, fechando a porta atrás de si.

Ainda carrega a espada do pai, ou melhor, a *minha* espada na

cintura. Seu rosto se inunda com a mais pura emoção. Alívio, preocupação, amor.

É um processo intrincado transformar minha fúria quando ele aparenta vulnerabilidade. Já fiz isso antes com outros homens. Já deixei que vissem o tremor nas minhas mãos e pensassem que era por medo, não porque eu estava imaginando torcê-las no pescoço deles.

Mas aqueles homens não eram Killian. Ainda estou com a pulseira de noivado que cintila em ouro, vermelho e preto contra o brilho da seda que cobre meus joelhos.

— Você está linda, gatinha — diz ele, e atravessa o quarto até mim.

O apelido quase faz minha máscara cair. *Gatinha*. Agora entendo o que ele estava fazendo. Para o resto do mundo, eu era uma gata de rua feroz, mas para ele... apenas uma gatinha patética.

Levo a mão ao cabelo e enfio os dedos, puxando de leve. Quando ele chega até mim, deixo que um tremor mais violento percorra meu corpo.

— Killian — arrulho, encarnando o papel da mente frágil. — Acho que você tinha razão. Eu pensei, de verdade...

O rosto dele se desfaz enquanto se acomoda ao meu lado nas almofadas. Seus dedos repousam no meu tornozelo, e o calor do toque faz meu sangue azedar. Mas não deixo isso me afetar. Finjo que é uma cobra enrolada na minha pele.

— Não acredito que estou enlouquecendo como minha mãe — sussurro, a voz fraca.

Aquela sensação enjoativa retorna. Minha garganta arde. Queria nunca ter sido obrigada a falar essas palavras. Minha mãe não era louca. Nenhuma das mulheres da minha família antes dela eram. As visões, as vozes... tudo era apenas nosso direito de nascença não realizado, gritando, lutando para vir à tona.

Uma nova onda de luto me atinge, súbita e cortante.

Killian percebe e se inclina para mim. Fecho os olhos com força quando os braços dele se fecham ao meu redor.

Está tudo errado. Tudo agora é diferente, assim como o quarto ao nosso redor. O toque dele ainda é familiar, mas, quando o sinto, me lembro do jeito como me olhou enquanto estávamos sobre o corpo do pai dele. Seu choque fingido. Seu breve e triunfante sorriso perverso.

E tenho que engolir o vômito.

Apoiando-me em seu abraço, agarro seus ombros. Logo, a mão dele desliza pelas minhas costas, enredando-se nos cachos perfeitamente modelados do meu cabelo. Os dedos afundam, guiando minha cabeça.

E ele me beija.

Eu me desligo do meu corpo, abrindo a boca mas me estendendo até Anassa. Derramo-me na minha união com ela, deixando Killian me beijar profundamente e confiando na presença vigilante de Anassa.

Se eu soubesse, se ela tivesse conseguido me alertar sobre a máscara que Killian usava, eu nunca teria aceitado ficar com ele. Há raiva nisso também, por ele ter tirado tanto de mim.

Por eu ter doado de forma tão voluntária, ter deixado que ele visse as brechas na minha armadura, quando o tempo todo ele era *essa* pessoa.

Essa criatura vil, capaz de beijar uma mulher que treme de medo.

Agora não importa. Ou importa, mas não posso confrontar minhas feridas pessoais. Este momento é maior do que eu.

E está funcionando, percebo. Os dedos de Killian puxam os laços apertados nas costas do meu vestido, afrouxando-os lentamente enquanto me beija.

Passo os dedos pelos cabelos dele e me concentro na satisfação assassina de Anassa. Killian está rastejando para dentro das

mandíbulas dela, e ela anseia pelo gosto do sangue dele.

— Está tudo bem — sussurra ele contra minha boca, rouco. — Eu vou cuidar de você, Meryn. Sempre vou cuidar.

Estremeço. De algum modo, isso soa como uma ameaça, embora não haja nada no brilho dos olhos dele que sugira algo sinistro. Ele fecha os braços ao meu redor e me puxa para si, mas eu movo as pernas e me levanto.

— Eu... não estou bem — falo, o peito subindo e descendo rápido.

Ele me deixa segurar sua mão, e eu o puxo para ficar de pé. Ele acaricia meu rosto e com a outra mão solta mais um laço do meu corpete.

— Mas... quando estou com você, me sinto melhor — minto, olhando fundo em seus olhos. Encosto no peito dele, agarrando-o pela lapela como se fosse cair se não o tiver ali para me segurar. — Faça com que eu me sinta melhor.

Sinto a fome na próxima respiração de Killian. Ele se inclina e cola a boca na minha, me segurando pelo quadril. Eu recuo um passo, puxando-o comigo em direção à cama. Os olhos dele brilham de luxúria.

Há algo quase vitorioso em seu sorriso, e eu desvio rápido o olhar quando me viro para guiá-lo pelo pulso.

Assim que estou ao lado dele no colchão, seguro seus ombros e o empurro levemente. Ele se senta e me deixa escorregar para o colo dele, a seda fina deslizando com um sussurro sobre suas pernas. Ele suspira e leva as mãos para minhas coxas delicadamente adornadas, apertando-as.

Quando Killian estica o pescoço, eu o beijo de novo.

É como engolir veneno.

Nem um pingo do prazer que um dia senti com ele me alcança em meio à dor e à raiva. Quando ele enfia a mão por baixo do meu vestido e a leva até minha coxa, eu jogo meu peso contra ele. Ele

solta um grunhido e me deixa empurrá-lo para o colchão.

Eu me inclino sobre ele, beijando-o, mordiscando levemente sua mandíbula. Ele me puxa mais para perto e beija meu pescoço. Eu me forço a roçar nele algumas vezes, movendo os quadris até sentir que ele começa a endurecer embaixo de mim.

Então, lentamente, guio as mãos dele mais para baixo nas minhas coxas. Ele acha que quero que toque minha bunda, e estende os braços.

No instante em que faz isso, empurro os braços dele para baixo e os prendo sob minhas pernas com todo o meu peso. Arranco minha boca da dele e me ergo, o gelo cristalizando nas minhas veias.

Já chega.

Ele arregala os olhos, mas é lento demais. Fui treinada para isso.

Quando ele tenta se soltar da posição comprometedora puxando o braço, acerto um soco em seu pescoço. Ele engasga, e seu rosto fica vermelho. Aproveito a oportunidade para prender seu braço dominante com a perna e alcançar sua cintura.

Então tiro a Espada Funesta do quadril dele.

Antes que ele possa piscar, pressiono a lâmina contra sua garganta, saboreando o ruído surpreso que ele solta.

Killian analisa nossas posições. Minhas coxas nuas presas sobre os braços dele, minha espada em sua garganta. Mas ele parece achar tudo... *divertido*.

— Excitante — fala, os olhos frios subindo para encontrar os meus. — Está tentando decapitar um segundo rei com essa espada? Dois em um dia deve ser um novo recorde.

Pressiono mais a espada em sua garganta. Ele nem se mexe quando a lâmina corta sua pele. Meus olhos acompanham por um instante o fio de sangue escorrendo pelo pescoço dele, depois retornam para seu olhar gélido.

— Você não é rei — cuspo. — E nem o impostor do seu pai era.

Ele solta uma risada divertida.

— Ah. Então você descobriu.

— Você sabia quem eu era esse tempo todo?

— É claro que sabia — responde Killian, ainda sorrindo.

Algo morre no meu peito quando ele fala. Eu esperava essa resposta, mas ainda assim dói fundo.

— Não vai me falar que você estava torcendo para que fosse uma *coincidência* que o atual príncipe herdeiro e a herdeira da linhagem real original se encontrassem num mercado qualquer e acabassem num relacionamento? — Ele dá de ombros. — Não existem coincidências.

Merda. *Merda*.

— Os rumores falavam que a rainha Chiara manteve seu bebê vivo. Meus ancestrais decidiram que pouco importava, já que ninguém se lembrava dela de qualquer forma. Mas eu tinha um plano para a realeza Sturmfrost — diz ele, seu sorriso ficando cada vez mais cruel.

Ele se ergue um pouco do colchão para pressionar o próprio pescoço contra a lâmina. Há algo selvagem em seus olhos.

— Eu cacei você. Eu fui atrás de você. Eu fiz você ser minha.

Preciso de todo o meu autocontrole para não cortar sua garganta agora. Em vez disso, falo:

— Seu monstro miserável. Eu te *amei*! E o tempo todo você só estava... me usando.

A frieza no olhar dele se suaviza.

— Assim você me machuca, Meryn. Eu não estava *só* te usando. Eu te amo. Tudo que fiz foi para o seu próprio bem. Para o *nosso* bem e para o bem do reino.

E o mais perturbador é que acho que ele acredita no que está falando. Talvez essa seja a única coisa genuína que já me falou.

Meu aperto na lâmina se intensifica. A magia chicoteia dentro de mim como um furacão, arrancando minhas raízes e me deixando à

deriva. Sem rumo, não consigo parar o pensamento outra vez. *Seria tão fácil*. Eu poderia matá-lo aqui mesmo. Bastaria um movimento do pulso, e ele me olharia de volta com a vida se esvaindo do corpo, sabendo que a presa se tornou predadora.

Mas ainda não acabei por aqui.

— Minha mãe?

— Você tem que entender que eu não gostei de fazer aquilo. Mas, se você fosse ser minha rainha, os poderes dela precisavam passar para você. Era a hora dela.

Poderes. Deve ser a magia que sinto responder quando seguro esta lâmina. A sensação que percorreu meu corpo quando usei a coroa.

A realeza Sturmfrost tem magia — magia que foi suprimida por séculos.

Mate-o, *mate-o*, *mate-o*, meu coração pulsa. *MATE-O*.

— Mas eu precisava de você — continua Killian. — Então deixei você vi...

Algo estranho começa a acontecer.

As pupilas de Killian começam a se expandir e contrair de forma alarmante. Sua boca se abre, e suas íris rolam para trás, até que só consigo ver o branco dos olhos por trás de cílios trêmulos. Então, num instante, o olhar se fixa em mim de novo. A voz que sai do homem embaixo de mim não é de Killian.

— Killian ficou ganancioso — diz ele, a voz ecoando de forma assombrosa.

O som está todo errado. Estala de idade, de uso excessivo. O timbre ressequido não combina com o rosto jovem de Killian.

Eu recuo, horrorizada. É como se aranhas estivessem rastejando pelo meu corpo inteiro. Pressiono a espada firme contra a garganta dele, desorientada e confusa.

— Quem é você? — exijo saber.

O sorriso dele se estica de um jeito grotesco, que não parece

nem um pouco natural, os dentes à mostra. Vejo os caninos se alongarem em presas que arrancam sangue dos próprios lábios.

— Alistair Brightbane.

Brightbane.

O Sifão que matou a rainha Chiara. *Como?!*

— Traga Killian de volta — rosno, inclinando-me sobre ele.

Acontece de novo. As pupilas tremem. O corpo se sacode.

Os olhos voltam ao normal, e ele solta um murmúrio satisfeito.

— Sim, meu amor?

— O que você é? — Quando ele apenas ergue uma sobrancelha para mim, pressiono a lâmina mais fundo, e ele solta um silvo. — Você é um Sifão? Sempre foi?

— Não, Meryn — responde ele, com um sorrisinho debochado. — Nem sempre.

Eu costumava amar ouvir meu nome nos lábios dele. Agora, só consigo ver as presas.

— Quando ficou claro que você estava no encalço do meu pai — continua ele —, Alistair exigiu ser transferido. Ele esteve aqui pelos últimos quinhentos anos. Cada novo rei da nossa linhagem serve como seu receptáculo.

Meu choque me faz afrouxar por um instante o aperto na espada, mas logo volto a pressioná-la contra a garganta dele.

— Como isso sequer é possível?

Nunca ouvi falar de nada parecido.

— Magia de transferência — explica ele. — Um tipo particularmente complicado de magia de sangue Sifão. Só alguém com o grande poder de Alistair Brightbane poderia realizar isso.

O rei usurpador nunca desapareceu, afinal. Ele esteve aqui o tempo todo, escondido à vista de todos. Minha mente rodopia, e eu pestanejo, tentando me ancorar de volta no quarto luxuoso.

Preciso continuar perguntando. Preciso de mais respostas.

— Então seu pai era um Sifão? — indago.

O sorriso de Killian se alarga.

— Sim, e ele me transformou em um, no dia da cerimônia de graduação. Obrigado por matar aquele Filax plebeu, aliás. Eu estava com muita sede depois de ter me transformado.

Henrey. Então foi isso que aconteceu com o corpo dele — Killian o drenou. É por isso que os servos o levaram para debaixo da arena.

Os olhos de Killian brilham naquele tom azul estranho — o mesmo dos olhos do pai —, e percebo agora que isso deve estar ligado à magia de transferência.

Um monstro, com centenas de anos, habita o corpo de Killian junto com ele. E o tempo todo que estivemos juntos — a vida inteira dele — ele soube que esse seria seu destino.

— E as crianças? Minha irmã? — pergunto. — Foi seu pai quem drenou *todas elas*?

— Sim, meu amor. — Ele toca a presa com a língua. Sua voz continua ecoando e rastejando, violando, dentro dos meus ouvidos. — A magia de transferência é difícil de ser sustentada, ainda mais durante os Ritos de União, quando também precisamos controlar tantos lobos. Só o sangue forte das crianças podia nos dar o poder necessário.

Já chega. *Já chega.*

— Isso acaba aqui — respiro, erguendo a lâmina para dar o golpe.

Já consigo imaginar. Assim como aconteceu com o pai dele, sua cabeça vai rolar dos ombros. O sangue vai encharcar os lençóis.

O que tivemos jamais poderia me deter.

Mas, no instante em que ergo a espada, a força se esvai dos meus músculos. Killian ri de novo, o som vibrando pelo quarto.

As sombras ao nosso redor começam a se contorcer e a se agitar como serpentes. Elas rastejam para fora das pernas dos móveis, dos cantos do quarto. Movem-se como se estivessem vivas e famintas.

Então, de algum modo, as sombras me *agarram*, enrolando-se nos meus pulsos e tornozelos. Sou arrancada de cima de Killian com uma força brutal, arremessada ao chão e imobilizada ali.

Ele se levanta da cama, ajeita o paletó e caminha devagar até mim, enquanto permaneço presa.

— É claro que você já deveria imaginar que eu não deixaria você me matar. Afinal, eu sou seu futuro marido.

Chuto na direção dele, tentando afastá-lo.

— Nem *fodendo*! O que está fazendo comigo?!

Pela primeira vez desde que ficamos a sós, o medo corre dentro de mim, e eu me agarro desesperadamente a Anassa.

— *Agora. Você e Stark precisam vir AGORA!*

Killian se ajoelha no chão ao meu lado e acaricia meu rosto.

— Gatinha, estou falando sério. Eu te amo. Você não está em pleno juízo agora. — Ah, essa merda de novo, não. — Mas, quando parar para pensar um pouco nisso, tenho certeza de que verá o quanto somos bons juntos. Posso governar o mundo inteiro com você ao meu lado.

— *AGORA!* — exclamo pela união.

A porta se escancara com um estrondo ensurdecedor.

Stark irrompe no quarto com nossos dois lobos, movendo o corpo com precisão. Ele libera uma explosão de poder Daemos. O impacto ergue Killian e o arremessa contra a parede. As sombras se dissipam, e meu corpo fica livre.

Eu me levanto o mais rápido que consigo.

Então Stark me lança a coroa. Eu a seguro com a mão esquerda ao mesmo tempo que ergo a espada de novo, assumindo posição de combate.

No instante em que a coroa se encaixa, o poder explode pelo meu corpo. É como mergulhar em uma vasta floresta escura, milhas de sombras infinitas ao meu redor. A energia pulsa de dentro de mim, poderosa demais para minha pele, fervendo como

água em ebulição. Pressiona para fora, viva, tentando romper os limites da minha mente.

Minha *magia*.

E, ainda assim, há uma vasta parte dessa floresta de poder que está separada de mim. Essa magia fervilhante e interminável é apenas uma fração de uma reserva mais profunda.

Quando Anassa percebe, ela me lança um aviso que parece uma mordida na nuca, me puxando de volta para o lado dela. Mas não tenho tempo para pensar no que isso significa.

Killian se levanta de onde estava caído contra a parede e começa a rir.

Anassa rosna. Os olhos dele se voltam para ela, depois para Stark, que está de pé entre os dois lobos imensos, em posição de ataque. Killian ergue a sobrancelha com algo que parece quase apreciação.

— Você guardou alguns segredos de mim, Meryn — fala, em tom de repreensão, como se ele mesmo não tivesse me enganado esse tempo todo. — Não sabia que sua loba tinha um companheiro. Que pena. Mas suponho que isso não importa agora.

Ergo a lâmina ainda mais e falo com Anassa:

— *Se prepare para atacarmos*.

Mas então as sombras se movem de novo, mais violentas do que antes, erguendo-se ao nosso redor em uma tempestade giratória sem fim. A luz do quarto enfraquece enquanto Killian avança em minha direção.

Stark tenta usar os poderes Daemos outra vez para golpear Killian ou as sombras, mas a energia se volta contra ele. O impacto o lança de volta contra Cratos. O lobo-gigante negro solta um rosnado ameaçador.

— Tsc, tsc — diz Killian, friamente. — Não sabe que não pode usar seus poderezinhos de lobo-gigante contra essa magia? Afinal, seus poderes vêm dos meus. Bem, da Meryn, tecnicamente.

Uma dor de cabeça começa a latejar atrás dos meus olhos

enquanto tento decifrar o sentido dessas palavras.

Killian chega até mim e agarra meu rosto de forma brusca, forçando outro beijo. Anassa avança num bote, mas ele desvia com uma velocidade inumana. *Sifão*, lembro, tarde demais. Ele é um Sifão agora.

— Muito obrigado pelo meu novo poder, minha amada — fala, deslizando o olhar de Anassa para mim. — Como presente de despedida, deixei uma surpresinha pra você. Tenho certeza de que nos veremos em breve.

Eu grito e mergulho a lâmina em sua direção. Mas, no instante em que o metal quase toca sua garganta, as sombras cruzam o quarto em uma velocidade impossível. Elas se enrolam em torno de seu corpo como um casulo, gelando contra minha pele nua.

O vento chicoteia o ar, e, com um estalo seco, como uma articulação se deslocando, Killian desaparece.

— Que porra foi essa? — sussurro, encarando o espaço que ele ocupava.

Fraca, me viro para Stark. Ele está muito perto de mim, a mão um pouco suspensa entre nós. As sobrancelhas arqueadas, os olhos desvairados.

Está me encarando em absoluto horror. Abro a boca para perguntar o que está acontecendo, mas então sua mão se fecha no meu braço, o aperto dolorosamente firme, como se tentasse me prender à terra.

Sigo o olhar dele para baixo, até meu pulso esquerdo. Ergo-o devagar.

O anel de rubi incrustado na pulseira de noivado está manchado de sombras. Elas se agitam dentro da pedra como se nadassem em sangue.

— Tira isso — vocifera Stark.

A voz dele treme de urgência enquanto o aperto em meu braço aumenta.

Agora também está óbvio para mim. A pulseira é o que está drenando minha força. Killian estava canalizando minha magia por ela — magia da qual eu nem tinha *consciência* — através da pedra.

Atiro a espada de lado e levo a mão para soltar o fecho.

Mas, quando tento, o metal se contrai dolorosamente em torno do meu pulso. O bracelete se deforma, ameaçando cortar meu fluxo sanguíneo.

— Não consigo — engasgo.

Um pânico claustrofóbico dispara pelo meu corpo.

— Meryn...

— Não consigo! — grito, puxando de novo.

Ele aperta ainda mais. Vai quebrar meus ossos. Me despedaçar.

Anassa rosna e se choca contra Cratos.

— *A pulseira é encantada e vinculada a você* — me explica ela, com urgência. — *É isso que permite ao usurpador canalizar magia de onde quer que esteja.*

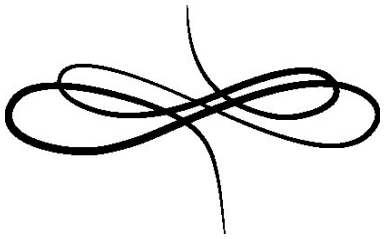
Deixo escapar um grito sufocado. Começo a traçar estratégias depressa. Nenhuma espada conseguiria cortar isso, mas talvez um ferreiro pudesse derreter o metal. Mas, mesmo enquanto penso nisso, sei. No fundo dos ossos, sei.

Não há nada que eu possa fazer para arrancar essa pulseira, não sem a magia Sifão que a criou.

Foi isso que Killian fez comigo. Enterrou suas presas bem fundo, direto no meu coração. Roubou minha coroa, roubou meus poderes.

E agora não vai me soltar.

58



Leva um tempo até que eu volte a mim, mas, quando isso acontece, Stark está ao meu lado. Sua mão está quente nas minhas costas, esfregando em círculos suaves e apaziguadores. Eu não sabia que esse brutamontes era capaz de um gesto tão discreto e delicado.

Fecho os olhos e me permito mergulhar na sensação. Em seu cheiro almiscarado, âmbar, e no calor acolhedor de seu corpo ao lado do meu.

Quem diria que eu acharia a presença de Stark tão... reconfortante?

Depois de um minuto, ele pergunta:

— Você está bem?

Eu me recomponho e olho para cima, para ele. Não há pena em seu rosto, o que ajuda. Ainda assim, o contato físico já começa a parecer demais. Eu não quero ser tocada por ninguém, não depois de Killian. Talvez por muito tempo.

Talvez Anassa transmita isso a Cratos, porque Stark afasta a mão e dá um passo para trás.

— Não — falo para ele. — Não estou bem. Mas vou desmoronar depois. — Porque, por mais que eu queira me afundar na dor por Killian, tem algo muito mais importante na minha mente agora. — Onde está minha irmã?

— Venna e eu lideramos um pequeno grupo de Daemos em uma incursão às masmorras enterradas. Tivemos que... eliminar... alguns

guardas reais no caminho.

Estreito os olhos.

— Os guardas reais que ajudaram o rei a prender e matar crianças sequestradas? Eles mereceram a morte. Você a encontrou?

Ele inclina a cabeça.

— Resgatamos as crianças. Venna está cuidando de Saela no meu escritório. As outras estão sendo devolvidas às suas famílias na cidade, escoltadas pelos Unidos.

— Me leve até ela.

Seguimos rápido pelos corredores, Anassa e Cratos vindo logo atrás de nós, lado a lado. Eles estão assustadoramente silenciosos. Quaisquer membros da nobreza que tenham restado devem estar escondidos em seus aposentos de hóspedes. Os Unidos ainda estão confinados no lado deles do castelo. Por isso, nossos passos ecoam de forma ensurdecedora enquanto andamos.

E eu sei que não estou imaginando.

— Stark.

— Sim.

— Você está vendo? — pergunto, para confirmar.

Observo os olhos dele se moverem para os cantos dos corredores, para a pedra sob nossos pés, depois voltarem para mim.

— Sim — responde.

As sombras ao nosso redor estão se mexendo. Tremendo. *Vivas*. Elas se movem comigo. A cada passo que dou, elas se esticam, rodopiam e se dobram como se me seguissem, como um dedo arrastado em uma espiral de tinta.

Mas, ainda assim, há uma distância. Eu consigo alcançá-las e arrastá-las comigo... mas também sinto que, se tivesse pleno uso dos meus poderes, poderia obrigá-las fazer qualquer coisa.

Eu poderia partir o mundo em dois.

Venna está nos esperando no corredor com dois dos Recém-unidos Daemos. Bem, na verdade agora Unidos, acho. Quando vê

nossa aproximação, ela fica na ponta dos pés e corre na nossa direção. Seu lobo ergue a cabeça, nos observando de perto enquanto Venna me envolve nos braços.

— Saela está segura — fala, recuando.

Seguro as mãos dela e aperto.

— Obrigada — agradeço, com a voz trêmula.

Ela assente e segura minhas mãos contra o peito por um instante antes de me soltar e se encostar no lobo.

Stark empurra a porta do escritório dele, e eu passo correndo. Saela está além do tatame de treino, encolhida em uma das poltronas confortáveis de Stark e coberta por um de seus cobertores macios. Tem um dos livros dele no colo. Mas, quando ouve a porta se abrir, ergue a cabeça depressa.

Ela abre um sorriso enorme e larga o livro antes de arrancar o cobertor de cima de si com um gesto brusco. Minhas lágrimas brotam no mesmo instante. Estou tão aliviada que não me importo nem um pouco que Stark esteja vendo.

Ela está livre. Está aqui. É minha.

Tudo valeu a pena para ver esse sorriso no rosto da minha irmã. Ela enfim está a salvo.

Saela dispara pelo tatame quando eu a alcanço. Jogo os braços em volta dela, puxando seu corpo trêmulo contra o meu. Ela me agarra com uma força dolorosa.

Ofego.

— Ar, Sae.

Ela solta uma risada tensa e ergue a cabeça para me olhar.

— Desculpa — fala, mas não me solta.

Balanço a cabeça.

— Não peça desculpa.

Afasto os cabelos escuros de seu rosto. Ela está pálida e gelada. Seus olhos cor de avelã parecem um pouco apagados. Odeio ter deixado que chegasse a esse ponto. Odeio ter deixado que ele a

levasse. Vou arrancar o sol do céu e colocá-lo em suas mãos só para aquecê-la.

— Você está bem? — pergunto. — Você parece...

— Estou bem agora. — Ela se aconchega ainda mais perto. Minha garganta se fecha quando ela ergue o rosto para mim com um sorriso cheio de lágrimas. — Você cumpriu sua promessa.

Deixo escapar um soluço e a aperto com ainda mais força, esmagando-a em um abraço. Nunca mais vou deixá-la ir. Acaricio seus cabelos e beijo sua cabeça. Quando ela tenta se soltar, resmungo e a seguro ainda mais firme.

— Vou te fazer outra promessa.

Finalmente a solto. Saela escapa dos meus braços e ergue o olhar para mim. O canto de seu olho treme um pouco. Ela parece tão exausta.

— Tá bom — responde ela, com um sorriso discreto.

— Eu prometo — falo, erguendo a mão para segurar o rosto dela — que agora tudo vai ser diferente. Vou fazer as coisas melhorarem.

Os lábios dela tremem, e ela assente.

— Parece um bom plano. — Então, seus olhos sobem até a coroa na minha cabeça. — O que... o que é isso?

Lanço um olhar para Stark, que está de guarda na porta junto com Cratos. Ele parece ler minha mente. Será que ele *consegue* mesmo ler minha mente? Eu e Anassa precisamos conversar para que eu entenda como ela se comunica com o companheiro.

O maxilar de Stark se contrai, e consigo perceber o que ele está pensando, mesmo sem ele falar nada. Ele não quer sair do meu lado agora. Mas solta o ar, faz uma reverência e fala:

— Ficarei de guarda lá fora. Avise Anassa quando estiver pronta para que eu volte.

Então ele se vira e sai, e eu fico sozinha com Saela e essa notícia devastadora.

— Isso — explico, erguendo a mão para tocar o metal em minha cabeça enquanto falo as palavras que pareciam tão improváveis — é a coroa de Tempesgelo. É a coroa dos nossos ancestrais. Somos descendentes da realeza.

Os olhos de Saela ficam tão arregalados que parecem prestes a saltar da órbita. Ela não ri nem parece cética. Em vez disso grita, com a voz aguda:

— Eu sou uma princesa?!

Explicar para minha irmã mais nova que sempre fomos secretamente da realeza acaba sendo assustadoramente fácil. Depois do choque inicial e de alguns gritinhos histéricos, ela aceita tudo que falo, me bombardeando de perguntas sobre tudo que aconteceu desde que nos separamos.

Faço o meu melhor para explicar tudo. Nossa verdadeira herança. A "loucura" da nossa mãe e a magia em suas veias. Nas minhas. Como Anassa me escolheu na montanha. Depois de um tempo, não dá mais para adiar.

Levo Saela até a poltrona aconchegante em que a encontrei e a faço sentar, segurando suas mãos. Então olho nos olhos dela e conto sobre nossa mãe.

Saela chora. Fica imóvel, trêmula, as lágrimas escorrendo pelo rosto.

— Então... tudo mudou — diz ela, fungando, com a voz baixa. — Não podemos voltar para casa.

O terrível vazio do luto quase me destrói por dentro. Puxo-a para mim e a seguro forte.

— Você nunca estará sozinha, Saela.

Ela solta o ar, tremendo, agarrada a mim.

— Somos filhas dela — declara. — Somos fortes.

— Sempre — confirmo.

Um arrepio corre pelo corpo dela quando enxugo sua bochecha. É difícil. Não é só a falta da nossa mãe, mas saber que toda a nossa

linhagem vem sofrendo há tanto tempo. Só espero que Saela saiba que isso termina comigo. Agora *tudo* vai ser diferente.

— Então, se eu sou uma princesa e nossa família é responsável pelos lobos-gigantes... eu vou poder me tornar Unida algum dia? — pergunta, entre lágrimas.

Anassa resmunga, assentindo atrás de mim. Ela ficou afastada o tempo todo, deixando Saela e eu conversarmos. Mas agora que Saela demonstrou interesse pelos lobos-gigantes, Anassa se aproxima.

— Isso significa sim na linguagem da Anassa — falo para Saela.

Os olhos de Saela se arregalam, e eu tento imaginar isso pela perspectiva dela — tentar ver Anassa pela primeira vez. Ela se ergue sobre nós, ocupando toda a nossa visão. Sua pelagem branco-prateada brilha na luz fraca do escritório de Stark, e ela encara Saela com seus olhos amarelos e sábios. É temível e poderosa.

Anassa se deita aos pés de Saela, a parte de cima da cabeça agora alcançando a cintura dela. Saela estende uma mão hesitante e Anassa cheira, se esfregando nele em seguida.

O deleite brilha nos olhos de Saela, seu sorriso tão largo e radiante que é tudo o que consigo ver. Ela acaricia Anassa de novo e fala, num tom carinhoso:

— Quem é a garota bonita? — pergunta, com a voz aguda. — Você é uma garota bonita, não é?

Anassa olha para mim, os olhos semicerrados.

— *Fale para ela não se comunicar comigo como se eu fosse um bebê. Garanta que ela saiba que os lobos-gigantes merecem respeito.*

— *Você não gosta disso, fofurinha?* — brinco.

Anassa estende uma pata e me dá um tapa, mas eu salto para trás, rindo.

— Ela quer que você fale com ela como a criatura poderosa e ancestral que ela é — falo para Saela, que se endireita no mesmo instante e assente para Anassa, entendendo o recado.

De repente, consigo ver o futuro dela — escalando o monte Mata-lobo, unindo-se a um imenso lobo-gigante só dela. Por mais orgulhosa que eu ficaria de vê-la entre os Unidos, não há a menor possibilidade de eu me sentir confortável em deixá-la passar pelos Ritos de União.

— *Ela não precisa passar pelos Ritos* — declara Anassa. — *Ninguém precisa, se você não quiser que eles aconteçam mais.*

Arregalo os olhos, surpresa.

— *Do que você está falando? Achei que os lobos-gigantes tinham criado os Ritos. Foi o que Egith ensinou.*

— *É mentira* — rosna Anassa. — *Os Unidos foram levados a acreditar nisso para não se revoltarem contra o rei. Esse foi o jeito dele de controlar nossa população... Ele queria nossa força, mas não em número suficiente para se levantar contra ele.*

Mesmo depois de tudo pelo que passei nos últimos dois dias, depois de tudo que descobri, isso me deixa profundamente abalada.

Todo aquele sangue derramado. Todas aquelas vidas. Para nada.

Anassa sente minha dor e fala:

— *Tudo pode mudar agora. Você pode ser a mudança. Os Ritos podem ser o que você quiser que sejam.*

O peso dessa declaração é quase insuportável. *O que eu quiser*. Pela primeira vez, percebo de verdade que sou eu quem decide.

Agora eu estou no comando — dos Unidos e de toda Noturna.

— *Primeiro, você precisa reivindicar a coroa publicamente* — corrige Anassa. — *Para liderar, precisa que as pessoas concordem em seguir você.*

Ela tem razão. Eles precisam saber, todos. Cada pessoa no castelo e em todo o país. Vai ser uma grande empreitada.

— *Chame Stark de volta* — falo para ela, já pensando no que teremos que fazer.

Um instante depois, ele retorna ao escritório com Cratos, seguido pelos dois cavaleiros Daemos — Helene e Grigore.

— Eles sabem? — pergunto a Stark.

Helene e Grigore trocam olhares confusos.

— *Posso alcançá-los agora* — diz Anassa. — *Posso alcançar todos os Unidos. Quer que eu tente?*

— *Sim* — respondo. — *Mostre a eles a verdade.*

Minha mente se conecta ao que parece o vínculo da alcateia, mas amplificado em uma magnitude inacreditável. Onde antes havia um único rio, ligando-me aos Estrategos, agora é uma confluência que alcança todas as alcateias e seus cavaleiros. Anassa envia a verdade em espiral para ambos, alimentando-os com imagens e informações.

Helene arfa, levando as mãos à boca. Grigore ergue o olhar para mim depressa, o choque estampado no rosto, e depois cai de joelhos.

— Minha rainha — fala.

Antes que eu consiga falar qualquer outra coisa, há um estalo ameaçador e um baque. Eu me viro, pronta para sacar a lâmina. Mas não é um inimigo.

Meu estômago se revira diante da visão pavorosa à minha frente.

Saela caiu. Está convulsionando no chão, com os olhos revirados, os músculos fazendo seu corpo se contorcer até que tendões estiquem e ligamentos estourem. Algo doce e enjoativo paira no ar, como cheiro de fruta podre.

Não, ela não pode ter se machucado, estava bem *agora mesmo*...

Avanço na direção dela, desesperada para ajudar, para interromper sua dor. Helene chega primeiro, se abaixando e levantando Saela.

E, antes que eu consiga alcançá-las, Stark agarra meu braço e me puxa para trás. Estou prestes a fazer picadinho dele *com os dentes*, mas então vejo.

Helene recua como se tivesse levado um golpe. A mão dela voa para a própria garganta, os olhos verdes arregalados.

Sangue, percebo.

Há um buraco aberto em sua garganta, que ela tenta manter fechado.

Saela se vira para mim numa velocidade aterradora. O corpo dela se enrijece, selvagem. Há sangue por toda a boca e o queixo.

Ela avança em Grigore com... com *presas*.

— Um Sifão! — grita ele.

Isso é um erro. Isso não é real. Ela...

— Meryn! — implora Stark, me puxando contra o peito e me abraçando por trás, me imobilizando.

Percebo que eu ainda estava me lançando na direção dela, desesperada, como se tocá-la pudesse desfazer tudo.

Um grito escapa de mim, rasgando minha garganta. As palavras de Killian ecoam em minha mente.

Como presente de despedida, deixei uma surpresinha para você.

As sombras ao redor do cômodo se erguem, pulsando. Apagam toda a luz, movendo-se de formas que não consigo compreender nem controlar totalmente.

Killian a transformou, a corrompeu. Fez dela um... *deles*.

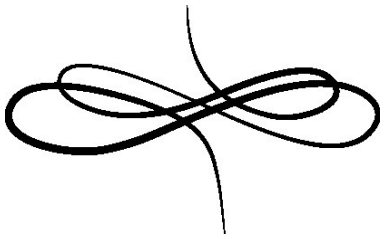
Mas agora eu conheço os poderes que vivem dentro de mim, os poderes que são meu direito de nascença.

Não vou aceitar isso. Não aceito. Primeiro, vou encontrar um jeito de salvar minha irmã... e então vou atrás dele.

A fúria percorre minhas veias como mil facas forjadas nas sombras mais profundas.

Eu sou Meryn Sturmfrost, rainha de Noturna, e vou usar a escuridão retorcida nos meus ossos e no meu sangue para *caçar* Killian Valtiere até os confins da terra.

Agradecimentos



Nossas vidas foram transformadas para sempre pelas pessoas incríveis da Requited, começando com Rugayyah Daud, nossa editora extraordinária. Muito obrigada pela paixão e pelo carinho que você demonstrou por este livro. Esta série será mil vezes mais forte graças ao seu olhar editorial atento e às suas reflexões tão importantes — somos imensamente gratas!

Agradecimentos igualmente especiais às brilhantes Lisa Yoskowitz e Lauren Kisare, e para o restante da equipe da Hachette Book Group: Jen Graham, Marisa Finkelstein, Jonathan Lopes e Tracy Koontz, por deixarem nosso livro tão impecável; Sasha Illingworth, Patrick Hulse, Tuesday Hadden e Sasha Vinogradova, por nossa capa deslumbrante; Cheryl Lew, Mary McCue e Emilie Polster, por garantirem que as pessoas conheçam o nosso livro; Jackie Engel e Danielle Cantarella, por garantirem que as pessoas possam comprá-lo; Melanie Schmidt, Avery Caris e Gabriel Michael, por darem vida ao audiolivro dos nossos sonhos. Megan Tingley, que equipe genial você reuniu.

A nova fase de *A ascensão dos lobos* só é possível graças às estrelas da WME, começando por Cairlin Mahony, a agente dos nossos sonhos mais ousados. É um prazer trabalhar com uma mulher tão divertida, inteligente e obstinada. Suzy Ball, obrigada por tornar nossos sonhos "do outro lado do oceano" realidade, e também agradecemos a Frankie Yackel e Mary Pender. Somos mais do que

abençoadas por ter todas vocês ao nosso lado.

Também somos imensamente gratas a todos os nossos primeiros leitores, incluindo quem recebeu os exemplares antecipados. Temos a imensa sorte de poder compartilhar nosso livro com muito *mais* leitores por causa de vocês, então, para todo mundo que leu e repassou a um amigo — OBRIGADA! Gratidão nem começa a descrever o que sentimos em relação às influenciadoras que, em particular, chamamos de nossas rainhas, que divulgaram este livro para seus públicos e convenceram tantas pessoas a nos dar uma chance: Janessa (@meemoreads), Lauren (@bookhuddle), Bailee (@bailees_bookshelf), Amanda (@amandathebookworm), Shaelin (@shaelinslibrary), Kaila (@kaila.books), Jaimee (@thtgrIreads), Emmy (@whatemmyreads), Laura (@laurareads), Laura (@elitereading) e Nash (@nash..reads).

E um agradecimento ainda maior vai para nossos primeiros leitores de verdade: nossos betas incríveis. Suas observações detalhadas e atenciosas resultaram em uma edição dedicada que tornou este livro infinitamente mais forte. Agradecemos profundamente por terem compartilhado seu tempo e suas mentes conosco. Sem ordem específica: Rachel Zimmerman, Sarah, Cambria, Blakely Morales, Taylor Jaye, J.B. Lee, Krystal Valster, Dayna, Katheryne Ann, Rebecca Williams, Amanda Bundren, Bryn McDaniels, Courtney Pomietto, Samantha, Kiyeereads, Michelle Wynne-Feigin, Aryana Schneider, Ashley Kreib, Victoria Paschal, Gina Sheets, Jotinde Pels, Jade, Heidi Roach, Tiffany S., Amanda Powell, Ariel e Jessica Parr.

Nós (Annie e Eliza, as coautoras por trás de Sable Sorensen) tivemos a alegria de trabalhar juntas em dois empregos, com duas equipes que fizeram trabalhos criativos e notáveis para corporações que nem sempre reconheceram seu valor. Para nossas ex-colegas e amigas tanto da WB quanto da WT: amamos vocês. Obrigada por nos darem anos de inspiração e por nos ensinarem tanto. Um

agradecimento especial a Sue, que foi uma mentora inspiradora e generosa o suficiente para dar uma olhada inicial neste livro.

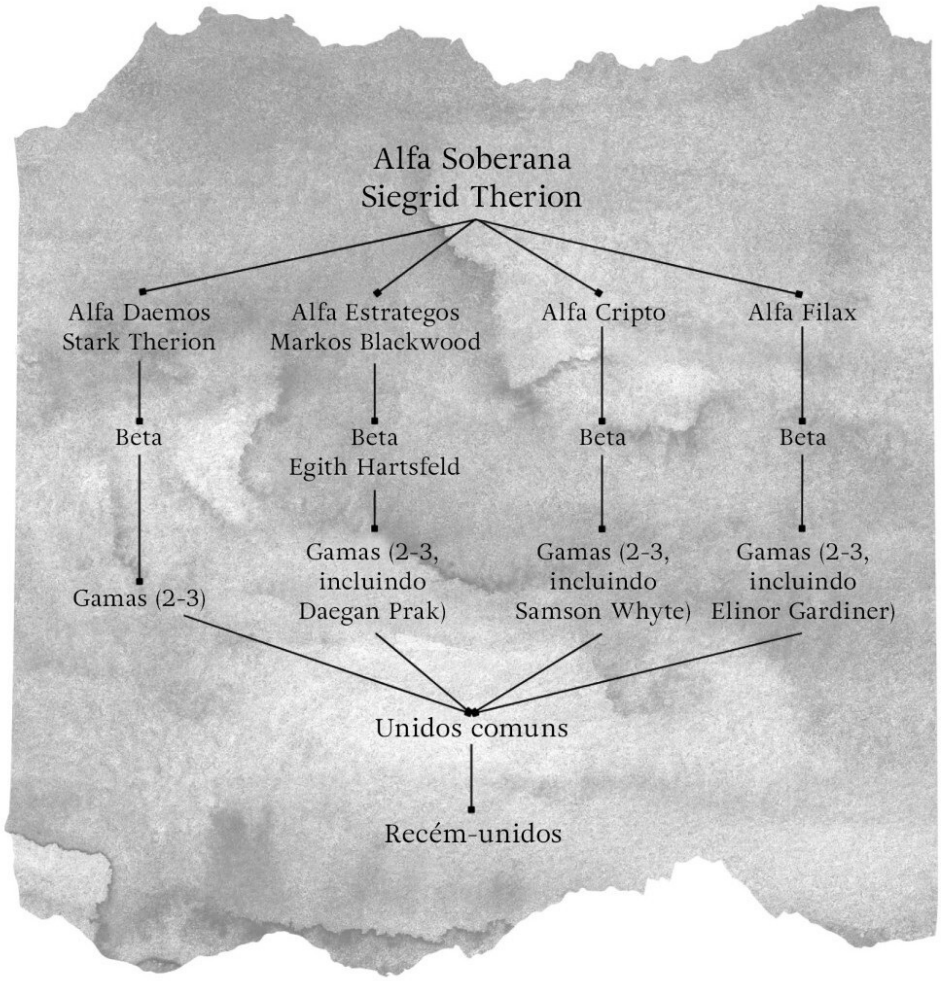
A comunidade de autores independentes nunca deixa de nos surpreender com sua generosidade e engenhosidade! Um grande obrigada às pessoas maravilhosas da IAA e do grupo FaRo por compartilharem sua sabedoria e conhecimento com novatas como nós (e se você gosta de romantasia, confira a comunidade FaRo, criada por autoras, em farofeb.com!).

De Annie: Quero agradecer a meus pais, David e Lisa, por seu apoio inabalável — e por lerem contos de fadas e romances de fantasia para mim quando criança, ajudando minha imaginação a florescer. Às minhas amigas maravilhosas (um agradecimento especial para Nina, Candace, Ellie, Lauren, Stewart, Danielle, Hannah, Christine, Zenab e Beth) e aos meus irmãos fabulosos, que aguentaram meus discursos intermináveis sobre Meryn, lobos-gigantes, artes de personagens e muito mais — obrigada pela paciência! A Josh, Don, Katie, Julianne, Helen e todos os outros que compartilharam conselhos ao longo deste último ano e meio dessa aventura maluca — sou muito grata. Jason, obrigada por me alimentar com comidas deliciosas, planejar viagens para minha sanidade e aguentar intermináveis "Ok, mas tenho que te mostrar só mais um TikTok". E, por fim, um agradecimento enorme a todos os autores brilhantes cujo trabalho me inspirou ao longo dos anos. Vocês mudaram minha vida.

De Eliza: Quero agradecer a meus pais, Duffy e Vicky, e a meu irmão, Ian, por serem incansáveis ao me cobrarem para escrever um livro. Vejam só, eu consegui! Mas, falando sério, sou extremamente sortuda por ter uma família que sempre me incentivou a perseguir sonhos artísticos com ousadia — obrigada. Venho de uma longa linhagem de mulheres apaixonadas por literatura, especialmente minha avó Carole, que cultivou minha imaginação quando criança com suas próprias habilidades de

contar histórias. Obrigada por sempre me comprar, sem dúvida, os livros mais *estranhos*, e abraços a Maury por manter tudo unido. Drew, nada disso teria sido possível sem seu amor e seu apoio, especialmente neste último ano insano. Obrigada por dezesseis anos acreditando em mim, mesmo quando eu não acreditava. Minha vida adulta tem sido um exercício de falar: "Será que eu consigo?" e você sempre respondendo, sem hesitar: "Sim." Eu te amo. C&S, vocês são minha motivação principal para fazer literalmente qualquer coisa. Mamãe terminou de trabalhar... por enquanto.

Um guia para conhecer as alcateias Unidas de Noturna





ESTRATEGOS

Os estrategistas e líderes das alcateias Unidas, mestres em estratégia e comando de campo de batalha. Sua magia de comunicação é mais forte que a das demais alcateias, permitindo-lhes elaborar planos e discutir táticas durante a luta; também são dotados de lampejos de premonição, breves vislumbres de futuros imediatos possíveis. Os lobos da alcateia Estrategos têm sempre coloração prateada e/ou branca.



DAEMOS

Os guerreiros das alcateias Unidas, conhecidos por sua brutalidade e proeza física em combate. Sua magia pode torná-los mais fortes, rápidos e letais em batalha, podendo até ser usada como arma contra inimigos por alguns deles. Os lobos da alcateia Daemos têm pelagem escura, alguns de um negro profundo.



CRIPTOS

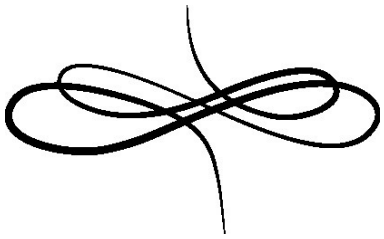
Os que caminham pelas sombras, espiões das alcateias Unidas, especializados em furtividade e coleta de informações. São capazes de manipular magia de ocultação que dobra a luz e a sombra para auxiliá-los a permanecer invisíveis. Em certos horários do dia ou em condições específicas, lobo e cavaleiro podem se tornar quase imperceptíveis. Os lobos da alcateia Criptos têm pelagem cinza-escuro ou manchada.



FILAX

Os guardiões das alcateias Unidas, voltados para a defesa e a proteção. São capazes de conjurar magia defensiva, que pode variar desde pequenas barreiras temporárias até grandes cúpulas protetoras quando a alcateia atua em conjunto. Os lobos da alcateia Filax têm coloração marrom ou castanha.

Glossário



ALFA: O membro de mais alta patente de cada alcateia, escolhido pelos lobos-gigantes.
ALFA SOBERANO: O mais alto posto entre todos os Unidos, capaz de se comunicar com os lobos de todas as alcateias.
ASCENSÃO: O primeiro dos Ritos de União; uma escalada perigosa no monte Mata-Lobo, onde os potenciais Unidos devem provar que são dignos de se unir a um lobo-gigante.
ASTREONA: O reino dos Sifões.
BETA: O segundo no comando de uma alcateia, responsável pelas operações do dia a dia.
BRASAVINHO: Um álcool condimentado popular em Noturna, geralmente servido quente.
CIDADE UNIDA: A cidade rica e isolada atrás do castelo, onde os Unidos e suas famílias residem.
DEUSA SEM ROSTO: Divindade ancestral cujos verdadeiros nome e aparência se perderam no tempo.
FORJA: Os dois primeiros meses dos Ritos de União, focados no vínculo da alcateia.
GAMA: Terceiro posto em uma alcateia, normalmente ocupado por dois ou três escolhidos em cada grupo.
LEVADORES: Como os plebeus chamam os sequestradores que levam crianças, presumidamente Sifões ou cúmplices deles.
MONTE MATA-LOBO: O pico mais alto da cadeia de montanhas ao norte

de Tempesgelo, onde os lobos-gigantes e os Unidos formam sua união.

NOTURNA: O reino onde se passa *A ascensão dos lobos*.

PAR: O parceiro destinado de um lobo-gigante; cada vez mais raro de se encontrar.

PROVAÇÃO: Os dois últimos meses dos Ritos de União, voltados para a coordenação entre as alcateias.

RECÉM-UNIDO(A): Pessoa que passou pela união recentemente e ainda está em treinamento.

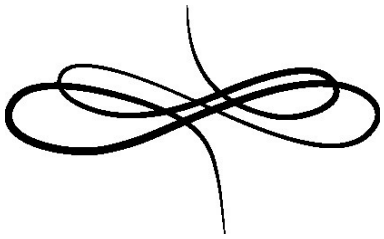
RITOS DE UNIÃO: O período de quatro meses de treinamento dos Recém-unidos, composto de diferentes Ritos para testar a conexão de um Recém-unido com seu lobo-gigante e sua adequação à alcateia.

SIFÕES: Seres imortais semelhantes a vampiros que se alimentam da força vital humana e manejam magia de sangue.

TEMPESGELO: A cidade real de Noturna e lar de Meryn.

UNIDO(A): Um humano que conseguiu se unir a um lobo-gigante, formando uma conexão telepática, e completou seu treinamento.

Guia de personagens



ANASSA

Loba-gigante de Meryn

CRATOS

O enorme e brutal lobo-gigante de Stark

CYRIL VALTIERE

Rei de Noturna; pai de Killian

EGITH HARTSFELD

Beta da alcateia Estrategos

HENREY SMYTHE

Recém-unido da alcateia Filax; único outro Recém-unido que não veio de uma família Unida

IGOR

Vizinho de Meryn e treinador de lutas clandestinas

IZABEL BROOKS

Amiga mais próxima de Meryn entre os Unidos, também Recém-unida da alcateia Estrategos

JONAH
Recém-unido da alcateia Daemos; inimigo de Meryn

KILLIAN VALTIERE
Príncipe herdeiro de Noturna

LEE
Em um relacionamento amoroso com Meryn; mensageiro do castelo

MARKOS BLACKWOOD
Alfa da alcateia Estrategos

MERYN COOPER
Lutadora de rua, filha, irmã — e recruta relutante entre os Unidos

NEVAH RIVENSON
Uma das Recém-unidas da alcateia Estrategos, companheira de Meryn

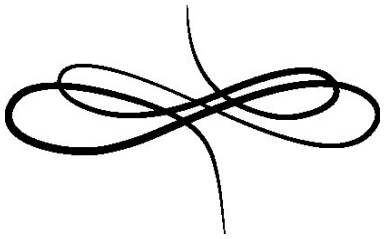
SAELA COOPER
Irmã mais nova de Meryn

STARK THERION
Alfa da alcateia Daemos

TOMISON THORNE
Um dos Recém-unidos da alcateia Estrategos, companheiro de Meryn

VENNA BROOKS
Irmã gêmea de Izabel, Recém-unida da alcateia Criptos

Playlist



"ZEN" — JENNIE
"Hurt" — Johnny Cash
"Running Up That Hill (A Deal With God)" — Kate Bush
"Wolf Like Me" — TV On the Radio
"Running with the Wolves" — AURORA
"Sweet but Psycho" — Ava Max
"Lose Control"— Teddy Swims
"Gods & Monsters" — Lana Del Rey
"Wolves" — Selena Gomez, Marshmello
"Glory and Gore" — Lorde
"Landfill" — Daughter
"Howl" — Florence + The Machine
"She Wolf" — Shakira
"you should see me in a crown" — Billie Eilish

Capítulo extra

STARK

Ele ouviu alguns dos outros Unidos contarem qual era a sensação de voltar para Tempesgelo vindos da frente de batalha: calor, apesar da neve. Eles rompem pela floresta ao sul da cidade e, quando avistam o imponente castelo de pedra ao longe, sabem que estão quase chegando em casa.

Stark Therion não compartilha desse sentimento ao se aproximar da decadente expansão de pedra. Para ele, não existe algo como voltar para casa. Tudo que esse lugar desperta nele é um ressentimento distorcido e fétido.

Na guerra, ele é poderoso. Tem propósito. Está em um ambiente que lhe é familiar, autorizado a liberar a violência que ferve em suas veias o tempo todo.

Aqui, é um garoto de recados em uma tarefa interminável, passada de geração em geração em sua família. Um dever sagrado que mais parece uma maldição.

— *Você está sombrio esta noite* — resmunga Cratos, o lobo-gigante de Stark. — *Que tédio.*

Os dois quase sempre estão alinhados, mas Cratos nunca vai entender o rancor que essa cidade provoca em Stark. O lobo, afinal, aguarda ansiosamente os raros retornos — significa que pode ver sua parceira. Se ao menos ela finalmente aceitasse a união e tomasse um cavaleiro, juntando-se a eles na frente de batalha... Mas todos sabem por que ela espera.

Quando Cratos está longe de Anassa, carrega uma saudade constante e cega, que passa para Stark. É como uma ferida profunda que nunca cicatriza. Se você esquece que ela está ali, não incomoda, mas de vez em quando você esbarra nela e a dor que

provoca faz seus olhos lacrimejarem.

Pelo menos uma coisa boa vai sair dessa missão ridícula. O lobo dele finalmente vai transar.

Stark desliza das costas de Cratos, aterrissando em silêncio na neve suja do lado de fora das muralhas da cidade.

— Ainda bem que você vai ter uma folga de mim, então. Cai fora.

As palavras saem mais brincalhonas que ásperas, e Cratos abaixa o focinho negro enorme até o rosto de Stark, roçando de leve sua bochecha antes de virar as costas e disparar para as montanhas.

Stark inspira fundo o ar frio, depois puxa o capuz e segue para os bairros populares da capital. O cheiro de urina e podridão sobe das ruas como vapor. O rei não dá a mínima para esta cidade, para seu povo — não é preciso conhecer a verdade sobre ele, como Stark conhece, para perceber isso.

Ele se mantém no lado mais sombrio das ruas sempre que pode, para evitar ser visto. Olha ao redor ao virar a última esquina, certificando-se de que a filha mais velha não esteja à vista. Não que ela fosse saber quem ele é, de qualquer forma. Mas ainda assim.

Quando se encontrarem, ele quer que seja nos próprios termos.

O Distrito Leste se parece muito com o resto de Tempesgelo. Um pouco mais decadente que o Norte e um pouco menos infernal que o Sul, mas em qualquer lugar desta cidade maldita você encontra as mesmas pedras fuliginosas, telhados remendados e ruas enlodadas, com mais paralelepípedos faltando do que em ordem.

Algumas casas são bem cuidadas, com a neve cuidadosamente retirada da entrada, lâmpadas acolhedoras nas janelas e, aqui e ali, o lampejo de cor de uma cortina feita em casa. Outras se parecem mais com os moradores do Distrito Leste: velhas e cinzentas. Stark desvia os olhos das piores, casas com lixo espalhado na entrada, móveis quebrados no pequeno quintal da frente, vidraças estilhaçadas fechadas com tábuas irregulares. Ele não consegue

deixar de reparar em quantos lares exalam desespero.

O ressentimento volta a borbulhar dentro dele, e seus punhos se cerram. Essa cidade inteira, fedorenta e feia, é um lembrete de tudo que há de errado no mundo e de como não há nada que ele possa fazer para mudar a situação.

Ele sobe os degraus de uma casa que fica a meio caminho entre bem cuidada e negligenciada e bate à porta. Ela se abre, revelando uma mulher mais velha, roliça, de rosto avermelhado. Ela sabia que Stark estava vindo e, mesmo assim, seus olhos se arregalam levemente de medo antes de fazer uma reverência.

— Prina — cumprimenta ele.

— Alfa — responde ela para o chão, acenando para que ele entre na casa.

Ele só esteve dentro da casa dela algumas poucas vezes. Geralmente se encontram em locais previamente combinados para mantê-lo longe dos olhos de qualquer vizinho. Especialmente *delas*. Mas no dia seguinte ele vai até o castelo, e precisa ver a família com os próprios olhos antes disso.

Prina puxa duas cadeiras da mesa da cozinha e coloca perto da lareira modesta, as pernas de madeira raspando ruidosamente no piso de pedra nua. Stark toma posse de uma delas, dobrando-se para caber, sua figura alta mal acomodada no assento.

— Relatório — solicita ele.

Desde que Siegrid se tornou Alfa Soberana, ficou a cargo de Stark vigiar os Cooper. Como quase sempre está na frente de batalha, liderando o esforço de guerra da alcateia dos Daemos, ele teve que contar com uma rede de informantes.

Como esposa do treinador de Meryn, Prina é sua melhor fonte.

Ela começa a contar as últimas novidades, todos os movimentos da casa dos Cooper.

— Frankie falou que Nathalia está piorando — relata Prina. — Ela mal sai de casa hoje em dia. Parece que as meninas a mantêm

fora de vista. Se você pretende contê-la antes que cause algum mal, pode ser que tenha que fazer isso em breve.

Quando Stark convocou Prina para ser sua espiã, alegou que as autoridades estavam preocupadas com a sanidade da família, com o perigo que poderiam representar para as pessoas ao redor. Ele descobriu que as pessoas estão sempre dispostas a acreditar em qualquer coisa escandalosa sobre seus vizinhos — mesmo quando há apenas um grão de verdade.

Também ajuda o fato de que Prina nunca foi grande fã dos Cooper. Ela não gosta nada de o marido estar constantemente seguindo a filha mais velha como um pai devotado.

— E as filhas? — pergunta Stark.

É responsabilidade da família dele manter todas as mulheres da linhagem Sturmfrost a salvo... até o momento em que começam a ter alucinações. É a falta de uma união que causa isso. A linhagem é a mais ligada aos lobos-gigantes, mas nenhuma das governantes legítimas se uniu. Tem sido assim por gerações.

Todas acabam enlouquecendo. É o destino delas. E observá-las, esperando que se percam nisso, incapaz de intervir ou falar uma maldita palavra sequer, é a sina de Stark.

Ele está acostumado a se sentir poderoso, a ser a autoridade em quase todas as salas. Um único olhar seu costuma ser suficiente para reverter uma decisão, para meter medo em alguém até que se submeta.

A sensação de impotência, de não poder ajudar Meryn e sua família, é como uma incandescência no lugar de seu coração, brasas fumegando no fundo de uma lareira, secretas e letais, prontas para explodir.

Prina suspira, recostando-se na cadeira.

— Saela, a mais nova, continua sendo uma menina doce, como sempre. Essa tem juízo na cabeça. Mas Meryn... Sei que não sou a única no bairro que prefere ficar fora do caminho dela.

A irritação cintila em seu peito. Ele não dá a mínima para as opiniões de Prina sobre as garotas. Ela já as externalizou várias vezes ao longo dos anos. Stark precisa apenas de informações.

— Como está o estado mental dela? — Stark mantém o tom neutro.

A expressão de Prina é sombria.

— Ah, ela é louca, sim. Que tipo de mulher se comporta daquele jeito? Espero que aquele mensageiro real que a corteja a peça em casamento ou a embarrigue. Assim ela vai parar de brigar e finalmente deixar Igor em paz. É onde ele está agora, em uma das lutas dela no Distrito Sul. Mais cedo ou mais tarde, ela vai acabar se machucando de verdade.

A irritação dele se aprofunda em algo mais inquietante. Ele se recosta, pensativo. Uma das toras na lareira estala e chia quando o vento lá fora aumenta, as janelas tremendo em suas armações.

— Qual é o endereço da luta?

É sempre bom ficar de olho em todas as mulheres da família Cooper. Confirmar pessoalmente a segurança delas faz algo dentro dele se aquietar. E embora saiba que Prina tende a exagerar, com o julgamento afetado por sua implicância em relação a Meryn... gostaria de ver a luta com os próprios olhos.

Ela lhe passa o endereço, e Stark lhe paga o valor combinado, prometendo entrar em contato novamente em breve. Com algumas moedas a menos no bolso, Stark faz uma pausa ao sair da casa da mulher e olha para a direita. Meryn não está em casa, mas o resto da família deve estar...

Não seria prudente ser visto rondando por ali, mas a hora tardia e o vento cortante garantem que ninguém mais esteja na rua. Stark se recosta com cautela na parede, entre a moldura da porta e a janela da frente, com a postura relaxada caso alguém esteja observando de uma casa vizinha. De soslaio, lança um olhar para dentro.

A visão da casa dos Cooper pela janela da frente é sombria: Nathalia anda de um lado para o outro no pequeno espaço de convivência, com os olhos selvagens. Stark consegue ver sua boca se mexendo, mas não consegue ouvir o que ela fala. Seu passo acelera, quase frenético, braços agitados. A sombra dela dança loucamente ao brilho das poucas lamparinas a óleo da família.

Stark se inclina mais quando ela pega um prato da mesa da cozinha e o arremessa. É seu dever intervir se Saela precisar de proteção, mesmo que seja contra a própria mãe, a rainha legítima — ele já está com a mão na maçaneta, pronto para agir.

Mas Saela já está de pé, correndo para o quarto e trancando a porta atrás de si. Stark mantém a posição, observando Nathalia por mais alguns longos minutos.

Ele cerra os punhos, o maxilar se contraindo. É terrível vê-la desse jeito.

Prina tem razão. A loucura está muito pior do que em sua última visita.

Quanto tempo até que chegue para Meryn? E depois para a filha dela? Ciclos se repetindo...

Stark balança a cabeça e segue para o Sul. Não há nada a fazer além de observar e esperar. O mesmo padrão, de novo e de novo.

E nada nunca muda.

Não importa quantos inimigos ele massacre, isso não faz a menor diferença. Nada faz.

A multidão no armazém é densa e o suor paira espesso no ar. O espaço cavernoso já foi um antigo armazém de brasavinho, agora mal iluminado por tochas que soltam fuligem e fumaça negra. Vozes se sobrepõem — gritos por bebida, apostas sendo feitas, discussões bêbadas, tudo se misturando em um rugido desagradável. O cheiro azedo da cerveja consumida pela multidão

se mistura ao perfume enjoativo do brasavinho que antes era armazenado ali, formando algo especialmente repulsivo.

O homem corpulento que vende ingressos fala:

— Chegou bem na hora. A Gata de Rua está prestes a lutar.

Stark apenas ergue as sobrancelhas para ele.

— A garota — explica o homem, pegando a moeda de Stark pela entrada. Um sorriso seboso revela dentes podres. — Grande parte do público está aqui por causa dela. É bom você fazer sua aposta antes de começar. Tem umas especiais rolando, tipo quanto tempo ela vai levar para ser nocauteada e se vai mostrar alguma parte do corpo. Quem sabe a deusa nos abençoe e a gente consiga as duas coisas.

Por um instante, Stark vê tudo escurecer e passa direto pelo porteiro sem falar mais nada, esbarrando brutalmente o ombro contra o dele. O homem solta um "ei!" surpreso, mas Stark logo desaparece na multidão, abrindo caminho até ficar a poucos metros do ringue.

Perto o bastante para intervir, caso pareça que alguma dessas apostas possa se concretizar.

Ele respira fundo, tentando conter o impulso de voltar e arrancar todos aqueles dentes pretos e inúteis do homem.

Dois sujeitos à sua frente se trombam, rindo, e Stark percebe que estão falando sobre Meryn.

— Adoraria recolher os ganhos, se é que me entende — rosna um deles, dando outro gole de cerveja.

— Ela ficaria ótima estirada no chão, isso sim — concorda o outro, e os dois caem numa gargalhada bêbada.

Stark começa a contemplar, quase distraidamente, qual parte do corpo deles arrancaria primeiro.

Eles têm uma sorte desgraçada por ele não poder chamar atenção.

Finalmente, a multidão se aquieta um pouco, vibrando de

expectativa, e, por cima da cabeça dos homens, Stark consegue ver alguém entrando no ringue.

Ela.

Está diferente desde a última vez que Stark a viu. Quando foi mesmo? Três anos antes? Mais? Ela cresceu, está mais alta. Mais esguia e firme, embora os quadris ainda sejam mais arredondados do que os da maioria das mulheres Unidas. Suas roupas são modestas e remendadas. Há um brilho travesso em seus olhos cor de avelã, e o cabelo escuro e comprido está preso em um rabo de cavalo apertado, caindo como um rio pelas costas.

Um calor o domina e queima baixo em seu ventre. Stark sente de repente a vontade de enroscar as mãos naquela cascata de cabelos, sentir a maciez deles e arrastá-la dali antes que ela se machuque.

Nossa, ela é sensacional. Um belo inconveniente.

Um brutamontes entra no ringue em seguida, fazendo Meryn parecer pequena. A multidão começa a gritar o nome dele, um coro esmagador de apoio.

— Acaba com ela! — grita alguém, e alguns outros respondem com assobios e uivos.

O homem avança contra Meryn, dando início à luta. A ansiedade se enrola apertada no estômago de Stark, que se prepara para saltar ali dentro para salvá-la.

Mas... ela desvia. Na verdade, está dançando ao redor do oponente, zombando dele. Sua preocupação com a garota começa a se desfazer, substituído por algo mais próximo da admiração. Stark entende no mesmo instante de onde veio o apelido de Gata de Rua. Ela é felina em sua graça.

Não há um único momento em que esteja fora de controle — mesmo quando deixa que o adversário acerte alguns golpes, mantém o corpo solto para absorver o impacto, caindo com habilidade para evitar qualquer dano real.

Ela vai acabar com esse otário.

Saber que ela está no controle não impede Stark de querer arrancar os braços do homem do corpo. Sua cabeça lateja enquanto luta para manter a violência sob controle, ignorar o deus sombrio que implora para ele entrar ali e arrancar a garganta do homem com as próprias mãos.

O sujeito acerta Meryn com força logo acima da sobrancelha, rasgando sua pele, e sangue escorre pelo rosto dela. Um sorriso triunfante passa por seus lábios cheios antes que ela se lembre do joguinho que está fazendo e o disfarce com uma careta. Que criatura selvagem, alegrando-se com a própria dor.

Algo se move e se rearranja dentro do peito de Stark.

De repente, ele parece conseguir entender o que Cratos sente quando volta para Anassa. O alívio não está em conseguir o que sempre quis, o que sempre desejou. É, ao contrário, como se tivesse carregado uma ferida durante anos sem sequer perceber e, por um único instante, pudesse viver sem ela.

Ele quer rastejar até ela de joelhos e lamber o sangue de sua bochecha.

Antes que consiga entender como sequer processar esse sentimento, alguém esbarra nele com impaciência, um homem alto, de cabelos dourados e roupas mais limpas do que as de qualquer outra pessoa naquele antro apodrecido.

A postura do homem é familiar, e Stark recua alguns passos, tentando observá-lo melhor sem se tornar óbvio demais.

Quando Stark vê seu rosto, tudo nele congela.

É o príncipe Killian.

Stark não se surpreende que ninguém ali o reconheça; o rei o mantém escondido no castelo. Mas Stark o conhece desde que Killian nasceu. Um dia, quando for rei, Stark será o Alfa Soberano dele.

Era um garoto asqueroso feito uma doninha, que cresceu e virou

um homem igualmente asqueroso.

Killian para ao lado do ringue e crava os olhos em Meryn. Ela ergue os olhos, notando a presença dele.

Há uma mudança sutil em sua expressão, que se torna mais suave, e a verdade acerta Stark em cheio, como se fosse *ele* quem levasse o golpe.

Ele não consegue respirar.

Esse é o "mensageiro real" com quem Meryn anda saindo.

— *Precisa de mim?* — fala Cratos em sua mente.

— *Não. Eu te chamo se isso virar um banho de sangue.*

Ignorando o riso rosnado do lobo, Stark acompanha os passos de Killian, debatendo o quanto pode se aproximar, ciente de que, se o príncipe pousasse o olhar nele, o reconheceria. Todo o corpo dele se tensiona ao observar a postura calculada de Killian. Meryn conclui a luta, dominando seu oponente incompetente, exatamente como Stark sabia que faria.

A expressão no rosto de Killian... é presunçosa.

Stark entende na mesma hora que Killian a está usando para alguma coisa.

Isso não pode ser coincidência, o herdeiro usurpador do trono namorando a herdeira *legítima*. Ele se sente enjoado só de pensar que Killian conseguiu rastrear os Cooper. E o momento é extremamente suspeito, com os Ritos de União se aproximando. Ele vai colocá-la nos Ritos? Quer que ela seja unida por algum motivo?

Ele está manipulando a garota.

Deixe ele, chama a voz sombria do fundo de sua mente. *Deixe que a princesa reivindique seu lugar.*

A satisfação desse pensamento se mistura com a violência girando dentro dele, a fúria quase incontrolável, ameaçando se derramar e ceifar a vida de cada homem que ousa olhar para Meryn duas vezes nesse lugar.

Ela está descendo agora, saindo do ringue. Os olhos de Meryn estão presos nos de Killian, e Stark não consegue desviar. A escuridão se agita dentro dele quando ela envolve o príncipe num abraço, inclinando-se para beijá-lo. Stark sente os dentes rangerem, o maxilar travar. A imagem deles juntos tortura sua mente, implacável.

Antes que seus lábios se toquem, um bêbado da multidão se espreme até ela, ameaçando Meryn com uma faca. Stark se move antes mesmo de terminar de processar a cena, pronto para derrubá-lo e esfolá-lo vivo com a própria arma.

Mas ele deveria saber que ela não precisaria de ajuda. As pessoas olham e riem quando ela o desarma com facilidade, zombando dele em sua cara, segurando a faca contra sua garganta. O homem se mija de medo, e as risadas perdem a força; a multidão de espectadores divertidos recua, visivelmente incerta de até onde Meryn vai levar aquilo.

O olhar dela, ao encarar o agressor, é feroz, puro e simples. Um canto da boca de Stark se ergue ao ver sua coragem.

O que Stark não daria para ter aqueles olhos indomáveis voltados para ele.

Ela se vira de volta para o príncipe Killian, e Stark se afasta, incapaz de continuar vendo-os juntos.

Isso é culpa dele, por não vigiar melhor Meryn e a família dela. Por odiar Tempesgelo e ficar na frente de batalha sempre que podia.

A sede de sangue cresce dentro dele junto com a raiva — de si mesmo, dos Valtiere, da promessa que prendeu a família de Stark à de Meryn desde o início. Se não encontrar logo uma forma de escapar disso, vai acabar fazendo algo de que se arrependa.

O homem bêbado que a atacou se esgueira por uma porta lateral, e Stark o segue. O ar frio é um choque bem-vindo depois da umidade suada dentro do armazém. Flocos de neve começaram a

cair, e as lanternas irregulares da rua principal lançam um brilho lúgubre sobre o beco lateral por onde eles saem do armazém.

O homem remexe em algo no bolso do casaco e não percebe a presença de Stark até que ele já esteja muito próximo, encurralando-o contra o fim do beco e a parede áspera de pedra do armazém.

Stark abaixa o capuz, deixando que as tatuagens no pescoço falem por si mesmas. O homem solta um grito ao vê-las, o medo estampado em seu rosto. Ele recua até colar-se na parede, sem saída. Trêmulo, cai de joelhos.

— Por favor, piedade! Eu sei que errei ao desertar. Estou voltando para a frente de batalha hoje à noite, eu juro, eu só... eu só...

O sorriso de Stark é afiado quando dá um passo à frente. Esse idiota que ameaçou Meryn é um desertor? Melhor ainda.

Ele vai se banquetear com o homem e saborear cada instante.

Egith foi contra a ideia.

Argumentou que pareceriam bárbaros, arrastando o desertor pelas ruas da cidade para uma execução pública. Que isso só alimentaria ainda mais o fogo dos plebeus que temem e odeiam os Unidos, que os consideram animais selvagens, quase inumanos.

Mas ela não entendeu que esse era o objetivo.

Stark precisa do medo deles. Quer se banhar nele, deixar que apague todas as lembranças da noite anterior — a sensação de ver Meryn Cooper sorrir enquanto o sangue escorria por seu rosto. E a certeza de que falhou com ela.

Stark deixa os outros seguirem na frente, sabendo que vir na retaguarda com o prisioneiro a reboque causará um impacto maior.

— *Ele ao menos podia resistir um pouco* — resmunga Cratos, irritado com a falta de reação do desertor enquanto é arrastado. — *Está estragando a nossa procissão*.

— *Não se preocupe. Vamos dar a eles algo para lembrar.*

Eles passam pelas pequenas ruas de paralelepípedos, sinuosas, enquanto os plebeus arregalam os olhos e saltam para fora do caminho. Finalmente chegam à praça do mercado, no Distrito Central — a área de compras mais movimentada da cidade, bem no auge da correria da tarde. Sons de angústia e horror ecoam quando os transeuntes percebem o presente que Stark trouxe para eles.

Olhe para cima, ordena uma voz sombria dentro dele. Ele percorre a multidão com os olhos e, com um sobressalto quente e surpreso, avista Meryn de pé, envolvendo os braços em torno da irmã mais nova de forma protetora. O cuidado nesse gesto quase casual contrasta com a expressão em seu rosto, os olhos fixos nele.

Ódio puro.

A satisfação rasteja por dentro dele, e seu rosto se contorce num sorriso de desprezo. Ela o odeia? Ótimo.

Ele também se odeia — mas não tanto quanto *a despreza*.

Ela e sua família ditaram cada passo da vida dele, e para quê? Para que ela jogasse tudo fora, se metendo numa situação ridícula com aquela cobra carnívora. Para que fosse para a cama com o inimigo.

A magia dos Daemos começa a fluir dentro dele. Cratos rosna de expectativa embaixo dele ao sentir a força de Stark pulsando através da união.

Stark desliza das costas de Cratos, erguendo o desertor repugnante no ar como se fosse de palha. Ele nunca deixava de se empolgar com essa parte, o poder dos Daemos o tornando divino em sua força. Ele brada palavras à multidão sobre desertores receberem o fim que merecem, palavras que mal ouve. Está ocupado demais com a sensação da garganta do homem sob sua palma enquanto fecha os dedos lentamente, erguendo-o ainda mais alto.

A multidão ao redor está em silêncio, suspensa entre a

expectativa e o pavor. Stark mal percebe o sorriso feroz no próprio rosto. A sensação da faca afundando e girando nas entranhas do homem lhe dá um prazer selvagem. Se isso faz de Stark um monstro, que seja. É seu chamado matar os que merecem morrer. Ensopar as mãos em seu sangue. Pintar o mundo de vermelho com ele.

Que aproveite, então.

Stark larga a faca, afunda a própria mão na ferida aberta e puxa as entranhas do desertor para fora do corpo.

Cratos percebe o humor violento de Stark e saboreia o momento tanto quanto ele. Quando Stark arremessa o corpo ainda vivo em sua direção, Cratos o agarra no ar, exibe-se jogando o homem para cima uma vez antes de esmagá-lo contra o chão. Então fecha as mandíbulas poderosas em torno do pescoço, quebra a coluna e sacode o corpo uma, duas vezes, até que não reste nenhum espasmo. Dá ao povo um espetáculo de verdade.

Veja como os lobos-gigantes são de verdade. Veja o que os Unidos fazem.

Veja. Olhe para mim, pensa Stark em direção a Meryn. *Isso é tudo por você. Tudo é por você.*

Olhe para mim.

Ela ergue os olhos, a expressão carregada de nojo e repulsa. Do outro lado da praça, seus olhares se encontram, e Stark sente de novo aquela coisa no peito, rachando, mudando, se rearranjando. Como iguais que se reconhecem.

É deslumbrante testemunhar o fogo nela.

Stark usará cada gota do ódio dela para atiçá-lo — até que ela seja capaz de queimar o mundo inteiro.

Copyright © 2025 by Sable Sorensen

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

TÍTULO ORIGINAL Dire Bound
CAPA © 2025 Hachette Book Group, Inc.
ILUSTRAÇÃO DE CAPA © 2025 Sasha Vinogradova
LETTERING ORIGINAL David Coulson
ADAPTAÇÃO DE LETTERING Lygia Pires
MAPA Andrés Aguirre Jurado
ILUSTRAÇÕES DE MIOLO Vectorcarrot/ Shutterstock
PREPARAÇÃO Natália Mori
REVISÃO Nestor Turano Jr. e Marise Leal
VERSÃO DIGITAL Calil Mello Serviços Editoriais

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3707-3500
www.editoraparalela.com.br
atendimentoaoleitor@editoraparalela.com.br
facebook.com/editoraparalela
instagram.com/editoraparalela
x.com/editoraparalela

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Sorensen, Sable
A ascensão dos lobos [recurso eletrônico] / Sable Sorensen ; tradução Carolina Candido. — 1. ed. eletrônica — São Paulo : Paralela, 2026. — (Os lobos da ruína).
Dados eletrônicos (1 ePub).

Título original: Dire Bound.
ISBN 978-85-8439-604-7

1. Ficção de fantasia 2. Ficção norte-americana I. Título. II. Série.

CDD 813

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura norte-americana 813



Escudo de pardais

Perry, Devney
9788584395880
512

Compre agora e leia (Publicidade)

Cheio de aventura, tensão, mistério e romance, o best-seller

número 1 do *New York Times Escudo de pardais* marca a estreia de Devney Perry na romantasia e já conquistou milhares de leitores ao redor do mundo.

Odessa Cross sempre soube que estava destinada a ficar nas sombras. Sendo a filha mais velha do rei de Quentis, sempre foi preterida por Mae, sua meia-irmã, fruto do segundo casamento de seu pai.

Mas tudo muda no dia em que guerreiros do reino vizinho de Turah, contratados pelo rei Dourado para matar monstros que ameaçavam os mares quentinos, chegam à cidade, acompanhados do príncipe herdeiro Zavier, até então noivo prometido de Mae. Para surpresa de todos, Zavier decide se casar com Odessa em vez da irmã. E o mais rápido possível.

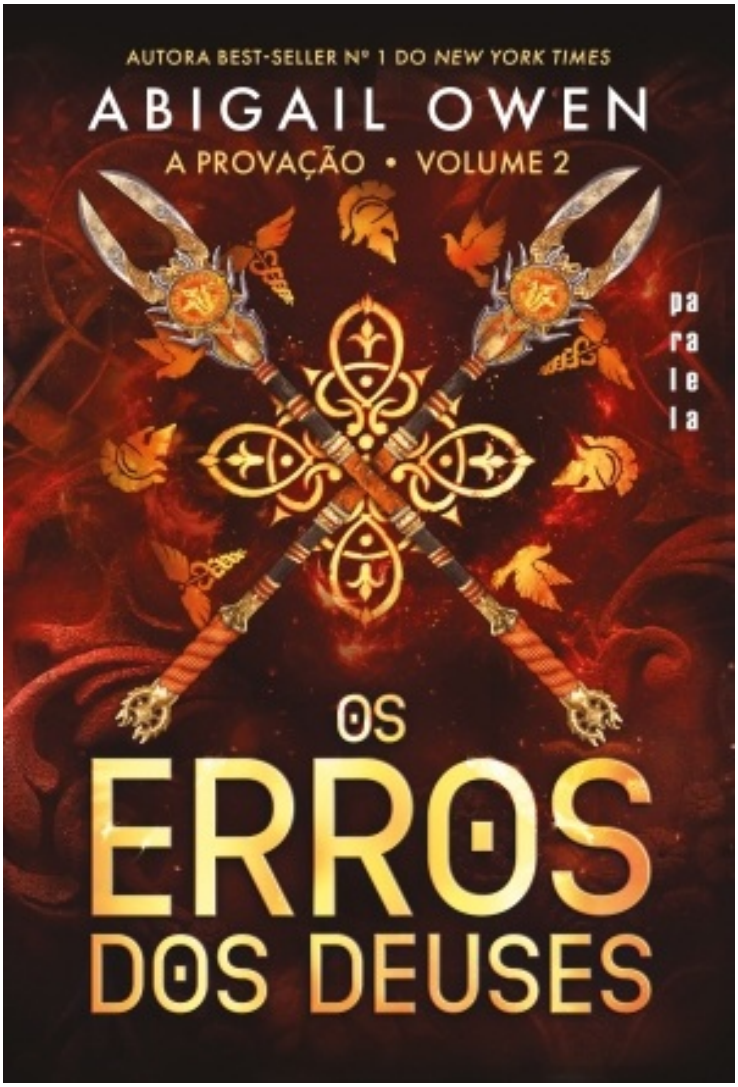
Num piscar de olhos, a princesa se vê não apenas casada com um estranho, mas incumbida de uma missão quase impossível: seu pai quer usá-la como espiã para descobrir a localização exata de Allesaria, a capital envolta em segredos de Turah, onde existe algo que o rei de Quentis deseja tomar para si.

Contudo, ninguém nunca achou que Odessa seria uma espiã (ou uma guerreira ou uma rainha) e não vai ser tão fácil conquistar a confiança dos turanos a ponto de lhe revelarem onde fica essa misteriosa cidade. Para piorar, seu marido parece não ter nenhum interesse pela jovem, ao contrário de um de seus súditos, o famoso Guardião — um notório assassino e caçador de monstros —, que aparentemente decidiu vigiar cada passo da princesa — e talvez esteja se aproximando até demais do seu coração.

Perfeita para fãs de Sarah J. Maas e Rebecca Yarros, *Escudo de pardais* é uma história intensa sobre destino, escolha e a coragem de quebrar regras.

CONTEÚDO ADULTO

Compre agora e leia (Publicidade)



Os erros dos deuses (A provação Livro 2)

Owen, Abigail
9788584396252
528

Compre agora e leia (Publicidade)

Os deuses a querem morta. Hades vai enterrar todos eles para protegê-la.

Lyra Keres definitivamente não imaginava sobreviver à Provação, muito menos vencê-la… e acabar se tornando a rainha do Submundo. A rainha de Hades, o deus da morte que roubou seu coração e fez dela a mulher mais feliz do mundo. Bom, pelo menos até ela ir parar no Tártaro sem querer, acompanhada de Boone.

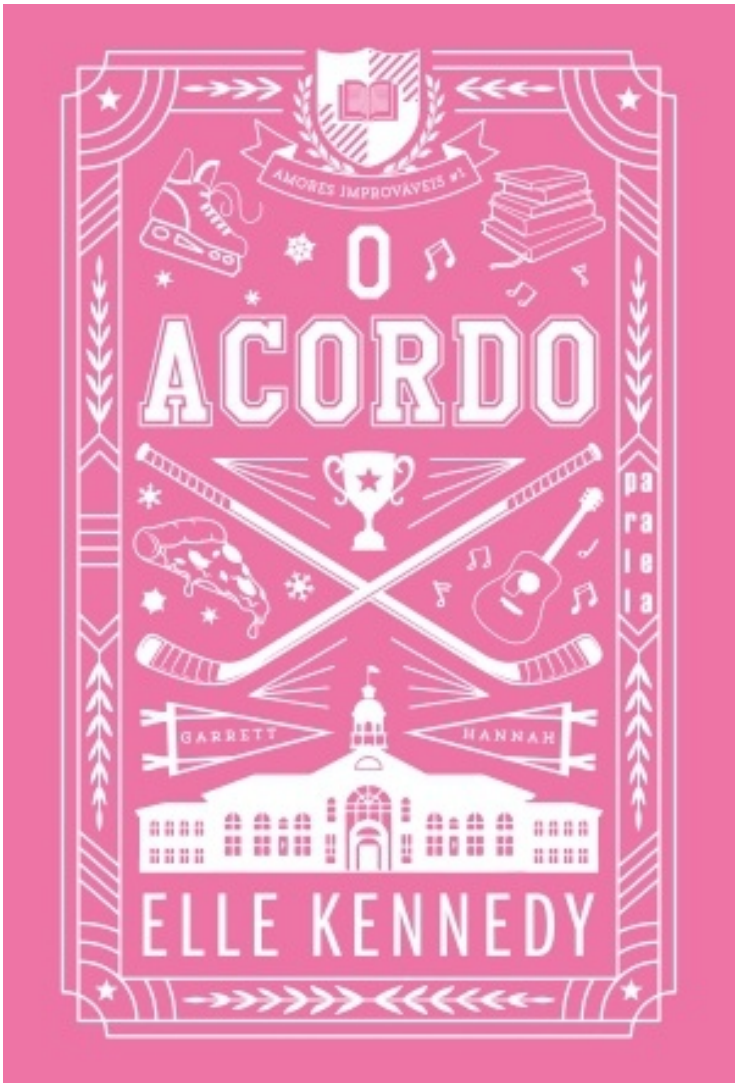
Agora, trancafiada no abismo em meio a titãs sanguinários, Lyra precisa encontrar uma maneira de se libertar e voltar para Hades. Para escapar, ela vai ter que destrancar os sete cadeados que sustentam a prisão, um para cada deus que participou da titanomaquia. Para complicar a situação, a cada momento que passa, ela começa a questionar a história que ouviu durante toda a vida. Os titãs não são como ela imaginava e juram que o mundo entendeu tudo errado. E Perséfone, que Hades lutou tanto para salvar, está do lado deles.

Quando os titãs revelam uma profecia segundo a qual ela seria a salvação de todos, Lyra percebe que precisa fazer uma escolha. Mas quem está dizendo a verdade? E que caos Hades estará provocando lá em cima para resgatar sua rainha?

Na aguardada continuação de *Os jogos dos deuses*, os leitores vão encontrar uma romantasia de tirar o fôlego, repleta de aventuras, ação, mitologia e, claro, um amor forte o bastante para abalar o mundo.

CONTEÚDO ADULTO

Compre agora e leia (Publicidade)



O acordo – Sucesso no TikTok

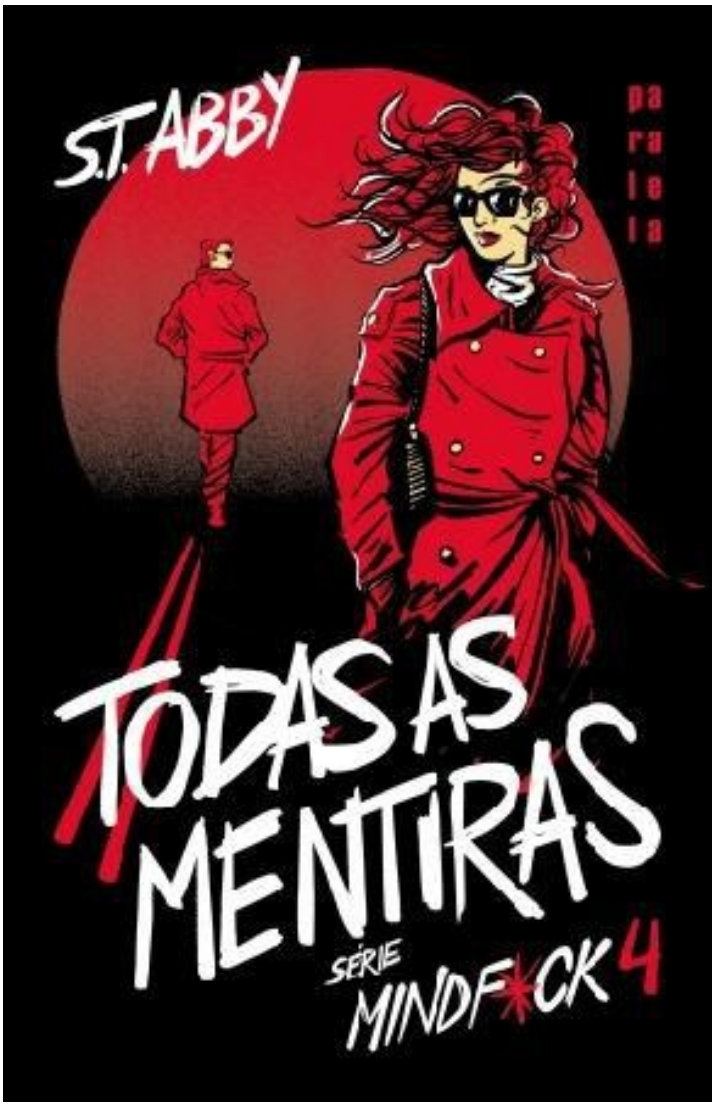
Kennedy, Elle
9788543805887
360

Compre agora e leia (Publicidade)

Tocante, profundo, engraçado, sexy... Um romance que vai te encantar e surpreender a cada página.

Hannah Wells finalmente encontrou alguém que a interessasse. Mas, embora seja autoconfiante em vários outros aspectos da vida, carrega nas costas uma bagagem e tanto quando o assunto é sexo e sedução. Não vai ter jeito: ela vai ter que sair da zona de conforto… Mesmo que isso signifique dar aulas particulares para o infantil, irritante e convencido capitão do time de hóquei, em troca de um encontro de mentirinha. Tudo o que Garrett Graham quer é se formar para poder jogar hóquei profissional. Mas suas notas cada vez mais baixas estão ameaçando arruinar tudo aquilo pelo qual tanto se dedicou. Se ajudar uma garota linda e sarcástica a fazer ciúmes em outro cara puder garantir sua vaga no time, ele topa. Mas o que era apenas uma troca de favores entre dois opostos acaba se tornando uma amizade inesperada. Até que um beijo faz com que Hannah e Garret precisem repensar os termos de seu acordo.

Compre agora e leia (Publicidade)



Todas as mentiras

Abby, S. T.
9788584396061
192

Compre agora e leia (Publicidade)

Nunca encontrei um caso que me fez duvidar se estou no lado certo da lei... até agora.

Não entendo como essa cidade consegue seguir sob o peso de tantas mentiras.

O passado de Delaney Groove e os eventos que formaram a serial killer Lana Myers estão prestes a serem revelados. Logan Bennett será confrontado com a dura realidade dos acontecimentos chocantes que ocorreram há 9 anos e a responsabilidade do próprio FBI. Todas as mentiras virão à tona.

Acampada com uma equipe de investigadores graças a Hadley, Lana será desafiada a seguir com seus planos sob vigilância intensa. O jogo de gato e rato se intensifica conforme a equipe de Logan chega cada vez mais perto de desvendar o mistério dos assassinatos que estão acontecendo agora.

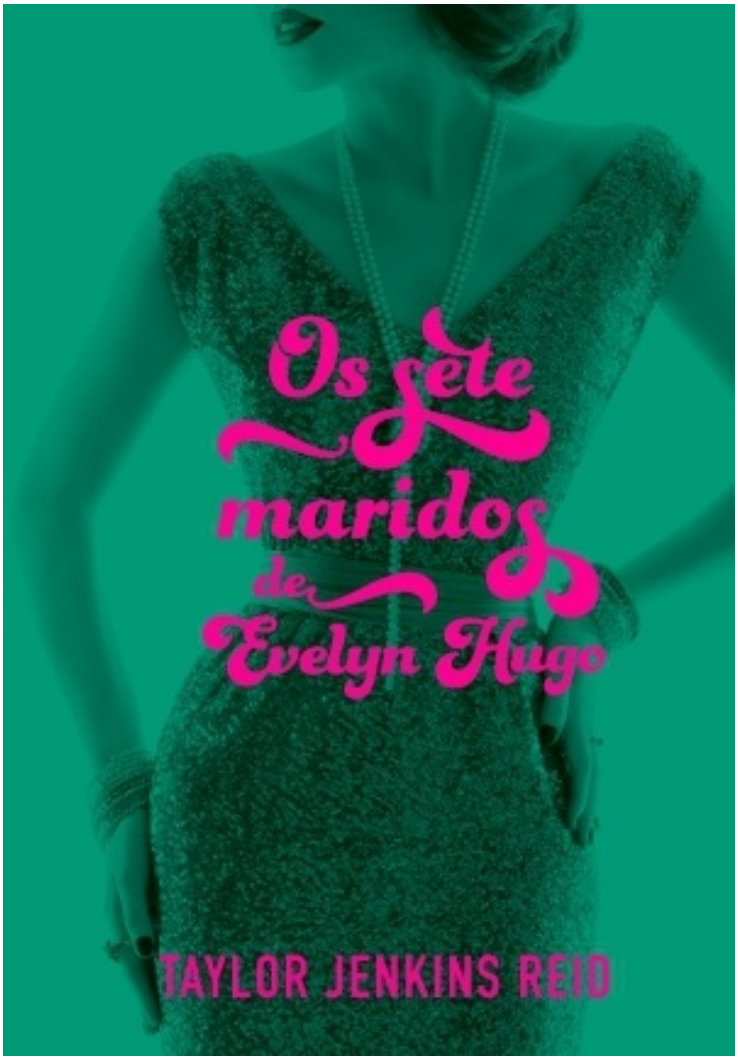
Se Logan descobrir a verdade, vai escolher seu amor ou a lei?

*Conteúdo adulto

*Contém cenas de violência e abuso

*Personagens com morais questionáveis – leia por sua conta e risco

Compre agora e leia (Publicidade)



Os sete maridos de Evelyn Hugo

Reid, Taylor Jenkins
9788554515737
360

Compre agora e leia (Publicidade)

Com todo o esplendor que só a Hollywood do século passado pode oferecer, esta é uma narrativa inesquecível sobre os sacrifícios que fazemos por amor, o perigo dos segredos e o preço da fama.

Lendária estrela de Hollywood, Evelyn Hugo sempre esteve sob os holofotes — seja estrelando uma produção vencedora do Oscar, protagonizando algum escândalo ou aparecendo com um novo marido… pela sétima vez. Agora, prestes a completar oitenta anos e reclusa em seu apartamento no Upper East Side, a famigerada atriz decide contar a própria história — ou sua "verdadeira história" —, mas com uma condição: que Monique Grant, jornalista iniciante e até então desconhecida, seja a entrevistadora. Ao embarcar nessa misteriosa empreitada, a jovem repórter começa a se dar conta de que nada é por acaso — e que suas trajetórias podem estar profunda e irreversivelmente conectadas.

"Evelyn Hugo faz Elizabeth Taylor parecer sem graça. Você vai rir com ela, chorar, sofrer, e então voltar para a primeira página e fazer tudo de novo." — Heather Cocks e Jessica Morgan, autoras de *The Royal We*

Compre agora e leia (Publicidade)
